

UNESP 
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

CINTHIA XAVIER DA SILVA

IMIGRAÇÃO HAITIANA:
um estudo sobre o estabelecer do imigrante na cidade no
contexto histórico e social de globalização



ARARAQUARA – S.P.
2019

CINTHIA XAVIER DA SILVA

IMIGRAÇÃO HAITIANA:
um estudo sobre o estabelecer do imigrante na cidade no
contexto histórico e social de globalização

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Cultura, Democracia e Pensamento Social.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin.

Bolsa: Capes

Silva, Cinthia Xavier da

Imigração haitiana: um estudo sobre o estabelecer do imigrante na cidade no contexto histórico e social de globalização / Cinthia Xavier da Silva — 2019
366 f.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)
Orientador: João Carlos Soares Zuin

1. Imigração Haitiana. 2. Globalização. 3. Acolhida Humanitária. 4. São José do Rio Preto. 5. Contexto recente.
I. Título.

Ficha catalográfica elaborada pelo sistema automatizado com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

CINTHIA XAVIER DA SILVA

IMIGRAÇÃO HAITIANA: um estudo sobre o estabelecer do imigrante na cidade no contexto histórico e social de globalização

Tese de Doutorado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Linha de pesquisa: Cultura, Democracia e Pensamento Social.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin

Bolsa: Capes

Data da defesa: 19/03/2019 _____

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. João Carlos Soares Zuin
Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara-SP

Membro Titular: Profa. Dra. Renata Medeiros Paoliello
Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara-SP

Membro Titular: Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca
Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara-SP

Membro Titular: Prof. Dr. Luís Renato Vedovato
Universidade Estadual de Campinas – Unicamp/Campinas-SP

Membro Titular: Profa. Dra. Maria José de Resende
Universidade Estadual de Londrina – UEL/Londrina-PR

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

Aos migrantes, que deixam suas casas em busca de dias melhores.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Luiza e Antonio, que sempre fizeram o tudo possível para que suas filhas estudassem, sempre nos incentivaram a buscar o conhecimento e, com sua sabedoria de vida, nos ensinaram um olhar cuidadoso ao nosso redor.

Às minhas irmãs, Lilian e Maria, que sempre estiveram presentes nestes anos de estudo, nutrindo de carinho e atenção.

Ao Fabrício, companheiro de leituras, de conversas e de vida. Agradeço pela leitura deste texto e por suas contribuições. Obrigada pelas palavras de carinho e pela compreensão ao longo destes anos.

Às minhas amigas, Maria, Thalita, Laura, Flávia, Geórgia e ao Edson, que sempre forneceram o conforto do diálogo em momentos difíceis; mesmo distantes, sempre se fizeram presentes nos momentos em que precisei.

Agradeço à dona Neide, José Francisco, Luciane e Simone, e ao Alex Sander, que de muitas formas ajudaram nos momentos difíceis ao longo desta pesquisa, muito obrigada.

Agradeço à professora Heloisa Pait, que auxiliou no momento de pensar este projeto de pesquisa e que incentivou a concorrer ao processo seletivo de doutorado. Obrigada pelas conversas que sempre instigaram novas ideias.

Agradeço ao professor João Carlos Soares Zuin, que aceitou a orientação nesta pesquisa. Agradeço às muitas formas como esclareceu ideias e conceitos importantes. Obrigada pela disponibilidade e disposição, pelas aulas, pela atenção nas reuniões, pelas palavras de estímulo e pelos conselhos. Tenho grande admiração pela forma como leciona desde as aulas na graduação, há mais de dez anos, muito obrigada.

Agradeço aos professores da banca, professora Renata Medeiros Paoliello e professor Dagoberto José Fonseca, obrigada pelas orientações no exame de qualificação e pela presença novamente no exame de defesa. Agradeço à professora Maria José de Resende, pela presença nesta banca e pelas orientações bibliográficas de quando terminei a graduação e precisava seguir adiante. Obrigada ao professor Luis Renato Vedovato, pela presença nesta banca e por ter aceitado contribuir com as reflexões formuladas nesta tese.

Agradeço a todos os meus professores, que de muitas formas contribuíram para que eu chegasse a esse exame de defesa. Em especial, quero lembrar da professora Simone Wolff, que esteve comigo por quase três anos, me orientando e a quem serei sempre grata, e ao professor Ronaldo Baltar, pelas orientações no grupo de pesquisa na graduação e pelas instruções e ensinamentos no uso de banco de dados estatísticos, especialmente nesta tese, o uso do banco de dados da RAIS e do Caged. Muito obrigada.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Unesp – campus Araraquara-SP, por tornar possível a realização deste doutorado.

Por fim, agradeço aos migrantes que se dispuseram a conversar sobre suas vidas, seus sonhos, seus projetos e suas dificuldades. A todos funcionários públicos que contribuíram com informações importantes para esta pesquisa. A todos, muito obrigada.

No estado em que me achava, se viessem me avisar que eu poderia voltar tranquilamente para casa, que a minha vida estava salva, eu ficaria indiferente; algumas horas ou alguns anos de espera dão na mesma, quando se perdeu a ilusão de ser eterno (SARTRE, 2015, p. 21).

Quando excluimos, nos traímos e nos empobrecemos. Quando incluimos, nos enriquecemos e nos encontramos a nós mesmos (FUENTES, 2001, p. 354).

RESUMO

A imigração haitiana para o Brasil tem fluxo considerável a partir de 2010 com a crise humanitária em consequência do terremoto que devastou o país. No entanto, a migração haitiana é um fenômeno que ocorre há pelo menos um século, desde a ocupação americana entre 1915 e 1934. O Brasil entra na rota da migração haitiana devido a um fortalecimento dos laços diplomáticos entre Brasil e Haiti e pela presença brasileira na ilha de 2004 a 2017, em que o Brasil teve o comando militar da MINUSTAH. A imigração foi inicialmente por via terrestre, pelas cidades de fronteira, no norte do país, Tabatinga - AM, Brasileia e Assis Brasil - AC. Depois de grave crise de superlotação em abrigos nestas cidades, os migrantes foram enviados por iniciativa do governo do Acre a outros estados sem aviso prévio às autoridades. Apenas em 2015, o governo brasileiro decide aumentar o número de concessão de vistos por razões humanitárias no Haiti, aumentando a entrada por via aérea com destino a outras capitais. Esta pesquisa perpassou o contexto histórico e social desta imigração haitiana para o Brasil, assim como procurou situá-la dentro de um contexto global de migrações potencializadas nas últimas décadas. A internacionalização do mercado, a desregulamentação e desnacionalização de legislações dos Estados-nação, a ocupação militar constante em diversos países periféricos e o deslocamento de empresas provocaram um fluxo cada vez maior de migrantes trabalhadores, refugiados e deslocados ambientais. E propõe pensar a migração haitiana a partir do sujeito migrante. Depois que o migrante chega a seu lugar de destino, o que é necessário fazer e como ele age para realizar suas condições de existência neste novo lugar? Pensamos este momento recente posterior à viagem como um período de se estabelecer, ou seja, de buscar meios para se fixar na cidade, resolver questões relacionadas à documentação e regularização de sua condição de migrante, e consolidar uma nova rotina. A pesquisa de campo foi realizada na cidade de São José do Rio Preto - SP. A cidade recebeu entre 2012 e 2015 número significativo de imigrantes haitianos comparado com outras cidades da metade Oeste do estado de São Paulo. Além disso, se destaca por ser uma cidade média, especializada no setor de serviços e que durante a década de 1980 recebeu incentivos fiscais, inclusive do Banco Mundial, para desenvolvimento em infraestrutura, atraindo migrantes da região e de outros estados. Acompanhamos uma família de migrantes durante um ano e meio nas suas idas a órgãos públicos, na busca por emprego; a relação com a família no lugar de origem e os projetos para o futuro da família. Nossas conclusões seguem na direção de fornecer dados para pensar uma política pública para a migração, de acordo com as necessidades reais do migrante para a realização de sua condição de vida no lugar de destino. Apesar de ter havido mudanças importantes na legislação brasileira sobre o entendimento da migração no país, ainda há muito que se construir no sentido de perceber o migrante como um cidadão de direitos.

Palavras – chave: Imigração haitiana. Globalização. Acolhida humanitária. São José do Rio Preto. Contexto recente.

ABSTRACT

The Haitian immigration to Brazil has a considerable flow from 2010 with the humanitarian crisis because of the earthquake that devastated the country. However, Haitian migration is a phenomenon that has been occurring for at least a century since the American occupation between 1915 and 1934. Brazil enters the route of Haitian migration due to a strengthening of the diplomatic ties between Brazil and Haiti and the Brazilian presence in island from 2004 to 2017, in which Brazil had MINUSTAH military command. Immigration was initially by land, through the border cities, in the north of the country, Tabatinga - AM, Brasileia and Assis Brasil - AC. After a severe crisis of overcrowding in shelters in these cities, the migrants were sent on the initiative of the Acre government to other states without prior notice to the authorities. In 2015 alone, the Brazilian government decides to increase the number of visas for humanitarian reasons in Haiti by increasing admission by air to other capitals. This research has spanned the historical and social context of this Haitian immigration to Brazil, as well as sought to situate it within a global context of migrations enhanced in the last decades. Internationalization of the market, deregulation and denationalization of nation-state legislation, constant military occupation in several peripheral countries, and the displacement of businesses have led to an increasing flow of migrant workers, refugees and environmental displaced persons. And it proposes to think about Haitian migration from the migrant subject. After the migrant arrives at his destination, what is necessary to do and how does he act to fulfill his conditions of existence in this new place? We think of this recent moment after the trip as a period of establishing itself, that is, of finding means to settle in the city, solve questions related to documentation and regularization of its migrant status, and consolidate a new routine. The field research was carried out in the city of São José do Rio Preto - SP. The city received between 2012 and 2015 a significant number of Haitian immigrants compared to other cities in the western half of the state of São Paulo. In addition, it stands out as a middle-sized city that specializes in the services sector and received tax incentives, including the World Bank, for infrastructure development in the 1980s, attracting migrants from the region and other states. We have been accompanying a family of migrants for a year and a half in their trips to public agencies in search of employment; the relationship with the family in the place of origin and the projects for the future of the family. Our conclusions follow in the direction of provide data to think a public policy for the migration, according to the real necessities of the migrant to the realization of its condition of life in the destination place. Although there have been important changes in Brazilian legislation on the understanding of migration in the country, there is still much to be done in the sense of perceiving the migrant as a citizen of rights.

Keywords: Haitian immigration. Globalization. Humanitarian aid. São José do Rio Preto. Recent context.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Saldo de movimentação (admitidos/desligados) por setor IBGE, São José do Rio Preto - 2011 a 2017.	65
Gráfico 2	Total de trabalhadores haitianos em empregos formais na soma dos municípios do estado de São Paulo por ano.	68

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	Localização de São José do Rio Preto no estado de São Paulo	59
Mapa 2	Cidade de São José do Rio Preto	59
Mapa 3	Locais públicos frequentados pelos imigrantes na cidade de São José do Rio Preto	141

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Movimentação do Emprego Formal, por ano, São José do Rio Preto.	63
Tabela 2:	Número de empregos formais por ano, São José do Rio Preto.	64
Tabela 3:	Número de vínculos ativos por setor IBGE em São José do Rio Preto, 2010-2017.	64
Tabela 4	Número de estabelecimentos dos principais tipos de estabelecimentos no setor de Comércio, no município de São José do Rio Preto, 2010 – 2015.	66
Tabela 5	Trabalhadores haitianos em empregos formais por mesorregião, estado de SP, 2015.	69
Tabela 6	Trabalhadores haitianos em empregos formais por mesorregião. Regiões Noroeste e Oeste do Estado de SP – 2011 a 2015.	70
Tabela 7	Total de Trabalhadores haitianos em empregos formais no município de São José do Rio Preto-SP, por setor e sexo, 2012 a 2017.	70
Tabela 8	Total de trabalhadores em empregos formais por nacionalidade no município de São José do Rio Preto-SP, 2012 a 2017.	71
Tabela 9	Total de menções a palavras específicas nos comentários a reportagens online, 2014 a 2016.	97

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REFLEXÕES PARA UMA CONJUNTURA DA GLOBALIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES NOS FLUXOS MIGRATÓRIOS	25
2.1	A globalização como um movimento de expansão	27
2.2	Apontamentos sobre a globalização	32
2.3	A migração e a sociedade global	38
2.4	Da colônia à metrópole, considerações sobre o efeito ocidentalizador	42
2.5	Considerações	52
2.6	O Brasil dentro do processo de globalização	52
2.7	Localizando São José do Rio Preto no debate	58
2.7.1	Migração haitiana para São José do Rio Preto	68
2.8	Conclusão	73
3	AS DIVERSAS DIMENSÕES DA MIGRAÇÃO: UM ESTUDO SOBRE HAITI E BRASIL	75
3.1	As relações entre Brasil e Haiti e a Minustah	75
3.1.1	A Minustah	80
3.2	Problematizando a categoria imigrante e a categoria negro no Brasil	82
3.3	Uma interpretação da visão de mundo de brasileiros em relação à migração haitiana	91
3.4	Análise dos comentários	95
3.4.1	Sobre o termo “filho”	98
3.4.2	Sobre as “nacionalidades”	102
3.4.3	Sobre os termos relacionados à recepção	108
3.4.4	Sobre os termos referentes a “cotas” e políticas sociais	114
3.4.5	Sobre os termos “branco”, “negro” e “preto”	118
3.4.6	Sobre “preconceito”, “racismo” e “xenofobia”	120
3.4.7	Sobre os termos referentes ao governo	121
3.4.8	Sobre os termos referentes ao “trabalho”	127
3.5	Conclusão	130

4	ESTUDO DE CASO SOBRE ASPECTOS REFERENTES À FORMA DE SE ESTABELECEER NA CIDADE PELO IMIGRANTE	133
4.1	Metodologia	134
4.2	Breve relato sobre os imigrantes participantes da pesquisa	144
4.3	O que um imigrante precisa para viver na cidade de destino?	149
4.4	O direito à escola: onde o problema começou	156
4.5	A relação com a polícia federal e aspectos legais da imigração	165
4.6	A importância do Poupatempo na vida dos imigrantes	173
4.7	A relação do imigrante com o CRAS – Centro de Referência de Assistência Social	177
4.8	Dilemas internos, a vida doméstica	181
4.9	Conclusão	188
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
	REFERÊNCIAS	197
	FONTES	208
	APÊNDICES	211
	APÊNDICE A – Anotações de campo	213
	APÊNDICE B – Entrevista com estudante e pesquisador no curso de pós-graduação, doutorado, imigrante haitiano	239
	APÊNDICE C – Entrevista realizada em, com funcionária do projeto de alfabetização	261
	APÊNDICE D – Entrevista realizada com funcionário do Departamento de Estrangeiros da Polícia Federal	269
	ANEXOS	281
	ANEXO A – Comentários a reportagens online sobre imigração haitiana 2014-2016	283
	Comentários a favor da imigração	283
	Comentários contra a imigração	309
	Comentários que consideramos como indefinidos	349

ANEXO B – Leis e Resoluções	357
Proposta de emenda à Constituição nº 25, de 2012	357
Altera os arts. 5º, 12 e 14 da Constituição Federal para estender aos estrangeiros direitos inerentes aos brasileiros e conferir aos estrangeiros com residência permanente no País capacidade eleitoral ativa e passiva nas eleições municipais	
Lei nº 16.478, de 8 de julho de 2016 – Lei municipal da cidade de São Paulo	363
(Projeto de Lei nº 142/16, do Executivo) Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes.	

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, temos observado um aumento significativo das migrações em massa e um aumento ainda mais significativo do número de refugiados, em regiões transfronteiriças e intercontinentais. Este aumento do fluxo migratório está relacionado às várias mudanças ocorridas ao longo do século XX: 1) o livre movimento de expansão, apropriação e circulação de capitais; 2) as revoluções tecnológicas nos transportes e na comunicação; 3) a proliferação de crises econômicas; 4) as novas formas da guerra (guerra humanitária, guerra ao terror, guerra sem fim) e 5) a internacionalização do sistema econômico e financeiro.

Desde o final da Guerra Fria, uma série de fatores contribuiu e fomentou o aumento do fluxo de pessoas entre as fronteiras nacionais. A Segunda Guerra Mundial gerou um número significativo de refugiados, que foram absorvidos por diversos países durante e após a guerra. Os processos de descolonização da África e da Ásia geraram fluxos migratórios tanto pela possibilidade de morar na metrópole, quanto pelo fluxo iniciado por empresas e governos destas metrópoles nas suas ex-colônias (SASSEN, 2010). A criação de um sistema financeiro e tecnológico de alcance global foi capaz de dar suporte a uma fluidez de capital para diversos países do globo. Somado a estes fatores está o fim da União Soviética, que representava, até então, um limite para o investimento de capital de empresas multinacionais e ocidentais por todo o globo (GALLI, 2002).

O aumento da competitividade, a reestruturação produtiva e o deslocamento de empresas contribuíram para pôr em circulação milhares de pessoas, que viram no deslocamento migratório uma possibilidade de encontrar emprego (em muitos casos, a única forma de conseguir um emprego, mesmo que temporário e precário), uma nova forma de vida, uma outra maneira de existir. Outro fator importante é a mudança no sentido da guerra. O uso de tecnologia nas guerras, o aumento do poder bélico e as ocupações militares que se estenderam por décadas aumentaram o número de pessoas em situação de risco e vulnerabilidade em várias sociedades, como é o caso de muitos países no Oriente Médio e na África. Tem crescido também o número de deslocados ambientais que, seja pelo aumento da população em lugares de risco ambiental, seja pelos danos ao meio ambiente causados pelas empresas e governos, expropriando recursos minerais e naturais que poluem a terra e a água, geraram um número cada vez maior de pessoas obrigadas a deixar seu lugar de origem (BECK, 2011). Além disso, a compra e a venda de terras e água, principalmente no continente africano e na América do Sul, tanto para produção de biomassa e expropriação de minérios e água, quanto para a

produção de alimentos em um território estrangeiro, é outro fator que atualmente coloca em movimento uma quantidade enorme de pessoas obrigadas a se retirar e se mover sobre estes territórios (SASSEN, 2016).

Nossa pesquisa, portanto, se insere dentro desse contexto que envolve esse conjunto amplo de fatores de nível global. Nesse sentido, é dentro desse contexto e dessa dinâmica global que intencionamos pensar a questão migratória, especialmente a migração para o Brasil. De acordo com o Relatório Anual 2018: A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro, segundo dados da Polícia Federal, de 2000 a junho de 2018 o Brasil tinha o total de 1.221.001 imigrantes (Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., 2018, p.61). Isso representa 0,59% de imigrantes no total da população brasileira, nos, que em julho de 2018 era de 208,5 milhões, segundo dados divulgados pelo IBGE. No presente estudo, destacaremos a migração recente dos haitianos, que nestes dados, de 2000 a 2017 somaram 95.497 registros de entrada no Brasil (Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., 2018, p. 63).

A migração é um fenômeno recorrente na história da sociedade haitiana, ao menos desde a ocupação militar americana em 1915, passando por vários governos ditatoriais, principalmente os de Duvalier, pai e filho, de 1957 a 1986 (GLICK-SCHILLER, 2001). Neste período, houve grande perseguição política, fazendo com que muitas famílias precisassem sair do Haiti. Por outro lado, havia uma política de imigração norte-americana, que absorvia parte deste fluxo migratório, mas também do Canadá, República Dominicana e França. O Brasil surge como rota desta migração após 2010, com a ocorrência de um terremoto que devastou a capital, Porto Príncipe (BAENINGER et. al., 2016). Mas a relação entre Brasil e Haiti já era intensa há seis anos, com a presença militar na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti – Minustah (2004 – 2017), cujo comando foi exercido pelo Brasil. Outras ações de perspectiva diplomática e com um fundo humanitário também foram importantes para a formação de um imaginário haitiano sobre o Brasil, como por exemplo, o Jogo da Paz em agosto de 2004 e da visita do então Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao Haiti. Tais ações transformaram o Brasil em um *país amigo* do Haiti e em 2010, diante da crise humanitária, foi incorporado como destino de milhares de haitianos.

No entanto, o Brasil não tinha uma política capaz de receber estes imigrantes. Eles foram se concentrando nas cidades fronteiras no Norte do país, Tabatinga-AM, Assis Brasil e Brasileia-AC, chegando a serem impedidos de entrar no Brasil sem o visto emitido no Haiti (DAMÉ, 2012). Em 2012, o governo brasileiro aprovou a Resolução Normativa nº 97, da Coordenação Geral de Imigração – CNIg, que permitia que o nacional do Haiti permanecesse no país por razões humanitárias por até cinco anos, no entanto, o número de vistos expedido no

Haiti só foi ampliado em 2015, já com um cenário de “crise”, tanto pela superlotação nos abrigos quanto pelo contexto de longas chuvas, causando alagamentos na região Norte do país. A partir de 2013, o governo do Acre começou a enviar os migrantes em ônibus a São Paulo e outras capitais sem aviso prévio (ASSIS; MAGALHÃES, 2016). Embora o visto fosse de acolhida humanitária, o trabalho de acolhida foi realizado, na maioria das vezes, por entidades religiosas ou ONGs, às quais os imigrantes recorriam “para conseguirem moradia, assistência social e jurídica, ou, eventualmente, a regularização dos documentos” (VILLEN, 2016, p. 51). Ao Estado coube o papel desempenhado pela Polícia Federal, que neste momento mobilizou funcionários para fazer as solicitações de refúgio. No entanto, essas ações não se tornaram institucionalizadas e, mais de cinco anos depois do início da imigração haitiana, a região Norte enfrentou novamente um contexto de “crise” com a imigração venezuelana, que possui características próprias e diferentes da imigração haitiana, mas que, novamente, tem como porta de entrada no Brasil as cidades fronteiras no Norte do país.

Sobre a imigração haitiana, nossas leituras indicam que o Brasil não a esperava, não estava preparado para recebê-los, nem havia projetos políticos e institucionais de acolhimento e integração para nenhum tipo de migração que fosse tão emergencial quanto esta. Assim, embora inserido em um contexto de globalização e de relação com o Haiti durante seis anos, o Brasil não estava devidamente pronto para lidar com uma realidade de deslocamento humano em escala considerável. Dessa maneira, o que ocorre é que, enquanto a migração é fomentada na sociedade global de todas as formas, ela não é aguardada, nem politicamente compreendida e formulada em políticas públicas de acolhimento. Essa questão, inclusive, é importante para o presente trabalho, pois, ao longo da pesquisa, nos deparamos com migrantes inseridos dentro dessa realidade de despreparo do país que os recebia.

A questão central de nossa pesquisa perpassa o contexto posterior à migração, isto é, quando o imigrante se encontra em uma cidade e passa a agir para se estabelecer na cidade. Desta forma, nossa pesquisa de campo foi realizada em uma cidade, localizada na região Noroeste do estado de São Paulo, São José do Rio Preto. A cidade é considerada de porte médio e concentra o setor de serviços, principalmente médicos, atendendo várias cidades da região. Foi considerada a primeira cidade do país, em 2012 e 2014, no Índice de Desenvolvimento Municipal da Firjan – Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO [SP], 2018, p. 65), que avalia principalmente a geração de empregos. De acordo com os dados da Relação Anual de Informações Sociais–RAIS, em 2012, a cidade registrou a primeira imigrante haitiana em emprego formal. Em 2015, foram 156 registros de trabalhadores haitianos em trabalhos formais. É a quinta mesorregião dentre as quinze do estado de São Paulo

com maior número de registros de haitianos, segundo estes dados, e aquela com maior número deles, se comparada com outras cidades da metade Oeste do estado de São Paulo.

A pesquisa de campo nos possibilitou investigar o contexto recente desta migração e a observar as necessidades iniciais destes imigrantes. E, assim, nos indagamos sobre como ocorre o processo no qual o imigrante se estabelece na cidade. A forma como este processo ocorre está intimamente ligada às necessidades reais e imediatas que o imigrante possui para se fixar no lugar de destino e às necessidades imaginadas, referentes às suas expectativas de realização de sua condição de vida no lugar de destino. Entre estas necessidades, reais e imaginadas, e o agir do imigrante para atendê-las estão os meios e os mecanismos capazes de tornar o imigrante um morador de fato da cidade. São estes: 1) os órgãos públicos capazes de fornecer sua documentação, a Polícia Federal, a Polícia Civil, a Receita Federal; 2) os órgãos públicos capazes de lhes dar meios para exercer seus direitos sociais, o Ministério do Trabalho, a escola e secretarias de educação (municipal e estadual), o acesso à saúde, o acesso à políticas públicas de assistência social; 3) são, ainda, a rotina em relação ao trabalho, o que está ligado à própria manutenção do trabalho e o conhecimento prático sobre a vida e a forma de localização na cidade; 4) o relacionamento físico, moral, afetivo, econômico, com a família, seja no lugar de origem, seja no lugar de destino; 5) e, por último, a possibilidade de planejamento do futuro, para si e para sua família.

Inicialmente nossa pesquisa pretendia observar momentos de convivência entre imigrantes e população local e participar deles, partindo do pressuposto de que teriam se fixado e começado a estabelecer vínculos sociais na cidade. No entanto, percebemos, no desenvolvimento da pesquisa, que, apesar de estarem se estabelecendo e reconstruindo suas vidas, os migrantes ainda enfrentam a necessidade de entender a cidade, as instituições e costumes locais. Assim, nossa pesquisa passou a se preocupar não apenas com a convivência deste migrante com os moradores locais, mas também com os mecanismos que permitem o bem-estar e a convivência destes migrantes. Questões como ter documentação, alugar uma casa, abrir conta em banco, matricular os filhos na escola, usar o sistema público de saúde, entender o funcionamento dos meios de transporte e até mesmo os planos de telefonia celular são preocupações muito presentes na vida destes migrantes no contexto de migração recente. Também percebemos que os migrantes interagem menos com os vizinhos do que havíamos previsto e buscam muitas informações dentro da própria rede de relações com outros migrantes haitianos no Brasil, assim como, mantêm suas relações afetivas com amigos e familiares no Haiti, principalmente por meio de aplicativos de mensagens de celular.

Gostaríamos de evidenciar porque usaremos o termo “estabelecer” na cidade e não o de

“integração”, das Nações Unidas. O conceito de “integração” faz parte da agenda da ONU-Habitat e foi reafirmado no último documento da agência, *Nueva Agenda Urbana* (ONU, 2017b), no sentido bem amplo de “integração no espaço urbano” em diversos níveis, social, econômico, político, cultural, em se tratando de:

melhorar a habitabilidade, a educação, a segurança alimentar e nutricional, a saúde e o bem-estar, entre outras coisas, eliminando as epidemias de AIDS, tuberculose e malária, promovendo a segurança e eliminando a discriminação e todas as formas de violência, garantir a participação pública por meio de um acesso seguro e equitativo para todos e facilitar o acesso equitativo de todos à infraestrutura física e social e aos serviços básicos, bem como moradia adequada e acessível (ONU, 2017b, p. 6-7, tradução nossa)¹

Portanto, integração na cidade é algo para todos os moradores. Mas, em 2015, foi assinado um acordo de cooperação entre a Organização Internacional para a Migração – OIM (pelos diretores das agências regionais da América do Sul e da América Central, América do Norte e Caribe) e a ONU-Habitat, no sentido de fomentar as discussões sobre a integração dos migrantes nas cidades (OIM, 2015). A integração pode ser pensada enquanto política pública que conecta as instituições, que fomenta a participação dos moradores, que possibilita o uso da cidade. Mas consideramos problemático considerar a relação do imigrante com a cidade através da integração, pois remete à ideia de “integrar” o migrante na sociedade, e pensamos que além de melhorar a relação dos moradores e imigrantes com as instituições precisamos pensar que estes imigrantes não somente se integram à cidade, mas a transformam trazendo suas características próprias à vida social. Também não é totalmente o sentido de “estabelecer” como pensa Elias e Scotson (2000), pelo qual, a partir das relações consolidadas na vizinhança, o contexto de chegada ao bairro e seu poder de articulação no bairro são fundamentais para demarcar a diferença entre estabelecidos e outsiders. Nossa pesquisa compreende um momento muito recente da migração haitiana na cidade de São José do Rio Preto, e mesmo no Brasil. O “estabelecer” do migrante, neste momento, perpassa o fixar-se, o compreender onde se está na cidade, como percebe e é percebido na cidade, e os meios pelos quais pode se mover. Pensamos que o migrante não se integra à cidade, mas ele a reconstrói no momento em que reconstrói também a sua vida (KRAUSZ, 2011).

¹ “mejorar la habitabilidad, la educación, la seguridad alimentaria y la nutrición, la salud y el bienestar, entre otras cosas, poniendo fin a las epidemias del SIDA, la tuberculosis y la malaria, promover la seguridad y eliminar la discriminación y todas las formas de violencia, garantizar la participación pública mediante el acceso seguro y equitativo para todos, y facilitar el acceso equitativo para todos a la infraestructura física y social y los servicios básicos, así como a una vivienda adecuada y asequible” (ONU, 2017b, p. 6-7).

O próprio percurso de compreender a materialidade destas questões pensadas nesta tese moldou o caminho de nossa investigação. Levou-nos ao estudo mais amplo da dimensão da migração no contexto de globalização e do estudo da imigração haitiana no Brasil, seu contexto histórico e social, sua repercussão e seu significado enquanto migração negra no país. Estas dimensões do estudo da migração não são apenas prerrogativas para compreender como se dá a vida deste imigrante haitiano em uma cidade brasileira específica, mas o percurso sob o qual esta pesquisa ocorreu e a forma como o conhecimento sobre a migração haitiana se deu nesta tese, ou seja, seu próprio método, partindo de uma questão local para um contexto global e de questões globais para um contexto local.

Ainda é importante dizer que esta pesquisa se desenvolveu no momento de mudança da legislação sobre migração no Brasil, com a revogação do Estatuto do Estrangeiro, Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, e instituição da Lei de Migração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Apesar de a análise destas duas leis não fazerem parte desta tese, há que se fazerem algumas considerações sobre elas.

O Estatuto do Estrangeiro data de 1980, formulado no período de Ditadura Militar no Brasil e no contexto mundial de Guerra Fria. Os três primeiros artigos do Estatuto do Estrangeiro são elucidativos do teor desta legislação:

Art. 1º Em tempo de paz, qualquer estrangeiro poderá, satisfeitas as condições desta Lei, entrar e permanecer no Brasil e dele sair, resguardados os *interesses nacionais*.

Art. 2º Na aplicação desta Lei atender-se-á precipuamente à *segurança nacional*, à *organização institucional*, aos *interesses políticos*, *sócio-econômicos* e *culturais* do Brasil, bem assim à *defesa do trabalhador nacional*.

Art. 3º A concessão do visto, a sua prorrogação ou transformação ficarão sempre condicionadas aos *interesses nacionais* (BRASIL, 1980, grifo nosso).

Os “interesses nacionais” seriam, portanto, a segurança nacional, a organização institucional, os interesses políticos, sócio-econômicos e culturais e o trabalhador nacional. Nestes termos, a migração se limitava a grupos restritos de migrantes e sempre condicionados a uma avaliação segundo estes interesses nacionais. Foi também a defesa do trabalhador nacional um fator importante para ligar a imigração com o trabalho. Através deste estatuto foi criado o Conselho Nacional de Imigração – CNIg, a cargo do Ministério do Trabalho.

Do outro lado desta relação com os estrangeiros, o Brasil assinou a Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, de 1951, da ONU, em 15 de julho de 1952, e promulgou a Convenção através do Decreto nº 50.2015, de 28 de janeiro de 1961, dez anos depois de sua criação, no entanto, excluídos os artigos 15 e 17,

Art. 15 - Direitos de associação

Os Estados Contratantes concederão aos refugiados que residem regularmente em seu território, no que concerne *às associações sem fins políticos nem lucrativos e aos sindicatos profissionais, o tratamento mais favorável concedido aos nacionais de um país estrangeiro, nas mesmas circunstâncias.*

[...]

Art. 17 - Profissões assalariadas

1. Os Estados Contratantes darão a todo refugiado que resida regularmente no seu território o tratamento mais favorável dado, nas mesmas circunstâncias, aos nacionais de um país estrangeiro no que concerne ao *exercício de uma atividade profissional assalariada.*

2. Em qualquer caso, *as medidas restritivas impostas aos estrangeiros ou ao emprego de estrangeiros para a proteção do mercado nacional do trabalho não serão aplicáveis aos refugiados* que já estavam dispensados na data da entrada em vigor desta Convenção pelo Estado Contratante interessado, ou que preencham uma das seguintes condições:

- a) contar três anos da residência no país;
- b) ter por cônjuge uma pessoa que possua a nacionalidade do país de residência. Um refugiado não poderá invocar o benefício desta disposição no caso de haver abandonado o cônjuge;
- c) ter um ou vários filhos que possuam a nacionalidade do país de residência.

3. Os Estados Contratantes considerarão com benevolência a *adoção de medidas tendentes a assimilar os direitos de todos os refugiados no que concerne ao exercício das profissões assalariadas aos dos seus nacionais*, e em particular para os refugiados que entraram no seu território em *virtude de um programa de recrutamento de mão-de-obra ou de um plano de imigração* (BRASIL, 1961).

Quando observamos a exclusão destes dois artigos percebemos que, no Brasil, já se fazia uma separação clara entre migrantes refugiados e migrantes trabalhadores, que veio a consolidar quase vinte anos depois com o Estatuto do Estrangeiro. Apenas em 1997 é promulgada a Lei nº 9.474, que define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951 e cria o Comitê Nacional para os Refugiados – CONARE, ligado ao Ministério da Justiça. A lei de 1997, já em período democrático e sob influência da Constituição de 1988, é mais abrangente do que o Estatuto dos Refugiados quando amplia as possibilidades em se considerar refugiado também “III - devido a grave e generalizada *violação de direitos humanos*, é obrigado a deixar seu país de nacionalidade para buscar refúgio em outro país” (BRASIL, 1997, grifo nosso).

Com a imigração haitiana e de outros países do Sul global e da Síria para o Brasil, intensifica-se nos meios acadêmicos, na comunidade migrante e associações migrantes e nas instituições políticas as discussões para uma reformulação da legislação para migração que atenda à nova dinâmica de migração na contemporaneidade. Neste contexto foi redigida e sancionada a Lei de Migração nº 13.445, de 24 de maio de 2017, regulamentada pelo Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017. A Lei de Migração trouxe mudanças significativas quanto ao tipo de vistos, especialmente nos vistos temporários. Pelo Estatuto do Estrangeiro, os vistos temporários eram especificados no artigo 13, em oito condições diferentes. Na Lei de Migração,

as possibilidades de visto temporário abarcam doze tipos diferentes, acrescentando o visto para tratamento de saúde, acolhida humanitária, serviço voluntário e reunião familiar. Assim, o que já se fazia através das resoluções normativas, de conceder visto por acolhida humanitária, passou a constar dentro da legislação de migração, ampliando as possibilidades de uso deste tipo de concessão de visto. Além dessas modificações, podemos destacar nesta introdução a mudança no próprio nome da legislação, retirando o termo *estrangeiro* e usando o termo *migração*. Essa mudança é significativa quando ponderamos o peso do significado dos termos. Enquanto estrangeiro nos remete à estranho, a forasteiro, a um grupo restrito dentro do país, migração está mais próximo ao vocabulário contemporâneo sobre o fenômeno migratório, termo usado pelas agências da ONU, e remete a um fluxo, portanto, a um movimento contínuo, e não uma exceção.

Mas, mesmo com tais mudanças, e especialmente para esta pesquisa, a incorporação do visto de acolhida humanitária na legislação, vemos que não houve com isso o desenho de uma política migratória para acolhida humanitária, em que estejam previstos protocolos de recepção de migrantes, de interiorização e de atendimento jurídico, institucional e social para que, de fato, o país seja capaz de oferecer condições de acolhida humanitária a estes migrantes. Em parte, esta tese pretende contribuir com uma análise das necessidades dos migrantes, sobretudo refugiados, no período recente de migração.

Nosso objeto de pesquisa é compreender como acontecem os primeiros momentos após a migração e de que forma os migrantes agem para realizar suas necessidades imediatas geradas com o processo migratório. Para isso, outras questões se tornaram igualmente importantes para a compreensão do fenômeno migratório, de haitianos e em parte venezuelanos, para o Brasil, para uma cidade média no interior do estado de São Paulo. Assim, nossa metodologia também foi pensada para a interpretação e compreensão dos dados coletados, construídos e observados ao longo de toda a pesquisa, e para cada questão a ser pensada nesta tese foi construída uma metodologia que melhor possibilitasse a análise dos dados e das questões suscitadas pelo nosso objeto de pesquisa.

Na segunda seção abordaremos questões mais amplas nas quais a migração está inserida. Refletiremos sobre as mudanças ocorridas na segunda metade do século XX quanto ao processo produtivo e às políticas estatais, sobre os diversos fatores que impulsionaram a migração no último século e sobre as implicações na forma de organização social, cultural, econômica e política das sociedades na globalização. Em um segundo momento, nesta seção, abordaremos a inserção brasileira no contexto histórico e social de globalização, principalmente, a partir da década de 1990, com políticas de abertura econômica e ajuste fiscal, nos governos de Fernando

Collor de Melo e Fernando Henrique Cardoso, tendo continuidade com uma política de estreitamento das relações no Mercosul, não apenas econômicas, mas de infraestrutura e de políticas sociais numa relação Sul-Sul, durante o governo de Luis Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff. Para essa análise nos utilizamos de relatórios produzidos pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA, e relatório de outras instituições sobre a atuação das forças armadas no Haiti, incluindo relatórios da ONU. Por último, está a análise sobre a cidade de São José do Rio Preto, as características que a colocam dentro das cidades de destino migratório e dados sobre a migração haitiana para esta cidade, comparados com outras cidades e mesorregiões do estado de São Paulo. Abordaremos o contexto histórico e social de São José do Rio Preto enquanto uma cidade de migração desde seu início no século XIX, mas também sobre a importância que teve no final da década de 1980, participando como cidade de porte médio de uma política do Banco Mundial, que tinha como objetivo conter a migração interestadual para as capitais. Apresentamos dados sobre a economia da cidade, fornecidos pela Prefeitura do município em relatórios anuais, e dados sobre os trabalhadores haitianos na cidade nos últimos anos, disponibilizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego nos bancos de dados da RAIS – Relação Anual de Informações Sociais, e do CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados.

Na terceira seção, iniciamos com uma reflexão sobre a participação brasileira na Minustah, e das relações diplomáticas entre Brasil e Haiti, através de informações disponibilizadas pelos sites do Ministério das Relações Exteriores, das Forças Armadas e da página da Minustah no site da ONU. Posteriormente, há uma problematização da migração haitiana no Brasil. Questionamos em que sentido podemos pensar a recepção e acolhida dos migrantes haitianos diante da distância histórico-conceitual da categoria negro e imigrante no Brasil, através de literatura sobre o negro e o imigrante no Brasil e de entrevista realizada em 2015 com imigrante haitiano para esta pesquisa. Por último, fizemos uma análise de comentários de reportagens sobre a migração haitiana nos quais foi possível problematizar o imaginário acerca desta migração, quanto a: se há discriminação, racismo e xenofobia e a quais situações são aplicadas estes comportamentos; quais temas perpassam a visão de mundo dos comentaristas e que implicam na aceitação ou não destes migrantes; e o que diferencia nos comentários os que aceitam a migração daqueles que não aceitam. Para esta análise utilizamos o método documentário de Mannheim (1952), no qual é possível a partir da força das palavras alcançar o contexto documentado de uma dada visão de mundo em determinado contexto histórico, social, político e cultural. Esta seção busca fornecer análises conceituais para se pensar a migração haitiana, e o imaginário simbólico do negro no Brasil.

Na quarta seção, vamos expor a análise de nossa pesquisa de campo. No início desta seção, há uma consideração sobre a perspectiva metodológica em que a pesquisa se baseou, entre a metodologia formulada por Elias e Scotson em “Os estabelecidos e os outsiders” (2000) e de Geertz em “Uma interpretação densa” (2008). Nossa pesquisa aconteceu entre o ir e vir da família imigrante pesquisada nos órgãos públicos na cidade, assim pesquisadora e imigrantes traçaram juntos estes percursos e nossa metodologia de coleta de dados está baseada em nossa interpretação deste movimento percorrido ao longo de um ano e meio com a família afim de conseguir sua documentação e de formas de se estabelecer na cidade. Em seguida, apresentamos um breve histórico sobre os migrantes com os quais mantivemos contato. E logo depois, passamos a apresentar a análise sobre o período em que mantivemos contato com uma família imigrante, pai haitiano e mãe venezuelana, e seus quatro filhos. Acompanhamos a família nos órgãos públicos para sua regularização da documentação e para a regularização de outras necessidades. Além da relação com os órgãos públicos, abordamos os aspectos sociais das relações destes migrantes, como sua relação com a família no lugar de origem e suas perspectivas para o futuro, para si e para os filhos.

Com essa pesquisa procuramos investigar a migração haitiana dentro das várias dimensões, econômica, política, social e cultural, da globalização na contemporaneidade e de como o Brasil se insere neste contexto. O Brasil é país do Sul global que não se caracteriza como destino de migração, mas como país de passagem, no entanto, com as dificuldades de se chegar aos países centrais estes imigrantes acabam tendo no Brasil um lugar de destino, mesmo que temporário. Há que se considerar que são muitas as questões que envolvem a migração na globalização e que a compreendemos apenas parcialmente e restrita às nossas possibilidades de apreensão e compreensão dos dados construídos. No entanto, dentre as análises que faremos nas próximas seções, é importante destacar que, em um contexto de globalização e de migração potencializada, nenhuma política que exclua o imigrante dos direitos humanos, incluído os direitos políticos, civis e sociais, será capaz de garantir esses mesmos direitos aos nacionais, tanto porque não há previsão de redução do número de migrantes, quanto porque as condições nas quais os imigrantes são inseridos e a forma como são tratados nos países de destino revelam ainda mais, para essas sociedades de destino, as condições nas quais vivem seus próprios “cidadãos”. A migração é como o espelho de uma sociedade. Ao invés de olharmos no espelho e vermos aquela imagem como um inimigo, podemos olhar e aprender com aquela imagem sobre quem somos. O imigrante nos instiga a refletir sobre as nossas riquezas e as nossas mazelas. Um sendo, em certo sentido, o reflexo do outro, ao olharmos compreendemos quem somos.

2 Reflexões para uma conjuntura da globalização e suas implicações nos fluxos migratórios.

Apenas uma pequena porcentagem da população mundial é migrante. Muitas pessoas, mesmo em condições adversas, não consideram a possibilidade de migrar. No entanto, nas últimas décadas, o número de migrantes tem sido cada vez maior, nem sempre como uma opção, muitas vezes como uma necessidade. A Organização das Nações Unidas possui duas agências para migração: a OIM, Organização Internacional para Migração, e a ACNUR, Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados. Ambas agências realizam anualmente relatórios para atualizar os dados sobre migrações no mundo. De acordo com o relatório Migração Mundial 2018 da OIM, em 2015, o número de migrantes internacionais alcançou a marca de 244 milhões de pessoas, um aumento de 41% comparado com o ano 2000, e significa 3,3% da população mundial. A maior parte dos migrantes se deslocam dentro do próprio território nacional, assim, de acordo com o relatório da OIM, as migrações internas foram estimadas em 740 milhões de pessoas em 2009 (UNITED NATIONS, c2017c)¹. Dados do Relatório Tendências Globais: deslocamentos forçados 2017 – ACNUR (GLOBAL TRENDS, c2018) apontam um total de 68,5 milhões de pessoas deslocadas por guerras e conflitos até o final de 2017. Em 2007, esse número era de 42,7 milhões, ou seja, em dez anos houve um aumento de 60% de deslocados forçados no mundo. Cabe conceituar a diferença entre migração e deslocamento forçado, e os diversos tipos de migrações dentro dos deslocamentos forçados. As definições técnicas, conceitos e categorias sobre migrações, segundo as Nações Unidas, no Relatório Migração Mundial 2018, são definidos baseados na disposição geográfica, leis, políticas, metodologias, temporalidade entre outros fatores.

O migrante internacional é: “qualquer pessoa que se mude do seu país habitual” (RECOMMENDATIONS, 1998, p. 299)². O país habitual é aquele onde a pessoa possui residência e onde normalmente passa seu período diário de descanso. Assim, aqueles que viajam ao exterior por motivos de recreação, férias, negócios, tratamento médico ou motivos religiosos não devem ser considerados migrantes internacionais. A migração internacional pode ser definida como migração de longo prazo, na qual a pessoa permanece no país de destino por um período igual ou maior que um ano (doze meses), e migração de curto prazo, caracterizada por

¹ Os dados sobre migração são atualizados no banco de dados, “Migration data portal”. De acordo com dados disponibilizados neste banco de dados, o número de migrantes pode ter chegado a 257,7 milhões em 2017 (OIM, c2019a).

² “any person who changes his or her country of usual residence” (RECOMMENDATIONS, 1998, p. 299).

aqueles que se mudam de seu país de residência para um país de destino pelo período maior que três meses e menor que um ano, exceto para os fins de viagem indicados anteriormente. São amparados por norma específica os migrantes que se deslocam do seu país de residência para um Estado no qual ele não é nacional para exercer atividade remunerada, caracterizado pelo termo “trabalhador migrante”.³

De forma geral, estão contidos na migração internacional aqueles que decidiram migrar e puderam fazer de forma regular. De outro lado, aqueles que migraram sem que fosse sua vontade, mas tiveram que o fazer, são considerados “deslocados forçados”. A ONU define e analisa estes migrantes forçados em dados e relatórios específicos, apesar de estarem contidos também nos dados de migrações internacionais. O ACNUR – Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados – entende os deslocados forçados a partir das definições: refugiados, solicitantes de refúgio, deslocados internos, apátridas e retornados.⁴ A definição de refugiado foi estabelecida pela Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados de 1951, no qual:

Art. 1º A (2) Que, em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele (ONU BRASIL, 1951).

Solicitante de refúgio é aquele que solicita às autoridades do país de destino o reconhecimento como refugiado, mas que ainda não teve seu pedido avaliado definitivamente. O solicitante de refúgio, mesmo ainda não reconhecido, não pode ser expulso para o seu país de origem, ou para o país onde residia, conforme a convenção de 1951 pelos artigos 31, 32, 33, haja vista que tal retorno ao país de onde veio pode colocar em risco sua vida. Quando, por algum motivo, o país de destino deste refugiado não puder dar asilo e proteção a ele, o Estado deve encontrar outro país de destino para tal pessoa, estes são considerados reassentados.

Por outro lado, os deslocados internos são pessoas que, embora tenham razões similares às dos refugiados, não atravessaram a fronteira internacional e, portanto, permanecem legalmente sob proteção de seu próprio Estado. É o caso de pessoas que estão em situação de perseguições, conflito armado, violência generalizada, violação dos direitos humanos e desastres ambientais. Ainda há aqueles que, por várias razões, não têm sua nacionalidade

³ Trata-se da Convenção Internacional sobre a Proteção dos Direitos de Todos os Trabalhadores Migrantes e Membros de Suas Famílias, de 1990, e outras convenções da Organização Internacional do Trabalho – OIT.

⁴ Estas definições podem ser encontradas no site do ACNUR – Brasil e também no relatório: Global Trends: forced displacement in 2017, (GLOBAL TRENDS, c2018, p. 61).

reconhecida por nenhum país, os apátridas.

Estas definições acima são definições para fins de dados estatísticos fornecidos pelas Nações Unidas. Embora saibamos que os migrantes encontram várias dificuldades para se enquadrarem nestas definições e, embora a literatura sobre migrações tenha longo debate sobre a conceituação dos vários tipos de migrações, as definições fornecidas pela ONU são importantes, pois é a partir das convenções das agências da ONU que os países membros fazem suas legislações, nas quais são colhidos os dados estatísticos para pesquisas e análises. Nesse sentido, como ponto de partida, a migração haitiana, que é nosso objeto de estudo, está compreendida dentro da migração forçada. Os primeiros haitianos que chegam ao Brasil pedem solicitação de refúgio e depois há a concessão de vistos por acolhida humanitária, e conseqüentemente a vinda de imigrantes através de reunião familiar, à qual retornaremos ao longo desta pesquisa.

Acreditamos que para uma melhor compreensão do fenômeno migratório e do crescimento do número de refugiados é extremamente importante relacioná-los com a forma pela qual se configuram as sociedades humanas, principalmente pela sua dimensão após o século XX. Consideramos para esta análise pensar a globalização dentro de um projeto de modernidade que se desenvolveu no Ocidente e que, segundo Giddens, está ancorado em “dois complexos organizacionais distintos”, o *Estado-nação* e a *produção capitalista sistemática* (GIDDENS, 1991, 189).

O esgotamento geográfico, a demarcação de fronteiras, o condicionamento da nacionalidade a um Estado e a condição de cidadania para possuir direitos implica uma condição de vida que compromete àqueles que precisam deixar suas casas em busca de trabalho, por razão de fome, guerras, questões climáticas e ainda, pelo imaginário de realização de sua condição humana em outro lugar. Dar visibilidade a estas questões e buscar relacionar os fatores constitutivos do cenário da migração no período recente é o que pretendemos fazer nesta seção. A seguir iremos pensar a migração como parte do processo de intensificação das relações globais.

2.1 Apontamentos sobre a globalização até o final do século XX: consolidação das relações políticas e econômicas globais.

Se migrar é uma característica dos seres humanos, o fenômeno da globalização intensifica as migrações humanas. A globalização é um dos grandes temas estudados pelas ciências sociais nas últimas décadas. Na tentativa de conceituar, delimitar e formular teorias,

pelo menos duas concepções se estabeleceram para pensá-la, sendo relevante destacar: 1) globalização é um fenômeno que se desenvolve há séculos, tendo como marco as grandes navegações e 2) a globalização é um conjunto de mudanças provocadas principalmente pela economia e tecnologia desde a década de 1970, intensificando-se no final do século com a queda do muro de Berlim, o fim da URSS e o avanço do liberalismo e da democracia sobre outros continentes. Nosso objetivo nesta subseção é tratar sobre estas concepções acerca da globalização, enquanto um movimento expansionista, mas também de pensar sobre os vários processos do último século que levaram à intensificação da circulação de capitais e analisar as principais implicações no que tange ao aumento da migração no mundo.

A palavra globalização tem como radical *global* e enquanto verbo significa *globalizar*, ou seja, a ação de tornar global. Nesse sentido, uma ação empreendida constantemente com o objetivo de atingir, completar, totalizar todas as esferas e níveis dentro do planeta. Pensar a globalização é refletir a respeito de um fenômeno sem fim, pois, ao mesmo tempo em que se completa quando todos os pontos estão interligados, também se inicia com constantes novas conexões. A palavra global tem um efeito sobre nosso imaginário muito maior do que cada explicação isolada. Remete-nos constantemente à forma “natural” de expansão do ser humano no planeta, no universo, na vida.

O desenvolvimento da cartografia e o desenho completo dos territórios no globo foram importantes por criar uma nova mentalidade no ser humano sobre suas dimensões e seu lugar em relação ao todo (Mezzadra; Neilson, 2013). Mas a dimensão cartográfica do planeta deve ter sido apenas a primeira grande aproximação do homem com outros homens, pois o que houve nos últimos séculos foi o aperfeiçoamento de meios para se chegar a todos os lugares. Com efeito, os meios de comunicação nos possibilitaram estarmos “presentes” em lugares onde fisicamente não se está. Com a tecnologia aliada ao capital financeiro, houve uma explosão das trocas comerciais de uma forma muito mais dinâmica, diminuindo espaços, tempo e custos. Todas estas mudanças nos meios de transporte e comunicação dão cada vez mais ao homem comum a sensação de que se pode estar em qualquer lugar em qualquer momento. Além disso, cria a sensação de se fazer parte da realidade de outros lugares, fisicamente longe destes, mas emocionalmente, culturalmente, economicamente e mentalmente muito próximos no seu cotidiano. Além destas mudanças dentro do espaço e das relações sociais, o processo de expansão de capital, mercado e território também implicou mudanças na ordem jurídica e na forma como se organizam os Estados.

Para Schmitt (2007), foi a partir das grandes navegações no século XV que se multiplicaram as possibilidades de apropriação de recursos importantes para o desenvolvimento

de tecnologia, produtividade e riqueza de algumas nações. Ele se refere a este período como revolução espacial planetária, tanto pelos seus avanços científicos quanto tecnológicos. Foi a partir das grandes navegações que se pôde ter uma dimensão exata da terra. Por um lado, o descobrimento do homem europeu de novas terras, novos povos e novas culturas teve impacto profundo na concepção cristã sobre a origem da vida, senão para negá-la, significou um questionamento cada vez maior da ordem das coisas pela ciência. Por outro, houve um ganho significativo da tecnologia através da navegação. Assim, após mais de um século dominando a navegação no mar, a Inglaterra pôde desenvolver técnicas e tecnologias que foram aproveitadas no desenvolvimento da indústria, com um domínio mais acurado da matemática, física e química, permitindo o aproveitamento deste conhecimento na maquinaria no espaço da fábrica.

Com o esgotamento dos territórios a serem conquistados, outro marco na forma de organização do espaço territorial baseada na conquista, apropriação e exploração de territórios e recursos se deu no início do século XX, com o fim da Primeira Guerra Mundial. Segundo Schmitt (2014), uma nova forma de dominação territorial já estava em curso no século XIX. A frase “a América para os americanos”, enfatizada na Doutrina Monroe, inaugurou uma nova forma de apropriação, não mais centrada na anexação de territórios, mas no domínio da estrutura interna dos Estados:

A soberania territorial se transforma em um espaço vazio, aberto aos processos socioeconômicos. Reconhece-se, do exterior, o território com suas fronteiras lineares, mas não o conteúdo social e econômico – a substância – da integridade territorial. O espaço do poder econômico determina o campo de ação do direito das gentes (SCHMITT, 2014, p. 271).

A doutrina Monroe, de 1823, foi importante para barrar a dominação europeia nas Américas. Os Estados Unidos reconheciam a soberania dos Estados, especialmente na América Central, mas em troca de relações econômicas e comerciais estabelecia bases militares e controlava as áreas de infraestrutura nestes Estados.

O ganho de forças dos Estados Unidos baseado na Doutrina Monroe aconteceu com as negociações do Tratado de Versalhes e da Liga das Nações (1919), nas quais ficou evidente sua superioridade econômica e sua importância como mediador de conflitos e provedor de recursos após a Primeira Guerra. Consequentemente, durante quase todo o século XX, entre 1919 e 1980, a ordem mundial esteve baseada em dois pilares fundamentais: por um lado, o modelo de produção em massa liderado pelos EUA, por outro, pelo modelo de Estado baseado na nacionalidade, resultado das duas Grandes Guerras.

Assim, tinha-se uma nova configuração de Estados-nação, que vinha se delineando

durante todo o século XIX, mas que depois da Primeira Guerra se fixou como modelo de Estado na maior parte das nações, quando uma nova estrutura geopolítica configurou-se com o desmantelamento dos antigos impérios multiétnicos, como o Império Austro-Húngaro e Império Turco Otomano, seguido pelo processo de descolonização da África e Ásia e pela reconfiguração das relações políticas e econômicas entre ex-metrópoles e ex-colônias.

Segundo o historiador inglês Eric J. Hobsbawm (1991), não existiu nenhum fator que sozinho tivesse iniciado a questão nacional, e muito menos que tenha ocorrido da mesma forma em todos os Estados, mas que no final do século XIX a questão nacional já havia se tornado uma questão amplamente debatida em todos os Estados. O autor sintetiza a relação entre Estado e nacionalismo em três fases: o nacionalismo do século XIX, que “combinavam o Estado-nação e a economia nacional”, o nacionalismo do início do século XX, que, nos países de Terceiro Mundo, foi de libertação e emancipação política, portanto, “foram tipicamente unificadores e emancipatórios”, e “os movimentos nacionalistas característicos dos anos finais do século XX são essencialmente negativos, ou melhor, separatistas” (HOBSBAWM, 1991, p. 196).

Segundo o autor, o período clássico do nacionalismo enquanto Estado-nação se deu com o final da Primeira Guerra Mundial, pelo Tratado de Versalhes, que tentou pôr em prática o princípio wilsoniano⁵ de igualar o território à nacionalidade e pela queda dos impérios Habsburgo, Turco Otomano, Austro-húngaro e, posteriormente, pelos movimentos de independência durante o processo de descolonização da África e da Ásia. No entanto, nenhum destes fatos pode ser considerado fixo para a criação da noção de Estado-nação com uma perspectiva nacionalista. Primeiro porque, para muitas nacionalidades, a divisão territorial após a Primeira Guerra foi problemática, já que muitos não queriam pertencer ao novo Estado, mas continuar ligados ao Estado anterior que trazia muitas outras vantagens. Segundo pois, de acordo com o autor, quando ocorreu a descolonização não havia condições conhecidas para o estabelecimento de Estados-nação nas ex-colônias; a principal destas condições, por exemplo, era ser considerada uma nação histórica. Muitas colônias não possuíam um passado histórico que unia a população através do pertencimento a um território comum. Elas conheceram o Estado ao mesmo tempo em que se tornaram colônias e, portanto, a libertação significava uma crítica à concepção de Estado que as unificava.

Dentre os diversos exemplos que o autor cita e as várias formas de nacionalismo descritas no livro, talvez seja importante mencionar a questão da língua. A língua apenas se torna importante quando o Estado começa a formar a Nação. É com a educação em massa, a

⁵ Menção ao Presidente dos Estados Unidos, Woodrow Wilson, durante 1913 a 1921, atuante no Tratado de Versalhes e na criação da Liga das Nações.

imprensa e as estatísticas que surge a necessidade de uma língua oficial. A língua, segundo o autor, também proporcionou uma maior aproximação entre Estado e nação, pois “implicava uma homogeneização e padronização de seus habitantes, essencialmente por meio de uma ‘língua nacional’ escrita” (HOBSBAWM, 1991, p. 114).

A escolha da língua não seguiu padrões racionais, não seguia simplesmente os interesses de comunicação, mas passou a ser cada vez mais um ponto crucial no período de 1870 a 1914, reivindicada principalmente por nações não históricas que requeriam a divisão territorial e o reconhecimento enquanto Estado-nação. Segundo o autor, este modelo de Estado-nação baseado na equivalência entre território-nacionalidade-língua vigorou por um curto período, entre 1919 e 1945. Na prática, o que se teve após 1945 foi um outro nacionalismo, o qual demonstrava que não seria possível, com a crescente migração, buscar essa unicidade entre os elementos tipificados no Estado-nação. No entanto, juridicamente, uma série de leis e acordos do século XX foi feita de acordo com a concepção de Estado-nação e, principalmente, foi importante no processo de expansão capitalista.

Ao mesmo tempo, aliado ao processo de expansão do Estado-nação, estava em desenvolvimento um novo modelo de produção baseado no consumo e produção de massa, o fordismo. Segundo Harvey (1993), o fordismo engendrou mudanças profundas na organização social e não apenas no processo produtivo, pois para existir necessitava da construção de um novo tipo de trabalhador, de uma nova mentalidade do trabalho e de uma nova relação entre o trabalho e outras esferas da sociedade. Iniciado em 1914, teve seu ápice nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, em 1945, e seu declínio na década de 1970.

Até o final da Segunda Guerra Mundial, o fordismo ficou mais restrito aos Estados Unidos. A longa crise de 1930 teve papel importante na consolidação do fordismo na América e posteriormente na Europa. A crise exigiu respostas imediatas do Estado através de intervenção, nos Estados Unidos, com o plano *New Deal* do presidente Roosevelt. Tanto o *New Deal* no entre guerras, quanto o Acordo de *Bretton Woods* e o Plano Marshall no pós-guerra funcionaram como suporte estatal indispensável para a produção de massa.

O Estado, por sua vez, assumia uma variedade de obrigações. Na medida em que a produção de massa, que envolvia pesados investimentos em capital fixo, requeria condições de demanda relativamente estáveis para ser lucrativa, o Estado se esforçava por controlar ciclos econômicos com uma combinação apropriada de políticas fiscais e monetárias no período pós-guerra. Essas políticas eram dirigidas para as áreas de investimento público – em setores como o transporte, os equipamentos públicos etc. – vitais para o crescimento da produção e do consumo de massa e que também garantiam um emprego relativamente pleno. Os governos também buscavam fornecer um forte complemento ao salário social com gastos de seguridade social, assistência médica, educação, habitação etc. Além disso, o poder estatal era exercido direta ou

indiretamente sobre os acordos salariais e os direitos dos trabalhadores na produção (HARVEY, 1993, p. 129).

Segundo Harvey, o acordo de Bretton Woods (1944-1971) e o Plano Marshall (1947) levaram o fordismo ao plano internacional e resolveu em parte o problema da superprodução, pois, com a Europa vinculada economicamente aos Estados Unidos, uma série de países, tanto europeus quanto países ligados à economia europeia passavam a ser incluídos dentro do comércio internacional, gerando novas demandas de mercadorias e fornecendo matérias primas.

Neste contexto, em meados do século XX, já havia um sistema econômico internacional complexo, com um grande projeto expansionista de levar o Ocidente para todo o globo, mas também um sistema econômico muito mais competitivo e difuso. Com a ampliação do mercado para países da periferia mundial e ex-colônias, somada ao aumento da competitividade com a reconstrução da Europa no pós-guerra, à força coletiva dos trabalhadores representados nos sindicatos, ao aumento das obrigações do Estado e, finalmente, à crise do petróleo de 1973, deu-se o declínio de um período de crescimento econômico, pleno emprego, racionalização do trabalho e bem-estar social. É a este novo período que muitos teóricos passam a chamar de globalização, período este que nos é fundamental.

2.2 Apontamentos sobre a globalização a partir do final do século XX.

O final do século XX foi marcado por um cenário político e econômico de grandes transformações, sobretudo por um aceleração radical do tempo e de um encurtamento do espaço proporcionado pelo desenvolvimento de tecnologias em todas as esferas da sociedade. Este desenvolvimento tecnológico não pode ser analisado longe de outros dois processos: a jurisdição e regulamentação da circulação de capitais, e o fim das grandes tentativas de se estabelecer o comunismo como modelo político e econômico em contraposição ao capitalismo. Estes três eventos: a “desregulamentação da circulação de capital, o colapso do comunismo e o *boom* da eletrônica” (GALLI, 2002, 119, tradução nossa)⁶ marcaram uma nova fase que Galli chama de mundialização do capital⁷.

O processo de globalização iniciado nos anos 1980 também se sustentou pela relação de

⁶ “*Desregulación* de la circulación de capitales, derrumbe del comunismo y *boom* de la electrónica” (GALLI, 2002, 119).

⁷ Não há uma delimitação específica para o conceito de “mundialização” e “globalização”. Às vezes estes conceitos são usados como sinônimos e às vezes como partes de um processo. Mais especificamente “globalização” é usada para se referir à última fase de expansão e mundialização, desde a década de 1980 até hoje. Os conceitos serão usados nesta tese de acordo com a menção de cada autor citado.

forças entre Estado e processo produtivo, mas as consequências destas relações foram multiplicadas com o desenvolvimento tecnológico da eletrônica e da microeletrônica, e com o colapso do comunismo representado com a queda do muro de Berlim e o fim da URSS. Além de ter seus efeitos multiplicados, a globalização pôde se completar ao não ter mais impedimentos políticos e territoriais que continham o domínio do capitalismo nas fronteiras do Ocidente.

Até o final da década de 1980, a política econômica liberal, de livre comércio, tinha um concorrente em potencial que lhe limitava seu poder de abrangência. Apesar de tudo que se possa dizer sobre o período de Guerra Fria, a queda do muro de Berlim e o fim da URSS significaram também o fim de uma resistência, o fim da limitação de territórios. Então, somada a todo desenvolvimento técnico produtivo, a globalização se consolidou após o colapso do comunismo e uma nova dimensão do global e do total, uma nova configuração do espaço e do tempo pôde ser efetivada. Segundo Galli, “A globalização, com efeito, é essencialmente ruptura, ausência de limites, deformação de geometrias políticas” (GALLI, 2002, p.121, tradução nossa)⁸. Neste sentido, da necessidade de ausência de limites, é que se pode pensar a globalização no final do século XX como consolidada. Além do conteúdo simbólico, estes acontecimentos significaram uma modificação econômica e política de um sistema bilateral para gradualmente um sistema multilateral. A lógica da economia liberal regulada pelo ideal de livre concorrência penetrou por fronteiras antes intransponíveis.

Desde meados da década de 1960, o modelo produtivo fordista vinha apresentando sinais de desgaste, segundo Galli (2002). As grandes fábricas do modelo fordista, que concentravam a totalidade de trabalhadores em um mesmo local foram sendo deslocadas para os países da periferia do mercado, para a Ásia, África, Américas em busca de redução do custo do trabalho e maximização do ganho de capital. Nos centros, Europa e Estados Unidos, este modelo da grande fábrica não possuía mais vantagens, a força de trabalho se tornava cada vez mais onerosa pela situação de pleno emprego e pela garantia de direitos vinculada à legislação Estatal dos grandes centros. Dessa forma, as empresas foram deslocadas para locais onde não havia legislação trabalhista e onde há pouco tempo vigoravam formas de trabalho servis e escravistas, devido ao fato de que os países da periferia mundial participaram do processo de acumulação primitiva de capital durante a colonização fornecendo diversas matérias-primas valiosas como prata, ouro, escravos, alimentos, mas mesmo depois da descolonização pouco haviam conhecido do modo de produção de economia liberal (MEZZADRA; NEILSON, 2013).

⁸ “La globalización, en efecto, es esencialmente, *ruptura*, ausencia de límites, deformación de geometrias políticas” (GALLI, 2002, p.121)

A maior parte dos países colonizados teve uma industrialização tardia, e conheceram a indústria através do capital estrangeiro.

Um modelo de produção mais enxuta já estava em curso no Japão. Nos Estados Unidos, a queda na produtividade das indústrias Ford se deu com as inovações da General Motors, oferecendo carros mais baratos, mais competitivos e com opções de cores. No final da década de 1970 a famosa frase de Henry Ford, “o cliente pode ter o carro da cor que quiser, contanto que seja preto”, já não podia mais ser pronunciada. A concorrência e o desenvolvimento tecnológico levaram a uma produção de mercadorias cada vez mais diversificadas e produzidas de acordo com sua demanda no processo *just in time*. Não era mais possível a produção em grande escala de um único produto. A produção precisava ser ajustada pela demanda cada vez mais volátil. Assim, o fordismo foi sendo superado aos poucos pelo toyotismo ou acumulação flexível (HARVEY, 1993).

A acumulação flexível, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apoia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional (HARVEY, 1993, p. 140).

Destaca-se ainda, de acordo com Galli (2002), como parte destas taxas altamente intensificadas de inovação, o desenvolvimento da eletrônica no sistema financeiro, no qual os ganhos do capital se multiplicaram. O fluxo do capital líquido permitia a mobilização de capital em qualquer lugar do planeta e com isso lucrar com o deslocamento de investimentos em nível virtual. A globalização enquanto “mobilização global” se caracteriza pela reorganização da dimensão temporal, de pôr em curso uma série de ações simultâneas, sendo realizadas concomitantemente, possibilitadas pela fragmentação do processo informacional, e não mais em nível cronológico e consecutivo. Várias ações podem ser executadas pelo sistema financeiro em diversos mercados e em tempo real, ou até mesmo antecipando o tempo, se valendo das diferenças nos fusos horários onde se encontram as bolsas de valores.

Além da internacionalização do mercado, da tecnologia aliada ao fluxo de capitais, e do deslocamento de empresas, podemos elencar duas outras mudanças trazidas pela globalização e que se relacionam com o Estado-nação. Por um lado, o deslocamento de empresas incorporou diversas formas de trabalho dos países periféricos como formas de trabalho doméstico, familiar e paternalista. Mas, ao fazer isso, era necessário desregulamentar a legislação trabalhista fordista e regulamentar formas de trabalho menos onerosas e mais fáceis de admitir e demitir

como o trabalho em tempo parcial, contrato por tempo determinado, subcontratado e, empregados casuais. Isso significava aumento da flexibilidade da força de trabalho, mas também a redução de direitos como cobertura de seguro, ganho real salarial, segurança no emprego e indenizações. (HARVEY, 1993).

A desregulamentação não se limitou às relações internas da fábrica, mas se estendeu às relações das empresas com as legislações estatais de onde se fixavam e para onde exportavam suas mercadorias. O desmembramento da fábrica fordista também significou a reorganização das relações trans-fronteiriças. Segundo Sassen (2010), a incorporação de novos territórios ao processo produtivo gerou mudanças organizacionais e econômicas das empresas estrangeiras e nacionais, que desagregaram seus diversos processos produtivos e os deslocaram por várias partes do mundo conforme seus interesses, necessidades e vantagens, provocando uma reorganização das cidades como aglomerados produtivos. As cidades de várias partes do mundo, em que o capital estrangeiro havia se instalado começaram um processo de especialização de funções e de criação de cadeias produtivas. Daí uma nova reconfiguração do papel das cidades, pois onde as empresas multinacionais se instalaram apenas com parte de seu processo produtivo, surge uma demanda por outras empresas responsáveis pelo abastecimento e gerenciamento destes serviços. Segundo a autora, este processo ocorre a partir das seguintes características:

(...) quanto mais globalizadas e mais informatizadas se tornam as operações de empresas e mercados, mais estratégicas e complexas se tornam sua administração central e suas funções de serviços especializados (e as infraestruturas e prédios necessários), beneficiando-se assim de economias de aglomeração (Sassen, 2010, p. 19-20).

(...) quanto mais complexas se tornam essas funções centrais, mais provavelmente elas serão “terceirizadas” pelas matrizes das grandes empresas globais. As matrizes compram de prestadoras de serviços especializados uma parte das suas funções: contabilidade, advocacia, relações públicas, programação e telecomunicações, entre outros (Sassen, 2010, p. 25).

(...) quanto mais as matrizes terceirizam suas funções mais complexas e não padronizadas, particularmente aquelas sujeitas a mercados incertos e inconstantes e à velocidade, mais livres serão para optar por um lugar, pois uma parcela menor do trabalho feito na matriz estará sujeita a economias de aglomeração. Assim, o setor que especifica as vantagens produtivas características das cidades globais é o especializado e interconectado setor de serviços (Sassen, 2010, p. 26).

Com o desmembramento entre empresas que realizam o serviço administrativo, de planejamento, de contabilidade, de recursos humanos, de tecnologia e informática de um lado, e, de outro, a separação do núcleo do processo produtivo de outras formas de trabalho, subcontratos se criam, nestas cidades e entre cidades, zonas industriais de baixo-custo. A nova geografia da globalização permite realocar o capital: matéria-prima, fábrica, trabalhadores,

tecnologia e informação de acordo com suas necessidades e vantagens, aumentando a margem de lucro à medida que diminui o custo da produção. Ainda assim, esse processo só se torna mais vantajoso quando força a regulamentação destes processos nos níveis global, nacional e local.

O comércio interestatal não é algo novo, era praticado durante a escravidão assim como durante o fordismo. No entanto, a política econômica que vigorava era protecionista, restringia a importação a alguns poucos produtos negociados separadamente. Estas restrições colocavam limites à circulação de capitais. O processo de globalização iniciado na década de 1980 exigiu uma legislação mais dinâmica que correspondesse à rapidez com que o capital era deslocado. A financeirização da economia elevou as negociações a um alto nível de fluidez, com investimentos que se deslocavam de continente da noite para o dia. As empresas deslocadas a outros continentes também não podiam restringir suas necessidades à legislação protecionista de cada país. Era preciso negociar matérias-primas, trabalhadores, tecnologia com a mesma rapidez com que a demanda dos seus produtos exigia. Assim, toda regulamentação protecionista do mercado foi sendo desregulamentada e regulamentada de acordo com as novas necessidades deste cenário econômico internacional.

O processo de desregulamentação implica também, ou está implicado, no processo de desnacionalização. A esfera nacional não deixa de existir na globalização, segundo Sassen (2010), mas o Estado não é mais o principal responsável por regulá-la. Por um lado, o Estado se vê diante de empresas que concentram capital muito maior que o PIB nacional, e com um poder de influência muito maior que o seu, por outro está sujeito a normas de órgãos supraestatais que orientam suas políticas. Ou seja, o Estado, embora soberano dentro do seu limite territorial, vê seu *modus operandi* penetrado por forças tão maiores quanto as suas.

Desde o fim da Primeira Guerra Mundial, os acordos políticos e econômicos gerados motivaram a criação de organismos supranacionais, intergovernamentais, que a partir da criação de novas regulamentações de caráter recomendado e universalizante, requereram para si parte das decisões econômicas, políticas e militares entre os Estados. Podemos citar a Liga das Nações em 1919, criada após a Primeira Guerra, tendo seu fim em 1946 e sendo sucedida pela Organização das Nações Unidas e suas agências – OIT, UNESCO, OMS, o Conselho de Segurança, entre outros. Ainda podemos citar a Organização do Tratado do Atlântico Norte – OTAN – em 1949, com fins políticos, diplomáticos e militares. E também, durante a década de 1980 e 1990, a criação dos Blocos Econômicos – Mercosul, Nafta, Apec, UE⁹.

Às décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial, sucedeu, dentro do projeto

⁹ Dados podem ser consultados nos sites oficiais: OTAN, Mercosul, Nafta, Apec, UE, ONU.

econômico-público keynesiano, um fortalecimento da economia nacional, do consumo nacional e o aumento do nível educativo da força de trabalho nacional. Também fazia parte das funções do Estado legislar e garantir a própria reprodução da força de trabalho através de um conjunto de direitos que garantissem a qualidade de vida dos trabalhadores.

Após a década de 1980, outras funções são incorporadas ao Estado, não como projeto nacional, mas como projeto global. A política econômica tem um peso muito mais significativo do que a política pública, no que se refere ao público. Passam a ser adotadas medidas para controle da inflação e sua manutenção em níveis baixos, mesmo que gerassem o desemprego; a diminuição dos gastos públicos e política de austeridade fiscal; a autonomia do banco central perante os poderes políticos, reduzindo o aparato estatal. Mas, no limite, é o Estado que se responsabiliza pelas consequências destas políticas, com o aumento da desigualdade social, aumento do número de desempregados, ampliando ainda mais as demandas por saúde e condições mínimas de existência.

Para Sassen, dentre as novas funções do Estado, está o uso de setores estratégicos da administração pública e dos poderes políticos para a ampliação e regulamentação de marcos normativos a favor do fluxo das forças transnacionais, ou seja, o uso do espaço público pelo espaço privado, privatizando e desnacionalizando o Estado a partir de dentro.

(...) estão sua capacidade de privatizar o que antes era público e de desnacionalizar aquelas que antes eram autoridades e agendas políticas nacionais. (...) Dessa forma, essas instituições estatais ajudam a reorientar seu trabalho político ou agendas estatais amplas para os requisitos da economia global (Sassen, 2010, p. 35).

Os atores políticos, empresas e organizações supranacionais fazem micro-intervenções que transformaram os antigos marcos regulatórios do Estado. Sassen (2010) destaca: 1) a amplitude dos ajustes nas legislações estatais quanto à regulação econômica, privatizando e liberalizando a partir de dentro 2) o favorecimento de empresas localizadas no exterior através de normas legislativas que reduzem ou eximem de pagamentos de tarifas aduaneiras; 3) o fortalecimento de defesa da política de competição (antitrust) e a formação de um sistema jurídico de normas de direitos de competição; 4) a convergência de normas legislativas relacionadas com as telecomunicações, finanças, internet; 5) a proliferação das regras ISO (International Organization for Standardization, como ISO 9000, 14000, 22000, 27000, 22000) para padronização de linguagem, vocabulários, códigos, símbolos, regras, organizações, estruturação, abertura.

Não o bastante, estes atores políticos e econômicos também controlam o movimento de pessoas, isto é, o movimento migratório, iniciando e encerrando fluxos através de legislações

que ora regulamentam e ora proíbem a migração de acordo com suas necessidades. Igualmente, trabalhadores altamente qualificados e trabalhadores não qualificados estão sujeitos ao deslocamento pelo trabalho, mas, no primeiro caso, este trabalhador altamente qualificado tem acesso a direitos como documentação, que facilitam seu estabelecimento e possibilidade de retornar ao seu lugar de origem, ainda que naquele momento migrar para acompanhar seu posto de trabalho não faça parte de seu desejo. Para o trabalhador não qualificado de todos os lados encontrará dificuldade, primeiro porque este trabalhador não é reconhecido como necessário, por isso, não há certezas quanto à viagem, documentação, estabelecimento ou até mesmo salário. Este é percebido como um imigrante que precisou sair de seu lugar de origem por motivo de pobreza, fome, guerras, desastre ambiental, e assim todo e qualquer trabalho que conseguir é visto pelas empresas e pelos governos como o suficiente. O que não se revela é a importância que estes trabalhadores têm na produtividade dos países de destino, e em muitos casos, para os países de origem, quando dependem da emissão de remessas destes migrantes para suas famílias.

É a partir deste contexto amplo de mudanças no último século que podemos pensar as diversas migrações ainda no momento atual. Apesar das singularidades de cada movimento migratório, queremos enfatizar que estes deslocamentos são parte de mudanças que atingem a base do fazer produtivo, o trabalhador. Estamos falando de um amplo movimento de trabalhadores potenciais, e, mesmo quando pensamos em deslocamentos por fatores ambientais, ainda estamos falando da intensificação produtiva no último século. Neste trabalho, procuramos jogar luz justamente sobre a importância que esse tipo de trabalhador exerce sobre a economia dos países de destino. Este é o caso, por exemplo, de muitos haitianos que vieram para o Brasil para trabalhar na construção civil, nas obras que antecederam a Copa do Mundo e as Olimpíadas, e que vamos refletir mais adiante. Agora iremos nos deter em características históricas do fenômeno migratório.

2.3 A migração e a sociedade global.

As consequências da globalização podem ser forçadas, mas não são aleatórias. Segundo Sassen (2010), o fluxo migratório não acontece aleatoriamente, não se sai de qualquer lugar para qualquer lugar. As relações diplomáticas, políticas, culturais, históricas entre Estados tem grande influência sobre essa decisão de migrar. Para Sassen (2010), os fluxos migratórios são iniciados pelo governo, por empresas privadas ou por organizações de tráfico de pessoas. Depois que uma rede de migração é instalada, ela começa a se retroalimentar através das

informações passadas pelos migrantes, pela rede familiar e pelas próprias campanhas governamentais. Geralmente a migração está associada a uma destas formas de relação: a existência de antigos laços coloniais constituindo uma experiência anterior com a metrópole; o fator econômico deslocando empresas para outros países na “formação de espaços transnacionais”; e também pela presença militar em outros territórios; existindo, portanto, vários fatores que favorecem a criação de um imaginário sobre o lugar para onde se irá migrar (SASSEN, 2010, p. 115-116).

Assim, é ilusória a concepção de que pessoas de países pobres migram para países ricos. Se os migrantes são pobres, não significa que tomaram esta decisão apenas pela sua condição econômica e social, pois se assim fosse a maior parte da população migraria, o que não acontece. As relações diplomáticas, jurídicas, econômicas, iniciadas no período colonial, criaram um imaginário de como é a vida na metrópole e este imaginário foi reforçado pelos meios de comunicação, a propaganda de massa, a divulgação de filmes, a circulação de mercadorias, a produção de programas televisivos. Também em situações de guerra, ou de outro tipo de ocupação militar, as pessoas que consideram migrar geralmente o fazem para países aliados. Do mesmo modo, governos e empresas buscam trabalhadores de territórios onde possuem certa influência como é o caso dos EUA com o México, França com a Argélia, Inglaterra com a Índia, etc.

Em estudo sobre a migração na Europa, Sassen (2013) observou que até 1808 não havia um controle do governo sobre a migração, e que os registros eram realizados apenas para quem era refugiado, por motivo político ou religioso¹⁰. No entanto, a maior parte era constituída de migrantes laborais e sazonais, sem que se fizesse necessário um controle da entrada e saída destes. O censo napoleônico de 1808 a 1813, com o objetivo de quantificar os franceses que viviam em outros Estados, forneceu pela primeira vez dados importantes sobre os fluxos migratórios laborais na Europa. Cada Estado regulava a migração conforme seus interesses. Espanha e Itália foram até recentemente países de exportação de força de trabalho, enquanto a França se constituiu como país de importação de força de trabalho. A França manteve uma

¹⁰ “El término ‘exilado’ es tan antiguo como la misma civilización occidental. Pero hasta el siglo XIX, La palabra ‘refugiado’ se refería principalmente a los protestantes obligados a abandonar Francia a fines del siglo XVII; los diccionarios franceses e ingleses definían específicamente ‘refugiado’ como las víctimas de la revocación del Edicto de Nantes. El primer cambio aparece en la tercera edición de la Enciclopedia Británica, publicada en 1796: el concepto de “refugiado” se extendía más allá del caso concreto de los protestantes a cualquiera que abandonara su país en tiempos de persecución, término general que también cubría casos específicos como la palabra *émigré*, aplicada a los aristócratas que abandonaron Francia durante la Revolución francesa [...]. En alemán no existe ningún término para designar a los refugiados hasta mediados del siglo XIX; *heimatlos* [apátrida] o *staatenlos* [sin nacionalidad] empezaron a utilizarse para denotar determinadas categorías de refugiados apátridas después de 1870. Hasta después de la Primera Guerra Mundial no empezó a utilizarse el término *Flüchtlinge* [refugiado]” (SASSEN, 2013, p. 67-68).

política de campesinato no século XIX, o que fez com que os camponeses franceses permanecessem no campo. Mas com a industrialização, houve a necessidade de trabalhadores nas cidades, o que mobilizou a migração de países vizinhos, como a Itália para as cidades francesas. Estados do norte, como a Alemanha, por exemplo, se utilizaram de trabalhadores migrantes para a plantação de tubérculos, com fortes características sazonais (SASSEN, 2013).

Em tempos de escassez de mão de obra, ocasionados pelas guerras e epidemias, as políticas dos governos eram contrárias à emigração (SASSEN, 2013, p. 41). Na medida em que houve uma diminuição de guerras e um aumento de população, a situação dos imigrantes tendeu a piorar devido à concorrência por trabalho. Mas esse acirramento da situação do imigrante laboral ainda não era estrategicamente contido. O controle dos migrantes através das fronteiras passa a ser um esforço político com a consolidação do Estado-nação.

A autora observa que, a partir de 1880, começa a se formar mais especificamente um tipo de migrante que já existia, mas agora em proporções cada vez maiores: os refugiados. Estes eram basicamente refugiados políticos e protestantes, e muitos territórios não possuíam ainda um conceito de refugiado; no geral, eram pessoas educadas e com vínculos sociais importantes na sociedade. Segundo a autora, o fato de serem pessoas cultas, da elite política, e por serem em um número reduzido, fazia com que os países receptores os aceitassem e tratassem bem.

Essa situação começou a mudar a partir das guerras de unificação alemã (1864-1871). Os conflitos entre França, Alemanha, Polônia e Rússia produziram um novo tipo de refugiado, pobres que se mesclavam com a classe trabalhadora nos países de destino (SASSEN, 2013, p. 69-70). A migração de refúgio se intensificou no processo de consolidação do Estado-nação, de formação de Estados na região do Império Turco Otomano, com a Primeira Guerra e a Segunda Guerra Mundial. Durante este período

O termo “estrangeiro” adquiriu um significado totalmente novo. A união da soberania do Estado com o nacionalismo tornou o estrangeiro um estranho. O Estado poderia definir os refugiados como pessoas que não pertenciam à sociedade nacional, que não poderiam se qualificar para os direitos dos cidadãos¹¹ (SASSEN, 2013, p. 116, tradução nossa).

A partir deste momento, o Estado assumiu o controle sobre suas fronteiras e começou a regular efetivamente a migração com leis cada vez mais específicas para migração laboral e de refúgio. Neste período o migrante “ilegal” – não documentado – tornou-se uma nova categoria

¹¹ “El término “extranjero” adquirió un significado totalmente nuevo. La unión de la soberanía del Estado con el nacionalismo convirtió al extranjero en un forastero. El Estado podía definir a los refugiados como personas que no pertenecían a la sociedad nacional, que no podían optar a los derechos de los ciudadanos” (SASSEN, 2013, p. 116).

de migrantes.

Os problemas étnicos e nacionalistas de 1880 até a Primeira Guerra Mundial gerou uma massa de milhões de imigrantes, cerca de 9,5 milhões de refugiados após a Primeira Guerra. Até certo ponto, eles foram absorvidos pelos países da Europa, suprindo as perdas da guerra e epidemias. Depois, a maioria de refugiados desse período, com um número muito grande de judeus expulsos do anterior Império Russo e dos conflitos nos Balcãs, se destinavam e eram absorvidos por Estados Unidos e Canadá. Segundo a autora, só quando estes dois países interromperam a imigração foi que a Europa viveu sua primeira crise de refugiados (SASSEN, 2013, p. 128). Devido a essa crise, foi criado o Alto Comissariado para os Refugiados pela Liga das Nações (Fridtjof Nansen, 1921-1930) (SASSEN, 2013, p. 123). Foram realizados acordos para a alocação destes migrantes e foi a primeira vez que o Estado teve que lidar com políticas para refugiados. Apesar de ser um número expressivo de refugiados e de terem sido necessárias campanhas de cooperação para alimentá-los, esses países haviam tido uma queda dramática em sua população após a guerra. A França, o país que mais sofreu com a queda no contingente populacional, precisou fazer acordos para direcionar parte de estrangeiros para seu país: “O governo assinou tratados bilaterais com a Polônia, Tchecoslováquia e Itália em 1919 e 1920 para importar mão de obra” (SASSEN, 2013, p.131, tradução nossa).¹²

A situação foi diferente durante a Segunda Guerra Mundial. Os governos não queriam aumentar sua população, por isso impediam a migração e regulavam o fluxo, impedindo que adquirissem direitos de residência permanente. Além disso, a crise econômica de 1930 fez aumentar a xenofobia em relação aos trabalhadores estrangeiros. Também porque a maioria dos refugiados vinha da Alemanha nazista neste período e os demais países não queriam entrar em conflito por receber refugiados alemães. Acontece que a Segunda Guerra gerou um número muito maior de refugiados, sem serem absorvidos facilmente se tornaram mais debilitados e vulneráveis. Com o fim da guerra, num cenário de destruição e de necessária reconstrução, novamente trabalhadores estrangeiros foram absorvidos. Com a consolidação de um sistema econômico e político interestatal e com o processo de descolonização da África e da Ásia, se iniciava um novo fluxo migratório, de trabalhadores vindos das ex-colônias, que passou a competir com o fluxo dos refugiados.

Assim sendo, com os processos de descolonização, a migração ganhou novo significado, o fluxo se invertia da periferia para o centro, do arcaico para o moderno, do Sul para o Norte. Este não foi um processo de mão única: ao mesmo tempo em que as pessoas se deslocavam

¹² “El gobierno firmo tratados bilaterales com Polonia, Checoslovaquia e Italia en 1919 y 1920 para importar mano de obra” (SASSEN, 2013, p. 131).

para a Europa, as empresas se deslocavam para o Sul, pois as antigas relações intercontinentais permaneceram, preservando a conexão inaugurada pela colonização dessas áreas. No entanto, podemos citar como uma das características fundamentais destes novos deslocamentos a busca por direitos no interior das sociedades dos países centrais, que, em grande medida, haviam sido negados a grandes parcelas da população colonizada. Direitos que só podiam ser garantidos na metrópole através do não-direito nas colônias. Mas o indivíduo se desloca em busca do seu “lugar ao sol”, e, ao buscar direitos dentro da metrópole, sua condição de estrangeiro é evidenciada. Iremos tratar mais especificamente sobre esta fase da migração na subseção a seguir.

2.4 Da colônia à metrópole, considerações sobre o efeito ocidentalizador.

Em parte, a migração do Oriente para o Ocidente, do Sul para o Norte é uma consequência de séculos da relação contrária, do Ocidente para o Oriente¹³. A migração no pós-colonial é tema do livro de Stuart Hall em “Da diáspora” (2013). Constituiu-se em uma migração mais numerosa, de longas distâncias que alia busca de trabalho com aquilo que mencionamos acima: a busca por direitos. Esse movimento, segundo o autor, desde a fase pós-1970, transgrediu as linhas imaginárias das fronteiras terrestres. A fronteira, para vários povos do Terceiro Mundo, causou problemas de cisão muito profundos, mas que, mesmo tendo sido imposta com a colonização, a realidade histórica vem confrontá-la com um trânsito cada vez mais intenso, principalmente ao que tange à cultura.

Para Hall, “Como outros processos globalizantes, a globalização cultural é desterritorializante em seus efeitos. Suas compressões espaço-temporais, impulsionadas pelas novas tecnologias, afrouxam os laços entre cultura e o ‘lugar’” (HALL, 2013, p. 40). Esta desterritorialização acontece em todos os níveis, seja pela imersão na quantidade de informações que circulam entre as fronteiras, seja no deslocamento de empresas ou no deslocamento de pessoas.

O autor pensa esta desterritorialização pelo próprio termo “pós-colonial”, propondo uma nova forma de pensar as relações coloniais entre sociedade colonizada e colonizadora após os processos de independência. No capítulo, “Quando foi o pós-colonial? Pensando no limite” (HALL, 2013), o autor faz ao mesmo tempo uma defesa e uma definição mais elaborada e mais

¹³ Parte destas reflexões foi apresentada na XV Semana de Pós-graduação em Ciências Sociais da UNESP/FCLar. Ciências Sociais em Tempos de Crise: novos dispositivos de controle e retração de direitos, 2016, Araraquara-SP (SILVA, 2016b).

clara sobre as implicações do termo “pós-colonial”. Dessa forma, delinea seus argumentos a partir da ruptura com concepções que entendem tanto a diáspora quanto a colonização a partir de concepções binárias de “aqui” e “lá”, “antes” e “agora” da colonização e os de dentro e os de fora do processo diaspórico. Estas análises nos são importantes principalmente para pensarmos as implicações que o processo de colonização provocou em sociedades diversas, sociedades milenares, sociedades diaspóricas, sociedades descentralizadas, sociedades sem escrita. Enfim, pensar o colonizador enquanto uma pessoa vivendo entre lugares, mas também de uma Europa e Colônias duplamente invadidas, negociadas, hibridizadas.

O pós-colonial se refere à “colonização” como algo mais do que um domínio direto de certas regiões do mundo pelas potências imperiais. Creio que significa o processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constituiu a “face mais evidente”, o exterior constitutivo, da modernidade capitalista europeia e, depois, ocidental, após 1492.

Essa renarração desloca a “estória” da modernidade capitalista de seu centramento europeu para suas “periferias” dispersas em todo o globo (...) (HALL, 2013, p. 123).

Hall insere a colonização dentro da globalização não como um processo binário ou unidirecional, mas em uma relação de dupla influência tanto do centro para as periferias quanto o contrário, justamente porque não há uma relação binária, mas multilateral envolvendo diversas esferas da organização social. Ele também denuncia o caráter transfronteiriço que a expansão colonial colocou aos demais povos, infringindo, no próprio processo, as pretensões de unicidade que o Estado-nação requereu sobre si.

O autor propõe uma metodologia que não pense o colonial e o pós-colonial em termos cronológicos, mas como uma dupla inscrição na metrópole e na colônia, e em ex-metrópoles e ex-colônias. Seria pensar nas muitas implicações que a colonização ocasionou aos povos coloniais, muito mais efetivas do que poderia pressupor com o termo “descolonização”, em uma saída completa da Europa nos demais continentes. As sociedades das ex-colônias não voltaram a ser como eram antes da colonização, isso seria impossível, mas não deve ser pensado apenas como uma influência de uma sobre a outra. Esta influência vai além na medida em que as informações, significados, normas são filtrados e reconfigurados na diversidade local. Poderíamos pensar que o efeito ocidentalizador para Hall também implica no efeito de periferização do Ocidente, no espaço territorial e simbólico do próprio Ocidente.

Se no âmbito dos costumes vemos inúmeros exemplos do Oriente no Ocidente, como a demanda dos povos islâmicos pelo uso de suas vestes e cumprimento de suas obrigações religiosas, que na prática afeta mais os islâmicos do que os não-islâmicos, de outro lado, estas pequenas demandas são infladas nas justificativas de ir até o Oriente para “ensiná-los” a ser

menos orientais. O discurso de “civilizá-los”, assim como outrora foi o de “catequizá-los”, se alimenta de marcadores de diferenças que supostamente agredem os direitos humanos e a democracia. Na prática, a diferença é combatida com forças muito maiores do que a vestimenta, a alimentação, a educação dos filhos. O que está em jogo é uma disputa por um discurso de verdade.

Segundo Wendy Brown (2006), o discurso de verdade que o Ocidente pôs em prática foi formulado dentro dos conceitos de civilização e tolerância enquanto modelo de sociedade civilizada. Segundo Brown, o conceito de civilização esteve presente em praticamente todas as investidas territoriais do Ocidente sobre outros territórios. A “missão civilizadora” usada desde as primeiras colônias no litoral africano e depois nas Américas não tinha apenas o sentido catequizador. Mas, juntamente com a missão religiosa, outros valores foram disseminados nas Colônias.

Os significados estáticos e dinâmicos da civilização são facilmente conciliados no contexto de uma historiografia progressista ocidental da modernidade, na qual os indivíduos e as sociedades se configuram de modo a desenvolver cada vez mais uma postura mais democrática, racional e cosmopolita. Dessa maneira, a civilização enquadra simultaneamente a conquista da modernidade europeia, o fruto prometido da modernização como uma experiência e, crucialmente, os efeitos da exportação da modernidade europeia para partes “não civilizadas” do globo. A expansão colonial europeia de meados do século XIX até meados do século XX foi explicitamente justificada como um projeto de civilização, conjurando os dons da ordem social, legalidade, razão e religião, bem como regulando maneiras e costumes (BROWN, 2006, p. 179-180, tradução nossa).¹⁴

Neste sentido, durante a colonização, o conceito de civilização aparece intrinsecamente ligado à modernidade, e a modernidade é um fenômeno que envolve instrumentalização da razão, legalidade jurídica, religião (cristã) e valores como liberdade e igualdade. Civilização, portanto, é um projeto de modernidade dentro da Europa e modernidade europeia fora da Europa. Para a autora, este processo não foi unilateral e sem contrapartidas, mas um processo plural, muitas vezes de luta de elites não europeias e anticoloniais que reformularam o conceito de civilização para “contestar e às vezes se opor francamente à hegemonia europeia” (BROWN, 2006, p. 180, tradução nossa)¹⁵. Os conceitos do Ocidente não foram simplesmente aceitos e

¹⁴ “The static and dynamic meanings of civilization are easily reconciled in the context of a progressivist Western historiography of modernity in which individuals and societies are configured as steadily developing a more democratic, reasoned, and cosmopolitan bearing. In this way civilization simultaneously frames the achievement of European modernity, the promised fruit of modernization as an experience, and, crucially, the effects of exporting European modernity to “uncivilized” parts of the globe. European colonial expansion from the mid-nineteenth through the mid-twentieth century was explicitly justified as a project of civilization, conjuring the gifts of social order, legality, reason, and religion as well as regulating manners and mores” (BROWN, 2006, p. 179-180).

¹⁵ “to contest and sometimes forth rightly oppose European hegemony” (BROWN, 2006, p. 180).

incorporados nas colônias, mas houve um processo de negação e de uma ressignificação. Também Marshall Sahlins (1997) faz uma crítica sobre uma ciência que pensa a ocidentalização como unilateral. Há de um lado, uma força que perpassa todas as esferas da vida social levando uma ideia de “civilização” a todos os cantos. Mas não há uma aceitação completa ou uma destruição completa dos modos de vida existentes. Segundo Sahlins, há os “sobreviventes”, aqueles que irão resistir,

Pois ao menos aqueles povos que sobreviveram fisicamente ao assédio colonialista não estão fugindo à responsabilidade de elaborar culturalmente tudo o que lhes foi infligido. Eles vêm tentando incorporar o sistema mundial a uma ordem ainda mais abrangente: seu próprio sistema de mundo (SAHLINS, 1997, p. 52).

O contato entre povos diversos não acontece unilateralmente, ele é sempre plural. Daí que quando os migrantes do sul global migram para os centros, migram com um imaginário do Ocidente como o criaram nos seus lugares de origem, e de outro lado o Ocidente parece não reconhecer ou não aceitar que os outros povos continuem sendo outros povos.

Wendy Brown também faz uma crítica à concepção ocidental da ciência, da economia liberal e sua relação com o conceito de tolerância. Segundo a autora, o efeito ocidentalizador ganhou respaldo dentro da academia como forma mais ampla de *ways of life*, compreendendo valores, literaturas, sistemas jurídicos e organização social (BROWN, 2006, p. 180). Além de mencionar outros autores, há uma crítica específica a Samuel Huntington e sua concepção de civilização ocidental única, singular. A autora aponta a incoerência no argumento de Huntington, no qual, apesar de reconhecer diferentes formas de civilização, reitera a superioridade da civilização Ocidental, não por ser universal, mas por ser única (*unique*).

Segundo Brown, essa pretensa superioridade da civilização ocidental fornece justificativa aos argumentos que tendem a perceber as diferenças em uma posição de relações binárias, ou seja, minimizando as inúmeras diferenças e similitudes numa comparação simplificada. Nesta simplificação, surge o discurso da tolerância como forma de expiação, justificativa para a superioridade requerida. Os defensores da tolerância a delimitam como um valor liberal, cristão, civilizacional e ocidental; os que estão em oposição a estes valores não usam de tolerância e devem ser, portanto, intoleráveis.

A oposição fica tão mais clara quanto mais força ganha a tese liberal, na economia quanto na política. De acordo com a autora, o liberalismo é a confluência de vários fatores que se consolidaram, sobretudo, em constituições liberais e em uma economia liberal de mercado, processos estes que fizeram parte de um mesmo projeto de expansão do Ocidente. Quanto mais

economias eram tomadas pelo capitalismo e pelas constituições liberais mais se reescrevia sobre o imaginário nacional e internacional que este era o projeto mais acabado da modernidade.

A autora enfatiza o processo pelo qual o liberalismo foi essencializado e extraído de sua materialidade histórica. Quando essa abstração acontece, o liberalismo aparece como fenômeno natural e irreversível.

(...) Sem o liberalismo, a cultura é concebida pelos liberais como opressiva e perigosa não apenas por seu desprezo pelos direitos e liberdades individuais e pelo Estado de Direito, mas também porque a inextricabilidade dos princípios culturais do poder, combinada com a natureza não universal desses princípios, a torna desprovida de responsabilidade judicial e política. Portanto, as culturas devem ser contidas pelo liberalismo, forçadas a uma posição na qual não faça nenhuma reivindicação política e seja estabelecida como opcional para os indivíduos. Em vez de um universo de ideias, valores e modos de estar juntos, a cultura deve ser reduzida ao status de uma casa na qual os indivíduos possam entrar e sair. O liberalismo representa a si mesmo como o único modo de governança que pode fazer isso (BROWN, 2006, p. 21-22, tradução nossa).¹⁶

Quando o liberalismo é abstraído do contexto histórico e social, se transforma em um dado da natureza. Este processo, segundo a autora, transforma a democracia liberal em única alternativa possível, a única com valores positivos e, se outros povos desejam uma democracia, estes devem fazer mediante um processo de despojamento de sua cultura. Dessa forma, o liberalismo se concebe como a-cultural, não passível de mudança e destino das civilizações humanas.

Segundo Brown, este processo de essencialização do liberalismo leva a uma intensificação das divisões de fronteiras, ampliando-as em aspectos sensíveis, emotivos e gradativos. O que permanece resguardado nesta proliferação de fronteiras é a preservação dos direitos definidos a uns e negados a outros. Aos outros nós toleramos, mas toleramos enquanto seu comportamento não recaia no que consideramos intolerável. O discurso da tolerância não é feito por força da lei, de uma regra ou por concentração de poder, mas está disseminado através das instituições do Estado, locais cívicos como escolas, igrejas, associações de bairro, grupos sociais e políticos, instituições internacionais e fóruns (BROWN, 2006, p. 04).

As consequências do discurso da tolerância, segundo Brown, podem ser sentidas numa crescente despolitização nas democracias liberais. Despolitização que inclui a construção de

¹⁶ (...) Without liberalism, culture is conceived by liberal as oppressive and dangerous not only because of its disregard for individual rights and liberties and for rule of law, but also because the inextricability of cultural principles from power, combined with the nonuniversal nature of these principles, renders it devoid of judicial and political accountability. Hence cultures must be contained by liberalism, forced into a position in which it makes no political claim and is established as optional for individuals. Rather than a universe of organizing ideas, values, and modes of being together, culture must be shrunk to the status of a house that individuals may enter and exit. Liberalism represents itself as the sole mode of governance that can do this (BROWN, 2006, p. 21-22).

desigualdades e que, por outro lado, tem o foco da solução de conflitos na conduta do indivíduo. Nas democracias liberais, a liberdade é reduzida a direitos estabelecidos em lei ao mesmo tempo em que as leis não são formuladas para incorporar indivíduos que não estão de alguma forma representados nas leis existentes. Quando o movimento democrático procura modificar legislações ou fazer novas legislações que incluam a pluralidade das formas de vida e que, principalmente, atendam demandas de grupos há muito tempo marginalizados, vemos que se amplifica, não apenas na extensão, mas também em grau de repercussão, um movimento reacionário de grupos que pretendem barrar a ampliação de direitos. Estes grupos são eficazes em mostrar como a política e os políticos estão defasados e, ao focar seus discursos em uma análise de curta duração, transferem um grau de legitimidade a suas falas de esvaziamento da política, de esgotamento do público e de ineficiência burocrática. Mas seus discursos não endossam o aperfeiçoamento destes campos, e sim a destruição do que existe.

Para Todorov (2012) o liberalismo não cria apenas a despolitização, mas também o fortalecimento de um populismo disseminado nos governos, partidos políticos, nas instituições cuja resposta às demandas que a globalização produz é de um ressurgimento do nacionalismo patriótico e étnico. Em “Inimigos íntimos da democracia” (2012) o autor desenvolve a tese de que o messianismo político, o ultraliberalismo e o populismo tornaram-se inimigos internos à democracia, ou seja, foram desenvolvidos dentro da democracia, mas que, radicalizados pelas mudanças das últimas décadas, se voltaram contra seus valores principais, a liberdade e a igualdade.

A concentração de capital na mão de um ou de grupos põe em risco o princípio do próprio liberalismo que, segundo Todorov, é garantir a complexidade das ações dos indivíduos. Assim, poucas empresas podem decidir pelo futuro do Estado ou dos Estados, pois muitas vezes concentram mais capital do que o PIB de um país. Por outro lado, também podem financiar partidos políticos em eleições fazendo ganhar seus candidatos. Podem também fazer pressão ao governo, determinando suas ações e políticas. Toda pluralidade que pretende a democracia estaria ameaçada, assim como está ameaçada a defesa dos ideais de bem comum. Por isso, o autor reitera que na democracia não pode haver a exacerbação de um princípio apenas, não somente a igualdade ou a liberdade, mas um equilíbrio e a ação conjunta de todas as partes. A liberdade sem nenhum freio deixa de ser liberdade e passa a ter o mesmo princípio dos totalitarismos. Só pode haver liberdade se um mínimo de ação é garantido a todos os indivíduos, mas se a liberdade é restrita a uns e em contraposição parte da sociedade é subjugada aos interesses de poucos, a liberdade de uns traz a escravidão, a submissão e a não liberdade de outros.

O liberalismo ilimitado influencia diretamente na forma de relações políticas na democracia, daí que para Todorov as ações das empresas irão influir tanto nos partidos quanto no comportamento dos políticos fazendo emergir novas versões de populismo. O autor aponta que desde os anos 2000 vêm surgindo vários partidos políticos na Europa que carregam em suas siglas a defesa da democracia e da liberdade, mas agem antidemocraticamente e contra a liberdade de outros povos. Estes partidos ganham apoio popular ao relacionar problemas e conflitos nos Estados à vinda de imigrantes para a Europa. Destes migrantes, uma grande parte é de origem islâmica. Desde as guerras de origem humanitária contra o terrorismo, as pessoas de origem islâmica são associadas ao inimigo terrorista, e novamente podemos pensar em como as características culturais são importantes meios de dominação e conquista.

Nesta construção valorativa, os “outros” estão sempre em oposição e não em cooperação. No populismo, este “outro” tende a ser de outra nacionalidade devido ao fortalecimento da ideia de um nacionalismo original. O populismo adere às massas, porém essa massa não é exaltada pela sua diversidade, mas por alguma característica que, defendida, exaltada, se converte em algo que *deveria* estar em todos.

A abertura de fronteiras sempre foi defendida pelos Estados ocidentais enquanto levavam suas empresas, governos, economia, culturas a outros povos. Mas quando um movimento inverso acontece, quando suas ex-colônias migram para os países onde o ideal democrático foi propagandeado, para países onde a ideia de desenvolvimento e de liberdade é divulgada, neste momento a globalização traz consequências que os países ocidentais consideram indesejadas.

A globalização da economia, por sua vez, obriga suas elites a ir aos quatro cantos do planeta, ao mesmo tempo que impele os operários a seguir para onde puderem encontrar trabalho. A população dos países pobres tenta por todos os meios ter acesso ao bem-estar dos países industrializados, a fim de encontrar aí as condições de uma vida decente (TODOROV, 2012, p. 182).

Na falta da materialidade dos conceitos de individualismo e globalização, o elemento identificável deste processo são os imigrantes. Eles, que também estão sofrendo as consequências deste processo, são reconhecidos como os causadores das desordens decorrentes da sua chegada ao novo continente.¹⁷

¹⁷ Se atentarmos para os dados da ACNUR, podemos refletir se as políticas de fronteira dos grandes centros estão sendo efetivas na contenção das migrações, uma vez que os países que mais recebem refugiados são países do Sul global, países em desenvolvimento, e por vezes onde estão localizadas as reais fronteiras das metrópoles. Segundo o relatório “Tendências globais em 2017” do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, a Turquia foi pelo quarto ano consecutivo o país que mais recebeu solicitações de refúgio, seguida por Paquistão, Uganda, Líbano, Irã, Alemanha, Bangladesh e Sudão. Se por um lado muitos destes países fazem fronteira com

Neste sentido, o processo de expansão sobre territórios também mobiliza vários processos culturais de expansão e contração, de dominação e subjugação, de significação e ressignificação. Trata-se de um processo complexo no qual as pessoas precisam entender dentre várias imposições os meios viáveis de luta e sobrevivência ao mesmo tempo em que estes meios são reconfigurados por eles e pelos outros. O efeito ocidentalizador não torna todos ocidentais, mas colocou em questão as divisões e as fronteiras, assim como a migração coloca em xeque a noção de direitos e conquistas.

Ao mesmo tempo que o efeito ocidentalizador provocou rupturas nas sociedades periféricas, agora, nesta nova fase da migração, o Oriente provoca rupturas no Ocidente, na concepção de democracia e direitos. Faz-se necessário pensar uma outra forma de acesso aos direitos, garantindo a inclusão de pessoas de diferentes culturas e não as excluindo. Essa é uma proposta que Beck (2015) faz quando pensa a globalização como um processo de cosmopolitização irreversível. A globalização nos força à imersão em outras culturas e isso precisa ser transformado em experiências positivas. A cosmopolitização é um processo no qual poderia se pensar todo processo expansionista da humanidade, no entanto, no momento atual, produz efeitos específicos que forcem as sociedades a darem respostas cada vez mais globais. Ele usa o conceito de cosmopolitização para diferenciar de globalização, pois se trata de evidenciar uma mudança no modo de vida, nos valores, na necessidade de uma nova forma de fazer política. Não é apenas uma fase de transformações econômicas, mas fomos forçados a conviver com suas consequências.

O autor também usa cosmopolitização como um movimento específico da modernização reflexiva ou segunda modernidade. Durante o que o autor chama de primeira modernidade, a fase capitalista do século XIX e primeira metade do XX, foi marcada pela produção capitalista em massa e expansionista que tinha como cerne a produção de riquezas. Toda a corrida pela industrialização mantinha como ideal a participação na produção de riqueza e assim de sua parcela de participação na riqueza mundial. Não produzir industrialmente poderia significar ficar fora da distribuição do bolo. Neste sentido, tanto a riqueza quanto a pobreza eram localizadas, e a sua produção dependia de acordos internacionais e bilaterais. Com o final da Segunda Guerra Mundial, mas muito mais com o que significou simbolicamente e materialmente o fim da URSS, houve uma ampliação de produtividade, de circulação de mercadorias (sejam elas trabalhadores ou seus produtos) e a necessidade da ampliação de acordos multilaterais atendendo à complexidade da produção mundial. Essa fase do final do

os países de origem destes refugiados, sabemos por outro lado que as dificuldades em ser reconhecidos como refugiados nos países centrais condicionam estas pessoas na fronteira limite de sua existência.

século XX e início do XXI, a qual ainda é muito recente, o autor denomina segunda modernidade ou modernidade reflexiva. O essencial do conceito de cosmopolitização desta fase é que não existe mais uma localização de riquezas ou desigualdade, mas a industrialização da fase anterior e sua continuação de diferentes formas, atualmente, ampliaram a produção de riscos.

O autor reflete principalmente sobre os riscos ambientais, como por exemplo, o que o derretimento das calotas polares pode alterar no regime de chuvas, aquecimento das águas dos oceanos, tsunamis, além de interferir na reprodução das espécies marítimas e terrestres. Não há como culpabilizar apenas um agente (uma empresa ou um Estado), mas ao mesmo tempo todos estarão propensos a sofrer as consequências de forma indiscriminada, as catástrofes ambientais-ecológicas podem atingir cidadãos do Terceiro Mundo assim como de países desenvolvidos. Por isso, para o autor, é extremamente necessário se tornar cosmopolita, ou seja, encontrar novas formas de resolver os problemas da cosmopolitização e não tentar vestir de roupa nova as respostas aos problemas do século passado, ele se refere principalmente às tentativas de retornar ao nacionalismo patriótico e étnico.

Enquanto a *cosmopolitização* é passiva, não há como revertê-la, a *visão cosmopolita* é ativa, parte de pessoas ou grupos que pensam por uma nova visão, em formas de superar os desafios da cosmopolitização, mas ampliando direitos e não os restringindo. Essa nova postura, da visão cosmopolita, não é uma ação voluntária e consciente, mas nos é forçada pelos acontecimentos da cosmopolitização real e “deformada”, nos exemplos do autor. “O conceito de ‘cosmopolitização’ deve nos fazer ver que ‘tornar-se cosmopolita’ da realidade também se impõe, ou melhor, como uma escolha forçada ou como consequência de decisões inconscientes” (BECK, 2015, p.32, tradução nossa).¹⁸

Para Beck (2015) e Sassen (2010), não podemos mais recorrer ao nacionalismo metodológico para as questões que estamos enfrentando a nível global. Uma vez que nos relacionamos economicamente e politicamente em nível global, os problemas que atingem os deslocados forçados não devem ser tratados como problemas nacionais. Para os deslocados, a documentação é crucial para se fazer valer sua cidadania, sua plena condição de vida. A não discussão destes problemas em nível global aumenta ainda mais as manifestações xenofóbicas e causam ainda mais dano para as populações que sem saída são obrigadas a fugir de suas casas.

Se durante a primeira modernidade, o Ocidente ia ao Oriente e às Américas em busca

¹⁸ “El concepto de ‘cosmopolitización’ debe hacernos ver que ‘volverse cosmopolita’ de la realidad se impone también, o incluso más bien, como una elección forzosa o como una secuela de decisiones inconscientes (...)” (BECK, 2015, p.32).

de matérias-primas, mobilizando o comércio intercontinental, mas mantendo suas fábricas estabelecidas em suas fronteiras, na segunda modernidade, essa migração tem o sentido inverso, muitas vezes não voluntário, mas de recorrer ao Ocidente em busca de trabalho, de direitos, de uma forma de vida almejada, ou o contrário, fugindo. Especialmente sobre os refugiados, a questão é ainda mais importante. Não existe um consenso sobre o termo refugiado ou migrante ambiental para aqueles que se deslocam em razão de desastres ambientais. Também não existe um dado específico para tal migração. O ACNUR engloba os deslocados ambientais tanto nos dados de deslocados internos, para aqueles que não deixaram seu país de origem, quanto nos dados de refugiados, para aqueles que saíram de seu país de origem.

Segundo o “Relatório global sobre deslocamento interno” (GRID, 2018)¹⁹ do Centro de monitoramento de deslocamento interno (IDMC), estima-se que em 2017, 18,8 milhões de pessoas tenham se deslocado de seu lugar de residência por desastres ambientais, 18 milhões afetados por desastres relacionados ao clima, enchentes, tempestades, ciclones, furacões, e oitocentos mil relacionados a desastres geofísicos, terremotos e erupções vulcânicas. Os números de deslocados por desastres ultrapassa e muito o número de deslocados por conflitos e violência, que em 2017 foi estimado em cerca de 11,8 milhões de deslocados por conflitos armados e diversos tipos de violência. Enquanto a África subsaariana, o Oriente Médio e o Norte da África concentram o maior número de deslocados por conflitos e violência (46,4% e 38,1% respectivamente, do total global), a Ásia (leste asiático e região do Pacífico, principalmente) e as Américas (América do Norte e Caribe, principalmente) concentram o maior número de deslocados por desastres ambientais (45,8% e 23,8%, respectivamente, em relação ao total global) (GRID, 2018).

É esta probabilidade do risco e as incertezas de quem será atingido o mote da modernidade reflexiva. Para poder pensar nestes problemas sem que fiquemos presos às tentativas de voltar ao passado, pois nada garante que este tenha sido melhor, é necessário na visão do autor de uma virada epistemológica em busca de um método cosmopolita de olhar a realidade. É neste sentido também que podemos refletir sobre as questões migratórias, seja em busca de trabalho, moradia, direitos, ou pela fuga das guerras, da fome, ou de desastres ambientais. Especialmente, sobre a migração haitiana, devemos considerar que a migração é um fator histórico no país tanto por motivos de conflitos e violência, quanto ficou evidente no fluxo migratório para o Brasil de como a região em que se encontra o Haiti é sensível às questões ambientais e climáticas.

¹⁹ Em inglês, Global report on internal displacement (may, 2018), produzido pelo Internal displacement monitoring centre (IDMC).

2.5 Considerações

Na primeira parte desta seção, introduzimos e refletimos acerca de questões amplas sobre a migração que estão relacionadas diretamente com a configuração política, econômica, cultural, social, territorial e jurídica da sociedade contemporânea. Apresentamos autores da perspectiva teórica por meio das quais pensamos nosso objeto de estudo e que norteiam o direcionamento teórico-metodológico de nossa pesquisa. Acreditamos ser importante discutir as mudanças ocorridas nas formas como se consolidaram Estado-nação e produção capitalista em nosso passado recente. São essas dimensões constitutivas do projeto Ocidental de Modernidade (GIDDENS, 1991, p. 189). Segundo Giddens, “a modernidade é inerentemente globalizante” e está a todo momento encaixando e desencaixando os indivíduos entre as dimensões local e global. “Muitos dos fenômenos frequentemente rotulados como pós-modernos, na verdade, dizem respeito à experiência de viver num mundo em que presença e ausência se combinam de maneiras historicamente novas” (GIDDENS, 1991, p. 192).

Entender a migração dentro da modernidade reflexiva é entender a migração como um fenômeno desencadeado a partir de rearranjos configuracionais, entre presença e ausência, Estado-nação e produção capitalista, redirecionando o fluxo de circulação de capitais e pessoas intra e entre *fronteiras* pelo mundo.

A partir da próxima subseção, iremos analisar como o Brasil se insere no processo de globalização nas últimas décadas, destacando eventos que consideramos importantes para situar a migração haitiana para o Brasil, como parte deste processo de deslocamentos amplificados pela globalização. Posteriormente, nos ateremos à cidade de São José do Rio Preto, suas características históricas e econômicas e sobre como a imigração haitiana se configura nesta cidade.

2.6 O Brasil dentro do processo de globalização.

No Brasil, a ocidentalização teve uma mudança significativa após a década de 1980, com a abertura econômica. Se antes a Europa era a grande difusora cultural, após essa década, os EUA tiveram uma forte influência sobre a vida cultural no país, não se distanciando do que ocorreu também na maioria dos países após as duas grandes guerras, e principalmente após a queda do muro de Berlim. A política de abertura econômica começou a ser adotada no Brasil durante os governos de Fernando Collor de Mello, com a Política Industrial e de Comércio Exterior, PICE, e o Programa Nacional de Desestatização, e durante o governo seguinte, de

Fernando Henrique Cardoso, com programa de privatizações, valorização do câmbio, redução de tarifas de importação e o Programa de Estímulo à Reestruturação e ao Fortalecimento do Sistema Financeiro Nacional, PROER. Essas medidas ganharam força diante do crescimento da inflação (PINHO; VASCONCELOS, 2006, p. 472-480).

A abertura econômica se consolidou com a vinda de empresas estrangeiras para o Brasil, a privatização de empresas estatais, a desregulamentação do mercado intrabloco – Mercosul, e o aumento de acordos extracontinentais o qual possibilitou o fluxo de capital, mercadoria, trabalhadores com baixa e com alta qualificação. Uma política internacional cada vez mais multilateral desde o governo de Fernando Collor, passando por Itamar Franco, Fernando Henrique e consolidada com o governo Lula. O Brasil conseguiu, através de sua preponderância econômica sob a América Latina, conquistar maior visibilidade no cenário internacional.

Se considerarmos a década de 1980 como o período de consolidação da globalização, como entende Saskia Sassen (2010), entre outros autores, o Brasil se insere na globalização ao mesmo tempo que a maioria dos outros países, mas com as especificidades da situação política e econômica da época. A literatura sobre o período considerado “abertura econômica” no Brasil é vasta, basicamente dividida em análises que abarcam os períodos de 1980 a 1994, 1994 a 2000, 2003 a 2009. Não pretendemos refazer toda essa discussão, mas pontuar algumas mudanças importantes na sociedade nestes períodos. Escolhemos recorrer para esta contextualização aos textos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), por ter como finalidade produzir análises sobre as mudanças econômicas e sociais, por produzir relatórios referentes às políticas públicas existentes, e por conter análises que são do Instituto enquanto aparato estatal, mas também contém a produção de certa forma independente dos autores e analistas. Não se trata, no entanto, de uma análise dos relatórios do instituto.

Se na década de 1980 um número cada vez maior de países possuía relações econômicas, políticas, sociais e culturais globais, a forma como essa inserção na globalização acontece é diferente para cada um destes países. Na década de 1980, vigora na literatura uma divisão bem clara entre países desenvolvidos e países subdesenvolvidos, haja vista aqui no Brasil as análises da Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe – CEPAL e as discussões acerca do desenvolvimento e dependência. Apesar de o Brasil ser o país da América Latina com maior número de relações internacionais, ele se inseriu na globalização enquanto país subdesenvolvido e bastante vulnerável economicamente, afinal, ela coincidiu com a crise da década de 1980 que atingiu o Brasil de forma significativa. Com efeito, houve o aumento da dívida externa devido aos empréstimos da década anterior, a taxa de juros flutuante e o aumento constante da inflação. Foi nesse momento, inclusive, que o Brasil recorreu ao Fundo Monetário

Internacional – FMI – após a crise em 1982 e em 1987 decorrentes do choque do petróleo. Em troca, os países que recorriam ao FMI e ao Banco Mundial teriam que adequar suas políticas econômicas ao ajuste fiscal.

O Brasil postergou a política de austeridade até a década de 1990, quando elas começaram a ser postas em prática. No livro “A abertura comercial brasileira nos anos 1990: impactos sobre emprego e salário” (KUME; PIANI; SOUZA, 2003) especialmente no capítulo 1, “A política brasileira de importação no período 1987-98: descrição e avaliação” há um detalhamento das políticas econômica, fiscal e cambial neste período. Basicamente, as mudanças foram acerca da exportação e importação. Produtos que pudessem ser competitivos no exterior tiveram alíquota reduzida, especialmente produtos agrícolas, enquanto aqueles que não eram competitivos, apesar de sofrer redução, ainda permaneceram com tarifas relativamente altas. Isto porque a política de abertura econômica propiciava a maior entrada de capital estrangeiro, de empresas estrangeiras, de produtos com alto valor agregado como é o caso de produtos industrializados.

Com o aumento da competitividade entre as empresas nacionais e as multinacionais, houve, após 1994, um período acentuado de desemprego, sobretudo para aqueles que possuíam baixa escolarização, até quatro anos de estudo, segundo o Texto para Discussão, “Pobreza e desigualdade no Brasil: o esgotamento dos efeitos distributivos do plano real” (2000).

Como é compreensível, a reestruturação e a modernização produtiva têm um impacto mais adverso para os indivíduos com menor nível de escolaridade — até quatro anos de estudo. Entre o segundo semestre de 1994 e maio de 1999 foram extintos 1,3 milhão de postos de trabalho para indivíduos com esse nível de qualificação. Como efeito combinado da perda de postos de trabalho e da queda do rendimento médio, o rendimento total dos trabalhadores com menos de quatro anos de escolaridade, que ainda representam cerca de 1/4 da mão-de-obra metropolitana, caiu 11% no último ano (ROCHA, 2000, p. 15).

No entanto, houve redução da pobreza em áreas não metropolitanas e aumento da renda real para os extratos mais baixos, somados o rendimento salarial à ajuda dos programas assistenciais, mantendo o nível de pobreza menor, de 44% em 1993 para 33,3% em 1995. Contudo, os efeitos da política distributiva do Plano Real se estabilizaram em 1996, mantendo a pobreza neste mesmo patamar. A autora ainda reforça que o plano de estabilização de 1994 foi significativo para diminuir a pobreza, mas não para diminuir a desigualdade, pois 34% ainda era um alto índice de pobreza, além do agravamento da fome, manutenção do analfabetismo

entre outras questões sociais (ROCHA, 2000)²⁰.

A partir do ano 2000, o país começou a se destacar dentre os países da América do Sul. O aumento da industrialização e a recente estabilidade econômica produziram certa influência entre os países vizinhos. Após as eleições, a estratégia do governo Lula quanto à política internacional foi melhorar a política econômica entre os países da América do Sul. Tal fortalecimento do Mercosul significou, por um lado, o aumento do trânsito de pessoas entre estes países, aumentando assim os fluxos migratórios e a imagem do país dentre diversas culturas, por outro lado, o Brasil se destacou como líder dos países membros do Mercosul, seja pela densidade populacional, seja pela influência que exercia economicamente em questões diplomáticas e políticas. Apesar de o desempenho econômico do Brasil ter sido muito tímido se comparado aos países desenvolvidos, esta “liderança” colocou o Brasil dentro do grupo de países com economia emergente, chamados “BRIC”, junto com Rússia, Índia e China (OLIVEIRA; WOLF, 2016). Países que apresentaram grande crescimento econômico na última década, sendo alavancados em grande parte pela dimensão do crescimento da economia chinesa.

De acordo com o capítulo “O Brasil emergente e a integração Sul-Americana”, da pesquisa “Brasil em desenvolvimento 2015: Estado, planejamento e políticas públicas” (2015), o país teve um avanço tanto econômico quanto social, com a diminuição da pobreza e da desigualdade, baseado na valorização do salário mínimo e aumento de empregos formais, “continuidade das políticas de controle de preços; a elevação da corrente de comércio e a recepção de capital produtivo e financeiro” (NETO; BARROS, 2015, p. 205). Segundo os autores, o governo percebeu que só conseguiria minimizar os impactos da globalização através do fortalecimento das relações Sul-Sul. Neste sentido, houve fortalecimento do Mercado Comum do Sul – Mercosul, que foi criado em 1991, mas teve um relançamento em 2003, com o Consenso de Buenos Aires, um acordo entre Brasil e Argentina, que pretendia ampliar as relações para as dimensões sociais, políticas, participativas e distributivas além da relação econômico-comercial.

²⁰ Em outro Texto para Discussão, do Ipea, Campos (2015) apresenta os dados sobre a pobreza no Brasil no período de vinte anos. Como Rocha (2000), Campos salienta que os dados sobre pobreza permaneceram em níveis elevados até 2003, quando começa a apresentar queda significativa até 2013: “Entre 1992 e 1993, a taxa de pobreza (fração da população com renda domiciliar per capita inferior à linha de pobreza) aumentou de 42,1% para 43,0%. Entre 1993 e 1995, diminuiu de 43,0% para 35,1%. Entre 1995 e 2003, manteve-se no entorno dos 35,0%. Por fim, entre 2003 e 2012, diminuiu ano após ano, chegando a “apenas” 15,9% da população (CAMPOS, 2015, p. 29).

De fato, em 2005, na Primeira Reunião de Chefes de Estado e Chanceleres da Casa em Brasília, o comércio já não figurava como área de ação prioritária. Elas passaram a ser: o diálogo político; a integração física; o meio ambiente; a integração energética; os mecanismos financeiros sul-americanos; as assimetrias; a promoção da coesão, da inclusão e da justiça sociais; e as telecomunicações (NETO; BARROS, 2015, p. 211).

Foi instituído o “Programa de Trabalho do Mercosul 2004-2006”, com planos de ações voltados para quatro grandes áreas: 1) Mercosul Econômico-Comercial, que buscava consolidar a Tarifa Externa Comum (TEC) e voltada para a questão produtiva, de integração econômica e comercial. 2) Mercosul Social, ampliação de programas sociais e culturais, também quanto à circulação de trabalhadores e promoção de direitos, educação e participação da sociedade civil. 3) Mercosul Institucional, especialmente com a criação do Parlamento Mercosul (Parlasul). 4) Nova Agenda da Integração, com a promoção de cooperação em ciência e tecnologia, integração física, de energia e comunicações através do marco da Iniciativa para a Integração da Infraestrutura Sul-Americana (IIRSA) (NETO; BARROS, 2015).

Cada uma destas áreas teve desenvolvimento diferente, com avanços e falhas. O que cabe dizer aqui é a amplitude que o projeto do Mercosul ganhou neste período. Apesar de qualquer dificuldade na realização deste programa, podemos dizer que o maior objetivo desta relação com o Sul foi alcançado, ou seja, o aumento da participação de voto nas agências da ONU. Neste período, houve o aumento de cooperações Sul-Sul, a ampliação de debates sobre temas globais, a expansão do mercado para acordos multilaterais, ampliação da capacidade energética, redução de tarifas comerciais, a garantia de livre circulação entre as fronteiras e a criação de estratégias e órgãos para o acompanhamento destas políticas.

Essa dinâmica de crescimento muda a partir de 2011, reflexo da crise mundial de 2008, principalmente depois que esta atinge a China, principal país de exportação-importação do Brasil e do Mercosul. A situação econômica para o Brasil e o Mercosul pioram neste momento quando a China reduz a compra de matérias-primas, somado à diminuição do valor das *commodities* e o aumento da oferta destas.

Neto e Barros (2015) apontam para a ampliação da influência do Brasil sobre a América Latina como um fato considerável até 2011. Além da ampliação do Mercosul com a incorporação de vários outros Estados, também há o aumento da cooperação com países da África, Ásia e Oriente Médio e a criação ou mobilização para acordos dentro da América Latina como é o caso da reorganização da União de Nações Sul-Americanas – UNASUL – em 2007, assinatura do Tratado de Consolidação, em 2008, e também da constituição da Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (Celac) em 2011.

Todas essas ações tiveram impacto na visibilidade do Brasil no cenário internacional.

No capítulo, “A presença brasileira nas operações de paz das Nações Unidas”, do livro do Ipea “Inserção internacional brasileira: temas de política externa” (ACIOLY; CINTRA, 2010), os autores fazem uma análise da participação do Brasil nas missões de paz da ONU, na qual podemos refletir sobre a dimensão que esta estratégia de internacionalização buscou produzir.

O Brasil participa das Missões de Paz desde 1957 na UNEF I – Canal de Suez, Sinai, Faixa de Gaza. Desde então participa das operações possíveis, contabilizando participação em 34 operações e participação do comando em muitas delas. Entre todas estas, aquela em que o Brasil mais colaborou com efetivo militar e civil, assim como financeiramente, foi na Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti (Minustah). Na época da publicação (2010), como consta no artigo, o Brasil tinha um efetivo de 1.266 militares e 16 em STAFF Administrativo de um total de 1.340 militares de onze operações em vigor naquele momento pelo Brasil²¹. Financeiramente, desde 1999, com a criação do Ministério da Defesa, as duas missões em que o Brasil mais investiu foram no Timor Leste com cerca de 37 milhões de reais e no Haiti no qual se investiu entre 2004 e 2009 cerca de 637 milhões de reais (ACIOLY; CINTRA, 2010, p. 422).

Este aumento de participação, segundo a publicação, se deve tanto pelo momento econômico que o país vivia quanto pela sua liderança na América Latina. Segundo os autores, todo Estado tem em vista aumentar seu efetivo de tropas nas missões de paz da ONU, pois a maior parte do orçamento da ONU está no Departamento de Operações de Paz – DPKO. Durante o período de 2008 e 2009, o orçamento do DPKO era de cerca de 7,5 bilhões de dólares, enquanto o orçamento da Assembleia Geral das Nações Unidas foi cerca de 3 bilhões de dólares. Assim, a condição favorável de estabilidade econômica, visibilidade internacional e melhoria de indicadores sociais pela qual passava o Brasil esteve em conjunto com o projeto de conseguir maior inserção política internacional, especialmente no que se trata à participação no Conselho de Segurança das Nações Unidas como membro permanente.

Apesar de o país ter participado ao longo destas décadas de missões de paz, ainda está longe uma participação efetiva no Conselho de Segurança. O Brasil faz parte do G-4 juntamente com Alemanha, Índia e Japão, países que buscam há vários anos a ampliação do número de países membros do Conselho de Segurança, o que ocasionou uma proposta de Reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas²². O que está em jogo, segundo os autores, não é

²¹ “O contingente militar brasileiro dividiu-se em três unidades militares: um Batalhão de Infantaria (Brabat), um grupamento operativo de fuzileiros navais (Bramar) e uma companhia de engenharia militar (Braengcoy). Ao longo de treze anos, 26 contingentes e 37,5 mil soldados brasileiros passaram pelo Haiti” (BRASIL, [201?]c)..

²² Esta proposta de reforma pode ser consultada em página eletrônica específica dentro do site do Ministério das Relações Exteriores (BRASIL, [201?]d).

tornar o Brasil uma potência bélica, o que estaria longe de acontecer, mas “uma maior participação nos foros de deliberação em âmbito mundial” (ACIOLY; CINTRA, 2010, p. 424), e isto deve acontecer a partir de sua maior responsabilidade no que tange a possibilidades de agir no âmbito regional.

Nesta subseção sobre a inserção do Brasil no contexto de globalização, buscamos fornecer um panorama dos esforços brasileiros numa maior internacionalização da política externa e como estas medidas levaram a uma maior influência do Brasil no âmbito regional do Sul global. Vimos que no cenário brasileiro até 2011, para ficarmos restritos ao momento em que a crise vem atingir o país de maneira mais severa, a perspectiva era de ampliação de sua visibilidade no cenário internacional. A presença brasileira no Haiti durou de 2004 a 2017, ou seja, durante o período em que durou a missão. A migração de haitianos para o Brasil se intensifica após o terremoto de 2010. A migração haitiana para o Brasil, assim como de forma geral as migrações vindas do Sul Global, podem ser analisadas sobre a influência brasileira nestes países. Uma maior participação brasileira no contexto global com presença militar e econômica colocaram o Brasil também na rota de migrações. Estranho seria se apesar de tal influência nenhum novo fluxo migratório se destinasse ao país. Assim, não se justifica um não planejamento de política migratória e de acolhimento no país, como vimos com a chegada de migrantes haitianos após 2010. Na próxima subseção, iremos situar a migração haitiana na cidade de São José do Rio Preto, de onde observamos características desta migração na cidade e sobre as dificuldades, necessidades e caminhos que os migrantes percorrem para se estabelecerem na cidade.

2.7 Localizando São José do Rio Preto no debate.

Nesta subseção, iremos desenhar e delinear o espaço onde aconteceu a pesquisa de campo. Falaremos das características da cidade, assim como do seu potencial de atração de migrantes e sobre sua relevância como lugar de destino de haitianos no estado de São Paulo²³. A cidade de São José do Rio Preto fica localizada a 442 quilômetros da capital São Paulo, na região Noroeste do estado. Sua fundação data de 1852 e seu desmembramento de Jaboticabal é de 1894.

²³ Parte destas reflexões foi apresentada na XVII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Disputas hegemônicas e processos emancipatórios no Brasil Contemporâneo, 2018, Araraquara-SP (SILVA, 2018).

A história de São José do Rio Preto está em consonância com a história do povoamento do estado de São Paulo. Surgiu com o avanço da fronteira agrícola, com o desmatamento e cultivo do café e algodão, inicialmente. Passados os primeiros anos de plantio do café, como o solo era mais arenoso, houve o declínio da produtividade passando a coexistir diferentes culturas e a criação de animais, o que ocorreu com grande parte da região oeste do estado de São Paulo. Seu desenvolvimento está relacionado com a construção da estrada de ferro, na linha de Araraquara até a divisa de estado com Mato Grosso do Sul, tendo chegado a São José do Rio Preto em 1912. Assim é citado no livro de Pierre Monbeig, “Pioneiros e fazendeiros de São Paulo” (1984):

Já foi frequentemente assinalada a importância, no Brasil, das cidades que se chamam “boca do sertão”, as quais se situam na orla das zonas em que começa a penetrar o povoamento, bem como das cidades denominadas “pontas de trilhos”, terminais provisórios das ferrovias. Ambas as situações são evidentemente privilegiadas. Com isso nada têm a ver as funções físicas, e talvez não seja exagero atribuir ao fato um simples golpe de sorte.

Se Rio Preto se manteve, mais de dez anos, na condição de estação terminal, foi por causa de dificuldades financeiras, de modificações no estatuto da Companhia de estrada de ferro. E por muito tempo parou a Paulista em Piratininga, por causa da Primeira Guerra Mundial (MONBEIG, 1984, p. 348).

As cidades onde se localizavam o final dos trilhos eram responsáveis por captar todo fluxo de mercadoria que até então chegava esparsamente e com dificuldade. Tornava-se, portanto a cidade mais frequentada da região. Por ocasião da construção da continuação da estrada de ferro também eram desenvolvidos ali hospedagens e lugares de alimentação que depois eram frequentados por comerciantes. Como assinala Monbeig, São José do Rio Preto permaneceu por dez anos como ponto final da linha ferroviária concentrando o desenvolvimento da região e desenvolvendo desde o início o setor de serviços.

Em Rio Preto, remontaria o primeiro estabelecimento a 1842, mas foram insignificantes os progressos até o início do século XX. O impulso foi verdadeiramente desencadeado com a chegada dos primeiros trens, em 1912: de 120 fogos em 1898, passou a cidade a mais de 2000 casas, em 1919; subiu a receita municipal de 100.000\$000, em 1912, a 320.000\$000, em 1917, e 470.000\$000, em 1919. Torna-se então Rio Preto o centro para o qual convergem as colheitas de uma região imensa que se estende, para oeste, de Palestina. Quando, em 1922, tocou a Mirassol ser ponta de trilhos, era a solidez de Rio Preto firme bastante, para que não sofresse concorrência, tanto mais que entravam em linha os primeiros caminhões, e estendiam ainda em maior escala o raio de ação de uma cidade, cujo renome não padecia dúvidas, no sertão (MONBEIG, 1984, p. 349).

São José do Rio Preto foi, assim, a cidade mais importante da região Noroeste do estado, tendo como “vizinhas” outras capitais regionais como Ribeirão Preto, Araçatuba e Bauru.

Apesar de a cidade ter sido povoada inicialmente por mineiros, como ocorreu em todo o meio oeste do estado, a presença dos índios, de mata fechada, e a alta produtividade das terras roxas da região de Botucatu fizeram com que o povoamento efetivo só ocorresse no início do século XX. E, na medida em que a franja pioneira se estendia, também atraía grande número de migrantes com a possibilidade de adquirir terras baratas.

Em 1993 o Núcleo de Estudos de População – NEPO, publicou uma pesquisa sobre a Região de Governo de São José do Rio Preto no qual observava as transformações da região nas décadas de 1970 e 1980. Essas transformações se caracterizavam pela concentração de população urbana na região e principalmente pela alta taxa de crescimento de São José do Rio Preto e cidades próximas como Mirassol e José Bonifácio em detrimento de decréscimo na população de municípios mais distantes. São José do Rio Preto se tornou polo de concentração de migrantes das cidades da região de governo.

A expansão da produção agroindustrial associada ao mercado externo favoreceu o aumento da oferta e a manutenção de empregos diretos e indiretos e uma conjuntura econômica regional menos atingida pelas crises periódicas da economia nacional. As novas demandas regionais incluíram a diversificação de atividades terciárias (consultorias especializadas, jornais, TV, dinamização dos transportes, entre outros) e o fortalecimento de núcleos urbanos. Assim, observa-se que enquanto a população urbana do Estado teve um acréscimo nos períodos 1970/80 de 40,90% e 1980/91 de 25,10%, a população urbana da RG de Rio Preto aumentou, respectivamente, 71,45% e 50,08% (VIDAL, 1993, p. 48).

Um fato importante de mencionar citado por Vidal é que a cidade de São José do Rio Preto participou de um projeto financiado pelo Banco Mundial entre o final da década de 1970 e 80, intitulado “Projeto Especial Cidade de Porte Médio”²⁴. O “Projeto Cidades de Porte Médio” com investimento do Banco Mundial durou 10 anos, de 1976 a 1986. E segundo Steinberger e Bruna possuiu três momentos:

(...) no primeiro, de 1976 a 1979, foi implantada uma versão do programa denominada “Apoio às Capitais e Cidades de Porte Médio” ou CPM/Normal, comandada exclusivamente pelo governo brasileiro; o segundo, que abrangeu o biênio 1980/81, pode ser caracterizado como misto, uma vez que se deu continuidade à versão anterior,

²⁴ Em inglês “Medium-Sized Cities Project”. Documentos sobre o projeto estão disponíveis no site do Banco Mundial, em *Publications, Documents and Reports*. O relatório do Banco Mundial sobre esta fase em que participa S. J. do Rio Preto não estava disponível para consulta como com os relatórios das fases anteriores. No site aparecia um campo para “solicitar acesso” ao relatório. Entramos em contato por e-mail com o Banco Mundial que nos direcionou para a base de dados onde o relatório está arquivado – Independent Evaluation Group (IEG). Agradecemos a disponibilização do relatório sobre a participação de S. J. do Rio Preto pelo Banco Mundial (THE WORLD BANK, 1989b). O relatório foi disponibilizado também no site do Banco Mundial com as demais publicações do projeto a partir do dia 13 de julho de 2017, e pode ser acessado em: <http://documents.worldbank.org/curated/en/314341468913830154/Brazil-Medium-Sized-Cities-Project>. Acesso em: 21 jan. 2019.

que acabou desativada e, paralelamente, se iniciou a implantação de uma nova versão cunhada de “Projeto Especial de Cidades de Porte Médio” ou CPM/Bird, com ingerência do Banco Mundial; e o terceiro, de 1982 a 1986, ficou restrito à segunda versão (STEINBERGER; BRUNA, 2001, p. 51).

De acordo com as autoras, em 1977/78, participaram 76 cidades sendo 40 destas no estado de São Paulo. No biênio 1979/80, o projeto beneficiou 113 cidades, caindo para 13 no estado de São Paulo. No final da década, com a diminuição de recursos e a confluência do projeto com outros desenvolvidos pelos municípios foi aprovada em 1979 o “Projeto Especial Cidades de Porte Médio”. Foi o primeiro projeto multisetorial envolvendo investimento do Banco Mundial no Brasil e se concentrou em cidades médias e aglomerações urbanas que não fossem regiões metropolitanas, atendidas na fase anterior. Assim, o projeto se concentrou em 11 cidades médias/aglomerações urbanas, sendo São José do Rio Preto a única cidade do estado de São Paulo a ser beneficiada nesta fase (STEINBERGER; BRUNA, 2001) na qual buscava-se atingir a totalidade do município a partir de três áreas: emprego e renda, infraestrutura urbana e comunitária, e administração municipal.

O objetivo do projeto era fomentar a desconcentração urbana e a dinamização de regiões que pudessem reter o fluxo da migração para os grandes centros. Segundo Vidal, na cidade de São José do Rio Preto, o objetivo era “manter a atração intra-regional, que já havia, e abrir a cidade para um fluxo migratório inter-regional e interestadual” (VIDAL, 1993, 53). Até o momento da pesquisa de Vidal, o projeto havia implementado dois mini distritos industriais e havia mais três em fase de implantação. Perto destes mini distritos, houve um loteamento popular para famílias com renda de até 5 salários mínimos. Segundo a autora, estes loteamentos populares geraram polêmica na cidade. De acordo com depoimentos coletados na pesquisa, os moradores locais reclamavam que estes loteamentos aumentariam a população pobre na cidade e atrairia moradores de outras cidades impactando na oferta de emprego dos antigos moradores.

Mesmo com críticas à efetividade do projeto, como apontam Steinberger e Bruna (2001), a cidade de São José do Rio Preto passou a concentrar população assim como o setor de serviços da Região, especialmente o setor de serviços médicos especializados, destacando-se desde a década de 1980 o Instituto de Moléstias Cardiovasculares – IMC. A cidade continuou a ser a mais importante da região e é sede da micro e mesorregião de mesmo nome. Em 2018 a cidade tem população estimada em 456.245 mil habitantes segundo dados do IBGE – Cidades (BRASIL, [201?]). A prefeitura do município divulga dados de órgãos oficiais como IBGE, Ipea, Seade, entre outros, em relatório anual, “Conjuntura Econômica”, disponibilizado no site

da prefeitura. Nestes dados é possível traçar um panorama da estrutura atual da cidade e do seu potencial em atração de migrantes. Foi considerada, por exemplo, três anos seguidos como a primeira cidade do estado de São Paulo no Índice Firjan de Desenvolvimento Municipal (FIRJAN, 2014)²⁵, em 2012, 2013 e 2014. Em 2012 e 2014 foi a primeira cidade do país neste mesmo índice (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO [SP], 2018, p. 65)²⁶.

Atualmente, de acordo com o Relatório Conjuntura Econômica 2018, a cidade de São José do Rio Preto possui 13 mini distritos beneficiando 743 empresas e 3 distritos industriais atendendo mais 271 empresas. Ainda existe o Parque Tecnológico de São José do Rio Preto – ParTec com incubadora de empresas e centro empresarial. Também está em fase de implantação o Eco Parque Empresarial Norte, como consta no site da prefeitura, para empresas não poluentes. Até 2014, manteve crescimento significativo de contratações, alcançando um saldo positivo de cinco mil empregos, em 2012, e apresentando forte queda nos anos seguintes, como podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 1 – Movimentação do Emprego Formal, por ano, São José do Rio Preto.

Movimentação	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Admissões	70543	72066	75152	77610	65194	52556	55357
1º Emprego	7508	6959	6502	6865	5273	3646	4310
Reemprego	61017	62383	65422	67649	57075	46820	49189
Reintegração	53	76	74	80	91	77	56
Contr. Trabalho Prazo Determ.	1875	2648	3154	3016	2755	2013	1802
Transferência	5280	3558	4160	4687	4566	3649	4270
Desligamentos	65539	66835	73036	74963	68092	57195	53461
Dispensados sem Justa Causa	34777	33771	38296	39348	39098	35563	31664
Dispensados com Justa Causa	540	587	731	829	769	624	545
A Pedido	21130	23689	24680	24839	18715	13287	13972
Término de Contrato	7862	7655	8125	8682	8412	6805	6386
Aposentadoria	43	57	26	20	23	14	14
Morte	162	161	200	192	214	193	195
Término Contrato Prazo Determ.	1025	915	978	1053	861	709	666
Transferência	3650	3594	4109	3817	4166	4412	4828

²⁵ Os dados de outros anos para a cidade podem ser consultados no mesmo link, conforme indicado nas referências no final da tese, alterando a edição.

²⁶ A cidade apresentou queda acentuada neste índice da FIRJAN. Em 2015 ficou em 8º lugar no país e em 2016 em 14º lugar (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO [SP], 2018, p. 65).

Movimentação	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Varição Absoluta	4914	5231	2116	2647	-2898	-4639	1896
Total de Estabelecimentos	26278	31501	31658	32251	32184	31924	32040

Fonte: SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP), 2018

Ainda podemos observar na próxima tabela que, apesar de haver queda significativa no número de contratações em 2015, conforme tabela anterior, até 1º de janeiro de 2016, o número total de empregos formais se manteve acima dos dados de 2014.

Tabela 2 – Número de empregos formais por ano, São José do Rio Preto.

Caged – MTE	Quantidade	Data
Número de empregos formais	95376	(01/01/2008)
Número de empregos formais	103890	(01/01/2009)
Número de empregos formais	109238	(01/01/2010)
Número de empregos formais	118295	(01/01/2011)
Número de empregos formais	133995	(01/01/2013)
Número de empregos formais	137327	(01/01/2014)
Número de empregos formais	142016	(01/01/2015)
Número de empregos formais	139104	(01/01/2016)
Número de empregos formais	132461	(01/01/2017)
Número de empregos formais	133964	(01/01/2018)

Fonte: SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP), 2018.

Como podemos perceber na tabela abaixo, os setores com maior número de vínculos ativos é o setor de serviços, seguido pelo comércio e pela indústria de transformação. De modo geral, todos os setores apresentaram crescimento em número de trabalhadores até o ano de 2014. O setor de serviços apresentou crescimento em 2015 e 2017, e a administração pública aumentou o número de trabalhadores em todos os anos. Os demais setores tiveram redução no número de trabalhadores ativos, com especial atenção para o setor de construção civil que aponta um decréscimo para números anteriores ao ano de 2010.

Tabela 3 – Número de vínculos ativos por setor IBGE em São José do Rio Preto – 2010 a 2017.

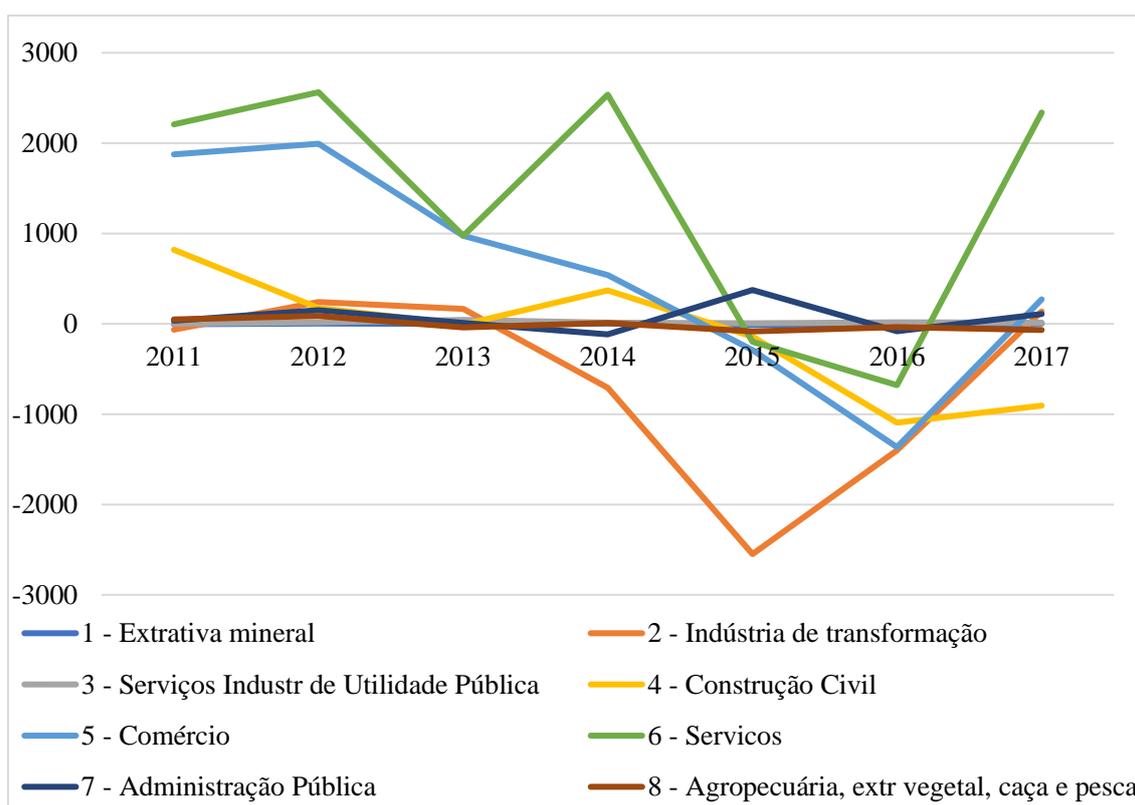
IBGE Setor	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Extrativa Mineral	21	16	2	4	38	23	35	15
Indústria de Transformação	21351	21764	22789	23049	22655	20211	19453	19272
Serviços Indus. de Utilid. Púb.	472	325	333	504	504	538	559	607

IBGE Setor	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
Construção Civil	7510	8772	8953	9966	10854	7616	6726	7277
Comércio	36056	37029	39659	40459	41109	39907	38312	38739
Serviços	52304	55959	58863	59902	61876	63265	60124	62742
Administração Pública	4535	4887	5789	5819	6024	6508	6839	6843
Agrop., Ext. Veg., Caça e Pesc.	989	962	975	1015	909	721	739	607
Total	123238	129714	137363	140718	143969	138789	132787	136102

Fonte: MTE – RAIS/Estabelecimento, o autor, 2018.

No gráfico abaixo, podemos observar ainda a tendência do saldo de movimentação entre admitidos e desligados por ano na cidade.

Gráfico 1 – Saldo de movimentação (admitidos/desligados) por setor IBGE, São José do Rio Preto – 2011 a 2017.



Fonte: MTE – CAGED, o autor, 2018.

A queda dos empregos formais é expressiva nos anos de 2016 e 2017 se olharmos os dados disponibilizados pelo Ministério do Trabalho e Emprego, reflexo do agravamento da crise econômica no país. O que pretendemos demonstrar com os dados do período de 2010 a 2017 é que até 2014 havia um cenário econômico de crescimento em relação aos anos anteriores e de que em nossa percepção contribuiu para a vinda e estabelecimento de imigrantes na cidade,

fortalecendo o imaginário de expectativas das redes sociais no período.

A cidade de São José do Rio Preto também apresentou dados significativos em outros setores. Na agricultura destacam-se as culturas de cana de açúcar, com 6.605 hectares de área plantada em 2015, e um aumento significativo de seringueiras plantadas, passando de 198.5 hectares em 2011 para 528.83 em 2014. Na pecuária, destacam-se a avicultura de corte, 1.148.178 abatimentos em 2015 e o bovino de corte, 19.666 em 2015. Houve uma queda significativa no bovino de leite, de 11.733 para 2.417, resultando numa queda na produção de leite (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO [SP], 2016).

No setor de comércio, há um maior número de estabelecimentos nas categorias de equipamentos de informática e comunicação, seguidos por peças e acessórios para veículo, material de construção, farmácia e cosméticos e alimentação.

Tabela 4 – Número de estabelecimentos dos principais tipos de estabelecimentos no setor de Comércio, no município de São José do Rio Preto, 2010 – 2015.

CNAE 2.0 Grupo	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Comércio Varejista de Produtos Novos não Especificados Anteriormente e de Produtos Usados	1478	1480	1562	1559	1587	1540
Comércio Varejista de Equipamentos de Informática e Comunicação	736	767	789	778	784	749
Comércio de Peças e Acessórios para Veículos Automotores	563	596	585	586	579	548
Comércio Varejista de Material de Construção	520	538	561	552	555	528
Comércio Varejista de Produtos Farmacêuticos, Perfumaria e Cosméticos e Artigos Médicos, ópticos e Ortopédicos	449	455	476	461	486	482
Comércio Varejista de Produtos Alimentícios, Bebidas e Fumo	440	441	443	478	490	506

Fonte: MTE – RAIS/Estabelecimentos, o autor, 2018.

Para o setor de serviço, é mais complexo especificar as categorias por se tratar de um setor fluido e dinâmico. Mas como dissemos anteriormente, o setor de serviços é o que possui maior número de postos de trabalho formal, reafirmando a condição da cidade como agregadora do setor de serviços no qual as cidades da região se direcionam para atender suas necessidades.

Este panorama traçado sobre o município de São José do Rio Preto reitera a discussão teórica pretendida nesta seção e agrega materialidade para a importância da cidade média na

especialização de nichos de mercado na dinâmica de circulação de produtos, e na concentração de trabalhadores. Observamos que o município de São José do Rio Preto não foi apenas um município concentrador de comunicação e escoamento de mercadorias durante o início do século XX como “boca do sertão”, como também obteve recursos advindos de política pública para o desenvolvimento de cidades médias em parceria do governo brasileiro e Banco Mundial, e há que se evidenciar, no início da década de 1980. Enquanto a concentração do setor de serviços traz profissionais qualificados, especialmente na área médica e de informação, a indústria capta trabalhadores menos qualificados e com uma remuneração menor. Muitas dessas indústrias fazem parte de uma mesma lógica de prestação de serviços, são micro e pequenas empresas de produtos específicos que movimentam uma cadeia produtiva de determinada “vocação”. Esta movimentação está tanto dentro da cidade quanto em seu entorno. Nas palavras de Sassen:

A expansão da força de trabalho altamente remunerada, juntamente com a emergência de novas formas culturais, levou a um processo de enobrecimento da alta renda que se baseia, em última análise, na disponibilidade de um vasto suprimento de trabalhadores com salários baixos (SASSEN, 2010, p. 99).

O que significa que empregos altamente remunerados e concentrados em uma determinada localidade também irão fomentar e demandar uma série de outros serviços especializados e menos remunerados, como limpeza e ensino. Assim também são organizados os bairros, aqueles próximos aos distritos industriais tornam-se bairros de trabalhadores e com comércio destinado a este público, enquanto do outro lado da cidade se localizam os condomínios fechados, shoppings Centers assim como comércio para este outro tipo de público. Observamos que este tem sido o desenho da cidade de São José do Rio Preto, o que também podemos observar em outras cidades médias do estado de São Paulo.

Todo este panorama geral que traçamos da cidade de São José do Rio Preto tornou-a atrativa desde seu povoamento, gerando grande demanda de força de trabalho ao mesmo tempo em que atraía migrantes com a possibilidade de trabalho e uma nova vida. Estes podem ser considerados migrantes pendulares, aqueles que moram nas cidades vizinhas e se deslocam para o trabalho todos os dias, assim como migrantes fixos, nacionais ou internacionais. Neste cenário está a migração haitiana para São José do Rio Preto.

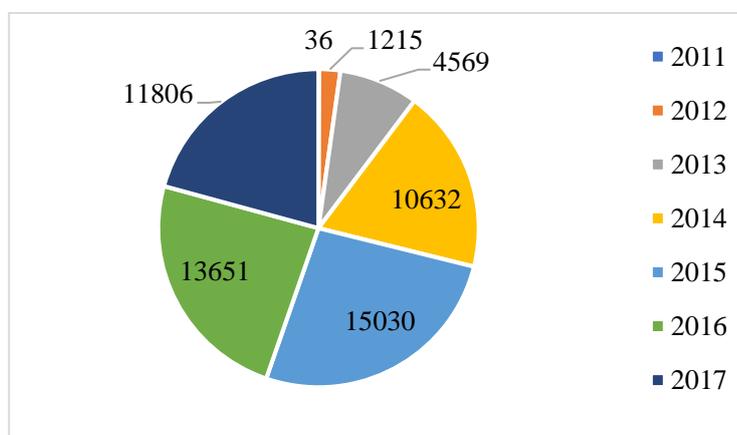
2.7.1 Migração haitiana para São José do Rio Preto.

Para demonstrar a dimensão da imigração haitiana dentro desse contexto de globalização e de como a cidade de Rio Preto se vincula a esse mesmo processo, utilizamos também os dados da RAIS – Relação Anual de Informações Sociais – fornecidos pelo Ministério do Trabalho e Emprego. Os dados da RAIS são referentes aos trabalhadores de empregos formais e podem ser acessados através da plataforma *Acesso às Bases Online*. Embora não seja possível, nestes dados, compreender os trabalhadores informais, os dados são importantes indicadores sobre a permanência de imigrantes, pois pode ser captada através da variável “nacionalidade”.

Estes dados são elucidativos para mostrar uma certa localização estável dos imigrantes. Estes números mostram os empregos formais por ano de contratos ativos ou não ativos até 31 de dezembro do respectivo ano. Pode ser que em um mesmo ano uma pessoa tenha tido mais de um emprego formal, no entanto, se usássemos apenas os dados dos contratos ativos, acabaríamos excluindo aqueles que ficaram desempregados durante o ano e não retornaram ao trabalho.

Fizemos um levantamento de dados sobre trabalhadores imigrantes haitianos de 2010 a 2017, disponibilizados na base de dados. Em 2010 não havia nenhum registro de trabalhadores formais haitianos em todo o estado de São Paulo. Em 2011 havia 16 registros de trabalhadores imigrantes haitianos, com maior número em 2015, como podemos observar no gráfico abaixo:

Gráfico 2 – Total de trabalhadores haitianos em empregos formais na soma dos municípios do estado de São Paulo por ano.



Fonte: MTE – RAIS/Vínculos, o autor, 2018.

Entre 2011 e 2012 o salto é significativo, passando de 36 para 1.215 trabalhadores

haitianos empregados no estado de São Paulo. Número que foi quadruplicado em 2013 e cresceu até 2015. No próximo gráfico, mapeamos o número de trabalhadores haitianos por mesorregião no estado em 2015. Nestes dados, podemos perceber que a mesorregião de São José do Rio Preto está em quinto lugar no estado, sendo a mesorregião com mais registros de trabalhadores haitianos de todo o meio oeste do estado.

Tabela 5 – Trabalhadores haitianos em empregos formais por mesorregião, estado de SP, 2015.

	Mesorregião	2015
1	Metropolitana de São Paulo	10362
2	Campinas	1628
3	Macro Metropolitana Paulista	1393
4	Piracicaba	571
5	São José do Rio Preto	277
6	Bauru	238
7	Ribeirão Preto	186
8	Vale do Paraíba Paulista	154
9	Itapetininga	130
10	Araraquara	37
11	Presidente Prudente	16
12	Marília	16
13	Araçatuba	13
14	Assis	5
15	Litoral Sul Paulista	4
16	Total	15030

Fonte: MTE – RAIS/Vínculos, o autor, 2018.

Se compararmos os dados de 2011 a 2015 de trabalhadores haitianos em empregos formais nas mesorregiões que compõem as regiões noroeste e oeste do estado de São Paulo, temos a mesorregião de São José do Rio Preto com maior número de contratações em empregos formais para a nacionalidade “Haitianos”:

Tabela 6 – Trabalhadores haitianos em empregos formais por mesorregião. Regiões Noroeste e Oeste do Estado de SP – 2011 a 2015.

Mesorregião	2011	2012	2013	2014	2015	Total
São José do Rio Preto	0	1	65	184	277	527
Ribeirão Preto	0	6	60	124	186	376
Araraquara	0	9	16	32	37	94
Presidente Prudente	1	11	11	6	16	45
Araçatuba	0	0	13	9	13	35
Assis	0	0	2	0	5	7
Total	1	27	167	355	534	1084

Fonte: MTE – RAIS/Vínculos, o autor, 2018.

Como podemos observar, a mesorregião de São José do Rio Preto possui o maior número de haitianos em empregos formais da região Noroeste e Oeste do estado de São Paulo. A mesorregião de São José do Rio Preto é uma das quinze mesorregiões do estado de São Paulo e a maior mesorregião em extensão territorial. No entanto, dos 277 trabalhadores haitianos em 2015 na mesorregião de São José do Rio Preto, 210 estavam localizados na microrregião de São José do Rio Preto, sendo que 146 estavam localizados na cidade de São José do Rio Preto. Ou seja, os dados reforçam a importância de São José do Rio como cidade de atração de imigrantes, especialmente nesta análise sobre a migração haitiana.

O que estes mesmos dados da RAIS apontam é que o primeiro imigrante haitiano a ter emprego formal na cidade de São José do Rio Preto era do sexo feminino, no setor de serviços, em 2012.

Tabela 7 – Total de Trabalhadores haitianos em empregos formais no município de São José do Rio Preto-SP, por setor e sexo, 2012 a 2017.

IBGE Gr Setor	2012		2013		2014		2015		2016		2017	
	Fem.	Masc.	Fem.									
Indústria	0	2	0	27	2	38	3	39	6	24	7	
Construção Civil	0	6	0	14	0	43	0	57	0	45	2	
Comércio	0	0	0	3	1	17	3	16	3	15	7	
Serviços	1	3	3	8	4	6	7	7	6	20	13	
Agropecuária	0	0	0	0	0	17	12	7	5	2	0	
Total	1	11	3	52	7	121	25	126	20	106	29	

Fonte: RAIS/Vínculos – MTE, elaboração própria.

Em 2013, o número de registro de mulheres no município foi de 3, mas o número de registro de homens começa a ultrapassar em muito o número de registro de mulheres nos anos seguintes, sendo a maior parte empregados na construção e na indústria. Como dissemos anteriormente, o número é de registros total, ou seja, pode ser que uma mesma pessoa tenha sido registrada mais de uma vez durante o ano. No entanto, se usássemos apenas o saldo de trabalhadores, poderíamos ter excluído aqueles que ficaram desempregados ao longo do ano e não conseguiram outro emprego formal.

Em especial sobre a cidade de São José do Rio Preto, os dados sobre trabalhadores em empregos formais, em 2015, são bastante elucidativos do peso da imigração haitiana na cidade. Apesar de a cidade possuir uma variedade de nacionalidades empregadas, a nacionalidade haitiana aparece em primeiro lugar com 146 registros, sendo em segundo a nacionalidade portuguesa com 49 registros. A quantidade de haitianos em empregos formais permanece significativa nos anos seguintes como podemos observar na tabela abaixo.

Tabela 8 – Total de trabalhadores em empregos formais por nacionalidade no município de São José do Rio Preto - SP, 2012 a 2017.

Nacionalidade	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Haitiano	1	14	59	146	146	135	501
Portuguesa	44	42	44	49	39	35	253
Naturalidade Brasileira	15	21	27	22	18	24	127
Argentina	13	17	17	18	16	22	103
Outros	15	11	16	25	17	22	106
Peruano	5	18	16	12	14	20	85
Bengalesa	0	0	12	11	12	18	53
Japonesa	7	4	8	11	11	13	54
Chinesa	14	13	11	14	13	12	77
Boliviana	40	51	42	16	10	11	170
Outras Latino-Americanas	7	14	16	13	13	11	74
Angolano	4	8	10	7	8	10	47
Outros Africanos	1	3	8	11	8	10	41
Chilena	8	10	9	12	10	9	58
Espanhola	8	14	19	14	10	9	74
Uruguaia	6	7	5	6	10	7	41
Colombiano	2	3	6	10	6	7	34

Nacionalidade	2012	2013	2014	2015	2016	2017	Total
Italiana	6	3	11	12	6	7	45
Francesa	2	2	10	11	6	6	37
Outros Europeus	1	4	62	6	14	6	93
Paraguaia	10	12	8	10	5	5	50
Venezuelano	3	4	3	4	4	5	23
Britânica	2	4	3	3	4	4	20
Belga	0	0	0	2	3	3	8
Equatoriano	0	1	1	1	4	2	9
Paquistanês	0	0	0	2	4	2	8
Outras Asiáticas	3	3	4	6	1	2	19
Canadense	0	0	0	2	1	1	4
Norte-Americana	2	2	2	4	2	1	13
Coreana	1	0	0	0	1	1	3
Indiano	0	2	3	5	3	1	14
Sul-Africano	0	0	3	0	0	1	4
Alemã	0	1	2	1	1	0	5
Suíça	0	0	1	0	0	0	1
Russo	0	1	1	0	0	0	2
Congolês	0	0	0	0	1	0	1
Total	220	289	439	466	421	422	2257

Fonte: MTE – RAIS/Vínculos, o autor, 2018.

Devemos considerar em relação à tabela acima dois fatores importantes. Não é porque para a maior parte das nacionalidades há poucos registros de trabalhadores que não se trataram no passado de nacionalidades importantes, como é o caso dos italianos, espanhóis, japoneses e árabes. Estas migrações foram muito significativas no século passado e estão na segunda e terceira gerações de ascendência destes migrantes nascidos na cidade. Também devemos evidenciar que se trata de empregos formais. Num contexto mais amplo da sociedade brasileira, sabemos que muitas vezes temos um membro da família em condição de emprego formal e outros membros em trabalhos informais. Assim, também podemos relativizar para os migrantes. Observamos durante a pesquisa de campo, como veremos na quarta seção, que muitos imigrantes haitianos empregados hospedavam outros imigrantes desempregados durante um tempo bastante elástico, até encontrarem um trabalho ou ainda continuam morando juntos mesmo depois para dividir as despesas.

Assim, concluímos que a migração haitiana para São José do Rio Preto apresentou relevância significativa para pensarmos sobre as características desta migração na cidade e também tomarmos os dados da pesquisa de campo como uma forma de observação possível de como esses imigrantes passaram a fazer parte da cidade, como se estabelecem, como entendem sua rotina na vida da cidade e quais as dificuldades, necessidades e caminhos que percorrem em um contexto de migração recente.

2.8 Conclusão

Nesta seção, buscamos relacionar os fatos e os conceitos que podem explicar o aumento dos fluxos migratórios nos últimos anos, assim como as características motivadoras desses fluxos. Vimos que pensar a migração exige pensar os efeitos da globalização, pois mobilizam mecanismos que aumentam a circulação de informações, valores, culturas, permeiam as fronteiras e ressignificam as possibilidades de vida. O efeito ocidentalizador teve um peso importante sobre os países do Sul Global, mas também colocou em xeque a concepção de Estado-nação que prevalecia nas Metrôpoles, ressignificando os costumes, valores, mas também reivindicando a inclusão de suas diversidades culturais, regionais e políticas na concepção de direitos fundamentais difundida pelo Ocidente. A democracia, durante o século XX, foi se delineando como um termo guarda-chuva, que mantinha protegido, através de suas constituições escritas e suas instituições, uma série de direitos históricos, civis, políticos, sociais e o que veio a coroar essa fase, os direitos humanos.

Somada a isso, a mudança econômica e produtiva do período posterior à queda do muro de Berlim e fim da União Soviética foi crucial para o aumento do fluxo de pessoas com a desnacionalização de setores do Estado, desregulamentação de leis nacionais para normas internacionais e desterritorialização de empresas, capitais, e pessoas. No entanto, não temos muitas possibilidades de voltar atrás; não seria possível nem desejável. Segundo Beck (2015), se a cosmopolitização nos força a conviver com novos problemas, também nos força a buscar soluções no âmbito global, através de uma virada epistemológica para uma visão cosmopolita da realidade.

O Brasil entra na globalização com uma perspectiva de se tornar um ator global, mas ainda carece de eficiência para resolver os problemas que esta visibilidade ocasiona. Mais do que buscar mecanismos antigos para os problemas atuais, temos a possibilidade de repensar nossas políticas de imigração e recepção. Apesar da aprovação da Lei de Migração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que substituiu o Estatuto do Estrangeiro, Lei nº 6.815, de 19 de

agosto de 1980, momento de mudanças que perpassou esta tese, ainda nos falta compreensão do tamanho das necessidades dos migrantes e da forma como o Estado irá lidar com a concentração do fluxo migratório nas cidades de fronteira ou nas grandes cidades, como São Paulo. Não existe ainda um aparato logístico que possibilite a acolhida destes migrantes, sobretudo, solicitantes de refúgio, nem uma base de dados que possa interligar potenciais destinos para estes migrantes. Considerando que os fluxos migratórios se intensifiquem nos próximos anos e que o Brasil continue recebendo uma maior diversidade de migrantes por país de origem, se faz necessário pensar em uma política que equilibre as necessidades dos migrantes com as dificuldades e potencialidades das cidades em recebê-los.

Portanto, nesta seção procuramos englobar questões importantes para dar uma dimensão mais clara do nosso objeto de estudo. Procurou também fornecer dados públicos relevantes sobre o aparato jurídico, institucional e estatístico desta migração. Além disso, buscou dar materialidade ao contexto histórico, social e cultural da migração haitiana para o Brasil, especialmente sobre a migração haitiana na cidade de São José do Rio Preto, cidade de porte médio, localizada na região Noroeste do estado de São Paulo. Buscou-se, portanto, pensar a migração em sua totalidade, ainda que seja este um objetivo muito complexo para qualquer tamanho de pesquisa.

Na próxima seção, vamos nos ater às características da relação entre Haiti e Brasil, refletir sobre o desencadeamento da Minustah, sobre as políticas de migração existentes e adotadas após esta migração. Fizemos uma análise de comentários sobre reportagens acerca da migração haitiana no Brasil, com o objetivo de discutir como essa migração é vista pelos brasileiros, qual a visão de mundo que orienta a perspectiva da recepção desta migração no Brasil e uma reflexão sobre a migração negra no Brasil, do ponto de vista histórico de uma política migratória do país.

3 As diversas dimensões da migração: um estudo sobre Haiti e Brasil

Na seção anterior, foram introduzidas a perspectiva histórica do fenômeno migratório, a perspectiva teórica das características da migração no contexto de globalização e como o Brasil se inseriu na globalização, e a imigração haitiana na cidade de São José do Rio Preto. Nesta seção, iremos abordar a migração haitiana enquanto migração negra para o Brasil e buscaremos refletir sobre como os brasileiros, de modo geral, percebem esta migração e de que forma a recepção dos haitianos é vista pelos brasileiros.

Dividimos a seção em três subseções. Na primeira subseção, iremos analisar questões relacionadas à relação histórica, diplomática, militar e social entre Brasil e Haiti. Dentro desta problemática, está a Minustah – Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti. Na segunda subseção, iremos refletir, a partir de uma perspectiva histórica, sobre as diferenças conceituais entre a categoria imigrantes e a categoria negro no Brasil. Na terceira subseção, iremos abordar características da migração haitiana no Brasil e da recepção destes migrantes do ponto de vista dos brasileiros. Para isto, iremos analisar comentários de reportagens sobre migração haitiana que foram coletas online através do buscador Google com os termos de busca: “Haiti” e “haitianos”. Foram colhidas durante o ano de 2015 e 2016, iniciando pela primeira página de visualização do buscador. A análise dos comentários será realizada através do método documentário de Karl Mannheim (1951). Com base nos dados a serem discutidos nesta seção, esperamos contemplar os aspectos históricos, econômicos e sociais do nosso objeto de pesquisa.

3.1 As relações entre Brasil e Haiti e a Minustah

Como vimos na seção anterior, as relações entre Brasil e Haiti se encontram dentro de um contexto maior de relações do Brasil com países da América Latina, a retomada do Mercosul, a Unasul e as relações da Cooperação Sul-Sul, incluindo as Américas, África e Ásia. Também como vimos nos estudos de Sassen (2010), a migração não tem origem e destinos aleatórios, mas estão dentro de uma lógica de relações historicamente construídas, que podem ser categorizadas em: laços coloniais, presença militar e, entre estas, as relações econômicas. Desta forma, faz sentido destacar esses acordos econômicos, mas, principalmente, a presença militar do Brasil no Haiti pode ser apontada como um marco essencial para este fluxo migratório somado ao terremoto de 2010, o qual trouxe grande abalo tanto pelas mortes quanto pela destruição da infraestrutura da cidade, especialmente Porto Príncipe.

Sobre o fluxo migratório, podemos observar, por exemplo, que, de acordo com os dados do “Perfil Migratório do Brasil 2009” (MTE, 2010), nas décadas de 70, 80, 90 e 2000, houve registros de imigrantes haitianos no Brasil, porém, em um número muito pequeno, respectivamente 90, 127, 141 e 15 migrantes. Este número ficou ainda menor até 2010, no qual foram concedidas apenas 4 autorizações a imigrantes haitianos, de acordo com o relatório do Conselho Nacional de Imigração – CNIg (BRASIL, 2013). Foi a partir de 2011 que o fluxo migratório aumentou passando para 709 e para 4856 autorizações em 2012. Apenas a título de comparação, em 2012 foram concedidas 161 autorizações para imigrantes franceses que estão em segundo lugar em autorizações concedidas por país de origem.

Além da presença militar brasileira em solo haitiano, pode-se dizer que o Brasil tem um histórico favorável à imigração, bem como legislações favoráveis à migração, ainda que isto não tenha significado condições estruturais para receber estes migrantes. Também devemos apontar o fato de que, mesmo com legislações favoráveis para a imigração, são recentes os fluxos migratórios de população negra. E o interessante é que, apesar de toda importância dos povos africanos no Brasil, durante a maior parte da história do país, estes foram contados como escravos e não imigrantes, e não pessoas, e durante todo o período pós escravidão, não houve esforços para ampliar este fluxo migratório. Apenas recentemente, com a Cooperação Sul-Sul, houve incentivo para a migração de populações negras para o Brasil, especialmente de países de língua portuguesa. Sobre a questão das legislações de migração, cabe um breve detalhamento a seguir.

A Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, a “Lei de Migração” regulamentada pelo Decreto nº 9.199, de 20 de novembro de 2017, é fruto de uma discussão que tem por base os assuntos tratados nesta tese, entre outros, e vinha sendo longamente discutida por instâncias institucionais e pela sociedade civil. É a lei que regerá a migração no Brasil após a contribuição de muitos pesquisadores e organizações com o objetivo de melhorar o acolhimento dos migrantes, assim como de ampliar e regulamentar as formas de entrar e permanecer no país, atualizando, portanto, a legislação anterior, escrita durante o regime ditadura militar. O que se tinha até meados dessa pesquisa e, portanto, durante o grande fluxo de migrantes haitianos para o Brasil era, de um lado, a lei que regulamenta a entrada de estrangeiros e, de outro, a lei que regulamenta a entrada de refugiados. O Estatuto do Estrangeiro, lei nº 6.815 de 19 de agosto de 1980, regulamenta a entrada de estrangeiros e criou o Conselho Nacional de Imigração – CNIg. Mas esta lei restringia amplamente a entrada de estrangeiros ao condicionar a migração aos “interesses nacionais” e por estar ligada especialmente a autorizações de trabalho. De outro lado, foi sancionada, em 22 de julho de 1997, a lei nº 9.474, que implementou o Estatuto dos

Refugiados da Convenção nº. 51 das Nações Unidas, promulgada pelo Brasil em 1961 pelo Decreto nº. 50.215. No entanto, a lei de 1997 estava vinculada à definição de refúgio da Convenção nº. 51, ou seja, devendo ser justificada a solicitação de refúgio “devido a fundados temores de perseguição por motivo de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas”, tendo sido incluído na lei brasileira de 1997 “grave e generalizada violação de direitos humanos” (BRASIL, 1997). A lei de 1997 criou ainda o Comitê Nacional para os Refugiados – Conare, presidido pelo Ministério da Justiça e Ministério das Relações Exteriores.

Em 1998, o Conselho Nacional de Imigração instituiu a Resolução Normativa nº 27 para decidir sobre situações especiais e casos omissos (BRASIL, 1998). E em 2006 o mesmo Conselho Nacional de Imigração propôs ao Conare “o encaminhamento ao Conselho Nacional de Imigração – CNIg dos pedidos de refúgio que não sejam passíveis de concessão, mas que, a critério do Conare, possam os estrangeiros permanecer no país por razões humanitárias” através da Resolução Recomendada nº 8, de 19 de dezembro de 2006, para ser analisado no mesmo âmbito da Resolução Normativa nº 27 de 1998. Assim, quando os haitianos começaram a entrar no Brasil, principalmente após o terremoto de 2010, foi por meio desta Resolução Recomendada nº 8 que puderam permanecer. Até que em 2012, com o aumento do número de haitianos, o CNIg criou nova Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012, que dispõe sobre a concessão de visto permanente especificamente para nacionais do Haiti e que foi prorrogado por cinco vezes, sendo a última pela Resolução Normativa nº 123 de 13 de setembro de 2016 (BRASIL, [201?]g), que prorrogou este visto até outubro de 2017¹.

As relações entre Brasil e Haiti datam de 1910, de acordo com a cronologia disponibilizada pelo site do Ministério das Relações Exteriores sobre as relações bilaterais entre Brasil e Haiti, como podemos ver abaixo²:

Cronologia das relações bilaterais

1910 – Assinatura de Convenção de arbitramento entre Brasil e Haiti, em Washington

1928 – Estabelecimento de relações diplomáticas entre Brasil e Haiti, com abertura delegação em ambos os países

1966 – Assinatura de Convênio de Intercâmbio Cultural, no Rio de Janeiro

1982 – Visita do Ministro das Relações Exteriores do Haiti, Jean Robert Estimé, a

¹ É importante dizer ainda que dentro do Conselho Nacional de Imigração – CNIg foi criada a Coordenação Geral de Imigração – CGIg que analisa os pedidos e executa as Resoluções Normativas que dizem respeito a autorizações de trabalho. As demais solicitações são analisadas pelo Conselho Nacional de Imigração – CNIg. Recentemente foi criada a plataforma OBMígra que reúne estes dados somados aos dados da Polícia Federal, da RAIS e do CAGED.

² Os sites oficiais são atualizados constantemente. Mantivemos a informação da data de acesso no ano de 2017, pois quando acessado em 17 de outubro de 2018 algumas datas haviam sido retiradas. A seguinte informação foi incorporada e merece destaque: “2017 – O ministro de Relações Exteriores, Aloysio Nunes, visita Porto Príncipe no contexto do encerramento da MINUSTAH (Porto Príncipe, 2 e 3 de junho)” (BRASIL, [201?]f).

Brasília. Assinatura de Acordo de Cooperação Técnica bilateral

2004 – Criação da Missão das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH), sob o comando do Brasil, por meio da Resolução 1542 do Conselho de Segurança da ONU (abril)

2004 – Chegada ao Haiti de tropas brasileiras integrantes da MINUSTAH, comandadas pelo General-de-Divisão Augusto Heleno Pereira (junho)

2004 – Realização do "Jogo pela Paz", entre as seleções de futebol do Brasil e do Haiti, com a presença do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (agosto)

2006 – Visita do Presidente-eleito do Haiti, René Préval, ao Brasil

2007 – Operação bem-sucedida da MINUSTAH em Cité Soleil, comandada pelo Brasil

2008 – Inauguração do Centro de Estudos Brasileiros "Celso Ortega Terra", em Porto Príncipe

2008 – Visita oficial do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva a Porto-Príncipe (maio)

2009 – Visita do Ministro das Relações Exteriores, Celso Amorim, e do Ministro da Defesa, Nelson Jobim, ao Haiti

2010 – Visita do Ministro da Defesa, Nelson Jobim, ao Haiti para averiguar as consequências do terremoto (janeiro)

2010 – Assinatura do Acordo Tripartite Brasil-Cuba-Haiti para o Programa de Fortalecimento da Autoridade Sanitária do Haiti (março)

2010 – Participação do Presidente René Préval na I Cúpula Brasil-Comunidade do Caribe (CARICOM) (abril)

2010 – Contribuição financeira do Brasil ao Fundo de Reconstrução do Haiti, no montante de US\$ 55 milhões. Primeira contribuição de um país ao Fundo (maio)

2011 – Visitas do Ministro das Relações Exteriores, Antonio de Aguiar Patriota, ao Haiti (fevereiro e junho)

2011 – Participação do Ministro da Defesa, Nelson Jobim, na cerimônia de posse do Presidente do Haiti (maio)

2012 – Visita da Presidenta Dilma Rousseff ao Haiti

2013 – Visita do Primeiro-Ministro do Haiti, Laurent Lamothe a Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro (maio)

2013 – Visita do Ministro das Relações Exteriores, Luiz Alberto Figueiredo Machado, a Porto Príncipe (novembro)

2014 – Inauguração do Hospital Comunitário de Bon Repos e do Instituto Haitiano de Reabilitação, construídos no âmbito da cooperação tripartite Brasil-Cuba-Haiti (maio)

2016 – Visita oficial ao Brasil do Senhor LenerRenauld, Ministro dos Negócios Estrangeiros do Haiti, para inaugurar as novas instalações do Consulado do Haiti em São Paulo (21 a 23 de fevereiro) (BRASIL, [201?]f).

Mas, como também podemos observar, esta relação apenas se torna significativa após o estabelecimento da Minustah e da participação do Brasil. Como vimos na seção anterior, o Brasil já participou militarmente de várias missões da ONU, tendo exercido posição de liderança em muitas delas. Mas em nenhuma outra operação havia tido uma contribuição em dinheiro tão efetiva como na Minustah, 637 milhões de reais entre 2004 e 2009 (ACIOLY; CINTRA, 2010, p. 422). Este esforço econômico, como se sabe, estava relacionado à pressão para se tornar membro efetivo do Conselho de Segurança. Ainda que isto, de fato, possa não acontecer, demonstra o interesse brasileiro em ampliar sua participação na ONU.

Os dados sobre a Minustah são disponibilizados no site da ONU em duas páginas: a

página oficial da Minustah, (ONU, c2019a)³ e a página das operações de *Peacekeeping* (UNITED NATIONS, [201?])⁴. No Brasil, informações sobre a missão são disponibilizadas nos sites do Ministério da Defesa, “O Brasil na MINUSTAH (Haiti)” (BRASIL, [201?])^b e do Ministério das Relações Exteriores, “Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti”, (BRASIL, [201?])^c, no entanto estes sites são constantemente atualizados, tornando-se mais viável a busca na página com o termo Minustah, assim como nas páginas específicas das Forças Armadas. Ainda nos utilizamos de textos de discussão e relatórios do Ipea e de outros institutos.

A história do Haiti⁵ é permeada por profunda instabilidade política e golpes. Tornou-se independente em 1804 por uma revolta bem-sucedida de escravos, sendo o primeiro território latino americano a se tornar independente. Neste primeiro momento, o país foi governado por uma elite mulata. De qualquer maneira, os períodos posteriores à independência não foram seguidos por estabilidade política; dessa forma, os inúmeros conflitos internos que emergiram foram usados como justificativa para a ocupação militar dos Estados Unidos no Haiti, de 1915 a 1934. Após outro período conturbado, foi eleito o médico François Duvalier (Papa Doc), que governou de 1957 até sua morte, em 1971, transferindo seu governo a seu filho Jean-Claude Duvalier (Baby doc), até 1986.

O governo de Duvalier implementou uma série de medidas baseadas na tentativa de elevar ao poder parte da população negra, isto é, uma pequena elite localizada na capital do país, e diminuir o poder de outro grupo: os considerados mulatos. Porém, essas medidas eram a expressão de um governo que também era ditatorial, que oprimiu parte da população e a conduziu a uma pobreza extrema e a uma violência generalizada. Nesse período, inclusive, intensificou-se a migração de haitianos, inicialmente de inimigos políticos de Duvalier e de famílias inteiras da classe média e de mulatos para os Estados Unidos, seguida por um fluxo migratório da classe trabalhadora (GLICK-SCHILLER, 1990). Outros fluxos migratórios se deram para países do Caribe, seu vizinho, República Dominicana, e em uma intensidade menor para Canadá e França. Atualmente o Brasil também entrou nesta rota de migração.

De acordo com Pierre Philippe Cajou (2013), a fase posterior à ditadura de Duvalier deveria ter sido de democratização, no entanto foi um período talvez mais complicado do que

³ Desde o fim da missão em outubro de 2017, na página oficial na Minustah é possível acessar os documentos referentes à missão.

⁴ Na página da ONU para as missões de paz a Minustah pode ser acessada em “operações passadas”. United Nations. Peacekeeping. Minustah Fact Sheet, (UNITED NATIONS, [201?]). Ao final da página também é possível acessar os documentos da missão.

⁵ Uma história do Haiti pode ser consultada em: METZ, Helen Chapin. *Dominican Republic and Haiti: country studies*. 3rd ed. 1st impression. Washington D.C.: Federal Research Division, Library of Congress, 2001.

durante a ditadura. De 1987 em diante, o Estado do Haiti sofreu sucessivos golpes. De acordo com o autor, durante a ditadura de Duvalier, houve um processo de desorganização da hierarquia do exército e uma centralização do poder na figura de Duvalier, cada um que falasse em nome de Duvalier era Duvalier (CAJOU, 2013, p. 30). Dessa forma, permaneceu, após sua queda, o caráter autoritário e as tentativas de permanência no poder de aliados do ditador.

Apenas em 1990 houve eleições livres novamente e quem venceu foi Jean-Bertrand Aristide, ex-padre salesiano. No entanto, em 1991, a renascida democracia haitiana mal teve tempo de respirar, pois forças autoritárias depuseram Aristide. Este foi deposto por um golpe militar e se exilou nos EUA, tendo retornado ao Haiti somente em 1994. Novas eleições aconteceram em 2000, Aristide concorreu e ganhou novamente as eleições, no entanto, por suspeitas de fraude a relação com a oposição ao governo ficou ainda mais complicada. Até que, em fevereiro de 2004, ocorre um levante militar em Gonaïves, alcançando nos dias seguintes outras cidades, e Aristide teve que ser retirado do país por oficiais americanos e brasileiros.

Foi nesse contexto que foi instaurada a Missão das Nações Unidas para Estabilização do Haiti – Minustah. E, de acordo com as informações disponibilizadas no histórico da missão no site da Minustah, esta foi a quinta missão da ONU no Haiti, sendo precedida pela Missão das Nações Unidas no Haiti – UNIMIH, a Missão de Apoio das Nações Unidas no Haiti – UNSMIH, a Missão das Nações Unidas no Haiti – UNTMIH, e a Missão de Polícia civil das Nações Unidas no Haiti – MIPONUH (ONU, c2019b).

3.1.1 A Minustah

A Minustah teve início em 2004 com a Resolução 1542 (ONU, 2004b) das Nações Unidas, tendo sido precedida pela Resolução 1529 (ONU, 2004a), após uma rebelião em Gonaïves, em oposição ao governo de Aristide. A Minustah foi formada por quatro tipos de participação: militares, policiais da ONU, civis internacionais e locais, e voluntários da ONU. A chefia da missão era dividida entre um representante e dois vice-representantes das Nações Unidas para a Minustah, um comandante da Polícia da ONU e um comandante da Força Militar, este último a cargo dos brasileiros desde o início da missão.

De acordo com os dados disponibilizados no Relatório do Secretário-Geral sobre a Missão das Nações Unidas no Haiti, nº 604, 18 de julho de 2017, o Brasil teve no mês de junho de 2017, 970 militares na Minustah (UNITED NATIONS, 2017c, p. 19) de um total de 1.234 militares em todas as missões de paz em que atuava em junho de 2017 (UNITED NATIONS, 2017b). Ainda podemos destacar que o Brasil teve a maioria do total de militares para o mesmo

mês na missão, que foi de 1.368. No entanto, este número é menor do que no primeiro ano da missão, se comparado com o efetivo militar brasileiro na Minustah, em dezembro de 2004, que era de 1.212, e, em 2010, após o terremoto, passou a 2.187, em dezembro, e se manteve assim nos anos seguintes.

Após 13 anos de missão, a retirada dos militares estava prevista para 15 de outubro de 2017, pela Resolução 2350 de 13 de abril de 2017. Se o Brasil teve importância significativa no contingente militar, o mesmo não ocorreu com o contingente de policiais. Mesmo em 2010, o Brasil possuía 3 policiais na missão, passando a 4 em 2011 e 6 em 2012. Em junho de 2017, o Brasil contava com 2 policiais e 9 oficiais em cargos administrativos e, como decorrência dessa participação menos significativa em outros setores da Minustah, o Brasil não participa da missão que a substituiu. De 16 de outubro de 2017 a 15 de abril de 2018, teve início uma nova missão de paz no Haiti, a Missão das Nações Unidas de Apoio à Justiça no Haiti – MINUJUSTH (ONU, c2019b)⁶, com foco no fortalecimento da polícia do Haiti, na qual não há participação brasileira.

O tempo de duração da Minustah, principalmente da longa presença militar, foi uma das principais críticas de haitianos à missão. Passado o primeiro ano após o terremoto, a população sentia mais necessidade de profissionais que pudessem ajudar a reconstruir o país do que da presença militar. De certa forma, o déficit estrutural do país se tornou extremamente sensível à população. No entanto, de acordo com o relatório do Instituto Igarapé (2015), a Minustah obteve sucesso em vários âmbitos da missão: estabilidade e segurança, formação de policiais, fortalecimento de instituições judiciárias, acompanhamento das eleições, além da participação da sociedade civil em saúde e educação, principalmente. Sobre a atuação brasileira destaca-se o baixo número de denúncias envolvendo civis e militares. Para o país, o comando militar significou melhoria na formação de tropas, treinamento de militares, desenvolvimento de estratégias e táticas e modernização das forças armadas. Além disso, seu bom desempenho serviu para aumentar sua reputação internacional e sua posição como potência regional (HAMANN, 2015, p. 14).

Segundo Hirst (2012), a longa presença no Haiti também foi consequência do terremoto. Em 2009 havia possibilidade de saída gradual do Haiti com a previsão de que as eleições presidenciais de 2010 fossem conduzidas de forma democrática. Mas o terremoto desestabilizou o que se tinha conquistado nos anos anteriores. A Minustah também encontrou dificuldades para ampliar as ações pós-terremoto com a diminuição de repasses de seus

⁶ Informações sobre a MINUJUSTH são disponibilizadas na página da missão no site da ONU.

principais doadores. Segundo a autora, houve, por parte do governo brasileiro, um esforço em dinamizar a missão em ações múltiplas “nas áreas de infraestrutura, fornecimento de energia, irrigação agrícola, saúde, educação, agricultura e segurança alimentar, meio ambiente, orientação vocacional, segurança e direitos civis” (HIRST, 2012, p. 24). Destas áreas, a assistência à saúde foi essencial após o surto de cólera com inúmeras mortes em uma situação favorável para a contaminação com falta de água tratada e de saneamento básico.

Este é um panorama geral da Minustah e das relações entre Brasil e Haiti. Contudo, convém relembrar que consideramos essa missão de paz um dos principais fatores para o crescimento da migração haitiana para o Brasil, ou seja, a missão abriu e consolidou um relevante canal de comunicação entre os dois países. Além disso, na próxima subseção iremos analisar característica da recepção e do imaginário sobre a migração haitiana no Brasil, através da observação e interpretação do conteúdo de comentários a reportagens online.

3.2 Problematizando a categoria imigrante e a categoria negro no Brasil.

O Brasil foi o primeiro país do Cone Sul a ratificar a convenção sobre refugiados de 1951 e, em 1997, promulgou a Lei Nacional de Refúgio (Lei 9474/97)⁷. Como a migração haitiana não se enquadra como refúgio, o Comitê Nacional para Refugiados (CONARE) utiliza a Resolução Recomendada nº 08/06, do Conselho Nacional de Imigração que recomenda que o CONARE, a seu critério, conceda pedidos de refúgio por razões humanitárias (FERNANDES; MILESI; FARIAS, 2014).

Diante destes acordos internacionais previstos em lei, não se pode dizer que o país não estava preparado para recebê-los, por se tratar de uma migração não esperada. A partir do momento que o país assina acordos com outro e que tem relações, seja diplomática ou física, como é o caso da MINUSTAH, não se pode dizer que não se sabiam da possibilidade de se iniciar um fluxo migratório entre estes países.

No ano de 2015, por exemplo, quando iniciamos a pesquisa de doutorado, entrevistamos o haitiano Jean, que cursava doutorado em uma universidade pública no estado de São Paulo. Ele nos contou que, no momento do terremoto, estava no Haiti, mas já tinha terminado de cursar duas graduações. O governo brasileiro criou um programa para amparar os estudantes que cursavam graduação e que depois do terremoto não puderam continuar suas

⁷ Parte destas reflexões foi apresentada no V Seminário Integrado de Pesquisas em Ciências Sociais – “Crise política e agenda conservadora”, 2016, Londrina, PR (SILVA, 2016a), e no VII Seminário Nacional de Sociologia & Política. Instituição e Democracia na América Latina., 2016, Curitiba, PR (SILVA, 2016c).

graduações, o Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti–Graduação (CAPES, 2011). Jean escolheu vir para o Brasil pela oportunidade de aprender uma nova língua, já que falava francês, inglês e espanhol. Disse que, no momento em que decidiu vir ao Brasil, não tinha entendido que o Pró-Haiti era apenas para cursos de graduação. Quando chegou ao Brasil, que descobriu que o programa não daria suporte para quem pretendia cursar pós-graduação. Depois deste equívoco, com ele e outros haitianos, a universidade brasileira atuou junto a outros órgãos federais para regularizar a situação destes estudantes, que puderam prestar os processos seletivos das universidades brasileiras e pediram o auxílio financeiro através do Programa de Estudantes – Convênio de Pós-Graduação - PEC PG (CAPES, 2008)⁸.

No contato com o haitiano Jean, além de percebermos a falta de seriedade no referido programa que atraiu estudantes da ilha caribenha, percebemos que algumas respostas dadas por Jean abriram a possibilidade de problematizarmos a categoria imigrante e a categoria negro no Brasil. Citaremos dois aspectos na fala de Jean. A primeira questão apontada na entrevista é quanto a uma política migratória voltada ao empobrecimento de um país ou grupo social.

Então, eu poderia dizer, depende da política migratória do país. Se você tem uma política migratória hipócrita, dizendo uma coisa na teoria e fazendo uma outra na prática, então é assim que vai acontecer. Se você está criando uma, uma classe mais pobre, uma classe social mais pobre, ou está empobrecendo, está participando na dinâmica seja direta ou indireta do empobrecimento do país, tudo bem, é assim que funciona. Porque as pessoas desde os anos 60 que foram para os EUA, os haitianos que foram para os EUA, poucos, poucos entre eles, poucos entre eles conseguiram se, digamos assim, ganhar suas vidas, fazendo muitos trabalhos, muitos trabalhos em horas diferentes para sobreviver. E até hoje eles têm... ouvido eles falar, eles têm sempre nostalgia de querer viver no seu país, após 50 anos...

Isso dá a pensar. Isso dá a pensar. Isso dá a pensar. Será... é que a migração, a migração dos haitianos dos anos 60 nos EUA é uma política dos EUA de achar mão de obra e de participar na dinâmica do empobrecimento do país. Isso faz parte da política de empobrecimento.

Tá? Então, será que o Brasil está nesse mesmo processo, nessa mesma dinâmica? Eu acho que sim. Por quê? Porque as pessoas, os haitianos estão aqui, como alguns que já falei... bom, politicamente tem um visto humanitário, mas na prática não. Porque o visto humanitário deveria ser uma estratégia de proteger eles contra do trabalho... escravidão.

Pesquisadora: escravo... Mas não há um controle, nenhum?

Entrevistado: Controle nenhum. Então, esses haitianos vieram para cá, eles foram explorados, enganados desde o Haiti com essa rede formados... com essa rede formada de haitianos e de brasileiros passando por várias fronteiras antes de chegar por São Paulo, e aí? Gastando todo seu dinheiro, e aí? Eles estão aqui se empobrecendo. Eles

⁸ Este programa visa incentivar que alunos de outros países possam cursar pós-graduação no Brasil de forma a contribuir com o desenvolvimento de seu país de origem. Segundo Jean nos relatou, os estudantes haitianos por manter relações acadêmicas com a França, não sabiam que no Brasil havia processo seletivo para entrar na pós-graduação, acharam que seria como na França, o estudante enviaria o projeto e se ele fosse aprovado seria direcionado para o programa de pós-graduação. Quando eles se inscreveram para o Pró-Haiti e foram selecionados acharam que tinham sido aprovados na universidade, não entenderam que o programa era para continuação das graduações. Mas que quando puderem concorrer no processo seletivo com as outras pessoas, eles não tiveram receio, se candidataram.

vão trabalhar para uma pequenina empresa, ganhando uma porcaria de... de dinheiro. (ENTREVISTA... 18 nov. 2015, p. 249-269)⁹.

Nesta primeira questão, Jean parece refletir sobre a situação da migração na história do Haiti. Ele remete o início da migração haitiana com a ocupação americana em 1915. Segundo ele, a ocupação americana colocou a classe camponesa em trabalhos precários, com jornadas superiores a doze horas diárias. A classe média se viu diante de duas possibilidades, ficar no Haiti e se proletarizar ou emigrar. Neste período, parte da classe média haitiana foi para a República Dominicana, trabalhar no campo e, depois, aos Estados Unidos, como mão de obra barata. Parte da elite intelectual que não aceitou a ocupação americana foi absorvida em outro tipo de migração, uma política migratória seletiva empreendida por Canadá e França. A impressão que fica é que quando Jean fala de uma “política migratória de empobrecimento” ele está relacionando o que significou a ocupação americana com a recente ocupação brasileira no Haiti. Apesar das diferenças, ele está falando de uma estratégia política que fragiliza a estrutura da sociedade e depois absorve os potenciais trabalhadores como mão de obra barata em seu país.¹⁰

A segunda questão, estritamente vinculada à primeira, é quanto ao preconceito e discriminação que os imigrantes haitianos vêm recebendo enquanto tratamento social.

É que o Brasil está... nessas relações entre Brasil e o Haiti eu não consigo entender como o Brasil não... como os autores haitianos famosos, os mais famosos, tanto no passado como no presente, ainda não chegaram até o Brasil. Eu não consigo entender. Para mim, isso é um aspecto racista. Porque o Haiti é um povo negro. E os autores haitianos são negros. E o Brasil está querendo criar uma literatura, uma ciência, uma... ciência “branquinista”, entre aspas. Mas para mim isso é uma forma de racista, de racismo que é mais forte do que a gente está vivendo no cotidiano. Isso é o primeiro aspecto. O segundo aspecto é que, em comparação também com a França, é que... se você for para a França você vai entender mesmo que os franceses são conscientes, são conscientes do seu racismo, são bem conscientes do seu racismo. E como existe leis internacionais proibindo as... manifestações racistas, então tem uma certa reticência. Mas de uma certa forma nas falas e nos comportamentos o francês não tem medo de... ter uma consciência de... de estar consciente de... de ter um certo comportamento racista a respeito do outro. Então, essa conscientização do racismo é importante. Porque para resolver ou para combater um mal se for um mal. Ou para combater um fenômeno que a gente está recusando tem que se conscientizar. Por que senão não vai resolver. Tem que ter consciência que este problema existe. Tem que ter consciência que esse problema é real, é presente. Mas o segundo aspecto é que os brasileiros não são conscientes do seu racismo. Então, como vai curar esse racismo? Ou será que é uma forma de não querer curar ou de não querer combater o racismo,

⁹ Esta entrevista assim como as demais e as anotações de campo encontram-se em Apêndice no final desta tese.

¹⁰ Segundo Jean, o fim da ocupação americana em 1934 significou o fim da presença militar, física, dos americanos no Haiti, mas não o fim do sistema de dominação do aparelho político e econômico do Haiti. O Haiti passa a depender econômica e politicamente dos Estados Unidos. O líder Duvalier, segundo Jean, é consequência da dominação americana, ele faz parte da elite intelectual que apoia a dominação americana, e ganha projeção nacional quando começa a atender como médico comunitário em comunidades rurais no interior.

essa inconscientização do racismo? Será que é uma forma? Essa inconscientização do racismo, será que é uma forma de não querer combater o racismo? Porque... porque você precisa ser consciente do problema para resolver. Não tem jeito. Se você não é... se você não é consciente você não vai achar solução, porque a solução está no conhecimento e na conscientização do problema que você tem. Então, a gente está vivendo aqui no Brasil com o racismo cotidiano (ENTREVISTA... 18 nov. 2015, p. 249-269).

Estas falas nos fazem pensar o racismo em duas dimensões sociais: destinando os postos de trabalho mais indesejados pela população local e de outro lado negando reconhecimento intelectual e cultural. Então, que tipo de política migratória tem o Brasil e qual sua relação com o que Jean percebe como racismo cotidiano? Em certos momentos, é preciso o que Norbert Elias propõe como método: “Um exame detalhado da gênese dos conceitos pode ser de grande valia para o diagnóstico sociológico das transformações sociais mais amplas, em reação às quais o sentido da palavra se altera e novas definições entram em cena” (Elias, 2006, p. 171).

A questão é que “imigrante” e “negro” no Brasil só se associaram enquanto categorias presentes em um mesmo indivíduo muito recentemente. Segundo Seyferth (2002), em meados do século XIX, começa a ser construído o argumento de imigrante europeu para ser colono na pequena propriedade familiar. Apesar de a questão do imigrante ter precedido a abolição, o negro não foi pensado como imigrante, que continuasse a vir para o Brasil como trabalhador livre.

O africano sempre esteve presente no imaginário brasileiro como escravo, observe-se o fato de que nos relacionamos conceitualmente com estes não com sua característica geográfica, regional de povo africano, mas pela função que desempenharam: a de negro. Negro e escravo. Quando vemos situações de racismo com imigrantes haitianos¹¹, senegaleses, angolanos, no Brasil, parece haver uma “incapacidade” de pensar o indivíduo negro como portador de direitos. Não que outros imigrantes não sejam alvo de trabalho escravo, como é o caso dos bolivianos, principalmente no setor de confecções. No entanto, enquanto no caso dos bolivianos parece haver um esforço em torná-los escravos, quanto aos haitianos, senegaleses, angolanos, parece se pensar em como um negro não pode aceitar determinadas condições para trabalhar, condições análogas ao trabalho escravo.

Estas são apenas percepções, mas, para além delas, devemos pensar na distância entre o conceito de imigrante e de negro no Brasil. Talvez a característica mais importante a se destacar é que, mesmo inserido em uma condição de inferioridade na sociedade de destino, o

¹¹ Destaca-se o trabalho da ONG Repórter Brasil. No site é possível acessar vários casos de trabalho escravo envolvendo imigrantes: <http://reporterbrasil.org.br/>. Acesso em: 21 mar. 2016.

termo imigrante em si pressupõe direitos, enquanto o negro não. Se compararmos as políticas de imigração no século XIX com a política de escravidão a distância entre os conceitos fica mais evidente. Os africanos quando chegavam no Brasil tinham como destino o mercado de escravos até 1850, quando cessa o tráfico de escravos com a lei Eusébio de Queiroz. O imigrante alemão e italiano, mesmo em condições precárias, vinha inicialmente através de uma política de imigração, o que pressupunha transporte e hospedagem por parte do governo ou dos empregadores. Mesmo o escravo sendo uma mercadoria de muito valor, a sua recepção não pressupunha amparo legal para ele enquanto mercadoria, mas para seu mercador e seu comprador enquanto proprietário e sujeito de direito.

Como dizer, de forma legal (afirmada na lei), que um negro é um imigrante, numa sociedade que concebe há quase quinhentos anos o negro enquanto escravo? É o que aprendemos desde a infância nas comemorações escolares. De fato, o negro nunca saiu do imaginário escravocrata no país e concebê-lo, ou mais, garantir o status de imigrante, portanto, não-negro sendo negro é operar com um desnível conceitual no imaginário social.

Nunca houve uma política para que o negro não ficasse marcado por esse imaginário escravista. De acordo com Giralda Seyferth (2002), a política migratória no Brasil se inicia em 1819 com a tentativa de manter uma colônia suíça no Espírito Santo. Iniciativa que não foi bem-sucedida, devido ao isolamento geográfico. Novas tentativas de colonização e povoamento foram feitas com alemães para o Sul do país até 1930 e depois de 1945, sendo substituídos pelos italianos de 1875 a 1930. Seyferth assinala que o projeto de imigração no Brasil foi pensado como projeto de povoamento, daí que nas políticas da Colônia e Império não serem considerados imigrantes, mas colonos.

Segundo a autora, a imigração foi pensada para um povoamento que embranquecesse as futuras gerações, mas que também gerasse o sentimento de nacionalidade. Como a experiência da imigração alemã levou a um “enquistamento” destes povos em suas próprias colônias, logo se começou a fazer campanha para que aumentasse a migração de povos latinos, italianos, espanhóis e portugueses. O que queremos destacar aqui é que a imigração negra nunca se tornou uma proposta. “Na verdade, a imigração europeia está naturalizada no debate sobre a colonização e nele, negros e mestiços, livres ou escravos, só eventualmente aparecem como atores sociais descartáveis sob um argumento simplista – o do indireto restabelecimento do tráfico” (SEYFERTH, 2002, p. 120). A escravidão transformou a África em um lugar de bárbaros, sendo impensáveis no ideal de civilização. O imigrante ideal era o europeu, trabalhador rural, que migrava com a família e que se conformasse com o lugar de destino, obedecendo às leis morais e que não gerasse conflito. É claro que este ideal de migrante não foi

concretizado de fato. A imigração de alemães continuou, mesmo que em menor quantidade, e também se aceitou, no início do século XX, o japonês, igualmente indesejado por trazer a ameaça de transformar a nação em uma raça amarela.

Segundo Costa (2006, p. 152), a teoria racial no Brasil surge como parte de um empreendimento acadêmico de adaptar as teorias científicas vindas da Europa em que o branco aparecia no topo da hierarquia racial, enquanto que no Brasil o que predominava eram os “mestiços” e “gente de cor”. O autor separa o debate brasileiro sobre o tema em quatro períodos: o primeiro vai até 1930, “o debate é ainda muito caudatário do racismo científico e marcado pela discussão em torno do peso da determinação biológica e da determinação social na constituição das hierarquias existentes” (COSTA, 2006, p. 153). O segundo período vai de 1930 a 1960, em que a tendência é de “refutar não apenas as classificações raciais biologicistas, mas a de negar a existência de adscrições derivadas da aparência física também no plano da cultura e da sociedade”. O terceiro período é consolidado na década de 1970 e passa a evidenciar que a posição ascendente dos brancos em relação aos não brancos não estava ligada apenas a vantagens econômicas e de nível educacional acumuladas historicamente, mas a características físicas, importantes marcadores para o agravamento e “reprodução das desigualdades de oportunidades em favor dos brancos”. O quarto período, mais recente, provavelmente o início do século XXI, “tem sido a de empreender um passo além da constatação das desigualdades sociais determinadas pelas adscrições raciais. Trata-se de estabelecer um nexos lógico e normativo entre desigualdades estruturais de oportunidades e representações sociais” (COSTA, 2006, p. 154).

É no primeiro período que as ideias sobre fazer o país uma nação civilizada e os projetos de imigração acontecem. Depois da década de 1930, Brasil e Itália cessam os acordos de imigração e no plano interno o Brasil passa a recorrer à migração interna, principalmente vinda do Nordeste (PAIVA, 2004).

Mas em 1870, quando os imigrantistas ainda estavam longe de formar uma corrente política de peso, temos ainda a rara chance de observar como eles se esmeravam em provar destinados aos imigrantes e àqueles que favorecessem a sua vinda. No início deste ano, Rodrigo da Silva e Antonio Prado, entre outros sete parlamentares, apresentaram um projeto que autorizava o governo a gastar até 300.000\$ com os proprietários de estabelecimentos agrícolas situados na província que mandassem vir colonos ou imigrantes da Europa ou dos Estados Unidos. Além disso, o imigrante europeu ou o norte-americano que comprasse terras para trabalhos agrícolas na província ou arrendasse por um prazo superior a dez anos receberia a importância de sua passagem para o Brasil (ALPSP, 1870, p. 200) (AZEVEDO, 1987, p. 134).

A autora aponta que, logo na primeira década do século XIX, a questão do nacional e do negro foram colocadas pela intelectualidade e por políticos no Brasil. A revolução de 1804, liderada por Toussaint l'Ouverture, que levou à proclamação da independência do Haiti, chegou ao Brasil como um sinal de alerta para as rebeliões de negros por todo o território. Para muitos que pensaram sobre a situação dos escravos e de negros libertos no Brasil, a questão do confronto entre dominados e dominantes era um perigo real. A autora cita, por exemplo, Cezar Burlamaque que, na década de 1830, propôs a libertação dos escravos e a devolução dos negros à África: “estando os interesses dos senhores sob constante ameaça da parte de uma numerosa raça de ‘inimigos domésticos’, ‘cujo único fito deve ser a destruição e o extermínio de seus opressores’” (BURLAMAQUE *apud* AZEVEDO, 1987, p. 43).

Para aqueles que viam a possibilidade de transformar negros, índios e “brasileiros” em um conjunto homogêneo de trabalhadores nacionais, as soluções eram de fazer com que estes diversos moradores se ligassem à terra. Na maior parte das vezes eram vistos como vadios, trabalhadores que não faziam mais do que suas necessidades exigissem e, portanto, não trabalhavam para produção de excedentes que fizessem com que os proprietários produzissem para se integrar um mercado nacional e internacional. No entanto, não era fato que eles não trabalhassem. A autora cita o caso do comércio existente entre quilombos e fazendeiros locais, além disso, toda a produção da colônia até o momento tinha sido feita através dos braços do negro. Era necessário tomar medidas para criar uma “mentalidade de trabalho” na população. O Estado deveria criar mecanismo para que se criasse uma nova lógica sobre o trabalho, que fizesse com que o trabalhador se propusesse a trabalhar como trabalhador livre. Alguns chegaram a propor uma melhor divisão das terras entre os trabalhadores para que eles sentissem que estavam ligados a suas terras, mesmo que no plano do controle da produção ficasse a cargo de um grande latifundiário.

Tanto para quem era a favor do aproveitamento do trabalhador nacional, quanto para os imigrantistas, o escravo, o negro liberto, o índio e, para muitos, o mestiço careciam de inteligência, possuíam um baixo nível mental. Para os adeptos do aproveitamento do trabalhador nacional, este baixo nível intelectual não impediria que o negro e o índio fossem aproveitados no que tinham de potencial para contribuir com o país, precisavam serem guiados nas suas funções e melhor distribuídos regionalmente. Para os imigrantistas, este baixo nível intelectual era determinante e a causa de sua aversão ao trabalho e uma melhor forma de promover uma eugenia, um melhoramento racial e contribuir para o desenvolvimento do país.

Sob a influência das teorias científicas raciais que então se produziam na Europa e nos Estados Unidos e açodados pela percepção de que o fim da escravidão se avizinhava cada vez mais, vários reformadores passaram a tratar do tema do negro livre não mais do ângulo inicialmente proposto – o da coação do ex-escravo e demais nacionais livres ao trabalho –, mas sim da perspectiva de sua substituição física pelo imigrante tanto na agricultura como nas diversas atividades urbanas (AZEVEDO, 1987, p. 60).

As primeiras experiências com os imigrantes acontecerem com suíços e alemães, como vimos também com Seyferth, como colonos, pequenos proprietários. Mas estas experiências não foram consideradas bem-sucedidas, devido ao “enquistamento” em seu próprio meio. A primeira tentativa de demonstrar que o imigrante poderia se adaptar ao trabalho nas grandes propriedades, segundo Azevedo, ocorreu em São Paulo, a partir de 1840. Passou-se a perseguirem a ideia do imigrante ideal “que ele se fixasse no país e cumprisse com a sua suposta missão de introdutor e agente de progresso e civilização” (AZEVEDO, 1987, p. 61). Como vimos também com Seyferth, este imigrante ideal passou a ser o italiano, que demonstrou, dentre outras características, uma maior tendência a casamentos com nacionais. O projeto a longo prazo de melhoramento racial, branqueamento, civilização e formação de uma nação homogênea ganhou força no final do século XIX e início do XX.

Para além da questão do imigrante, os estudos de Florestan Fernandes nos levam a refletir sobre o que foi feito com o negro no período de transição entre o trabalho escravo e o trabalho livre no Brasil. Segundo o autor, com a introdução do trabalhador imigrante, o negro perde sua importância enquanto categoria social valorativa. Enquanto ganha a liberdade, ele perde a preferência. Passados os primeiros anos da abolição, o negro logo percebe que não tinha conseguido ascender socialmente e, a cada momento, essa distância social aumentava, ao passo que perdia ao estar cada vez mais distante de algum tipo de educação formal e trabalho qualificado.

No período escravista, a presença do imigrante introduziu um elemento perturbador no horizonte cultural do escravo e, de maneira geral nas autoavaliações do “negro”. Tanto para o senhor quanto para o escravo ou o liberto, o imigrante se define, inicialmente, como equivalente humano do trabalhador servil. O imigrante repudiou essa classificação, favorecido por duas pressões concomitantes: 1) a crise progressiva do mercado de trabalho; 2) a impulsão para a implantação e a universalização do trabalho livre. Doutra lado, suas tradições culturais e aspirações sociais amparavam-no contra o autoritarismo ou mandonismo dos senhores. Estes se viram compelidos a rever suas atitudes e comportamentos, pois os imigrantes cingiam-se às obrigações contratuais e exigiam o seu cumprimento, com o apoio na ação dos consulados. Em consequência, antes da desagregação completa da ordem social escravocrata e senhorial, o imigrante desfrutava de posições e de papéis econômicos, sociais e legais típicos de uma estrutura competitiva (FERNANDES, 2007, p. 139).

Mesmo que não tenham ocorrido conflitos, de fato, entre negros e imigrantes, segundo o autor, ainda assim o que se produz é um distanciamento destas duas categorias: “a discriminação se elaborou, primariamente, como um recurso para distanciar socialmente categorias raciais coexistentes e como um meio para ritualizar as relações entre o convívio entre o senhor e o escravo” (FERNANDES, 2007, p. 119). Mesmo que ambas as categorias sociais (negros e imigrantes) tenham sido inseridas no mercado de trabalho, o imigrante consegue estabelecer algumas vantagens por ter chegado numa condição de portador de direitos, enquanto o negro se ocupou de subempregos. De acordo com Fernandes, a situação do negro foi pior onde sua presença era menor, como no caso de São Paulo, no qual a produção econômica é simultânea ao declínio escravista. O imigrante enquanto elemento branco ascendeu socialmente como comerciante e pequeno proprietário, ao contrário do negro.

Segundo o autor, a “cor” sempre esteve relacionada à “posição social” no padrão tradicionalista de relação racial e em toda a estrutura social. Após a abolição, de 1888 até 1930, o que acontecia nas relações entre senhor e escravo continuaram a fazer parte do comportamento social após a abolição. Segundo ele, não só o negro e o mulato não reagiam às atitudes e comportamentos preconceituosos e discriminatórios como não eram bem vistos pelos brancos quando se relacionavam com eles como iguais.

Ao mesmo tempo, os brancos, principalmente das camadas altas ou em ascensão social, toleravam muito mal outro tipo de reação por parte do negro e do mulato. Revelavam notável incompreensão e extrema intransigência diante daqueles que “saíssem da linha”, pretendendo tratar os brancos como se “fossem gente de sua laia” (FERNANDES, 2007, p. 121-122).

Quando o negro ou o mulato fosse apadrinhado por uma família branca, sendo protegido por esta família em troca de sua lealdade, podia-se alargar sua aceitação e atuação social, mesmo assim, “o indivíduo precisava saber guardar as aparências, mantendo-se ‘em seu lugar’ quando fosse necessário e desenvolvendo uma verdadeira política de sedução sistemática dos ânimos daqueles brancos, diante dos quais devia transigir incondicionalmente” (FERNANDES, 2007, p. 123).

De certa forma, portanto, parte do que Jean percebe como racismo cotidiano, ou como uma negligência cultural e intelectual à cultura negra, é algo que provavelmente está relacionado também com nossa constituição histórica, econômica e social da forma como os meios institucionais, a escola, a polícia, o mercado de trabalho e a sociedade civil se relacionam com a população negra brasileira. Quando em um período histórico democrático começa a receber imigrantes negros de países com os quais o Brasil mantém relações de alguma forma,

estes são vistos como “invasores”, como tantas vezes se referem os jornais, ou como trabalhadores mal pagos, não remunerados, os quais deveriam se contentar com alojamento e refeição, por parte da sociedade civil.

Longe de conseguir problematizar as várias questões que permeiam a xenofobia, preconceito e racismo no Brasil, o que buscamos refletir e enfatizar nesta subseção é que apenas no contexto recente o negro e o imigrante no Brasil estão presentes *pela primeira vez em um mesmo indivíduo*. Passados cento e trinta anos da abolição da escravidão, o país buscou aumentar o fluxo de imigração branca e esconder a população negra. Não que não tenha havido mudanças quanto à mobilidade social do negro e sua inserção na educação formal e mercado de trabalho. Mas, talvez, desde o final do século XX, quando o país passa a receber fluxo de imigração negra, ainda encontraremos várias dificuldades para garantir direitos ao trabalho e nas relações sociais e culturais tanto para a população negra quanto para os imigrantes negros.

Consideramos as reflexões propostas nesta subseção importantes tanto pela evidência de uma imigração negra no Brasil na contemporaneidade quanto porque, na próxima subseção, em que iremos analisar comentários a reportagens online no período de 2014 a 2016, sobre estes temas: do aproveitamento do trabalhador negro; da imigração de italianos e alemães; do racismo, preconceito e xenofobia; e de uma política pública para os negros se farão presentes.

3.3 Uma interpretação da visão de mundo de brasileiros em relação à migração haitiana.

Durante a pesquisa, buscávamos uma forma de compreender a dimensão geral da recepção dos imigrantes haitianos no Brasil¹². Inicialmente pensamos em trabalhar as reportagens veiculados pela mídia tradicional a respeito da imigração dos haitianos, com foco no teor racista que essas reportagens poderiam relatar a respeito do tema em questão. Contudo, uma outra possibilidade surgiu: problematizar o que a população brasileira comentava sobre o tema, ou seja, de certa forma, o foco passou do enunciador para o receptor. Essa ideia de analisar os comentários se fortaleceu após a leitura do artigo de Couto “Do Caribe para a Amazônia: a migração fomentando a conexão entre duas regiões” (2016), no qual, no final do artigo, a autora cita alguns comentários de leitores de reportagens publicadas em jornais (citando especificamente o jornal amazonense, *Acritica.com*). Neste artigo, a autora menciona os comentários “no intuito de dar uma pequena amostra dos diferentes tipos de pensamentos e opiniões em torno da chegada dos imigrantes caribenhos” (COUTO, 2016, p. 173).

¹² Parte da análise destes comentários foi apresentada na XVI Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2017, Araraquara s SP (SILVA, 2017).

Em um primeiro momento, pensamos em analisar os comentários das redes sociais, mas seria muito mais difícil delinear os comentários pela multiplicidade de páginas, pelo fato de os comentários estarem diluídos em páginas de pessoas imigrantes ou não, e pelo recurso de “excluir” comentários. Então, como havíamos realizado, desde o começo da pesquisa, um levantamento de reportagens online com os termos de busca “Haiti” e “haitianos”, retornamos aos sites das reportagens arquivadas para coletar também os comentários. A coleta das reportagens foi realizada a partir do buscador Google com os termos “Haiti” e “haitianos” e a partir de reportagens também buscamos nos veículos de comunicação outras reportagens sobre o assunto, por exemplo, em jornais de relevância nacional, como Folha de São Paulo, Estadão e O Globo, assim como em jornais locais da região de São José do Rio Preto e jornais regionais do estado do Acre.

Além disso, a análise que estamos propondo neste momento não tem como objetivo evidenciar o tipo de público ou o viés de abordagem de cada jornal, mas concentrar a análise nos comentários dos leitores das reportagens sobre a migração haitiana e identificar e relacionar termos que são recorrentes ou se destacam em um dado contexto histórico-social. Com efeito, esse caminho abre uma porta para percebermos, ainda que seja uma fatia da realidade social, como a chegada dos haitianos está sendo vista e compreendida por muitos brasileiros, afim de perceber traços de “visões de mundo” sobre a migração, tendo como pressuposto que essa “visão de mundo” é relacional e está constantemente em processo, tanto em relação ao haitianos quanto a outras migrações nas quais participam os brasileiros ou que para o Brasil se destinam.

Para a análise dos comentários, recorreremos ao método documentário de Mannheim, desenvolvido no capítulo *On the interpretation of Weltanschauung*, no livro *Essay on the sociology of knowledge* (1952). O método, segundo Mannheim, tem como objetivo compreender os valores e as ideias, as expectativas e os interesses, os medos e os temores que formam a visão de mundo de determinado grupo em determinada situação social e época histórica. Assim, trilhando os caminhos oferecidos por Mannheim, objetivamos perceber nos comentários essas possibilidades que o método documentário abriu às ciências sociais. No presente caso, por sua vez, e o leitor terá a oportunidade de verificar mais à frente, escolhemos destacar os valores, as ideias, os interesses e os possíveis medos de determinado grupo social, primeiramente destacando algumas palavras, mas que as mesmas remetem a ideias e a um contexto mais amplo.

No referido livro, o autor busca entender como os homens comuns pensam, ou seja, não se interessa em saber sobre como o pensamento funciona ou como funciona para alguns homens ilustrados, mas como os homens pensam e orientam suas ações. Neste método, Mannheim

analisa as ações dos indivíduos em três níveis, o sentido “objetivo”, o sentido “expressivo” e o sentido “documentário”. Apresentaremos uma breve explicação sobre os três níveis de sentido, sendo o sentido documentário o mais importante para nossa análise.

O sentido objetivo é a forma como a ação é apresentada a nós, é como ela é conhecida. Mannheim exemplifica a diferença entre os três níveis de sentido a partir da análise do ato de seu amigo dar moedas a um mendigo. No início do exemplo, o autor retoma uma questão que se tornou clássica nas ciências sociais, que é a diferenciação do objeto das ciências naturais para o objeto das ciências sociais. Em termos da natureza fisiológica do ato, não há nada que interesse para as ciências sociais, o ato de dar esmolas não pode ser analisado em suas características fisiológicas. Mas dentro de um contexto social, tem o significado de caridade, de assistência. Este é o sentido objetivo da ação, aquele que nos é dado a conhecer.

O sentido expressivo é a forma como o sujeito da ação a expressa. Segundo o autor, no ato de dar moedas ao mendigo seu amigo também quis transmitir um sentimento de simpatia para com ele ou com o mendigo. Neste caso além do sentido objetivo da ação que é a assistência, está vinculado o sentido expressivo, que pode ser chamado de compaixão (MANNHEIM, 1952, p. 46). O sentido expressivo está relacionado com a subjetividade do sujeito da ação. No entanto, não nos é possível conhecer o sentido expressivo pela subjetividade interna do sujeito, mas através de sua expressividade do ato e da recorrência deste ato. Ou seja, podemos analisar a expressividade do sujeito em diversas ações em seu cotidiano e a partir desta observação podemos interpretar e tipificar a intenção do sujeito da ação.

Esse segundo tipo difere essencialmente do primeiro, na medida em que não pode ser separado do sujeito e de seu fluxo real de experiência, mas adquire seu conteúdo totalmente individualizado apenas com referência a esse universo "íntimo". E a interpretação do significado expressivo sempre envolve a tarefa de compreendê-lo autenticamente - exatamente como era entendido pelo sujeito, assim como aparecia quando sua consciência estava focalizada nele (MANNHEIM, 1952, p. 46, tradução nossa).¹³

O sentido expressivo, portanto, só pode ser interpretado pelo espectador. Mas, a partir do momento em que lanço um outro olhar sobre a ação e questiono sobre o sentido expressivo *pretendido*, eu me deparo com um outro sentido totalmente diferente dos dois últimos, que é o sentido documentário.

¹³ “This second type differs essentially from the first in that it cannot be divorced from the subject and his actual stream of experience, but acquires its fully individualized content only with reference to this 'intimate' universe. And the interpretation of expressive meaning always involves the task of grasping it authentically—just as it was *meant* by the subject, just as it appeared to him when his consciousness was focused upon it” (MANNHEIM, 1952, p. 46).

O sentido documentário é a forma como o espectador percebe a ação, não no seu sentido psicológico de interpretação do sujeito, mas no seu sentido cultural. Como se trata de um sentido totalmente diferente do sentido objetivo e do sentido expressivo, segundo o autor, é possível, sem uma análise acurada do sentido expressivo, poder interpretar o sentido documentado.

O sentido documentário também é transmitido por “objetificações”,

Mas enquanto que o significado expressivo não pode ser compreendido sem levar em consideração toda a extensão do significado objetivo, ou seja, enquanto o significado expressivo é fundado sobre o significado objetivo como um todo integral, o significado documental pode ser determinado sem considerar o trabalho em sua totalidade; de fato, qualquer aspecto fragmentário de um trabalho, como um tratamento característico de linha, estrutura espacial ou composição de cores, pode transmitir um significado documental: não é preciso levar em consideração apenas partes concretas e apropriadas do trabalho. O significado expressivo está intimamente entrelaçado com o complexo unitário e integrado de significado objetivo; o significado documentário pode ser inerente a aspectos parciais destacáveis (MANNHEIM, 1952, p. 56-7).¹⁴

O autor exemplifica o método com uma análise de obras de arte e demonstra como a obra pode ser analisada em seu sentido documentado sem uma análise do seu sentido expressivo, ou seja, de todo o processo pelo qual o artista realizou a obra. Uma escultura ou uma pintura pode documentar traços específicos de uma época em um único fragmento, em uma única obra, e pode ser capturado a partir de um olhar sensível quanto ao que foi documentado. Como parte da análise, o pesquisador ainda deve buscar evidências em outras obras, não para completar a análise, pois cada parte pode dar a compreensão do todo, mas para corroborar o sentido documental com outras instâncias homólogas.

Esse confronto de várias evidências não é, contudo, uma questão de simples acréscimo – como se um item de evidência fosse parte de um todo que buscamos –, um todo que só pode ser reunido recolhendo fragmentos de significado aqui e ali. O peculiar é, de fato, que, em certo sentido, um único item de evidência documental fornece uma caracterização completa do assunto; se estamos olhando mais adiante, é para ter exemplos corroborantes transmitindo o mesmo significado documentário de maneira “homóloga”, em vez de suplementar um fragmento por outros (MANNHEIM, 1952, p. 57, tradução nossa).¹⁵

¹⁴ But whereas expressive meaning cannot be grasped without taking the whole extent of the objective meaning into consideration, that is, in other words, whereas expressive meaning is founded upon the objective meaning as an integral whole, documentary meaning can be ascertained without considering the work in its entirety; in fact, any fragmentary aspect of a work such as a characteristic treatment of line, spatial structure, or colour composition can convey documentary meaning: no need to take only concrete, proper parts of the work into consideration. Expressive meaning is closely interwoven with the unitary, integrated complex of objective meaning; documentary meaning may be inherent in detachable partial aspects (MANNHEIM, 1952, p. 56-7).

¹⁵ “This confrontation of several pieces of evidence is, however, not a matter of simple addition—as if one item of evidence were part of a whole we are after—a whole which can only be put together by collecting scraps of meaning here and there. The peculiar thing is, in fact, that in a certain sense one single item of documentary

É desta forma que podemos dizer que determinadas obras têm o estilo “Goetheano”, “Shakespeariano”. Ainda é preciso dizer que, segundo o autor, o sentido documentário de um mesmo objeto pode mudar de sentido conforme o contexto histórico no qual a interpretação é realizada e em que o intérprete está inserido, devendo ser realizada novamente em cada novo período (MANNHEIM, 1952, p. 61). Portanto, na análise dos comentários, aplicaremos esse sentido proposto por Mannheim, que procura identificar em um texto, uma obra, em uma ação, o que ficou documentado. Nesta análise de comentários, este método nos possibilita perceber e analisar a força das palavras e das ideias ao serem usadas como norteadoras nos argumentos a ponto de serem repetidas e desencadearem novos comentários.

No Brasil, a socióloga Wivian Weller é, atualmente, a principal representante no estudo do método documentário e em aplicá-lo em diversos objetos de pesquisa. Weller se refere tanto a Mannheim quanto a Bohnsack, que, segundo a autora, fez o esforço de desenvolver o método documentário para outras áreas. “Bohnsack coloca a reconstrução do sentido documentário no centro da análise empírica, o que significa que, ao invés da reconstrução do decurso de uma ação, passaremos a analisar e reconstruir o sentido dessa ação no contexto social em que ela está inserida” (WELLER, et al. 2002, p. 377)

Nossa análise nesta subseção está voltada para comentários de leitores às reportagens de jornais locais, estaduais e nacionais online. Nosso objetivo é compreender num âmbito mais amplo, através destes comentários, qual a visão de mundo que orienta a forma como a migração haitiana é percebida pelos brasileiros. Ainda que consideremos que apenas uma parte dos leitores se dispõe a comentar, vamos considerar, assim como pensa Mannheim, os comentários como um todo.

3.4 Análise dos comentários

Foram coletadas vinte e sete reportagens, das quais onze possuíam comentários, e foram destas reportagens que analisamos os comentários, lembrando que colhemos as reportagens que primeiro apareciam no buscador. As outras dezesseis reportagens ou não tinham nenhum comentário ou o site ou blog não possibilitava o registro de comentários. Após a leitura de todos os comentários, separamos para expor nesta subseção os que consideramos representativos de

evidence gives a complete characterization of the subject; if we are looking further, it is in order to have corroborating instances conveying the same documentary meaning in 'homologous' fashion, rather than in order to supplement one fragment by others” (MANNHEIM, 1952, p. 57).

uma mesma ideia exposta em outros comentários.

Observamos que algumas temáticas perpassavam os comentários, como: a ascendência imigrante (italianos, alemães, portugueses, principalmente); as cotas e o programa bolsa família aparecem quase sempre juntos; e o desemprego, a pobreza e o governo são termos recorrentes para mencionar o contexto político e econômico, principalmente nas reportagens datadas de 2015. Estes temas, embora frutos de um fato específico, a migração, recuperam elementos importantes da história brasileira como a imigração, a escravidão e o racismo. Somados a este contexto histórico-social mais amplo, temos o contexto político do país, as investigações sobre corrupção e o processo de impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Selecionamos alguns termos que percebemos recorrentes e significativos no desencadeamento dos comentários e destacamos por cor dentro dos comentários os termos que tinham alguma relação. Os termos e as cores são os seguintes: deixamos em amarelo o termo filho e filhinho (a); em verde as nacionalidades; em roxo os termos relacionados à solidariedade e boas vidas; em azul claro os termos relacionados ao preconceito, racismo e cor; em azul escuro termos relacionados à política e em cinza sobre o trabalho. Desta forma, achamos mais fácil visualizar os temas e poder relacionar os termos destacados.

Inicialmente havíamos classificado os comentários entre positivos e negativos, no entanto, em novas leituras dos comentários observamos que um comentário positivo também poderia ser contra a imigração haitiana e um comentário negativo poderia se expressar de acordo com o fato de o Brasil receber estes imigrantes. Assim, fizemos nova classificação e separamos os comentários entre aqueles que se manifestavam 1) a favor da migração haitiana e 2) aqueles que se manifestavam contra a migração haitiana. Classificamos como sendo contra a migração aqueles comentários que se valeram de migrações anteriores da história brasileira para ventilar noções negativas e contrárias à migração atual dos haitianos e os comentários que ressaltavam o momento político e econômico de crise como desfavoráveis, pois a migração custaria o emprego de muitos brasileiros. Os comentários que se referiam a outras questões tratadas nas reportagens e aqueles que não conseguimos perceber se estavam a favor ou contra migração foram separados como “indefinidos” e não foram analisados aqui. De qualquer maneira, a linha que separa os comentários a favor e contra a migração haitiana é tênue e está aqui vinculada à literatura estudada na pesquisa e no desencadeamento das discussões nos comentários.¹⁶

Dentre as onze reportagens analisadas, encontramos as seguintes palavras e suas

¹⁶ No entanto, para que exista maior clareza na análise dos comentários eles estão disponibilizados em anexo nesta tese.

respectivas ocorrências, conforme tabela abaixo. Não foram contadas as palavras de comentários repetidos. Os comentários foram usados no texto tal como estavam no site das reportagens, editamos apenas a fonte e o tamanho da letra. Também é preciso que se diga que a frequência mencionada consta da repetição das palavras dentro dos comentários, não da carga significativa de cada palavra. Nesse sentido, a análise do quadro que se segue procura oferecer ao leitor um panorama geral das palavras utilizadas pelos comentadores.

Tabela 9 – Total de menções a palavras específicas nos comentários a reportagens online, 2014 a 2016.

Comentários a favor		Comentários contra	
Palavra	Frequência	Palavra	Frequência
Filh (o/a)	13	Filh (o/a)	7
Filhinho	1	Filhinha	1
Italia/Itália (no/nos/na/nas)	26	Italia/Itália (no/nos/na/nas)	14
Alem (ã/ães/anha/ao)	13	Alem (ã/ães/anha/ao)	4
Japon (ê/êses/ão)	4	Japon (ê/êses/ão)	7
Portug (uês/uêses/al/ga/sar)	10	Portug (uês/uêses/al/ga/sar)	10
Espanh (ol/óis/a)	4	Espanh (ol/óis/a)	2
Africa/África (no/nos/na/nas)	8	Africa/África (no/nos/na/nas)	16
Haiti (ano/ana/s)	70	Haiti (ano/ana/s)	105
Nordest (ino/a/s/e)	11	Nordest (ino/a/s/e)	10
Bem vindo (bem-vindo)	5	Bem vindo (bem-vindo) (nãosão)	1
Deus (deus)	9	Deus (deus)	3
Abenço (e/ado)	4	Abenço (e/ado)	0
Amor (não tem)	2	Amor (não tem)	1
Solidari (idade/o/zar)	5	Solidari (idade/o/zar)	0
Ajud (ar/e/aram/ando)	17	Ajud (ar/e)	12
Human (o/os/a/nidade/itária/ismo)	14	Human (o/os/a/nidade/itária)	15
Preconceit (o/os/uoso/a)	26	Preconceit (o/os/uoso)	2
Racis (mo/ta)	52	Racis (mo/ta)	28
Raça (s)	7	Raça (s)	0
Xenofobi(a/co/bo)/ Xenófobo/xenofóbico	17	Xenofobi(a/co/bo)/ Xenófobo/xenofóbico	5
Negr (o/os/a) (negreiro)	41	Negr (o/os/a) (negreiro)	30
Pret (o/a)	8	Pret (o/a)	7
Branc (o/a)	15	Branc (o/a)	17
Cot (a/as/tista/s)	19	Cot (a/as/tista/s)	40
Bolsa	7	Bolsa	19

Comentários a favor		Comentários contra	
Palavra	Frequência	Palavra	Frequência
Polític (o/a)	5	Polític (o/a) / Politic /Politicagem	16
PT /Petista	5	PT /Petista/ ptzada / petralha/Pethe/ peteba/ P artido dos T raíras	34
Partido	0	Partido	2
Comunis (mo/ta)	1	Comunis (mo/ta)	3
Vermelh (o/a/as)	1	Vermelh (o/a/as)	6
Govern(o/des)	12	Govern(o/a/ador/adores/antes/des/m ental)	60
Trump	1	Trump	2
Bolsonaro/ “bolsovomito”	2	Bolsonaro	0
Dilma/	0	Dilma/ “moça do poder”	2
Lula	1	Lula/ lularápio/ molusco	3
Mão de obra /Mão-de-obra/	14	Mão de obra /Mão-de-obra/	14
Trabalh (o/a/ador/adores/em/assem)	35	Trabalh (o/a/ador/adores/em/assem)	27
Empreg (des/o/ado/adores)	15	Empreg (des/o/ado/adores)	43

Fonte: o autor, 2018.

A partir deste quadro, o que podemos observar de mais expressivo é que os termos relacionados à política em azul escuro foram mencionados mais vezes nos comentários que se expressavam contra a imigração haitiana. Os termos relacionados ao preconceito, em azul claro, foram mencionados mais vezes nos comentários que se expressavam a favor da imigração haitiana. Especificamente sobre a nacionalidade haitiana, foi mencionada 105 vezes nos comentários contra esta imigração e 70 vezes nos comentários a favor desta imigração, demonstrando que de fato os comentários e os temas dos comentários circularam em torno da questão da imigração haitiana. A seguir, faremos a análise dos comentários conforme os temas destacados no quadro acima. Mesclamos a análise sobre comentários a favor e contra a imigração haitiana dentro destes subtópicos, portanto, dentro dos temas destacados.

3.4.1 Sobre o termo “filho”.

A palavra “filho”, de modo geral, tanto nos comentários a favor quanto contra a migração aparece em basicamente duas situações, para se posicionar a si próprio ou a outros como filhos de imigrantes e para se referir ao futuro dos seus filhos.

Nos comentários a favor da migração, cabe ressaltar dois comentários. Um deles é a citação por parte de um comentador de uma poesia do grupo musical Cordel do Fogo

Encantado, do álbum “Transfiguração” (2006) sobre a migração:

"Com seus pássaros ou a lembrança dos seus pássaros
 Com seus filhos ou a lembrança dos seus filhos
 Com seu povo ou a lembrança de seu povo
 Todos emigram
 De uma pátria a outra do templo
 De uma praia a outra do atlântico
 De uma serra a outra das cordilheiras
 Todos emigram"
 Cantos Dos Emigrantes - Cordel Do Fogo Encantado (Positivo 5/Negativo 0).

A exposição desta poesia demonstra uma visão de mundo sobre a migração de forma mais sensível e positiva por parte do comentador, ao utilizar uma linguagem poética do grupo teatral e musical “Cordel do Fogo Encantado”(1997; 1999-2010). Também há outros comentários que mencionam o acolhimento dos imigrantes, como a ação de deixar um exemplo para seus filhos.

O segundo comentário a se ressaltar menciona o termo “filhinhos de papai”.

E médico que entre uma aula e outra estupra colegas de classe e fuma maconha? todos sabem que isto é praxe nas faculdades de medicina de luxo exclusiva pra filhinhos de papai aqui no Brasil (p. 0/ n. 0).

Este comentário apareceu em uma discussão sobre as cotas raciais e o comentador está respondendo a este comentário.

Eu jamais procuraria os serviços de um engenheiro/arquiteto, que tenha entrado na faculdade através de cotas médico cotista ?????.....NUNCAAAAAAAAAA !!!! (p. 19/ n. 15).

A discussão sobre as cotas raciais é um dos assuntos mais comentados, como vamos ver. O uso do termo “filhinho” se remete à expressão “filhinho de papai”, aquele que não precisa trabalhar, aquele que será protegido pelos pais, tanto quanto o diminutivo no contexto das discussões expressa a tentativa de diminuir a importância de determinado grupo social.

Nos comentários contra a migração haitiana, o termo “filho” também aparece para mencionar a ascendência a migrações anteriores. No entanto, quando fazem menção a seus filhos, é no sentido de preocupação com a possível falta de algo para eles.

É realmente haitiano aqui no brasil esta sendo um problema principalmente aqui em minha região estão formando algum tipo de sindicato ja tem até templo evangelico com os seguintes diseres Templo Evangelico.....dos Haitianos tbempudi ver uma mulher em uma feira livre discutindo muito com vendedor deu para perceber que era

uma haitiana por observar que falava muito pouco a Língua Portuguesa o que tenho a dizer o Brasil não tem condições de recolher outro país dentro dele o que si ve por aqui é haitiano em todos os lugares em albergue em kitinet em toda parte mesmo é hora do Governo ver isto e procurar dar um basta nisto nosso povo é humilde mas humildade tem limite estão acabando com alimentos de nossos filhos nossos netos aonde vaiparar isto

Isso ainda é pouco, tem mãe brasileira perdendo a vaga do filho na creche para filhos de haitianos...isso deixa claro que o Estado não comporta mais pobreza vindo de fora (p. 10/ n. 3).

Dias atrás um grupo de mulheres haitianas estava com uma leva de filhos para colocá-los em uma creche, por fim várias mães brasileiras da pobreza nacional não conseguiram vagas para seus filhos, pois haviam perdido as vagas para a pobreza estrangeira (p. 20/ n. 6).

Os comentários acima evidenciam para os comentadores o risco de os filhos dos imigrantes tomarem os direitos dos filhos dos nacionais brasileiros, o acesso ao direito aparece como algo limitado. O sentido documentado é um anúncio de que, no futuro, essa migração irá trazer problema, pois já pode ser sentido no fato de que os “nossos filhos” estão sendo prejudicados com a falta de algo em favorecimento dos “filhos dos outros”. Ainda há a questão de ter “uma leva de filhos”. A quantidade de filhos no Brasil é associada aos estratos mais pobres de forma pejorativa. Quando os migrantes possuem “muitos filhos” são associados com o estrato considerado mais “atrasado” na sociedade.

Outro fator mencionado é o da visibilidade. Estes comentários apresentam um desconforto e uma evidência de que estamos vendo “eles” por toda parte, eles estão na igreja, estão no sindicato, estão na feira, estão na escola, ou seja, estamos os vendo demais, isso é um problema. A questão da visibilidade é recorrente em outros comentários. Cabe mencionar que, de acordo com dados sobre a América Latina e o Caribe (OIM, 2017) a porcentagem de estrangeiros no Brasil em 2015 era de 0,3% do total de habitantes no país. Neste mesmo ano Venezuela e Argentina possuíam, respectivamente, 4,5 e 4,8% da população em imigrantes.¹⁷ Ou seja, em que sentido podemos dizer que há uma visibilidade expressiva da presença de estrangeiros no país? Quando observados dados do Relatório Anual 2017: a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro, percebemos que os imigrantes estão mais concentrados no estado de São Paulo e em estados do Sul e Sudeste (BRASIL, 2018, p. 53). Além desta maior concentração de imigrantes nestes estados, podemos questionar a respeito da situação das cidades de fronteira, cidades que recebem estes imigrantes, mas que não têm infraestrutura necessária para isso. Essa visibilidade, portanto, ainda que não real estatisticamente, pode ser levada em consideração quanto a sua distribuição entre as cidades.

¹⁷ No site da ONU no Brasil possui matéria sobre o dado e indica os links para acesso destes, (ONU, 2017).

Ainda sobre o termo filho, vimos que, nos comentários a favor da migração, foi usado o seu diminutivo masculino na expressão “filhinhos de papai”. Nos comentários considerados contra a migração foi usado o seu diminutivo feminino, “filhinha”, se referindo a um comentador que critica o comentário anterior. A sequência dos comentários está exposta a seguir:

essa gente só vem trazer AIDS e roubar, aqui em SC tá cheio desses aí, enchem os hospitais, enchem as creches, enchem as ruas, porquices, e por aí vai, daí chegam e já ganham direito de votar aqui, e pra quem eles vão votar? (p. 108/ n. 43).

Quero lembrar que xenofobia e racismo são crimes e que se vc está achando que se esconde atrás de uma página de internet está completamente enganado. Em dois tempos te acham até no inferno, internet deixa rastros e os criminosos são punidos ainda mais rápido (p. 72/ n. 9).

J., não é so em SC esse problema. Em São Paulo já tem até quadrilha. Engraçado que para o Rio e nordeste eles não vão (p. 13/ n. 4).

A. R. - xenofobia todo bem, mas racismo não, não me lembro de ter citado ofensas ou injurias por aqui, acho que você precisa é parar de se meter, só falo verdades aqui meu amigo, não gostou? então adote um haitiano pra morar com você (p. 18/ n. 1).

A. R., podia ter dormido sem essa ... (p. 10/ n. 1).

de preferencia em a esposa e a filhinhinhas dele.. (p. 5/ n. 0).¹⁸

Enquanto o termo “filhinhos” se refere à expressão “filhinhos de papai”, o termo “filhinhas”, expresso logo após a palavra “esposa”, alude à expressão “filha da mãe”. Em ambos os comentários, o termo no diminutivo foi usado para diminuir a relevância do interlocutor, mas as expressões que se referem têm, dentro do contexto social, significados diferentes, quase que opostos. “Filhinho de papai” é mais comumente usado para se referir a pessoas que têm benefícios por hereditariedade e “filha da mãe” ou mesmo “filho da mãe” é usado como uma ofensa social em momentos em que se pretende despersonalizar ou “despessoalizar” alguém.

Sobre o uso de palavras para ofender, cabe ressaltar que, para o linguista Tullio de Mauro (2016), este é um recurso recorrente nas redes sociais. Segundo o autor, são palavras depreciativas, que inferiorizam o sujeito interlocutor ou um grupo de pessoas as quais se quer atingir. Veremos ao longo desta subseção que foram diversas vezes usadas nos comentários palavras ofensivas. Palavras que são enfatizadas para atingir grupos específicos, portadores de estereótipos como “gay”, “petralha”. Palavras de valor predominantemente neutras, mas que ganham significados pejorativos, se usados muitas vezes por palavras derivadas como o caso

¹⁸ Abreviamos ou retiramos os nomes quando estes apareciam nos comentários.

analisado acima, de “filhinho”, “filhinha”.

3.4.2 Sobre as “nacionalidades”.

Nos comentários a favor da migração, as nacionalidades aparecem geralmente como uma advertência sobre o passado migrante dos brasileiros. Para a análise, separamos os comentários entre a favor e contra a imigração, no entanto é preciso ter em mente que estes comentários respondem uns aos outros ou reiteram afirmações. Assim, podemos perceber que dizer que todos nós temos uma ascendência migrante muitas vezes é uma resposta a comentários que são contra a imigração. A nacionalidade mais mencionada depois da haitiana é a italiana, a qual desencadeia uma longa discussão que acessa o imaginário coletivo de uma divisão do Sul com o restante do Brasil. Os comentários expressam tanto a concepção daqueles que pensam que os moradores do sul do Brasil se sentem superiores ao restante do país quanto daqueles que defendem que a população do sul é receptiva, que está ajudando os migrantes, e que esta é uma visão superficial, midiática do que acontece no sul do país.

É importante tocar nessa ferida. Moro no norte do RS, em uma cidade com forte colonização italiana. Os relatos de racismo são numerosos. Conheci um rapaz de origem senegalesa, que iniciou seu próprio negócio, e sofreu com o racismo e tentativas de sabotagem de uma empresa que o via como concorrente (empresa aliás que se considera dona da cidade...) (p.7/ n.0).

aqui em SP os mais racistas e que bradam contra programas sociais, são os descendentes de italianos já falei isso aqui no DCM e fui taxado de xenófobo a ironia é que os italianos ganharam lotes dos governos, se fizeram ou tiveram seu caminho facilitado por isso, enquanto os negros libertados 30 anos antes, não ganharam nada, e hoje ainda são alvo por causa das cotas, que tentam reparar esta injustiça social (p.3/ n.0).

Como descendente de italianos, B., digo que não é a descendência que "demoniza os haitianos", é a pouca inteligência e falta de cultura de tal pessoa (p.1/ n.0).

Como podemos observar, os assuntos estão relacionados, a questão da migração está relacionada com a discriminação e com a política. É importante destacar que o mesmo argumento que encontramos nos comentários contra a imigração haitiana também é o argumento de comentários a favor da migração haitiana em relação àqueles que são contra, o de expulsar imigrantes ou forçar uma integração.

Eu já tô ficando é puto com muitos desses descendente de italianos folgados(muitos deles, não todos). É preciso dar uma prensa nesses marginaizinhos de merda. Isso aqui é Brasil caramba, se a Italia é tão incrível, por que esses zé ruelas insistem em ficar

usa vários fatos históricos para se justificar, mas o que gostaríamos de enfatizar é o argumento de que, segundo o comentarista, aqueles migrantes deveriam ter se integrado, abandonado nomes, e, quando possível, deveriam ter sido deportados ou até mortos. Além disso, o teor dos comentários neste texto marca significativamente uma separação entre o Sul e as outras regiões do Brasil, demonstrando ainda um forte imaginário separatista que remonta aos dez anos da guerra dos Farrapos, no início do século XIX. Também demonstra os conflitos resultantes do tipo de povoamento que as diversas regiões tiveram. Em vários comentários, há a menção às políticas migratórias do governo para italianos e alemães, como forma de favorecimento em compras de terra e pela concentração desta migração na região sul.

Também gostaríamos de destacar os dois próximos comentários. Apesar de os nomes dos comentaristas serem apelidos ou nomes falsos, os próximos dois comentários podem possivelmente ser de haitianos, tanto pelo nome indicado quanto pelo teor do conteúdo. Este comentário apareceu em inglês. No final, o autor faz menção ao google tradutor. Não sabemos se foi escrito em outra língua e traduzido para o inglês ou se o autor sugere que quem leia faça a tradução. No entanto, o comentário destoa daqueles de brasileiros por fazer referência à migração para os Estados Unidos, França e Inglaterra, o que não vimos com frequência nos comentários.

Bem, eu li alguns comentários que vocês postaram sob este artigo, eu realmente não consigo encontrar uma palavra para descrever o nível de sua ignorância, apenas uma pequena pergunta, entre todos vocês, pode um de vocês provar que você não é um imigrante? se você tivesse estudado a história que você conheceria na América, este continente, caso vocês não tenham uma idéia do que é a América, somos todos de algum outro lugar, isso não é só no Brasil, mas em todos os países do continente, algumas das pessoas que estão vivendo agora no Haiti, Jamaica, Rep. Dominicana, foram sequestradas em suas próprias terras trazidas aqui na América para ser usadas por uma raça que uma vez pensou ser a melhor de todas, lol, engraçado né, gente que hoje se chama brasileiro a maioria deles vieram de Portugal, em meados do século 20 por causa da I e II guerra mundial, como Itália e Alemanha, então poderia ter sido qualquer outro país como Cuba Jamaica, Haiti, então pessoas, qual é o problema, não qual é o seu problema? é porque o Haiti é um país pobre? se é assim, vocês são mais do que racistas, vocês são cupidos. Por que eles são negros? Se sim, você é racista, o que significa que você está cheio de falta de conhecimento, o haitiano é o único imigrante refugiado no Brasil? Não, os italianos são, assim como todas as outras nacionalidades que agora vivem no país, então respire profundamente e pense sobre isso. Quando um brasileiro me pergunta de onde eu sou, eu respondo Haiti, eles "ah sim, eu gosto do Haitiblablabla" e quando eu digo que sou dos Estados Unidos, eles gostam "Eu sabia que você não podia ser do Haiti" qual o problema com vocês pessoas. Vocês realmente precisam se educar, antes de falar sobre alguém você tem que conhecê-lo, porque esse país que você está agora tentando discriminar já foi um país maravilhoso e muito forte, todo país pode ter seus problemas, agora e essa crise no Brasil? na Venezuela? as pessoas estão morrendo de fome, chorando por comida, agora 7 em 10 brasileiros são demitidos a cada dia, e quantas vezes eles pegam brasileiros tentando invadir a fronteira dos EUA passando pelo México, lol pessoas por favor, vocês não estão prontos ou não podem se colocar tal posição, você sabe porque, porque não cabe a você, deixe para um país melhor como a França, a

Inglaterra etc. google tradutor lmaooo (p. 0 / n. 0), (tradução nossa)¹⁹.

E daí sim de poisdesa VC não vai fará mais nada nada não do haitianos porque sim fose um americano VC não iva fala nada (p. 0/n. 1).

Neste último comentário, podemos perceber que há uma tentativa em se escrever em português e se faz novamente comparação com um possível imigrante americano.

Nos comentários contra a migração haitiana, a nacionalidade é novamente ressaltada como origem, o que pode ser percebido principalmente nas discussões sobre trabalho e emprego se referindo à imigração da passagem do século XIX para o XX, principalmente de italianos e alemães. A discussão gira em torno da afirmação de que naquela outra migração, a dos nossos avós, havia necessidade de mão de obra e atualmente essa necessidade não existe. Faremos essa análise no tema trabalho.

Neste momento, vamos ressaltar alguns comentários sobre o Haiti e também sobre a região Nordeste do Brasil. Apesar de o termo Haiti/haitiano aparecer várias vezes nos comentários, alguns destes são significativos, pois adjetivam estes termos, objetificando um imaginário sobre o Haiti na pessoa haitiana.

Veja como é o haiti, e daí se conclui como será o Brasil com os haitianos (p. 2/ n. 1).

Todas as haitianas que eu vejo em SC estão grávidas. Pode isso, nessa situação em que se encontram? (p. 6/ n. 0).

EU JÁ TIVE VIZINHOS AFRICANOS. OS QUE EU JÁ TIVE FICAVAM TODO O TEMPO NA RUA EM FRENTE A CASA. PARECEM NÃO GOSTAR DE AMBIENTES INTERNOS. NA RUA FAZIAM BARULHO, JOGAM BOLA NOS PORTOES DOS VIZINHOS, SOLTAM BOMBAS, ETC. QUANDO RECLAMEI

¹⁹ Well I have read a few comments that you people have posted under this article, I really can't find a word to describe the level of your ignorance, just one little question, between all of you, can one of you proof that you are not an immigrant? if you had studied the history you would know in america, this continent, in case you guys don't have an idea what is america, we are all from somewhere else, this is not only in Brasil but all the countries in the continent, some of the people whom is living now in Haiti,Jamaica, Dominican Rep. they have been kidnapped in their own lands brought here in america to get used by a race who once thought was the best of all, lol, funny huh,, people who is now call themselfbrasilian most of them from Portugal, in the mid of the 20 century cause the world war I and II, like Italy and Germany so it could have been any other country like Cuba Jamaica, Haiti, so people what is the problem, no what is your problem? is it because Haiti is a poor country? if it is so you people are more than racist, you people are cupid. Because the are black? if so you are racist, wich mean you are full of lack of knowledge, are the haitian the only refugee imigrant in Brasil? no, the italians are, so do all the other nationalities who now living on the contry, so take a deep breath think about it. When a brazilian ask me where I am from I respond Haiti they " oh yea , I like Haitiblalbla" and when I tell them that I'm from United States they like" I knew you couldn't from Haiti" what the matter with you people. You really need to educate yourself, before talk about someone you gotta know him, because this country you are now trying to discriminate was once a wonderful country and very strong, every country might have their problems, now what about this cris in Brasil? in Venezuela? people are starving, crying for food, now 7 on 10 brasilians is fired every single day, and how many time they catch brasiliantryna invade the US border passing through Mexico, lol people please, you are not ready or can't put yourself in such position, you know why, because it doesn't fit you, leave it for it better country like France, England etc.. google tradutor lmaooo (p. 0/n. 0).

COMEÇARAM A JOGAR PEDRA NA MINHA CASA. NÃO É A COR QUE GERA O ÓDIO. É O COMPORTAMENTO DE DESRESPEITO. SE EU TIVESSE JAPONÊS VIZINHOS QUE TIVESSEM ESSES COMPORTAMENTOS QUE CITEI TERIA AVERSÃO A ELES TAMBÉM (p. 26/ n. 4).

Ai d. vou ter que concordar. Morei com estudantes de intercâmbio africanos e fiquei horrorizado com a falta de higiene - mijavam fora do vaso, dormiam suados e fedidos, largavam roupas espalhadas pela casa. Por causa deles fiquei com uma péssima impressão dos africanos (p. 10/ n. 0).

HAITIANOS SÃO MUITO BONS EM TODOS OS TIPOS DE JOGOS DE CARTAS. DEPOIS DO TERREMOTO, AS MESAS DE APOSTAS FORAM MONTADAS NAS RUAS, UMA VEZ QUE OS PREDIOS FICARAM TODOS ABALADOS. PORTO PRINCIPE VIROU UM CASSINO A CÉU ABERTO (p. 0/ n. 0).

Junto com os haitianos entram africanos também e devido a falta de controle sanitário, entram pessoas contaminadas com o vírus zica (originário da África) que são picadas pelo mosquito Aedes Egypt e o resultado está aí! O vírus espalhado pelo Brasil! Virou problema de saúde pública! Endemia! E o governo vem com esta 3. história que o vírus veio com a Copa do Mundo! O governo pensa apenas em arrecadas votos nas eleições! Estão pouco preocupados com a saúde da população (p. 18/ n. 4).

A relação entre haitianos e doenças aparece também em outros comentários. O que deve ser ressaltado é a personificação da doença com a nacionalidade e a cor. Principalmente após o terremoto de 2010, aumentou o número de doenças contagiosas e infecciosas no Haiti, pelo seu sistema de saúde precário e pela destruição de redes de esgoto e de água tratada, principalmente a cólera (ONU BRASIL, 2016), trazida por soldados nepaleses ao Haiti, fato que rendeu grande hostilização à Minustah pelos haitianos naquele momento. Também podemos observar no comentário a relação entre haitiano e africano. É uma relação constante que demonstra a falta de conhecimento da população quanto às nacionalidades, mas que por outro lado demonstra a associação primeira com a cor. Nesta relação entre haitianos e africanos (numa generalização, como é mencionado) destacam-se os casos de ebola no Brasil por parte da população autóctone.

Alguns se referem à migração no sentido de anúncio de uma possível epidemia quando, por exemplo, fazem referência aos migrantes com o termo “praga”.

Além da pobreza, trazem doenças (p. 19/ n. 7).

Fiquem no seu país seus sapohha! essaracinha enche o brazil ... fora que ainda trás um monte de doenças junto.... (p. 4/ n. 9).

Pragas...nada mais do que isso... (p. 6/ n. 17).

Novamente percebemos o uso de palavras para ofender (MAURO, 2016), numa associação à raça, às doenças, à pobreza e a uma epidemia. Essas palavras para ofender se valem da essencialização de características negativas e as associam ao imigrante, especificamente ao

imigrante negro.

Sobre o Nordeste e os nordestinos, tanto nos comentários a favor como nos contra a migração, aparecem como o lugar onde se concentra os problemas no Brasil, ou para serem ajudados ou para permanecerem lá e, principalmente, comentários para que os haitianos fiquem no Nordeste, como os comentários a seguir:

EU SOU A FAVOR DOS HAITIANOS ENTRAREM NO BRASIL PELO NORDESTE , E FICAREM TODOS LA ...!!! (p. 12/ n. 14).

pq nordeste já é o próprio haitiaki no país (p. 29/ n. 11).

São os que votaram no Aécio Neves, querem dividir o país morte aos nordestinos

Jhonathan, não é so em SC esse problema. Em São Paulo já tem até quadrilha. Engraçado que para o Rio e nordeste eles não vão (p. 13/ n.4).

JA QUE O GOVERNO DILMA QUER AJUDAR PORQUE NAO PROMOVE NO HAITIAJUDAS A ESSES HAITIANO,ARABES E OS NORDESTINOS POIS ELES FICARIAM BEM MELHOR PROXIMO DO LUGARES QUE NASCERAM, POIS AQUI SO IRAO SOFRER DISPUTAS PARA CONSEGUIR TRABALHOS E SOBRECARRGAR A SECRETARIAS. BEM ESTAR, SAUDE, SEGURANCA ETC

Há novamente um apelo separatista nos comentários e a reprodução de que o Nordeste foi e é um problema para o país. Podemos igualmente citar a migração nordestina nas décadas de 1930 a 1960 (PAIVA, 2004) ou em uma migração mais recente no início do século XXI, em que de diversas formas o nordestino foi estigmatizado nas regiões em que migrou, pelos diversos apelidos, pelo tipo de trabalho degradante que ocupou, por estereótipos físicos e pela linguagem.

O último comentário, ainda, demonstra uma visão bem simples dos fatores que possam levar pessoas a migrar. É fato que poucas pessoas migram porque podem escolher migrar. No entanto, ainda que haja concomitantemente uma política de desenvolvimento ou assistência em regiões degradadas, não se pode cobrar que estas pessoas permaneçam no mesmo lugar até que se resolvam os problemas. Isto porque muitas migrações são iniciadas por governos de outras regiões para conseguir suprir demanda por trabalhadores, ou governos de outras regiões que causam degradação em uma área para conseguir extrair minérios, água, e todos os tipos de recursos, portanto, não sendo causadas por seus próprios moradores.

3.4.3 Sobre os termos relacionados à recepção

Os termos bem-vindo, solidariedade, humanitário, humano, ajuda, amor e deus aparecem principalmente nos comentários a favor da migração ou ainda associados com “meus queridos” ou “queridos”. Nos comentários contra a migração, as palavras aparecem relacionadas como: deus nos ajude; pelo amor de deus.

Em quase todos os sites, o comentário pode ser avaliado pelos demais leitores como positivo ou negativo. Muitos comentários a favor da migração recebem mais avaliações negativas, enquanto percebemos que comentários contra a migração recebem mais avaliações positivas. É algo que vamos destacar no comentário a seguir, o qual recebeu 18 avaliações como positivo e 50 como negativo.

Tenho orgulho de morar em um país, no qual recebe imigrantes , e aumenta cada vez mais a nossa cultura, proporcionando maior diversidade (p. 18/ n. 50)

Bom dia Gil. Fiquei triste com a sua postura a respeito dos haitianos. Se o nosso país viesse a enfrentar o que eles enfrentam, certamente muitos brasileiros buscariam refúgio em outros países. Você ficaria feliz em ver um brasileiro carente sendo tratado com indiferença? Vivemos em um país muito amplo, maravilhoso, rico e cheio de oportunidades que possam favorecer a eles também. Que Deus o abençoe e encha o seu coração de amor para os necessitados. Um grande abraço para você (p. 0/ n. 1).

Meus queridos haitianos !relevem os comentários ofensivos aqui; muitos brasileiros não pensam assim, os que conhecem a história do Mundo Novo admiram vossa história, sabem do fato que vosso país o Haiti foi o primeiro país latino-americano a declarar-se independente. Muitos brasileiros inteligentes e conhecedores da nossa história sabem que nosso país foi estruturado pelo trabalho de inúmeros imigrantes, italianos, alemães e outros, que para nossa terra foram trazidos milhões de negros que forjaram com seu trabalho escravo a riqueza do país; sabem também que os verdadeiros nativos do Brasil são os índios, nós somos fruto dessa mistura, portanto, somos frutos da histórica imigração. Queridos haitianos que vivem em minha terra, Santa Catarina, os vejo, respeitosos, educados, caprichosos e sempre perfumados, cumpridores de seus deveres no trabalho e em comunidade, não os vejo em bares (embora tenham todo o direito). Eu já ajudei-os em minha cidade e continuarei ajudando-os, como muitos aqui o fazem ! Continuem com suas cabeças erguidas, nós os admiramos e respeitamos, saibam que em todo o lugar do mundo existem pessoas que oram, pedem ajuda à Deus, frequentam igrejas, rezam o “Pai-nosso”, porém, sentem-se melhores que outras seres humanos e jamais os chamariam de irmãos, que pena! Meus queridos haitianos, fiquem, fiquem aqui, quanto tempo quiserem, que Deus nos proteja, meus queridos irmãos!!!

Sejam vindos todos haitianos e africanos, eles são povos sofridos! Só não gosto de boliviano, 2 já quiseram mim assaltar quando os meus parceiros perceberam partiram prá cima eles saíram a milhão... (p. 2/ n. 18).

Em contrapartida, outro dia, em Jundiaí, percebendo a dificuldade de expressão de um funcionário de um supermercado, perguntei se ele não era brasileiro. Prontamente, outro funcionário veio dizer que era do Haiti e que estava morando na casa da família dele há 3 meses. Sempre tratando-o com muito carinho, disse que o haitiano realmente tinha dificuldade de entender nossa língua, mas estava aprendendo

bem. Me pergunto quantos de nós seríamos capaz de abrir nosso lar para fazer o mesmo que esta família de verdadeiros cidadãos tem feito (p. 12/ n. 0).

meudeus...claro que sim.. é isso! será que os idiotas coxinhas de qualquer estado não são capazes de aprender com pessoas que não têm muito mas justamente por isso são os primeiros a estender a mão?

os que dividem sua própria comida, oferecem um canto em casa, organizam um mutirão e ajudam a empurrar um carro engasgado chamando quem ta por perto? sou ateu mas deusabenceoe nosso país e nosso povo.. (p. 4/ n. 0)

Dá orgulho ver que Rio Preto e a Paróquia de São Francisco estão fazendo um trabalho social tão admirável por nossos irmãos haitianos. Para pessoas que passaram por tanto sofrimento nos últimos tempos, é essencial encontrar um oásis e santuario para se reerguer. Valeu, Rio Preto! (p. 0/ n. 0).

Nos comentários contra a migração, não há manifestações de boas-vindas para os migrantes haitianos. Alguns comentários enfatizam que a ajuda tem que acontecer no Haiti, mas muitos comentários demonstram neste sentido ser totalmente contra a permanência dos migrantes. Basicamente, nestes comentários aparece de forma mais clara a rejeição a esta migração.

O conteúdo de deportação e de controle das fronteiras aparece de forma bem clara em alguns comentários. Nestes há praticamente um diálogo com o governo pedindo controle da imigração, construção de cercas nas fronteiras e até um pedido de “Trump presidente”. Os comentários a seguir são um exemplo destes pedidos de deportação.

DEVEM SER TODOS (TODOS) EXPULSOS IMEDIATAMENTE

O Brasil é a casa da mãe Joana. Não há um controle de imigração. Será que já não temos um número suficiente de indigentes nas ruas?? Por que importar mais???? (p. 4/ n. 3)

DEPORTAÇÃO - URGENTE, o Brasil não é manicômio do planeta. Já tem doido demais por aqui.

O solução para o planeta acre, seria cria uma cerca grande e alta em 500 volts... (p. 5/ n. 2).

Desgraça. Tem que mandar essas pragas de volta proinferno de onde vieram. Trump presidente! (p. 9/ n. 20).

o estado de sp , podia fazer igual o eua com o mexico , colocar logo umas cerca dividindo o territorio da s outras fronteiras (p. 45/ n. 19).

Ser ministro encerra a emissão de vistos e deporta a maioria que tá aqui ilegal! No entanto o sr aumento o numero de vistos?osr tá declarando guerra contra os brasileiros? (p. 40/ n. 16).

Quando analisamos a forma como as palavras são escolhidas para representar uma ideia

é que podemos perceber o quão oposto podem ser duas visões de mundo diferentes sobre a entrada de imigrantes. Enquanto uns dizem “bem-vindos” outros dizem “expulsos”, uns fazem menção a atitudes de abrir as portas da casa para recebê-los e outros em construir um muro para separá-los. Também podemos perceber que há mais pessoas que consideram como positivo os comentários que propõem a deportação e retirada dos imigrantes, como nos dois últimos comentários.

Também há um ressentimento em relação ao governo, no sentido de que os governantes não estão percebendo que já há problemas demais no Brasil, principalmente em relação à pobreza e que não é o momento para oferecer ajuda humanitária.

Eu fico me perguntando esse povo vem acrescentar no Brasil?? No mínimo trazer mais pobreza para o país!!! Fecha a fronteira e manda todo mundo de volta de onde veio!! (p. 159/ n. 32).

Somos humanitários, porque não olhamos para dentro do nosso País e protegemos antes nossos pares, vejam a seca no Nordeste, craco/lândia, favelas, segurança, fome é só comentários e demagogia, vão estudar sociologia na Federal ... (p. 2/ n. 2)

tem uma senhora chamada “alguém” aqui no comentário q deve ser petista, pq só burro pra chamar povo brasileiro de preguiçoso e pra não saber q o Nordeste é o pé e a mão de obra do Brasil, pra que trazer haitiano se já temos mão de obra? pra inventar q racistas matam nordestinos no sul? pra amedrontar eles e depois falar q n tem mão de obra no sul? haha! tirem esses invasores do nosso país! não são bem vindos!

E os milhões de brasileiros que estão na mesma situação dos haitianos, precisando de ajuda por questões humanitárias nenhum país do mundo abre suas portas para recebê-los (p. 77/ n. 6).

Tinha era que proibir a entrada deles, o país em um buraco gigantesco denominado crise ter que sustentar esse povo de fora, sem falar que, no país deles estupro é cultura! Fora cambada, não queremos mais problemas, já não chega os nossos que são muitos ainda mais esse! (p. 5/ n. 5).

Residência em Santa Catarina até eu que sou mais bobo.....por que não no norte do Brasil???? (p. 160/ n. 9).

até que enfim uma ótima notícia.....já basta que os portugueses deixaram com os navios negreiros (p. 6/ n. 6).

No primeiro comentário do bloco acima, 159 pessoas o consideraram como positivo. A principal ideia expressa no comentário é que os imigrantes não trazem nada de bom a acrescentar ao país, trazem apenas pobreza, o que já tínhamos o suficiente. Este, talvez, seja um desafio a políticas de acolhida migratória no Brasil, expor o quanto a migração pode contribuir com a população em todas as esferas, politicamente, economicamente, socialmente e culturalmente. O migrante contribui com a produção e circulação de mercadoria no país, assim

povo e o governo federal estar incentivando visto de trabalho e cadastro no sine para Haitianos, senegaleses, etc... onde estar a preocupação do governo com os Brasileiros desempregados?”, com o seguinte título: “Contra imigração estrangeira no Brasil”. Este comentário se encontra em uma reportagem da Veja de 22 de maio de 2015, mas até o dia 29 de outubro de 2018, apenas vinte e cinco pessoas haviam assinado. Ou seja, apesar da divulgação, não houve adesão à petição.

Outros comentários expressam uma desconfiança em relação à origem e objetivo da imigração haitiana, questionando por que eles não ficam em outros países mais próximos. Como vamos ver na análise dos comentários sobre o governo, esta desconfiança se refere à suspeita de que o governo incentiva esta migração para conseguir eleitores nas próximas eleições.

Voceja se perguntou pquesse haitianos nao ficam perto do Haiti? PORQUE eles atravessam Equador e Peru e nao chegam nem perto da Colombia e Venezuela? PORque eles nao ficam la perto do Haiti, na Republica Dominicana? OU em CUBA ? OU na Jamaica? E porque eles se dirigem para os estados do SUL do Brasil? Nao vamos resolver o problema dessas pessoas e eles vem crescer os nossos

Intrigante! Ano passado estava no aeroporto de Lisboa, na fila de “saída”, esperando receber o meu carimbo para finalmente dizer adeus àquela bela terra. Qdo de repente apareceu um funcionário da TAP perguntando e dando prioridade para quem fosse desembarcar em RIO BRANCO, no ACRE. Logo, além de mim, outros brasileiros tb estranharam a situação – Afinal, há voos internacionais e regulares para o ACRE?! – Evidente que rolou umas piadinhas e etc. E questionei o funcionário sobre esta rota e ele me disse categoricamente: É um voo que faz escala no Haiti e depois em Rio Branco. Fiz mais algumas perguntas e ele não soube (ou não quis) responder. Afinal, quem sai do Haiti de avião só tem este caminho para o Brasil?! Não!

Ainda bem que segunda a matéria, esta caindo muito a chegada desses andarilhos para essa colonia,..E mais tranquilo ficar lá, sentar, em uma rede, e depender da ONU (p. 0/n. 1).

O que podemos observar é que o cidadão comum vê a migração, mas a compreende conforme sua lógica própria, conforme sua experiência de vida. Os haitianos estão em outros países, República Dominicana, Cuba, Venezuela, Colômbia, enfim, eles não vêm apenas para o Brasil ou se destinam apenas para o sul do Brasil. Por outro lado, se esse cidadão não tem essa informação, é porque ela não foi apresentada de forma clara à população, e ele em sua leitura de mundo não associa as diversas informações. E o mesmo acontece quando diminui o número de imigrantes entrando no país, “É mais tranquilo ficar lá, sentar, em uma rede, e depender da ONU”. É uma crítica debochada.

Outro assunto presente nos comentários é a questão religiosa, tanto da igreja no Brasil, que é o principal lugar de acolhimento dos migrantes, quanto como uma aversão ao vodu, religião de matriz africana com elementos do cristianismo, presente na história haitiana,

sobretudo, religiosidade inerente à língua, o Kreyòl, e à história da revolução que culminou na independência do Haiti (PIMENTEL; COTINGUIBA, 2016).

Não é odio...o problema é nao ter controle sobre esses imigrantes..Estao vindo em escala acima da média!! (p. 2/ n. 0).

Ótimo que fiquem por Porto Principe adorando aos TontonsMacoutes deles e cultuando o Voodooismo, por aqui nós já estamos mais do que lotados de incompetentes ! (p. 8/ n. 4)

a igreja que faz lobby para que aceitemos os imigrantes, não faz mais que a obrigação em cuidar deles (p. 1/ n. 0).

Ficou fácil para o **governo** federal posar de **humanitário** e despejá-los em SP. E para aqueles que reclamam e criticam a Igreja Católica, vejam quem os acolheu (p. 5/ n. 2).

a igreja quer criar obrigações para quem não tem nada a ver com isso (p. 1/ n. 0).

Sobre o primeiro comentário, há que se destacar a questão do controle; os comentários destacam a importância de se controlar os imigrantes, pois eles estão vindo acima da média. Seria interessante se nos questionássemos se existem brasileiros acima da média. Os imigrantes não são nacionais, então existe uma média aceitável em relação a eles. Ainda, sobre os Tontons Macoutes e o vodu, são assuntos difíceis a se tratar, de certa forma é considerado uma ofensa fazer menção a estes termos.²⁰ Ainda há de um lado um elogio à igreja e de outro uma reclamação, de que quando a igreja aceita receber imigrantes ela cria uma nova obrigação para as pessoas, a igreja dá visibilidade a um problema no qual mesmo sem ajudar as pessoas não podem mais dizer que não o conhece.

Vimos, então, que são diversos os elementos que compõem a justificativa para não receber imigrantes, sobretudo haitianos. Desde a pobreza, a falta de infraestrutura, sobrecarregar os serviços públicos, a religião, a rota migratória que escolhem fazer, o fato de o governo ou a igreja quererem demonstrar que são “humanitários” apenas como uma forma de autopromoção de sua imagem, mas sempre há no pano de fundo a sensação de serem muitos, mais do que podemos receber.

²⁰ Aqui são apenas impressões, não se tratou de assunto da pesquisa de campo. Mas em uma conversa na casa da família de haitianos de nossa pesquisa, certa vez estava presente uma outra família e começou uma discussão sobre política, Chaves e Duvalier eram o assunto. Quando um defendeu Duvalier, o outro homem logo mencionou Tontons Macoutes, e ambos se alteraram muito. O homem que mencionou os Tontons Macoutes tentava me dizer que eles entravam nas universidades e atiravam nos estudantes, foi o que eu entendi pois ele fazia das mãos o gesto de um revolver, mirava em sua cabeça e fazia o barulho de uma arma atirando, disse que faziam isso dentro das universidades. Depois, ambos começaram a discutir em creole e não consegui compreender a discussão.

3.4.4 Sobre os termos referentes a “cotas” e políticas sociais.

Os termos cotas, cotistas, bolsa família e bolsa imigrante aparecem relacionados. Este assunto foi o mais comentado, principalmente em uma reportagem do G1, Globo.com, “Nº de haitianos que entram no Brasil pelo Acre cai 96% em 12 meses”, (08/01/2016) a qual recebeu 379 comentários. Neste site, os comentários podem ser vistos como “recentes” ou “populares”, isto porque é possível responder a comentários. Os mais populares são aqueles que têm o maior número de respostas a eles e os mais recentes são listados pelas respostas e comentários mais recentes. Os comentários não foram dispostos aqui em ordem cronológica, pois além de este recurso não ser disponibilizado em todos os sites, nosso objetivo não é analisar a linha de raciocínio dos comentários, mas o seu sentido documentado e assim nos permitir associar o sentido documentado de termos recorrentes com a visão de mundo dos comentadores. No entanto, a maior parte dos comentários da reportagem citada acima pode ter sido desencadeada após este comentário:

Tenho uma amiga que perdeu a chance de cursar a faculdade porque perdeu a vaga para um **preto cotista**, passou alguns meses o animal deixou de estudar... a moça foi prejudicada por um método **racista** do **governo** onde se vê a cor da pele e não a capacidade (p. 616/ n. 278).

Este comentário foi postado às 07:23:02 do dia 08 de janeiro de 2016 e obteve 52 respostas diretas a ele sendo a última postada à 00:29:57 do dia 09 de janeiro de 2016. Provavelmente o primeiro comentário a esta reportagem foi postado às 06:14:47 do dia 08 de janeiro de 2016 e o último comentário foi postado às 9:31:35 do dia 09 de janeiro de 2016. Também é importante destacar que 616 leitores o avaliaram como positivo e 278 como negativo, ou seja, 68,9% das pessoas que opinaram validam a opinião deste comentador.

A partir de então, se desencadearam vários comentários sobre as cotas para negros, sobre as cotas para alunos de escola pública e sobre o programa bolsa família. Também foi mencionada a “bolsa imigrante” em São Paulo, se referindo provavelmente às ações da prefeitura de São Paulo, da “Coordenação de Política para migrantes”, da Secretaria de Direitos Humanos. Dentro deste assunto também se questionou o direito ao voto.

Dentre os comentários, destacaremos aqueles que se posicionaram de certa forma a favor dos programas de cotas e de bolsas assistenciais ou contra o comentário mencionado acima, relacionando-o com o racismo e o preconceito. Consideramos estes comentários como a favor da migração haitiana, dentro do contexto da discussão.

Aí sim M. X., falou e disse. Ricos aqui falando de **bolsa** família e eles recebendo **bolsa** faculdade, **bolsa** IR, **bolsa** plano de saúde, etc. Pesquise que verá o quanto de ajuda o rico recebe do **governo** (p. 11/ n. 2).

as **cotas** não só para **negros**, são para alunos oriundos do ensino publico seja **branco** ou **negro**, índios e etc. esse cara ai não passa de um covarde **racista** querendo criar discórdias. o que mais me deixa nervoso e não poder vê-lo pessoalmente (p. 6/ n. 11).

Gente que que chama os **negros** de animais estão se referindo também aos meus amados Pais, amados Irmãos, Primos, amados **filhos**, amados netos e Antepassados. todos **negros** (p. 3/ n. 4).

O. A., é **racista** sim. Eu até, concordo com a questão dessas **cotas** serem erradas, mas chamar a pessoa de **preto**, ou mesmo **branco**/branquelo isso é **racismo** sim. O cara tem uma opinião até legal, mas perdeu todo crédito do seu argumento quando usou de palavras com tom desprezativo (p. 6/ n. 8).

Se chamar alguém de **preto** **cotista** e animal não for **racismo**, eu não sei mais o que é. O que mais me impressiona é a quantidade de positivos que o comentário dele teve, ou as pessoas são cegas para não enxergar a bobagem que o cara disse ou temos um grande número de **racistas** escondidos por aí (p. 1/ n. 1).

Qtosplaybas estão curtindo a vida na europa às custas do ciência sem fronteiras, mas todos acham lindo mantê-los com nosso dinheiro, no entanto, qdo se trata do sistema **cotista**, cuja pessoa tem que empenhar para conseguí-lo ficam esses mentes atrofiadas aqui escrevendo besteiras (p. 6/ n. 11).

O diploma conquistado por ele é um mérito, a **cota** ajuda a ENTRAR na faculdade e não se FORMAR. Ao longo dos anos ele não tem vantagem (p. 9/ n. 3).

J. Rodinha²¹, você é tão inteligente quanto a sua amiga. O QUE EXISTE É UM SISTEMA DE RESERVA DE VAGAS. Outro "**preto**" ocuparia o lugar do primeiro (p. 0/ n. 0).

Consideramos os comentários acima como a favor da migração, mesmo que o que esteja em discussão sejam as cotas. Mas, no contexto da discussão, o que se tem de pano de fundo é o fato de que no Brasil há cotas para negros, a migração haitiana é negra, logo estes imigrantes irão concorrer também ao sistema de cotas e diminuir ainda mais as oportunidades dos brasileiros não negros. Como dissemos anteriormente, o governo brasileiro criou um programa de auxílio a estudantes haitianos que na época do terremoto, em 2010, tiveram seus cursos suspensos por ocorrência do terremoto. O Pró-Haiti foi uma cooperação entre universidades brasileiras e haitianas para que os haitianos em curso superior pudessem concluir suas graduações no Brasil. Depois também ocorreram outras iniciativas para fomentar o ingresso de imigrantes às universidades brasileiras, migrantes que estavam no Brasil e desejavam retornar ou ingressar na faculdade, mas que necessitariam de uma avaliação diferente do vestibular

²¹ Neste caso o comentador usa o sobrenome do seu interlocutor no diminutivo, e aludindo a uma palavra vulgar na fala cotidiana.

tradicional²². No entanto, a quantidade de imigrantes beneficiados ainda é muito restrita, não impactando de forma negativa no ingresso de estudantes brasileiros. Além disso, há que se considerar que o intercâmbio de estudantes é uma prática valorizada em diversos países.

Nos comentários que consideramos como contra a migração haitiana também colocamos aqueles que são contra as cotas por estar associados à discussão de que os haitianos estão migrando para o Brasil com direito à bolsa e que conseguirão também entrar no sistema de cotas por serem negros. A principal justificativa de ser contra as cotas é que elas são injustas por ir contra o critério de mérito e por privilegiar os negros em detrimento dos brancos pobres. Ainda estão associados a uma crítica ao governo e ao bolsa família, como vamos ver a seguir.

Enquanto o seu filho rala o ano todo para tentar entrar numa universidade e não consegue o governo libera bolsa para estudantes estrangeiros para ganharem 2 a 4 mil para estudar em universidades federais no país. Procurem saber sobre o PEC-G !!! (p. 106/ n. 24).

o Brasil defende tanto a ideia de que nao pode haver racismo, e dirrepentepahh, faz uma cota para negros ingressarem na faculdade kkkk agora me diz ai, qual a diferença, do amarelo, branco, preto, pardo,? Eu mesmo respondo. NENHUMA! (p. 7/ n. 7).

É a coisa mais racista do mundo. Beneficiar alguém pela sua Cor! Acho as cotas válidas não pela cor, mas sim da condição social da pessoa (p. 36/ n. 4).

SÓ DIGO UMA COISA, NÃO SOU RACISTA, ATÉ PORQUE SOU PARTO, MAS JAMAIS ME CONSULTAREI COM UM MEDICO COTISTA, JUSTAMENTE PELO FATO DELE TER SE FORMADO MEDICO POR POR FORÇA DE UMA LEI RIDÍCULA QUE O A AGRACIOU COM UM DIPLOMA PORQUE O ACHOU INCAPAZ DE ESTUDAR. E MEDICINA É COISA SÉRIA E O CORPO HUMANO PARA SE MEXER TEM QUE SER POR ALGUÉM QUE REALMENTE TENHA SE ESFORÇADO E ESTUDADO (p. 28/ n. 14).

TAMBÉM VÃO DIZER QUE SEUS ANTEPASSADOS FORAM ESCRAVOS NO HAITI E POR ISSO TEM DIREITO A COTAS NO BRASIL. ETC.ETC.ETC. PASSAM O DIA INTEIRO BEBENDO E JOGANDO BARALHOS E DEPOIS TEM MAIS FACILIDADE PRA ENTRAR NUMA FACULDADE FEDERAL (p. 19/ n. 3).

Agora eles vêm pra "Sumpaulu" direto.....o Radard vai ter bolsa imigrante pra todos.....via muitas dde transito (p. 4/ n. 4).

Aqui eles têm a bolsa imigrante e, já não chega termos que sustentar os nossos improdutivos, ainda mais esse achaque (p. 21/ n. 4).

O Haddad já saiu distribuindo bolsa família para esses parasitas às nossas custas. Esses imigrantes só servirão para encher ainda mais nossas favelas (p. 6/ n. 1).

²² Algumas universidades tiveram a iniciativa de fazer um vestibular para imigrantes e refugiados, ou atribuir cotas para estes. É o caso da Universidade Federal da Fronteira do Sul (UFFS) em Chapecó, em 2014 (G1, 2015c), da Universidade Federal de São Maria (UFSM), em 2017 (ANTONELLE, 2017), e da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), em 2018 (G1, 2018). Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/01/universidade-de-sc-oferece-vestibular-com-cotas-para-haitianos.html>. Acesso em: 03 dez. 2018. .

Queria descobrir quem é o miserável que disse para os haitianos que o Brasil tem emprego, saúde, segurança, educação, bolsa família, etc...para todos! (p. 36/ n. 0).

Se o brasil precisasse de mão de obra eu seria a favor da entrada dos imigrantes. Masss não tem emprego nem para os brasileiros. Ai um desses ganha uma bolsa por cotas e toma a vaga de uma pessoa que mereceu pq estudou pra passar. Ja que somos todos iguais pq essa palhaçada de cotas?.Programa mais racista do mundo esse (p. 12/ n. 4).

Podemos destacar algumas palavras dos comentários acima que elucidam o teor da discussão. Em outros comentários vimos a palavra “praga” e agora vimos também a palavra “parasita” para se remeter aos imigrantes. Essas palavras transferem ao sujeito uma condição animal, fazendo alusão aos insetos, aos roedores, aos animais tidos como pragas e parasitas em nossa sociedade, desumanizando o migrante. Colocar o outro na condição de animal não apenas o inferioriza, mas o coloca num espectro biológico anterior à linguagem, “não adianta eu conversar com o outro, porque ele não me entende”. Esse é um argumento muito eficaz para negar direitos. O direito é o lugar daqueles que dominam certa linguagem, o sistema de códigos de determinada sociedade, quem não possui linguagem, não possui código, não possui direitos. De outro lado, às pragas e aos parasitas nós exterminamos, ou seja, nossa ação a estes também deve ser pautada na eliminação total para evitar maiores danos, maiores contaminações. Quando David Cameron disse que era preciso conter o “enxame” de migrantes (O GLOBO, 2015) ou quando a imprensa noticia uma “invasão” de migrantes pela fronteira (CARVALHO, 2012) e o governo brasileiro decide fechar a fronteira (DAMÉ, 2012), também fazem menção a esse controle efetivo e total.

Ainda, é possível perceber nos comentários uma não compreensão do que é a política de cotas. No primeiro comentário, há a menção à PEC-PG, o programa de bolsas de estudos para estrangeiros cursarem programas de pós-graduação no Brasil. Outro diz que não se consultaria com um médico cotista por ter recebido um diploma sem estudar. Outro considera as cotas racistas, pois as cotas, sim, diferenciariam as pessoas, separando os negros dos brancos. Nestes comentários, não se menciona o contexto histórico de escravidão no Brasil. No comentário que menciona a escravidão, o comentador faz uma crítica ao que, segundo ele, seria a justificativa que os haitianos usariam para ter direito à cota, de que seus antepassados também foram escravos. Não há nos comentários um reconhecimento histórico de que a escravidão teria beneficiado uma parcela da sociedade em detrimento de outra.

Por último, há a menção ao bolsa família e ao bolsa imigrante. A bolsa imigrante diz respeito à política adotada pela Secretaria de Direitos Humanos da prefeitura de São Paulo. Os imigrantes documentados, isso inclui o documento de solicitação de refúgio que dá direito ao número de CPF – Cadastro de Pessoas Físicas, podem se cadastrar no CADÚnico e, se

preencherem os requisitos necessários, possuírem renda familiar abaixo da renda mínima, podem se cadastrar ao bolsa família. Assim como podem usufruir de todos os direitos sociais, assistência à saúde, educação, trabalho, enfim, não apenas ao bolsa família. No entanto, a insistência em relação ao bolsa família deve ser entendida dentro de um contexto político de críticas de parcela da sociedade aos programas de políticas sociais e assistências do governo brasileiro. As reportagens analisadas são do período de 2013 a 2016, portanto, anterior à eleição até o impeachment, em que havia uma percepção de que a crise econômica foi agravada por uma política assistencialista que penalizava a classe trabalhadora para sustentar aqueles assistidos nas políticas sociais, tanto maior somada a crise política que se sucedeu. Nos comentários sobre o governo, é possível apontar para argumentos que dão suporte a essa visão.

Destes comentários sobre as cotas, estão relacionados outros temas importantes como o preconceito e racismo. Separamos os comentários somente para visualizar melhor os temas, mas como vamos ver a seguir, os temas estão interrelacionados.

3.4.5 Sobre os termos “branco”, “negro” e “preto”

Os termos “branco”, “negro” e “preto” aparecem juntamente com a discussão sobre preconceito e racismo. Para esta análise, separamos em dois tópicos, pois, apesar de se relacionarem, há conteúdos próprios na discussão sobre o uso do termo “preto”, do “racismo” e os dois estão relacionados com a questão das “cotas”.

Alguns comentários negam que sejam racistas em relação aos negros e afirmam que os brancos também sofrem racismo. Alguns comentários se posicionam contra o racismo em relação a qualquer “raça” ou cor. E existem aqueles que afirmam que o racismo é uma prática contra os negros e mencionam o contexto histórico de escravidão. Mas, de forma geral, o termo “preto” é usado de forma pejorativa e consideramos estes comentários como sendo contra a migração. Consideramos como comentários a favor da migração aqueles que criticam o uso desta forma pejorativa; por exemplo, há uma denúncia de racismo por parte de um comentarista que desencadeia uma discussão sobre se chamar de preto é ser racista.

J.R....estou te denunciando agora no SAFERNET ORG BR não adianta apagar entra lá esperto (p. 25/ n. 57).

O comentário a seguir é, talvez, um dos mais ofensivos. Foi postado em um blog da revista Veja, e não possibilita a avaliação de positivo e negativo, também não é possível saber se ele está respondendo a alguém, mas provavelmente ao próprio autor do texto. É um

comentário com poucas palavras, o qual concentra muitos termos com sentido pejorativo e humilhante, tanto em relação aos haitianos quanto àqueles que os defendem.

Leva todos esses pretos feios, vagabundos e fedorentos pra sua casa seu merda

O comentário relaciona o negro, migrante, mas também o negro brasileiro, a dois valores negativos da condição biológica de uma pessoa, os chama de feios e fedorentos, e a dois valores negativos socialmente, chama os negros de vagabundos e aqueles que agem com empatia aos negros, de merda, à insignificância.

O próximo comentário é tão contrastante que nos leva a pensar que possa ser irônico. Mas o apelido do comentador só aparece uma vez nos comentários, então não é possível compará-lo com os outros do mesmo autor para dizer se é uma ironia ou uma afirmação. Se formos considerá-lo como uma afirmação, está presente tanto o desejo de aniquilação dos negros quanto de outro lado a valorização dos migrantes europeus. De qualquer forma, sendo ironia ou não, o que está documentado é uma divisão entre os migrantes aceitáveis e não aceitáveis, uns chamados europeus, os outros chamados pretos.

É ISSO MESMO, ESSES PRETOS TEM QUE MORRER
SE FOSSEM EUROPEUS, TUDO BEM, NÃO FICARIAMOS INDIGNADOS

O termo “branco” aparece nos comentários como desvalorizado dentro da política de cotas ou como um denominador comum, ou seja, há racismo tanto para branco quanto para negro.

Coitado do jovem branco que mora na periferia. Ele não tem direito a cota (p. 59/ n. 3).

Pois é, ser branco, trabalhar, ter uma casa e um carro, tornou-se ofensa racial, e o suficiente para ser mal visto pelo governo (p. 3/ n. 1).

Pq racismo...por acaso o cara é branco não cotista? Chamar alguém de branco não cotista é racismo ? (p. 1/ n. 0).

Sabe o que os haitianos fizeram com os brancos na ilha caribenha...? Mataram todos e tomaram os meios de produção, acharam que o mundo seria complacente e teriam empatia pelo sofrimento escravocrata, por fim descobriram que "mercancia" é uma arte que no qual faz parte o "diálogo", porém não há comunicação entre quem se odeia, por isso e por outros que o Haiti é pobre...e desde os primórdios só manda quem pode (p. 14/ n. 3).

Todos os países negros são pobres..POR REGRA, negro não gosta de trabalhar..Japão estava detonado pela guerra, em 10 anos se tornou a segunda potencia..O resto e blablablabla (p. 9/ n. 5).

ESTATISTICAMENTE OS **NEGROS** MATAM MAIS OS **BRANCOS** DO QUE O CONTRARIO (p. 8/ n. 6).
 JUAN EU NÃO TE PEDI SUJESTOES.. A MINHA FONTE ESTATISTICA É ESSE SITE QUE TODOS OS DIAS NOTICIA CRIMES DE **NEGROS** CONTRA **BRANCOS**. SEGUNDO QUEM PRECISA ESTUDAR HISTORIA É VOCÊ. . (p. 4/ n. 2)

Nestes comentários, o negro também aparece como uma ameaça social: são no passado, durante a independência do Haiti, ou no presente, nos noticiários de jornal, os que mais matam brancos, o que nesta explicação justificaria uma política mais ostensiva em relação aos negros e não aos brancos. O medo do negro está associado ao fato de ele não gostar de trabalhar e de ser agressivo. No comentário sobre a Independência do Haiti, o comentarista expõe que os haitianos, negros, mataram e tomaram os meios de produção esperando que o restante do mundo teria empatia com eles por causa de seu sofrimento na escravidão, mas quando descobriram que para negociar, ser os donos dos meios de produção, era necessário o diálogo, algo que eles não têm porque eles se odeiam, eles passaram a ser pobres e o são até o presente. Novamente observamos a “linguagem” como forma de separar negros e brancos, pessoas que trabalham das que não gostam de trabalhar.

3.4.6 Sobre “preconceito”, “racismo” e “xenofobia”

Os termos preconceito, racismo e xenofobia aparecem quase sempre associados. Existe uma discussão entre os comentaristas sobre o que é preconceito, o que é racismo e o que é xenofobia. É interessante observar que existe mais um reconhecimento em ser preconceituoso e xenófobo, e uma recusa em ser considerado racista. Nos comentários a favor da migração, encontramos principalmente aqueles que estão rebatendo comentários que consideram preconceituosos, racistas e xenófobos, e esta discussão está baseada tanto na regionalidade quanto na ascendência, especialmente de italianos.

Olhem os índios dando uma de **xenófobos** europeus. Depois reclamam quando são maltratados na Europa ao tirarem selfie a esmo. Conheço alguns casos de **haitianos** que estão bem empregados e correspondem à altura. No setor hoteleiro, por exemplo, o idioma é um diferencial. Sejam **bem-vindos** (p. 2/n. 1).

Este crime hediondo é resultado da propaganda à intolerância e **preconceito** veiculado diariamente pelas redes sociais, onde pobre, **negro**, índio, nordestino, gay, **petista** e **comunista** são passíveis de extermínio. Já vimos esse "filme" de terror no nazifascismo europeu... Essa é a "democracia" da mediocridade! (p. 0/n. 0).

É importante tocar nessa ferida. Moro no norte do RS, em uma cidade com forte colonização **italiana**. Os relatos de **racismo** são numerosos. Conheci um rapaz de origem senegalesa, que iniciou seu próprio negócio, e sofreu com o **racismo** e

tentativas de sabotagem de uma empresa que o via como concorrente (empresa aliás que se considera dona da cidade...) (p. 7/n. 0)

O comentário a seguir expressa a ambiguidade em tomar um posicionamento quanto à questão. Se por um lado há uma crítica aos comentários racistas, por outro apresenta como justificativa a sexualização dos migrantes e, principalmente, dos negros; sexualização que aparece várias vezes nos comentários, tanto contra como a favor da migração.

Vcsseus racista tem e medo de perder suas mulheres para eles porque são bons de cama e mais gostosos seus frouxos! (p. 17/n. 76).

Nos comentários que consideramos contra a migração, os termos racismo e xenofobia estão associados à discussão sobre cotas e apresentam justificativas para as acusações de racismo feitas por comentários que são a favor da migração.

Ele não exagerou, oras, ele pode até racista, mas não demonstrou isso aqui. A grande maioria dos negros, fazem questão que os chamem de preto, negro lembra muitas coisas que nós, referimos à algum mal. E ele ainda finaliza, dizendo que quem é racista, é o governo. Onde houve exagero? (p. 48/ n. 14).

Querem igualdade mas querem quotas. Discordar, não gostar não é racismo. Racismo é barrar, impedir. Vão estudar seus burros (p. 36/ n. 12).

Ahhlichezinhoridiculo esse de xenofobia e racismo A. ...Então faça algo útil á eles adote um haitiano ou uma familia haitiana e pronto.. (p. 6/ n. 1).

Os comentários tendem a reiterar que racismo é só quando há agressão, caso contrário se trata de uma livre expressão de pensamento. O interessante é que, para se referir aos haitianos, várias características históricas são personalizadas neles, mas, quando se trata do nosso histórico de racismo, os comentadores buscam não serem relacionados a esta característica. Sua posição política sobre o assunto é deslocada do contexto histórico-social e exemplificada como uma característica individual e isenta, sempre aparece como um ponto de vista.

3.4.7 Sobre os termos referentes ao governo

Além da questão das cotas e das bolsas, a política esteve presente de diferentes formas nos comentários. Apenas para mencionar, a palavra “governo” e suas derivações, incluindo “desgoverno”, foi referida 12 vezes nos comentários a favor e 60 vezes nos comentários contra a migração haitiana. Dentre os comentários a favor da migração com termos relacionados às

questões políticas, destacamos:

Vamos defender o **Haiti** e os **haitianos**. Vamos de Lulo. 2018 é **Lulalá** (p. 1/ n. 18).

É J. vocês não toleram a **política** de inclusão social do **PT**. Pobre viajando de avião; pobre na faculdade; no ciência sem fronteira; comendo em restaurantes; andando de carro; tendo casa para morar. Para vocês pobre só tem que servir vocês. Veremos no Juízo final! (p. 2/ n. 14).

Para aqueles que gostam de criticar a igreja católica, espero que reconheçam. Sem esse acolhimento estariam aonde, na rua? E o **desgoverno** federal não toma conhecimento de suas obrigações, seu **humanismo** é pura demagogia (p. 0/ n. 2).

A questão política está refletida diretamente nas discussões e podemos observar novamente a menção de políticas públicas ou assistencialistas. Consideramos o último comentário como a favor da migração, pois ele afirma o acolhimento destes imigrantes, mas também denuncia a fragilidade do governo em dar suporte efetivo a uma política de acolhida humanitária, já que quem de fato o faz é a igreja.

Nos comentários contra a migração, existe uma associação da migração haitiana com o governo do Partido dos Trabalhadores – PT, de que os migrantes seriam potenciais eleitores, com a Minustah e com termos que se referem a um imaginário da esquerda na América Latina. Então, a sigla PT é escrita de várias formas, além de outros termos que fazem referência aos símbolos do partido, a estrela e o vermelho. A Minustah é referida como um gasto do governo brasileiro em um país estrangeiro para garantir uma visibilidade do Brasil na ONU. E quanto a uma ideia política mais geral acerca de órgãos, associações, ideais da esquerda, há referência ao MST, ao bolivarianismo, ao castrismo, ao comunismo, ao “exército de Stédile”, ao Foro de São Paulo e à guerrilha armada. A referência ao PSDB aparece duas vezes e PMDB uma vez nos comentários.

O **PT** está reforçando suas bases trazendo mais bandidos para o brasil, estes **haitianos** vagabundos, que já descobrirão, que no brasil não precisa **trabalhar**. Qual país **africano** e produtivo, só em natalidade mesmo., Para que o resto do mundo continuem tendo peninha deles., porque sera que só os **negros** e índios precisa de **cotas** porque nós os **brancos** não temos o mesmo direito, será que somos mais que eles.É preciso nos dar estes mesmos direitos porque somos **brancos** e não nos deram o direito de escolher nossa cor de pele. deve esta sobrando **cotas** por isso tem que trazer mais **negros** pra cá.

É lamentável ver tanta pocaria desembarcar no Brasil! Eles não têm nada a oferecer ao nosso País. Foi uma jogada deste **Governo** escroto que nos impôs esses bando de miseráveis. Num futuro próximo pagaremos um preço extremamente alto por deixá-los vim para o Brasil. Se tivéssemos um **governo** sérios, jamis estariam aqui.

– Fora **haitianos**, Fora **PT**.

ELES VÃO GANHAR UMA GRANA...QUANDO ENTRAREM PARA O MST...E VIRAREM GUERRILHEIROS CONTRA O POVO BRASILEIRO!!!...ACORDA GENTE IDIOTA ÚTIL!!!...

O país não tem emprego nem para quem é daqui, imagina para imigrantes. A verdade é que essa onda de imigrantes **haitianos** é tudo culpa do **Lula**. Com a sua ambição para que o país tenha um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU (algo que já é ridículo, pois dá poder absoluto para poucos países), o “ex”-presidente decidiu mandar tropas brasileiras para o **Haiti** (como se aqui já não tivessem poucos problemas, junto com a propaganda falsa do **pt**. O resultado é esse (imigrantes iludidos pela propaganda **petista**).

PS: Algum socialista poderia me responder o motivo dos **haitianos** enfrentarem isso tudo para chegar ao Brasil se o “paraíso” socialista (Cuba) fica praticamente colado ao **Haiti**?

http://1.bp.blogspot.com/-LSTpiBik1OY/T26oEVh_0I/AAAAAAAAAGN8/zMBkVix1zLA/s1600/mapa-haiti.gif

Não estranharia ao obter a confirmar de que esses coiotes são do terceiro escalão do Foro de São Paulo, na certa peões do tráfico de drogas, fazendo fortuna nas costas desses pobres coitados.

o brasil so foi o pais do futuro nas propagandas pinochescas do **governo petralha**, e o pior siquer conseguimos ser o pais do presente, visto que retroagimos mais de vinte e cinco anos e voltamos ao final da decada de noventa do seculo passado mesmo com todas as pedaladas do IBGE para doura a pilula de veneno que esta sendo ministrada aos incautos brasileiros.

Alguns deles já integraram coletivos de invasões de prédios. Outros saíram em fotos daquela recente manifestação **vermelha** em “defesa da Petrobras”.

Parece que está um pouco na cara quem e o quê os tem trazido para o Brasil, e, desculpe-me, mas o Jacques se saiu bem para contar as duas possibilidades, com ou sem coites no caminho.

Onde chegam no Acre – Rio Branco -, faz fronteira com a Bolívia, **governada** pelo mandatário castrista Morales.

Tem circulado na imprensa internacional que, aviões militares do por enquanto narcostado venezuelano, tem chegado na Bolívia com armas, para depois de lá decolarem com droga que, na Europa, entra pela **Espanha**.

Estes sempre jovens estrangeiros aparecem aos montes no Acre, e no Brasil, curiosamente, passam a militar com a turma de camiseta e bandeiras **vermelhas**.

Parece que fica MUITO NA CARA o quê os tem trazido para o Brasil, provavelmente em aviões militares do tipo hércules.

Alguém os seleciona lá e para cá são enviados sob promessas e estabelecimento de determinados sigilos.

A facção **vermelha** precisa aumentar os contingentes revolucionários, que planejam usar contra a a maioria da população brasileira, e ensandecidamente perpetraram isto com nosso dinheiro.

<http://www.portaln24web.info/noticia/diario-abc-autoridades-de-venezuela-usan-espana-como-puente-para-narcotrafico-hacia-europa-51697>

Cala a bocarra **peteba**! prestação! Sai fora que a catanga de **petista** me dá vômito! (p. 13/ n. 4).

VÃO TRAZER MAIS MISÉRIA ESSE POVO MAIS SUJEIRA, MAIS TUDO DE RUIM PAÍS DE **GOVERNATES** SEM VERGONHA ISSO É MAIS ELEITORADO PARA ESSES **COMUNISTAS** (p. 7/ n. 0).

O problema maior que eu vejo, é políticos inescrupulos condicionarem a permanência deles aqui a troca de votos. Podem fazer o msm com os imigrantes sírios tb. 50k votos por exemplo já elege uns 5 vereadores, 2 estaduais e 1 federal (p. 5/ n. 0).

Mts deles já conseguiram documentos e nacionalidade ilegalmente e ninguém faz isso sem uma contra partida. Não vai me espantar se tiver um político facilitando isso, e para conseguir votos vale tudo neste país (p. 1/ n. 1).

Gastavam de 3,5 a 5 mil dólares para vir para o Brasil, por muito menos eles poderiam chegar a Florida (USA). Esses caras bem nutridos são guerrilheiros!!! (p. 12/ n. 7).

O Acre que é do PT, agora jogou esse imbróglio no colo do psdb e pmdb, salientando que o estado acreano já fez a sua parte nessa ação cívico social (p. 3/ n. 0).

A grande maioria em Sao Paulo, fazendo parte do "exercito do Stedile". Recebendo pao com mortadela mais 35 reais para engrossarem as anemicasmanifestacoes contra o impeachment. É para isso que sao trazidos (p. 11/ n. 5).

A esquerda é internacionalista, logo, pátria, família, comunidade religiosa etc são alvos a serem destruídos (p. 3/ n. 0).

Esse Estado paupérrimo/inexpressivo dependente de recursos do Sudeste/Sul, via União, já fez isso antes. São Paulo tem que colocar policiais nas estradas para barrar a entrada deles, que são herança maldita dos comunas/bolivarianos, que intervirem naquele país. O Brasil já gastou bilhões de reais (do contribuinte brasileiro!) lá como resultado dessa intervenção (p. 2/ n. 0).

Por que os "haitianos" não são "despejados" em Minas, na Bahia, no Rio? Daqui a pouco serão "levados" para o Paraná, Mato Grosso do Sul. Isso mesmo! Só vale se for para estados governados pelo PSDB. Por que será, hein? Para desestabilizar os governos de oposição? Em que estado os professores estão "exigindo" 75% de aumento? Como ainda não dá para chamar o "exército de Stédile", vai-se utilizando, com a inocência dos anjos, a "guerrilha" institucional. Hummmmm (p. 4/ n. 0).

Nos comentários acima, vemos características que mencionamos anteriormente, palavras vulgares, palavras para agredir, os pedidos para barrar a entrada de imigrantes, o aumento da pobreza, enfim. Há, a mais, o teor político das mensagens. A migração haitiana, e por vezes é citada a migração síria também, é o tema que aciona uma percepção política daquele contexto histórico. Talvez, pode até mesmo ter aumentado a proporção de pessoas a comentarem as reportagens, mas para isso seria necessário analisar os comentários em outros contextos políticos. Mas há uma proporção muito maior de comentários criticando o governo do PT do que do PSDB. De fato, o PSDB e PMDB aparecem nos comentários que se posicionam contra a migração e sugerem que o PT estaria enviando haitianos para lugares governados pelo PSDB para desestabilizar o governo. Mesmo o termo “coxinha”, que desde as manifestações de junho de 2013, era um termo usado para se referir a manifestantes contrários ao governo²³,

²³ É um neologismo. A origem do termo perpassa várias histórias, mas ganhou conotação política quando passou a ser nome dado a pessoas que se posicionavam contrárias ao governo. O termo ganhou uma página no Wikipédia e explicação em alguns dicionários online. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Coxinha_\(alrunha\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Coxinha_(alrunha)).

é usado apenas três vezes por comentaristas a favor da migração. Os neologismos usados para se referir a manifestantes a favor do governo, ou no sentido mais amplo, de esquerda, foram mais vezes apresentados nos comentários colhidos nestas reportagens. Com este recorte temporal, das reportagens comentadas, dez datavam de 2015 e uma de 2016. Para se referir ao Partido dos Trabalhadores, os termos foram variados: ptzada, petralha, Pethe, peteba, P artido dos T raíras; para se referir ao ex presidente, lularápíio e molusco; para se referir a então presidente, Dilma, usaram “moça do poder” (entre aspas).²⁴ Nos comentários com termos políticos, a característica que perpassa os argumentos é de que o fato de esta migração haitiana ter como rota alguns países com governos “de esquerda”, como Bolívia, Venezuela, ou mesmo o Haiti ser um país próximo a Cuba, por exemplo, e ainda assim, essa migração se dirigir para o Brasil está relacionada ao fato de que o governo brasileiro estaria incentivando essa migração para, em uma eleição futura, poder possuir os votos e o apoio destes migrantes.

Essa discussão, provavelmente, tem como base duas propostas de leis que regulamentariam o direito ao voto também aos estrangeiros residentes no país. Uma delas é a PEC 25/2012 sobre o direito de participar das eleições municipais ativa e passivamente pelos estrangeiros residentes no município e respeitando o princípio da reciprocidade através de futuros acordos com outros países, assim como, vigora em relação ao Brasil e Portugal. Essa proposta de emenda constitucional é de autoria do senador Aluysio Nunes Ferreira (PSDB/SP) e contribuições do senador Antonio Anastasia (PSDB-MG), relator da matéria na CCJ (Comissão de Constituição e Justiça). A matéria foi lida em plenário no dia 15 de maio de 2012, aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça no dia 14 de junho de 2017, e a partir do dia 17 de outubro de 2018 se encontra no Senado para deliberação.²⁵ Ainda há uma consulta pública no site do Senado, no qual até o dia 1º de novembro de 2018, constava 195 votos “sim”, e 2354 votos “não”.²⁶ No texto da matéria, o autor faz menção a outros Estados que possibilitaram a participação dos estrangeiros na política local através de leis que permitem que estes se candidatem e votem nas eleições municipais. Faz referência à contribuição do estrangeiro

Acesso em: 31 out. 2018. Disponível em: <https://www.significadosbr.com.br/coxinha>. Acesso em: 31 out. 2018. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/coxinha>. Acesso em: 31 out. 2018.

²⁴ Não citamos, mas nos comentários aparece uma vez um termo para se referir ao político Bolsonaro, também é um neologismo, “bolsovomito”, no entanto, o comentário não traz menção direta à migração. O comentário é de 20 de outubro de 2015: “Bolsovomito e seus fãs/asseclas devem estar felizes pra caramba...”.

²⁵ Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/matéria/105568/pdf>. Acesso em: 01 nov. 2018.

²⁶ Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidadania/visualizacaomateria?id=105568>. Acesso em: 01 nov. 2018.

cultural e economicamente e ao fato de ser a migração uma característica de um cenário de globalização e de constante fluxo entre as fronteiras.²⁷

Houve também neste período uma outra lei de iniciativa da prefeitura de São Paulo, pelo então prefeito Fernando Haddad (PT/SP), Lei nº 16.478, de 8 de julho de 2016 (SÃO PAULO [cidade], 2016b)²⁸, que instituiu a Política Municipal para a População Imigrante. Com essa lei se cria o Conselho Municipal do Imigrante, dentro da Secretaria de Direitos Humanos, e deve ser composto por oito representantes do poder público, sendo eles membros de outras secretarias municipais, e oito representantes da sociedade civil, sendo em sua maioria composta de imigrantes na seguinte proporção:

Art. 6º Os/as representantes da sociedade civil serão eleitos por voto direto e secreto entre membros de (i) coletivos, associações ou organizações compostas por imigrantes ou (ii) de apoio a imigrantes, juridicamente formalizados ou não, ou (iii) pessoas físicas imigrantes (SÃO PAULO [cidade], 2018).

Apenas imigrantes, residentes na cidade de São Paulo, incluindo naturalizados, independentemente da situação migratória e documental, acima de 16 anos, podem votar. Esse projeto de lei é de abril de 2016 e a lei foi aprovada em julho de 2016. Porém, a discussão sobre a possibilidade de criação dessa política para imigrantes na cidade de São Paulo é anterior. Em setembro de 2015, foi realizada uma Audiência Pública sobre a Política Municipal para a População Imigrante (SÃO PAULO [cidade], 2015). O que o teor dos comentários, diante do contexto dos projetos de lei apresentados, nos faz pensar é que de fato havia no cenário político e na opinião pública uma discussão sobre se imigrantes deveriam ou não votar. Apesar de o projeto de lei para permitir que imigrantes votem em eleições municipais estar em tramitação, desde 2012 no senado federal, por parte do partido PSDB como mencionamos acima, na cidade de São Paulo, cidade catalisadora de fluxos intensos de imigrantes, a prefeitura de São Paulo também promoveu por parte dos órgãos públicos e sancionou lei que regulamenta o voto de imigrantes para um Conselho Municipal específico para imigrantes. Esse acontecimento pode ter dado maior materialidade para a questão do voto ou de uma possível aprovação da PEC 25/2012, de imigrantes no Brasil, mesmo que apenas para eleições municipais.

²⁷ Ver o texto da PEC 25/2012 em Anexo, p. 377.

²⁸ Ver o texto da Lei nº 16.478, de 8 de julho de 2016, em Anexo, p. 383.

3.4.8 Sobre os termos referentes ao “trabalho”.

Outro tema bastante mencionado foi quanto à questão do trabalho, emprego e desemprego. Este tema foi assunto principalmente entre os comentários da reportagem do site de notícias Diário do Centro do Mundo, “O racismo dos filhos de imigrantes no Brasil contra os haitianos”. Esta reportagem teve 115 comentários. É importante mencionar que dentre os 228 comentários selecionados como a favor da migração, 83 foram desta reportagem, ou seja, o equivalente a 36,4% do total.

Dos comentários a favor da migração, existem duas principais linhas de argumentação: a de que os migrantes haitianos são fortes e gostam mais de trabalhar do que os brasileiros; e uma discussão sobre a imigração italiana e alemã para o sul do Brasil no início do século XX, no qual alguns defendem que, naquela imigração, havia necessidade de mão de obra, e outros evidenciam que havia, sim, mão de obra, a dos escravos libertos, mas de que o governo incentivou a migração italiana e alemã como uma política de branqueamento da população.

Estou muito feliz com essa notícia, espero que cada vez mais cheguem haitianos ao Brasil e à São Paulo. Os haitianos ajudam São Paulo a alavancar seu desenvolvimento econômico e social, pois os imigrantes centro africanos trazem consigo vigor de um povo adepto ao trabalho e no viés social os haitianos nos brindam com a multiculturalidade. A multiculturalidade é inerente as civilizações humanas, nada mais rico do que a diversidade humana (p. 2/ n. 3).

Muitos só estão fugindo da pobreza, em SC existem muitos imigrantes do haiti, o interessante, falam inglês, francês, espanhol e caboclo, e trabalham muito, diferente de muitos nordestinos que ficam um mês e já voltam pois dizem não se acostumar (tem de trabalhar 9 horas por dia todos os dias em trabalho pesado). Conheço alguns imigrantes do haiti e são gente boa e trabalhadora.

Vejo uma vantagem na entrada estrangeiros no Brasil :) Eles tem vontade de trabalhar e trabalham com vontade... Tem brasileiro com preguiça até de respirar (p. 7/ n. 7).

se "roubam" as vagas dos brasileiros, deve ser por uma das razões: ou são melhores ou o empresário quer se aproveitar da vulnerabilidade deles para pagar menos (p. 9/ n. 0).

Isso é uma pena. Essa nova colonização estava trazendo belos espécimes humanos ao país. Braços fortes e disposição para o trabalho, é isso que os Haitianos possuem e que ta em falta no Brasil. Abram as fronteiras! Bem vindo haitianos! (p. 1/ n. 1).

(...)Quando os europeus chegaram, faltava mão de obra(...). Na verdade essa é uma grande falácia contada com o objetivo de justificar o racismo.. Existia mão-de obra: negros libertos, alforriados, que exerciam diversas funções especializadas (sapateiros, doceiros, canoeiros). O que se tentou com a imigração europeia foi o embranquecimento da população com o slogan de dar ares de "civilidade a população". O resultado vemos todos os dias no Brasil: a posição marginal em que o negro se encontra (p. 20/ n. 0).

Para de falar merda, o brasil teve mão de obra por 400 anos antes dos imigrantes. Acontece que os ex donos de escravos estavam boicotando os recentes escravos livres e usaram o pretexto de "embranquecer o brasil" pra armar uma cilada aos europeus, chegando aqui, os europeus achavam que iam boyzar e tal, que nada, viram foi a realiade do negócio. MAS NÃO faltava mão de obra não, pois tinha gente disponívelpratrabalhar sim (p. 1/ n. 0).

O que ele escreveu vale mais para o Rio, Bahia ou São Paulo. No RS havia falta de mão de obra sim, Todo mundo aqui sabe disso. No século XIX o território gaúcho ainda era meio desocupado. A presença dos imigrantes aqui foi importante entre outras coisas para ocupar melhor o território e neutralizar as ambições dos castelhanos que volta e meia invadiam estado.

Ademais, ao menos até agora, os haitianos vem sendo bem recebidos aqui no Rio Grande, apesar de julgar pertinentes as críticas do Tulio Milman (p. 2/ n. 0).

Os haitianos que chegam ao Brasil são haitianos capacitados: professores, engenheiros, técnicos diversos etc. (p. 0/ n. 0).

Isso é verdade mesmo, M. R. ... Posso dizer isso tendo em vista geande parte dos meus alunos haitianos que estudam língua portuguesa no Centro Zanmi, um centro de apoio ao imigrante fundado para prestar ajuda humanitária aos haitianos em Belo Horizonte/MG (p. 1/ n. 0).

Interessante mencionar a questão da imigração para o trabalho, como vimos nos comentários sobre as nacionalidades, novamente, aparecer nos temas sobre trabalho, emprego e desemprego. Estes temas estão relacionados e os separamos aqui apenas para marcar características específicas. Nos comentários acima, os imigrantes negros do momento atual são valorizados pela sua força e disposição para o trabalho. Mesmo sendo comentários que se expressam a favor desta migração, relacionam o tema com o trabalho de negros no século XIX, libertos ou alforriados. Também existe uma comparação em relação ao trabalho dos nordestinos na região, estes teriam dificuldades para se acostumar com a região e com o tipo de trabalho. Como demonstra Magalhães, a incorporação de imigrantes haitianos para estados da região Sul do país está quase intrinsecamente ligada à demanda de mão de obra no setor da construção civil, limpeza e de frigoríficos, que, devido a suas características, é um tipo de trabalho com alta rotatividade de trabalhadores. “A qual definimos de ‘alocação discriminadora’ no processo de trabalho. Sob esta estratégia, os trabalhadores haitianos (como também os senegaleses) são alocados de forma preferencial nas etapas de produção mais penosas e perigosas” (MAGALHÃES, 2016, p. 517). Os comentários a favor da migração evidenciam também que não se tratam sempre de imigrantes desqualificados, mas que muitos têm ensino superior, como a pesquisa de Magalhães também aponta, e são inseridos no mercado de trabalho em profissões sem necessidade de qualificação ou, preferencialmente, desqualificadas.

Nos comentários contra a migração, o principal argumento é que não há emprego, o país vive uma crise, e já há muita mão de obra desqualificada no Brasil.

É o país do atraso eterno. Pra trazer um engenheiro é tanta burocracia que só funciona com empresas intermediárias. Mais miséria importamos sem pestanejar (p. 12/ n. 4).

Eu não sou contra imigrantes, sou contra a falta de planejamento na qual são recebidos. Por que não envia-los para outro estado afim de fomentar o desenvolvimento local? Temos que promover o crescimento descentralizado, fora das grandes capitais. Poderíamos construir uma Las Vegas em Palmas-TO, permitindo jogos apenas nesta cidade que fica no coração do Brasil, e para isso precisaríamos de mão-de-obra (p. 3/ n. 0).

Alô galera dos assalariados, vocês ralam a semana toda, andam de ônibus apertado, comem de marmita,cuidam como se fosse de ouro o vale transporte, e, no final do mês, recebem 1 salário que mal dá pra uma semana.VOCES NÃO VÃO FAZER NADA. NO MÍNIMO, PONHAM PRA CORRER ESTE INVASORES.

Leandro Narloch por que você que se auto intitula “caçador de mitos” não foi atrás também das respostas p/ as perguntas abaixo?!?!... saudades da equipe de reportagem da Veja de 10 anos atrás... Eurípedes Alcântara, Policarpo Jr, Mainard, Roberto Pompeu de Toledo, Pedro Martinelli... por favor... voltem à frente de suas reportagens..aprendi a gostar de ler com vocês aos 8 anos agora aos 30 minha geração se sente orfã desse profissionalismo acima da média como que nos acostumamos... mostre para essa garotada como se faz uma reportagem de verdade...

POR QUE SANTA CATARINA E SÃO PAULO CONTRATAM **HAITIANOS**???. SE QUEREM **MÃO DE OBRA** BARATA E DE BAIXA QUALIFICAÇÃO NÃO É MELHOR CONTRATAR NORDESTINOS OU ATÉ MESMO ACREANOS OU QUALQUER OUTRO BRASILEIRO(A) QUE PRECISE DE UM EMPREGO DE BAIXA EXIGÊNCIA?! SERÁ QUE JÁ ESTAMOS TÃO RICOS QUE NÃO TEMOS MAIS NINGUÉM PRECISANDO **TRABALHAR**?!... NÃO SOU CONTRA A IMIGRAÇÃO, MAS SOU A FAVOR DA IMIGRAÇÃO SELETIVA, COISA QUE QUALQUER PAÍS RESPONSÁVEL PRÁTICA... POUCO IMPORTA COR DA PELE E CREDO, MAS O IMIGRANTE ACEITO DEVE VIR PARA MAIS DO QUE APENAS SOMAR, TEM QUE VIR PARA MULTIPLICAR CONHECIMENTO QUE AQUI NÃO TEMOS... O QUE IMIGRANTES ORIUNDOS DE UM PAÍS DE QUINTO MUNDO COMO O **HAITI**, QUE NÃO FALAM NEM UM IDIOMA APROXIMADO AO NOSSO (CREOLE) TEM A ACRESCENTAR AO PAÍS? TÊM EXPERIÊNCIA INDUSTRIAL? AGRÍCOLA DE PONTA? SÃO PROFESSORES CUJO SABERES SÃO RAROS NO BRASIL??...

Nada disso. Vistos de entrada deveriam ser dados baseado em qualificação educacional e profissional. O Brasil não pode virar recipiente de todo e qualquer **haitiano** desesperado pela falta de perspectiva em seu país. Temos que aceitar aqueles que possam, após um curto período de adaptação, ganhar o seu próprio sustento e contribuir para a sociedade brasileira. De que adianta receber essas pessoas não qualificadas, que nem **português** sabem ler ou escrever ? (Bem, considerando que o nosso ex-presidente também não sabe, enfraquece a minha argumentação) Serão somente mais alguns a engrossar o MST, MTST, ou receber 35 reais para participar de manifestações pró-**governo**.

E quem contrata esses **haitianos** não está contribuindo para agravar a situação do nosso país? Contratam com casa e tudo, sem pagar aluguel, eu também queria me tornar um ilegal assim

Eu teria orgulho se fossem imigrantes qualificados. Doutores, pesquisadores, profissionais habilitados, artistas. Peão acho que a gente tem pra exportação (p. 15/ n. 4).

Nada contra os **haitianos** em si, mas por que raios temos de ficar absorvendo o pobrerio de outros países enquanto o nosso perde empregos e passa fome? (p. 12/ n. 0).

A melhor coisa para conter esse fluxo migratório seria que só aceitassem vistos temporários de até 1 ano. Apenas para estudo ou trabalho com pessoas com uma qualificação profissional no mínimo detécnico em áreas que tivesse demanda de trabalho (p. 13/ n. 3).

O Canadá por exemplo está selecionando estrangeiros para trabalho. O perfil é de profissionais em determinadas áreas. Poderíamos fazer o msm. Seria até bom, pois este pessoal retornaria para seus países mais qualificados (p. 7/ n. 1).

Os imigrantes para SP no final do século XIX e início do século XX iam para a zona rural para trabalhar na agricultura e pecuária e muitos vieram posteriormente para a capital pelas oportunidades de trabalho que foram geradas pela industrialização. Nesta fase de desenvolvimento da economia há poucas vagas para pessoas sem formação educacional e qualificação profissional e os recentes imigrantes vão viver de "bicos" ou necessitarão de auxílio governamental para sobreviverem (p. 6/ n. 2).

Nós já temos tantos problemas, estamos em plena crise e agora o BR tem que abrir as fronteiras pra todo mundo. Infelizmente não tem emprego nem pra nós brasileiros e o BR é um país atrasado tecnologicamente.

Qualquer um entra e eles não tem controle, daqui a pouco os terroristas vão entrar e fazer a festa.

Não é questão de racismo, é questão de QUEM VAI PAGAR A CONTA? Estão desempregando os próprios brasileiros.... (p. 2/ n. 0).

Quando meus avós chegaram aqui, não tinha quentinha, alojamento e bolsa- família pra eles não. Muito menos eles foram traficar e vender muamba sem procedência.

A relação mais direta presente nos comentários contra a migração é que o Brasil pode permitir migrantes, mas altamente qualificados, que irão desempenhar uma função específica no país. Ainda que muitos comentários a favor da migração evidenciam que muitos migrantes haitianos são qualificados e que uma vez empregados também se tornaram consumidores, pagando impostos e gerando demanda, o argumento contrário que persiste é que estamos importando pobreza o que já existe em excedente no Brasil.

3.5 Conclusão.

Além das reflexões que fizemos ao longo desta seção, podemos acrescentar mais uma observação. Apesar de serem comentários a reportagens de jornais ou blogs, muitos comentários que consideramos contra a migração são de uma confusão de fatos históricos em uma lógica própria para justificar seus argumentos. Por exemplo, na frase “propagandas pinochescas do governo petralha”, esse “pinochescas” se refere ao Pinochet? Em que sentido poderíamos relacionar as políticas do PT com as políticas de Pinochet? Ou ainda nesta frase, “Mts deles já conseguiram documentos e nacionalidade ilegalmente”. Como é possível conseguir nacionalidade ilegalmente? Se está falando de documentos falsificados? Ou de todos os questionamentos quanto às cotas nas universidades. Ou seja, é um universo de desinformação

ou de informação seletiva. Existe uma leitura dos jornais, mas não uma confrontação dessas informações com a busca pelos dados disponíveis em outros sites.

Também podemos observar que existe por parte daqueles que são contra a migração três grandes medos: o de perderem o emprego; o de que migrantes votem; e o de perderem benefícios pelas cotas. Mesmo que estes três medos não representem uma ameaça iminente a toda população, no imaginário das pessoas que se posicionaram contra a migração, eles existem de fato e são associados a uma ameaça e por isso devem ser combatidos totalmente com a deportação e com a proibição.

Observamos que os comentários a favor da migração usam muitas vezes um certo tom de ironia, estão em menor quantidade comparados aos comentários contra a migração e muitas vezes aparecem como respostas destes. Nestes comentários, há uma religiosidade inerente dentro da perspectiva de ajuda, de compartilhar, de caridade, e aparecem ainda alusões a um provável “juízo final” onde as injustiças serão, enfim, reparadas. E que, no geral, por influência da pesquisadora ou pelo desencadeamento da discussão são também os comentários menos agressivos.

Além disso, devemos reforçar que percebemos que o momento político e econômico teve influência na posição dos brasileiros quanto à recepção de migrantes, reforçando estereótipos e o racismo. Esta análise nos possibilitou uma interpretação mais ampla da forma de recepção da migração haitiana no Brasil e assim como traçar um quadro geral das características que constituem o “espírito de uma época”, como sugere Mannheim (1952). Ou seja, posicionamentos em relação ao pertencimento ao grupo, à nacionalidade, aos direitos, à posição social, à política, ao governo. Esta análise será aprofundada na próxima seção, através da pesquisa de campo, no qual nosso objetivo é tratar estas mesmas questões do ponto de vista dos migrantes haitianos, de sua vivência, de seus enfrentamentos, de seus relacionamentos. Buscaremos compreender quais suas ações na busca de se estabelecer na cidade, como sua iniciativa individual se confronta com o mercado de trabalho, como suas condições de vida também estão relacionadas com o funcionamento do aparato estatal, legal, institucional do lugar de destino, e como sua vida continua ligada com o lugar de destino, seu modo de vida anterior e suas preocupações com os familiares que ficaram.

4 Estudo de caso sobre aspectos referentes a forma de se estabelecer na cidade.

Na seção anterior, buscamos refletir sobre a migração haitiana abordando um contexto mais amplo, a partir dos comentários a reportagens online sobre esta imigração. Sabemos que é uma pequena quantidade da população que se dispõe a comentar as reportagens, mas, mais do que uma porcentagem dos que veem a imigração haitiana de forma positiva ou receptiva e daqueles que a veem como indesejada, pretendemos refletir sobre aspectos comuns entre os argumentos e, sobretudo, quanto à visão de mundo que perpassa os argumentos receptivos e não receptivos ao imigrante haitiano.

Nesta seção, iremos expor nossas reflexões baseadas na pesquisa de campo que ocorreu na cidade de São José do Rio Preto. Como vimos no início da tese, São José do Rio Preto tem o primeiro registro de uma trabalhadora haitiana com carteira assinada em 2012; também vimos que cerca de vinte haitianos vieram de ônibus para a cidade, em 2014, diretamente de Manaus, por meio de uma empresa que os trouxe. De acordo com os dados da RAIS, 2015 foi o ano com maior número de imigrantes haitianos na cidade. De modo geral, a cidade de São José do Rio Preto é marcada pela imigração, seja ela espanhola e síria, majoritariamente no seu início, seja de diversas outras nacionalidades que se destinaram para a cidade que permaneceu durante muito tempo como “boca do sertão”. Atualmente, observamos a chegada de venezuelanos e bolivianos com maior expressividade, mas basta uma hora no departamento de estrangeiros da polícia federal para ver chegar ali americanos, ingleses, cubanos, angolanos, sírios, dentre outras nacionalidades.

Analisaremos, a seguir, a trajetória do imigrante dentro da cidade, de suas obrigações legais para se estabelecer e dos meios pelos quais ele busca êxito neste processo. Acompanhamos uma família de imigrantes de origem haitiana e venezuelana durante um ano e meio. Parte desta família, a mulher e os filhos haviam acabado de chegar e, portanto, acompanhamos este processo em seu momento inicial. Em muitas ocasiões, nossa posição de pesquisadores e pesquisados cruzaram juntos o percurso de entender o processo de documentação, este estabelecer-se, e, portanto, nossa reflexão está imbuída de um duplo entendimento: de buscar compreender como os imigrantes vivem este primeiro momento pós migração e também de nossa impressão enquanto pesquisadores que acompanharam este processo.

4.1 Metodologia

A pesquisa de doutorado teve início em 2015, com a fase de leituras e delineamento da pesquisa. Fomos a campo em fevereiro de 2017, a partir deste momento, mantivemos uma relação de proximidade com uma família de imigrantes e os dados que vamos relatar aqui são de fatos que ocorreram até meados de 2018. O que marcou o período de pesquisa de campo foram os trâmites para conseguir a documentação da família. Inicialmente a solicitação de refúgio e depois, com a mudança na lei de migração, com o pedido de residência temporária. No entanto, nossa investigação não esteve restrita à questão da documentação. O que nos levou a pesquisar a imigração haitiana, antes de qualquer outra questão, era saber como pessoas que migraram recentemente produziam a sua rotina, o seu cotidiano neste novo lugar. Essa era a nossa questão de base, entender como aquela viagem que transpõe dois mundos gera um sujeito que vai se refazer neste novo lugar. Nesse sentido, entendemos o migrante como o sujeito que faz um esforço de transpor dois mundos, de se transportar de uma realidade e se pensar em outro contexto, recriando o que ele é a partir de um marco, a viagem, a migração. O migrante é sensível a essas mudanças, ele precisa se esforçar para perceber pequenos gestos, pequenas características, mas que, para ele, pode ser importante para se situar no novo lugar. O migrante é esse sujeito que se faz alerta.

Nossa hipótese inicial era de que o migrante reestabeleceria seu cotidiano, sua rotina, através das relações com a população local, em lugares importantes para aquela comunidade e que para que o migrante pudesse viver nesta comunidade ele também precisasse frequentar mercados, igrejas, bares, escolas. A vizinhança seria uma categoria chave para compreender como o migrante se estabelecia no lugar de destino.

Tínhamos, e ainda temos, como referência os estudos de Norbert Elias, “Os estabelecidos e os outsiders” (2000), Michel de Certeau, Luce Giard e Pierre Mayol, “A invenção do cotidiano. 2. Morar, cozinhar” (2013), e de Foote Whyte, “Sociedade de Esquina” (2005). Estes estudos tiveram grande influência nesta pesquisa, especialmente pelo objeto de estudo, as relações de grupo em um microcosmo do limite de um bairro específico, mas também pela profundidade das análises de um método que se inicia em uma pessoa ou em uma família e segue até atingir os limites destas relações no espaço determinado. A pesquisa de “Sociedade de Esquina” foi empreendida entre 1936 e 1940, nos Estados Unidos. A pesquisa de “Os estabelecidos e os outsiders” foi desenvolvida no final dos anos 1950 na Inglaterra. E a pesquisa de campo de “A invenção do cotidiano” foi realizada entre 1974 e 1978, na França. Estes estudos produzidos ao longo do século XX se tornaram marcos para o estudo de grupos e para

análises da categoria bairro e vizinhança. Também não deixam de estar presentes no pano de fundo destas pesquisas a questão da migração, especialmente no estudo de Foote-Whyte e de Elias.

Na pesquisa de Elias e Scotson, os autores investigaram a relação entre moradores de três bairros em uma região suburbana de uma cidade industrial na Inglaterra. As relações entre estes bairros poderiam estar associadas a uma hierarquia baseada no tempo de residência dos moradores. Mas os autores descobriram, através de uma análise de configurações entre moradores do bairro, que o sentimento e a ideia geral que tinham do seu próprio bairro e do outro não partiam de uma visão individual dos moradores, estavam antes imbuídas de uma ideia coletiva dos grupos.

No caso em questão, a Zona 2 era a zona mais antiga da área, onde moravam pessoas que foram morar no bairro no mesmo período e que participavam de associações do bairro. A Zona 1 era composta por moradores de classe média, em geral, filhos dos moradores da Zona 2, que, quando casavam, iam morar na Zona 1; portanto, partilhavam de um mesmo imaginário de grupo. Os moradores da Zona 3 eram, em sua maioria, trabalhadores como aqueles da Zona 2, mas não haviam se mudado no mesmo período e provinham de regiões distintas da Inglaterra. Não haviam criado ainda um senso de pertencimento ao bairro e, por isso, não se defendiam das acusações de má conduta que moradores da Zona 2 faziam deles. Quando acontecia algo ruim com alguém da Zona 2, os moradores buscavam não noticiar o acontecimento em público, as notícias circulavam de casa em casa pelo costume de uns frequentarem a casa dos outros, principalmente daqueles que faziam parte das associações. Por outro lado, externalizavam fatos que aumentavam o prestígio do grupo, como as conquistas dos filhos. No início da formação da Zona 3, foram morar no loteamento famílias que tinham comportamentos considerados problemáticos, como possuir membros da família alcoólatras, famílias numerosas, os filhos ficarem na rua e se envolverem em brigas. Mesmo que com o passar do tempo essas famílias tenham se mudado do bairro, essas características negativas eram usadas pelos moradores da Zona 2 para justificarem seu distanciamento pessoal em relação a eles. Como os moradores da Zona 3 não possuíam vínculos fortes entre si, eles mesmos viam o próprio bairro, a Zona 3, por essas características negativas, mesmo não sendo a realidade da maioria das famílias, e manifestavam sua intenção de se mudar para a Zona 1 ou outro lugar quando possível.

Elias e Scotson evidenciam a importância de análises sociológicas que não tenham apenas dados quantitativos como referência para análises, e que seja superada a noção de que pesquisas não quantitativas são “meramente descritivas”. Segundo os autores, os métodos que formulam análises e sinopse de configurações

(...) ainda são insuficientemente conceituados como métodos característicos de uma ciência cuja tarefa central é o estudo de indivíduos como grupos, das configurações de indivíduos como tais. É estranha a ideia de que os indivíduos devem ser primeiramente estudados como elementos isolados e de que as configurações que eles compõem entre si derivam do que são sem elas; tal ideia confunde profundamente as pesquisas sobre tais configurações (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 57).

Perceber o indivíduo em suas relações como essas relações, contribuem para a formulação de uma ideia sobre o grupo que não é individualmente construída, mas coletivamente, e reforçada nas ações dos indivíduos. Segundo os autores, isso acontece porque

Ainda não é parte integrante da formação dos sociólogos aprender a observar e conceituar sistematicamente o modo como os indivíduos se agregam, como e por que eles formam entre si uma dada configuração ou como e por que as configurações assim formadas se modificam e, em alguns casos, se desenvolvem (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 57).

Quando iniciamos a pesquisa em 2015, tínhamos em perspectiva estes estudos e imaginávamos ser possível realizar algo parecido em nossa pesquisa. Sabíamos que havia desde 2014 um grupo de haitianos, cerca de 20 pessoas, morando e trabalhando em um bairro da periferia de São José do Rio Preto. No entanto, quando fomos a campo, encontramos apenas dois haitianos morando ainda neste bairro, enquanto os outros tinham se mudado para outro bairro, mais próximo ao centro da cidade. A empresa que trouxe os haitianos de Manaus já havia fechado, os migrantes tiveram que voltar a procurar emprego e por fatores estratégicos mudaram de bairro.

O primeiro contato com os imigrantes foi realizado por intermédio de uma tia que morava no mesmo bairro onde inicialmente eles moraram, que, apesar da mudança, mantinha contato com um haitiano que passava em frente à casa dela para ir ao trabalho. Desde quando mencionei que gostaria de estudar a imigração haitiana em São José do Rio Preto, a partir do que havia visto nos jornais, ela sugeriu que eu conversasse com os migrantes que havia no bairro. Então, quando iniciei a pesquisa de campo, pedi para que avisasse o homem com o qual ela mantinha contato para chamar outros haitianos que ele conhecesse para uma reunião na casa dela. O nosso primeiro encontro foi no dia 11 de fevereiro de 2017, um sábado, na casa de minha tia. Foram ao encontro nove haitianos, cinco mulheres e quatro homens.

No final do encontro, um homem ficou para conversar comigo. Queria saber se, como

professora¹, poderia ajudá-lo a encontrar uma escola para seus filhos que viriam com sua mulher da Venezuela nos próximos dias. Trocamos números de telefone e, a partir deste momento, passei a conversar com ele constantemente. Embora este imigrante estivesse no Brasil desde 2013, a chegada de sua família demandaria uma nova situação, pois havia os filhos, a necessidade de mudar de casa para acomodá-los, a necessidade de estar constantemente trabalhando, a escola, a unidade básica de saúde, a documentação. Para todos os outros imigrantes que estavam ali, o encontrou foi mais uma frustração, eles acharam que eu ofereceria emprego a eles. Durante a conversa, uma mulher disse que eu era uma pessoa boa, que tinha boas intenções, porém não tinha o que eles precisavam, que era trabalho. Mas a possibilidade de colaborar com a família de Joseph, que estava para chegar, passou a ser nosso ponto de partida para a pesquisa de campo.

A partir deste contato, percebemos que a vizinhança era importante na vida dos migrantes, mas não era o principal meio pelo qual eles se estabeleciam na cidade. Os órgãos públicos e o contato entre os próprios imigrantes orientavam as soluções para as questões iniciais de vivência dos migrantes². Com o passar dos meses e o processo para conseguir a carteirinha de estudante para o transporte escolar, como vamos relatar adiante, percebemos que esta relação entre imigrantes e órgãos públicos eram essenciais para propiciar uma nova rotina à vida dos imigrantes recém-chegados. Nossa pesquisa de campo esteve mais intimamente ligada a esta família, nos ativemos em acompanhar o desenvolvimento das relações da família com a cidade neste momento recente de migração. Durante a pesquisa, notamos que não havia sido construída ainda uma relação mais próxima dos imigrantes com a vizinhança, muitos deles estavam a cinco anos no Brasil e não falavam português, mas mantinham contato com os demais haitianos que moravam no bairro ou através do Whatsapp com amigos e familiares.

¹ No encontro mencionei que fazia pós-graduação, doutorado, em uma instituição de ensino superior estadual, e que lecionava em uma escola estadual. A conversa com eles era parte desta pesquisa, e que gostaria de manter contato e se possível visitá-los em suas casas em outra ocasião.

² Depois de entrar em contato com a família, percebemos que a dona da casa que alugavam os ajudavam a entender parte do que eles precisavam fazer. No primeiro dia em que fui com dona María às escolas, marcamos de nos encontrar em um ponto de ônibus no bairro onde moravam. Foi a dona da casa e vizinha que acompanhou dona María até o ponto de ônibus. Ao que parece, quando tinham dúvidas também perguntavam a ela. Depois de um tempo se mudaram da primeira casa, pois esta tinha apenas um quarto e as crianças estavam dormindo na sala. Certo dia me contaram que tinham ficado tristes com a dona da casa, pois tinham plantado no terreno e era o momento de colher (mandioca e feijão), mas a dona da casa não deixou que colhessem, além disso disseram que haviam combinado de pagar o primeiro aluguel adiantado e que quando saíssem receberiam o dinheiro de volta. Expliquei a eles que talvez não receberiam o dinheiro de volta, mas que se pagaram adiantado o primeiro mês não pagariam o próximo se saíssem até a data de vencimento. Sobre a dona da casa onde foram morar, esta também era vizinha deles e ela deixava que eles usassem a internet da casa dela, pelo wifi, o que foi muito importante para que eu conseguisse falar com dona María. Então, há certo contato com a vizinhança, mas não apenas. Temos que considerar que a família de Joseph e María falam espanhol, o que facilitou o meu contato com eles e provavelmente a relação com os vizinhos. Não, sabemos se houve a mesma interação com os vizinhos e imigrantes haitianos falantes de francês e crioulo.

Nossa pesquisa tinha como objetivo compreender este contexto de migração recente, como os migrantes faziam para se estabelecer. Este estabelecer não é necessariamente o que Elias e Scotson entendem como estabelecidos, possuir um “carisma grupal” dentro do bairro. É um estabelecer como se entender na cidade, reconstruir sua rotina, como percebe o que está a sua volta, como estabelece uma nova normalidade a sua vida. Neste sentido, era possível desenvolver a pesquisa em um contexto recente de migração. Por outro lado, mesmo havendo haitianos que estavam na cidade há quatro e cinco anos, este tempo não foi suficiente para gerar um relacionamento mais próximo com os vizinhos brasileiros do bairro. No entanto, eles tinham uma relação mais próxima com os haitianos que também moravam no bairro e, que até onde pudemos entender, se conheceram ou em Manaus ou em São José do Rio Preto, e não no Haiti.

Existem alguns pontos importantes para explicar sobre nossa pesquisa antes de irmos aos dados. Primeiro, a pesquisa de campo se passa num ambiente pequeno, limitado, é uma perspectiva microscópica. Não estudamos a comunidade haitiana em São José do Rio Preto e não podemos afirmar se eles se pensam como uma comunidade. Também não investigamos uma família que se possa dizer representante da média das famílias haitianas que moram na cidade. Nós partimos de uma família para traçar um itinerário de quais relações elas precisam fazer com a população local, de quais necessidades iniciais elas precisam resolver, e como esta família reagia ao se inteirar dos procedimentos administrativos, burocráticos, legais, sociais e culturais do lugar de destino. Neste sentido, nossa pesquisa focou em apontar para um entendimento do que é um contexto de migração recente, ou seja, “traçar a curva de um discurso social; fixá-lo numa forma inspecionável” (GEERTZ, 2014, p. 13).

Dessa forma, nós buscamos investigar a partir de um universo pequeno e limitado, mas não sem nos atentar e detalhar a dinâmica em que o migrante está envolvido para poder se refazer, fazer uma nova rotina no lugar de destino. Como na pesquisa de campo a pesquisadora esteve junto à família durante este processo, não podemos afirmar que, em uma situação onde os migrantes tiveram que se organizar entre si para solucionar determinados problemas, a percepção do processo tenha sido o mesmo. Contudo, esta foi a maneira que encontramos para poder ir aos lugares pelos quais os imigrantes precisam ir e fazer o que eles precisam fazer. E, consideramos as informações que obtivemos importantes para uma melhor compreensão do que uma política pública de acolhida necessita para diminuir as dificuldades que os imigrantes enfrentam para ter acesso a direitos. E, neste sentido, consideramos que, de certa forma, nos aproximamos de uma “análise e sinopse das configurações”, como propõe Elias e Scotson, não na relação do indivíduo com o grupo (o migrante haitiano com a vizinhança ou o migrante haitiano com outros migrantes haitianos), mas na relação entre imigrantes (em uma mesma

família, haitianos e venezuelanos, conforme sua situação de migração) com as instituições e os agentes públicos dos quais necessitavam e conforme necessitavam, assim como de sua percepção na cidade.

Em segundo lugar, a forma como nos propusemos a fazer a pesquisa de campo, selecionar os dados e interpretá-los está baseada também na perspectiva de fazer uma “descrição densa”, como propõe Geertz (2014).

Segundo a opinião dos livros-textos, praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa”, tomando emprestada uma noção de Gilbert Ryle (GEERTZ, 2014, p. 4).

Geertz cita o exemplo de Ryle sobre a piscadela, em que dois garotos fazem o mesmo ato físico, contrair a pálpebra, mas enquanto um o faz involuntariamente como um tique nervoso, o outro o faz intencionalmente, além de contrair a pálpebra ele transmite uma mensagem, piscar, ou seja, contrair a pálpebra a alguém deliberadamente, sem que os outros saibam, com o objetivo de fazer uma conspiração. Ainda pode haver um terceiro garoto, que, ao contrário dos outros dois, contrai a pálpebra de forma grosseira a fim de imitar o primeiro que contrai a pálpebra apenas como um tique nervoso e, portanto, a mensagem que se passa é outra, de ridicularizar.

Uma descrição superficial chegaria apenas ao que se está fazendo, enquanto que uma descrição densa busca apreender como as estruturas significantes são produzidas, percebidas e interpretadas. “A análise é, portanto, escolher entre as estruturas de significação (...) e determinar sua base social e sua importância” (GEERTZ, 2014, p. 7). Nós partimos do pressuposto de Geertz, de que, ao estudar algo que é estranho a nós, estamos diante do que podemos interpretar com base no que coletamos de informações e relatos sobre os acontecimentos. Ao ir com uma família de imigrantes ao departamento de estrangeiros, não posso compreender como a família, e cada um de seus membros, entende aquela situação. Mas posso interpretar a partir da forma como se comporta, como se relaciona com o atendente e na forma como reage, o que ir ao departamento de estrangeiros para fazer a documentação significa. Assim, o etnógrafo interpreta a partir do contexto o significado das ações.

“Assim, há três características da descrição etnográfica: ela é interpretativa; o que ela interpreta é o fluxo do discurso social e a interpretação envolvida consiste em tentar salvar o ‘dito’ num tal discurso da sua possibilidade de extinguir-se e fixa-lo em formas pesquisáveis”

(GEERTZ, 2014, p. 15). Uma descrição densa não busca apenas expor os fatos como eles aconteceram, mas expor num sentido inteligível, evidenciando detalhes dentro de uma teia de significados. Partilharemos, o etnógrafo e o seu interlocutor, da noção de significado de uma ação faz parte de um esforço de tentar se situar dentro do fato narrado ou experienciado, e, segundo Geertz, não para se tornar nativo, mas porque fazer etnografia é principalmente “conversar com eles” (...) “Visto sob esse ângulo, o objetivo da antropologia é o alargamento do universo do discurso humano” (GEERTZ, 2014, p. 10).

Como sistemas entrelaçados de signos interpretáveis (...) a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 2014, p. 10)

O que a etnografia faz é indagar qual a importância do fato narrado e do próprio relato, o que está sendo transmitido, qual a sua mensagem. Ao indagar sobre a importância dos atos, a etnografia “separa as piscadelas dos tiques nervosos e as piscadelas verdadeiras das imitadas” (GEERTZ, 2014, p. 12). Nós nos esforçamos para basear nossa análise no questionamento sobre a importância de determinada situação, no que esta situação se relaciona com outra, e também no quando a situação é uma ausência de repostas, de ações. Na pesquisa de campo percebemos que as ausências deram origem a novas ações e, portanto, as ausências também foram narradas aqui.

Em terceiro lugar, gostaríamos de destacar o caráter processual da investigação. Segundo Van Velsen, uma análise dos processos sociais é: “a maneira como os indivíduos realmente lidam com seus relacionamentos estruturais e exploram o elemento de escolha entre normas alternativas, de acordo com as exigências de qualquer situação específica” (VAN VELSEN, 2010, p. 467). Embora o “estabelecer-se” na cidade, o “criar uma rotina”, remeta a algo fixo, estável, talvez duradouro, o processo pelo qual os migrantes passam para se estabelecer é móvel, é instável, é recorrente, e talvez, eles se mudem de cidade antes de se estabelecer. Nossa pesquisa investiga este movimento, ida à polícia federal, revisão de documentos, de falta de documentos, ida ao Poupatempo, ida à polícia civil, procura de emprego, reunião de documentos para matricular o filho na escola, procura de um nova casa para morar, mudança na legislação, o refazer de documentos, perda do emprego, procura de emprego, a família que está no lugar de origem liga para pedir ajuda. Enfim, é um movimento

intenso³.

Durante um ano e meio de pesquisa de campo, acompanhamos a família nas demandas burocráticas para ter acesso à escola, ao posto de saúde, à receita federal, à assistência social e, mais frequentemente, às idas à polícia federal. Nestes lugares, fomos fisicamente com a família, mas também acompanhamos os processos através de mensagens e ligações telefônicas, auxiliando em outras necessidades. Ao Poupatempo, fomos apenas com outra família para cadastrar a filha nas vagas das creches da cidade. De forma geral, o Poupatempo é um lugar em que eles frequentavam para resolver as questões referentes ao trabalho: fazer e deixar currículo para as vagas de emprego ofertadas pelas empresas, fazer a carteira de trabalho e receber seguro-desemprego.

Mapa 3 - Locais públicos frequentados pelos imigrantes na cidade de São José do Rio Preto



- 1 – Departamento de Estrangeiros – Polícia Federal
- 2 – Terminal de ônibus urbano
- 3 – Poupatempo
- 4 – Secretaria Municipal de Educação
- 5 – Departamento da Receita Federal
- 6 – Centro de Referência de Assistência Social – CRAS
- 7 – Região onde atualmente moram imigrantes, especialmente haitianos
- 8 – Escola Estadual de Ensino Fundamental Ciclo II
- 9 – Igreja onde eram ministradas aulas de Língua Portuguesa em 2014
- 10 – Bairros onde moravam haitianos e onde no momento da pesquisa morava a família de Joseph e María
- 11 – Escola Municipal de Ensino Fundamental Ciclo I, e ao lado eram ministradas as aulas do Projeto Paulo Freire de alfabetização.

FONTE: Google maps, 2018.

³ “Como método de integrar variações, exceções e acidentes nas descrições das regularidades, a análise situacional, com sua ênfase no processo, pode ser, portanto, particularmente apropriada para o estudo de sociedades instáveis e não homogêneas” (VAN VELSEN, 2010, p. 459).

No Departamento de Estrangeiros da Polícia Federal e no Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, alguns imigrantes com quem estive em contato também conheciam bem, mas alguns tinham dificuldade em entender o procedimento do atendimento e da documentação, pois são órgãos em que o procedimento não é realizado de uma única vez. A cada vez se realiza uma parte do procedimento, depois, ou se precisa levar nova documentação ou esperar o tempo de a documentação ficar pronta, então havia uma dificuldade em entender este tempo.

Percebi, após algumas conversas com a família, que eles não tinham muito contato com a vizinhança e, quando perguntei algumas vezes se eles se encontravam com outros haitianos ou com os vizinhos, eles disseram que raramente, só quando necessário, pois achavam melhor que as pessoas não ficassem muito tempo na casa deles e que evitavam passar muito tempo na casa dos outros. Eles disseram que, quando outra pessoa fica muito tempo na casa de outro, sempre vê alguma coisa e sai comentando, o que é motivo de fofoca, e que eles não gostavam de fofoca porque prejudicava a amizade.

Neste momento, busquei reforçar meus objetivos acadêmicos sobre o que se tratava a pesquisa e para que soubessem que a qualquer momento poderiam não querer mais o nosso contato. Desde nosso primeiro encontro, expliquei que minha aproximação com eles era por razão de um estudo na faculdade, que queria saber como era a vida deles na cidade e que escreveria um texto sobre a pesquisa, perguntei se havia problemas neste contato.⁴ Eles entenderam, conheciam outras pessoas da família ou amigos que faziam faculdade e compreenderam meu interesse neste processo. Mas, além de evidenciar os motivos de minha aproximação e saber se estavam de acordo, também passei a rever a hipótese inicial da pesquisa. Em um primeiro momento, achávamos que haveria um contato mais intenso com os vizinhos, no entanto, percebemos ao longo da pesquisa que os meios para se estabelecer este contato eram mais demorados e dependiam do surgimento de necessidades da família.

Apesar de não entrar na casa deles sempre, eles me receberam muito bem. No início, conversávamos durante a ida aos lugares, mas deixava-os em casa e depois de conversar alguns minutos, me despedia. Então, um dia, Joseph me perguntou porque brasileiro não comia na casa de haitiano. Expliquei que não havia aceitado entrar ainda porque, sempre que os deixava, eu voltava para a casa de minha tia. Perguntei se outras pessoas também não tinham aceitado comer na casa deles, mas ele disse que não era por isso. A partir deste momento, então, passei a não

⁴ Quando recentemente informei que o texto da pesquisa estava pronto e que se tornaria público, eles riram. Perguntei se havia algum problema, se não estavam de acordo, mas eles disseram que não havia problemas e acharam engraçado que se escrevessem sobre a vida deles.

me preocupar em estar me excedendo na intimidade da família e todas as vezes que era convidada, entrava e comia com eles. Um dia, dona María guardou um pedaço de bolo do aniversário de seu filho que tinha ocorrido em um dia anterior à minha visita. Fiquei muito feliz com o gesto. Ela havia guardado o bolo para mim em um sinal de preocupação em compartilhar aquele momento da vida deles comigo.

Encontrei-me com outros haitianos nos bairros onde a maior parte deles moravam. Pensamos durante a pesquisa em fazer um levantamento sobre os moradores haitianos em pelo menos três bairros. No entanto, por estes motivos, não mantivemos a proposta. Primeiro, porque a questão da documentação da família ganhou uma centralidade em nosso relacionamento, e demandou mais tempo do que imaginávamos. Segundo, porque observamos que, embora as casas alugadas para imigrantes haitianos fossem repassadas para imigrantes haitianos, havia uma constante mudança das pessoas nas casas. Em duas situações, observamos que, quando os imigrantes se mudavam daquela casa, eles a indicavam ou repassavam a outros haitianos, e tinham ido morar lá também porque outros haitianos saíram da casa e a indicaram. Terceiro, porque percebemos certo constrangimento quando visitamos algumas casas. Quase sempre um, e às vezes todos os moradores da casa, estavam desempregados, a ansiedade e as longas tentativas em encontrar um emprego faziam com que alguns estivessem em uma situação realmente precária, ou com que os ânimos todos estivessem voltados a esta espera, a espera por um emprego. É possível que entre eles o assunto fosse outro, mas quando me viam era o que mais se falava. Procuramos ajudar no que foi possível, respondendo algumas dúvidas, mas percebemos que esse contato causava uma certa angústia a eles, não havia mais o que dizer do que a necessidade de um emprego, e consideramos não insistir nesta perspectiva.

Nas famílias que tinham filhos pequenos, o ambiente era mais alegre, talvez pela presença das crianças. Mas eles não falavam diretamente comigo, haviam chegado ao Brasil há mais ou menos um ano e não falavam quase nada em português. Como moravam com outros haitianos, preferiam falar em creole e, se precisassem de algo, quem estava a mais tempo no Brasil que mediava o contato. Com estes imigrantes tivemos apenas encontros ocasionais.

A língua teria sido uma dificuldade se tentássemos realizar uma pesquisa com maior número de haitianos. Como dissemos, a pesquisa de campo foi realizada com uma família de haitianos e venezuelanos, isso permitiu que na maior parte do tempo eles conversassem em espanhol e eu em português e assim nos entendíamos. Com o passar do ano, eles começaram a falar muito mais em português. Quando conversamos com uma professora do curso de alfabetização de uma entidade filantrópica da cidade, ela nos informou que a maior parte dos seus alunos haitianos era alfabetizada em creole e francês, e alguns falavam inglês. Mas os

imigrantes com os quais estivemos em contato não eram alfabetizados ou tinham poucos anos de estudo e falavam poucas palavras em português.

Nossa pesquisa buscou compreender as relações que esta família imigrante estabelecia com agentes e órgãos públicos, a percepção do bairro na cidade, a compreensão da locomoção na cidade através do entendimento do transporte coletivo urbano, a percepção do dinheiro em comparação, principalmente, com a Venezuela e a projeção de um futuro para os filhos. É uma pesquisa que trata mais da perspectiva desta relação, deste elo, desta mediação entre o imigrante e o local de destino, entre o que foi aprendido e o que pode ser apreendido, e destacamos nesta seção a interpretação que pudemos fazer dos fatos narrados e experienciados, o caderno de campo com a sequência dos fatos se encontra nos Apêndices no final desta tese.

4.2 Breve relato sobre os imigrantes participantes da pesquisa

Acompanhamos a família de María (47 anos) e Joseph (55 anos) e seus quatro filhos, dois meninos, Emilien (16 anos) e Yanny (13 anos), e duas meninas, Fabienne (10 anos) e Marie (9 anos). Joseph nasceu no Haiti, em um povoado na Ilha de La Gonâve. Morou no Haiti até os 17 anos de idade, quando se mudou para a Venezuela, onde viveu por cerca de 30 anos. Na Venezuela, conheceu María e teve quatro filhos, mas ele também tem mais dois filhos com sua primeira mulher no Haiti. Contou-nos que vivia bem na Venezuela até nos últimos meses antes da decisão de vir para o Brasil, em 2013. Lá eles tinham uma casa na capital e chegou a trabalhar de taxista, mas perdeu o carro quando emprestou a um amigo que se envolveu em um acidente. Veio ao Brasil para trabalhar nas obras da Copa do Mundo e trabalhou construindo o estádio em Brasília. Entre 2013 e 2016, ia uma vez por ano para a Venezuela para ver os filhos e a mulher quando decidiram vir todos morar no Brasil por causa das necessidades que a família estava passando, principalmente pela falta de alimentos disponíveis no país e a desvalorização da moeda, o Bolívar. Então, Joseph guardou dinheiro e enviou à mulher para trazê-los para São José do Rio Preto, onde estava morando.

Embora Joseph tenha nascido no Haiti, ele se naturalizou venezuelano quando fez sua documentação na Venezuela. Não ficou claro, mas, provavelmente, quando refez o seu passaporte, ele precisou refazer sua documentação e acabou se naturalizando venezuelano e, segundo ele, neste momento, sua documentação haitiana, incluindo o passaporte haitiano, foi rasgada pelos funcionários, quando sua naturalização ficou pronta. Quando ele chegou ao Brasil em 2013, havia na fronteira uma intensa imigração haitiana, ele apresentou seu passaporte venezuelano, mas os funcionários da polícia federal que faziam o serviço de protocolo de visto

humanitário entenderam que ele era haitiano e não se sabe se por considerá-lo haitiano ou sem a possibilidade de dar outro visto a ele fizeram o protocolo de visto especial para haitianos que estava em vigor desde 2012, Resolução Normativa nº 97 de 12 de janeiro de 2012. Assim, Joseph passou a ser haitiano no Brasil mesmo tendo documentação venezuelana.

Logo que sua família chegou em São José do Rio Preto, eles foram até o departamento de estrangeiros da polícia federal para fazer a documentação da família. Neste momento, os policiais perceberam que ele não tinha documentação haitiana, mas venezuelana. Naquele momento, em 2017, antes da Lei de Imigração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, seria mais fácil e rápido fazer a documentação como haitiano e pedir a reunião familiar para os outros membros da família, Joseph não concordou porque ele não tinha mais sua certidão de nascimento, ele a perdeu quando ainda morava no Haiti e não tinha mais seu passaporte haitiano, porque, segundo ele, rasgaram quando ele se naturalizou venezuelano. Neste caso, ele teria que ir à embaixada haitiana em Brasília para pedir que enviassem sua documentação do Haiti para o Brasil, teriam que pedir uma segunda via de sua certidão de nascimento no cartório onde foi registrado no Haiti, e apenas com a intermediação da embaixada isso seria possível. No entanto, a viagem a Brasília lhe custaria caro e não podia perder dias de trabalho, por isso Joseph não concordou.

Joseph achou melhor refazer sua documentação no Brasil, agora pediria refúgio como venezuelano para ele e sua família. Como venezuelano, o procedimento que se dava até março de 2017 era a solicitação de Refúgio pela Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997, na qual, após recolher todos os documentos necessários na Polícia Federal, os documentos eram encaminhados ao CONARE para análise e comprovação de fundado temor de perseguição. Após a análise, caso o pedido tenha sido deferido, era expedido o Registro Nacional de Estrangeiros – RNE, e este imigrante passaria a ser reconhecido como refugiado. Este procedimento demora mais de um ano, mas, até ser concluído, o imigrante tem o protocolo de refúgio que lhe dá acesso a vários direitos civis e sociais no Brasil.

Em 02 de março de 2017, o Conselho Nacional de Imigração expediu a Resolução Normativa 126/2017, que dispõe sobre a concessão de residência temporária a nacional de país fronteiriço e que não faz parte do Acordo sobre Residência para Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL e Países Associados. Esta resolução normativa esteve em vigor por um ano e foi substituída pela Portaria Interministerial nº 9, de 14 de março de 2018, que está amparada pela nova lei de imigração em vigor desde novembro de 2017. A partir desta resolução normativa e desta portaria, o imigrante venezuelano pôde ter direito à Carteira de Residência Temporária de dois anos e cancelar o pedido de refúgio.

No entanto, no momento da documentação da família, era possível fazer apenas o protocolo de refúgio e esperar essa documentação voltar do CONARE. Como o procedimento de solicitação de refúgio estava demorando mais de um ano para ser analisado, a família teria que voltar após um ano para renovar o protocolo de refúgio. Após um ano do pedido de refúgio, a família voltou à Polícia Federal para renová-lo, mas já estava em vigor a nova lei de migração e a Portaria Interministerial nº 9; dessa forma uma nova documentação foi feita para pedir a Carteira de Residência Temporária. Então, durante um ano e meio de pesquisa, houve estes dois momentos importantes quanto à documentação da família, a solicitação de refúgio e o pedido de residência temporária.

Dona María deixou a mãe, uma irmã e sobrinhos na Venezuela. A mãe dela mora em uma cidade distante da capital e, sem poder se manter sozinha por problemas de saúde, sua outra filha deixou a capital para morar com ela. Quanto aos filhos de María, os dois meninos mais velhos não queriam se mudar para o Brasil; na capital venezuelana, estavam participando de um time de futebol importante e sair do país naquele momento limitava o sonho de ser jogador de futebol. Dona María falou algumas vezes dessa vontade dos meninos em treinar futebol, mas não tinha encontrado um lugar onde eles pudessem treinar gratuitamente e que achasse confiável, em que não corressem o risco de ter amizades negativas. Dona María e Joseph sempre demonstraram preocupação quanto ao estudo dos filhos; na visão destes, estudar e fazer um curso técnico pode lhe garantir um emprego melhor, um futuro melhor.

Joseph deixou a mãe, o pai e irmãs no Haiti, mas tem irmãos e primos em outros países. No período em que fizemos a pesquisa, Joseph sempre se demonstrou muito triste em falar com os pais porque a situação para eles não era fácil; segundo ele, passavam muitas necessidades no Haiti, moravam distante da capital, onde existem mais formas de ajuda humanitária, e ele não estava conseguindo ajudar a família como deveria.

Joseph não é alfabetizado, as nossas conversas pelo telefone foram sempre por áudio ou ligações. Dona María estudou na Venezuela, segundo ela, até o que seria o nono ano do ensino fundamental Ciclo II no Brasil. Logo depois que conseguiu matricular os filhos nas escolas e resolver as questões de documentação, dona María procurou um curso de alfabetização em português, em 2017. No ano seguinte, 2018, tentou se matricular no Ensino Médio, no entanto, por causa de dificuldades financeiras e pelos horários de ônibus do bairro onde morava, não conseguiu seguir com os estudos. Depois disso, ela me procurou para saber se havia cursos de qualificação gratuitos na cidade e indiquei alguns. Ela fez um curso de curta duração para pôr em seu currículo. Apesar das limitações, ela expressa vontade de continuar estudando.

Durante a pesquisa, também nos encontramos algumas vezes com outra família, Denes

e sua mulher Loudie, a sua filha e o primo dela. Denes era o imigrante que minha tia conhecia, aqui já mencionado, foi ele que avisou outros haitianos para nosso primeiro contato. Encontrei com Loudie para levá-la ao Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, e ao Poupatempo. Ela não falava português e nosso contato sempre foi mediado por Joseph. O que contaram de sua história é que Denes e Loudie eram casados já no Haiti e deixaram quatro filhos lá aos cuidados de familiares. Primeiro veio Denes, que estava no Brasil há cinco anos, e depois veio Loudie e tiveram, em 2017, uma filha, nascida no Brasil. Denes trabalhava ordenhando vacas em um sítio na periferia da cidade e Loudie, depois que matriculou a filha na creche, começou a vender “juju”⁵ pelas ruas da cidade. Eles pretendiam fazer uma casa, mas ainda não sabiam se no Haiti ou no Brasil. Na época da pesquisa, queriam saber o que era necessário para se inscrever nos programas do governo de habitação popular. Até onde pude entender, se a vida no Brasil se tornasse estável, tentariam trazer os filhos para morar com eles aqui, mas, se tornasse difícil, pensariam em retornar ao Haiti com um pouco de dinheiro para construir uma casa lá.

Além desse contato direto com essa família, também fizemos contato com moradores de outra casa, que tinham participado de nosso primeiro encontro. Eles moravam em uma casa no bairro vizinho ao de Denes, numa casa de fundo. Moravam ali Stefanie, sua irmã (mais nova) e mais dois homens (um jovem e outro mais velho). A irmã de Stefanie falava bem português. Ela concluiu o Ensino Médio em uma escola em Manaus. No primeiro encontro na casa de minha tia, ela foi a interlocutora das conversas e depois retornei para conhecer onde moravam e conversar sobre sua trajetória de migração. A irmã de Stefanie chegou a Manaus em setembro de 2014, junto com um irmão. Sua mãe e seu pai já estavam em Manaus. Stefanie veio apenas em 2016. Elas têm mais dois irmãos e duas irmãs que ficaram no Haiti e um de seus irmãos mora nos Estados Unidos. A irmã de Stefanie e os outros dois homens chegaram em São José do Rio Preto, através de uma empresa de mudas de plantas. A empresa foi até Manaus e trouxe em um ônibus 24 haitianos para São José do Rio Preto, segundo relataram os imigrantes. Após cerca de um ano da vinda dos haitianos, a empresa fechou sua fábrica em São José do Rio Preto e eles ficaram desempregados. De acordo com a irmã de Stefanie, conforme conversamos em 2017, o pai delas tinha 61 anos e a mãe 55, eles estavam em Manaus, mas desempregados; para sobreviver, vendem mercadorias nas ruas e estavam pensando em voltar para o Haiti. O irmão que veio para o Brasil mora em Porto Alegre. Quando voltei à casa deles, quatro meses depois, eles haviam se mudado para Porto Alegre, segundo o morador da casa, também haitiano. Depois

⁵ Mistura doce congelada em saquinhos, também conhecido como “suquinho” ou “geladinho”.

conversei com Stefanie por aplicativo de mensagens, que confirmou que haviam se mudado e estavam trabalhando.

No dia da visita em sua casa, eles estavam muito desanimados, estavam desempregados há mais de um ano. A irmã de Stefanie tinha começado um curso de informática para melhorar seu currículo, mas, sem dinheiro para continuar pagando o curso, precisou parar de estudar. Os dois homens haviam trabalhado em outros empregos, mas também de curta duração. O homem mais velho trabalhou um ano na empresa de mudas de plantas; depois, trabalhou na construção de um shopping na cidade, depois em uma empresa no distrito de Engenheiro Schmidt. Nestes empregos, trabalhou com carteira assinada e recebeu o seguro-desemprego. Depois trabalhou em uma empresa no setor de limpeza, durante quatro meses, com contrato de trabalho.

O outro homem, mais jovem, nos contou que ficou três meses em Manaus, veio para São José do Rio Preto através da empresa de mudas de plantas onde trabalhou por oito meses, depois trabalhou por dois meses em um supermercado e um ano em uma empresa de eletrometalurgia; depois disso não encontrou outro emprego.

Stefanie tem um filho no Haiti e disse que queria trazê-lo para morar com ela se conseguisse um emprego. Elas gastaram cerca de 2 mil dólares para vir para o Brasil e sem trabalho não conseguiria guardar dinheiro para trazer o filho. As irmãs estavam no Haiti no momento do terremoto. Elas e a família moravam na capital e um primo e uma prima morreram no terremoto. Disseram que, mesmo no Brasil, mantinham contato com a família através de aplicativo de mensagens e que a situação lá não era boa.

Depois que eles se mudaram para Porto Alegre, conversei com Stefanie, que disse que todos estavam trabalhando. Depois tentei contato novamente, mas não consegui, provavelmente porque ela tenha mudado o número de telefone. Vizinhos da casa de Stefanie e da casa de Denes moravam outros haitianos, mas não entramos em contato. Uma vez entrei em uma casa nos fundos da casa de Denes (que era de fundo com a casa que dava para a rua). Nesta casa, moravam dois casais, dois bebês e mais umas duas moças. Depois eles mudaram de casa.

Nosso contato mais intenso, no entanto, foi com Joseph e María. Nossa relação foi de pesquisador e pesquisado, mas também de amizade, de cordialidade. Nossas conversas por telefone eram frequentes e sempre que precisavam eu ia a São José do Rio Preto e, quando visitava minha tia, passava na casa deles para saber como estavam. Embora o contato com a família tenha sido extremamente importante para esta pesquisa, nossa participação nas questões de documentação ou outros problemas e dúvidas que surgiam aconteciam conforme eles me contatavam, pediam informações, esclarecimentos. Quando dona María e Joseph diziam que conseguiriam resolver sozinhos algum assunto, como levar documentações nas escolas, ou ir ao

Poupatempo, muitas vezes não interferi, porque eles demonstravam preocupação em eu ir lá para resolver problemas que eles consideravam simples. Como era de nosso interesse, acompanhamos todas as ações que eles achavam necessário que acompanhássemos e eles fizeram sozinhos todas as ações que julgaram poder fazer. Buscamos manter o equilíbrio e a ética em colaborar com eles, mas não criar nenhuma situação que gerasse cansaço ou constrangimento.

4.3 O que um imigrante precisa para viver na cidade de destino?

O que motivou a pesquisa sobre a imigração de haitianos foi o contexto recente desta migração⁶. Legalmente há diferenças entre ser um migrante nacional ou internacional e entre as diversas migrações internacionais, dependendo do tipo de acordos entre os países. A história da família que pesquisamos é um exemplo destas diversas formas de migração.

A pesquisa de campo sempre nos traz fatos novos e nos permite uma nova forma de pensar os dados, porque, por mais distante que o objeto nos pareça, a pesquisa começa por nós, pelo que conhecemos, e na prática não questionamos o que fazemos porque simplesmente aprendemos ao longo do tempo e não precisamos parar para pensar sobre isso. A documentação na vida de um nacional é algo legal, obrigatório, mas aprendemos ao longo da vida para o quê cada documento serve, além disso, temos nossa família para nos alertar sobre nossos prazos. Atualmente, fazemos nosso RG ainda crianças, mas a primeira vez que ele será extremamente necessário é para a expedição de nosso histórico escolar. Até este momento a Certidão de Nascimento é o documento mais necessário para a maior parte das pessoas. Além da Certidão de Nascimento, também temos outros documentos que provavelmente nossos parentes fizeram para nós, como a Carteira Nacional do SUS e nossa Carteira de Vacinação. Depois, quando crescemos, ainda temos o Cadastro de Pessoa Física – CPF, Carteira de Trabalho, Título de Eleitor e documento de reservista, para os meninos.

Quando um imigrante chega ao país de destino, ele precisa ter consigo todos os documentos do seu país de origem – todos quanto possíveis dependendo da forma como precisou sair de seu país – e com eles buscar fazer todos os documentos necessários para sua condição de estrangeiro no país de destino. No entanto, o imigrante, particularmente o refugiado, faz isso sem conhecer a língua, sem ler em português, muitas vezes sem acesso à Internet, sem dinheiro e sem conhecer e se localizar na cidade.

⁶ Parte destas reflexões foi apresentada na XVII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Disputas hegemônicas e processos emancipatórios no Brasil Contemporâneo, 2018, Araraquara-SP (SILVA, 2018).

Embora o nosso estrangeiro que falamos aqui, especialmente o refugiado, não se pareça totalmente com o estrangeiro de Simmel, pois não se pode dizer que o refugiado é esse indivíduo livre, que possui em si um poder de ser consciente de suas ações. Mas, ele é esse “alguém absolutamente móvel”, que “não se encontra vinculado organicamente”, que constitui sua existência no lugar de destino e no grupo ao qual veio a se vincular nesta relação de proximidade e distanciamento, ele é a marca da diferença que se constitui aos poucos para o grupo, nos momentos que este se relaciona com o estrangeiro. Mas o estrangeiro, e podemos pensar isso também para os refugiados, possui uma forma particular de participação. O estrangeiro é esta pessoa que por sua própria condição está prospecta a absorver as novas informações de uma forma crítica, de uma “observação abstrata” e de um absorver “espaçado”.

Enfatiza um tipo positivo especial de participação, como uma espécie utilitária de observação abstrata ainda não significada, através da qual o espírito parecia equivaler a uma passiva tabula rasa por meio da qual os fatos inscreveriam suas qualidades. A atividade completa do espírito, deste modo, seria como que espaçada, trabalhando depois suas próprias leis, e permitindo, nesse processo, apagar os deslocamentos e as acentuações coincidentes, por onde as diferenças individuais subjetivas proveriam quadros novos e totalmente diversos do mesmo objeto (SIMMEL, 2005, p. 267).

O estrangeiro pondera as novas informações com suas referências de experiências passadas em um grupo de comportamento diferente e de um conjunto simbólico que é outro. O estrangeiro é aquele que, como pensa Simmel, “a unidade de ambas as disposições” (2005, p. 265), ele é o sujeito que une dois pontos, dois lugares. Ou ainda, podemos pensar com Certeau (2012), o estrangeiro, ao percorrer o espaço entre dois lugares, a origem e o destino, torna o espaço um lugar praticado, a migração é o desenhar de um caminho que apenas o migrante percorreu, e sua vida passa a ser constituída dessa experiência.

Mas ele não faz isso sozinho. Como vimos com Sassen (2010) a migração não existe aleatoriamente, ela se inicia pelo governo, ou por empresas, ou por redes de tráfico. Depois de iniciada, uma rede migratória se mantém mesmo se o motivo de seu influxo tenha cessado. Também como nos aponta Glick-Schiller e Fouron (2001), a migração haitiana é parte constituinte da história do Haiti, ao menos desde o início do século XX. Sair do Haiti, muitas vezes, é um esforço empreendido pela família inteira e amigos, haja vista os relatos que temos expostos até aqui

Glick-Schiller e Fouron (2001) refletem sobre a migração haitiana no ponto de intersecção entre lugar de origem e lugar de destino, Haiti e Estados Unidos, a partir do conceito de nacionalismo de longa distância. Este nacionalismo de longa distância existe em Estados nos quais as fronteiras territoriais não conseguem conter o vínculo daqueles que emigraram com

aqueles que ficaram, são o que eles chamam de “Estado-nação transnacional”. Eles propõem este termo para se distanciarem dos termos de “Estado-nação desterritorializado”, de Linda Basch e Cristina Szanton Blanc, e do conceito de Appadurai de “transnacional”, estes termos seriam problemáticos, segundo os autores, pois pressupõem nações sem fronteiras ou territórios, mas os Estados em questão possuem fronteiras e territórios.

Consequentemente, decidimos usar o “estado-nação transnacional”. O dicionário define transnacional como "transcendendo ou ultrapassando fronteiras nacionais". Quando combinados com a palavra Estado-nação, acreditamos que essa frase representa a política particular que examinamos neste livro: a reconstituição do conceito de Estado, de modo que tanto a nação quanto a autoridade do governo que ela representa se estendam além dos limites territoriais do Estado e incorpore populações dispersas (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 19-20, tradução nossa).⁷

O nacionalismo de longa distância se dá nestes Estados transnacionais e une imigrantes, seus descendentes e aqueles que permaneceram em sua terra natal. Ela envolve um sentimento de pertencimento aos dois lugares, o de destino e o de origem, mas não se restringe ao imaginário e ao sentimento em relação à terra natal, mas se materializa em ações como: participar do sistema político, contribuir financeiramente, contribuir através da arte “matar, e morre pela ‘pátria’ em que nunca viveram” (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 20, tradução nossa). Ou seja, isso envolve uma determinação política de gerar nos filhos dos migrantes esse sentimento e obrigação de contribuição com uma terra de origem.⁸

Talvez, pelo contexto de migração recente, não podemos dizer se há um nacionalismo de longa distância pelos haitianos no Brasil, pois não temos ainda conhecimento sobre a dimensão de grupos de imigrantes haitianos organizados em torno de reivindicar sua participação no Haiti. Segundo os autores, foi o fortalecimento dos haitianos em grupos nos Estados Unidos que aumentou os laços e compromissos com o Haiti e suas famílias (2001, p. 117). Mesmo que podemos pensá-los como membros de uma sociedade de diáspora, os autores chamam a atenção para o fato de que, no Haiti, a palavra “diáspora” surge no regime de Duvalier e é usada tanto por Duvalier quanto por ativistas anti-Duvalier.

⁷ Consequently, we have decided to use “transnational nation-state”. The dictionary defines transnational as “transcending or reaching beyond national boundaries”. When combined with the word nation-state, we believe this phrase represents the particular politics we examine in this book: the reconstitution of the concept of the state so that both the nation and the authority of the government it represents extend beyond the state’s territorial boundaries and incorporate dispersed populations. (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 19-20).

⁸ No capítulo “The Generation of Identity: The Long-Distance Nationalism of the Second Generation” (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 155-177), os autores expõem essa concepção entre os transmigrantes, migrantes partes destes Estados-nação transnacionais que partilham do sentimento de nacionalismo de longa distância, de transmitir e gerar em seus filhos essa relação com o Haiti, com a terra de origem.

Para os duvalieristas, a diáspora eram os haitianos que haviam abandonado a nação emigrando e, portanto, estavam fora e contra a nação. Líderes haitianos no exterior rotularam haitianos vivendo fora dos Estados Unidos como “a diáspora” como forma de comunicar que todos os haitianos no exterior eram exilados e refugiados políticos, cujo objetivo era voltar para casa para reconstruir o Haiti (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 112).⁹

Segundo os mesmos autores, na pesquisa em 1985, apenas pessoas envolvidas com a política conheciam a palavra diáspora, mas em 1996 ela já tinha sido incorporada no vocabulário crioulo, significando aqueles que vivem no exterior (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 124). Houve um reconhecimento da importância da diáspora para a vida das famílias no Haiti, segundo os autores constataram em suas entrevistas, no entanto, a diáspora ainda está ligada à concepção financeira das remessas de dinheiro ao Haiti e havia, por parte da população, um descontentamento por aqueles que haviam emigrado e contribuíam apenas financeiramente com as famílias que ficaram, mas não demonstravam comprometimento com a reconstrução do Haiti (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 125).

Observamos nos relatos de nossa família de imigrantes que há uma preocupação em enviar dinheiro para o Haiti (e para a Venezuela, pois são famílias que dependem dessas remessas de dinheiro), mas percebemos que há também uma preocupação com a reconstrução destes Estados. Joseph nos reiterou várias vezes sobre as riquezas do Haiti e da Venezuela e das possibilidades em torná-las grandes nações. No entanto, não percebemos haver ainda uma mobilização de haitianos no sentido de compartilhar estes sentimentos em relação à sua terra natal. Mas é possível que esses grupos se formem e consolidem com o estabelecimento de haitianos na cidade de São José do Rio Preto e com uma progressiva migração de reunião familiar.

Nossa pesquisa não analisou o início da migração, desde se conseguir o visto até a chegada ao Brasil, fase que perpassa o esforço de conseguir o dinheiro para o visto e para as passagens. Mas, quando eles chegam ao Brasil, observamos dois caminhos. O primeiro é a entrada pela fronteira e a opção de ficar em abrigos até conseguir a documentação necessária e daí poder ir para outras regiões do país. A segunda forma é vir para a casa de algum parente ou conhecido. No dia 04 de abril de 2014, estava eu na rodoviária de São Paulo, na Barra Funda, quando chegou um grupo com cerca de dez haitianos. Eles traziam consigo pedaços de papel

⁹ For the Duvalierists, the diaspora was those Haitians who had abandoned the nation by emigrating, and hence, were outside of and against the nation. Haitian leaders abroad labeled Haitians living outside the United States as “the diaspora” as a way of communicating that all Haitians abroad were exiles and political refugees whose goal was to return home to rebuild Haiti (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 112).

com vários números de telefones de pessoas que tinham conhecido nos abrigos em Brasileira, Tabatinga e Manaus. Eles compraram cartões telefônicos no guichê de informação, mas não entendiam como se fazia uma ligação no Brasil. Aproximei para ajudá-los. Depois de tentar usar os orelhões sem conseguir, me ofereci para ligar do meu celular para os números de telefones. Liguei para 24 números de telefones de vários estados: Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Goiás e Mato Grosso do Sul, São Paulo capital e interior. Liguei também para a República Dominicana, pois um deles queria falar para a mãe que estava tudo bem. As conversas eram rápidas, apenas para passar o número de uma conta no banco e perguntar quando enviariam o dinheiro. A pessoa para quem ligavam se comprometia em depositar o dinheiro da passagem de São Paulo até o destino e em hospedar o imigrante recém-chegado, este pagaria o dinheiro emprestado quando começasse a trabalhar. Assim que desligavam o telefone, iam para o caixa eletrônico para esperar que o dinheiro fosse depositado. Este fato aconteceu no momento em que o governo do Acre passou a enviar os imigrantes para outros estados e a prática se estendeu até que o governo federal aumentou o número de vistos emitidos por dia no Haiti e possibilitou que eles viessem diretamente para São Paulo. Nesta fase da migração, pelo ocorrido na rodoviária, foi possível perceber que os destinos aos quais seguiam eram completamente aleatórios. Ligavam para o primeiro número da lista e se esse não atendia, passavam para outro, até que alguém atendesse e se comprometia em enviar o dinheiro. Como era durante o dia, muitos não atendiam o celular, pois estavam trabalhando. Alguns insistiam no mesmo número até atender, mas o próprio contexto da situação evidenciava a instabilidade do momento.

Joseph veio para o Brasil em 2013, fez a documentação em Manaus e, como dissemos, por estar em um momento de grande fluxo de imigrantes haitianos, mesmo sendo ele naturalizado venezuelano e com passaporte venezuelano, sua documentação foi feita como haitiano. Ele morou em outros estados até chegar a São José do Rio Preto - SP. Sua mulher e seus filhos vieram para ficar com Joseph, assim tinham destino certo para chegar. A migração da família de Joseph não passou pelos caminhos incertos de quem não tem um lugar previamente pensado para ficar. Sua família ficou em Boa Vista apenas o tempo para regularizar a documentação e depois seguir para São José do Rio Preto num voo com escala em Brasília. Mas não foi essa a primeira tentativa da família em vir para o Brasil. Eles haviam tentado imigrar no final de 2016, mas dona María não pôde ultrapassar a fronteira, quando funcionários venezuelanos conferiram seus documentos para deixar que passassem, verificaram que as crianças precisavam de uma autorização assinada pelo pai. Eles voltaram a Caracas e só tentaram migrar novamente depois de Joseph ter feito a documentação aqui no Brasil e enviado

a eles na Venezuela. Então, existem estes dois contextos de imigração, a de completa incerteza quanto ao destino e a de reunião familiar.

Passada a expectativa da viagem, tendo chegado ao lugar de destino, mesmo que temporariamente, o imigrante precisa encontrar um lugar para morar. Observamos que as casas onde alguns haitianos moravam em São José do Rio Preto eram casas onde outros haitianos também já haviam residido. Através do contato entre os haitianos na cidade e no bairro, a informação de mudar de uma casa para outra é repassada no grupo e ocupada por outro membro. Assim, quando a família de Joseph chegou a São José do Rio Preto, começou a procurar uma casa maior, pois a que ele morava tinha apenas um quarto. Procuraram durante um tempo, mas, segundo dona María, esposa de Joseph, as casas eram caras ou precisavam de fiador. Então, depois de alguns meses, um haitiano, Denes, que morava no mesmo bairro que Joseph, se mudou para uma casa em um bairro mais próximo ao centro da cidade e Joseph foi morar na antiga casa de Denes. O aluguel da casa é acertado com a proprietária do imóvel e é incluído o valor da conta de água. Provavelmente, as casas onde outros haitianos moram também sejam alugadas pelo próprio proprietário, pois há poucas possibilidades para um imigrante possuir um fiador para um contrato na imobiliária.

Durante a pesquisa, a família de Denes se mudou de casa por três vezes, a família de Joseph se mudou uma vez, e Stefanie e sua irmã e amigos se mudaram de cidade, para outro estado. Existe, portanto, esta transitoriedade entre os imigrantes, mesmo quando não mudam de cidade, mudam de casa e de bairro com certa frequência. O motivo da mudança pode estar relacionado com a configuração do número de pessoas que moram na mesma casa. Se a casa tem um quarto e moram dois haitianos, se chega mais um imigrante, este se hospeda na sala, mas, se ainda chega outro imigrante, precisam encontrar outra casa. Se em uma casa mora um casal e estes hospedam mais um casal, então precisam de uma casa maior. Hospedar mais um imigrante ou alterar a composição do grupo pode ser o motivo para se mudar de casa. Além disso, há a questão do transporte e do acesso ao local de trabalho. As casas em bairros afastados custam menos, no entanto tem o problema do acesso ao transporte público. No bairro de Joseph, mais afastado, depois das sete e meia da manhã, o ônibus pode levar de uma hora e quinze minutos até quase duas horas para passar novamente, o que dificulta a locomoção para ir ao centro da cidade, para ir à escola, para resolver outros problemas que tenham horário certo. E depois de sair de casa com antecedência, tem que se esperar para voltar para casa, o que pode resultar em mais uma hora de espera no terminal urbano. Nos bairros mais centrais, além de existir mais opções de linhas de ônibus, ainda se tem a vantagem de possuir quase tudo que se precisa no próprio bairro e para isso podendo ir a pé. No entanto, o aluguel das casas é mais

caro. Como solução, observamos que os imigrantes haitianos destes bairros moravam em casas de fundo, onde o custo benefício entre preços de aluguel e facilidade de locomoção compensavam. Dona María nos disse que, assim que possível, gostaria de se mudar para um destes bairros centrais.

Então, juntamente com a preocupação com o lugar onde morar, há também a necessidade de entender os meios de locomoção dentro da cidade, tanto a pé quanto de ônibus. Em uma mensagem de voz, Joseph nos contou, por exemplo, que dona María fez o caminho da escola com os meninos de ônibus e a pé para que, caso perdessem o ônibus, eles tivessem a certeza do caminho de volta para casa. O conhecimento sobre a localização na cidade se dá conforme essas necessidades.

Observamos que os caminhos são feitos conforme a próxima necessidade do imigrante. O primeiro lugar em que eles aprendem a ir é no departamento de estrangeiros na Polícia Federal. Como os imigrantes que encontramos moram no lado oposto da polícia federal, eles precisam ir com um ônibus até o terminal central urbano e pegar outro ônibus para a polícia federal. Neste trajeto, já é possível ter uma noção da extensão e conhecer alguns lugares da cidade. Os outros lugares onde eles precisam ir ficam localizados no centro da cidade: o Poupatempo e a Receita Federal. O CRAS, a Unidade Básica de Saúde e as escolas são, de certa forma, bem distribuídos nos bairros, então faz com que os imigrantes aprendam um pouco sobre a localização no seu bairro.

Apesar de a Polícia Federal ser uma oportunidade de o imigrante conhecer parte da cidade, vimos que no dia a dia e para as necessidades de retornar continuamente para levar ou pegar documentos na Polícia Federal, esta distância é um fator de dificuldade para os imigrantes, tanto para aqueles que trabalham e precisam perder o dia de trabalho para resolver sua documentação, quanto para aqueles que não trabalham e tem dificuldade para pagar o transporte até o posto da Polícia Federal.

Ainda há outra forma de se localizar na cidade, que é a busca por emprego. Os imigrantes recorrem ao Poupatempo para fazer currículos e se cadastrar nas vagas de emprego, mas também saem às ruas em busca de trabalho. Quando encontram trabalho, conhecem outros caminhos da cidade e fazem novas relações de localização, já que muitas vezes o local de trabalho é distante de sua residência. Não queremos com estas reflexões dizer que um morador local não tenha que passar pela mesma necessidade de se locomover na cidade. No entanto, o tempo, o espaço e a forma como um imigrante faz esse reconhecimento da cidade é diferente. Ele precisa estar em alerta para fazer este reconhecimento do lugar e em algum momento ele irá se cansar disso. Mas, até que encontre estabilidade em sua rotina, na moradia e no trabalho,

ele irá se esforçar nesta localização. Um nacional que mudar de cidade ou de estado também fará este esforço de localização, mas de forma diferente, porque ele tem algum pré-conhecimento das leis, da organização das cidades, da sua rotina, da língua, e tentará ponderar as mudanças entre a forma como o fazia em seu lugar de origem e como precisa fazer em seu lugar de destino, partilhando de determinados códigos. Para um imigrante, o não conhecimento da língua e, às vezes, uma rotina totalmente diferente em seu país de origem faça com que seu esforço de se inteirar destes novos processos seja maior.

Basicamente, observamos que o imigrante, assim que chega a um destino, precisa regularizar sua condição migratória e encontrar um lugar para morar. Pode fazer isso previamente, com o auxílio de outro imigrante, ou no decorrer de sua trajetória migratória fazer juntamente com outros imigrantes. Depois é essencial encontrar um trabalho. Muitas vezes, o seu lugar de destino pode estar relacionado com o encontrar um trabalho; como nos mencionaram alguns imigrantes, cerca de vinte haitianos vieram para São José do Rio Preto porque lhe ofereceram um trabalho. Este imigrante também pode ter a opção de contar com a ajuda de outro imigrante até que encontre um emprego. No caso de familiares que viajam com os filhos, há a necessidade de matriculá-los na escola, regularizar a vacinação e assim conhecem a Unidade Básica de Saúde. É por estes caminhos que surgem novas necessidades e que eles passam a conhecer novos lugares e novas pessoas.

4.4 O direito à escola: onde o problema começou.

A necessidade de matricular os filhos na escola fez com que Joseph me procurasse e eu vi aí uma forma de iniciar a pesquisa. Joseph estava no Brasil desde 2013 e aguardava sua família vir da Venezuela para morar com ele. Sua mulher havia tentado viajar para o Brasil com os filhos em 2016, mas não conseguiu atravessar a fronteira, pois precisava de um documento de autorização de viagem para todos os filhos menores assinado também por Joseph, que já estava no Brasil. Quando dona María chegou à fronteira na Venezuela, na cidade de Santa Helena, um agente público da fronteira conferiu sua documentação e informou que era necessária esta autorização para passar para Boa Vista com as crianças. Dona María teve que retornar a Caracas e seu marido precisou fazer esta documentação e enviá-la para a mulher na capital da Venezuela. Apenas para o documento sair de São José do Rio Preto e chegar até as mãos de dona María demorou cerca de um mês, segundo ela. Além disso, era necessário guardar mais dinheiro para a próxima viagem.

Da segunda vez, chegaram a Santa Helena, pegaram um taxi até Boa Vista e de lá um

voou com escala em Brasília até São José do Rio Preto. Joseph me avisou que a mulher e os filhos haviam chegado, mas que eram necessários alguns dias até que fizessem a documentação deles na polícia federal. A documentação, o protocolo de solicitação de refúgio, demorou cerca de um mês para ser feito e no dia 24 de março de 2017 fui a São José do Rio Preto para levar dona María para fazer a matrícula das crianças nas escolas.

Fomos primeiro à escola estadual próxima ao bairro onde moravam. Conversamos com a secretária, que prontamente deu procedimento para a matrícula dos meninos mais velhos e informou-nos qual era a escola municipal mais próxima à casa deles para que as meninas mais novas estudassem. Logo depois, fomos a esta escola municipal de Ensino Fundamental Ciclo I. Na escola, a secretária perguntou logo no início quem eu era, então expliquei que era pesquisadora da Unesp, que cursava doutorado e pesquisava imigração haitiana para São José do Rio Preto. A secretária pegou a documentação das meninas, uma estaria na idade de cursar o segundo ano do Ensino Fundamental e a outra o terceiro ano, no entanto, ela nos informou que não havia vaga na sala do segundo ano. Então, ela pediu para que conversássemos com o coordenador da escola. Ele explicou que não havia vaga, perguntou quem eu era e disse que abriria uma exceção e tentaria matricular a criança, pois não havia outra escola próxima ao bairro para encaminhá-la. A secretária, então, nos deu um papel com a relação de documentação necessária para a matrícula. Destas faltavam as fotografias 3x4 e a carteira de vacinação, pois dona María estava com os outros documentos em mãos.

Fomos à Unidade Básica de Saúde mais próxima ao bairro onde mora dona María e Joseph, retiramos a senha e aguardamos ser atendidas. A atendente nos informou que era necessária a carteira de vacinação das crianças, da Venezuela, para saber quais vacinas elas ainda teriam que tomar. Dona María disse que não havia trazido as carteiras de vacinação das crianças. A atendente informou que só era possível com as carteiras originais. Dona María perguntou se não seria possível enviar por fotografia. A atendente, então, foi perguntar a outra funcionária que voltou e disse que aceitaria por fax. Dona María disse que não era possível, que a Venezuela estava fechada, não era possível por telefone, apenas por aplicativo de mensagem. Se fosse pedir para enviar as carteiras de vacinação pelos Correios, levaria mais de um mês, como foi quando seu marido precisou enviar a documentação de autorização de viagem das crianças. A funcionária, então, questionou como uma mãe viajava sem a carteira de vacinação dos filhos. Dona María disse que pegou todos os documentos, mas não pegou a carteira de vacinação porque não tinha pensado ser necessário. A solução encontrada foi que todas as crianças tomassem todas as vacinas exigidas no Brasil novamente. Foi o que aconteceu. Dona María levou os filhos para tomar as primeiras doses das vacinas no dia 29 de março. Depois

disso, levou a documentação na escola municipal e as crianças menores puderam começar a frequentar a escola; o transporte escolar passava em seu bairro e apenas foi necessário que os pais preenchessem uma ficha de contato.

Com as crianças maiores o processo foi muito mais demorado. Quando fomos à escola, no dia 24 de março, a secretária da escola estadual iniciou o processo para a matrícula prontamente. Apenas no final do atendimento, ela perguntou quem eu era. Disse que a escola teve outros alunos imigrantes, principalmente, bolivianos. No entanto, alguns problemas administrativos e na documentação atrasaram a matrícula dos meninos. De 24 de março a 17 de abril resolvemos problemas quanto à matrícula. No dia 17 de abril, os meninos começaram a frequentar as aulas, mas, depois disso, ainda tivemos problemas para conseguir o transporte escolar gratuito, o que foi resolvido apenas no dia 21 de junho.

Os meninos possuíam um documento de equivalência da série cursada na Venezuela, mesmo assim o que rege no Brasil é a idade série dos alunos. Neste caso, como os filhos de María não haviam ficado nenhum ano sem estudar, a série cursada na Venezuela e a série que deveriam cursar no Brasil, correspondia. Ainda assim, a secretária nos informou que o procedimento era que os alunos fizessem uma avaliação com o conteúdo das séries anteriores para que os professores decidissem se eles cursariam a série de sua idade ou entrariam na série anterior. Informei que a avaliação deveria ser feita em espanhol, pois os meninos estavam no Brasil há cerca de um mês e não entenderiam se a prova fosse escrita em português. A secretária fez a cópia dos documentos dos meninos e disse que, assim que os professores fizessem a prova, ela ligaria avisando sobre o dia da avaliação.

No dia 5 de abril, liguei na escola estadual a pedido de Joseph para saber sobre o material escolar e o transporte das crianças. A escola informou, então, que os meninos não fariam a prova, que chegaram à conclusão de que seria melhor que entrassem na série de idade escolar, mas que o diretor estava fazendo outro requerimento para avisar a Diretoria de Ensino o porquê eles não fariam a prova e que, provavelmente, os meninos pudessem estudar na segunda-feira seguinte.

O segundo problema em relação à matrícula era a série e o período que cursariam. A criança mais nova entraria na idade série dele, sexto ano, e o mais velho teria idade série para o nono ano. No entanto, não havia vaga no nono ano, período vespertino. Mas a escola – depois, conversando com María e Joseph, também concordou – achou que seria melhor que os dois estudassem no mesmo período para terem companhia e, se houvesse algum problema, eles poderiam se comunicar. Então, a escola informou em uma ligação, no dia 11 de abril, que o diretor tentaria na Diretoria de Ensino que abrissem uma vaga para o nono ano vespertino. No

dia 14 de abril, Joseph informou que havia ido à escola assinar uns papeis e que os meninos começariam a frequentar a escola no dia 17, o que ocorreu. No dia 19, liguei na escola para saber sobre o transporte escolar e foi quando conversei com o diretor pela primeira vez. Ele me disse que a escola achou melhor colocar o menino mais velho no oitavo ano para que os dois fossem juntos à escola e que também foi observado que ele não dominava totalmente o conteúdo necessário para cursar o nono ano. O diretor também me explicou que havia um problema na matrícula. Havia diferenças entre os documentos feitos na Polícia Federal e as informações da certidão de nascimento. Em um documento, os nomes da mãe e da criança não coincidiam com o escrito no passaporte e em outro o nome da mãe e a data de nascimento da criança. O diretor pediu para que dona María passasse na escola para pegar um papel explicando os erros na documentação e fosse levar na Polícia Federal.

Enviei mensagem para Joseph, explicando o que o diretor relatou. Joseph me disse que não podia se ausentar do trabalho e dona María não saberia ir sozinha à Polícia Federal, que teriam que esperar até que ele pudesse ir. Então, propus ir na semana seguinte ajudá-la. O diretor da escola também explicou que a empresa de transporte não aceitava transportar alunos antes de fazer o seguro em caso de acidente e, para isso, eram necessários o RG e o CPF das crianças. Este foi nosso terceiro problema. Embora os meninos tenham começado a frequentar a escola no dia 17 de abril, eles apenas receberam o cartão de transporte no dia 21 de junho, conforme nos avisou Joseph. Isso porque a escola e a Diretoria de Ensino insistiam que era necessário o RNE, conforme uma lista base de documentos necessários para fazer a documentação do cartão de transporte. O Registro Nacional de Estrangeiros (RNE) era expedido para imigrantes de países parte do Mercosul, portanto para bolivianos com os quais a escola relatou receber alunos e para haitianos pela Resolução Normativa 97/2012, para aqueles que vinham ao Brasil com o visto conseguido no Haiti. Assim, provavelmente fosse a primeira vez que a escola recebesse alunos solicitantes de refúgio, para os quais não é expedido o RNE até que seu pedido seja deferido pelo órgão competente, o CONARE.

No dia 25 de abril, fui com dona María à polícia federal para refazer os protocolos de refúgio das crianças. A grafia e as datas de alguns dos protocolos não estavam corretas. O departamento de estrangeiros de São José de Rio Preto conta com o trabalho de dois funcionários para fazer uma variedade de tipos de documentos de estrangeiros. Além dos protocolos de refúgio, fazem também documentos de reunião familiar, casamento entre nacionais e estrangeiros, equivalência de casamentos realizados no exterior, carteira de residência, segunda via de documentos perdidos, entre outros. Para cada nacionalidade, há um procedimento, relação de documentos necessários e números de acesso. O que ocorreu no caso

da documentação da família acompanhada foi um erro de grafia, principalmente, pelo fato de a grafia dos nomes ser muito diferente em relação ao Brasil e, segundo dona María, do espanhol também – quem escolheu o nome das crianças foi Joseph, assim os nomes tem origem haitiana. O policial, apenas no processo de refazer a documentação naquele dia, errou mais duas vezes a grafia dos nomes. Ele entregou os papeis para dona María e eu conferi duas vezes e, ainda assim, algo passou despercebido. Mesmo que este seja um erro completamente passível de ocorrer, além de gerar um transtorno para o imigrante que precisa retornar ao posto da polícia federal, ainda impacta o número de procedimentos que precisam ser realizados por dia para os funcionários do departamento de estrangeiros.

Depois de resolvidos os problemas com a documentação, o policial nos informou que, no caso de solicitação de refúgio, o documento que dá legalidade ao imigrante é o protocolo de refúgio e o passaporte; além destes, eles teriam o direito a fazer o CPF e a carteira de trabalho. O RNE que equivaleria ao RG para um nacional só seria concedido ao refugiado após a documentação do protocolo de refúgio retornar do CONARE com aceite, deferimento do pedido. Ele nos aconselhou a irmos direto à Receita Federal para fazer o CPF. Nas agências dos Correios também era possível, no entanto, nos disse que era melhor ir à Receita Federal para evitar algum eventual problema no procedimento no correio por se tratar de estrangeiros. Fomos à Receita Federal e pudemos fazer todos os CPFs sem custos, pois ainda estava em vigor uma exceção para que pessoas sem condições financeiras fizessem o documento. Tivemos dificuldade para encontrar o endereço de dona María. Fazia pouco tempo que ela estava na cidade, eu não conhecia muito bem o local onde morava e a atendente não conseguia encontrar o número da casa dela no sistema de localização dos Correios. Mas, depois de algum tempo procurando, conseguimos encontrar o endereço no Google Maps.

O interessante foi que, mesmo na Receita Federal, a atendente me perguntou o que era refúgio e precisou perguntar a outra funcionária o que colocar nestes casos. Provavelmente dona María foi uma das primeiras venezuelanas a chegar à cidade, visto que outras nacionalidades de imigração na cidade entraram através de outros acordos; por exemplo, os bolivianos que fazem parte dos acordos do Mercosul e os haitianos que entraram com Resolução Normativa nº 97 de 2012.

Depois de termos os CPFs em mãos, o número do cadastro foi gerado no mesmo momento, retornamos à escola estadual para deixar cópias dos CPFs dos meninos. A secretária nos informou que com os CPFs os meninos poderiam ir à escola com o cartão de transporte escolar. Dias depois, em conversas por aplicativo de mensagens, Joseph me avisou que ainda estava pagando passagens para os filhos. Quando não tinha dinheiro, ele ia a pé para o trabalho

e deixava o cartão de transporte com os filhos e, quando não era possível, os meninos iam a pé para a escola. Certo dia, tomaram chuva e ficaram gripados, foi o que Joseph me disse em uma mensagem pedindo para eu avisar a professora que um dos meninos não poderia ir a aula aquele dia porque estava doente.

No dia 19 de maio, liguei novamente na escola para saber quando ficariam prontos os cartões de transporte. A secretária me informou que precisava do RNE para autorizar a carteira de estudante na empresa de transporte urbano. Expliquei novamente que eles não teriam o RNE até que a documentação voltasse do CONARE, o que poderia demorar mais de um ano. O protocolo de refúgio era o documento que eles tinham legalizado sua situação naquele momento no Brasil e dava direito ao CPF, que nós já havíamos deixado na escola há quase um mês.

Diante da situação, entramos em contato com a Diretoria de Ensino de São José de Rio Preto via telefone. Expliquei ao atendente o que estava acontecendo. Ele disse que realmente era necessário o RNE para enviar para a prefeitura. Expliquei que não era possível e ele me informou que entraria em contato com a prefeitura para resolver o que seria feito. No dia 25 de maio, Joseph me enviou uma mensagem dizendo que ainda não tinha sido resolvido o problema do ônibus. Então, enviei um e-mail através de um formulário de contato no site da Diretoria de Ensino, explicando o que estava ocorrendo e que, se não fosse possível resolver, eu voltaria à polícia federal e iria ao ministério público. No dia 26 de maio, Joseph me enviou uma mensagem dizendo que dona María havia ido à escola e que lá deram a ela um papel com uma relação dos documentos necessários para fazer a carteira de transporte dos meninos. Joseph me enviou uma foto do papel e neste constava a necessidade do RNE. No dia 29 de maio, liguei novamente na escola e na Diretoria de Ensino. Nesta ligação, o atendente disse, então, que, como faltava o xérox do RNE, eles não haviam enviado os documentos para a prefeitura e só então resolveram enviar os papéis sem o RNE. No dia 30 de maio, a Diretoria de Ensino respondeu ao e-mail, que havia enviado através do formulário de contato do site, me informando que as solicitações de passe escolar gratuito foram enviadas à empresa responsável pelo transporte coletivo para a confecção das carteirinhas de passe escolar e que em breve os meninos estariam com elas em mãos para utilizá-las.

No dia 2 de junho, Joseph me enviou uma mensagem dizendo como estavam e perguntando como eu estava; que sua filha e sua mulher mandavam um abraço, que ele não mandou mensagem porque estava trabalhando e que María começara a estudar, saía às seis da tarde e voltava às dez e meia da noite; então, estavam sem tempo de mandar mensagem, mas estavam bem. Avisou-me também que o diretor da escola dos meninos mandou dinheiro para

pagar o ônibus, oitenta e dois reais¹⁰. Joseph me disse que estava avisando porque não podia esconder este fato de mim; de certa forma, ele se sentia grato pela ajuda de todos. No dia 21 de junho, Joseph me enviou mensagem avisando que os meninos haviam recebido na escola as carteirinhas de passe escolar e que agora ele estava tranquilo. De 24 de março a 17 de abril, foi o tempo que demorou até que os meninos pudessem frequentar a escola e só puderam usar o transporte público gratuito em 21 de junho.

O que podemos observar desta experiência com o trâmite para a efetivação da frequência escolar com os filhos de Joseph e María é que, embora a cidade receba imigrantes há um tempo, provavelmente, a recepção de solicitantes de refúgio seja algo recente, especialmente crianças. Em entrevista com o funcionário do departamento de estrangeiro, ele nos informou que o fluxo de haitianos para a cidade em 2018 passou a ter como característica a vinda de filhos e mulheres por reunião familiar. Em julho de 2018, Joseph nos pediu ajuda para uma haitiana, ele disse conhecê-la do terminal urbano, enquanto esperava o ônibus à tarde para retornar para casa conversava com ela. A mulher está no Brasil há cinco anos, mas seu marido veio há um ano para ficar com ela e seu filho havia chegado há um mês para encontrá-los. Ela precisava de ajuda para matricular o filho na escola. O que identificamos é que a vinda dos filhos para a cidade trará novos desafios. Os filhos de Joseph e María estudaram normalmente na Venezuela, não ficaram sem estudar nenhum período. O filho deste casal de haitianos que pediram ajuda a Joseph tinha 15 anos, mas havia concluído o 5º ano na escola no Haiti. A escola é privada; se não pagar o mês, não estuda.¹¹ A legislação brasileira prevê que o aluno estude em sua idade-série, mas se tiver idade para ter concluído o ciclo de ensino e este não o concluiu, ele é encaminhado para uma escola com Ensino de Jovens e Adultos – EJA. A escola que possui EJA para o Ensino Fundamental Ciclo II, no município de São José do Rio Preto, fica distante dos bairros onde estes imigrantes haitianos moram. Durante a pesquisa, não acompanhamos os trâmites para a matrícula desta criança, mas houve dificuldade de entendimento por parte da família sobre em qual escola e como seu filho iria chegar à escola para estudar. Caso a cidade continue a receber filhos de imigrantes haitianos por reunião familiar que estejam fora de sua idade-série outras famílias passarão pelo mesmo procedimento.

Durante a pesquisa, conversamos com uma professora de alfabetização de uma

¹⁰ Em uma das ligações a escola, as atendentes informaram que diante das dificuldades para conseguir o transporte escolar para as crianças, o diretor iria conversar com os professores para arrecadar algum dinheiro para ajudar no valor do transporte.

¹¹ Durante a pesquisa, na fase em que Joseph ficou mais tempo desempregado, ele mencionou que o fato de não mandar dinheiro para o Haiti fez com que suas duas filhas de outro relacionamento, que ficaram no Haiti com a mãe, parassem de estudar, o que o deixava ainda mais preocupado.

instituição filantrópica da cidade, que oferecia alfabetização para imigrantes nos anos de 2015 a 2017. Em 2014, voluntários davam aula de português para cerca de 80 haitianos no bairro próximo onde havia a empresa em que outros haitianos relataram ter trabalhado e onde Joseph mora. Há no bairro uma igreja em construção e era lá que aconteciam as aulas (G1, 2015d). Em 2017, dona María se matriculou no curso de alfabetização em uma escola próxima ao bairro onde mora, onde também estudam suas filhas menores. Conversando com a professora, ela nos contou que havia o projeto com a instituição filantrópica, que é um projeto de alfabetização, não tinha como objetivo inicial ensinar português para estrangeiros. A instituição abriu falência e o projeto foi incorporado pela Secretaria Municipal de Educação. Em reportagem de junho de 2015, já havia menção a este curso de ensino de português para haitianos no bairro. Segundo a reportagem, foi um pedido feito pela paróquia São Francisco de Assis, que fazia um trabalho de acolhida com os migrantes (MARQUES, 2015). O que, provavelmente, ocorreu foi a institucionalização destes projetos de ensino de português na escola. Esse curso de alfabetização do Projeto Paulo Freire nesta escola, no bairro Vila Azul, terminou em dezembro de 2017. Segundo dados fornecidos pela Secretaria Municipal de Educação, em 2014, não havia alunos matriculados, isso porque o projeto é incorporado em 2015 pela secretaria. Em 2015, há 34 alunos; em 2016, são 5 alunos e, em 2017, 10 alunos.

Segundo dona María, o projeto acabaria, pois havia poucos alunos, não havia muitos alunos estrangeiros e não havia muita regularidade na frequência dos alunos. Ela mesma reclamou disso, disse que achava que as mulheres haitianas não aprendiam o português porque faltavam muito nas aulas. O número de alunos deve ter relação direta com a mudança de bairro pelos haitianos, após ficarem desempregados da empresa que buscou haitianos em Manaus, eles saíram deste bairro mais afastado e foram para bairros da zona Sul, mais próximos ao centro. Bairro também onde fica localizada esta igreja, São Francisco, que, segundo a reportagem, acolhia os migrantes e prestava diversos serviços de assistência. A secretaria municipal de educação, diante da nova configuração, entendeu melhor encaminhar os alunos brasileiros para outras escolas que já fornecem o Ensino de Jovem e Adultos e os estrangeiros passaram a ser encaminhados para a Unesp, para o ensino de português.¹² A professora do curso de alfabetização do projeto Paulo Freire nos informou que em 2015 havia um número expressivo de haitianos e formaram uma sala separada, apenas para o ensino de português a eles no projeto.

¹² Português para Estrangeiros: “Aspectos da Cultura Brasileira”. Segunda-feira, quarta-feira e sexta-feira das 12h00 às 14h00 – de 13/08 a 29/08/2018. (16 horas/aula). Disponível em: <http://www.ibilce.unesp.br/#!/centro-de-linguas-1/centro-de-linguas/>. Acesso em: 05 nov. 2018.

Ela disse ainda que não havia regularidade na frequência deles, assim que dominavam o idioma e conseguiam entender as palavras necessárias no seu trabalho eles deixavam o curso. Disse que todos os seus alunos eram alfabetizados em francês, crioulo, e alguns em inglês. Disse manter contato com alguns por mensagens de aplicativo de celular, mesmo depois de terem se mudado para outras cidades.

De todos esses eventos narrados, talvez o que necessite mais atenção é a matrícula das crianças. Não pode ser permitida a demora na matrícula de uma criança, nem que seu direito de transporte gratuito seja dificultado por não entendimento da legislação. As legislações mudam e o imigrante é de fato uma exceção no conjunto de alunos de uma escola. Mas se a cidade se configurar como uma cidade de atração de imigrantes, como pudemos observar, e começarem a vir os filhos destes imigrantes, temos que pensar em uma forma de atendê-los mais facilmente. A dificuldade acontece também porque os pais não entendem o que os funcionários falam, por não saberem português, e não entendem o procedimento de matrícula. Se se diz “a escola próxima a sua casa não pode matricular seu filho, ele tem que ir a essa outra escola” e se, por acaso, esses pais vão até essa escola, mas não sabem explicar porque foram lá e o funcionário da escola, por acaso, não entende porque um aluno que mora em outro bairro foi procurar essa escola, esse trânsito, para pais que vêm de um país onde frequentar a escola não é algo regular, pode ser um motivo para a desistência de matricular o filho na escola. Se consegue matricular o filho na escola, mas não tem o passe escolar, como esse filho vai à escola? O filho de imigrante que vem com o visto do Haiti de reunião familiar, provavelmente não vai ter os mesmos problemas que os filhos de Joseph, pois eles possuem o RNE. Mas aqueles que solicitam refúgio, seja de qual nacionalidade forem, não possuirão o RNE. O fato da funcionária da Receita Federal também desconhecer o que é refúgio nos diz um pouco como, de maneira geral, o refugiado lida no cotidiano com a sua situação. O problema não é da funcionária da escola ou da funcionária da Receita Federal. O problema se materializa nestes funcionários, pois são eles que lidam no dia a dia com o imigrante. Mas o problema é de política pública para imigrante. Se o Brasil assina vários acordos para receber refugiados, para receber imigrantes, com diversos países, é preciso que o governo assuma esse compromisso publicamente e forme e informe as estruturas administrativas que interagem diretamente com este imigrante. Do mais, o imigrante, o refugiado, fica dependente de buscar informações ou no departamento de estrangeiros, que é a instituição que recebe as informações primeiramente, ou de instituições filantrópicas e igrejas. Muitas vezes, essa dependência do imigrante ao departamento de estrangeiros gera um excesso de trabalho aos funcionários, que já são poucos para as demandas do próprio departamento como vamos ver a seguir.

4.5 A relação com a polícia federal e aspectos legais da imigração.

A polícia federal é o lugar central para a vida do imigrante, seja ele refugiado ou não. A lei existe, mas é na polícia federal que ela se materializa para o imigrante na forma da documentação. Nossa pesquisa perpassou um momento importante na história do país quanto à questão do migrante. Começamos a pesquisa de campo em fevereiro de 2017 e em novembro deste mesmo ano entrou em vigor a nova lei de migração. Antes tínhamos o Estatuto do Estrangeiro, Lei nº. 6.815 de 19 de agosto de 1980, e a Lei para o Refugiado de 1997, e as Resoluções Normativas amparadas nestas leis. Para o haitiano, por exemplo, a Resolução Normativa nº 97 de 2012 do Conselho Nacional de Imigração – CNIg, renovada por cinco vezes (Resoluções Normativas nº 102/2013, 106/2013, 113/2014, 117/2015 e 123/2016), foi importantíssima para a legalização destes imigrantes, que não se enquadrariam como refugiados, nem como imigrante laboral.

Essa resolução normativa garantia ao imigrante uma situação mais estável do que a solicitação de refúgio, pois garantia o visto permanente por razões humanitárias condicionado ao prazo de cinco anos, e a Cédula de Identidade do Estrangeiro. Durante o período de trâmite da solicitação de refúgio, período em que a documentação vai para o CONARE, o imigrante tem direito de permanecer no país e de ter acesso a direitos sociais importantes para sua sobrevivência como a carteira de trabalho e o CPF, mas não possui o Registro Nacional de Estrangeiro – RNE, e, portanto, não possui a Cédula de Identidade do Estrangeiro – CIE, ou seja, sua situação permanecia provisória até que sua solicitação de refúgio fosse analisada e deferida, pois também poderia ser indeferida se não for comprovada a situação de fundado temor de perseguição. O processo de análise no CONARE chegou a demorar dois anos, pois não havia funcionários suficientes para atender a demanda de solicitações tanto no caso dos haitianos, quanto mais recentemente com os venezuelanos. A Resolução Normativa, portanto, além de ser mais rápida, também possibilitava certa estabilidade pelo prazo de cinco anos, por dar direito ao documento da Cédula de Identidade do Estrangeiro. Como dissemos, apesar de acesso aos serviços públicos, o protocolo de solicitação de refúgio não dá direito à Cédula de Identidade de Estrangeiro. Em nossa experiência, a falta deste documento e a incompreensão do que é o Refúgio atrasaram o acesso ao transporte gratuito do estudante e, provavelmente, devem existir outras situações em que o imigrante seja restringido por falta do RNE. Esse processo se dava antes da Lei de Migração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, que passou a possibilitar outros tipos de visto e a residência temporária para migrantes, incluindo nacionais do Haiti.

No caso dos imigrantes venezuelanos, de migração mais recente no país, a pesquisa de campo perpassou o período anterior à Resolução Normativa nº 126, de 02 de março de 2017, do CNIg, que expandiu a permissão de residência no país de pessoas de países fronteiriços não participantes do Acordo sobre Residência para os Nacionais dos Estados Partes do MERCOSUL, Bolívia e Chile (países parte do acordo são: Argentina, Brasil, Paraguai, Uruguai, Bolívia, Chile, Peru, Colômbia e Equador). Esta resolução normativa foi válida por um ano, sendo substituída pela Portaria Interministerial nº 9, de 14 março de 2018, portanto, já válida sob a vigência da Lei de Migração, Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017, em vigor a partir de novembro deste mesmo ano.

Como dissemos anteriormente, nossa pesquisa acompanhou uma família composta por pai haitiano naturalizado venezuelano e de mãe venezuelana. Joseph permaneceu no país durante quase cinco anos como haitiano, mas, quando trouxe sua família venezuelana, ele também precisou refazer sua documentação, pois, para pedir reunião familiar por ser haitiano, precisaria de ir até a embaixada para pedir nova documentação. Como imigrou pela primeira vez para o Brasil no período de fluxo migratório haitiano, ele foi considerado haitiano como consta no protocolo de visto humanitário e, mais curioso ainda, na carteira de trabalho dele; por exemplo, no lugar da nacionalidade, consta “reunião familiar”. Esta questão perpassa o conceito de transmigrante de Glick-Schiller e Fouron, pois, apesar de ter se naturalizado venezuelano, o Haiti é a maior preocupação de Joseph; ele se pensa como haitiano, sua família está no Haiti, é para o Haiti que ele precisa enviar dinheiro, sua memória de infância está no Haiti, e foi visto como haitiano quando chegou ao Brasil.

Sobre essa confusão entre ser haitiano ou não, é interessante citar um trecho de uma entrevista no livro de Glick-Schiller e Fouron:

Eles também afirmaram que os haitianos que moram no exterior continuavam fazendo parte do Haiti, mesmo que se naturalizassem como cidadãos norte-americanos. Por exemplo, Petit-Fils, um pintor de cinquenta e nove anos, declarou: “Uma pessoa ainda é um haitiano [se ele se tornar cidadão de outro país]. Seu sangue ainda é sangue haitiano. É apenas o título e o nome da pessoa que é alterado. A pele da pessoa ainda é haitiana e, além disso, a pessoa nasceu no Haiti e, mesmo que essa pessoa não se considere haitiana, os brancos no país onde mora ainda o consideram haitiano. Portanto, não acho que uma pessoa deva rejeitar este país” (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 119, tradução nossa).¹³

¹³ They also asserted that Haitians living abroad remained a part of Haiti, even if they became naturalized U.S. citizens. For example, Petit-Fils, a fifty-nine-year-old painter, declared: “A person is still a Haitian [if he becomes a citizen of another country]. His blood is still Haitian blood. It is only the person’s title and name that is changed. The person’s skin is still Haitian, and besides that, the person was born in Haiti and even if that person doesn’t consider himself Haitian the whites in the country where he’s living still consider him Haitian. Therefore, I don’t think a person should reject this country” (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001, p. 119).

A dupla cidadania no Haiti ficou proibida de 1987 a 2012. A Constituição de 1987 não permitia a dupla nacionalidade e quem optava por se naturalizar rejeitava automaticamente a nacionalidade haitiana. A emenda constitucional de junho de 2012 concedeu “o direito à dupla nacionalidade, podendo o cidadão haitiano ter mais de um passaporte, além de votar e concorrer a diversas funções eleitorais” (HANDERSON, 2015, 57). Assim, provavelmente, quando Joseph precisou renovar sua documentação na Venezuela optou por se naturalizar deixando automaticamente de ser considerado haitiano. No entanto, se a nacionalidade foi negada ou a cidadania haitiana, como pensa Glick-Schiller e Fouron (2001), não há como negar a ligação com o Haiti; apesar da nacionalidade, ainda pode haver um nacionalismo. Além disso, como vimos na citação anterior, não há como negar o “sangue”, a “pele”, os “brancos”. Poderíamos dizer que os “outros”, dos países de destinos, vão se referir ao imigrante haitiano como haitiano. Quando o funcionário do departamento de estrangeiros perguntou a Joseph o que ele era, ele disse: “haitiano”. E quando ele foi questionado que se naturalizou venezuelano, ele respondeu que era haitiano e venezuelano. Então, de fato, não há como romper com a “terra de origem”.

Quando um estrangeiro entrava no Brasil, tinha o prazo de trinta dias para se apresentar à polícia federal, como especificava o art. 30 do Estatuto do Estrangeiro. Quando a mulher e os filhos de Joseph chegaram a São José do Rio Preto, Joseph me avisou e pediu que eu esperasse que se fizesse a documentação da família; assim que a documentação ficasse pronta, ele me avisaria para poder matricular os filhos na escola. A documentação demorou cerca de um mês para ficar pronta, se tratava da solicitação de refúgio e emissão do protocolo, que, juntamente com o passaporte, seria a documentação deles no Brasil até que o pedido de refúgio fosse analisado pelo órgão competente, o CONARE.

Então, nossa pesquisa não acompanhou este primeiro momento em que foram feitos os protocolos de solicitação de refúgio. A primeira vez que fomos à polícia federal com a família foi para corrigir os protocolos que estavam com a data e grafia dos nomes em desacordo com a certidão de nascimento das crianças, no dia 25 de abril de 2017, como mencionado na subseção anterior. Depois de constatados os erros no documento, este foi refeito e corrigido outras vezes, pois os erros de grafia são muito fáceis de passar despercebidos, principalmente quando se faz cinco documentos da mesma família. Mesmo, dona María, conferindo os documentos, ainda assim, os erros acabavam acontecendo. Quando se corrigia um sobrenome era outro que estava escrito errado, além das datas de nascimento.

Em abril de 2018, dona María retornou à polícia federal para renovar os protocolos de solicitação de refúgio. Neste momento, já estavam em vigor a Lei de Migração e a Portaria

Interministerial nº 9, que dão continuação à residência temporária de imigrantes de países fronteiriços sem acordo de residência anterior. Neste novo processo, os documentos da família foram refeitos, agora para pedir a carteira de residência temporária, e cancelado o pedido de refúgio anterior. Para este novo documento, acompanhei a família ao departamento de estrangeiros por três vezes. Dona María me ligou para dizer que foram à polícia para refazer os protocolos de refúgio, pois havia vencido o prazo de um ano. No entanto, ela informou que precisavam fazer cópias de alguns documentos e de pagar uma taxa, mas que o policial havia ligado no CRAS – Centro de Referência de Assistência Social, e que orientou para que ela e Joseph fossem ao CRAS para fazer um documento e que, se não conseguissem resolver este procedimento, me avisariam para poder ajudá-los. Este documento que deveriam fazer no CRAS era uma declaração de recebimento do programa Bolsa Família e uma declaração de hipossuficiência econômica, que, no momento, foi feita apenas para dona María, mas que, quando retornamos à polícia, descobrimos que era necessário fazer de todos os membros da família.

Depois que retornou do CRAS, dona María me enviou uma relação de documentos que seriam necessários levar na próxima vez no departamento de estrangeiros. Com a relação dos documentos, fomos tentar entender como conseguir fazê-los no site da Polícia Federal. Tivemos dificuldade em fazer os documentos, pois houve alguns enganos na leitura do documento. O funcionário da polícia federal grifou o Art. 2 da Portaria Interministerial para dona María, indicando os documentos que ela deveria providenciar. Dona María me enviou uma foto desta parte e quando entrei no site da polícia federal, providenciei apenas os documentos que pediam no Art. 2 da referida portaria e não me atentei para outras declarações que estavam disponíveis no campo ao lado, em “Formulários e Modelos”, assim, quando retornávamos à polícia com os documentos, sempre havia algum outro faltando. Durante a semana, fiz o preenchimento do formulário gerado no próprio site da polícia federal para todos os membros da família e a certidão negativa de antecedentes criminais de Joseph e María. Juntamos estes aos documentos e cópias de documentos que dona María iria providenciar e retornamos ao departamento de estrangeiros para que o policial conferisse se toda documentação estava correta. Neste momento, descobrimos que a certidão negativa de antecedentes criminais não era a disponível no site da polícia federal, mas a expedida pela polícia civil.

Assim que puderam fazer o documento de antecedentes criminais, ligamos no departamento de estrangeiros para marcar um dia para levar toda a família para colher as impressões digitais. Fomos em uma segunda-feira e neste dia permanecemos cerca de três horas no departamento de estrangeiros, pois havia já, às nove e meia da manhã, horário em que

chegamos, cerca de cinco pessoas para serem atendidas e nosso procedimento era demorado. O policial fez o cadastro no sistema online da polícia federal, conferiu os documentos e colheu as impressões digitais de todos os membros da família, dois adultos e quatro crianças. Neste dia, o policial nos informou que havia mais alguns documentos que seriam necessários: declarações de hipossuficiência econômica de Joseph e das crianças; a declaração de endereço eletrônico de todos os membros da família e autorização de regularização migratória de menor de idade, para as crianças. Mas, como seria necessário retornar à polícia federal em outro dia para cancelar a solicitação de refúgio, nós pudemos levar estes documentos que faltavam na próxima vez. Quando o policial terminou de colher as impressões digitais da família, já passava da hora de almoço. Desde as dez e meia, todas as pessoas que chegavam ao departamento de estrangeiros eram orientadas a voltar no período da tarde ou outro dia. Mas quando saímos, vimos que muitos permaneceram aguardando na praça em frente ao prédio da polícia.

Quando retornamos na mesma semana para levar os documentos e cancelar o pedido de refúgio, eu havia percebido que errei a grafia do nome do pai de dona María, no requerimento eletrônico de pedido de residência temporária. Refiz o requerimento e levei para o policial que precisou refazer o pedido no sistema da polícia federal. Foi neste momento que o policial pediu para que conferíssemos os nomes novamente e percebemos que os nomes do pai e da mãe de Joseph estavam escritos errados. A grafia que dona María havia me passado por mensagem era diferente da grafia do protocolo de visto humanitário e da carteira de trabalho de Joseph. Sugerimos a Joseph que perguntasse a uma de suas irmãs como estava escrito o nome dos pais na certidão de nascimento delas, pois Joseph perdeu a sua ainda quando estava no Haiti, segundo ele, mas suas irmãs estavam sem telefone. Ele, então, disse que podia perguntar a um primo, com quem ele tinha entrado em contato no dia anterior por intermédio de outro primo que está no Chile e que passou o telefone deste que está em Guadalupe, com quem ele não falava há mais de vinte anos. O primo era alfabetizado e podia dizer o nome dos tios, pais de Joseph. No entanto, este primo forneceu outra grafia para os nomes da mãe e do pai de Joseph; inclusive o nome do pai de Joseph, segundo o primo, seria o contrário, o que Joseph dizia ser o nome do pai, para o primo, era o sobrenome.

Decidimos, neste momento, juntamente com o policial, manter a grafia dos nomes dos pais de Joseph conforme estava no documento de acolhida humanitária e na carteira de trabalho, pois se mudássemos, Joseph teria que refazer todos os seus documentos no Brasil. De todo caso, Joseph não tinha o sobrenome dos pais, pois, segundo ele, quando fez seu passaporte haitiano pela primeira vez, os funcionários responsáveis por fazer o documento escreveram outro sobrenome para Joseph. Como Joseph não tinha certidão de nascimento, pois

havia perdido, falou como se chamava seu pai, mas o atendente entendeu outro nome com grafia totalmente diferente. Joseph passou, desde o passaporte haitiano, a ter um sobrenome diferente de todos os seus parentes e foi este sobrenome que passou a seus filhos. Portanto, mudar o nome dos pais naquele momento traria mais dificuldades, além de ter que refazer todos os seus documentos, ainda teríamos que encontrar meios de comprovar a grafia do nome no cartório de registro de nascimentos no Haiti. Neste momento, Joseph estava muito nervoso, porque pensou que o problema era com seu sobrenome e que por isso não poderia fazer a documentação. Explicamos que o erro era com a grafia do nome dos pais; foi então que ele nos explicou que seu sobrenome já não era o mesmo de sua família desde sua saída do Haiti há quase quarenta anos. O policial, então, refez a documentação de Joseph com o nome dos pais, conforme consta na carteira de trabalho.

Sempre que fomos ao departamento de estrangeiros, era para fazer algum procedimento da documentação ou tirar dúvidas. Como a documentação da família foi feita de acordo com a legislação referente ao caso dos venezuelanos e a pesquisa tinha como questão central a imigração haitiana, pedi ao funcionário do departamento de estrangeiros que concedesse uma entrevista para que pudesse falar sobre o procedimento habitual para os imigrantes haitianos. De 12 de janeiro de 2012 a 30 de outubro de 2017, os haitianos obtinham sua documentação por meio das Resoluções Normativas que permitiam o visto por razões humanitárias. Atualmente está em vigor a Portaria Interministerial nº 10, de 09 de abril de 2018. Esta portaria trata de visto temporário e autorização de residência por Acolhida Humanitária para cidadãos haitianos e apátridas residentes na República do Haiti, que tenham ingressado no Brasil até a data da portaria. Para aqueles que pedirem o visto na embaixada no Haiti, a Portaria Interministerial nº 10 não tem prazo para parar de conceder o visto temporário e a autorização de residência. Para aqueles que já se encontram no Brasil e chegaram após o dia 09 de abril de 2018 terá o procedimento de fazer a solicitação de refúgio e, portanto, terá o protocolo de solicitação de refúgio como documento até que novas determinações ocorram.

Dentre as questões que fizemos ao funcionário do departamento de estrangeiros, queríamos saber se os imigrantes faziam algum tipo de pergunta sobre a cidade, já que a polícia federal é o primeiro órgão público em que eles têm contato. O funcionário disse que os imigrantes não fazem perguntas sobre a cidade, que são “acanhados” e que ainda veem a polícia como um órgão que vai reprimir; então eles têm receio de fazer esse tipo de questionamento. Em alguns momentos, alguns deles se oferecem para trabalhar, tanto pela necessidade de trabalho, quanto por observarem a dificuldade que os funcionários têm na comunicação com os estrangeiros pela questão do idioma, pela diversidade de nacionalidades que são atendidas no

departamento. Se por um lado, os imigrantes não pedem informações sobre a cidade, por outro, observamos que muitas informações sobre os procedimentos da documentação são conhecidas pelos imigrantes quando voltam ao departamento de estrangeiros ou aos órgãos públicos. Percebemos isso, por exemplo, quanto à necessidade de manter o comprovante de endereço atualizado. Muitas vezes, quando o imigrante volta ao departamento de estrangeiros para dar prosseguimento na documentação, ele já se mudou de endereço e não levou novo comprovante, então, ele é informado de que precisa trazer outro comprovante de endereço.

Perguntamos sobre a mudança na legislação, com a Lei de Migração. Segundo o funcionário, pela mudança recente da lei, os próprios funcionários ainda estão em fase de se adaptar e entender os novos procedimentos. Segundo ele, alguns impasses ainda estão acontecendo pelo fato de agora a questão da migração passar por quatro ministérios, o que, por ser recente, não deixa claras as especificidades de cada um. São o Ministério das Relações Exteriores, Ministério da Justiça (CONARE)¹⁴, o Ministério da Segurança Pública – no qual a polícia federal é agora vinculada, pois antes estava vinculada ao Ministério da Justiça, e o Ministério do Trabalho, que edita as normas para alguns vistos, como vistos de membros de associações religiosas. A lei de migração ainda traz “diversas instruções normativas sobre diversos assuntos”. Atualmente, se o visto foi feito no exterior, é de responsabilidade do Ministério das Relações Exteriores, mas ainda há muita ligação com o Ministério da Justiça, dependendo do caso. O visto ainda continua sendo feito diretamente na polícia federal por prole brasileira ou por casamento com nacional. Segundo o funcionário, pela mudança na legislação ser recente, ainda não há um entendimento completo; por exemplo, às vezes algum procedimento é feito no departamento de estrangeiros e quando o migrante chega ao ministério do trabalho para fazer a carteira de trabalho, não se entende que o procedimento deveria ter sido feito de determinada forma, o que pode gerar questionamento. Mas o funcionário nos informou que já existe um grupo de trabalho que tem como objetivo conciliar essa nova lei e essas dúvidas devem ser solucionadas com o tempo.

Perguntamos como as mudanças na legislação e as resoluções chegam ao conhecimento dos funcionários do departamento de estrangeiros. Segundo nos informou, as mudanças e novas regras são informadas ao departamento de estrangeiros de forma eletrônica, pelas portarias e pela CGPI – Coordenação Geral de Polícia de Imigração, pela DRM – Divisão de Registro de

¹⁴ “O CONARE é presidido pelo Ministério da Justiça e integrado pelo Itamaraty (que exerce a Vice-Presidência), pelos Ministérios da Saúde, Educação e Trabalho e Emprego, pela Polícia Federal e por organizações não-governamentais dedicadas a atividades de assistência: o Instituto Migrações e Direitos Humanos (IMDH) e as Cáritas Arquidiocesanas de Rio de Janeiro e São Paulo. O ACNUR também participa das reuniões do órgão, porém sem direito a voto” (BRASIL, [201?]e).

Migrantes, que enviam para todas as delegacias, os NUMIG – Núcleo de Polícia de Imigração, “informando toda e qualquer mudança”.

Sobre a imigração haitiana para a cidade de São José do Rio Preto, o funcionário disse ter observado que o maior número de haitianos chegando à cidade ocorreu nos anos de 2013 e 2014. Sobre sua perspectiva da expectativa dos imigrantes haitianos sobre a cidade, o funcionário acredita que eles buscam uma situação definitiva, de estabelecer residência e ficar na cidade. Segundo ele, no período recente, a vinda de haitianos para a cidade de São José do Rio Preto tem como característica a reunião familiar. Por eles já terem se estabelecido e encontrado trabalho, a família passou a vir para ficar com o migrante, ou a mulher com os filhos, ou os filhos mais velhos para trabalhar e ajudar com a renda de família.

Durante o período de maior entrada de haitianos pelas cidades de fronteira Norte do país, este funcionário relatou ter trabalhado em 2013 na cidade de Epitaciolândia – AC, município próximo a Brasiléia – uma das principais cidades de entrada dos imigrantes haitianos. Trabalhou por 57 dias e disse ter sido muito gratificante do ponto de vista humanitário ter participado desta operação na cidade de fronteira e pretende trabalhar outras vezes neste tipo de serviço. Disse que, diferentemente do que ocorreu em 2018, em Pacaraima, não houve aumento de criminalidade na cidade, mas que as cidades de fronteira do extremo Norte do Brasil não têm infraestrutura suficiente para receber este tipo de aumento populacional. A cidade ficou “muito cheia” e a situação dos imigrantes era precária. A prefeitura desativou um clube da cidade para abrigar os imigrantes, e eles ficavam nesta espécie de “galpão” que tinha cobertura, mas não era inteiramente coberta, então, a condição do imigrante era muito difícil.

Em outro momento da pesquisa, o funcionário nos relatou como era a rotina de trabalho dos policiais nesta operação. Segundo ele, quando chegavam de manhã no lugar da operação, recebiam uma quantidade média de papéis preenchidos de requerimentos de solicitação de refúgio que eles pegavam e iam para a delegacia digitar. Conforme eles pegavam estes requerimentos, numeravam os imigrantes pela ordem dos requerimentos e tiravam foto dos imigrantes; depois, na delegacia, eles pegavam a ordem das fotos e conciliavam com a ordem dos requerimentos. Faziam a documentação e avisavam para os imigrantes irem à polícia federal depois das 14 horas para poderem retirar a documentação.

O departamento de estrangeiros de São José do Rio Preto conta com dois funcionários para fazer os procedimentos de setenta municípios da região. Com a mudança na legislação, também ocorreu um aumento nos procedimentos. Segundo o funcionário, antes da legislação, eles tinham cerca de dez listas para conferir e com a nova legislação possuem agora trinta checklists diferentes. Perguntamos o que ele gostaria que mudasse em relação ao seu trabalho

para melhorá-lo que não dependia de sua iniciativa e ele relatou que a falta de funcionários é o que torna o cotidiano do trabalho mais difícil, apesar de todas as dificuldades de lidar com cada caso de forma diferente, pois cada um vai à polícia federal com uma demanda diferente. Das dificuldades de lidar com diversas pessoas de diversas nacionalidades, o acúmulo de trabalho é algo que dificulta o funcionamento do trabalho deles.

Não há um concurso para o departamento de estrangeiros; as funções são designadas e, segundo o funcionário, nem sempre a pessoa designada tem perfil para essa função e o departamento de estrangeiros é uma das áreas que os funcionários menos querem atuar por ter que lidar diretamente com as maiores dificuldades dos imigrantes e cada pessoa tem uma reação diferente. Além disso, tem a questão do idioma; tomar cuidado ao falar com o estrangeiro é algo essencial nesta função, pois “um simples ‘pois não’, para algumas nacionalidades, é um não mesmo”. Esse cuidado, assim como uma sensibilidade ao lidar com os problemas dos migrantes, segundo o funcionário, está ligado a uma “empatia” que deve haver por parte do funcionário e deveria ser uma característica necessária a quem trabalha no departamento de estrangeiros. Ele salienta que as pessoas também precisam ter paciência com os funcionários, pois são muitas atribuições e não há uma rotina em trabalhar apenas com alguns procedimentos.

Foi possível observar, nas idas ao departamento de estrangeiros, essa diversidade de procedimentos e acúmulo de trabalho relatados pelo funcionário. Cada nacionalidade possui um procedimento específico e cada imigrante está em um estágio diferente do procedimento de documentação. Apesar destas dificuldades, observamos que os funcionários têm sensibilidade para atender os imigrantes. Por exemplo, quanto ao xerox das documentações. Quando o imigrante esquece um documento ou não fez cópia do mesmo, o procedimento normal é que ele retorne no prazo de trinta dias com os documentos necessários. No entanto, com a família de Joseph e María ou com outros imigrantes, observamos várias vezes os funcionários fazerem eles mesmos cópias dos documentos ou fazerem o procedimento possível e deixarem que o documento fosse entregue em outro dia. Certa vez, o funcionário me disse algo como: hoje nós estamos fazendo o serviço de assistente social, eu e você. Claramente podemos perceber que uma política de acolhida humanitária necessita de uma rede de funcionários com funções determinadas a atender migrantes, isso inclui uma assistente social e recursos materiais para suprir algumas necessidades como fazer cópias de documentos.

4.6 A importância do Poupatempo na vida dos imigrantes.

O Poupatempo é localizado na região central da cidade de São José do Rio Preto,

próximo à rodoviária e ao terminal central de ônibus urbano. Concentra vários tipos de serviços em um mesmo prédio, o que facilita a vida do imigrante, mas facilita a vida do imigrante na medida em que este serviço facilita a vida do morador local; não é um serviço pensado ao imigrante como poderia ser proposto por uma política de acolhida humanitária ou um centro de atendimento ao estrangeiro. O imigrante vai ao Poupatempo, principalmente, para fazer carteira de trabalho, fazer currículo e procurar emprego, requerer uma vaga nas creches municipais, fazer certidão de antecedentes criminais pela polícia civil e solicitar preenchimento de documentos necessários a ser entregues no posto da polícia federal. No entanto, ainda foi necessário irmos à Receita Federal fazer o CPF e, provavelmente, se os imigrantes tivessem desacompanhados de um morador da cidade, fosse necessário ir a outros lugares.

O Poupatempo é um lugar vital para os imigrantes. Depois do departamento de estrangeiros da polícia federal, o Poupatempo é o local de serviços públicos que o imigrante mais frequenta na cidade de São José do Rio Preto. Dos imigrantes com quem conversamos, a família de Joseph, de Denes e de Stefanie e seus amigos, todos foram ao Poupatempo para fazer a carteira de trabalho, fazer e deixar currículo em busca de emprego. Provavelmente, eles vão ao Poupatempo por indicação dos próprios policiais que atendem no departamento de estrangeiro. Observamos, no caso da família de Joseph e de outros haitianos, que vimos no departamento de estrangeiro que os funcionários, depois de entregarem o protocolo de solicitação de refúgio ou o protocolo de solicitação de residência temporária, entregam um papel para os imigrantes irem ao Poupatempo para fazer a carteira de trabalho ou para regularizá-la com o novo protocolo. Então, um dos serviços fundamentais disponibilizados no Poupatempo é fazer a carteira de trabalho. Também referente ao trabalho, os funcionários no Poupatempo preenchem currículos e cadastram os imigrantes em vagas de trabalho que empresas ofertam diretamente no Poupatempo. Ir ao Poupatempo para “deixar” um currículo é algo rotineiro na vida do imigrante.

Outro serviço importante, principalmente com a nova lei de migração e com a portaria interministerial nº 9, sobre a Carteira de Residência Permanente para países fronteiriços sem acordo com o Mercosul, é a emissão de Certidão de Antecedentes Criminais feita pela Polícia Civil. Quando conversei com uma funcionária responsável no Poupatempo, sobre a possibilidade de uma entrevista com um atendente, ela fez referência à Polícia Civil. Disse que atualmente eles procuravam mais o Poupatempo para fazer a Certidão de Antecedentes Criminais. O que demonstra que a mudança na lei e a nova documentação direcionaram o fluxo de imigrantes mais para o setor da Polícia Civil, especialmente por causa da documentação.

O Poupatempo também é o lugar onde se cadastram os filhos para vagas nas creches

municipais. Fomos ao Poupatempo com a mulher de Denes para fazer este cadastro. Joseph me enviou uma mensagem dizendo que Denes precisava de um “bus”. Sem entender, perguntei a ele o que seria. Ele me disse que um “bus” seria uma ajuda. Eu pensei que seria uma ajuda financeira, pois Joseph deu a entender que era algo urgente. Então disse a Joseph que avisasse Denes que eu iria a São José do Rio Preto na próxima semana e conversaria com ele. Conversando por mensagem com dona María, ela me perguntou o que era necessário para receber o Bolsa Família, porque uma amiga de Joseph disse que os filhos dela teriam direito e uma das coisas que a mulher de Denes queria era também fazer o cadastro de sua bebê no Bolsa Família. Marquei de ir a São José do Rio Preto na outra semana para levá-las ao CRAS, além de fazer o cadastro no CADÚnico, que detalharemos na próxima subseção, a assistente social me informou que a matrícula na creche era feita somente no Poupatempo. Fomos, após o atendimento no CRAS, ao Poupatempo.

Chegando lá, pegamos uma senha e preenchemos um formulário de endereço. Logo nos chamaram no balcão. O atendente conferiu no sistema no computador os dados da mulher de Denes e nos perguntou o que precisávamos. Expliquei que ela gostaria de matricular a filha na creche. Ele nos disse que ela já havia feito o cadastro e precisava aguardar a vaga. Então, pedi a Joseph, que estava conosco, que perguntasse a ela se ela já tinha ido ao Poupatempo para fazer este cadastro. Ela informou que sim, foi com um outro haitiano, mas ela não tinha entendido o que havia acontecido. O haitiano que a acompanhou serviu como interlocutor, mas ela não entendeu o que tinha ocorrido, achou que o atendente não havia entendido o que eles falaram e que ele não tinha conseguido fazer a matrícula. O atendente então informou que ela estava na posição 38 na fila de espera para a creche que ela havia cadastrado e informou que ela ainda poderia incluir mais duas creches para aguardar vaga. Analisamos a localização no bairro com a ajuda do atendente e ela aceitou incorporar mais uma creche na lista de espera. O atendente informou que, como ela não tinha trabalho fixo e a criança não se enquadrava nos requisitos do Bolsa Família e a vaga não era tida como prioritária, ela provavelmente esperaria um pouco mais. Caso ela começasse a trabalhar ou se alguém de sua residência perdesse o emprego e ela se enquadrasse no Bolsa família, era para ela retornar e informar sua nova situação, caso contrário era só esperar que ligariam para ela quando surgisse uma vaga.

Depois de alguns meses, perguntei a dona María sobre a vaga na creche e ela me informou que a bebê já estava frequentando a escola. Este serviço é um ponto vital na vida de quem tem filho e no caso dos imigrantes também foi importante. Na verdade, a maior preocupação de matricular a bebê de seis meses na creche pela mulher de Denes, informação dada por Joseph e reiterada por ele e por María, era para a criança aprender a falar português

desde suas primeiras palavras, isto seria algo positivo para a família. Denes estava no Brasil há mais de cinco anos e falava pouquíssimas palavras em português e também não era alfabetizado em Francês ou Crioulo. Para o casal, era importante que a filha frequentasse a escola e falasse português. Provavelmente, além de poder frequentar a escola de forma gratuita – Joseph nos relatou que no Haiti a escola é privada e que uma de suas filhas teria de parar de frequentar a escola por falta de dinheiro – a filha seria alguém de confiança que poderia ser interlocutora dos pais no futuro.

Por último, descobrimos, na fase em que refizemos os documentos da família, em 2018, que o Poupatempo faz um papel importantíssimo para os imigrantes. Comentei com o policial que era muito difícil preencher e reunir toda a documentação necessária da família. Eu, sendo brasileira e tendo domínio no computador, errei a digitação várias vezes. Quando preenchia o formulário online, por exemplo, se errasse algum dado, era necessário voltar na aba anterior para refazer, mas depois ocorria um erro na data de ingresso no Brasil, que voltava a uma data fixa no site. Entendi depois que era necessário conferir sempre se a data de ingresso não havia sido formatada para uma outra data do programa online. Depois o policial me informou que isto estava acontecendo sempre que já tivesse sido gerado o código de letras e números verificadores. Perguntei ao policial como seria para um imigrante entrar no site da polícia federal, preencher o formulário, entender quais documentos eram necessários? Ele me disse que era complicado, mas que os imigrantes podiam fazer o preenchimento destes documentos no Poupatempo de forma gratuita, mas que ele não recomendava, porque sempre havia dados com erros nos documentos que eram preenchidos e era necessário que o imigrante retornasse com a documentação correta em uma próxima vez. Os documentos também podiam ser preenchidos em uma associação próxima à Polícia Federal, mas com um custo de dez reais por documento. Ou seja, em uma família de seis pessoas com quatro documentos a ser preenchidos: 1) o requerimento de residência temporária disponível no site da polícia federal, 2) a declaração de endereço eletrônico e demais meios de contato, 3) a declaração de hipossuficiência econômica e 4) autorização para regularização migratória de menor de idade, gerava um custo de duzentos e vinte reais, além de outras cópias comuns como certidão de nascimento ou casamento, passaporte ou cédula de identidade.

O serviço de preenchimento no Poupatempo parece ser, assim, extremamente necessário ao imigrante, mas, segundo nos relatou o funcionário do departamento de estrangeiros, os documentos vinham com erros de digitação, o que fazia com que os imigrantes tivessem que retornar para refazer os documentos. Além dos erros de digitação, enfatizo que, no caso dos imigrantes, a grafia dos nomes, tanto dos migrantes quanto das cidades, podem ser muito

diferentes dos que estamos acostumados em português; o erro de data que encontramos no formulário online no site da polícia federal deve ainda passar por melhorias conforme as dificuldades forem relatadas.

No entanto, observamos que existem várias vantagens nos serviços do Poupatempo ao imigrante. Este concentra vários tipos de serviços e está localizado em uma região central da cidade. Os serviços ficariam ainda mais estratégicos se o departamento de estrangeiro se localizasse próximo ao centro da cidade. No entanto, o departamento de estrangeiros é parte da polícia federal, enquanto o Poupatempo é um órgão estadual. Há que se pensar que, diante de uma nova lei de migração, é necessário para satisfazer as pretensões de uma política de acolhida humanitária, especialmente refugiados, criar uma forma de acolhê-los, tanto nas questões de abrigo e alimentação, mas também de se superar as dificuldades na logística dos procedimentos das documentações. Os serviços prestados pela polícia federal poderiam funcionar em conjunto com outros órgãos de responsabilidade de documentos importantes para o imigrante.

4.7 A relação do imigrante com o CRAS – Centro de Referência de Assistência Social.

O Centro de Referência de Assistência Social faz serviços importantes para a comunidade, mas fomos lá para cadastrar a família de dona Maria e de Loudie no CAD-único e, assim, poder participar de programas sociais como o Bolsa Família. Os CRAS são bem distribuídos na cidade, mas como o bairro de Denes é próximo ao centro, o CRAS mais perto era bem próximo à casa de Denes. Segundo o relato dos atendentes, aquele era o CRAS que provavelmente mais recebeu imigrantes haitianos, provavelmente este fato estivesse relacionado com o local de moradia destes imigrantes¹⁵. No momento da pesquisa de campo, os atendentes nos relataram que o fluxo de imigrantes haitianos no CRAS já não era mais intenso, mas que principalmente em 2015 recebiam muitos haitianos que iam em busca de informações gerais e também para o cadastro no CADÚnico¹⁶. Denes, marido de Loudie, havia pedido a Joseph que me avisasse que ele precisava de um favor. Joseph me ligou dizendo que Denes precisava de um “bus”; naquele momento pensei que ele precisava de dinheiro, mas

¹⁵ Ver em ANEXO A – Mapas da cidade de São José do Rio Preto – SP, p. 293-295.

¹⁶ “O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (Cadastro Único) é um instrumento que identifica e caracteriza as famílias de baixa renda, permitindo que o governo conheça melhor a realidade socioeconômica dessa população. Nele são registradas informações como: características da residência, identificação de cada pessoa, escolaridade, situação de trabalho e renda, entre outras” (BRASIL, 2015)). A partir do cadastramento no CADÚnico, as famílias podem se inscrever para diversos programas sociais, dentre estes o Programa Bolsa Família, Tarifa Social de Energia Elétrica, Programa Minha Casa Minha Vida. O Banco de dados registra as características da residência, identificação de cada pessoa, escolaridade, situação de trabalho e renda, e é compartilhado entre governos federal, estadual e municipal.

Joseph me explicou que era um favor. Então, marquei de ir pessoalmente lá para saber o que era. Primeiro, fui à casa de Joseph e dona María me explicou que Loudie queria ajuda para matricular a filha na creche e ela e María queriam saber como faziam para receber o auxílio financeiro do Bolsa Família. Depois fomos à casa de Loudie, vimos sua bebê; Denes estava trabalhando. Ela não fala português, então explicou para Joseph sobre o que eles precisavam. A bebê tinha cerca de quatro meses, então perguntei se eles precisavam colocá-la na creche ainda nesta idade, se não queriam esperar até que ela completasse seis meses. Joseph me explicou que eles queriam que a filha começasse a falar português desde o início da fala, por isso era importante colocá-la na creche para aprender a falar português com as professoras e as outras crianças. Denes estava no Brasil há cinco anos e entendia poucas palavras em português. Ele não foi alfabetizado em Francês no Haiti e ele e a mulher tinham dificuldade em falar português. Então, percebi que eles pensavam na filha como uma futura interlocutora para os pais.

Loudie, Denes, o primo dela e a bebê moravam em uma casa de fundos de três cômodos, no bairro mais próximo ao centro da cidade. Anteriormente, eles moravam na casa onde depois foi morar a família de Joseph, no bairro mais afastado da cidade. Atrás da casa deles, havia um muro e outra casa de quatro cômodos. Nesta casa, estavam três mulheres e um homem, uma das mulheres tinha um bebê de dois meses, mas ali também morava outra criança e um outro homem, que estava trabalhando no momento. Meses depois, dona María me contou que aquelas famílias se mudaram de lá e que Denes havia se mudado para aquela casa, mas depois voltou para a casa de três cômodos em que morava anteriormente.

Combinamos de ir outro dia para levá-las ao CRAS e obter as informações. Passados cinco dias, voltei a São José do Rio Preto para levá-las ao CRAS. Joseph foi conosco, ele tinha ficado desempregado há cerca de duas semanas e estava trabalhando por dia quando encontrava trabalho; assim ele pôde ajudar como interlocutor entre mim, Loudie e a assistente social. Fomos ao CRAS, mas não era dia de atendimento. Explicamos ao atendente que Loudie não falava português e que eu não era da cidade e não sabíamos que havia um agendamento para o atendimento. Então, o atendente explicou que em alguns dias da semana as assistentes sociais saíam para fazer atendimento fora do CRAS, por isso havia uma agenda. Mas ele conseguiu que as assistentes sociais fizessem nosso pré-cadastro para o CADÚnico, assim ficava apenas uma parte do atendimento para outro dia.

Dona María ficou em uma sala com a assistente social. Eu, Loudie, Joseph e a bebê ficamos em outra sala com outra assistente social. A assistente social falava comigo, eu explicava a Joseph, que perguntava para Loudie. Primeiro foi preenchido um pré-cadastro em uma folha de papel determinada, colhida a assinatura de Loudie e realizadas fotocópias de

documentos como passaporte, CPF, comprovante de endereço e certidão de nascimento da bebê. Ficaram faltando os documentos do primo de Loudie. Para o cadastro, é contabilizada a renda e a quantidade de todas as pessoas que moram na casa. Loudie explicou que o primo dela não fazia parte da família, que ele tinha outros objetivos com o salário dele e não havia nenhuma responsabilidade dele para com a bebê. Mas explicamos que para o programa social do Bolsa Família eram consideradas todas as pessoas da casa. A assistente social explicou que ela poderia levar os documentos do primo na próxima vez que fossem ao CRAS, pois seria mesmo necessário terminar de fazer o cadastro. A assistente social explicou, mas o que pude entender é que o pré-cadastro é feito em papel, todos os pré-cadastros vão para um CRAS central, onde uma assistente social faz a digitação dos dados para o sistema eletrônico. Depois de estarem no sistema eletrônico, as assistentes sociais dos CRAS podem acessar e finalizar o cadastro.

Voltamos uma semana depois no dia agendado para terminar o cadastro. Fiquei novamente na sala com Loudie e Joseph; dona María fez o procedimento com a assistente social em outra sala. Loudie levou os documentos do primo dela, mas não levou o CPF. Fizemos o procedimento e marcamos de voltar na semana seguinte para levar o documento que faltou do primo de Loudie. Mas, no dia em que retornamos, ela levou o CPF do primo, mas não levou o do Marido, Denes. Esta confusão aconteceu, porque eles não queriam ficar sem os documentos. Loudie contou a Joseph, que nos contou, que não podiam ficar sem documento, pois como fariam caso a polícia os parasse? Então, diante da falta do documento novamente, a assistente social achou melhor que eu ligasse para ela passando o número do CPF e ela entraria no sistema para fazer uma cópia da documentação. Então, depois Joseph me enviou uma foto do CPF de Denes e liguei para a assistente social para passar o número.

Este acontecimento nos mostrou algo que para os cidadãos locais parece simples. Muitos de nós não andamos na rua com os documentos para realizar nossas atividades mais cotidianas. Mas, para um imigrante, andar sem os documentos é motivo de preocupação, ao menos com um documento deveriam estar. Existem outros dois fatores implicados neste “andar sem os documentos”, que estão de alguma forma relacionados. Quando pensamos: “quando a polícia irá nos parar e pedir os documentos”? Quando se é um nacional é mais provável que a polícia irá te parar quando você está dirigindo e há uma operação policial. Mas quando se é um estrangeiro, com que frequência se é abordado pela polícia? E se for um estrangeiro negro, quantas vezes mais ele é abordado pela polícia do que um nacional branco ou um nacional negro? Essas são perguntas que surgiram após pensar sobre a expressão de Loudie, quando perguntamos o porquê ela não havia levado todos os documentos de todos os moradores da casa. E ela respondeu: como o primo e o marido ficariam sem o documento, como agiriam se a

polícia os parassem? Naquele momento, a assistente social e eu pensamos que eles tinham como parâmetro os Estados Unidos, que conheciam como é a fiscalização de documentos com imigrantes lá através de relatos de outros haitianos que migraram para os Estados Unidos. Dissemos a ela que aqui no Brasil não havia problema se não estivesse com os documentos em alguns momentos. Mas, depois pensamos que a preocupação deles talvez estivesse ligada à realidade brasileira, mesmo, de que, sim, sendo estrangeiros e negros, eles podiam ser abordados pela polícia com maior frequência essa era uma preocupação real da família de Loudie. Ou talvez a preocupação em relação aos documentos estivesse ligada à dificuldade em conseguir os documentos desde o Haiti, passando pelas fronteiras e mesmo aqui no Brasil, a necessidade do documento faz a sua importância.

Os filhos de dona María foram cadastrados no Bolsa Família e em alguns meses passaram a receber o benefício. Naquele momento, a filha de Loudie não tinha direito ao Bolsa Família. Loudie ficou triste, pois para ela o fato do primo morar na mesma casa que eles não significava que ele contribuía para a criação da filha. Denes e Loudie têm compromissos com os demais filhos que ficaram no Haiti e o primo tem compromissos com a família dele no Haiti, isso fazia com que o dinheiro que ganhassem no Brasil se destinasse a estes dois universos, lá e cá. Depois desse momento, dona María contou que Loudie estava vendendo “juju” (suquinho) nas ruas, pois tinha conseguido matricular a filha na creche. O primo de Loudie estaria procurando um lugar para morar para possivelmente trazer parte da família. A assistente social nos informou que a qualquer mudança na situação familiar, mudança de endereço, situação de desemprego, aumento ou diminuição do número de moradores, matrícula da filha em escola, Loudie deveria voltar ao CRAS para atualizar seu cadastro.

A assistente social nos informou que o cadastramento no CADÚnico era o principal tipo de atendimento que faziam no caso de imigrantes, mas que eles também procuram o CRAS para tirar dúvidas. O CRAS também faz o serviço de entrega de cestas básicas, o que em muitos momentos pode ser essencial ao imigrante, quando ficam longos períodos desempregados. Mas esse tipo de atendimento ao imigrante também é realizado pelas instituições religiosas da cidade. Se houvesse uma política de acolhida humanitária, este serviço de atendimento poderia estar associado à documentação, em um centro específico para atendimento ao imigrante.¹⁷

¹⁷ Gostaríamos de mencionar a iniciativa da Prefeitura de São Paulo juntamente com associações da sociedade civil, especialmente da Missão Paz, da Cáritas, e do Centro de Apoio e Pastoral de Imigrantes, além de associações de imigrantes. A prefeitura destina uma política específica para imigrantes dentro da Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania. Dentre suas funções está o CRAI – Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes, que disponibiliza centros de acolhida, atendimento jurídico, apoio psicológico, e oficinas de qualificação profissional (SÃO PAULO [cidade], c2017a). E, como mencionamos anteriormente, foi criado por esta secretaria o Conselho Municipal de Imigrantes, iniciativa elogiada pela ONU (ONU BRASIL, 2018).

4.8 Dilemas internos, a vida doméstica.

Nesta subseção, vamos relatar conversas que tivemos na varanda da casa da família após voltar de algum órgão público. Conversas sobre a busca por emprego, as dificuldades de se manter no emprego e aspectos da distância entre a expectativa e a realidade no ambiente e tipo de trabalho segundo os imigrantes. Vamos falar sobre as expectativas em conseguir trabalho para mandar dinheiro para as famílias no Haiti e na Venezuela e trazer parentes para o Brasil, sobre a importância do Whatsapp na comunicação dos imigrantes com a família no exterior. Também vamos falar sobre a relação dos imigrantes, pai e mãe, com os vizinhos, a igreja, e sobre uma moral social sobre as fofocas, uma visão sobre receber pessoas em casa.

Não fizemos, durante a pesquisa, nenhuma entrevista fechada, com perguntas específicas à família. Nossas conversas se davam de maneira mais informal e ficamos muito envolvidos com as questões quanto à documentação e outras necessidades que tinham. Conversávamos no carro, no caminho para algum órgão público, por mensagens no WhatsApp e, depois que voltávamos, quase sempre entrava alguns minutos na casa de Joseph e María para conversar. Nestas conversas, na volta de algum compromisso, eles contavam um pouco de como estavam se sentindo, das dificuldades, dos projetos.

Dona María e Joseph sempre demonstraram muita preocupação com os estudos dos filhos. Queriam saber se no Brasil não havia alguma escola em que eles pudessem estudar e aprender uma profissão para terminar a escola já podendo trabalhar. Mostrei a eles algumas opções como o Centro Paula Souza, o SESI, o SENAI, algumas iniciativas da prefeitura, que havia concurso de bolsa de estudos em algumas escolas e que os cursos técnicos eram disponíveis para quando comessem o Ensino Médio. Certo dia, uma escola de cursos foi à escola dos meninos para fazer propaganda de cursos preparatórios para ingressar na carreira militar. Eles matricularam o filho e queriam saber o que um estrangeiro precisava para entrar para as Forças Armadas. Naquele momento vi rapidamente no site das Forças Armadas de que ele precisava ser naturalizado e vi no site da polícia federal que precisava estar morando há

No âmbito do estado de São Paulo, há o CIC – Centro de Integração e Cidadania do Imigrante, localizado no bairro Barra Funda – SP (SÃO PAULO [cidade], 2016). O CIC do Imigrante foi criado em 2014 e revitalizado em 2018 (PACHIONI, 2018) É vinculado a Secretaria da Justiça, e o imigrante tem acesso a Defensoria Pública da União e Estadual, a cursos de idiomas e ao Posto de Atendimento ao Trabalhador – PAT. No entanto, estes centros estão localizados apenas na capital São Paulo. Teríamos que propor estudos para avaliar se há demanda destes centros em outras cidades do estado, afim de transformar o atendimento ao imigrante, refugiado ou não, em algo institucionalizado, fornecendo dados estatísticos, melhorando a logística de atendimento aos imigrantes conforme suas necessidades e especializando profissionais para lidarem com as legislações e demandas específicas dos imigrantes e possibilitar tanto o melhor atendimento ao imigrantes quanto o descongestionamento de demais órgãos públicos que não estão diretamente acostumados a atender esta demanda específica.

quinze anos no país, para se naturalizar, mas que havia exceções. Quando fomos à polícia federal para dar seguimento às documentações, dona María perguntou ao funcionário sobre o assunto. O funcionário disse que era uma ótima carreira, que o filho dela teria oportunidade de estudo nas forças armadas, mas que era necessário que ele fizesse dezoito anos, então, se ele realmente quisesse seguir a carreira militar, poderia voltar à polícia federal para saber como proceder. Quando perguntamos, ainda na polícia federal, a Joseph e a María se o filho gostaria de seguir carreira militar, Joseph respondeu que se fosse uma boa carreira, se ele teria possibilidade de estudar, então que não havia porque o filho não quer. Ele não disse isso no sentido de obrigar o filho a fazer algo que não goste, mas que o estudo e o trabalho eram valores maiores do que gostar, era uma forma de conseguir estabilidade.

Eles não queriam que os filhos perdessem nenhum dia de aula. Um dia, Joseph me enviou uma mensagem pedindo para eu ligar na escola e avisar a diretora que o filho iria faltar porque estava muito gripado, pois, no dia anterior, voltou da escola a pé por não ter dinheiro para o transporte e havia tomado chuva. Expliquei a ele que não era necessário ligar naquele momento, que, no dia seguinte que fosse à escola, o filho podia justificar aos professores, pegar a matéria com algum colega de sala; se ele fosse ao médico, que dona María pedisse um atestado para levar à escola. Até o momento que a pesquisa durou, esta preocupação em ir à escola era muito presente para os pais. De certa forma, eles sabiam que estudar os filhos seria uma forma de penetrar pelas estruturas e de os filhos, no futuro, fazerem a mediação entre as necessidades dos pais e as instituições.

Foram nestas conversas na varanda da casa que Joseph contava suas angústias quanto ao trabalho. Não visitamos nenhum local de trabalho durante a pesquisa, pois o cenário que encontramos era mais de desemprego do que emprego. Quando conheci Joseph, ele estava empregado numa empresa de construção civil. Algumas vezes ele respondia às minhas mensagens por volta das nove horas da noite, dizia que estava no terminal de ônibus esperando para ir para a casa ou estava chegando em casa. Era possível ouvir sua respiração ofegante enquanto estava caminhando e gravava um áudio. Nestes dias que ficava até mais tarde era porque, durante o dia, haviam feito a laje da construção e ele ficava para molhá-la, ao menos foi como entendi.

No início de agosto de 2017, em um áudio ele disse que estava desempregado há poucas semanas e que começara a procurar emprego. Em uma visita a sua casa perguntei o que tinha acontecido para ficar desempregado, se ele tinha direito a seguro-desemprego, se recebeu o salário corretamente e se ele sabia se tinha fundo de garantia por tempo de serviço. Ele disse que sabia da legislação trabalhista e que tinha ido ao Poupatempo e lá informaram que não teria

direito ao seguro-desemprego. Apesar de ter trabalhado cerca de um ano e dois meses na empresa, foi ele quem pediu demissão, não possuindo, portanto, direito ao seguro-desemprego.

Sobre o motivo de ter pedido demissão, ele disse que questionou o encarregado o porquê apenas ele, entre os outros funcionários, ficava até a noite nos dias em que precisava. Disse ao encarregado que ele conhecia a legislação brasileira, que aquilo não estava certo. Segundo ele, o problema era que essas horas a mais ficavam em banco de horas e quando não precisasse trabalhar que a empresa deixava que descontassem essas horas trabalhadas a mais. No entanto, ele disse a mim que o problema não era trabalhar, ele trabalharia o quanto possível, mas queria receber as horas em dinheiro porque nada adiantava ficar em casa para descontar as horas. O encarregado disse que se ele não estivesse satisfeito que podia sair da empresa e, então, ele pediu demissão. Expliquei que quando ele pedia demissão deixava de receber uma quantia em dinheiro e de sacar o fundo de garantia, mas ele se sentia humilhado e pediu demissão no mesmo dia.

Em outros momentos, perguntei a ele e a dona Maria se sofriam preconceito por serem estrangeiros ou por serem negros e eles disseram que não. Joseph falou algo parecido com o que Jean Fabien nos falou em entrevista em 2015, como mencionamos na subseção anterior. Joseph disse que o Brasil era racista e ele era negro, mas que nunca tinha acontecido algo com ele por ser haitiano e negro. No entanto, neste fato da demissão, Joseph pareceu demonstrar claramente que sabia o fato de ser apenas ele a ficar após o horário de trabalho na obra, contou que se fosse para não receber pelas horas, seria justo que revezassem entre os outros trabalhadores quem ficaria até mais tarde na obra. Isto demonstra um fato importante sobre nossa forma, “brasileira”, de delegar funções e posições sociais a imigrantes e a negros.

As mudanças na legislação trabalhista atingiram os imigrantes diretamente. No setor de construção civil, é possível trabalhar por contrato, um setor que empregou muitos haitianos nas obras da Copa do Mundo e das Olimpíadas, mas que ainda emprega muitos imigrantes. Logo após ficar desempregado, em agosto, na outra semana, conseguiu outro emprego, mas este durou apenas dois meses. Era para construir um barracão de armazenamento para uma empresa de implementos agrícolas. Mas, terminado o barracão, ele ficou novamente sem emprego. Desta vez, pôde sacar o fundo de garantia. Ele me pediu ajuda para saber como sacar o valor do fundo de garantia e, naquele mesmo dia, liguei no serviço de atendimento da Caixa e solicitamos o cartão-cidadão. O cartão deveria ser retirado em uma agência e indicamos a mais próxima do bairro deles. Após o prazo determinado, eles foram ao banco para retirar o cartão, mas este ainda não tinha chegado à agência. Depois de algumas semanas, eles retornaram e puderam sacar o valor que lhes serviu para pagar o aluguel nos meses que ficou desempregado.

De novembro de 2017 até meados de maio de 2018, Joseph ficou desempregado, contando apenas com o dinheiro que recebia quando trabalhava por dia. Saía a pé e andava em busca de emprego. Se encontrasse, trabalhava, se não, voltava para casa a pé. Capinou, trabalhou na limpeza de ar condicionado nas casas, trabalhava em pequenas construções.

A situação ficou muito difícil com o passar dos meses e ele ficou cada dia mais desanimado. Um dia me contou que a filha, no Haiti, teria que sair da escola, pois não tinha mais como pagar a mensalidade. Perguntei se não existia escolas públicas e ele me disse que onde morava não havia, apenas escolas privadas. Em abril de 2018, quando retornamos à Polícia Federal para fazer a documentação de solicitação da Carteira de residência temporária, Joseph ficou quase duas horas no telefone. No caminho, começou a falar com os familiares e só parou quando precisou entrar na sala para assinar os documentos. A família tinha ido a um povoado vizinho para usar o telefone celular de um conhecido. Sua expressão era desoladora, balançava a cabeça em negativa todo o tempo. Na mesma semana, quando retornamos à polícia federal, ele estava falando com os primos, um que mora no Chile e outro em Guadalupe. Ele me disse que estava pensando em ir para Guadalupe para encontrar trabalho. Sobre a família no Haiti, naquele dia, não disse nada, só balançava a cabeça e dizia que a situação era difícil.

Retornei em maio à sua casa e neste dia perguntei o que falava com a família. Ele disse que preferia nunca mais falar com a mãe, pois ficava muito mal quando falava; sua mãe só chorava e ele não podia fazer nada. Disse para mim que seu pai “tinha o estômago nas costas” e ele tinha comida em casa, mas não podia enviar comida à família. Ele disse que se sentia culpado em comer enquanto sua família não comia.

Joseph nunca falou muito sobre as pessoas que os ajudavam. Dona María que contou depois de eu muito perguntar quem eram os amigos de Joseph que os ajudavam. Perguntei como se conheceram e ela disse que ele era um médico já de idade e ele e a mulher não tiveram filhos, que visitavam Joseph e levavam comida e ajudavam no que precisavam. Perguntei se eram da igreja, mas dona María respondeu de forma vaga, disse que eram amigos do Joseph antes de ela chegar ao Brasil. Sobre a igreja, apesar de sabermos de uma igreja católica no bairro São Francisco ter ajudado imigrantes de muitas formas e de que a igreja no bairro mais afastado onde mora Joseph ter oferecido aulas de português no ano de 2014, os imigrantes com os quais conversamos disseram não ter recorrido às igrejas para receber algum tipo de ajuda. A família de Joseph e María se consideram cristãos evangélicos, não tem uma igreja na qual considerem fazer parte, mas disseram que frequentam às vezes uma igreja evangélica, também no bairro São Francisco, na qual o pastor da igreja permitiu que um pastor haitiano celebrasse cultos em alguns domingos do mês. O funcionário do departamento de estrangeiros também mencionou

a existência deste pastor haitiano que estaria celebrando para haitianos e não haitianos, em uma igreja próxima aos bairros onde os haitianos residem.¹⁸

Joseph tinha comida em casa, pois este amigo lhe trazia, mas para a família no Haiti precisava enviar dinheiro. Ele não tinha dinheiro, estava sem trabalho e o valor do dólar não compensava a transação. Neste dia, Joseph chorou, disse que queria se matar, que desejava sair à rua e que um carro o atropelasse. Neste dia, fiquei muito preocupada e apenas relato este fato aqui porque estes pensamentos não devem ter sido uma exceção na vida de Joseph; muitos imigrantes devem passar por isso e uma política de acolhida humanitária deve passar também pelo apoio psicológico. Joseph sempre me enviava mensagens com esperança; no início dos áudios, dizia que estavam bem, que apesar das dificuldades Deus estava sempre com ele e que lhe permitia acordar todas as manhãs e dava saúde a ele e à família; desejava-me coisas boas, aconselhava-me a agradecer a Deus e mandava saudações a toda a minha família. Mas, naquele dia, ele estava muito triste. Tentei aconselhá-lo que se perdesse a vida deixaria os filhos para dona María cuidar sozinha, que ele tinha que pensar nela, mas ele disse que ao menos ele não sentiria o que sentia. Dona María riu e parecia estar forte.

Neste dia fiquei com um currículo dele e de dona María e me propus a enviar a uma empresa de frigorífico em uma cidade próxima. Mas, antes que fizesse isso, pouco tempo depois, dona María me disse em uma mensagem que Joseph havia encontrado trabalho em uma fábrica de sapatos há uma semana e ao que parece ainda está a trabalhar. Isto foi um alívio para todos nós. Refletindo sobre essa angústia dele, pensei que antes da vinda da família, quando ficava desempregado, mas não via os filhos e a mulher, a dimensão das dificuldades era outra, mas agora, vendo seus filhos perto, ele sentia diretamente a responsabilidade de conseguir um emprego.

Depois de conversar com o primo de Guadalupe, Joseph parecia determinado a ir para a ilha também. Mostrei no Google Maps a localização de Guadalupe, que era mais próxima ao Haiti, que se ele deixasse a família em São José do Rio Preto estaria mais longe deles. Mas ele disse que se lá havia emprego que ele iria. Perguntei por que ele não pensava em ir para o Chile. Segundo ele, no Chile, também não estava fácil conseguir emprego, que os haitianos que foram

¹⁸ Nesta pesquisa não entramos em contato com o pastor mencionado. Colocamos em espera esta análise sobre a relação das igrejas com a migração, pois como dissemos, no início da pesquisa encontramos significativa resistência em obter informações sobre a participação das igrejas, especialmente católicas, na acolhida destes imigrantes. A pesquisa seguiu por outros caminhos, e já no final da pesquisa ficamos sabendo sobre este pastor haitiano. No entanto, esta pode ser uma questão para ser abordada em outros estudos, assim como consideramos importante um estudo voltado para as relações entre imigrantes nestes bairros onde atualmente se concentram na cidade de São José do Rio Preto.

para o Chile também estavam passando dificuldade¹⁹. Perguntei, então, se não seria melhor tentar conseguir emprego em São José do Rio Preto mesmo, que o momento econômico do Brasil não era bom, mas que a cidade ainda tinha opções de emprego. Ele disse que estava há meses desempregado e que o trabalho era mal remunerado, ele precisava de um emprego que ganhasse mais dinheiro pois tinha que enviar para a família no Haiti. Diante de sua fala, não pude argumentar, ele estava há seis meses desempregado e a situação era realmente complicada. Dias depois, em uma mensagem de voz, me pediu um favor, que eu visse o que era necessário para ele ir para Guadalupe. Confesso que não vi, porque achava mais complicado ele ir para Guadalupe do que encontrar emprego na cidade. Por sorte, conseguiu emprego e por hora não falou mais em se mudar.

A impressão que tive é de que tanto eu como dona María temos resistência em nos mudar. Dona María só se mudou porque a vida na Venezuela se tornou insustentável e o marido já residia no Brasil. Embora Joseph tenha permanecido cerca de trinta anos na Venezuela, ele falava em se mudar de país como se fala em ir à cidade vizinha fazer compras. Eu falei: - Joseph, Guadalupe está longe! E ele me disse: - de avião não tem distância, nada é longe. Argumentei que o custo da passagem de avião era alto. Ele contra argumentou que dinheiro não era problema, que ele não tinha dó de gastar dinheiro, que tendo dinheiro ele comprava a passagem. E eu disse: - Joseph, o difícil é ter dinheiro. Dona María sorriu.

Essas conversas nos levaram a pensar que a rede de contatos que ele tem, outros haitianos da família com quem ele conversa, é muito móvel, as pessoas sempre estão indo ou vindo de algum lugar. Joseph não pensa em ficar em um lugar, criar os filhos, ver os netos nascerem, permanecer em um lugar onde sua família possa se fixar e estar próxima. Sua família pode crescer, mas isso não é uma condição para ele se fixar. Neste sentido que penso que o conceito de “transmigrante” de Schiller (2001, p. 94) ainda explica a migração haitiana. A experiência de participar de uma sociedade transnacional também marca sua identidade pessoal e sua identificação com outros haitianos que vivem fora do Haiti, ou seja, participam de redes sociais e familiares que estão sempre se movimentando num eterno fixar-se fora do Haiti. As famílias haitianas são marcadas pela migração. No fundo, Joseph está em busca de um lugar para se fixar, mas logo pensará em outras opções de lugares. Este “fixar” está cada vez mais distante.

Quando estava trabalhando por dia, nos contou que deixou de ir a este trabalho porque

¹⁹ Em entrevista o funcionário do departamento de estrangeiros nos relatou que começou a receber novos pedidos de solicitação de refúgio de haitianos que estavam na cidade e foram para o Chile, mas que devido a situação econômica ruim no país recentemente, retornavam para o Brasil, para São José do Rio Preto.

lhe pagavam oitenta reais o dia, mas não recebia dinheiro para passagem nem para alimentação. Achou injusto descontar dos oitenta reais do dia de trabalho porque o trabalho era pesado. Depois foi trabalhar com um homem que uma amiga da mulher do amigo da família (o médico) indicou. O trabalho era para fazer limpeza de ar condicionado. Disse que o trabalho não era difícil nem pesado, mas lhe pagavam cinquenta reais o dia. Ficou triste porque saiu do outro trabalho a oitenta reais e neste ganharia apenas cinquenta e não receberia o valor da passagem de ônibus nem alimentação. Conversou com o homem para quem trabalhava que achava pouco o valor; este, então, disse que não poderia pagar a passagem e a alimentação, mas aumentaria o valor para sessenta reais o dia. Joseph disse que não deixaria o trabalho porque foi sua amiga que indicou, mas que estava insatisfeito porque no início seria para trabalhar todos os dias, mas que na verdade o homem só o chamava cerca de duas vezes na semana, o que lhe dava um ganho de apenas cento e vinte reais na semana.

Este trabalho informal que nos contou Joseph é o trabalho que milhares de brasileiros fazem e não é justo que recebam tão pouco, mas é a realidade do mercado de trabalho brasileiro. No fundo, o Brasil não é um país que oferece boas remunerações, não é um país desenvolvido e os imigrantes acabam partilhando da condição de vida da maior parte dos brasileiros, situação agravada com a necessidade de enviar dinheiro para os familiares no país de origem. Esta não é uma justificativa para não receber imigrantes. A migração no mundo não é um fenômeno que pode ser evitado na contemporaneidade. Mas a migração contribui para mostrar as fragilidades que temos, contra as quais é necessário tomar providências.

Dona María também está em busca de emprego e, atualmente, em agosto de 2018, conseguiu um trabalho de dois meses para cuidar de uma senhora que fez uma cirurgia. Ela fez, no início do ano, um curso de cuidador de idosos no Sebrae. Dona María tem muita vontade de continuar os estudos, mas no momento está empenhada em conseguir dinheiro para trazer seus sobrinhos ao Brasil. Ela acha que, por serem jovens, conseguiriam emprego mais rapidamente e assim poderão enviar para a mãe deles, irmã de dona María e a avó, que estão na Venezuela. Na última vez que fomos à polícia federal, em abril de 2018, ela queria saber se para vir ao Brasil precisava de passaporte. Sua amiga que mora em Brasília queria trazer a filha, mas o governo venezuelano não estava liberando passaportes. Se pudesse entrar no Brasil apenas com o documento de identidade, facilitaria para a filha da amiga e futuramente para seus sobrinhos, caso conseguisse dinheiro para a viagem. Confirmamos com o funcionário do departamento de estrangeiros que, pela nova lei, não era necessário o passaporte. No entanto, acompanhamos os acontecimentos do mês de agosto em Roraima, que há tentativas do governo do estado em barrar a migração, exigindo o passaporte para a entrada na fronteira. Se o governo venezuelano não

libera passaportes e o país vive um momento de instabilidade institucional, sem a possibilidade de os migrantes cruzarem a fronteira sem o passaporte, estaremos condenando essas pessoas a aceitar sua degradação, estamos indo contra o direito de migrar e contra o direito de defender sua própria vida.

Dona María nos disse que, mesmo quando conseguia dinheiro para enviar para a mãe, era quase insignificante a quantia depois de convertida em bolívares. Disse que se enviava cem reais, se convertia em oito mil bolívares e que apenas um pouco de arroz estava custando trezentos mil bolívares. Além disso, sua preocupação era grande quanto à mãe. Sua saúde estava agravada, andava de andador e não aguentaria uma viagem para imigrar. Ela é hipertensa e estava sem tomar a medicação, losartana, por não ter dinheiro para comprar. Sua vida estava em risco e dona María não sabia o que podia fazer. Eu disse que no Brasil a medicação para hipertensão era de distribuição gratuita nas Unidades Básicas de Saúde e nas farmácias populares, mas que isso era possível apenas com receita médica. Então, ela queria saber se não poderia conseguir a medicação aqui e enviar pelo correio para a mãe, começou a formular meios para conseguir, o que provavelmente não foi possível.

4.9 Conclusão.

Nossa pesquisa se passou nestas idas aos órgãos públicos, ligações e arranjos de documentações. Entre este tempo, conversávamos sobre as dúvidas, necessidades e como estava a família deles. Não conseguimos saber nesta pesquisa como os próprios imigrantes se organizam e passam as informações entre si sobre suas necessidades. Mas, através da oportunidade de acompanhar a família nos processos de documentação, não apenas da documentação na polícia federal, mas destas relações legais que se estabelece com as instituições públicas que tornam a vida na cidade efetiva: a escola, o transporte, a carteira de trabalho, o CPF, a moradia, o trabalho.

Quanto à perspectiva do estrangeiro, caso não houvesse alguém para mediar as informações, talvez tivesse gerado maiores dúvidas no processo. Joseph e María, muitas vezes, me pediam para ligar nos órgãos públicos porque não tinham como ligar e caso eu não pudesse ligar teriam que se locomover na cidade e não tinham dinheiro para ir de ônibus, teriam que se locomover a pé, o que de fato ocorreu muitas vezes. Ou ainda pediam para eu ligar por não acharem que entenderiam o que eles iriam falar. O caso de nossa ida ao Poupatempo, por exemplo, para cadastrar a bebê de Loudie para uma vaga nas creches da cidade é exemplo desta dificuldade de comunicação; apesar de ter ido pela primeira vez com um haitiano, ela achou

que o atendente não tinha entendido o que eles diziam e não teria realizado o cadastro.

Parece claro que as instituições não estavam preparadas para receber imigrantes antes da lei de migração e continua não estando após a aprovação desta lei, pelo fato de não haver uma política para a migração. Embora todos os agentes públicos com quem falamos estivessem interessados em atender e resolver a questão prática da legalidade da família de imigrantes e apesar de a lei de refúgio ser anterior à lei de migração em vinte anos, não havia uma clareza do procedimento a ser seguido. Há que se considerar que refugiados no Brasil e refugiados no interior do Brasil é algo recente, mas o país não pode pretender ser aberto à migração sem que haja uma política para receber os imigrantes.

Estamos sempre pensando em resolver os problemas e nunca em antecipá-los. Quanto, por exemplo, à língua, o que se tem conhecimento é de que foi em uma igreja, em 2014, que se prontificou em oferecer aulas de língua portuguesa no bairro onde chegaram os imigrantes. Depois, em 2015, a iniciativa maior passou a ser de uma instituição religiosa. Em 2017, com a falência – econômica – desta instituição, o projeto de alfabetização foi incorporado pelo município em uma escola municipal e, em 2018, segundo dados da Diretoria de Ensino, o ensino de português aos estrangeiros foi repassado para uma universidade pública da cidade, a UNESP.

Não existe uma política para oferecer tal serviço ao imigrante a nível federal, estadual ou municipal. O imigrante, dependendo da situação em que ele migra, não consegue se organizar a ponto de criar uma demanda para o aprendizado da língua. E não vemos isso como algo que o Estado possa oferecer, vemos como de inteira responsabilidade do imigrante. O receber imigrantes de países colonizados por não portugueses pode contribuir tanto para pensarmos em sistematizar o ensino da língua portuguesa a estrangeiros quanto para dinamizar o nosso aprendizado de outras línguas. Este não é um problema que surge com o estrangeiro, mas a situação do estrangeiro evidencia nossa forma de lidar com os problemas. Isto não se deve ao fato de não vermos o estrangeiro como um nacional, mas ao fato de não vermos nem o estrangeiro nem o nacional como cidadão.

Se algumas situações de dualidade entre nacionais e estrangeiros chegam ao extremo na força ou em palavras de ódio, como ocorreu com haitianos e como está ocorrendo com venezuelanos, não se trata apenas de uma aversão ao estrangeiro, mas ao fato de se ver ameaçados o acesso às necessidades básicas. Se há instituições de um lado, por outro, elas vêm sendo esvaziadas do que lhe dá legitimidade, ou seja, os meios pelos quais ela pode efetivamente desenvolver os fins para o qual existem. O estrangeiro não é menos atendido por ser estrangeiro, os agentes públicos buscam meios de atendê-los, mas não está muito além do que pode oferecer a qualquer outro que dependa de atendimento. No entanto, se o estrangeiro

não é menos atendido por ser estrangeiro, ele é facilmente identificado por carregar marcas da diferença em seu próprio ser, seja pela língua, seja pela feição, seja pelos seus costumes. O estrangeiro evidencia os nossos problemas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final desta tese consideramos que os dados construídos e as interpretações realizadas foram importantes para a compreensão de como é a vida destes imigrantes no momento posterior a migração. Apesar de cada dado ser em si objeto para sua própria investigação, esta tese precisou ao longo de sua construção da compreensão da migração na contemporaneidade, das suas dimensões econômica, política, social e cultural, do lugar que o Brasil ocupa neste contexto migratório, da percepção que os brasileiros constroem sobre a migração haitiana, a relação que se estabelece entre migrante haitiano e o negro no Brasil, da relação do migrante com os órgãos públicos, das dificuldades de uma ausência de política migratória, e do contexto da vida familiar em enfrentar os desafios de se viver em outro país. Tudo isso demonstra o quão complexa é a questão da migração na contemporaneidade. Neste momento, convém enfatizar algumas reflexões e destacar algumas ausências que se colocam no limite desta pesquisa.

Em primeiro lugar, é importante colocar em relevo que a migração no contexto de globalização não é uma decisão individual. Migrar é uma escolha apenas nos limites de algumas possibilidades. Pode-se escolher ir “aqui” ou “ali”, mas apenas um grupo muito restrito pode ir até “lá”. De outro lado, se há imigrantes é porque, para estas pessoas, em algum momento, não foi mais possível adiar a decisão de partir do seu lugar de origem. Conforme vimos com Sassen (2010), as cidades globais interconectadas com diversas outras cidades colocam em movimento capitais, matérias-primas e pessoas. Não se trata de uma lógica binária entre fatores de atração e fatores de expulsão, mas de uma mobilização total e global de pessoas através destas redes de cidades. E é devido a este novo contexto histórico e social que a globalização nos impõe o que os autores mencionados nesta tese propõem: a superação de um nacionalismo metodológico. Sassen (2010; 2016), Beck (2005; 2011), Brown (2006), Glick-Schiller e Çağlar (2011), Glick-Schiller e Fouron (2001) e Baeninger (2016) evidenciam em suas pesquisas que, enquanto nossas construções teóricas e conceituais permanecerem embasadas num nacionalismo metodológico, continuaremos a fazer políticas para migrações internacionais baseadas na ideia de:

Assimilação dos imigrantes na sociedade receptora, [e] no controle dessa população no Estado-nação. Esse contingente [de imigrantes] somente passará a ter direitos à medida que se “integrar”, se “assimilar” à sociedade de destino. Tais políticas seguem estatutos de legalização e proteção jurídica a estrangeiros, concedendo, quando assim o fazem, direitos restritos (BAENINGER, 2016, p. 29)

Nesse sentido, sobre o problema em questão, impõe-se, como pensa Beck, a necessidade de uma virada cosmopolita (BECK, 2005) para pensar os problemas surgidos com a “cosmopolitização real” a partir de uma concepção que relacione o local, o global e o nacional em suas várias dimensões política, econômica, jurídica, social e cultural (SASSEN, 2010). Afinal, é preciso lembrar que quando empresas, governos ou redes de tráfico mobilizam fluxos migratórios, eles não estão colocando em movimento “migrantes”, mas trabalhadores potenciais. Portanto, quando muitas vezes essas mesmas empresas, governos e redes de tráfico fazem com que estes migrantes pareçam “indesejados”, e sua recepção quando muito é feita pela aparência de ajuda humanitária, na verdade estão movendo trabalhadores conforme seus interesses; seja para suprir carência de mão de obra em determinados setores; seja para fazer baixar o valor real do salário pago; seja para aumentar o valor das remessas enviadas ao país de origem; seja por ocasionalmente serem pessoas que morem em áreas estratégicas, como em territórios ricos em minérios e água e, por esses motivos serem indesejados nestes lugares; seja por serem pessoas que morem em lugares mais propícios aos abalos climáticos e ambientais intensificados pela industrialização e exploração predatória dos recursos naturais. Dessa maneira, o que se percebe é que a complexidade das redes de relações das sociedades globalizadas coloca todas essas pessoas em movimento e nenhuma política migratória que desconsidere essa complexidade pode dar conta de pensar a migração nas sociedades contemporâneas.

É dentro desta perspectiva de pensar a migração no contexto global que nossa pesquisa sobre a migração haitiana para o Brasil se insere. Tanto no seu motivo de origem, o terremoto, a Minustah, a ocupação militar americana, as ditaduras, o empobrecimento da classe média haitiana; quanto na sua forma de recepção pelo Brasil, a imposição de um contexto de “crise emergencial”, a negação de uma migração negra, as dificuldades encontradas pelos imigrantes para entender os processos de documentação em diversas instituições públicas necessárias para satisfação de suas necessidades iniciais no lugar de destino. É preciso um esforço público-institucional para pensar as políticas migratórias no contexto de globalização através do entendimento de que as esferas do local, nacional e global se contraem no âmbito da cidade e se expandem nas rotas migratórias através das transformações político-econômicas globais.

A segunda reflexão que gostaríamos de enfatizar está relacionada com uma tendência observada nos últimos anos nas pesquisas sobre migração e conforme os dados disponibilizados pela ACNUR. De acordo com o Relatório Tendências Globais: deslocamentos forçados 2017, 85% dos deslocados no mundo vão para regiões em desenvolvimento, ou seja, mesmo almejando ir para os países desenvolvidos, apenas uma pequena parte dos deslocados

(refugiados, solicitantes de refúgio, apátridas, retornados e deslocados internos) consegue chegar e permanecer nos países centrais.

Com efeito, é provável que, nos próximos anos, o Brasil receba mais solicitantes de refúgio e imigrantes provenientes de países do Sul Global. Ou seja, não se trata apenas de um fluxo localizado de imigração haitiana ou venezuelana, mas que outras rotas migratórias sejam direcionadas para o Brasil ou realimentadas. Assim, pensar a migração para o Brasil não só é importante como também é urgente. Pois, além das questões legais, as quais foram especialmente tratadas neste trabalho, como a necessidade de ampliação e o aperfeiçoamento de políticas para migrantes nos municípios brasileiros, há outras especificidades que são geradas pelo fluxo migratório e que podem, inclusive, vir a se tornar institucionalizadas. Trata-se, por exemplo, do ensino do português para estrangeiros, uma vez que a pesquisa deixou claro o quanto esse aspecto é um problema real. É difícil falar sobre o ensino de português para estrangeiros, quando sabemos que o país ainda não conseguiu pôr fim ao analfabetismo, mas por isso mesmo uma demanda gerada pelos estrangeiros pode dar fôlego a criação de cursos de português nas instituições brasileiras, seja nas universidades ou nas escolas públicas. Além disso, os imigrantes também podem contribuir com o ensino de uma segunda língua aos brasileiros, uma vez que aprender outra língua ainda está restrito a uma pequena parcela da população em nosso país. Ou seja, podemos olhar a imigração na diversidade do potencial que estes sujeitos migrantes têm para contribuir e não os excluir e os restringir.

Por último, se faz necessário enfatizar um problema que atravessa os séculos no Brasil: a forma como tratamos o negro e a forma como encaramos o racismo. Não foi nosso objetivo nesta tese dar conta da questão racial no Brasil ou da questão da migração negra na contemporaneidade. Mas a questão do negro e do racismo emergiu ao passo que a imigração haitiana fervilhou dentro deste caldeirão que ora emerge em ebulição e ora o impomos a ficar adormecido. Tivemos vários acontecimentos que se tornaram de conhecimento público sobre a extrema brutalidade para com o imigrante haitiano. Por exemplo, o caso em que seis haitianos foram atingidos com tiros de chumbinho na região central de São Paulo (G1, 2015b). Ou o vídeo em que um homem humilha um haitiano que trabalhava como frentista em um posto de gasolina (TRUDA, 2015). E ainda o caso em que adolescentes mataram com golpes de faca um haitiano em Santa Catarina (G1, 2015a).

Estes casos foram tratados em muitos momentos como xenofobia e apenas algumas vezes foram associados com o racismo. Na análise dos comentários a reportagens que fizemos nesta tese pudemos observar que havia uma resistência em se dizer racista, mas se atenuava o teor do que se tinha escrito se justificando como preconceituoso. Estas situações demonstram o

quão complexa e não resolvida é a questão do tratamento ao negro no Brasil. E, novamente, gostaria de enfatizar que a migração não cria estes problemas, mas os expõe. A imigração negra não traz pobreza e conflitos ao Brasil, mas é a forma como os brasileiros e as instituições brasileiras tratam os negros e os pobres no Brasil que ampliam essas tensões e estes conflitos.

Feitas essas ressalvas sobre algumas das questões que consideramos importantes nesta tese, queremos também evidenciar lacunas que ficaram ao longo da pesquisa e que tivemos uma melhor visão quando chegamos ao final. São lacunas que emergem de indagações que surgiram, mas que não foi possível dar conta no todo da pesquisa. Ao longo da pesquisa, buscamos preencher as lacunas que se faziam ao abordar as diferentes perspectivas de análise e de dados. No entanto, com o próprio fazer refletir emergem novas indagações que, por diversos motivos, não foram contempladas no texto.

A primeira ausência que gostaríamos de destacar é não poder dar ao leitor uma visão clara se há uma comunidade haitiana em São José do Rio Preto. Nossa pesquisa se situou no limite da investigação sobre as ações realizadas pelos migrantes nos primeiros meses de sua chegada à cidade. O fato de a pesquisadora estar envolvida nestas ações que permeiam a realidade do migrante influenciaram o desenvolvimento destas ações. Então, migrantes haitianos que não tinham a ajuda de um brasileiro podem ter tido outro delineamento do percurso de suas ações. Mas é possível dizer que as necessidades dos migrantes abordadas nesta pesquisa podem ser estendidas a outros imigrantes, haitianos e venezuelanos e que as ações empenhadas por estes diversos imigrantes tiveram finalidades semelhantes: a documentação, a localização na cidade, os filhos, os direitos sociais, a busca pelo trabalho, enfim, os meios para refazer uma rotina no lugar de destino. A compreensão da real dimensão do relacionamento entre haitianos na cidade de São José do Rio Preto pode ser realizada a partir do desencadeamento de outras pesquisas que busquem dar conta de mapear esta dimensão e delinear estas relações na perspectiva do bairro ou de lugares de trabalho ou até mesmo dos encontros no terminal urbano da cidade. No entanto não foi possível fazer isso nesta tese por não se acharem no mesmo momento a questão central, como os imigrantes haitianos se estabelecem na cidade, com o sujeito da pesquisa, a família imigrante.

A segunda ausência é em relação à literatura. Nossas leituras buscaram inter-relacionar a literatura conforme nossas indagações surgiam. Mas há que se considerar que existe uma grande variedade de estudos e pesquisas em se tratando do tema migração e globalização. Especialmente sobre a imigração haitiana no Brasil, gostaria de destacar que, desde 2010, vários grupos de pesquisa em universidades, instituições públicas e privadas, e ONGs se dedicaram a estudar este fenômeno. No decorrer desta pesquisa, vários trabalhos foram publicados sobre

diferentes características desta migração e, na medida do possível, a leitura destes trabalhos contribuiu para o desenvolvimento desta pesquisa. Mas que, pelo volume de pesquisas, variedade de temas e o desenvolvimento da investigação, vários trabalhos publicados neste período não foram incorporados em nossas análises.

Por último, gostaria de mencionar uma terceira ausência que talvez o leitor se indague e que foi motivo de questionamento desde o início da pesquisa, que tangenciou nossa questão central e que, por necessitar de uma outra metodologia, não foi desenvolvida nesta tese. Mas a partir das nossas últimas impressões a campo e da informação do funcionário do departamento de estrangeiros sobre a vinda dos filhos dos imigrantes haitianos no período recente, poderá se tornar um tema de investigação relevante para pesquisas futuras: trata-se da experiência das crianças migrantes nas escolas brasileiras. Não abordamos a experiência dos filhos de Joseph e Maria no Brasil, na escola. Nos encontros com os pais, esporadicamente conversávamos com os filhos, mas não desenvolvemos uma metodologia para investigar suas concepções sobre a experiência de migração que estavam vivendo.

No entanto, várias questões ficaram latentes no decorrer da pesquisa. Como os órgãos públicos podem orientar os pais sobre os procedimentos de matrícula dos filhos nas escolas? Como as cidades irão lidar com a defasagem idade-série de alunos imigrantes haitianos? Como os alunos imigrantes e não imigrantes interagem no ambiente escolar? Como os pais projetam nos filhos uma possibilidade de mediação com a sociedade de destino? Como os filhos irão desenvolver formas de auxiliar os pais no entendimento da cidade? Enfim, se a imigração haitiana na cidade de São José do Rio Preto caminha para uma tendência de reunião familiar, da vinda dos cônjuges e dos filhos, as questões referentes a uma geração jovem de imigrantes haitianos no Brasil e de brasileiros filhos de pais haitianos podem vir a se tornar objeto de pesquisa para a compreensão da migração haitiana e podemos vir a indagar sobre o surgimento de um “nacionalismo de longa-distância” (GLICK-SCHILLER; FOURON, 2001) de imigrantes haitianos no Brasil.

Por fim, a migração e suas dimensões foram temas de interesse nesta tese por serem um fenômeno imprescindível de ser pensado nas sociedades contemporâneas, mas também porque a migração cria um sujeito migrante que sofre, mas que é obrigado a criar em si uma resistência e uma potência capaz de reconstruir. O migrante reconstrói a sua vida, sua nação e a nação a qual ele migra, e a sua cultura.

REFERÊNCIAS

ACIOLY, L.; CINTRA, M. A. M. (org.). A presença brasileira nas Operações de Paz das Nações Unidas. In: ACIOLY, L.; CINTRA, M. A. M. *Inserção internacional brasileira: temas de política externa* / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Brasília, DF: Ipea, 2010. v. 1, p. 407-439. (Série Eixos Estratégicos do Desenvolvimento Brasileiro, v. 1. Inserção Internacional Brasileira Soberana, livro 3).

ANTONELLE, L. *Imigrantes e refugiados têm acesso garantido na UFSM*. Santa Maria, 03 fev. 2017. Disponível em: <http://coral.ufsm.br/midia/?p=37344>. Acesso em: 03 dez. 2018.

AZEVEDO, C. M. M. de. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites: século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

BAENINGER, R. Migração transnacional: elementos teóricos para o debate. In: BAENINGER, R. et al. (org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 13-43.

BECK, U. *La mirada cosmopolita o la guerra es la paz*. Barcelona: Paidós, 2015.

BECK, U. *Sociedade de risco: rumo a uma outra modernidade*. São Paulo: Editora 34, 2013.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. *Resolução Normativa nº 27, de 25 de novembro de 1998*. Disciplina a avaliação de situações especiais e casos omissos pelo Conselho Nacional de Imigração. [Brasília, DF]: Conselho Nacional de Imigração, 18 dez. 1998. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/Estrangeiros/tmp/Resolu%C3%A7%C3%B5es%20Normativas%20do%20Conselho%20Nacional%20de%20Imigra%C3%A7%C3%A3o/Resolu%C3%A7%C3%A3o%20Normativa%20n%C2%BA%2027.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. *Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012*. Dispõe sobre a concessão do visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, a nacionais do Haiti. [Brasília, DF], [13 jan. 2012].

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. *Resolução Normativa nº 123, de 13 de setembro de 2016*. Prorroga a vigência da Resolução Normativa nº 97, de 12 de janeiro de 2012. [Brasília, DF], 23 dez. 2016. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/mais-informacoes/cni/2016-02-16-20-30-45/itemlist/category/632-cnig-resolucoes-normativas>. Acesso em: 27 jun. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Imigração. *Resolução Recomendada nº 8, de 19 de dezembro de 2006*. Dispõe sobre pedidos de refúgio apresentados ao Comitê Nacional para os Refugiados - CONARE, que a critério deste, possam ser analisados pelo Conselho Nacional de Imigração - CNIG como situações especiais. [Brasília, DF], [21 dez. 2006].

BRASIL. Decreto nº 50.215, de 28 de janeiro de 1961. Promulga a Convenção relativa ao Estatuto dos Refugiados, concluída em Genebra, em 28 de julho de 1951. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 838, 30 jan. 1961. DOFC de 30/01/1961. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50215-28-janeiro-1961-389887-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 26 jan. 2019.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Brasil*: São Paulo: São José do Rio Preto. [Rio de Janeiro], Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, [201?]a. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=354980&search=sao-paulo|sao-jose-do-rio-preto>. Acesso em: 26 out. 2018.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. (Estudos e Análises: Informação demográfica e socioeconômica, n. 1).

BRASIL. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. *A Inserção Internacional da Economia Brasileira – 1960-2000. Texto para discussão: o Brasil em 4 décadas*, Rio de Janeiro, n. 1500, p. 9-6, set. 2010a.

BRASIL. Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980. Define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, cria o Conselho Nacional de Imigração. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 16534, 21 ago. 1980. [PLN 9/1980]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6815impresao.htm. Acesso em: 26 jan. 2019

BRASIL. Lei nº 9.474, de 22 de julho de 1997. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 15822, 22 jul. 1997. [PL 1936/1996]. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1997/lei-9474-22-julho-1997-365390-publicacaooriginal-1-pl.html>. Acesso em: 26 jan. 2019.

BRASIL. Lei nº 13.445, de 24 de maio de 2017. Institui a Lei de Migração. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, ano 154, n. 99, p. 1, 25 maio 2017. Disponível em: <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?data=25/05/2017&jornal=1&pagina=1&totalArquivos=304>. Acesso em: 21 set. 2017.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Secretaria Especial do Desenvolvimento Social. *Cadastro único: o que é e para que serve*. Brasília, DF: Ministério da Cidadania, 2 jul. 2015. Disponível em: <http://mds.gov.br/assuntos/cadastro-unico/o-que-e-e-para-que-serve>. Acesso em: 12 nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Defesa. *O Brasil na MINUSTAH (Haiti)*. Brasília, DF: Ministério da Defesa, [201?]b. Disponível em: <http://www.defesa.gov.br/relacoes-internacionais/missoes-de-paz/o-brasil-na-minustah-haiti>. Acesso em: 18 out. 2018.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti*. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, [201?]c. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt-BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/142-minustah>. Acesso em: 17 out. 2018.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Reforma do Conselho de Segurança das Nações Unidas*. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, [201?]d. Disponível em: <http://csnu.itamaraty.gov.br/>. Acesso em: 28 jan. 2017.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *Refugiados e CONARE*. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, [201?]e. Disponível em: <http://www.itamaraty.gov.br/pt->

BR/politica-externa/paz-e-seguranca-internacionais/153-refugiados-e-o-conare. Acesso em: 12 nov. 2018.

BRASIL. Ministério das Relações Exteriores. *República do Haiti*. Brasília, DF: Ministério das Relações Exteriores, [201?]f. Disponível em: http://www.itamaraty.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=5221&Itemid=478&cod_pais=HTI&tipo=ficha_pais. Acesso em: 17 abr. 2017.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Conselho Nacional de Imigração. *Base estatística - CNIg*. [Brasília, DF]: Ministério do Trabalho, 2013. Pdf.

BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. *Perfil migratório do Brasil 2009*. Organização Internacional para as Migrações (OIM): Geneva, Suíça, 2010.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Observatório das Migrações Internacionais. *Relatório Anual 2017: a inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Brasília, DF: Ministério do Trabalho, 12 dez. 2017. Disponível em: <http://obmigra.mte.gov.br/index.php/relatorio-anual>. Acesso em: 20 out. 2018.

BRASIL. Ministério do Trabalho. *Resoluções Normativas*. Brasília, DF: Ministério do Trabalho, [201?]g. Disponível em: <http://trabalho.gov.br/mais-informacoes/cni/2016-02-16-20-30-45/itemlist/category/632-cnig-resolucoes-normativas>. Acesso em: 27 jun. 2017.

BRASIL. Senado Federal. *PEC 25/2012: proposta de emenda à Constituição nº 25, de 2012*. Brasília, DF: Senado Federal, [201?]h. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/ecidania/visualizacaomateria?id=105568>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BRASIL. Senado Federal. *Proposta de Emenda à Constituição nº 25, de 2012*. Brasília, DF: Senado Federal, [201?]i. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/105568/pdf>. Acesso em: 01 nov. 2018.

BROWN, W. *Regulating aversion: tolerance in the age of identity and empire*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2006.

BROWN, W. *Wallet states, waning sovereignty*. Nova York: Zone Books, 2014.

CAJOU, P. P. *O processo de democratização no Haiti e suas limitações*. 2013. *Dissertação* (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

CAMPOS, A. G. Bem-estar social nos anos 1990 e 2000: traços estilizados da história brasileira. In: *Texto para Discussão*, Rio de Janeiro: Ipea, n. 2025, jan. 2015

CAPES. Ministério da Educação. *Programa Emergencial em Educação Superior Pró-Haiti*. Brasília, DF: Fundação CAPES: Ministério da Educação, 06 jun. 2011. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/haiti/pro-haiti>. Acesso em: 03 dez. 2018.

CAPES. Ministério da Educação. Programa de Estudantes – Convênio de Pós-Graduação

(PEC PG). Brasília, DF: Fundação CAPES: Ministério da Educação, 04 set. 2008. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/multinacional/pec-pg>. Acesso em: 15 nov. 2018.

CÁRITAS BRASILEIRA. *Trabalho da Cáritas Arquidiocesana de São Paulo com refugiados é homenageado*. Brasília, DF, 29 nov. 2013. Disponível em: <http://caritas.org.br/trabalho-da-caritas-arquidiocesana-de-sao-paulo-com-refugiados-e-homenageado/23642>. Acesso em: 29 out. 2018.

CARVALHO, C. *Acre sofre com invasão de imigrantes do Haiti: sobe para 1.400 o número de haitianos em Brasileira: maioria é de profissionais qualificados*. [Rio de Janeiro], 01 jan. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/acre-sofre-com-invasao-de-imigrantes-do-haiti-3549381>. Acesso em: 03 dez. 2018.

Cavalcanti, L; Oliveira, T.; Macedo, M., Migrações e Mercado de Trabalho no Brasil. *Relatório Anual 2018*. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília, DF: OBMigra, 2018. Disponível em: https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/dados_anuais/RELATORIO_ANUAL_2018.pdf. Acesso em: 10 maio. 2019.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 2: morar, cozinhar*. 12. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

COGO, D. M.; SOUZA, M. B. *Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores – Migrantes no Brasil*. Bellaterra: Instituto Humanitas Unisinos; Instituto de la Comunicación de la UAB, 2013.

COSTA, S. *Dois Atlânticos: teoria social, anti-racismo, cosmopolitismo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

COUTO, K. Do Caribe para a Amazônia: a migração fomentando a conexão entre duas regiões. In: SILVA, S. A.; ASSIS, G. O. *Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais*. Manaus: EDUA, 2016. p.153-180.

DAMÉ, L. *Brasil decide fechar as fronteiras aos haitianos*. [Rio de Janeiro], 10 jan. 2012. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/brasil-decide-fechar-as-fronteiras-aos-haitianos-3630521>. Acesso em: 03 dez. 2018.

ELIAS, N. *Escritos e ensaios: 1: estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

FERNANDES, D.; MILESI, R.; FARIAS, A. *Do Haiti para o Brasil: o novo fluxo migratório*. Brasília, DF, 20 jan. 2014. Disponível em: http://www.migrante.org.br/migrante/index.php?option=com_content&view=article&id=214:do-haiti-para-o-brasil-o-novo-fluxo-migratorio&catid=89&Itemid=1210. Acesso em: 04 ago. 2015.

FERNANDES, F. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Global, 2007.

FIRJAN. *Índice Firjan de desenvolvimento municipal (IFDM)*. São José do Rio Preto, 2014. Disponível em: <http://www.firjan.com.br/ifdm/consulta-ao-indice/ifdm-indice-firjan-de-desenvolvimento-municipal-resultado.htm?UF=SP&IdCidade=354980&Indicador=1&Ano=2014>. Acesso em: 26 out. 2018.

FOOTE-WHYTE, W. *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

FUENTES, C. *O espelho enterrado*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

GALLI, C. *Espacios políticos: la edad moderna y la edad global: léxico de política*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

GEERTZ, C. Um jogo absorvente: notas sobre a briga de galos balinesa. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 185-213.

GEERTZ, C. Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. In: GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 3-21.

GERAQUE, E.; ROSATI, C. *Apesar de polêmica, governo do Acre manda mais haitianos para SP*. São Paulo, 26 abr. 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/04/1445933-apesar-de-polemica-governo-do-acre-manda-mais-haitianos-para-sp.shtml>. Acesso em: 29 out. 2018.

GIDDENS, A. *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GLICK-SCHILLER, N.; FOURON, G. Everywhere We Go, We Are in Danger: Ti Manno and the Emergence of a Haitian Transnational Identity. *American Ethnologist*, Washington, v. 17, n. 2, p. 329-347, May 1990. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/645083>. Acesso em: 02 maio 2014.

GLOBAL TRENDS FORCED DISPLACEMENT 2017. Geneva, Switzerland: UNHCR, c2018. Disponível em: http://www.unhcr.org/5b27be547#_ga=2.55942571.1874160546.1539443477-1998854949.1539443477. Acesso em: 13 out. 2018.

(GRID) GLOBAL REPORT ON INTERNAL DISPLACEMENT. Geneva, Switzerland: IDMC, 2018. Disponível em: <http://www.internal-displacement.org/global-report/grid2018/downloads/2018-GRID.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

G1. *'Diziam: voltem para a terra de vocês', conta mulher de haitiano morto em SC: polícia apura crime de ódio; 2 adolescentes suspeitos foram ouvidos: viúva diz que grupo atacou homem com PA, facas e objetos de marcenaria*. Santa Catarina, 20 out. 2015a. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/10/diziam-voltem-para-terra-de-voces-counta-mulher-de-haitiano-morto-em-sc.html>. Acesso em: 15 dez. 2018.

G1. *Federal de Pelotas faz vestibular para refugiados senegaleses: são 18 vagas para 8 cursos: inscrições gratuitas até terça-feira (20)*. Rio Grande do Sul, 16 mar. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/federal-de-pelotas-faz-vestibular-para->

refugiados-senegaleses.ghtml. Acesso em: 03 dez. 2018.

G1. *Haitianos são alvo de ataque no centro de São Paulo*: segundo a prefeitura, seis haitianos ficaram feridos; SSP confirma B.O: padre que abriga imigrantes diz que tiros eram de chumbinho. São Paulo, 08 ago. 2015b. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2015/08/haitianos-sao-alvo-de-ataque-no-centro-de-sao-paulo.html>. Acesso em: 15 dez. 2018.

G1. *Universidade de SC oferece vestibular com cotas para haitianos*: são 39 imigrantes do país que estudam no local desde 2014: instituição se depara com problema de adequação de documentação. Santa Catarina, 13 jan. 2015c. Disponível em: <http://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2015/01/universidade-de-sc-oferece-vestibular-com-cotas-para-haitianos.html>. Acesso em: 03 dez. 2018.

G1. *Voluntários de Rio Preto, SP, ensinam língua portuguesa para haitianos*: grupo de 80 haitianos se revezam para receber aulas de português: aprender língua é uma forma dos haitianos cultivarem a esperança. Rio Preto, 18 jan. 2015d. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/01/voluntarios-de-rio-preto-sp-ensinam-lingua-portuguesa-para-haitianos.html>. Acesso em: 05 nov. 2018.

HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HAMANN, E. P. (org.). *Brasil e Haiti: reflexões sobre os 10 anos da missão de paz e o futuro da cooperação após 2016*. Instituto Igarapé, Rio de Janeiro, n. 13, jan. 2015. Disponível em: http://igarape.org.br/wp-content/uploads/2015/04/AE-13_Brasil-e-Haiti.pdf. Acesso em: 17 ago. 2015.

HANDERSON, J. *Diaspora: sentidos sociais e mobilidades haitianas*. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n. 43, p. 51-78, jan./jun. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832015000100051&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 17 nov. 2018.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.

HIRST, M. Aspectos conceituais e práticos da atuação do Brasil em Cooperação Sul-Sul: os casos de Haiti, Bolívia e Guiné Bissau. In: *Texto para Discussão*. Rio de Janeiro: Ipea, n. 1687, jan. 2012.

HOBSBAWM, E. J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

KRAUSZ, L. S. Aharon appelfeld: mitteleuropa em língua hebraica. In: KIRSCHBAUM, S.; WALDMAN, B. *Ensaio sobre literatura israelense contemporânea*. São Paulo: Humanitas, 2011. p. 125-135.

KUME, H.; PIANI, G.; SOUZA, C. F. A política brasileira de importação no período 1987-98: descrição e avaliação. In: CORSEUIL, C. H.; KUME, H. (coord.). *A abertura comercial brasileira nos anos 1990: impactos sobre emprego e salário*. Rio de Janeiro: Ipea, 2003. p. 9-37.

LANZANA, A. E. T. O setor externo da economia brasileira. In: PINHO, D. B.; VASCONCELLOS, M. A. S. de (org.). *Manual de economia*: equipe de professores da USP. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006. p. 461-482.

MANNHEIM, K. On the interpretation of weltanschauung. In: MANNHEIM, K. *Essays on the sociology of Knowledge*. London: Routledge & Kegan Paul, 1952. p. 33-83.

MAURO, T. de. *Le parole per ferire*. 27 set. 2016. Disponível em: <https://www.internazionale.it/opinione/tullio-de-mauro/2016/09/27/razzismo-parole-ferire>. Acesso em: 18 out. 2018.

METZ, H. C. *Dominican Republic and Haiti: country studies*. 3th ed. th impression. Washington, DC: Federal Research Division: Library of Congress, 2001.

MEZZADRA, S.; NEILSON, B. *Border as method, or, the multiplication of labor*. Durham and London: Duke University Press, 2013.

MISSÃO PAZ. Casa do migrante. São Paulo. [201?]. Disponível em: <http://www.missaospaz.org/conteudo/casa-do-migrante/estrutura-e-convivencia>. Acesso em: 29 out. 2018.

Monbeig, P. *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Hucitec: Polis, 1984. (Coleção Geografia: teoria e realidade).

NETO, W. A. D.; BARROS, P. S. O Brasil emergente e a integração sul-americana. In: SOUZA, A. M.; MIRANDA, P. (ed.). *Brasil em desenvolvimento 2015: estado, planejamento e políticas públicas*. Brasília, DF: Ipea, 2015. p. 205-220.

O GLOBO. *Cameron promete deportar mais pessoas para acabar com 'enxame' de imigrantes*: porto de Calais teve mais uma noite de tensões, com centenas de clandestinos escoltados pela polícia francesa. 30 jun. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/cameron-promete-deportar-mais-pessoas-para-acabar-com-enxame-de-imigrantes-17014942>. Acesso em: 03 dez. 2018.

OLIVEIRA, G. C. de; WOLF, P. J. W. A dinâmica do investimento estrangeiro direto realizado pelos BRICs (1995-2013). In: *Texto para Discussão*: Brasília, DF: Ipea, n. 2242, out. 2016.

ONU BRASIL. Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados. *Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951)*. Adotada em 28 de julho de 1951 pela Conferência das Nações Unidas de Plenipotenciários sobre o Estatuto dos Refugiados e Apátridas, convocada pela Resolução n. 429 (V) da Assembleia Geral das Nações Unidas, de 14 de dezembro de 1950. Entrou em vigor em 22 de abril de 1954, de acordo com o artigo 43. Série Tratados da ONU, Nº 2545, Vol. 189, p. 137. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_relativa_ao_Estatuto_dos_Refugiados.pdf. Acesso em: 23 jan. 2019.

ONU BRASIL. *Ban pede desculpas pelo cólera no Haiti e anuncia novo plano de combate*: o secretário-geral da ONU, Ban Ki-moon, afirmou nesta quinta-feira (1) que as Nações Unidas lamentam profundamente a perda de vidas e o sofrimento causado pela epidemia de cólera no

Haiti, em depoimento na Assembleia Geral. 02 dez. 2016. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/ban-pede-desculpas-pelo-colera-no-haiti-e-anuncia-novo-plano-de-combate/>. Acesso em: 29 out. 2018.

ONU BRASIL. *População de migrantes no Brasil aumentou 20% no período 2010-2015, revela agência da ONU*: De 2010 a 2015, a população de migrantes vivendo no Brasil cresceu 20%, chegando a 713 mil. Desse contingente, 207 mil vêm de outros países da América do Sul. Volume de sul-americanos que chegaram ao território brasileiro também aumentou 20% no mesmo período. É o que revela o relatório da Organização Internacional para as Migrações (OIM), *World Migration Report 2018*, divulgado trienalmente e publicado no início do mês (1º). 13 dez. 2017. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/populacao-de-migrantes-no-brasil-aumentou-20-no-periodo-2010-2015-revela-agencia-da-onu/>. Acesso em: 20 out. 2018.

ONU BRASIL. *ONU elogia iniciativas em São Paulo para integrar refugiados e migrantes*. 20 set. 2018. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/onu-elogia-iniciativas-em-sao-paulo-para-integrar-refugiados-e-migrantes/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

ONU. Conselho de Segurança. *Resolução 1529, de 29 de fevereiro de 2004a*. Adotada pelo Conselho de Segurança em sua 4919ª reunião, em 29 de fevereiro de 2004. [Nova Iorque], 29 fev. 2004. Disponível em: [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1529\(2004\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1529(2004)). Acesso em: 18 out. 2018.

ONU. Conselho de Segurança. *Resolução 1542, de 30 de abril de 2004b*. Adotada pelo Conselho de Segurança na sua 4961ª reunião em 30 de abril de 2004. [Nova Iorque], 30 abr. 2004. Disponível em: [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1542\(2004\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/1542(2004)). Acesso: 18 out. 2018.

ONU. Conselho de Segurança. *Resolução 2350, de 13 de abril de 2017a*. Adotada pelo Conselho de Segurança na sua 7924ª reunião, 13 de abril de 2017. [Nova Iorque], 13 abr. 2017. Disponível em: [http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/2350\(2017\)](http://www.un.org/en/ga/search/view_doc.asp?symbol=S/RES/2350(2017)). Acesso em: 29 jun. 2017.

ONU. Habitat. *Nueva Agenda Urbana*. [Quito, Equador]: Habitat III, 2017b. Disponível em: <http://habitat3.org/wp-content/uploads/NUA-Spanish.pdf>. Acesso em: 08 dez. 2018.

ONU. Mission des Nations Unies Pour la Stabilisation en Haïti. *Clôture de La MINUSTAH*. c2019a. Disponível em: <https://minustah.unmissions.org/>. Acesso em: 18 out. 2018.

ONU. Mission des Nations Unies Pour la Stabilisation en Haïti. *Historique*. c2019b. Disponível em: <https://minustah.unmissions.org/historique>. Acesso em: 18 out. 2018.

ONU. Organización Internacional para las Migraciones. Oficina Regional de la OIM para América del Sur. *OIM, ONU-Hábitat acuerdan cooperar em la Nueva Agenda Urbana em América Latina y el Caribe*. Buenos Aires, 13 jul. 2015. Disponível em: <https://robuenosaires.iom.int/news/oim-onu-h-bitat-acuerdan-cooperar-en-la-nueva-agenda-urbana-en-am-rica-latina-y-el-caribe>. Acesso em: 08 dez. 2018.

PACHIONI, M. *Iniciativas do município e do Estado de São Paulo asseguram inclusão da população refugiada*: posse de refugiados no novo Conselho Municipal de Imigrantes e revitalização do Centro de Integração e Cidadania do Imigrante marcam avanços dos sistemas municipal e estadual no atendimento e capacitação da população refugiada. São Paulo, 10 set. 2018. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2018/09/10/iniciativas-do-municipio-e-do-estado-de-sao-paulo-asseguram-inclusao-da-populacao-refugiada/>. 12 nov. 2018.

PAIVA, O. C. *Caminhos cruzados*: migração e construção do Brasil Moderno (1930-1950). Bauru: EDUSC, 2004.

PIMENTEL, M. L.; COTINGUIBA, G. C. Mobilidade haitiana para o Brasil: religiosidade e identidade cultural. In: SILVA, S. A.; ASSIS, G. O. (org.). *Em busca do Eldorado*: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais. Manaus: EDUA, 2016. p. 323-347.

RECOMMENDATIONS on statistics of international migration revision 1. New York: United Nations, 1998. Disponível em: https://unstats.un.org/unsd/publication/SeriesM/SeriesM_58rev1E.pdf. Acesso em: 13 out. 2018.

ROCHA, S. Pobreza e desigualdade no Brasil: o esgotamento dos efeitos distributivos do Plano Real. In: *Texto para Discussão*, Rio de Janeiro: Ipea, n. 721, abr. 2000.

SAHLINS, M. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a “cultura” não é um objeto em via de extinção (Parte I). *Mana*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, Apr. 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002. Acesso em: 08 jan. 2019.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP). Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico Ciência, Tecnologia e Inovação. *Conjuntura Econômica de São José do Rio Preto*. Coordenada por Emília Maria Martins de Toledo Gisele Madi de Freitas. 31. ed. São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação, 2016.

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO (SP). Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação. *Conjuntura Econômica de São José do Rio Preto*. Coordenada por Gisele Madi de Freitas. 33. ed. São José do Rio Preto: Secretaria Municipal de Planejamento Estratégico, Ciência, Tecnologia e Inovação, 2018.

SÃO PAULO (Cidade). *CIC do Imigrante visa promover a inserção social do estrangeiro*. São Paulo: Portal do Governo do Estado, 25 jun. 2016a. Disponível em: <http://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/cic-do-imigrante-visa-promover-a-insercao-social-do-estrangeiro/>. Acesso em: 12 nov. 2018.

SÃO PAULO (Cidade). Lei nº 16.478, de 9 de julho de 2016. Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes. *Diário Oficial*: São Paulo, ano 61, n. 127, 9 jul. 2016b. Disponível em: <http://www.docidasp.imprensaoficial.com.br/RenderizadorPDF.aspx?ClipID=FUD9BSHJ3C3S0e1150AJA014LR9>. Acesso em: 01 nov. 2018.

SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura de São Paulo Direitos Humanos e Cidadania. *Devolutiva da audiência Pública sobre a política municipal para a população imigrante*. São Paulo, Prefeitura de São Paulo Direitos Humanos e Cidadania, 26 set. 2015. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/audiencia_imigrantes.pdf. Acesso em: 01 nov. 2018.

SÃO PAULO (Cidade). Prefeitura de São Paulo Direitos Humanos e Cidadania. *Regimento interno: Conselho Municipal de Imigrantes – CMI*. São Paulo: Prefeitura de São Paulo Direitos Humanos e Cidadania, 30 jan. 2018. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/direitos_humanos/MIGRANTES/CONSELHO%20IMIGRANTES/Regimento%20Interno%20do%20Conselho%20Municipal%20de%20Imigrantes.pdf. Acesso em: 01 nov. 2018.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania. *Centro de Referência e Atendimento para Imigrantes*. c2017a. São Paulo: Secretaria de Direitos Humanos e Cidadania. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/migrantes/crai/index.php. Acesso em: 12 nov. 2018.

SÃO PAULO (Cidade). Secretaria de Direitos Humanos da Prefeitura de São Paulo. *Migrantes*. São Paulo, c2017b. Disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/migrantes/. Acesso em: 29 out. 2018.

SARTE, J-P. *O muro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. (Coleção 50 anos).

SASSEN, S. *Expulsões: brutalidade e complexidade na economia global*. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2016.

SASSEN, S. *Inmigrantes y ciudadanos: de las migraciones masivas a la Europa fortaleza*. Madrid: Siglo XXI de España Editores, 2013.

SASSEN, S. *Sociologia da globalização*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SCHMITT, C. *O nomos da Terra no direito das gentes do jus publicum europaeum*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PU-Rio, 2014.

SCHMITT, C. *Tierra y mar: una reflexión sobre la historia universal*. Madrid: Trotta, 2007.

SEYFERTH, G. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./maio 2002.

SIMMEL, G. *O estrangeiro*. Tradução de Mauro Guilherme Pinheiro Koury. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção – RBSE*, v. 4, n. 12, p. 350-357, dez. 2005. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/RBSEv4n12dez2005.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2018.

SILVA, C. X. A migração como ponto de inflexão na contemporaneidade. Uma introdução à análise da imigração haitiana para o Brasil no contexto de globalização. In: *Anais eletrônicos do V Seminário Integrado de Pesquisas em Ciências Sociais - "Crise política e agenda conservadora"*, UEL, Londrina-PR, 2016a. v.1. p. 290 – 305. Disponível em:

http://www.uel.br/eventos/ppgsoc/pages/arquivos/V%20SIPECS_ANAIS%20V_16%20atual.pdf. Acesso em: 30 jan. 2019.

SILVA, C. X. Fluxos migratórios e a política de circulação de pessoas In: *Anais da XV Semana de Pós-graduação em Ciências Sociais – UNESP/FCLar*. Ciências Sociais em Tempos de Crise: novos dispositivos de controle e retração de direitos, UNESP, Araraquara-SP, 2016b, v.15. p.1523 – 1533. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BxQ4Aq2VZ1YocmNXUHhmSVNMN0E/view>. Acesso em: 30 jan. 2019.

SILVA, C. X. Reflexões acerca da imigração haitiana para o Brasil In: *Anais VII Seminário Nacional de Sociologia & Política*. Instituição e Democracia na América Latina, UFPR, Curitiba-PR, 2016c. Disponível em: http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2016/pdf/GT16-27.pdf. Acesso em: 30 jan. 2019.

SILVA, C. X. O direito a migrar: a percepção da migração haitiana para o Brasil através da análise de comentários em reportagens online. In: *Democracia: Anais da XVI Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais*, UNESP, Araraquara-SP, 2017. v.16. p. 1404 – 1423. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1zwwqU2eq9YIw5hQUSQCeCAixz8cwMubla/view>. Acesso em: 30 jan. 2019.

SILVA, C. X. Formas de se estabelecer na cidade em contexto de imigração recente, 2018. In: *XVII Semana de Pós-Graduação em Ciências Sociais*. Disputas hegemônicas e processos emancipatórios no Brasil Contemporâneo. Apresentação de trabalho, 2018. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/#!/pos-graduacao/stricto-sensu/sociologia/eventos/semana-de-pos-graduacao-em-ciencias-sociais/grupos-de-trabalho/>. Acesso em: 30 jan. 2019.

SILVA, S. A.; ASSIS, G. O. Em busca do Eldorado: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais. Manaus: EDUA, 2016.

STEINBERGER, M.; BRUNA, G. C. Cidades médias: elos do urbano-regional e do público-privado. In: ANDRADE, T. A.; SERRA, R. V. (org.). *Cidades médias brasileiras*. Rio de Janeiro: Ipea, 2001. p. 35-77.

THE WORLD BANK. *Project Performance Audit Report: Brazil: Medium-Sized Cities Project (Loan 1720-BR)*. Washington, DC: The World Bank, Dec. 29, 1989. Disponível em: <http://documents.worldbank.org/curated/en/314341468913830154/pdf/8302-PPAR-PUBLIC.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2017.

TODOROV, T. *Os inimigos íntimos da democracia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

TRUDA, F. *Homem aborda frentista haitiano, cita desemprego no país e ironiza: 'sorte'*: vídeo com diálogo circula na internet e tem mais de 9 mil compartilhamentos: gerente de vendas assumiu a autoria, mas não autorizou a divulgação. Rio Grande do Sul, 03 jun. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/06/homem-aborda-frentista-haitiano-cita-desemprego-no-pais-e-ironiza-sorte.html>. Acesso em: 15 dez. 2018.

UNITED NATIONS. International Organization for Migration. Migration Trends in South America. *South American Migration Report*, Buenos Aires, n. 1, 2017a. Disponível em:

http://robuenosaires.iom.int/sites/default/files/Documentos%20PDFs/Report_Migration_Trends_South_America_N1_EN.pdf. Acesso em: 20 out. 2018.

UNITED NATIONS. International Organization for Migration. *Migration data portal*. Berlin, c2019a. Disponível em: https://migrationdataportal.org/?i=stock_abs_&t=2017. Acesso em: 13 out. 2018.

UNITED NATIONS. Peacekeeping. *Contributors to UN Peacekeeping Operations by Country and Post: police, UN Military Experts on Mission, Staff Officers and Troops*. [New York], 30 June 2017b. Disponível em: https://peacekeeping.un.org/sites/default/files/jun17_1.pdf. Acesso em: 02 dez. 2018.

UNITED NATION. Peacekeeping. *Minustah Fact Sheet*. [201?]. Disponível em: <https://peacekeeping.un.org/en/mission/minustah>. Acesso em: 18 out. 2018.

UNITED NATIONS. Security Council. Report of the Secretary-General on the United Nations Stabilization Mission in Haiti. Annex II. [New York], 12 July 2017c. Disponível em: <https://minustah.unmissions.org/sites/default/files/n1720836.pdf>. Acesso em: 18 out. 2018

UNITED NATION. United Nations Mission for Justice Support in Haiti. c2019b. Disponível em: <https://minujsth.unmissions.org/en>. Acesso em: 19 out. 2018.

UNITED NATION. *World Migration Report 2018*. International Organization for Migration: Geneva, c2017c. Disponível em: https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2018_en.pdf. Acesso em: 13 out. 2018.

VAN VELSEN, J. A análise situacional e o estudo de caso detalhado. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Unesp, 2010.

VIDAL, M. S. *Região de Governo de São José do Rio Preto*. Campinas: UNICAMP: Núcleo de Estudos de População, 1993. (Textos Nepo, 24. Migração em São Paulo, 3.)

VILLEN, P. Periféricos na periferia. In: BAENINGER, R. et. al. (org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016. p. 45-64.

WELLER, W. *et al.* Karl Mannheim e o método documentário de interpretação: uma forma de análise das visões de mundo. *Sociedade e Estado*, Brasília, DF, v. 28, n. 2, p. 375-396, jul./dez. 2002.

FONTES

BILENKY, T.; SANTOS, R.; RIBEIRO, R. *Nova onda de imigrantes haitianos causa superlotação em paróquia*. São Paulo, 20 maio 2015.. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1631279-nova-onda-de-imigrantes-haitianos-causa-superlotacao-em-paroquia.shtml>. Acesso em: 04 ago. 2015. Comentários com acesso em: 17 abr. 2017.

FULGÊNCIO, C. *Nº de haitianos que entram no Brasil pelo Acre cai 96% em 12 meses: emissão de vistos permitiu a imigrantes entrarem legalmente por RJ e SP: embaixadas em*

Porto Príncipe, Quito e Lima passaram a fornecer documento. Acre, 08 jan. 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2016/01/n-de-haitianos-que-entram-no-brasil-pelo-acre-cai-96-em-12-meses.html>. Acesso em: 25 jan. 2016. Comentários com acesso em: 17 abr. 2017.

G1. *Brasil negocia ação contra imigração ilegal de haitianos, diz Cardozo*: ministro se reuniu com autoridades do Peru e falará com Bolívia e Equador: segundo ele, objetivo é combater entrada ilegal dos imigrantes. Brasília, DF, 02 jun. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/politica/noticia/2015/06/brasil-negocia-acao-contra-imigracao-ilegal-de-haitianos-diz-cardozo.html>. Acesso em: 04 ago. 2015. Comentários com acesso em: 22 maio, 2017.

G1. *Haitiano tem ataque de fúria e destrói papelaria em São José do Rio Preto*: segundo a polícia, homem aparenta ter problemas psicológicos: comerciantes ficaram com medo da ação e fecharam as portas. *Rio Preto*, 10 ago. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2015/08/haitiano-tem-ataque-de-furia-e-destroi-papelaria-em-sao-jose-do-rio-preto.html>. Acesso em: 09 mar. 2017. Comentários com acesso em: 18 maio, 2017.

G1. *Jornal Nacional. Mais de sete mil haitianos entraram no Brasil, pelo Acre, só em 2015*: comunidade católica em SP que acolhe imigrantes haitianos está lotada: Ministério da Justiça declarou que vai coordenar melhorias a assistência. 22 maio 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2015/05/mais-de-sete-mil-haitianos-entraram-no-brasil-pelo-acre-so-em-2015.html>. Acesso em: 04 ago. 2015. Comentários acesso em: 18 maio, 2017.

MARQUES, R. *Rio Preto vira porto seguro de refugiados haitianos*. São José do Rio Preto, 07 jun. 2015. Disponível em: <http://www.diariodaregiaio.com.br/cidades/rio-preto-vira-porto-seguro-de-refugiados-haitianos-1.334381>. Acesso em: 09 mar. 2017. Comentários com acesso em: 17 abr. 2017.

MILMAN, T. *O racismo dos filhos de imigrantes no Brasil contra os haitianos*. 24 maio 2015.. Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/o-racismo-dos-filhos-de-imigrantes-no-brasil-contra-os-haitianos/>. Acesso em: 04 ago. 2015. Comentários com acesso em: 17 abr. 2017

NARLOCH, L. *Como dar R\$ 1500 a cada imigrante haitiano – sem tirar nada dos brasileiros*. *Veja*, São Paulo, 22 maio 2015. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/blog/cacador-de-mitos/2015/05/22/como-dar-r-1500-a-cada-imigrante-haitiano-sem-tirar-nada-dos-brasileiros/>. Acesso em: 04 ago. 2015. Comentários com acesso em: 24 mar. 2017.

PERRIN, F. *Nova onda de imigração atrai para São Paulo latino-americanos e africanos*. São Paulo, 23 jan. 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/01/1579103-nova-onda-de-imigracao-atrai-para-sao-paulo-latino-americanos-e-africanos.shtml>. Acesso em: 04 ago. 2015. Comentários com acesso em: 12 maio 2017.

PRAGMATISMO POLÍTICO. *Haitiano é assassinado a facadas por 10 homens em Santa Catarina*: haitiano é agredido até a morte por grupo de pessoas em Santa Catarina: polícia trabalha com hipótese de crime de ódio: testemunhas relatam que agressores diziam que

“haitiano não tem nada para fazer aqui”. 20 out. 2015. Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/10/haitiano-e-assassinado-a-facadas-por-10-homens-em-santa-catarina.html>. Acesso em: 20 out. 2015. Comentários com acesso em: 18 maio, 2017.

SANT'ANNA, E. *Com igrejas bilíngues e lojas típicas, haitianos mudam cara de bairro em SP*. São Paulo, 05 maio 2015. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2015/05/1624794-com-igrejas-bilingues-e-lojas-tipicas-haitianos-mudam-a-cara-do-glicerio.shtml>. Acesso em: 04 ago. 2015. Comentários com acesso em: 24 maio, 2017.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Anotações de campo

- Primeiro encontro dia 11 de fevereiro de 2017 na casa de minha. Estavam presentes: Joseph, Stefanie e sua irmã, Denes e mais três mulheres e dois homens.
- Sua esposa, María e seus 4 filhos, dois meninos e duas meninas vieram para o Brasil (chegaram) dia 27 de fevereiro em Rio Preto. No dia 11 de fevereiro Joseph foi à casa de minha tia, pois o Denes com quem minha tia havia conversado avisou aos haitianos que ele conhecia para irem lá que eu queria falar com eles, mas ele não entendeu muito bem o que minha tia disse e pensou que eu fosse oferecer emprego a eles, então avisou àqueles que estavam sem emprego. Joseph trabalhava na construção civil. Ele ficou um pouco depois de os outros terem saído para me perguntar se eu era professora (eu havia explicado que era pesquisadora e professora), que sua família ia vir e queria saber se eu poderia ajudá-los sobre o que era necessário para as crianças estudarem. Expliquei que poderia ajudar. Então no dia 27 ele me avisou que a família tinha chegado, mas que ele precisava resolver a documentação deles na Polícia Federal para permanecerem no Brasil e também para estudarem.
- A documentação demorou cerca de um mês para ficar pronta. Assim que ficou pronta, no dia 24 de março fui a Rio Preto para levar dona María nas escolas do bairro. Para as duas crianças menores fomos a uma escola municipal e os dois filhos maiores a uma escola estadual. Na escola estadual eu apenas falei que era pesquisadora da Unesp no final da conversa com as secretárias da escola. Prontamente elas explicaram o que seria necessário, xerocaram os documentos, e começaram o processo para matriculá-los. Na escola municipal a secretária perguntou quem eu era e por que eu estava ali, então desde o início expliquei que era pesquisadora da Unesp. Ela nos levou para conversar com o coordenador da escola que explicou que pela idade delas uma estaria no segundo e outra no terceiro ano. No segundo ano não havia vaga, mas que ele iria matriculá-la mesmo assim, como uma exceção, pois morava no bairro e seria difícil para enviá-la a uma outra escola, pela distância, e por ficar longe da outra irmã, enfim. Explicou quais documentos seriam necessários, xerocou, e ficou faltando levar a carteira de vacinação.
- Fomos ao posto de saúde para saber sobre a carteira de vacinação. Esperamos nossa senha e fomos perguntar. Era necessário saber quais vacinas as crianças tinham tomado e para isso era necessário a carteira de vacinação original. Mas dona María não as trouxe com ela. Chamaram outra atendente para perguntarmos se não poderia ser enviado como foto, porque a irmã de dona María poderia pedir para a irmã fotografar o documento na Venezuela. A atendente respondeu

que apenas o documento original ou por fax. Dona María explicou que a Venezuela estava fechada, que demoraria um mês apenas para o pedido chegar lá, como foi quando seu marido enviou os documentos para trazer a família. Não era possível ligar ou passar fax, apenas whatsapp. A atendente perguntou como ela viajou sem a carteira de vacinação que era um documento importante. Dona María disse que trouxe tudo, mas acabou esquecendo a carteira de vacinação. A solução dada era as crianças tomarem todas as vacinas novamente. Foi o que ocorreu. Dona María levou os filhos para tomar as vacinas no dia 29 de março e foi à escola estadual levar a documentação. No dia 30 Joseph me avisou que dona María iria a escola municipal levar a carteira de vacinação das meninas. As crianças menores começaram a estudar. [Nestes primeiros meses nos falamos quase todos os dias por whatsapp. No início apenas o Joseph me mandava mensagem. Às vezes eu não entendia o que ele dizia e dona María mandava mensagem pelo telefone dele. Depois pedi o número do telefone da dona María e passei a falar mais com ela do que com o Joseph. Dona María entendia melhor o que era necessário fazer e ela que era responsável pelos documentos dos meninos, assim era mais fácil falar com ela. No início ela não tinha plano de celular e os créditos acabavam rápido. Quando eles se mudaram para outra casa a dona da casa e vizinha deixava eles usarem o wifi dela, assim ficou mais fácil falar com dona Maria.]

- Os meninos, maiores, embora a escola os tenha prontamente matriculado, o desenrolar foi mais demorado. Primeiro, porque embora o documento da Polícia Federal dissesse qual série os meninos haviam cursado na Venezuela, pela legislação brasileira eles deveriam ser matriculados de acordo com a idade aqui (que seria o mesmo se tivessem considerado a série cursada na Venezuela), mas para isso teriam que fazer uma prova de conhecimentos para saber se eles entrariam na série da idade ou uma série anterior. Lembrei à secretária que a prova deveria ser em espanhol, pois provavelmente não acertariam nenhuma questão em português. (Neste tempo dona María ia a escola saber como estava o procedimento de matrícula, pois ela estava preocupada com o tempo que os filhos ficaram sem estudar, depois à tarde Joseph me enviava mensagem explicando e, geralmente, no outro dia eu ligava na escola para saber as informações, passava para Joseph que passava para sua esposa).

No dia 4 de abril, Joseph me enviou uma mensagem falando que os meninos tinham ido à escola e que ele mandaria um papel para a professora perguntando sobre o material escolar e que ele só poderia comprar no final de semana quando receberia no trabalho. Respondi que na escola havia material didático, mas conversaria com a secretária para providenciar para eles caderno e lápis. Logo depois ele mandou outra mensagem perguntando do ônibus, se teria que pagar o transporte e onde os meninos deveriam esperar. Foi então que percebi que não tinham resolvido

o problema do transporte. No início a secretária disse que tentariam ver a van para os dois, no entanto o menino maior não teria mais direito a usar o transporte em casa com a van e sim ao passe escolar para pegar o ônibus urbano circular. Como a escola ainda não tinha resolvido como seria a prova falei para Joseph que ligaria na escola no outro dia e perguntaria.

No dia 5 de abril, Joseph me enviou uma mensagem bem cedo dizendo que a vizinha avisou que teria que a escola dar um cartão aos meninos senão teriam que pagar o ônibus. Liguei nas escolas e passei a informação para ele de que na escola das meninas precisaria ir ao ponto onde o ônibus escolar passa para pegar os alunos do bairro e avisar o motorista que as meninas começariam a frequentar a escola e pedisse a ele uma ficha para preencher com seus dados. A escola dos meninos, escola estadual, me informou que os meninos não fariam a prova, que chegaram a conclusão de que seria melhor que entrassem na serie de idade escolar, mas que o diretor estava fazendo outro requerimento para avisar a diretoria de ensino o porque não fariam a prova e que provavelmente os meninos pudessem estudar na próxima segunda-feira.

No dia 10 de abril liguei na escola estadual novamente e eles me disseram que dona María tinha ido lá e conseguiu matricular os meninos. Mas Joseph avisou a noite que ainda assim os meninos não podiam ir para a escola. Algum funcionário da escola mandou esperar que eles entrariam em contato. Joseph avisou que comprou os uniformes dos filhos e reclamou que já havia mais de um mês que os meninos não iam à escola, só ficavam em casa brincando.

No dia 11 de abril liguei na escola novamente. A secretária me disse que queriam que os dois meninos estudassem no mesmo período, mas não havia vaga para o mais velho no nono ano a tarde, apenas de manhã. Então, o diretor tinha ido à diretoria de ensino tentar que abrissem uma vaga para o nono ano a tarde. Disseram que estavam resolvendo os papeis do transporte e que avisariam quando ficasse pronto.

No dia 14 de abril Joseph me mandou mensagem dizendo que no dia anterior foi a escola assinar uns papeis, que os meninos começariam na próxima segunda-feira 17, mas que ainda não tinham conseguido o transporte, que ele teria que pagar por uma semana.

- Depois de mais ou menos uma semana os meninos começaram a ir para a escola (dia 17 de abril. A escola achou melhor colocar um no sexto ano e outro no oitavo ano, segundo o diretor [ligação do dia 19 de abril], para ele se adaptar e se fosse colocado no nono ano poderia reprovar no final do ano, pois foi observado que ele não dominava totalmente o conteúdo [era fraquinho]).
- Foi na ligação do dia 19 de abril que conversei com o diretor pela primeira vez. Liguei para saber sobre o transporte escolar, pois Joseph disse que estava gastando 18 reais por dia para os meninos irem, seis reais ida dos dois filhos e de dona María e volta. Ele tentaria pagar essa

semana, mas se eu poderia ver na escola sobre o transporte para a próxima semana. A secretária me avisou que o diretor queria falar comigo. Foi quando ele retornou a ligação para explicar que havia problema na matrícula, pois o documento da Polícia Federal não coincidia com as informações da certidão de nascimento. Em um documento os nomes da mãe e da criança não coincidiam com o escrito no passaporte e em outro o nome da mãe e a data de nascimento da criança. Além disso, me disse que a empresa de transporte realiza seguro das crianças, e que a empresa não aceitava transportar antes de fazer o seguro em caso de acidente, para isso era necessário fazer o RG e CPF das crianças. Ele iria propor arrecadar dinheiro entre os professores para uma semana de transporte (“fazer uma vaquinha”). Ficou combinado de dona María passar na escola para pegar o papel explicando os erros na documentação, ir à polícia federal e ao poupatempo para fazer os documentos. Avisei Joseph sobre o assunto, que me disse que não poderia ir naquele momento, pois estava trabalhando e seria difícil dona María ir sozinha. Então, propus ir a Rio Preto na segunda-feira, dia 24, para ajudá-la.

- Fui à Rio Preto no dia 25 de abril. Peguei dona María no ponto de ônibus e fomos à polícia federal. Eu erre o caminho, dona María já tinha ido lá, mas só sabia o caminho de ônibus. Chegamos ao departamento de estrangeiros e fomos atendidos. Os papeis foram refeitos e conferidos. No processo de fazer os papeis o policial errou a grafia mais umas duas vezes até que ficasse correto. Depois de fazer todos os papeis fomos à receita federal. O policial aconselhou que fossemos direto à Receita federal para fazer o CPF, pois talvez nos Correios não fosse possível por causa do documento de protocolo de refúgio, para não perdermos tempo ele achava melhor ir direto à Receita Federal. Fomos à Receita Federal e fizemos o CPF sem custos, pois havia uma exceção vigente para que pessoas sem condições financeiras pudessem fazer o CPF. Houve dificuldade em conseguirmos o endereço de dona María, pois eu não conhecia bem o lugar de sua casa e não conseguíamos encontrar no Google maps. A atendente me perguntou o que era Refúgio, pois era o que estava escrito no documento que a Polícia Federal entregou a eles. Ainda foi necessário fazer Xerox de alguns documentos, mas como estava em horário de almoço, levei dona María na escola para deixar os CPFs e depois deixei ela em sua casa, fui a minha tia almoçar e retornei a polícia federal a tarde para entregar os papeis.
- No dia 25 de abril ainda fui à casa da Stefanie. Elas foram a casa de minha tia quando me reuni com eles pela primeira vez. Consegui o contato delas e fui visitá-las. Moravam em uma casa de fundo no Bairro Vila Nsr do Bom Fim, entre Jardim Urano e Parque Estoril. Nestes bairros foi possível observar outras casas com haitianos. O Denes também foi morar em uma casa de fundo no Jardim Urano durante a pesquisa. Na casa morava a Stefanie e sua irmã e mais dois homens.

A irmã da Stefanie terminou o ensino médio em Manaus e por isso falava melhor em português, mas a Stefanie também entendia bem. Os dois homens falavam e entendiam pouco português. Gravei a entrevista deste dia, mas preferi escrever aqui as informações, pois eles falaram muito pouco, mais confirmavam o que eu perguntava. A irmã da Stefanie veio no dia 02 de setembro de 2014 junto com um irmão para Manaus, seu pai e sua mãe já estavam aqui e depois, em 2016, veio a Stefanie. Ela ficou um ano e meio em Manaus. Veio para S. J. do Rio Preto porque tinha uma prima na cidade e disse ter emprego para elas aqui. Ela disse que o pai tem 61 anos e a mãe 55, que estão velhos e que não tem trabalho para eles em Manaus, estão pensando em voltar para o Haiti. Elas encontraram trabalho em uma fábrica, Athena, a mesma em que outros também estavam trabalhando. Eles não vieram por São Paulo, a própria fábrica foi a Manaus buscar haitianos, mas depois de quase dois anos fechou em Rio Preto, permaneceu em um distrito da cidade, Engenheiro Schmidt. Stefanie tem um filho que ficou no Haiti e disse que queria trazê-lo. Elas têm mais dois irmãos e duas irmãs que ficaram no Haiti. O irmão que mora no Brasil tem esposa e mora em Porto Alegre. No momento da entrevista elas disseram que estavam pensando em ir a Porto Alegre procurar trabalho, pois estavam a mais de um ano desempregadas em Rio Preto.

Perguntei se elas tinham currículo, se estavam entregando nas empresas. A irmã da Stefanie disse que sim, que fazia um curso na área administrativa, em informática e um funcionário do curso fez um currículo para ela. O currículo da Stefanie e dos dois homens foram feitos no Poupatempo. Perguntei se o curso era oferecido pela prefeitura e ela disse que não, que ela pagava. Teve que parar o curso porque ficou sem ter como pagar. Ela não sabia se a prefeitura ou outros órgãos ofereciam cursos de graça. Perguntei se elas tinham ido ao Cras, que é perto da casa delas, mas elas não sabiam. Falei que no Cras a assistente social poderia informar melhor sobre cursos e que lá também ofereciam alimentos, cesta básica. Elas perguntaram se elas sendo imigrantes poderiam participar de cursos, eu perguntei se elas tinham o protocolo de refúgio e o CPF, elas informaram que sim, então, disse que não havia nenhum impedimento para elas participarem dos programas públicos.

Perguntei como elas estavam se mantendo na cidade. Disseram que a mãe mandava dinheiro. Perguntei se a mãe recebia dinheiro de outros parentes, pois não estava trabalhando. Mas elas responderam que a mãe vendia coisas na rua. Perguntei quanto precisaria de dinheiro para trazer o filho dela para o Brasil. Ela disse que não sabia, estava sem trabalho, não tinha possibilidade. Mas elas disseram que gastaram 2 mil dólares para vir para o Brasil. Pagaram 200 dólares pelo visto no Haiti. Elas vieram de avião do Haiti para Manaus e de Manaus a Rio Preto. Na entrevista elas disseram não ter como vir de ônibus para Rio Preto e eu insisti que tinha como,

mas a pouco tempo procurei por passagens para dona María de Boa Vista a Rio Preto, a filha de uma amiga dela que mora em Brasília queria vir para o Brasil, e realmente não tem opções para vir, nem com paradas em Goiania ou Brasília. Deve haver alguma forma de vir, mas através de outras capitais.

Perguntei se elas tinham notícias do Haiti, elas disseram que sim, que conversam com os parentes. Disseram que a situação não está boa lá. Os parentes moram na capital. Ela disse que a cidade está sendo reconstruída, que estava lá no momento do terremoto e que foi muito feio, que um primo e uma prima morreram no terremoto. Perguntei se tinham parentes em outros países. A irmã da Stefanie disse que tinha um irmão nos EUA, que estava lá há quatro anos. Perguntei se ele não tinha tentado levar elas para lá. Elas disseram que lá está muito difícil de entrar.

Perguntei para o homem mais velho quando ele veio para Rio Preto. Disse que tem três anos em Rio Preto, veio para trabalhar na empresa Athena, vieram 24 haitianos, mas depois a empresa não deu certo e mandou todos embora. Ele trabalhou um ano na empresa. Dois ele trabalhou na construção do shopping Iguatemi. Trabalhou em uma empresa no distrito de Schmidt. Trabalhou com carteira registrada e pegou o seguro desemprego. Depois trabalhou no setor de limpeza da empresa Realiza no Minha Casa Minha Vida, trabalhou 4 meses com contrato de trabalho, não registrado. Perguntei se ele recebe dinheiro de algum parente, ele disse que pouco.

O outro moço veio para trabalhar na Athena também. Ele ficou três meses em Manaus, veio para Rio Preto, trabalhou oito meses na Athena. A Athena continua em Schmidt. [Não entramos em contato com a empresa]. Ele trabalhou mais um ano e dois meses em Schmidt numa empresa “Enseres”. Não recebeu seguro desemprego porque faltaram três meses de trabalho para completar o tempo mínimo necessário. Ele foi ao Poupatempo quando ficou desempregado, mas avisaram que não teria direito a receber o seguro desemprego.

O moço foi buscar a carteira de trabalho para eu ver. Trabalhou na Athena de 07 de janeiro de 2014 a 24 de setembro, depois trabalhou na Catricala supermercado, trabalhou de 27 de outubro de 2014 a 06 de dezembro de 2014, depois trabalhou na Seleta eletrometalurgia de 10 de fevereiro de 2015 a 16 de fevereiro de 2016, depois disso não encontrou mais emprego. Ele disse que sai para deixar currículo todos os dias.

Depois da entrevista eu comprei um jornal e mostrei a eles os classificados. Mas eles vão ao Poupatempo para deixar currículo lá, pois as empresas deixam as ofertas de vagas lá. Voltei a casa deles outra vez, mas não os encontrei. Haviam se mudado para Porto Alegre. Já moravam outros haitianos na casa.

- No dia 06 de maio o Joseph me mandou uma mensagem respondendo minha pergunta de dois dias atrás. Ele ainda estava pagando passagem para os meninos. Quando não tinha dinheiro os meninos iam a pé, tomaram chuva, ficaram gripados, enfim. Quando entregamos o CPF na escola no dia 25 de abril a secretária nos informou que a partir do próximo dia os meninos já poderiam ir de ônibus com o passe escolar.
- No dia 13 de maio Joseph me mandou mensagem avisando que ainda estava pagando passagem, se eu poderia ver o que estava acontecendo.
- No dia 19 de maio liguei na escola. A secretária me disse que precisava do RNE para autorizar a carteirinha de estudante no transporte urbano da prefeitura. Expliquei a ela que eles não teriam RNE até que a documentação voltasse do CONARE o que demoraria mais de um ano. Eles tinham o protocolo de refúgio e o CPF que garantia a eles o direito de usufruir dos direitos sociais. Então liguei na Diretoria de Ensino de S. J. do Rio Preto, expliquei ao atendente, do setor de transporte, o que estava acontecendo. Ele disse que realmente era necessário o RNE para enviar para a prefeitura. Expliquei que não era possível e nem necessário. Ele me informou que entraria em contato com a prefeitura para resolver.
- Neste período Joseph nem sempre podia responder as mensagens no mesmo dia, pois ficava sem saldo no celular [quando ele mudou de casa, no mesmo bairro, a dona da casa e vizinha dele deixou que eles usassem o wifi da casa dela, assim pude conversar mais com a dona N.]. No dia 25 de maio Joseph me respondeu que ainda não tinha sido resolvido o problema do ônibus. Que quando não tinha dinheiro deixava o seu cartão de transporte para os meninos irem para a escola e ele ia a pé até o serviço.
- No dia 25 de maio enviei um email através de um formulário de contato no site da Diretoria de Ensino explicando o que estava ocorrendo e que se não fosse possível resolver eu voltaria à polícia federal e iria ao ministério público.
- No dia 26 dona N. foi a escola e eles deram uma relação de documentos necessários para o transporte, e nele ainda constava o RNE. Joseph me mandou uma foto do papel perguntando o que era.
- No dia 29 de maio liguei novamente na escola e na Diretoria de Ensino. Descobri então que como faltava o xérox do RNE eles nem haviam enviado os documentos para a prefeitura, e só então resolveram enviar os papeis sem o RNE.
- No dia 30 de maio a Diretoria de Ensino respondeu ao meu email:

Bom dia, Cíntia!

As duas solicitações de passe escolar gratuito estão no [empresa responsável pelo transporte coletivo] para a confecções das carteirinhas de passe. Em breve eles estarão com elas em mãos e poderão utilizá-las.

Atenciosamente,

- De 24 de março a 17 de abril foi o tempo que demorou até que os alunos pudessem frequentar a escola. E, só puderam usar o transporte público gratuito em 21 de junho.
- No dia 2 de junho Joseph me enviou uma mensagem dizendo como estavam e perguntando como eu estava. Que sua filha e sua mulher mandavam um abraço, que ele não mandou mensagem porque estava trabalhando e que María começo a estudar, saia as seis da tarde e voltava dez e meia da noite, então, estavam sem tempo de mandar mensagem, mas estavam bem. Me avisou também que o diretor da escola dos meninos mandou dinheiro para pagar o ônibus, oitenta e dois reais. Joseph me disse que estava avisando porque não podia esconder nada de mim, porque eu ajudava ele no que eu podia.
- No dia 21 de junho a noite Joseph me enviou uma mensagem avisando que tinham entregado aos meninos o cartão do transporte, que ele estava tranquilo agora.
- No dia 9 de julho Joseph me mandou mensagem e pediu para eu ligar na polícia federal para saber quando eles deviam voltar lá, que da última vez que foram lá deixar os documentos eles avisaram para retornar em três meses. Ele queria saber se já podia voltar ao departamento de estrangeiros.
- No dia 10 de julho eu respondi a essa mensagem. Expliquei que o papel do protocolo de refúgio valia por um ano, que o policial avisou que os documentos iam para São Paulo, depois retornaria para eles em Rio Preto e depois ia para Brasília. Esse processo demoraria mais de um ano, então, antes de vencer o protocolo de refúgio eles teriam que retornar à policial federal para renovar o protocolo de refúgio. No entanto, como respondi apenas no outro dia, ele me avisou que ficou combinado que dona María iria neste dia, 10 de julho à policia federal para saber. Ele estava no trabalho e não tinha saldo no telefone de María para poder ligar para ela e avisar que não precisava ir. Mas que não tinha problema, que ela iria e voltaria. Pedi desculpa e ficaria aguardando as informações que ela trouxesse da polícia.

- No dia 10 de agosto Joseph me enviou uma mensagem me dizendo que seu filho foi a escola, mas não tinha dinheiro no cartão, alguém tinha pagado para ele no ônibus porque eles não levaram dinheiro. Ele estava sem dinheiro para dar para os meninos levarem para escola e agora que estava desempregado seria difícil para o ônibus. Eu respondi que tentaria saber porque não tinha dinheiro no cartão, mas que ficava triste por ele estar sem trabalho. Perguntei se ele tinha ido saber de seus direitos, seguro-desemprego e fundo de garantia. Ele disse que recebeu fundo de garantia, mas não ia gastar, iria guardar para pagar as contas, e não tinha direito ao seguro-desemprego porque havia pedido demissão. Disse que estava trabalhando por dia, que tinha um amigo que ajudava ele com o que precisava de comida e que estava procurando emprego. Falei para ele levar currículo no poupatempo e para procurar por ofertas de emprego no jornal. Ele disse que estava saindo para procurar trabalho todo dia.
- No dia 21 de agosto enviei uma mensagem para saber se o cartão do ônibus estava funcionando. Ele disse que estava funcionando. Disse que a menina mais nova havia caído de bicicleta no sábado e levado seis pontos na cabeça, mas que dona Maria tinha levado ela na escola. Como ela não tinha saldo, ele não sabia se estava tudo bem. Disse que estava a uma semana trabalhando por dia, que pelo menos não ficava parado e que começava outra semana, ia ver até quando teria trabalho para ele.
- 26 de agosto

(A partir daqui passei a gravar em áudio o que havia ocorrido nas visitas posteriormente a elas, e depois transcrevi com acréscimos, entre colchetes e parênteses, que achei necessário para melhor compreensão do ocorrido. Fiz assim, pois percebi que estavam acontecendo muitos fatos e poderia facilmente confundir os momentos dos acontecimentos e por não ter tempo de escrever imediatamente após as visitas).

- 27 ago. 2017 Visita a Stefanie (ela havia se mudado)
Hoje, dia 27 de agosto, fui à casa da Stefanie. Ela não estava lá. Ela a irmã dela e os outros dois rapazes que moravam com ela viajaram. Encontrei o Aleus e mais três haitianos. Ele está no Brasil há oito meses, chegou a Boa Vista de avião. Os outros disseram morar a mais tempo no Brasil. Ele está desempregado. Conhecem o Poupatempo, os quatro já levaram currículo lá. Ele disse que a Stefanie se mudou para Porto Alegre (ele disse “Porto Alegria”, como a Stefanie disse que a mãe e o pai dela estavam em Manaus imaginei que fosse alguma cidade do

Amazonas, mas depois conversei com ela pelo Whatsapp e ela disse que os quatro se mudaram para Porto Alegre-RS e estavam trabalhando).

- 04 nov. 2017 Visita ao Joseph e Denes

(No áudio que gravei após a visita disse que era dia 03 de Nov. Eu me enganei. Na verdade era dia 04 de novembro. No áudio de whatsapp que enviei para o Denes no dia 02 de novembro perguntando sobre o que ele queria falar para mim, menciono que iria em S. J. do Rio Preto no sábado, dia 04).

Hoje dia 03 de novembro (04 de novembro) de 2017 eu fui a Rio Preto fazer pesquisa de campo. O Denes tinha mandado mensagem essa semana para o Joseph que queria falar comigo. Que ele precisava de um “bus”. Um “bus” é uma ajuda, eu imagino, pelo que o Joseph e a dona María me contaram. E daí eu fui, o Denes estava trabalhando e daí eu fui à casa do Joseph, conversei com a mulher dele e com ele. Meu pai foi junto (meu pai e minha mãe foram visitar minha tia, então meu pai foi junto comigo enquanto minha mãe ficou com minha tia). Fomos à casa do Denes, vimos a esposa e a filha dele e marquei com eles na quinta-feira. Eles querem ver uma creche para a bebezinha, de cinco meses, e querem ver o que é necessário para [se cadastrar] o Bolsa Família. Atrás da casa do Denes tem uma casa, nela eu vi três mulheres e um homem. Uma mulher tinha um bebê de dois meses. Depois nós voltamos para a casa do Joseph. O Joseph foi mandado embora (despedido do emprego) novamente, dois meses de registro foi mandado embora. Ele estava fazendo um barracão para a empresa Valtra. Ele trabalhou dois meses registrado em outra empresa, dois meses agora, e não pode pegar seguro desemprego ainda. Ele ficou sabendo que foi demitido na sexta, então hoje é outra sexta [sábado, eu me enganei], ele vai procurar emprego ainda. A mulher dele tinha uma dúvida sobre os filhos. Um filho (o mais velho) está fazendo um curso preparatório para a carreira militar, que foram fazer propaganda na escola [posteriormente ele desistiu do curso, pois o Joseph não conseguiu emprego e não podia mais pagar]. Mas para ele participar do exército ele tem que ser naturalizado e ela queria saber como fazer para naturalizar. Eu procurei rapidamente no site da polícia federal, vi que tinha que ter 15 anos, mas marcamos de quinta-feira ir à polícia federal para saber. Ela também queria saber sobre o Bolsa família das crianças.

- Gravação (27 nov. 2017 cras cadunico)

No dia 9 de novembro eu fui ao Cras com a dona María o Joseph e a Loudie para fazer o cadastro delas no cadastro único do governo para o bolsa família. A dona María fez sozinha (com a atendente) e eu fiquei na sala com a Loudie, a bebezinha dela e o Joseph (com outra atendente).

O Joseph conversava com a Loudie e a assistente social contava, perguntava, eu perguntava para o Joseph que perguntava para a Loudie. Mas ficou faltando o CPF do primo da Loudie, porque eles tinham medo de andar na rua sem o documento e a polícia parar, então... é... não, não foi isso, isso foi no dia vinte... não, isso foi no dia 16. Foi no dia 16, no dia 9 a gente foi para poder saber como fazia para ganhar o bolsa família, não era dia de atendimento, mas o atendente conseguiu que a assistente social atendesse a gente e fez um pré-cadastro, e preencher este pré-cadastro no computador [é feito um cadastro no papel, e depois passam os dados para o computador] e ficou faltando e ficou faltando o documento do primo da dona Loudie [no cadúnico são incluído todos os moradores de uma mesma casa]. E... daí a gente fez o pré-cadastro e eu fiquei na sala com a Loudie e o Joseph. A dona María pediu... eu conversei com a assistente social para conseguir uma cesta básica para a dona María, ela não tinha pedido mas eu pedi, daí a assistente social que conversou com ela voltou na sala (de atendimento) disse que queria. Depois a gente foi no Poupatempo para cadastrar a menina da Loudie que tem cinco meses para conseguir creche. E era difícil a probabilidade de conseguir creche porque a Loudie não trabalha e eles não recebem bolsa família. A assistente social tinha falado que não deveria ser assim, mas as escolas estavam dando preferência para alunos que tivessem bolsa família. E realmente, depois eu perguntei para a dona María como ela ficou sabendo do Bolsa família, ela falou que uma amigo do Joseph tinha falado que tinha como conseguir, mas não sabia se eles conseguiriam e depois na escola para matricular (rematricula) uma das meninas em ensino de tempo integral seria dado prioridade para quem tem Bolsa família. E nesse dia 9, a gente passou na escola das meninas e na escola dos meninos para pegar o documento de frequência da escola. E realmente, para uma menina estava garantida a escola de tempo integral, para a outra eles tinham reduzido o número de crianças que iam poder fazer em tempo integral, daí teria que a dona María ir na segunda-feira de manhã para conseguir a vaga. Conseguiu. Mas eles disseram que estavam dando preferência para alunos que recebem bolsa família. Enfim, a gente foi ao Poupatempo para cadastrar a filhinha da Loudie para a creche. A assistente social tinha falado que se não conseguir pelo Poupatempo e se a dona Loudie começasse a trabalhar ela poderia ir ao Conselho Tutelar, para o Conselho Tutelar forçar uma vaga na creche. A gente foi ao Poupatempo, e daí até fazer o cadastro, quando cheguei para fazer o cadastro a gente descobriu que a dona Loudie já tinha ido lá fazer o cadastro para uma escola perto da casa dela. Daí eu perguntei para ela: “você já veio aqui?”. Ela falou “já”. O Joseph perguntou para ela, ela falou que já tinha ido com outro haitiano, mas que ela não tinha entendido nada do que tinha acontecido, então ela queria ir comigo, por isso que ela tinha avisado o Joseph, que ela queria ir comigo para alguém que conversasse português para poder fazer com o atendente. Porque ela

achou que o atendente não entendeu nada do que eles falaram. E daí o atendente falou “olha, ela está em número 38 nesta escola, se ela quiser ela pode fazer o cadastro em mais duas escolas”. Daí a gente fez o cadastro em mais duas escolas e ele explicou que ela não recebe Bolsa família e não estava trabalhando, então ela não conseguiria rápido, porque faltam vagas, mas que se ela arrumasse emprego que era para ela voltar lá para atualizar os dados. E daí a gente foi embora. E daí ela realmente falou que ela tinha ido lá, mas que ela não tinha entendido o que tinha acontecido, ela nem sabia que estava cadastrada em uma escola.

Daí a gente voltou no dia 16 para poder fazer o cadastro único, porque na quinta-feira dia 9 a gente passou pela assistente social e fez um pré-cadastro, o cadastro único era feito em outro dia (dias específicos na semana) com hora marcada, então a gente voltou dia 16. A dona María fez sozinha e eu fiquei na sala com a Loudie e o Joseph e daí a dona Loudie levou o RNE do primo dela e ficou faltando o CPF, porque no dia 9 tinha ficado faltando todos os documentos do primo, todos, daí no dia 16 dona María [no áudio eu disse dona María, mas era a Loudie] levou carteira de trabalho, passaporte e RNE, mas não levou o CPF, porque ele tinha medo de ficar sem documento e a polícia parar. Então, fez o cadastro até ali e ficou faltando o CPF, aí marcamos para hoje, dia 27, voltamos lá para o CPF e ela levou o CPF do primo e esqueceu o do marido, mas fizemos o cadastro e amanhã vou ligar para a assistente social para poder passar o CPF do marido dela que ficou faltando e a assistente social aceitou que eu passasse o número e ela puxasse novamente o CPF. E daí nós viemos embora e ela perguntou como fazia para batizar a filha dela porque na... igreja São Francisco o padre falou que ela teria que casar e daí a gente sugeriu que ela fosse na igreja perto de onde o Joseph mora que era onde o Denes morava com ela que provavelmente lá eles poderiam batizar a criança sem casar se eles quisessem [mas em outra oportunidade perguntei para a dona María sobre a Loudie e ela disse que na igreja perto da casa dela, mesmo sendo mais afastada da cidade, também teria que casar. Isso porque quando ela comentou pela primeira vez que gostaria de batizar a filha estávamos dentro da sala da assistente social, e ela sugeriu tentar outra igreja, porque talvez pelo fato de estar em uma região central houvesse maior dificuldade. Mesmo assim não foi possível.]

A noite, sete horas eu fui a escola, porque eu já tinha ido no dia 9 conversei com a auxiliar de direção no Núcleo Esperança [onde a dona María cursou as aulas de alfabetização e onde as filhas dela estudam durante o dia], ela falou que a professora se chamava V. e... ela geralmente não ia as sextas, algo assim, ou naquela sexta ela não iria e que era melhor ir em uma segunda ou terça-feira. Então, aproveitei para ir hoje, conversei com a professora V. e ela deu várias informações importantes, de que o projeto era do IELAR e que virou da prefeitura e principalmente porque ela disse que os haitianos que iam, que participaram da alfabetização

eram alfabetizados na língua nativa deles. Alguns, ela recebeu professor... professor na sala para fazer alfabetização [em português] ela falou que alguns falavam três línguas. Eu falei, “mas os haitianos que eu estou conversando, eles são iletrados na língua nativa deles”, e ela falou que não pegou nenhum dessa forma. Ela falou que a rotatividade era alta e que o ano que vem [2018] provavelmente não vai ter, não vai oferecer para haitianos lá e o governo municipal estava passando, então, a matrícula para os EJAs e para um Ms, é para um EJA no São Francisco, e esse bairro São Francisco provavelmente é o bairro que mais tem haitiano, tanto porque essa professora disse quanto por causa do CRAS que é localizado lá também. Conversei com a atendente que fez o cadastro único da dona Loudie, ela trabalhava passando os cadastros dos Cras para o sistema no CRAS central e ela falou que a maior parte dos cadastros que ela passava era deste bairro, era do CRAS Novo Mundo. Então, provavelmente vai ficar mais fácil para eles também irem até a escola porque é mais perto. O bairro São Francisco é bem mais próximo à cidade, é dentro da cidade, do que o Núcleo Esperança.

No dia 9 tinha sido aniversário do Emilien. Dona María me guardou um pedaço de bolo de abacaxi. O Joseph perdeu o emprego novamente, trabalhou dois meses e perdeu o emprego. Agora ele me disse hoje que ele está esperando, que ele entregou o currículo em uma peixaria, a peixaria disse que ia chamar. Dona María disse que vai começar a estudar no ano que vem em outra escola, para continuar os estudos, não em uma sala de alfabetização, mas para continuar os estudos. No dia 9 dona María tinha falado que o menino mais velho, Emilien, está fazendo um curso preparatório de dois ou três meses, que foram oferecer na escola é pago, mas tem bolsa, para fazer a prova das forças armadas. Eu expliquei para ela para ele entrar quando ele estiver no primeiro ano (do Ensino Médio), este ano ele ainda vai fazer o nono ano, porque ela me mostrou o papel, que pelas forças armadas ele poderia fazer faculdade, mas a pessoa que entregou o papel falou que ele teria que ser naturalizado brasileiro. Daí no dia 9 não foi possível ir à polícia federal, no dia 16 nós fomos à polícia federal e o policial atendente explicou para ela que quando os documentos deles ficarem prontos, vierem do Conare, ele entra com um processo para pedir a naturalização provisória para poder entrar nas forças armada. Que era muito bom, segundo ele, ele falou para ela, mas que tinha que esperar os documentos voltarem. Como eles entraram como venezuelanos, a documentação deles teve que ir para o Conare, não tem previsão de quando será lançada, porque o Joseph morou, segundo ele, cerca de 30 anos na Venezuela, quase 30 anos na Venezuela e ele naturalizou venezuelano e, segundo ele, rasgaram o passaporte haitiano, a documentação haitiana dele quando ele se tornou venezuelano e não tinha como ele requerer entrada como haitiano para isso ele teria que ir a Brasília e em Brasília

na embaixada pedir os documentos dele no Haiti e ele achou que era muito complicado ele voltar a Brasília, então preferiu entrar como venezuelano [ele entrou com haitiano, mesmo com passaporte venezuelano, quando ele chegou em Manaus em 2013 a polícia federal fez o protocolo de refúgio como haitiano, o problema surgiu quando ele quis trazer a família e daí para fazer a documentação de reunião familiar viram que ele é naturalizado venezuelano e não haitiano], isso fez com que a documentação demorasse, eles ainda não tem RNE [se ele tivesse documentação haitiana ele teria RNE porque as resoluções facilitaram a documentação para haitianos], os documentos foram enviados, mas não tem previsão de volta.

- 27 nov. 2017

Comentário do Joseph hoje. Ele me falou no final da tarde... “Você sabia que no Brasil tem preto como eu?”. Eu falei “tem”. Ele falou assim: “Como eu! Eu conheci um rapaz que é preto como eu e a mulher dele é branca, mas ele é preto como eu”.

- 02 abr. 2018

Hoje dia 02 de abril de 2018 Joseph e dona María me ligaram que tinham ido ao departamento de estrangeiro da Polícia Federal levar os documentos, porque já havia vencido um ano de visto de refúgio (temporário) eles foram pegar os papeis para renovar, preencheram e levaram de volta. E daí eles me ligaram porque... para fazer o visto de permanência de dois anos precisava de uns documentos de Xerox e precisava pagar uma taxa. E daí o policial ligou no CRAS em que eles fizeram o cadastro para o bolsa família e informou sobre a taxa. Eles iam ao Cras e se desse tudo certo iam fazer por lá os papeis senão me ligavam para saber sobre isso.

- 06 abr. 2018

Hoje dia 06 de abril de 2018 eu fui com a dona María na polícia federal porque ela tinha me ligado, me avisado na segunda-feira que precisaria voltar lá com os documentos, porque ela foi à polícia para renovar o visto de refúgio porque tinha vencido um ano e daí o governo lançou uma portaria que permite a residência temporária de dois anos, para países não... que não... que são fronteiriços mas que não tem acordos de migração do MERCOSUL, no caso, a Venezuela. Daí ela tinha ido lá, ele tinha falado isso, deu os papeis para ela e pediu para ela ir ao CRAS para pegar o papel do Bolsa família e também para assinarem o papel pelo fato de eles não poderem pagar a taxa (declaração de hipossuficiência) e outros documentos. Eu fiz os documentos durante a semana (disponíveis no site da polícia federal): o requerimento para todos eles, antecedentes criminais e ela (dona María) juntou com outros documentos e a gente

foi à polícia conferir se estavam todos certos. No final, ficou faltando o documento de antecedentes criminais porque não servia o da polícia federal (disponível no site da polícia federal) tem que ser o da polícia civil, então eles ainda vão ao poupatempo para fazer, da dona María e do Joseph. Parece que essa nova portaria facilita, ainda não li tudo, mas pelo o que o policial falou facilita (em relação ao pedido de residência temporária anterior à nova lei de imigração) porque não precisa deles estarem trabalhando no momento e tem maior flexibilidade em relação aos documentos (por exemplo, a dona María e o Joseph não tem certidão de nascimento, não há necessidade de apresentar o passaporte, pode ser apenas a cédula de identidade. Mas, por exemplo, o comprovante de endereço precisa sempre estar atualizado. Neste mesmo dia o outro policial atendeu uma outra moça e como o tio dela onde estava hospedada havia mudado de endereço o policial pediu que eles voltassem com um outro Xerox para atualizar o endereço do tio. O policial disse ainda que sempre que eles mudarem de endereço devem ir à polícia para atualizar. Talvez isso seja um entrave, pois eles mudam muito de endereço). Segundo o policial ficou melhor do que no caso dos haitianos (preciso analisar as portarias e compará-las).

Eu conversei bastante com o policial, acompanhei a visita, ele me perguntou porque eu estava me envolvendo com... quando eu tinha conhecido o Joseph e dona María, eu falei da pesquisa de mestrado sobre os nordestinos, ele se interessou, disse que sua família era nordestina. Contei sobre o doutorado, da pesquisa sobre migração haitiana. Aproveitei para pedir... lembrar ele que eu tinha mandado um email pedindo uma entrevista porque embora eu acompanhe a dona María e o Joseph nas idas à polícia federal, eles estão fazendo a documentação como venezuelanos e eu precisaria saber mais informações sobre os haitianos. Ele contou que em 2013 ficou dois meses em Brasília, perto de Brasília, para poder ajudar no mutirão de documentação. Contou como era a rotina deles lá no dia. Disse que quando chegavam de manhã tinha uma média de papeis preenchidos de requerimentos (de refúgio), eles pegavam e iam para a delegacia digitar... aí eles tiravam foto, numeravam os imigrantes pela ordem dos requerimentos e tiravam foto, depois na delegacia eles pegavam a ordem das fotos e casavam com a ordem dos requerimentos, eles faziam a documentação e avisavam para os imigrantes irem à polícia federal depois das 14 horas para poder retirar a documentação. Ele contou suas impressões de lá, como era a vida deles lá (as condições eram difíceis porque tinham abrigos, mas não eram suficientes para todos os que chegavam, então muitos ficavam pelas ruas). Contou que gostaria de ir agora para Boa Vista para ajudar, mas que não sabe se vai por causa de questão de faculdade, que ele está fazendo. E contou um pouco da rotina dele, de que eles trabalham em dois policiais no departamento de estrangeiros, e que cada hora é uma coisa: um

é refúgio, um perdeu o documento, o outro casou, então assim... não tem uma rotina estabelecida. Quando cheguei lá tinha um americano que tinha se casado com uma brasileira (policia de Catanduva-sp), eles estavam lá para legalizar o casamento no Brasil. Tinha um Inglês que perdeu o documento. Tinha saído um casal, talvez de angolanos, não sei (vestiam túnicas feitas com o mesmo tecido, linhas e zigue-zague em verde e amarelo). Então, tem um fluxo bem grande. A dona María, eles, foram lá várias vezes por causa da questão da documentação deles. E, eles tiveram dificuldade porque o Joseph entrou como venezuelano, na época seria mais fácil se ele entrasse como haitiano, mas ele perdeu a documentação haitiana quando ele se naturalizou venezuelano. E aí para pedir a documentação no Haiti, ele achou melhor não [porque ele teria que ir a Brasília na embaixada] e daí no começo teve bastante problema [porque na primeira vez que ele entrou ele entrou com passaporte venezuelano e a polícia federal deu refugio de haitiano. Quando ele pediu reunião família os policiais em Rio Preto perceberam o erro e tiveram que fazer outra documentação como venezuelano], mas agora com essa nova portaria parece que vai resolver a questão. Ele, o policial, até falou que não precisa mais esperar a documentação vir de Brasília [do CONARE] para se tornar permanente, porque essa portaria facilitou mais. E ele contou uma impressão, assim, o policial trata muito bem os imigrantes, ajuda no que é possível, mas há uma descentralização do atendimento, porque, por exemplo, faltou um dado [um documento] que era os antecedentes criminais, mas é difícil saber que os antecedentes criminais era da polícia civil, que teria que ir ao poupatempo, porque não estava especificando no requerimento e quando se entra no site da polícia federal para fazer o requerimento você logo imagina que os antecedentes criminais e o feito pela polícia federal [disponível no site da polícia federal], mas não é. Então, eu imagino que para um imigrante fazer isso é complicado. Para uma outra pessoa fazer [um nacional] ainda assim corre este risco de ele não entender.

A dona María falou que ele tinha falado que não precisaria tirar o Xerox de passaporte, por exemplo, do que ele já tinha lá, que era só dos que ele não tinha ainda, que era das duas meninas. Daí ele brincou, porque ele tirou Xerox para ela de comprovante de endereço, ele brincou que eu estava fazendo o trabalho de serviço social também, hoje, naquele dia também né. Aí ele falou que é... o procedimento se faltar documento, o procedimento é voltar depois. Mas parece que existe uma sensibilidade de entender a dificuldade da compreensão destes imigrantes e também em alguns casos a falta de dinheiro, de ficar se locomovendo e, enfim, tirando xerox e imprimindo. E eles facilitaram bastante a vida... apesar de no começo terem errado os nomes... são várias idas à polícia federal, não é uma coisa simples de se resolver. E daí tem as outras

documentações. Eles, os imigrantes, ficam... o que eu senti é que dá para ficar bem perdido em “onde vou fazer o quê”, porque são lugares espalhados pela cidade. Mas, foi bastante interessante. Depois que a dona María fizer o documento dos antecedentes criminais a gente vai ligar para agendar para retornar e aí sim retornar com as crianças, colher a digital. A gente não foi no Poupatempo hoje porque o Joseph está sem serviço [trabalho] já desde novembro se não me engano. Então ele sai de manhã e às vezes ele arruma trabalho, às vezes ele não arruma, por dia, e aí ele vai trabalhando, ele não estava em casa. Aí dona María me contou que ela fez alfabetização pelo IELAR em uma escola próxima ao bairro, o IELAR é uma instituição espírita, um hospital espírita, entrou em crise, isso eu já tinha conversado com a professora V. também, e a prefeitura assumiu o projeto, mas eles estavam pensando em deixar só o EJA que é próprio da secretaria municipal de educação da prefeitura. Não tem um... não consegui informação ainda porque o contato com a secretaria é mais complicado. Eles pedem para mandar email, mas daí a gente manda email e eles não respondem. Mas ainda vou ver isso. Para a dona María... O projeto também saiu da escola porque a prefeitura disse que era inviável mandar um ônibus para pegar um aluno em cada bairro, então provavelmente foi para uma escola mais central. E daí a dona María teria que fazer o ensino médio, só que no bairro que ela mora é muito ruim o horário de ônibus a noite para ela conseguir fazer o ensino médio. Daí ela disse que tentou emprego, foi fazer um currículo no Poupatempo, mas eles, como ela não tem escolaridade e nenhum curso eles colocaram ela só como serviços gerais. Então, o que ela fez, ela tinha me mandado mensagem perguntando onde ela poderia fazer curso e eu indiquei o SEBRAE e uns outros lugares. E daí ela foi fazer um curso no Sebrae para colocar no currículo. Ela termina o curso nessa semana e ela vai voltar no Poupatempo e vai fazer um currículo para tentar arrumar um emprego porque ela vai tentar guardar um dinheiro para trazer os sobrinhos para o Brasil. A mãe dela e a irmã não moram perto de Caracas e eles estão enfrentando muita dificuldade financeira. A mãe recebe uma pensão do governo, mas ela estava falando que as vezes manda cem reais para lá, cem reais se convertem em oito mil bolívares e um pouco de arroz está custando trezentos mil bolívares. Então, assim, ela comentou que uma sobrinha fazia faculdade e teve que parar porque o custo do transporte estava muito alto. Então ela está planejando guardar o dinheiro para mandar para a sobrinha e para o sobrinho chegar até Boa Vista, que é a parte mais cara da viagem, que depois, de Boa Vista para Brasília e de Brasília para Rio Preto, e então ela quer arrumar um trabalho para isso.

- 23 abr. 2018

Ontem dia 23 de abril nós voltamos na PF com a dona María, Joseph e os filhos para poder levar a documentação, para tirar as digitais, assinar para a carteira de residência temporária. O governo, com a nova lei de imigração pegou todos os pedidos de refúgio e transformou em um documento mais rápido. [Antes], teria que esperar vir do CONARE o documento que garantisse que eles teriam o RNE, então o governo abriu essa portaria para fazer a carteira de residência temporária. O que a gente percebeu, faltou alguns documentos, é a terceira vez que a gente vai lá e tem documentos novos para trazer. Cada vez que a gente vai o site está atualizado. Os próprios policiais tem dificuldade para achar que portaria, que número, que documento, porque também vai sendo atualizado e segundo o que eles falaram... no sistema de cadastro da polícia não está direcionado qual é a numeração de tal tipo de portaria, qual migrante... eles tem que ficar procurando isso na internet para ver qual portaria, qual numeração.

É... tem muita gente agora, o serviço está superlotado, assim, porque todos os migrantes que estavam em Rio Preto, a maioria não tinha o RNE [tinham apenas o refúgio], porque ainda estava em trânsito [a documentação ainda não tinha voltado do CONARE], muitos desses estão indo agora para fazer a carteira de residência temporária, então, está tendo uma superlotação. Assim, nove horas [da manhã] já está uma fila que já vai atender de manhã e tem que mandar voltar a tarde [aqueles que chegam após as dez e meia, por exemplo, são orientados a voltar à tarde, pois não há como atender de manhã. Muitos continuam esperando, pois já perderam o dia de trabalho para resolver a documentação ou não podem gastar com o ônibus para voltar, ou ainda moram muito longe da PF e não compensa o trânsito entre ir e voltar]. Também tem muitos problemas burocráticos. São muitos papéis que são necessários e daí os migrantes tem alguns problemas, no caso é... a carteira de... a certidão de nascimento o nome da mãe está de um jeito às vezes no passaporte saiu de outro, com a grafia errada, às vezes é a data de nascimento, às vezes é o endereço deles em Rio Preto, porque como eles mudam de casa, relativamente rápido, às vezes o documento que eles levaram era em um endereço, agora é em outro, eles voltam lá e não podem fazer [dar prosseguimento na documentação]. Toda vez que eles mudarem de endereço eles têm que comunicar a polícia federal. E também... a polícia fica estrategicamente em um lugar longe de onde, pelo menos dos haitianos que eu estou em contato moram [há um grande número de haitianos nos bairros Jardim Novo Mundo, Jardim Urano e arredores, impressão também confirmada por uma atendente do CRAS Novo Mundo, ela disse que quando trabalhava no setor de cadastramento de todos os cadúnicos no site, a maior parte dos documentos de imigrantes haitianos vinham destes bairros], e provavelmente dos outros imigrantes também. E, então, é um gasto ir até a polícia federal, eles ficam lá esperando, mesmo

o policial mandando eles voltarem depois, eles ficam esperando porque já pagaram o passe [de ônibus] e tem essa questão de endereço também que acaba dificultando. Agora, todos eles que forem fazer a carteira de residência temporária tem que pegar um papel, o policial entrega um papel, eles têm que voltar no poupatempo onde fizeram a carteira de trabalho para poder renovar a carteira de trabalho com essa nova documentação. Então, é progressivo a... superlotação dos órgãos públicos, porque se muda alguma coisa para a polícia federal, eles, em cadeia, têm que ir aos outros órgão para poder regularizar, então isso é uma coisa progressiva que dá bastante trabalho para eles [migrantes] e acho que para os próprios atendentes também. A gente ficou lá quase três horas para poder fazer a documentação de todos [os membros da família], faltou documentação e a gente vai voltar sexta-feira para levar o restante da documentação, que no caso ainda faltava uma declaração de hipossuficiência do Joseph que a gente não levou, esquecemos, a declaração de endereço eletrônico que a gente não tinha sido informado que precisava e precisa para todos. E saiu uma nova... documentação para os menores, uma nova declaração, e, tem que levar. E o Joseph e a dona María precisam dar baixa no pedido de refúgio, como eles vieram como venezuelanos. Tinham outros venezuelanos lá, tinha um haitiano que também está há três anos no Brasil e que também foi beneficiado agora com esta carteira de residência temporária, a documentação dele ficou certa e o policial instruiu ele para voltar daqui dois meses para pegar a carteira [de permanência temporária] [no dia também chegou uma mulher haitiana que foi levar documentos, ela contou que está em rio preto há três anos]. Então, esse processo ainda vai durar alguns meses até todos se recadastrarem, se regularizarem.

- 27 abr. 2018

Ontem, dia 27 de abril de 2018, nós voltamos à polícia federal. Na segunda-feira a gente tinha ido com toda a família do Joseph para colher digitais e assinaturas e ficou faltando uns documentos e o policial pediu para a gente levar na sexta-feira. Os documentos eram: declaração de hipossuficiência [econômica] do Joseph e das crianças, só tinha feito antes a da dona María, a declaração de endereço eletrônico de todos e para as crianças que são menores uma declaração de autorização. E eu fiz os documentos e levei com o Joseph e a dona María lá, porque eles precisavam ir para assinar estes documentos e para dar baixa no pedido de refúgio porque agora eles vão diretamente conseguir a residência temporária que é baseada na nova lei de imigração para países que são da América do Sul mas não estão no acordo do Mercosul, Haiti, Síria e parece que esta residência temporária vai abranger outros [países]. A gente chegou lá umas nove horas mais ou menos e só tinha um policial, ele ajudou a fazer a documentação ano passado, mas não é ele que está fazendo agora os pedidos de residência temporária. E aí a

gente ficou esperando uma meia hora lá fora [dentro do prédio da polícia, mas do lado de fora do departamento de estrangeiros]. A dona María me contou que a situação na Venezuela está muito difícil e o Joseph está sem trabalho, ela não está conseguindo mandar dinheiro. A mãe dela mora em um povoado um pouco longe de Caracas, a irmã está morando com a mãe, levou os filhos porque não dava para se manter em Caracas e para cuidar da mãe. A mãe anda de andador, é hipertensa, não está tendo dinheiro para comprar os medicamentos. Ela também disse que está faltando comida, que uma sobrinha dela foi visitar e disse para a dona María que já não se encontra mais margarina, maionese e... eles estão muito desesperados para conseguir dinheiro para mandar, tanto a dona María para a mãe quanto o Joseph para a mãe. Porque na segunda-feira [passada, enquanto a gente estava na PF ele falava com a mãe] a mãe do Joseph foi num povoado vizinho para mandar mensagem pelo whatsapp para o Joseph dizendo que já não se tinha mais o que comer, para ele mandar algum dinheiro. E... o Joseph não tem dinheiro para mandar porque está desempregado desde novembro, às vezes ele trabalha por dia, ele sai e se ele achar serviço ele trabalha senão não trabalha, e eles estão muito preocupados com essa situação. A dona María disse que tem um médico mais velho, já de idade, que visita o Joseph, que é amigo do Joseph, disse que ele e a mulher não tem filhos e eles compram comida para o Joseph e ela está pensando em pedir para ele prescrever a receita para hipertensão, losartana, o remédio, para ela tentar conseguir aqui e mandar para a mãe, porque ela disse que todo dinheiro que se ganha não dá para nada na Venezuela. E ela disse que as empresas já estão saindo [do país]. Ela disse que tinha uma empresa alimentícia e que já saiu, a coca-cola já saiu e que a situação está muito difícil. Ela mencionou de novo que está pensando em trazer o sobrinho para vir morar aqui e ela perguntou para mim, depois perguntamos para o policial se ele poderia entrar sem passaporte porque o governo da Venezuela não está liberando passaporte. E daí, sim, com essa nova lei de imigração ele pode entrar só com a cédula de identidade. Ela falou que está pensando nos custos da viagem que precisaria mais ou menos uns cem reais para ele chegar até Santa Helena, e a viagem toda daria uns seiscentos reais porque de avião de Brasília aqui seria uns trezentos reais, ela conhece uma mulher lá que pode ajudá-los. E daí ele chegaria até Santa Helena na Venezuela passaria para Boa Vista, depois Brasília e Rio Preto. Então, eu acho que é isso que eles vão tentar fazer no momento. Ela mencionou que antes do Maduro, quando... eu perguntei para ela como era no governo do Hugo Chaves e ela disse que a situação era um pouco melhor porque o Maduro [eu confundi no áudio, ela estava falando sobre o Hugo Chaves] conseguia fazer acordo com as empresas, então na questão da alimentação ia muita alimentação do Brasil para a Venezuela e que depois do Maduro se cortou todas as relações. Na verdade, a Venezuela saiu do Mercosul e daí começou a ter problemas de abastecimento. Ela falou que ela

já viajou até Santa Helena, ela disse que são doze horas de viagem, para poder comprar comida e levar para a cidade dela, mas que tem que ter dinheiro [porque é só se compra em dinheiro] e se a polícia pegar só pode um item por pessoa, então pode ficar embargado, é... que as compras teriam que ser feitas em Santa Helena à vista, o que seria... o que era muito difícil, então ela fez isso uma vez e não fez mais... [em todo este momento, desde que peguei eles na casa deles até durante o atendimento o Joseph estava falando com familiares, com a mãe e primos] Ela... nesse momento, mais ou menos o policial chegou, era aniversário dele e por algum motivo o chefe dele, o outro policial que trabalha, com ele tinha dado folga [algo relacionado com as horas que eles trabalham a mais ou algo assim] e... ele não iria e ele se lembrou que a gente ia estar esperando ele e foi lá. Porque ele disse que sexta-feira ele só deixa para fazer a documentação de refúgio e naturalização que é mais demorado, então não ia ter ninguém, ele tinha adiantado o nosso na segunda-feira [ele marcava os dias que atenderia a família de acordo com minha disponibilidade. Como falei para ele que para mim seria melhor na segunda e na sexta, foram nestes dias que mais fomos à PF]. E daí ele foi para fazer a documentação e ficamos lá. Eu percebi que tinha escrito o nome do pai da dona María errado, eu escrevi Alfonso com s e era com z, ele refez o material, o protocolo, anexou os outros documentos e aí no final a gente percebeu que o nome da... dos pais do Joseph estavam errados... no que a dona María passou para mim em relação ao protocolo de refúgio que ele fez em 2013 quando ele entrou pela primeira vez no Brasil, em Manaus. Porque a documentação do Joseph quando ele entrou, ele entrou como haitiano, mas ele já era naturalizado venezuelano e daí ele contou para a gente lá no momento que tinha um padre recebendo eles e como ele era venezuelano o padre não quis receber ele, porque estava recebendo só haitiano, ele foi ao posto da polícia, a polícia fez a documentação dele como haitiano e, no mesmo dia fez o protocolo de refúgio e a carteira de trabalho. E daí ele com o passaporte venezuelano, o protocolo de refúgio haitiano, e do jeito que ele falou o nome dos pais... o policial escreveu. Então, segundo ele o pai chama Deslandes Thomas e a mãe Marcelie Laguet. E daí escreveram o nome dos pais. A dona María me passou a grafia diferente. E daí fomos tentar entender o que tinha acontecido... Aí verificamos que na carteira de trabalho estava escrito como no protocolo de refúgio, porque foi feito no mesmo dia, e o fato interessante é que colocaram na documentação... na carteira de trabalho, em nacionalidade colocaram “reunião”, não colocaram nem um nem outro [haitiano ou venezuelano]. E para ele não ter mais problemas em refazer a documentação, consideramos o que tinha sido escrito no protocolo de refúgio e na carteira de trabalho porque não tem como comprovar os nomes dos pais. Eu sugeri que o Joseph mandasse mensagem para a família dele, para as irmãs que estão no Haiti e perguntasse o que estava escrito na certidão de nascimento

delas, mas elas estão sem celular. E daí ele conversou com um primo que está no Canadá [depois descobri que ele não está no Canadá, mas em uma ilha francesa, Guadalupe. Segundo Joseph havia cerca de vinte anos que não falava com este primo, cresceram juntos no Haiti]. Que, por sinal, ele tinha descoberto o telefone do primo num dia anterior com outro primo que está no Chile. E este primo [de Guadalupe] escreveu como ele vê... como ele lembra do nome dos pais, dos tios dele no caso. Esse primo é alfabetizado e o Joseph não é alfabetizado, então ele não sabe como escreve o nome dos pais. Esse primo passou a grafia diferente, e o nome do pai é trocado, o Joseph achava que era Deslandes Thomas, e o primo passou Thomas Deslandes. O fato é que o Joseph perdeu a certidão de nascimento no Haiti, ele não tem. Quando ele fez... o passaporte haitiano, pela primeira vez, escreveram o nome dele errado, ao invés de escreverem Deslandes escreveram Grant, e ele passou a se chamar Grant [sobrenome] a partir de então, e os filhos [dele] são registrados com esse nome. Quando ele chegou na Venezuela para... e fez a naturalização venezuelana, eles não pediram segundo Joseph, não pediram a certidão de nascimento, não viram, não pediram do consulado haitiano, e pegaram do jeito que estava o nome no passaporte haitiano e fizeram o passaporte venezuelano e ficou assim, não confirmou o nome de pai nem de mãe. Na certidão de nascimento das crianças dele não tem a identificação dos avós. O policial disse que na certidão de nascimento dos brasileiros consta o nome dos avós, mas lá não consta, então a gente não tem nenhum documento... para documentar a grafia dos pais [do Joseph], então ficou com a grafia que os policiais escreveram na primeira vez, em 2013, no protocolo de refúgio. Isso levou um tempo... para o Joseph entender que não era o nome dele, era a questão do nome dos pais [ele ficou bem nervoso. Acho que ele achou que nós não entendemos que o nome dele mudou desde o passaporte haitiano há quase 40 anos atrás. Acho que ele achou que a documentação dele no Brasil não daria certo por causa disso] e a gente chegou neste acordo de que ficaria o nome que está na carteira de trabalho.

Então a documentação dele ficou pronta, ficou faltando para o policial fazer, refazer o protocolo [na verdade, é o requerimento do site] do Joseph para trocar o nome dos pais [pois ele fez como a dona María me mandou e agora será feito como está na carteira de trabalho]. É, mas já era hora do almoço, ele faria isso então depois. Nós fomos embora. O policial avisou que demora cerca de dois meses para vir a carteira de residência temporária, que era para eles procurarem [depois deste prazo para ligarem na polícia federal para saber se chegou], porque no protocolo não tinha colocado o email da dona María, então ele não iriam avisar diretamente [com o email no protocolo a PF envia email avisando que a documentação ficou pronta], mas que daqui dois meses era para eles procurarem, ligarem na polícia federal.

Eu conversei um tempo com o policial, ele contou histórias sobre o avô dele. O avô dele foi militar no Acre. O avô dele tem noventa e alguns anos agora, então há muitos anos atrás. Eu sugeri para ele gravar uma conversa com o avô, que isso [essas histórias] seria documentado. Porque eu lembrei ele que eu vou... que eu gostaria de fazer uma entrevista gravada com ele. E daí ele ficou com meu telefone e nas próximas semanas provavelmente eu vou ligar para marcar uma entrevista com ele. Depois disso, nós voltamos, dona María e Joseph, levei eles na casa dele e... e foi isso.

- 14 de maio.

Na segunda-feira passada, dia 14 de maio, eu fui em Rio Preto porque eu fui ao Poupatempo e à Secretaria de educação municipal porque os emails que eu mandei pedindo para fazer a entrevista não foram retornados [depois disso eu fui à casa de Joseph e dona María].

Eu cheguei a casa deles e fiquei conversando com Joseph e a dona María. O Joseph estava muito triste, muito, estava falando em se matar. Que às vezes ele pensa que se ele saísse na rua e um carro atropelasse ele seria melhor, porque a mãe dele e o pai dele estão sem comida, mora em um povoado, não tem energia [elétrica], não tem comida, e ele está sem emprego, não consegue mandar dinheiro, e a situação... então, eu falei não Joseph, os filhos vão ficar com a dona María, como ela vai fazer para cuidar. Ele falou, mas pelo menos para mim acabava o problema, ela se vire. E aí dona María riu. Eu tentei acalmar ele, que não era assim. Ele estava pensando em ir embora do Brasil, porque ele descobriu um primo que ele não falava há muitos anos. Quando a gente estava na polícia federal da última vez ele falou com esse primo para perguntar o nome dos pais dele. Ele falou para mim que ele estava no Canadá, foi um primo no Chile que passou esse telefone desse primo no Canadá. Só que ele não está no Canadá. Ele está em uma ilha no Caribe, e é uma ilha francesa, não sei se trabalha numa empresa canadense, algo assim. É... ele está em Guadalupe, e o Joseph já estava pensando em ir para Guadalupe. Perguntei porque ele não ia para o Chile, ele falou que os parentes que estão no Chile também estão passando dificuldade, que o Chile estava bom, mas não está mais. E ele estava tentando sair [do país], e eu tentei acalmar ele, mostrei para ele no mapa que Guadalupe estava longe, que estava mais próxima do Haiti. Ele falou que de avião não tem problema, que de avião era rapidinho. Falei, mas a passagem, tudo, até você juntar dinheiro para a passagem, não é melhor você tentar arrumar as coisas por aqui. E aí ele falou que não, que... ele falou assim para mim, “tendo dinheiro para mim não tem problema”. Eu falei, mas Joseph, o problema é ter dinheiro. Aí ele pensou, pensou. Ele estava falando que estava muito difícil, que ele estava trabalhando por... ele saía a pé e ia até o terminal [de ônibus urbano] andando, para lá do terminal, voltada.

Ele tinha conseguido um emprego por 80 reais o dia, só que não dava o passe do ônibus, nem alimentação. Aí ele achou que estava pouco porque ele tinha que tirar o dinheiro do passe e da alimentação. Saiu. Aí foi trabalhar com um outro homem, que uma mulher que ajuda ele... esposa do médico, não, é, avisou alguém que falou desse homem que... trabalha com limpeza de ar condicionado. E daí ele disse que foi, e chegando lá ele disse que pagava 50 reais o dia. Ele disse que o serviço não era pesado, era só limpar o ar condicionado, mas 50 reais por dia, não tinha passe, não tinha comida, o dia inteiro andando. Aí o cara falou que pagava 60 [reais]. Daí ele disse que ficou triste porque saiu do outro emprego a 80 reais por dia e este 60, só que ele falou que não ia sair porque quem indicou foi essa mulher que ajuda ele. Só que aí, no início ele disse que o moço falou que era para trabalhar todo dia, e aí chegou sexta-feira não trabalhou, segunda-feira não trabalhou e ele não sabia se terça-feira ia trabalhar, então, assim, são sessenta reais por dia, mas se ficar... trabalhar dois dias na semana também é difícil. E... agora conversei com dona María ontem, ela falou que Joseph conseguiu um emprego, mas eu preciso ainda ver, ontem foi quinta, ainda vou conversar com ele para ver se vão registrar ele, porque no último que registrara, registraram por dois meses porque era contrato. Os contratos e os trabalhos por dia pegaram eles [imigrantes] assim, num momento muito difícil, porque eles não tem família aqui, não tem estabilidade, não tem como tirar dinheiro de outro lugar se perder o emprego e ele também não tem outros parentes que estão em um situação melhor para mandar dinheiro para ele, ele que tinha que estar mandando dinheiro para o Haiti.

Aí eu conversei com ele, ele falou que preferia que a mãe dele não ligasse, porque a mãe dele ligava chorando [e ele ficava muito mal quando a mãe dele ligava por saber da situação lá]. Me explicou a situação, como funciona no Haiti. Falou que só tem como plantar [não tem indústria], planta mandioca, planta milho... quando chove planta e depois quando é época de colher todo mundo está colhendo, então o produto não tem valor nenhum, todo mundo tem comida, mas não tem valor nenhum [Não entendi como é a questão da alimentação. Não sei se falta todo tipo de comida ou se eles consomem apenas o que conseguem plantar, ou se tem relação com a distância do povoado da cidade, ou com a época do ano] e não tem outro tipo de emprego e... eu perguntei para ele se não dava para a mãe ir para a capital, ele disse que não, disse que o pai dele está muito magro, muito magro e ele fica muito triste [ele disse que fica triste em ver a comida na casa dele, ele comendo e os pais dele sem nada para comer, ele se sente culpado]. Aí eu falei para ele o que eu achava, que eu achava que os que ficaram no Haiti ou na Venezuela acham que as [pessoas] que saíram estão vivendo bem, conseguiram as coisas, estão bem de vida para mandar dinheiro, e eles concordaram. Eles falaram que eles [que ficaram] acham que eles [que migraram] estão bem. A dona María falou que na Venezuela também, eles acham que

está tudo bem aqui. Eu falei, enquanto que aqui vocês mal conseguem para vocês sobreviverem aqui. Então, ele [Joseph] estava muito chateado. Eu espero que agora, se ele conseguiu mesmo este emprego, que ele melhore, porque ele estava muito, muito triste, estava muito falando em se matar... Fiquei preocupada, tentei acalmá-lo. Mas dona María também estava lá, então, acho que assim, ela deve ajudar ele. Talvez, quando ela estava na Venezuela e ele estava aqui, às vezes ele passava por dificuldade, mas não via a família passando por dificuldade. Não sei... agora as quatro crianças e ele e a dona María, e não consegue arrumar emprego. Ele estava bem triste, mas espero que tenha melhorado.

APÊNDICE B - Entrevista com estudante e pesquisador no curso de pós-graduação, doutorado, imigrante haitiano.

Entrevista realizada no dia 18 de novembro de 2015.

Pesquisadora.: Então, eu separei a pesquisa... as perguntas em três... três coisas: saber sobre você, saber sobre os haitianos e saber sobre sua relação com o Brasil.

Entrevistado.: Uhum.

P.: Certo?

Então, eu queria saber o que te motivou vir ao Brasil estudar sobre o Haiti?

E.: Bom, primeiro deixa eu me apresentar.

P.: Por favor.

E.: Eu sou J. F., sou haitiano e eu fiz uma primeira graduação em Direito entre 2004-2008, na faculdade de Direito e de Ciências Econômicas lá do Haiti. Segundo ponto, eu fiz uma outra graduação em Ciências Sociais na Escola Normal Superior e eu me graduei lá entre 2007-2010. No momento do terremoto eu estava lá no Haiti. No momento de prestar para a bolsa de estudo no Brasil não era só eu, muitos outros alunos da faculdade, da Escola Normal Superior prestaram essa bolsa, a gente tinha muitas outras escolhas, muitas oportunidades, muitas outras oportunidades. Porque tem outros países, por exemplo a França que estavam oferecendo bolsa de estudos para os estudantes haitianos que passaram a sofrer desse terremoto, você sabe. E o programa do Brasil chama Pro-Haiti vem acontecendo depois do terremoto e esse programa foi concebido para ajudar os alunos haitianos que acabaram de sofrer esse terremoto para vir para cá fazendo intercambio passando três a um ano e meio e depois voltar com um certificado de conclusão de curso. Então a ideia do Pro-Haiti é digamos assim, uma graduação sanduíche. Você vem para cá para terminar os cursos que foram interrompidos no momento do terremoto. Porque o terremoto afetou grandemente as estruturas, as infraestruturas universitárias. Por exemplo, a minha faculdade, as minhas duas faculdades, digamos assim, foram totalmente destruídas. Então não... dois dias depois do terremoto não tinha condição infraestrutural de continuar a fazer esse ensino, a dar aulas com os alunos na faculdade. Então, o Brasil veio oferecendo essa oportunidade aos haitianos, aos alunos haitianos. É nesse contexto que eu cheguei aqui em 2011 para fazer um... para fazer esse tipo de intercambio. Mas no momento é que eu não fiquei sabendo o que significa realmente uma graduação sanduíche. Qual a característica, qual é o conteúdo de uma graduação sanduíche. Porque no meu caso e tem alguns alunos que já estiveram nessa mesma situação, que eu já acabei duas graduações. Já terminei

duas graduações. As ciências sociais para as quais eu prestei essa bolsa, eu já acabei. Eu já estava num processo de projeção do mestrado, no momento de prestar. Então, na minha reflexão ao se candidatar a essa bolsa de estudo no Brasil, eu viria para cá para fazer o mestrado.

C.X: Não foi isso?

E. F: Então, segundo o programa Pro-Haiti não foi isso, porque como eu já disse o programa é que... é como se, por exemplo, a minha casa foi totalmente destruída e você me deu hospedagem na sua casa por durante, por exemplo, um mês para que eu possa me recuperar moralmente, financeiramente, economicamente. E depois de um mês, então, você está me querendo ir embora porque é isso o contrato, é isso o acordo entre você e eu. É assim o programa Pro-Haiti. Mas chegando aqui a gente tinha alguns problemas a respeito do conteúdo e da interpretação desse programa e a gente achou um jeito para, digamos assim, reconhecer alguns erros que foram cometidos e adiantar. Isso foi feito entre a Capes e a Unicamp, que desempenhou um papel muito importante nesse momento, nesse quadro, e bom... foi achando uma, uma, foi achando uma porta de saída, uma porta de solução e as pessoas que quiserem entrar no doutorado tem que prestar o concurso normal como todo mundo. E é assim.

P.: O mestrado você fez na Unicamp?

E.: Fiz na Unicamp.

P.: Aí ficou como se fosse parte desse Pro-Haiti?

E.: É... é que, no meu caso eu prestei a bolsa do PEC PG do CNPq.

P.: Você prestou o processo seletivo normal para Unicamp?

E. : Normal.

P.: Entendi.

E.: Normal. Como todo mundo. Porque, aos haitianos, como eles têm mais relações com a França. É que, no caso da França você não precisa de fazer um concurso. Você envia seu projeto, e o projeto é avaliado, é aprovado e você entra no Master 1, no Master 2, depende da, digamos assim, da validade, da qualidade do seu projeto. Ou você pode entrar diretamente no Master 2. Ou você começa no Master 1. É assim que funciona na França. Então como os haitianos têm relações acadêmicas com a França, então, eles ficaram numa comparação, numa abordagem comparativa entre a França e o Brasil. Pensando que é a mesma coisa, mas não foi. É um outro universo, uma outra realidade que tem suas próprias especificidades. Então aqui você passa no concurso como todo mundo. E, o que a gente precisava é a oportunidade de fazer isso. A gente não tinha medo de prestar o concurso. Seja difícil, etc e tudo bem. A vida é uma...é um risco. Tem que arriscar. É um desafio, que você precisa desafiar. Então a gente passou, a primeira etapa foi um sucesso no sentido de que a Capes aceitou em harmonia com a Unicamp

e com as outras universidades onde os haitianos foram: Santa Catarina, Porto Alegre, São Carlos. Acharam um jeito para que, porque nós mostramos a vontade de... do querer de estudar. E isso, é, foi interpretado de uma maneira positiva pela Capes e pelas universidades, em particular pela Unicamp. E a gente entrou normal, mas não é todo mundo as pessoas que tem vontade, tem a capacidade de entrar nesse momento, de prestar o mestrado, o processo seletivo como todo mundo.

P.: Entendi.

E.: Não tinha dessa.

P.: Entendi.

Essa foi a primeira vez que você veio ao Brasil?

E.: A primeira vez. Nunca.

Quando eu ouvia falar do Brasil eu sou um torcedor da equipe brasileira, sou um grande torcedor. Na verdade eu torço dois... duas equipes, tá, Brasil e Argentina. Como sabe, dois inimigos amigos. [risos].

P.: Torce para os dois ao mesmo tempo.

E.: É... para os dois. Mas quando o Brasil está jogando com Argentina, eu não sei qual tem as cor. Bom, ponto. Então, é a primeira vez. Mas já ouvi falar do Brasil, muito antigamente.

P.: Entendi.

Você já vivenciou outras experiências de migração? Já migrou para outro lugar?

E.: Sim. É... mas foi uma experiência muito curta.

P.: Para onde você foi?

E.: Muito curta para o... eu... É... eu fui... Eu fui fazer uma... um estágio profissional, em Guadalupe no âmbito do meu trabalho. Não é do trabalho acadêmico, trabalho profissional. Eu trabalhei na biblioteca normal, nacional, do Haiti. E eu fui lá, fui lá fazendo um estágio profissional. Foi uma boa experiência.

P.: Ficou quanto tempo lá?

E.: Um mês.

Está vendo, muito curto.

P.: Entendi.

Você falou um pouco... bem... a outra pergunta é: o que você conhecia sobre o Brasil antes de emigrar?

Então, por exemplo, como funciona o processo acadêmico não foi divulgado...

E.: O café... o futebol, o café. O carnaval. É... e a beleza das mulheres brasileiras. E... a música brasileira.

P.: Qual música?

E.: É... bom... até hoje eu não posso identificar os ritmos, os tipos de música brasileiros. Porque eles são... tem... eles são latino-americanos, é latino-americanos e... na verdade em geral eu gosto das músicas latinas americanas, mas [...] as músicas mexicanas e as músicas dominicanas. Mas no caso do Brasil, quando eu cheguei aqui, eu comecei a gostar da sertaneja, do sertanejo né?

P.: Sertanejo.

E.: E... então, mas antes de vir para cá, é que a música brasileira em geral, porque eu não busco... eu não podia identificar.

P.: A que chegava lá...

E.: Outro aspecto que eu esqueci de mencionar é que [...] ¹ Tem um aspecto que eu esqueci de mencionar, é o aspecto linguístico. Que foi um dos meus motivos principais, da minha seleção do Brasil como ponto de... como ponto de referência acadêmica. Porque eu tinha o sonho de aprender uma outra língua, de falar uma outra língua além do francês, do inglês e do espanhol. E então, como a gente tinha outras, muitas escolas, particular dos países francófonos, vou então para o Brasil. Mas eu escolhi o Brasil, principalmente, como posso dizer, principalmente por isso mesmo. Por isso mesmo, e não é porque o processo seletivo do Brasil da bolsa foi mais fácil, porque tinha muita gente que se candidataram e não é porque foi fácil. Não foi fácil não, não foi fácil não. Não é porque, digamos assim, o Brasil está se desenvolvendo, se tornando país emergente. Não é isso, mas... primeiro no meu objetivo eu não queria sair do Haiti, isso é de uma maneira geral. Eu não queria sair do Haiti sem por acaso algum estudo. Essa foi a minha preocupação. Eu me dizia que eu não vou sair do Haiti se não fosse um caso de estudar. Foi.

P.: Entendi. E a possibilidade de aprender o português...

E.: Tá? Então, eu... então, o Brasil, o Brasil e outros países ofereceram, ofereceram essa oportunidade. Então, eu tinha, então o objetivo principal estar sendo em processo de realização que é sair do país para estudar. Então eu deveria escolher um outro critério para escolher dentre esses países e o segundo critério é a língua.

P.: Entendi.

E.: Entendeu?

P.: Entendi. A França é onde tem mais relação, mas no caso como você queria aprender uma língua, tinha interesse em mergulhar em estudos diferentes, você optou por um dos países diferentes que era o Brasil e não países...

¹ Uma mulher abriu a porta para perguntar se precisávamos de canetas de lousa.

E.: Eu não escolhi outros critérios.

P.: Entendi.

E.: Porque eu ia me confundir, me perder, tá. O critério da língua foi ótimo, foi ótimo. Totalmente perfeito.

P.: Você está no Brasil desde 2011?

E.: uhum, desde 2011.

P.: E a Unicamp oferecia curso de português para estrangeiro?

E.: uhum, de português. A gente passou seis meses ou um ano? Acho que seis meses aprendendo português no CEL, que é o Centro de Ensino de Línguas, na Unicamp. Foi previsto no âmbito da bolsa.

P.: Entendi.

E.: porque se não for, pelo que eu entendi. Se não for, não é todo estrangeiro que chega aqui que tem a possibilidade de... se não for aluno da Unicamp, ou se não vem no âmbito de um programa, de aprender o português. Porque não tem vaga para todo mundo. Porque por exemplo, eu passei muito tempo a... espera, não consegui, até hoje não consegui para achar uma vaga numa turma de língua italiana.

P.: Onde? Na Unicamp?

E.: Na Unicamp, sim.

P.: Não sobram vagas?

E.: Não, não tem.

Eu... porque, as vagas são para alunos, primeiro, primeiro obstáculo: as vagas são para alunos de graduação, ponto. Mas eu sou aluno de pós-graduação, então não tem como. Mas eu queria fazer, mas não tem como. Apesar de ser aluno regular do, da Unicamp, você está entendendo?

P.: São questões burocráticas que às vezes impedem...

E.: Administrativas, burocráticas, complexas. É só para entender que a nossa aprendizagem, a aprendizagem do português para os haitianos foram um dos aspectos previstos, um dos elementos previstos no âmbito do contrato Pro-Haiti. Porque não é tão fácil chegar um estrangeiro e entrar no centro de linguagem para aprender uma língua. Não é tão fácil na Unicamp.

P.: Entendi. É... você poderia falar sobre o que você conhece do contexto de migração dos haitianos para o Brasil nos últimos anos? O que você conhece de pessoas que vem do Haiti para o Brasil? Pode ser na academia, que é o que você mais conhece, pode ser do que você vivenciou.

E.: Olha só... A migração haitiana, antes de escolher ou de enfatizar o caso do Brasil. É que a migração haitiana começou a partir dos anos da ditadura militar. E se a gente quiser voltar mais

para traz, do ponto de vista histórico, a gente poderia começar a partir de 12 de 1915², que é o período onde começou a ocupação americana. E a ocupação americana tinha um papel muito impactante, muito importante na migração haitiana para o exterior, em particular para a República Dominicana, para os Estados Unidos, para o Canadá, para a França. Ou seja, a ocupação americana chegou num contexto histórico onde o país estava passando pelas crises internas e crises políticas internas: golpes, golpes frequentes e constantes, lutas pelo poder, movimentos sociais, revoltas sociais, tá... e estabilidade política³. Então, a ocupação americana, digamos assim, criou uma outra configuração da sociedade haitiana expulsando a classe camponesa, porque a classe camponesa foi obrigada a trabalhar mais que doze horas por dia com um salário precário. Na ocupação America, a ocupação americana é a significação do restabelecimento de uma nova era escravista porque as pessoas estão trabalhando por pouco dinheiro, pouco dinheiro e o dinheiro que estão ganhando não podem comprar nada. Então, essa... aqui é na classe dos camponeses, que é a classe média, digamos assim. E podemos dividir uma parte média e uma parte baixa, a classe pobre. Porque os camponeses nesse período são aqueles que têm uma fazenda, que tem bovinas, que tem cabritos, que está fazendo “elevagem”, e que tem possibilidade econômica suficiente para viver, para viver com a sua família. Mas a ocupação americana chegou e destruiu tudo isso.

Então, essa classe média tinha que achar uma saída porque não poderia suportar esses tipos de tratamentos do ocupante. Então, aí para a República Dominicana nas plantações de cana de açúcar, trabalhando, nas plantações de tomates, trabalhando, vai para os Estados Unidos. Porque neste período também os Estados Unidos estavam precisando de mão de obra baratas como está acontecendo hoje no Brasil. Vai, mas, o Canadá e a França fizeram uma outra, um outro tipo de, tiveram um outro tipo de política migratória. No caso do Canadá, o Canadá faz uma política migratória seletiva de competência, de profissionais competentes, ta bom. E a classe dominante, digamos assim, a classe intelectual do Haiti nesse período tinha alguns que concordavam com a ocupação, e tinha um grupo que não concordava com a ocupação. Isso é normal numa sociedade, todo mundo não pode se concordar com toda coisa. Mas essa parte que não se concorda foi a maioria, e essa maioria foi perseguida. E como ela foi

² Parece que se trata de 12 de agosto de 1915, quando Dartiguenave ganhou as eleições. (Pesquisar). Schmidt, Hans. *The United States Occupation of Haiti, 1915-1934*. New Brunswick, New Jersey.: Rutgers University Press, 1971, p. 74. In: Google Books: < https://books.google.com.br/books?id=xkzoLWt_-NMC&pg=PA74&lpg=PA74&dq=12+de+1915+Haiti&source=bl&ots=XurNtZQ-Hi&sig=7xYNkMzwIhv3B6xsueQHh4ks76Q&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwjR_-SD38jKAhVFIB4KHdV-DSAQ6AEIVjAH#v=onepage&q=12%20de%201915%20Haiti&f=false>. Acesso em: 26 jan, 2016.

³ Acho que ele quis dizer *instabilidade* política.

perseguida, ela tem capacidade intelectual e profissional de... oferecer sua potência, mas a sua própria sociedade está recusando seu próprio valor, então, o Canadá pegou eles e a França pegou uma parte, mas o Canadá pegou a maior, a 90 por cento. Até hoje.

Então, a maioria... isso vai ser um espiral, vai continuar até a chegada do Duvalier, da ditadura. O Duvalier... então, a gente chega desde o período da ocupação, então, a gente volta na ocupação porque o ocupante ajudado, digamos assim, pela classe política que depois de aceitar a ocupação se arrependeu, porque ela se enganou, por aceitar a ocupação americana. Então, essa classe política, digamos assim, não, essa elite intelectual, essa elite política vai continuar no poder e até a chegada do François Duvalier.

Então, dois impactos principais, tem vários, tem um livro de Suzy Castor que depois eu posso te recomendar, que fala, que aborda esse aspecto da ocupação americana. Tem muitos livros sobre isso, mas ela é uma boa referência. Dois aspectos, dois impactos da ocupação americana sobre essa questão da migração. É que você tem dois... duas categorias sociais, uma categoria social fragilizada e uma categoria social privilegiada. A categoria social fragilizada é a categoria social pobre, os camponeses que foram... que não tem capacidade é, qualidades intelectuais suficientes vão trabalhar com salário precário e nos países que estavam precisando de mão de obra barata até hoje, na época da ditadura militar por exemplo, estavam precisando dessas pessoas para fazer um trabalho de escravo. Isso é o primeiro aspecto. Segundo aspecto, a outra categoria social privilegiada são, vem da classe intelectual, e essa classe intelectual fugiu da opressão do ocupante, vai fugir também da opressão da ditadura de Duvalier, a partir dos anos 60 – não, a partir dos anos... sim, 60 – porque Duvalier não entendeu... sim, ele pertenceu a classe intelectual, não tem dúvida sobre isso, mas Duvalier foi... criou uma outra dinâmica que é uma das consequências da ocupação. O que é? Duvalier chegou no poder de maneira muito, digamos assim, muito estranha, porque Duvalier não foi um líder, digamos assim, privilegiado, digamos assim, entre os diferentes... candidatos que nessa época. Porque Duvalier, digamos assim, foi uma surpresa, como Martelly hoje, como Michel Martelly hoje, o atual presidente. Uma surpresa. Uma grande surpresa, para todo mundo. Porque segundo alguns comentários, opiniões públicas dos políticos Duvalier não estava....

P.: liderando

E.: numa posição de...

P.: de vencer

E.: de vencer. Foi uma grande surpresa, então, quando ele ganhou a eleição nas condições muito críticas, corruptas... Então, ele se virou, um ditador. Mas a questão é: como Duvalier se

transformou em um ditador? Como Duvalier foi... porque aí foi um... quem conheceu ele, ele foi um... ele foi um doutor, um doutor veterinário, veterinário? Ve-te-ri-ná-ri-o.

P.: Isso.

E.: E... não, não é veterinário, ele foi um médico comunitário, digamos, não é veterinário, é comunitário. E, e foi nas zonas rurais mais afastadas da capital, das zonas rurais, ajudando as pessoas a se curar e... fazendo, digamos assim, o trabalho profissional de, como se chama?

P.: Voluntário?

E.: Hum?

P.: Voluntário, ou não?

E.: Voluntário, sim, voluntário. Mas isso faz parte do núcleo.... da faculdade de medicina. Como que se chama? É, serviço social.

P.: Ok.

E.: Isso. Serviço Social. Então, e... a partir desse período que foi conhecido nas comunidades urbanas... é rurais, digamos assim, e foi uma surpresa. Bom, então. A questão é: como Duvalier se transformou em um ditador? Eu não tenho uma resposta específica, mas eu posso colocar dizendo que é a própria sociedade haitiana que transformou Duvalier em um ditador. E essa concepção dos haitianos do líder, de um líder político acabou de criar um monstro. Então, Duvalier é um produto so... é um produto da sociedade haitiana que acabou se transformando em um monstro, mas um monstro que pertence ainda à sociedade haitiana. E, depois da saída física dos americanos, eles criaram um sistema de dominação contínua do aparelho político e econômico do Haiti. É que eles fragilizam, os americanos, é que eles fragilizam a economia do Haiti tornando o Haiti cada vez mais fraco do ponto de vista econômico e político. Cada vez mais dependente, tá? E , no setor político, no setor... nos setores político-econômico... os americanos tem sua mão imposta. É a dominação americana. A dominação, essa dominação não é mais física porque os soldados saíram, mas é uma dominação...

P.: Na esfera do mercado... política...

E.: É uma dominação política, uma dominação econômica, mas digamos assim, que não é física, mas que é...

P.: uma relação de dependência...

E.: uma relação de dependência nas relações diplomáticas entre o Haiti e os Estados Unidos.

Eu tenho um texto que eu poderia te passar se quiser que eu escrevi sobre essa questão como nesse processo de dominação do Haiti pelos Estados Unidos.

Então, a gente tem uma categoria social privilegiada, que pertence à classe intelectual, que vai para o Canadá, para a França no âmbito de uma política migratória desses dois países.

E você tem uma outra categoria social fragilizada que vai para os países mais pobres como o Haiti... dos países pobres como o Haiti, como a República Dominicana ou para os Estados Unidos.

Então, no caso do Duvalier, é que as pessoas estão continuando fugindo da sociedade haitiana porque eles temem, eles temeram da ditadura Duvalier. Porque Duvalier se você... um ditador... um ditador... quando... se você é contra ele você vai ser perseguido. Com certeza, é o que vai acontecer. Então, essa perseguição continua e a mas... e segundo alguns autores, é que nesse período já a gente poderia contar até quatrocentos... cinco... quinhentos até seiscentos mil haitianos que já foram embora, que já foram... que já fugiram do Haiti, do território haitiano, mas a maioria foi para o Canadá. Digamos assim, é... temos uma história de migração, o Haiti, a respeito dos países com os quais o Haiti tem relações mais próximas: Canadá, França, Estados Unidos...

P.: República Dominicana...

E.: República Dominicana.

P.: E o Brasil surge...

E.: E o Brasil, o caso do Brasil surgiu... a partir do terremoto de 2010, mas não é o início das relações entre nacionais, entre o Brasil e o Haiti. E... o caso da migração dos haitianos para o Brasil é, não é tão diferente do que aconteceu nos anos 60 quando os haitianos estavam fugindo da Ditadura Militar do Duvalier. Não é, não é tão diferente. Só que a diferença vem se colocando a respeito de um fenômeno natural...

P.: Intensificou...

E.: Porque... porque é a partir desse momento que nós assistimos a um fluxo migratório mais intenso dos haitianos para o Brasil, para a República Dominicana, para os Estados Unidos. Mas a maioria vem para o Brasil. Mas por que eles vieram para o Brasil? Por que a maioria vem... deles vem para o Brasil? Ao Brasil, digamos. É que, eu costumo dizer que o terremoto não matou as pessoas. O terremoto não matou, ou não, digamos assim, não lamentou a vida das pessoas. É que as nossas fragilidades sociais anteriores... é a essas fragilidades sociais e econômicas que temos que remeter nossa situação. Porque o terremoto vem acontecendo, vem chegando num momento com as nossas fragilidades. Ou seja, a gente tinha muitas fragilidades sociais e econômicas antes de ter o terremoto. E essas fragilidades estão continuando depois do terremoto.

P.: Na... você fala na possibilidade de a sociedade se reerguer...

E.: Não. De mudar a vida social da comunidade, da sociedade haitiana. É isso que eu estou falando. De achar um jeito, um plano, uma estratégia de investir mais na educação, na saúde, de melhorar a vida social da população. É isso que eu estou dizendo.

P.: Uhum.

E.: Então, o terremoto. A gente está sempre colocando o terremoto como um fato principal da migração dos haitianos para o Brasil. Não, mas para mim, além do terremoto, com o terremoto ou depois do terremoto, um dia isso deveria acontecer. Por que isso deveria acontecer? Primeiro, os EUA hoje, digamos assim, estão cada vez mais restringindo as possibilidades para que o um haitianos possa migrar no seu território. Então a política migratória dos EUA mudou desde trinta anos. Faz trinta anos, principalmente a respeito dos países pobres como o Haiti. Está vendo? Por exemplo, vou te dar só um exemplo. É que antes, foi o processo de migração familiar. Você tem, por exemplo, o seu marido nos EUA, ele preencheu um papel, etc. isso foi muito rápido. Mas hoje você precisa esperar pelo menos um ano, para ser chamado. Para ser chamado e iniciar o processo. Porque no momento de preencher a pessoa que preencher para você, preenche, mas o processo ainda não é iniciado. Você, o processo vai ser iniciado quando você é chamado. Mas antes não foi isso! E por que não foi isso? Porque nesse período, nos anos 50, os EUA estavam precisando de mão de obra barata.

P.: E a relação com o Brasil que começou anterior foi a relação militar, da MINUSTAH?

E.: Não. É que...

P.: Ou tinha relações econômicas...

E.: Não. É que... não... Relações diplomáticas... Relações diplomáticas. Mas relações diplomáticas que o Haiti tinha relações diplomáticas com muitos países da América, da América Latina, como a Bolívia, como sabe, com a Bolívia, com a Colômbia, tá. Historicamente o Haiti tem muitas coincidências históricas com os países da América. E... mas, são relações diplomáticas. Mas essa relação ganhou, essa relação ganhou uma certa visibilidade midiática após do terremoto. Mas na minha percepção, na minha reflexão é que o terremoto é um fato, um fato que vem acontecendo. Tudo bem, a gente não pode ignorar isso. Mas na minha reflexão, sem o conteúdo isso deveria acontecer um dia. Por quê? Porque não é o terremoto. Porque são as nossas fragilidades sociais que ainda estão presentes cada vez mais na sociedade. Então, sem resolver esses problemas, então, você vai achar um alibi. Um alibi. Para mim, o terremoto é um alibi. Apesar de ser um fenômeno que mata... que matou muita gente, muito dos meus amigos, muitas das pessoas. Eu não estou menosprezando o terremoto. Mas a gente precisa ir além do terremoto. Porque o terremoto aconteceu nos outros países. Tiveram terremoto na China, no

Japão... no México depois... e mas, com uma magnitude maior do que o Haiti. E tinha pouca gente mortos, pouca gente, pouca gente mortos.

P.: Entendi.

E.: E aí? Por quê? Então, a gente precisa abordar o problema nas suas raízes. Porque a situação social e econômica do povo está piorando e o povo está sempre em busca de outras oportunidades. E o terremoto sim, tem consequências econômicas sobre a população. Sim, com certeza. Mas se você vai achar, se você vai estudar a situação social do país dez anos do terremoto... puta... não tem nada para dizer. Você vai ver que a situação foi totalmente ruim. E depois do terremoto, não tem condição de melhorar.

P.: Entendi.

E.: Então, essa questão da migração dos haitianos para cá, para o Brasil, tem que ser entendido em dois aspectos. Primeiro, você tem uma rede, uma rede complexa de uma certa forma uma rede, entre aspas, invisíveis, mas os atores são visíveis, os atores são conhecidos e presentes tanto... estão fazendo um trabalho internacional. Estão numa rede de máfia internacional. Estão trabalhando para um setor. O negócio capital. O capital estrangeiro. Essa rede estão fazendo a mesma coisa que foi acontecido nos anos 60, quando os haitianos deveriam migrar para os EUA. Ou seja, os EUA foram projetados como paraíso, terra de menção, a terra de mel, a terra de leite e mel, a terra da prosperidade, a terra da fortuna, da riqueza, e tudo isso, nos anos... eu estou nos anos 60.

P.: uhum.

E.: É assim que foi projetado, que foram projetados os EUA aos haitianos. Mas essa projeção toma o corpo, digamos assim, a forma das situações sociais e econômicas no país. Porque tem que levar em conta as situações para construir uma projeção, para criar uma imagem. Está entendendo?

P.: uhum.

E.: Então, hoje essa questão. Hoje você tem essa rede no Haiti, que tem ligação com o Brasil que está criando uma imagem do Brasil no Haiti. Então, o Brasil tem uma imagem no Haiti, um país de emergência, um país... não é um país... porque... não é um país que está, onde está... onde tem mel e leite. Não, não é como nos EUA. Porque o Brasil, está entendendo? A configuração mudou. A configuração... a maneira de criar... de projetar um país por essas redes muito poderosas, muito presentes nos tráficos humanos, trabalhando pelo capital estrangeiro, o capital internacional, estão, digamos assim, reconfigurando a maneira de apresentar um país como destino.

Então, os conceitos de mel, leite, prosperidade, fortuna, não se colocam. O que se colocam? Quais são os parâmetros? É que o Brasil é um país emergente, é um país muito... “hospedário”... que gosta da gente, que gosta da cultura haitiana, que gosta da cultura afro-brasileira... africana, etc. E você vai achar um jeito para sobreviver lá. Você vai achar um caminho para sobreviver. Porque lá tem, vai acontecer a copa do mundo, vai acontecer os jogos olímpicos. É um país que está crescendo, que está precisando de mão de obras, mas não é um país de mel e de... e de leite. Está bem.

P.: Eu entendi.

E.: Os conceitos, os parâmetros mudaram porque os contextos históricos mudaram! Então, está rede está vendendo uma imagem do Brasil no Haiti. E têm haitianos e brasileiros que estão trabalhando juntos nessas redes. Os haitianos não são sozinhos também os brasileiros não são sozinhos. É um trabalho de redes interconectadas entre si para criar essa outra, essa nova configuração do Brasil. Mas a questão é... Uma questão que vem na minha cabeça. Por que desde então não existe uma rede tão poderosa, tão... presente no Haiti apresentando o Canadá, assim? Por que? Porque o Canadá tem uma política migratória totalmente diferente desses países, e o Canadá está fazendo uma migração seletiva de profissionais competentes, capazes de permitir crescer.

P.: Mas mesmo aqui no Brasil os migrantes que vão para o Canadá também passam por essa rede seletiva. Acho que é política do Canadá...

E.: Sim. É uma política internacional. Não é uma política só para o Haiti.

P.: Entendi.

E.: É uma política internacional. É que o Canadá tem uma outra maneira de ver a política migratória internacional.

P.: uhum...

E.: É que... O Canadá não se oferece como bonzinho a todo mundo. Ele tem algumas restrições. Muitas restrições. Mas é que lá tem obstáculos, tem barreiras. Mas por que tem barreiras? Será que o Canadá não faz parte dos países de tráfico humano? Sim, faz. Mas por quê? Não sei, eu não tenho uma resposta.

Então, eu poderia dizer, depende da política migratória do país. Se você tem uma política migratória hipócrita, dizendo uma coisa na teoria e fazendo uma outra na prática, então é assim que vai acontecer. Se você está criando uma, uma classe mais pobre, uma classe social mais pobre, ou está empobrecendo, está participando na dinâmica seja direta ou indireta do empobrecimento do país, tudo bem, é assim que funciona. Porque as pessoas desde os anos 60 que foram para os EUA, os haitianos que foram para os EUA, poucos, poucos entre eles, poucos

entre eles conseguiram se, digamos assim, ganhar suas vidas, fazendo muitos trabalhos, muitos trabalhos em horas diferentes para sobreviver. E até hoje eles tem fa... ouvido eles falar, eles tem sempre nostalgia de querer viver no seu país, após 50 anos...

P.: Eles ainda querem...

E.: Isso dá a pensar. Isso dá a pensar. Isso dá a pensar. Será... é que a migração, a migração dos haitianos dos anos 60 nos EUA é uma política dos EUA de achar mão de obra e de participar na dinâmica do empobrecimento do país. Isso faz parte da política de empobrecimento.

P.: Uhum.

E.: Tá? Então, será que o Brasil está nesse mesmo processo, nessa mesma dinâmica? Eu acho que sim. Por quê? Porque as pessoas, os haitianos estão aqui, com alguns que já falei... bom, politicamente tem um visto humanitário, mas na prática não. Porque o visto humanitário deveria ser uma estratégia de proteger eles contra do trabalho... escravidão.

P.: escravo... Mas não há um controle nenhum?

E.: Controle nenhum. Então, esses haitianos vieram para cá, eles foram explorados, enganados desde o Haiti com essa rede formados... com essa rede formada de haitianos e de brasileiros passando por várias fronteiras antes de chegar por São Paulo, e aí? Gastando todo seu dinheiro, e aí? Eles estão aqui se empobrecendo. Eles vão trabalhar para uma pequenina empresa, ganhando uma porcária de...

P.: Diretamente pelo governo brasileiro...

E.: de dinheiro.

P.: você disse que teve o Pro-Haiti, mas é relacionado só com a universidade...

E.: O Pro-Haiti é uma outra coisa.

P.: Sim. As redes são, são redes de tráfico. É uma forma de a pessoa conseguir vir para cá.

E.: Uhum.

P.: O Pro-Haiti está ligado só ao nível universitário?

E.: O Pro-Haiti é uma outra coisa, ta?... Porque o Pro-Haiti é um programa entre o governo haitiano e o governo...

P.: Brasileiro.

E.: Brasileiro. Tá. É que esse programa passou de uma maneira direta entre os dois governos. Está entendendo? É que... é que... Bom. Sim. Teve, digamos assim, tentativas de, digamos assim, de transformar ou de enviar o Pro-Haiti a partir desse... a partir dessas redes de tráficos humanos ou de... Mas sempre as questões acadêmicas, pelo que eu percebi, pela minha observação, as questões acadêmicas tem assim algum, tem... alguns aspectos corruptos. Tem, não tem dúvida sobre isso. Mas eles são um pouco melhor. Um pouco melhor. Eles são um

pouco melhor tratados de uma maneira mais ou menos democrática, ou mais ou menos liberal. Está entendendo?

P.: uhum.

E.: Mas isso não quer dizer que você vai ser enganado. Porque no meu caso, eu fui enganado, mas essa “enganança” foi a minha... foi também a minha culpa. Foi também a minha culpa porque a minha é que... é que eu não prestei muita atenção a entender o que é realmente o pós, o... essa questão da graduação sanduíche. Está entendendo? Então, então, às vezes você não pode, você precisa evitar culpando uma parte e ino...

P.: inocentando.

E.: Inocentando uma outra parte. As duas partes têm um papel, uma responsabilidade. Falando dos haitianos ou dessas redes invisíveis de tráficos humanos, que estão trabalhando pelo capital inter... extran... pelo capital internacional. É que os haitianos precisam também assumir a sua própria responsabilidade. Mas como... porque se a situação do país está... piorando, mas como entender uma pessoa... que... que vai gastar pelo menos cinco a sete mil dólares americanos só para, só para conseguir um visto ou visto e passagem para vir para cá? E... como? Isso ultrapassa a minha inteligência. Eu não consigo entender. Mas tem haitianos que não vão querer entender isso. Porque eu estou dizendo a verdade. Eu estou dizendo a verdade porque eles, eles foram enganados. Sim. Mas precisa de uma certa capacidade de ver o que vai dar certo ou o que você poderia fazer ou qual seria uma outra alternativa, uma outra estratégia gastando de todo esse dinheiro. Está entendendo? Então o país é difícil para viver, para sobreviver. Mas eu não vou numa, eu não vou entrar numa, numa dimensão humanitária, numa dimensão profética, uma dimensão emocional dizendo que eu tenho que investir no país. Não, tenho que investir, tem que condições de investir. Condição econômica... condição... de segurança social, de segurança civil. Tem que ter condição, o Estado precisa criar condição. Se não tem condição você precisa achar um outro jeito, mas tem cuidado.

P.: Entendi. Você falou que eles de todas essas formas acabam sendo enganados. Como que você percebe, eu acho que um outro patamar dessa enganação, as questões de xenofobia e racismo quando vocês chegam aqui no Brasil? Se você teve ou se você conhece alguém ou o que aparece na mídia né, o tempo todo.

E.: Bom, é... o fato é que o Brasil é um país racista. Mas o meu problema com o Brasil é... é que o Brasil é mais, para mim o Brasil parece, me parece, mais racista do que a França. Por quê? Apesar a França de reconhecer o valor de vários autores haitianos. Vários. Apesar de... de que a gente, digamos assim, o Haiti tem um contencioso histórico com a França, a França apesar de não querer aceitar que a colonização foi o grande mal da humanidade e precisa pedir perdão

ao Haiti, a França reconhece muitos autores haitianos, da sua competência, do seu valor... da sua competência haitiana, do seu valor.

Eu não posso entender o Brasil, na América, um país que tem uma história de... ligada à África – e é nessa conexão que o Haiti e o Brasil se encontram, nesse ponto africanista – que, o brasileiros não conhecem nada dos autores haitianos. Eu fiquei... impressionado. Mas eu entendo a palavra do... as colocações do professor⁴. Eu entendo. E ele tem razão. E não é... só o único que fala sobre isso. O Omar, por exemplo. Você conhece o Omar, o professor Omar?

P.: Não.

E.: Ele é um dos pesquisadores sobre Haiti. Ele trabalha nessa, ele pesquisa também sobre os países africanos. Os países africanos, em particular, Moçambique. Mas ele é uma referência de pesquisadores do Haiti no Brasil, em particular, na Unicamp. A mesma coisa. A mesma abordagem. É que o Brasil está... nessas relações entre Brasil e o Haiti eu não consigo entender como o Brasil não... como os atores haitianos famosos, os mais famosos, tanto no passado como no presente, ainda não chegaram até o Brasil. Eu não consigo entender. Para mim, isso é um aspecto racista. Porque o Haiti é um povo negro. E os autores haitianos são negros. E o Brasil está querendo criar uma literatura, uma ciência, uma... ciência “branquinista”, entre aspas. Mas para mim isso é uma forma de racista, de racismo que é mais forte do que a gente está vivendo no cotidiano.

Isso é o primeiro aspecto. O segundo aspecto é que, em comparação também com a França, é que... se você for para a França você vai entender mesmo que os franceses são conscientes, são conscientes do seu racismo, são bem conscientes do seu racismo. E como existe leis internacionais proibindo as... manifestações racistas, então tem uma certa reticência. Mas de uma certa forma nas falas e nos comportamentos o francês não tem medo de... ter uma consciência de... de estar consciente de... de ter um certo comportamento racista a respeito do outro. Então, essa conscientização do racismo é importante. Porque para resolver ou para combater um mal se for um mal. Ou para combater um fenômeno que a gente está recusando tem que se conscientizar. Por que senão não vai resolver. Tem que ter consciência que este problema existe. Tem que ter consciência que esse problema é real, é presente. Mas o segundo aspecto é que os brasileiros não são conscientes do seu racismo. Então, como vai curar esse racismo? Ou será que é uma forma de não querer curar ou de não querer combater o racismo, essa inconscientização do racismo? Será que é uma forma? Essa inconscientização do racismo, será que é uma forma de não querer combater o racismo? Porque... porque você precisa ser

⁴ Ele está se referindo ao GT da Semana de Ciências Sociais da Pós-Graduação, no qual ele havia apresentado sua pesquisa de doutorado de manhã.

consciente do problema para resolver. Não tem jeito. Se você não é... se você não é consciente você não vai achar solução, porque a solução está no conhecimento e na conscientização do problema que você tem. Então, a gente está vivendo aqui no Brasil com o racismo cotidiano. Eu tenho um colega do meu grupo... com quem eu venho para cá que ele já foi vítima de... é... de palavras racistas. E têm vários, e tem vários outros haitianos que já... que já foram vítimas de, por exemplo, tem um menino em Santa Catarina que foi... que recebeu muitos... como se diz?... que foi agredido com palavras racistas. É um... bom, isso faz parte da cotidiana... da cotidiani...

P.: dade...

E.: da cotidianidade, cotidianidade da sociedade...

P.: brasileira.

E.: brasileira... Mas esses dois aspectos que eu coloquei são para mim mais importante para entender. E eu não estou menosprezando e ignorando o aspecto, o racismo aqui no Brasil, mas a gente precisa ir além disso para ver de uma outra forma essa sociedade brasileira. Mas... a dificuldade é entender essa própria sociedade brasileira que os mesmo brasileiros não conseguem entender.

P.: Você mantém contato com outros haitianos no Brasil, na universidade, pessoas que vieram para a universidade, fora da universidade e como você mantém esse contato, você visita essas pessoas, a internet, não sei...

E.: Bom... primeiro, eu tenho contato com alguns, não é com todos, e também eu estou acompanhando esse fenômeno migratório, apesar de não ser um especialista ou de não... é, de que esse aspecto não é a minha... o meu assunto de pesquisa particular, mas eu estou acompanhando... passo a passo, caso a caso. Então... e... na verdade eu não tenho muitos amigos... falando de amigos próximos, no verdadeiro sentido do conceito de amizade, está entendendo? Mas por contatos, eu tenho contatos com... os haitianos que estão aqui e em particular os que vieram comigo neste grupo de cerca de 40 que estão na Unicamp... Sim, o Face, a internet é uma... é um recurso eletrônico para manter esse contato com as pessoas que estão mais longe. Por exemplo, no mês de novem... de setembro a gente tinha um evento sobre a ocupação americana na Unicamp e a gente convidou um professor do Amapá, um professor haitiano que está ensinando lá como professor adjunto da universidade de Macapá. E então, eu não conhecia esse cara. Não conhecia. Foi uma indicação de um professor, de um... colega, também o professor Omar que conheceu... ele, ele estava na banca dele, da defesa dele. Então, é pela internet. A gente se fala, se conecta pela internet, pelo Face, e a gente... a gente convidou ele e ele... vinha para cá para dar uma palestra. Então... Mas contatos físicos e até... mas eu

tenho um defeito, tá, é um defeito. Eu não gosto de ir a casa das pessoas sem ser convidado. Eu não gosto de ir, mas isso é um defeito, é um defeito meu.

P.: Mas na universidade você tem contato...

E.: Não... na universidade a gente se encontra, a gente se encontra ou pelo menos a gente tem... eu posso te falar disso é que a gente está querendo montar um grupo de... que está interessado às pessoas que estão fazendo trabalho sobre o Haiti... “Evitar” essas pessoas a vir compartilhar com a gente suas pesquisas, sejam em andamento sejam já concluída, tá, mas se um dia você está a passeio na Unicamp me avisa, então a gente pode organizar uma palestra para que você possa compartilhar conosco a sua pesquisa e talvez a gente poderia te dar uma certa contribuição, quem sabe...

P.: uhum...

E.: tá. Então, a gente tem contato. A gente está tentando manter contato. Mas não é fácil, tá. Não é fácil porque cada um tem seu negócio, suas atividades... então as que estão interessados a este tipo de atividades de espírito intelectual é pouco. São poucos, são poucos porque cada um tem sua, seu plano. Isso não é... interesse. Mas a gente se encontrando no campus ou nas ruas, por exemplo, ou na igreja, a gente conversa como... Mas eu não preciso conhecer um haitiano antes de, por exemplo, de abordar, tá, isso... isso é gentil tá, isso faz parte da convivência humana. Mas... como grupos eu acho que tem um grupo... uma associação dos imigrantes haitianos em São Paulo... Alguém já me falou sobre isso. Mas eu não sei quem está liderando essa associação, se é um brasileiro se é um haitiano. Seria uma... não sei quem está liderando... Quem mais?... Mas... no sentido de organização de associação, de recrutamento dos haitianos isso é muito frágil, isso... a meu conhecimento não está acontecendo, tá. Ou... não sei. Mas a gente já tem contato, eu já tenho contatos com vários, no meu caso, fora da Unicamp, tá. Então é isso.

P.: uhum... Quando você chegou aqui quais foram, assim, você teve dificuldade ou foi fácil para se instalar fisicamente...

E.: Não... Para qualquer pessoa... para qualquer pessoa que sai do seu universo cultural originário vem se instalando num outro universo, os primeiros momentos são difíceis, de qualquer forma. Eu estou falando de mim... no sentido de que foi a minha própria vontade, que eu sabia o que eu estava fazendo. Mas pensando numa outra pessoa que não sabia o que ela vai vir fazer aqui, chegando aqui sabendo que ele... que ele ia por SP mas chegou em Porto Alegre e depois Santa Catarina fazendo trafico, passeando nos todos antes de chegar ao ponto final. Não tem ponto final na verdade. Então, é difícil... Você apesar de ter uma decisão voluntária de me afastar da minha família no Haiti, dos meus amigos na universidade, nas associações

religiosas, etc... a instalação, a integra... a inserção, não foi fácil nos primeiros momentos. Primeiro, o primeiro obstáculo: a língua. A língua para se comunicar. E até hoje eu tenho dificuldade na língua portuguesa, dificuldade de dizer alguma coisa. Eu não tenho vergonha de dizer isso. Eu sou consciente disso. Sendo consciente disso eu vou trabalhar para melhorar, tá. Então, nos primeiros momentos na vida de uma pessoa deslocalizada... é uma palavra que... que... como ele chama, Octavio Ianni gosta, a deslocalização, não é o viajamento... não a viagem. A situação de uma pessoa, os primeiros momentos de uma pessoa deslocalizada sempre é assim, mas... você vai se adaptando. Você tem que se adaptar. Então... bom. Depois de quatro anos eu estou sendo inserido, eu estou sendo continuando inserido no universo social, cultural do Brasil. Tem coisas, tem muitas coisas que eu não consigo entender. Tem muitas coisas que eu gostaria de entender. Ou e também tem muitas coisas que eu nunca vou conseguir entender. Então... a inserção social é um processo.

P.: Você falou da religião, que vocês as vezes se encontram em grupos aqui, que você tinha grupo lá. Que igreja específica você costuma ir?

E.: Ah... igrejas cristãs... tinha, eu freqüentava igrejas no Haiti, a que freqüentava e chegando também aqui eu freqüentava, mas vou as vezes, não é no mesmo ritmo como...

P.: ia lá.

E.: como eu estava lá no Haiti. O ritmo mudou porque o contexto acadêmico mudou... então...

P.: E você vê... você escolheu essa igreja por acaso ou você viu um acolhimento?

E.: Aqui?

P.: É.

E.: Eu não escolhi nenhuma igreja. Eu vou numa igreja.

P.: ah... entendi.

E.: Eu não tenho uma igreja específica aqui. Eu vou numa igreja.

P.: Achei que você seguia.... acontecia alguma coisa nessa igreja e você tinha uma relação específica.

E.: Não... não tem nada a ver.

P.: Entendi.

E.: Não tem nada a ver. Não tem nada a ver. Olha só: a minha vinda para cá foi uma decisão pessoal e voluntária...

P.: uhum.

E.: e aproveitando desse programa intergovernamental. Não tem nada a ver com a minha família, não tem nada a ver com a minha... com a igreja que eu freqüentava, não tem nada a ver

com a.... Tem só a ver com a... as administrações acadêmicas entre as universidades no Haiti e as universidades aqui, aqui no Brasil.

P.: Eu vou fazer a ultima pergunta...

[ele foi ao banheiro]

P.: Eu queria saber o que você acha que poderia melhorar para receber, então, os imigrantes.

E. F: O que?

P.: O que poderia melhorar na política migratória, que você teve, para receber melhor esses imigrantes?

E.: Olha só, para mim é uma falsa maneira de abordar a questão migratória do ponto de vista racional, sociológico, porque você... e num ponto de vista também da política internacional. Porque você não pode pedir a um país estrangeiro de redefinir ou de achar um jeito para receber melhor seus cidadãos.

Você não pode fazer isso. É contraditório. É irracional. É você como país que tem que criar condições suficientes, condições sociais, políticas, econômica, culturais para que seus cidadãos possam ou ficar ou sair voluntariamente. E quando eles vão chegar num território, a maneira como eles foram tratados no seu próprio país de origem eles vão, vão ter esse mesmo tipo de tratamento. Só um exemplo. Por que tanto barulho com a migração haitiana? Será que só os haitianos estão migrando para o Brasil? Não. Será que só os africanos estão migrando para o Brasil? Não. Mas por que tanto barulho? Porque eles vem de países pobres. Mas, mas os americanos não fazem barulhos, porque eles vem de uma outra condição, de uma outra perspec... de uma outra condição migratória. E um americano apesar de ser pobre quando chegar aqui no Brasil será tratado muito diferente do que o haitiano. Porque ele é americano e na América já tem um peso histórico na política internacional. Isso é valido com o canadense, com os franceses, porque esses países são considerados como países ricos, desenvolvidos e seus cidadãos vão ser tratados como... como tal. Ou seja, o cão do rei é rei. Está me entendendo?

É que para... isso não diz respeito só ao Brasil. Isso diz respeito a todos os países aonde os haitianos vão. Ou os países pobres como o Haiti [...] ⁵ vão. É que é o Haiti, é o governo do Haiti ou a, digamos assim, a sociedade haitiana que precisa redefinir as condições sociais de vida dos haitianos, primeiro momento, para que eles possam ser bem tratados no exterior. Porque é irracional pensar que os haitianos seriam bem tratados no exterior, enquanto eles são mal tratados, humilhados, rejeitados, recusados, menosprezados na sua própria sociedade. Isso não faz sentido.

⁵ Não entendi o que ele falou. Ele cita outros países. Acho que ele fala de Antígua e outro país que não consegui entender.

Então... então, a questão tem que se colocar assim. O que os haitianos, o governo haitiano poderia fazer para que os haitianos sejam bem tratados no exterior? E você vai ver, por exemplo, apesar dessa categoria, dessas duas categorias que eu mencionei: a categoria fragilizada e a categoria privilegiada, que é a categoria da classe intelectual. Esses mesmos... essas pessoas que pertencem a essa classe por serem haitianos eles não vão ter, apesar de ter capacidades intelectuais, eles não são pessoas qualquer... pessoas...

P.: qualquer...

E.: qualquer. Não são pessoas qualquer. Bem formados, profissional, etc. Mas por ser haitiano, a gente vai ter uma áurea um pouco fingida, um pouco hipócrita sobre eles. Por que? Porque eles são haitianos. Porque o Haiti tem uma história bem particular pela a qual ele está pagando um preço enorme na política internacional. Porque o Haiti é um país miserável, um país pobre. E apesar de ter todas as capacidades econômicas, intelectuais, culturais, bem educado, por ser haitiano você está levando... você está trazendo uma cruz pesada. Por ser haitiano. Está vendo? Então, é nosso trabalho, é nosso trabalho. Esquece essa questão da migração. Vamos trabalhar na nossa situação, no nosso caso. Vamos trabalhar para transformar nossa sociedade, nosso universo, para que o Haiti, a sociedade Haiti se torne uma sociedade onde os outros países também poderiam escolher como destino. Não é só como turistas, não é só como turistas. Mas para viver, para ir trabalhar. Mas não é nesse, não é nesse... nesse sentido, nesse aspecto de hoje de vir trabalhar para explorar. De vir trabalhar para investir. Mas é o nosso... é o nosso problema.

Mas para mim, a questão tem que ser abordada desse jeito, porque é um... é uma falta de respeito, porque eu não vou aceitar como haitiano, se por exemplo, caso o Haiti fosse uma França, um Canadá, eu não aceitaria que um país me dissesse como eu deveria tratar os migrantes. Eu não aceitaria. Porque é uma certa soberania que tem que ser respeitada. E também tem as suas próprias fragilidades internas que precisam ser resolvidas antes de exigir do outro. Você pode... eu não estou querendo dizer que você não pode – não é exigência – você não pode propor, você não pode, digamos assim, problematizar os tratamentos que os seus cidadãos, seus companheiros... estão sofrendo. Eu não estou querendo dizer isso. Mas quando você está fazendo isso, antes de resolver os seus próprios problemas internos, é isso o problema. Esse é o grande problema, tá. Então... e apesar de... apesar de que o Haiti é um país pobre, dependente, dominado, às vezes eu fico, como haitiano, eu fico muito envergonhado de, por exemplo, eu estava lendo um artigo... no site do [...] ⁶ a respeito da Ronda, você conhece Ronda? Ronda

⁶ Acho que ele fala IMF, que é a sigla em inglês de FMI.

P.: da polícia?

E.: Não, Ronda.

P.: Onda?

E.: Você não conhece...

P.: Não.

E.: um país africano. Ronda. Como se chama?

P.: Ruanda?

E.: Ruanda?

P.: Isso.

E.: Você conhece.

P.: uhum.

E.: Então, acabou de... o Senado acabou de votar uma nova Constituição permitindo ao presidente, Paul Kagame, de se candidatar como novo... como novo mandato. Bom, tudo bem. Só para resumir a história é que os... Washington, o Departamento de Estado achou que é uma decisão ruim... Puta, o que é isso...

P.: um outro país...

E.: Não, Washington, eu estou dizendo, o depar... Washington... Os EUA!

P.: uhum. Os EUA interferir...

E.: Interferiram! Como eles fazem sempre nos países pobres como Haiti. Acharam que é uma decisão ruim, ponto. O que é isso? Isso... Isso me constrangiu. Apesar de que Ruanda é um país pobre que está se desenvolvendo, que está se... está lutando com a corrupção, com a... tentativa de ditadura do Paul Kagame, etc. Tem seus problemas. E aí? Você tem o direito como... você é americano de entrar, de interferir, de opinar. Não tem, não.

Mas para finalizar, é que... os problemas migratórios são complexos e são muitos... e as causas, digamos assim, obrigam as pessoas a se migrar num país são múltiplas. Mas eu acho que... o primeiro passo seria trabalhar, agir sobre os problemas internos, internos desse país. Ponto.

P.: Obrigada.

E.: Obrigada, você.

APÊNDICE C - Entrevista realizada em, com funcionária do projeto de alfabetização.

Pesquisadora: (...) Então era do IELAR e daí...

Funcionária: É. Era do Ielar, era a empresa responsável pela gente, por todos os professores, que somos dez turmas no momento, porque antes era mais, é que diminuiu bastante... Porque nós fazíamos as matrículas dos alunos nas portas. Nós passávamos de bairro em bairro, de casa em casa fazendo as inscrições dos alunos. É... antigamente eram bem idosos os alunos, sabe? Aluno de 70, 80, até mais de 80, nós já tivemos alunos assim. Só que de uns anos para cá veio diminuindo a idade. Cheguei a ter aluno de 18 anos aqui. Então, tem salas aí que tem alunos com a idade bem, bem, bem novo, sabe.

P.: E funciona como o EJA, ou não?

F.: Funciona, funciona aqui é só alfabetização.

P.: Sei

F.: Só alfabetização. E os haitianos chegam, eles não chegam falando nada. Então, eles vem para cá porque eles querem saber o dia da semana, eles querem saber o nome das frutas, o nome dos ônibus que eles vão ter que pegar, o bairro, essas coisas. E... dialogar o dia a dia para que eles consigam se integrar no mercado de trabalho. Então, eles, eles são muito inteligentes. Então, a gente fala uma vez, duas, eles já pegam rápido, porque eles anotam tudo e se você passa alguma coisa aqui que eles não conhecem, eles perguntam e eu explico, explico e eles não conseguem entender, ele vai para internet, ele pesquisa rápido. Então, ele aprende a falar muito rápido.

P.: É?

F.: E aí quando eles já estão falando bem, que eles arrumam serviço...

P.: Eles param de vir...

F.: aí eles param de vir.

P.: Hum, entendi.

F.: Então, aqui é muito rotativo. Aí agora, segundo a... nossa coordenadora o projeto diz que vai modificar.

P.: hum.

F.: Então, eles estão pedindo para que os alunos façam inscrição no EJA. Então, porque os alunos que não fizeram a inscrição, eles também não vão... não vão estar desamparados. Porque é alfabetização mesmo. O aluno vem aqui aprender ler e escrever. Desde o nome, desde o alfabeto. E eles são bem interessados, tem uns que ainda trabalham como ela ali é mais nova, ela trabalha ainda para poder né... e fica cansado ainda para vir para escola. Eles fazem muito

sacrifício. O mais difícil aqui para mim é fazer com que eles entendam que eles são capazes de aprender. Isso é difícil colocar na cabeça de um aluno.

P.: Você acha que por causa da idade?

F.: Então, ele sempre fala que ele não consegue, que ele é, não entra nada na cabeça, que hoje ele não está bem para escrever, que hoje ele está com dor de cabeça, que, sabe? Então, ele, ele sempre tem alguma coisa. Mas, é... a gente chega a conclusão que é o medo de escrever. Ele tem medo de se arriscar. O adulto não é como a criança. A criança risca, você fala para ela: faz o desenho aqui sobre isso, isso, ou escreve aquilo. Ele rabisca ou ele faz qualquer coisa e ele traz para você: “está pronto, professora”. Agora o adulto é diferente. O adulto... o aluno vem com a cabeça vazia, ele só sabe brincar, e o adulto já vem com muitas coisas na cabeça, muitos problemas, a vivência dele é muito grande, então ele se torna muito mais, é... assim... ele aprende, mas com mais dificuldade, é mais lento. Mas eu gosto muito de trabalhar com este projeto, que é muito, para mim é muito assim, é... me compensa, eu fico feliz da vida quando eu... quando eu estou na sala de aula, e eu fico triste porque agora está falando que parece que vai, assim, diminuir as salas, e a gente corre o risco de ficar sem salas de aula. [04:10]

P.: Agora está com a prefeitura, e vai diminuir...

F.: Agora vai ficar com a prefeitura, né, por enquanto, até eu acredito, até não aparecer alguma empresa que pegue este projeto e, mas muitos alunos aqui tem muitas vantagens, compensou muito para eles. Porque eles precisam trabalhar, muitas empregadas domésticas precisam fazer uma lista para a patroa, anotar algum recado, atender um telefone, até mesmo hoje é... ligar um microondas, é... fogão às vezes tem que saber ler, maquina de lavar, então o aluno tem que saber.

P.: Elas...

F.: Uma lista para supermercado de... compras.

P.: Elas acham que facilita bastante depois a vida.

F.: Facilita. Tem aluno que aprende rápido. Tem outros que aprendem também, mas ele é mais devagar, mas lento.

P.: Mas no caso dos haitianos. Eu estou conversando com alguns haitianos que eles não são alfabetizados lá. Eles conseguem normalmente...?

F.: Esse, esse eu não encontrei aqui ainda.

P.: É?

F.: É. Eu já tive aqui professores na sala.

P.: ah...

F.: tem aluno haitiano que fala duas, três línguas.

P.: Sim, eu conheço alguns.

F.: E, eu acho eles muito inteligente.

P.: Então, os que vieram para cá são alfabetizados em crioulo, em francês.

F.: São alfabetizados. A maioria é professor, é... já terminou o curso... segundo grau, tranquilo. São muito bons, muito bonzinhos. Amorosos. Carinhosos. São muito religiosos, eles falam muito em Deus. É... Mas eu perguntei, assim, para eles assim: se eles eram os pobres do Haiti. Eles falaram que não. Que os pobres mesmo não saem de lá.

P.: Porque é cara a viagem.

F.: Porque é cara a viagem. Então, eles vem porque a família banca, ou algum... já tem algum dinheiro guardado. Porque o governo lá faz propaganda que o Brasil é um país muito bom, que o país não tem terremoto, que o país não tem guerra, e é isso. Então, eles ficam louco para vir para cá, porque dentro das pesquisas que eles fizeram o Brasil é um dos países que está em primeira mão para eles. Primeira mão.

P.: E depois que eles... a senhora não tem mais contato com eles depois que eles saem daqui.

F.: Não, muitos eu tenho o whatsapp, converso, eles mandam recado para mim.

P.: É?

F.: É. Tem um que foi embora para Campinas, ficou pouco tempo aqui. Americana. E eu estou sempre falando com ele.

P.: Ah, que bom.

F.: Porque ele aprende falar sabe, ele aprende falar e ele, ele conversa muito bem. Eu entendo o que ele fala. Então, para ele é uma glória aprender falar o português.

P.: E... tem algum registro de chamada, por exemplo, daqueles que vieram desde o começo do ano ou não? Eles vem...

F.: Eu tenho. Eu tenho, mas hoje eu não trouxe o diário.

P.: Ah, mas seria interessante. Mas qualquer coisa eu volto aqui outro dia, depois.

F.: Pode voltar. Tem nome que a gente não sabe nem falar. Eu peço para eles escreverem o nome deles na lousa.

P.: É, tem uns que é difícil de pronunciar. E de outras nacionalidades também tem?

F.: Eu tenho só venezuelano, que é a N.

P.: Ah, e o restante era haitiano?

F.: Tudo haitiano.

P.: E brasileiro.

F.: E... mas só haitiano, e os brasileiros que são os nossos aqui.

P.: Entendi. Eu não sabia deste projeto. Eu sei que quando eles vieram para cá, a maior parte veio acho que... veio bastante gente em 2014.

F.: Foi.

P.: Tinha uma igreja ali que dava aula de alfabetização... aqui na Estância São Pedro.

F.: Isso. 2015 aqui lotou, né?

Aluna: uhum.

F.: 2015 lotou, nós tínhamos uma sala só de haitianos.

P.: Só de haitianos.

F.: Tinha até mais... tinha outra professora que ficava aqui. Porque ela só mais conversava. Era mais conversação. Porque, aqui eu dou escrita porque eu tenho eles [brasileiros] que tenho que alfabetizar, mas se tiver só eles [haitianos] a gente não precisa nem escrever, eles querem só ouvir. Por exemplo, se eu for falar assim, é... o nome de uma fruta, qualquer coisa, eu trazia até o jornal assim do mercado para mostrar, dava um para cada um, para mostrar o que que era, lia com eles para eles entenderem realmente a nossa linguagem. Ah... rapidinho. Não ficava batendo na mesma tecla. São muito bons. Eu acho que... que eles são muito legais... eles vão ficar aqui definitivo. Eles, acho, que não pretendem ir embora.

P.: Ir embora.

F.: Porque aqui, para eles aqui é muito bom.

P.: Se tiver emprego, né.

F.: Se tiver emprego. E um ajuda o outro.

P.: Sim. E eles têm uma rede... eles ajudam lá no Haiti muita gente, né.

F.: Eles mandam dinheiro para o Haiti.

P.: Todos eles mandam bastante...

F.: Então é isso... [inaudível]

P.: Ah, que bom. O ano que vem não tem certeza se vai continuar.

F.: O ano que vem eu não tenho certeza se vai ter aqui. Haitiano aqui não vai ter. Haitiano aqui... o haitiano vai estar ou no EMES [Escola Municipal de Ensino Supletivo] ou no Santo Antônio. Porque o EJA vai ser lá. Se vai ter em outro lugar, porque ela estava falando para mim que diz que tem uma inscrição de EJA lá no...

Aluna: Lá no São Francisco.

F.: Lá no São Francisco.

P.: Ah, porque tem bastante morando lá perto.

F.: Então.

Aluna: é tem mesmo.

P.: tem. Eu conheço alguns de lá.

Aluna: É, tem bastante já lá.

F.: Então, provavelmente, é... se o prefeito for dar... for atender eles.

P.: A senhora é contratada da prefeitura?

F.: Agora eu estou na prefeitura, porque eu era do IELAR.

P.: Ah, entendi. E como será que eles ficam, ficaram sabendo daqui da sala?

F.: Ah, passou um bom... um bom tempo na televisão, do projeto. E outra, as crianças né.

P.: Ah, é.

F.: Que vem para escola, falam para os pais, são vizinhos. Falam lá tem escola da noite, tal.

P.: E eles procuram, e...

F.: E eles procuraram e um foi passando para o outro e foi chegando. Muitos já, assim, aprenderam a falar aqui. A maioria deles.

P.: É, porque fora da escola é meio difícil, aprende pela vivência, mas não tão rápido.

F.: Só que a língua deles que é o... o francês cantarolado...

P.: Creolo.

F.: É o creolo. A minha... a N. que é casada com um haitiano, que ela é venezuelana, ela disse que não.

P.: Ela falou que não entende.

F.: que não consegue aprender... não entende. Porque tanto que é difícil, né.

P.: É porque, acho que os que vão à escola aprendem o francês e o creolo, não sei se é mais falado ou se é escrito também lá...

F.: Eu acho que... eu acho que é os dois.

P.: hum

F.: E outra, eles tem uma escrita muito bonita, eles escrevem muito bem. Eu gostei de ter um contato com eles, eu amei.

P.: A senhora deu aula só esse ano para eles?

F.: Só esse ano... o ano passado também.

Aluna: deu o ano passado, sim.

F.: o ano passado também. Aí o outro ano foi quando tinha a sala lotada...

P.: hum...

F.: foi 2014...

P.: em 2015...

F.: em 2015, já estava aí. Tinha essa parte para eles. Aí o ano passado... aí depois mandaram... para o EMES lá na Boa Vista, mas eles não ficaram, porque eles lá tinham que pegar o passe.

P.: hum.

F.: e para eles ficava muito difícil, porque eles trabalham...

P.: trabalham...

F.: e chegavam... até chegar na rodoviária para aí pegar um ônibus para ir para casa...

P.: é cansativo.

F.: é cansativo, não tinha condições. E a partir do momento que eles aprenderam a falar, arrumaram emprego, e saber ir ao mercado escolher a mercadoria que ele quer, não precisa, né.

Ele faz para...

P.: para aprender a lidar com as coisas...

F.: a lidar... com as coisas...

P.: Então, o ano que vem aqui não vai ter matrícula para haitiano?

F.: Para haitianos eu acho que não.

P.: Ah, e lá no... nesse bairro, São Francisco, ele tem bastante haitiano.

F.: é, então.

P.: Às vezes fica mais perto para eles também.

F.: Com certeza vai ficar mais perto, porque eles são mais concentrado ali, né.

P.: São. Ah, então...

F.: Você estuda em que faculdade?

P.: Eu estudo na Unesp.

F.: Ah, você é da Unesp.

P.: Só que não daqui, de Araraquara.

F.: Ah, você faz a distância, ou não você faz presencial?

P.: Não, presencial.

F.: Ixi.

P.: É que eu faço doutorado lá.

F.: ah, você faz doutorado lá.

P.: não é a graduação, é. Então, eu fiz... entrei em 2015, aí tem um ano e meio de disciplinas. Depois é... tem os créditos, essas coisas que tem que cumprir e aí tem a parte bibliográfica da pesquisa e tem a parte da pesquisa de campo.

F.: Certo.

P.: Que aí, eu já sabia que tinham haitianos aqui perto... é... que tinha... que teve uma empresa que trouxeram eles e esse ano eu tive mais contato com algumas famílias...

F.: entendi.

P.: e aí... a dona N. me falou que estava fazendo essa aula de alfabetização. Porque até então eu sabia do... da igreja ali no...

F.: certo.

P.: na Estância São Pedro que deu curso de alfabetização em 2014, e acho que em 2015. E aí... eu falei então, eu vou conversar com a professora.

F.: Se você... bom, não sei se você... qual é a sua disposição, mas se você quiser ir para a EMES tem uma professora lá que eu acho que ela está com um pouquinho de haitiano lá.

P.: ah, eu...

F.: A professora M.

P.: Professora M. Eu vou sim.

F.: M. G. Se você chegar lá e pedir para falar com a M., com a professora M. G. Se quiser anotar atrás [do papel]...

P.: eu tenho aqui [caneta]

F.: M. G., professora. É, você pega ela lá até quinta-feira.

P.: Até quinta?

F.: É, até quinta. Porque aí depois nós vamos ficar na diretoria de ensino, e como nós estamos encerrando o contrato, é... a gente tem que fazer a papelada, a burocracia que eles exigem. E a gente fica lá até 22 de dezembro, dentro da secretaria, trabalhando.

P.: Está bom, então.

F.: Está bom.

P.: Eu agradeço, professora.

Obs. O ano já estava terminando. Depois disso liguei na secretaria municipal de educação para pedir para falar com a professora, que gostaria de saber sobre o número de alunos haitianos que haviam frequentado o ano letivo. A atendente me disse que não podia me passar o contato da professora e que não podia me informar o número de alunos antes de consultar sua chefe. Então, ela me pediu para enviar por email informações sobre a pesquisa e os dados que gostaria de saber. Enviei o email, no dia 11 de dezembro de 2018. Confirmaram recebimento, mas depois não tive mais resposta. Então, fui à secretaria municipal de educação no dia 14 de maio de 2018. A responsável por responder o email estava em reunião. Esperei. Então, depois de um tempo a atendente me informou que a responsável não estava achando o email porque o email havia mudado, aquele setor não existia mais, e que estava na responsabilidade de outra pessoa em outro departamento. Então, ela me pediu para deixar meu email que quando ela encontrasse o

que eu havia mandado ela responderia. Então, eu disse que reenviava o email, e que ela poderia responder a partir dele. No dia 21 de maio de 2018 recebi um email com a resposta.

Assunto: Pesquisa Projeto Pulo Freire
Olá, Cinthia

Em resposta aos dados do Projeto Paulo Freire, seguem os dados que conseguimos de acordo com os arquivos dos anos anteriores. Infelizmente não temos mais o Projeto e as equipe também mudou.

2014 - Não temos registros de alunos Haitianos matriculados.

2015 - 34 alunos

2016 - 05 alunos

2017 - 10 alunos

Quanto a frequência, não há uma regularidade. No início os alunos tem necessidade de alimentação e precisam aprender a língua. Depois começam a faltar e mudam constantemente de endereço.

Em 2018, os alunos que procuraram pela Alfabetização de Adultos foram encaminhados para a Unesp, que dispõe de uma sala de alfabetização.

--

APÊNDICE D - Entrevista realizada com funcionário do Departamento de Estrangeiros da Polícia Federal.

Entrevista com funcionário da Polícia Federal.

31 agosto, 2018

Pesquisadora: Posso gravar a entrevista?

Funcionário: Pode. Deixa só ele desligar aquela moto.

[...]

Pesquisadora: Quais os procedimentos básicos tomados quando o imigrante haitiano chega ao departamento de estrangeiros?

Funcionário: Então, no caso do haitiano especificamente, aqueles que não estão amparados pela portaria 10, eles entregam o formulário de solicitação de refúgio e é agendado para ele retornar aqui sempre na sexta-feira posterior a entrega deste formulário. E daí é... na ocasião em que são protocolados estes formulários são coletadas as digitais deles e eles recebem um protocolo de solicitação de refúgio. Na parte processual, né, interna, essas digitais são coletadas e enviadas ao núcleo de identificação em São Paulo onde é feita uma pesquisa na Interpol e diversos órgãos aí que... e é inserido no banco de dados aqui no Brasil, que é no caso o EIFIS né. E o processo é encaminhado, disponibilizado né para o CONARE e aí a gente envia eletronicamente para um órgão chamado UREF, que é uma unidade que é localizada em Brasília responsável só por, é... administrar esses processos, digamos assim, fica lá com eles, eles é quem, vamos dizer assim, auditam nós. Eles olham o processo, verificam, vê que está tudo ok. Se eles não devolverem é porque está tudo ok, né. Via de regra nunca é devolvido, só se alguma questão de erro de digitação.

Pesquisadora: Mas antes dessa nova lei, dessa portaria, eles vinham pela... eles conseguiam visto pela resolução normativa...

Funcionário: isso...

P.: de acolhida humanitária?

F.: É, alguns conseguem na embaixada, mas eu não sei, porque eles tem uma demanda imensa né, e um limite de vistos a ser emitidos por dia. Salvo engano são cem por dia, mas eu não tenho certeza porque daí já é outro ministério né, das Relações Exteriores, mas é um número reduzido. Então, muitos deles optaram por embarcar na República Dominicana, atravessar a fronteira, ir para a República Dominicana, vir até Quito no Equador, atravessava o Peru, ingressando no Brasil por Assis Brasil, é... fronteira com o Peru lá no Acre. Aí lá eles recebiam autorização de entrada e solicitavam o refúgio já que não conseguiam pelos meios é... vamos colocar assim,

via Embaixada.

P.: Mas essa reso... porque eles lançaram a resolução normativa em 2012 e foi renovada até 2017 para que eles conseguissem o visto é..., humanitário, mas se eles chegassem aqui na fronteira sem esse visto, então eles tinham que pedir refúgio?

F.: Tinham que pedir refúgio, exato.

P.: Mas daí iria ser indeferido, porque...

F.: Não necessariamente. Porque quando eles vem com visto, na forma do visto de acolhimento humanitário ele recebe um registro automaticamente.

P.: ã

F.: Eu não sei que tipo de avaliação que a embaixada lá faz para poder conceder esse visto. Quando eles não conseguem ou não tem o dinheiro necessário para tirar esse visto, não sei nem se é cobrado, provavelmente sim, é..., eles optam por fazer esse caminho mais longo e mais árduo que tem praticamente o mesmo resultado, que é chegar aqui. Basicamente isso.

P.: E a nova legislação não funciona para estes que estão chegando depois da portaria?

F.: Então, é...

P.: A carteira nacional do estrangeiro, esses que chegaram depois da portaria eles não têm direito?

F.: Ainda não, não, não tem. O que acontece é que o... Conare né, junto com o Ministério da Justiça, aliás, que pertence ao Ministério da Justiça, mais o Ministério da... Segurança Pública que agora, né, que nós fomos desvinculados do Ministério da Justiça, agora é o Ministério da Segurança Pública, eles têm constantemente feito portarias interministeriais, que é o caso destas últimas que tem sido editadas aí, no intuito de..., é..., dar, vamos dizer assim, andamento né, porque eles promovem, vamos dizer assim, uma... uma certa limpeza né, vamos legalizar esse pessoal que entrou dessa data para trás e que não tem documento. Provavelmente, acredito que até o final do ano, do ano corrente, ou até o próximo ano eles devam também ter uma outra portaria. Mas existe um projeto de lei, que parece que já até passou no senado, que é dar anistia a todos os estrangeiros é... que se encontram no país e que não tem...

P.: documentação...

F.: é, tem que ter documentação, mas que já tem uma... que não tem ficha criminal, né, que não preenche os requisitos legais que lhe permitam né, um... a residência, vamos dizer assim, permanente né, mas que estão por aí né, vivendo na ilegalidade de fato mesmo. Como é o caso de... países da África né, que vem pedir refúgio aí, e estão aí esperando ad eternum, até uma decisão. Tem casos aqui de pessoas que pediram refúgio em 2014 e que até agora não teve...

P.: porque o Conare está com poucos funcionários né... fica... é muito pedido...

F.: isso...

P.: acumulou os pedidos...

F.: na verdade o Conare ele é um órgão que não tem concurso, um quadro efetivo, vamos dizer, próprio né. O quadro do Conare é composto de funcionários cedidos de diversos órgãos, dentre eles, inclusive a Polícia Federal. É, então, como eles tem que cuidar do Brasil inteiro e a demanda é

P.: aumentou

F.: muito expressiva, aumentou demais, acredito que até por conta disso eles... essa morosidade.

P.: E se for dado indeferido... aí ele tem que ser deportado, ou ele pode...

F.: Então,

P.: não tem um controle para saber...

F.: Na verdade, na verdade o trâmite não é bem assim, deportado. Quando ele é indeferido ele é comunicado a deixar o país em um determinado prazo... é, que eu não sei dizer para você qual. Mas eu já tive... já teve caso aqui inclusive semana passada de um nigeriano que o Conare indeferiu o pedido dele por... entender que ele não preenchia os requisitos né, de perseguição política é, o país dele não está passando por situação de catástrofe e etc., indeferiu porém, deu a ele autorização de residência definitiva no Brasil, né, assim, é... fica uma coisa desconexa né, mas foi dado a ele o direito, está lá, recebemos essa carta né, e foi publicada no Diário Oficial, residência definitiva. Porém não por acolhida humanitária. Aconteceu né, está aí, facilitou né porque já tem residência estabelecida, já tem um comércio também, no caso desse rapaz especificamente. É... não sei nem dizer assim como que...

P.: acontece,

F.: é, como que acontece.

P.: ele não é refugiado, mas pôde permanecer...

F.: pôde permanecer. Isso, foi dado a ele a residência permanente.

P.: É... a polícia federal, ela libera o dado no Brasil inteiro, tem como saber quantos imigrantes entraram em Rio Preto só, pela polícia federal, quantos passaram por aqui?

F.: hoje...

P.: ou vocês lançam esses dados só...

F.: hoje nós temos mecanismos que podem dar esse panorama né, em um determinado período. Se você for analisar de um ano e meio, dois anos para cá, nós temos condições de dizer para você exatamente quantos é... não vou dizer, ingressaram por aqui, mas fizeram registro por aqui.

P.: registro por aqui.

F.: Porque aqui nós somos responsáveis...

P.: Mas é um dado interno?

F.: Não. Acredito que esses dados se solicitados, até por conta da lei de...

P.: transparência... não?

F.: é...

P.: acesso a informação...

F.: a lei de acesso a informação. Você pode requerer isso e, é... você pode obter esses dados sim. Porque não são dados sigilosos né... é... os dados dos estrangeiros, os dados pessoais sim, né

P.: sim, mas a quantidade não?

F.: mas a quantidade não, aí não, você entendeu?

P.: É... no ano passado, você sabe me dizer quais as nacionalidades que mais entraram aqui, em Rio Preto?

F.: Bom, que foram feitos aqui tivemos um aumento expressivo de colombianos, é... os haitianos, ainda tem uma... porque agora começaram a vir as esposas né, e os filhos...

P.: hum...

F.: ou os esposos né.

P.: por reunião familiar?

F.: por reunião familiar. Isso. É... temos também dentro desse... do... já que estamos falando de haitianos, tem muitos que eles já tinham migrado para outros países e eles estão vindo para o Brasil.

P.: Como aqueles que foram para o Chile...

F.: Isso. Exato. Muitos que estavam no Chile, acho que no Peru, não, no Peru não. Mais no Chile é... Argentina também. Já tinham até residência fixa lá e... resolveram migrar para o Brasil, entrando com solicitação de refúgio, começando tudo de novo. É... sírios né, e agora venezuelanos também.

P.: de países da África não recebem aqui...

F.: também, também. Só que, os da África quando eles vem, na verdade eles já estavam no Brasil né e eles migram para essa região e aí vem com o protocolo de refúgio também, e aí ele tem que renovar quando renova ele renova aqui. Mas tem uma... quantidade boa de nigeriano né, eles se concentram tanto em Mirassol, já estão vindo para cá também, para Rio Preto. E da África também os de Angola né. Só que os de Angola já é outra situação que eles vieram como estudantes e por conta de uma crise interna lá na Angola que impediam eles de enviar recursos, que estão dificultando o envio de recursos para o exterior, eles para não ficarem sem recurso e por não poderem trabalhar, porque a lei anterior não permitiam que estudante trabalhasse, é... eles optaram por pedir refúgio, mas é... por uma questão de... necessidade mesmo né. É... o que

que a lei pode me beneficiar aqui, qual é a minha alternativa de escape. Então foi pedir refúgio. Só que com a edição da portaria, salvo engano da portaria número, não, da portaria não, da nova lei, ela já permite que o estudante...

P.: trabalhe...

F.: ele trabalhe. Então, ele pode trabalhar. E... uma coisa também que não era permitido pela lei anterior: você não poderia pedir o visto de estudante estando residindo aqui no Brasil, como turista por exemplo. A pessoa vinha aqui, gostava, ah, vou estudar. Aí tinha que sair do país, ou ir a um país fronteiriço né, Paraguai, Argentina, solicitar um visto de estudante no consulado, para novamente reingressar ao Brasil com esse visto. Hoje a gente já faz esse visto, é... solicitação de residência aqui mesmo, na própria polícia federal. Então, de posse destas informações, é... eu comuniquei a eles que eles já poderiam solicitar. Como a maioria já estudava e trabalhava e cumpria os requisitos, estou falando dos angolanos, então a grande parte deles já veio e trocou a solicitação de refúgio por residência temporária para fins de estudo, podendo trabalhar assim.

P.: É... é bem provável que a polícia federal seja o primeiro órgão público que eles, que os migrantes vêm, porque tem que se legalizar, arrumar a documentação.

F.: sim.

P.: e você sabe, é... me dizer quais dúvidas eles têm em relação à cidade. Assim, eles perguntam alguma coisa em relação à cidade?

F.: Não, via de regra não. Pelo contrário, eles são muito acanhados, a maioria. Eles veem a polícia ainda como, é... um órgão que vai reprimir né. Então, é... eles ainda têm assim um certo receio né, de fazer esse tipo de questionamento. Não tem muita... com relação a cidade, assim, eles não perguntam muita coisa não. Já teve caso que eles perguntam se... se... precisam trabalhar né, desconhecem a forma de ingresso na polícia porque vê a nossa, as vezes a nossa dificuldade de se comunicar com as diversas línguas que tem e no anseio de trabalhar eles se candidatam a... trabalhar mesmo, para ajudar. É isso.

P.: É... e quanto a legislação, porque agora que teve a mudança na legislação acho que a situação está um pouco mais, assim, difícil de entender o que era, né, e como que está agora.

F.: então, porque veja bem. Até para nós mesmos é... nós mesmos é um pouco complicado. Porque agora são quatro ministérios né, que cuidam da parte de migração. A gente tem... está tendo até um certo conflito, é... porque lá... porque existe o Ministério das Relações Exteriores, né, aí tem o Ministério da Justiça, que agora é o Conare, e a polícia federal foi desvinculada, e agora é o Ministério da Segurança Pública né, e aí também tem o... Ministério do Trabalho, que é quem está editando as normas para, por exemplo, é... alguns vistos. Por exemplo, visto para

assistência religiosa, né, que são os pastores, padres, dos sacerdotes né, das diversas religiões, já não é mais feito por nós, é feito por eles, apenas cabe à polícia federal fazer o registro desse visto. E... quando o visto é emitido fora aí é o Ministério das Relações Exteriores. Então, o visto é feito fora e é autorizado o ingresso com o visto, mas quem faz o registro, polícia federal. E aí, a gente tem uma relação já muito estreita como o Ministério da Justiça e há alguns entendimentos que né, concordam, discordam... e... as vezes nós fazemos algum procedimento aqui, a pessoa vai tirar a carteira de trabalho, aí lá eles não entendem que é daquela forma porque ainda existe algum desentendimento em relação a nova legislação. Mas acredito que, acredito não, já existe um grupo de trabalho, que está trabalhando é... para conciliar né, a lei. E, além disso, essa nova lei ela traz diversas instruções normativas sobre diversos assuntos né, o que acaba complicando um pouco. Mas via de regra, que, o visto é feito aqui é, conosco, diretamente, aí continua sendo: por prole brasileira ou por casamento com nacional, tá, seja de que gênero for.

P.: aí é feito diretamente aqui?

F.: aí é feito diretamente aqui. Tanto que uma das formas que... o estrangeiro, vamos dizer assim, que solicita refúgio e que está aguardando, estabelece sua residência aqui é depois que tem filho ou que case com brasileiro. Mas via de regra... é por meio de prole mesmo, porque aí a lei já ampara, inclusive é inexpulsável.

P.: aí fica uma situação mais estável né, para eles...

F.: sim. Definitiva.

P.: definitiva.

F.: definitiva.

P.: e vocês se atualizam dessas mudanças na legislação como? Vem alguma coisa para vocês diretamente do que foi lançado...

F.: toda e qualquer decisão ou mudança de norma, ela é distribuída eletronicamente por meio de um... tanto das portarias né, mas existe a CGPI né, que é a Coordenação Geral de Polícia de Imigração e tem uma divisão lá que é a DRM né, Divisão de Registro de Migrantes. E... lá eles enviam para todas as delegacias né, no caso os NUMIGs, que são os Núcleos de [Polícia de] Migração informando toda e qualquer mudança
[um imigrante entrou e eles se cumprimentaram]

P.: É... a outra pergunta era sobre a reunião familiar. Os haitianos, então, têm pedido reunião familiar aqui na cidade...

F.: Tem, tem pedido sim.

P.: Mais agora do que anteriormente?

F.: Mais agora do que anteriormente, porque já estão, a maioria já está estabelecida né, já tem documento, já tem um emprego que lhe permite que envie recursos e tragam as esposas e posteriormente os filhos ou vem o filho mais velho para ajudar a trabalhar e juntar mais recursos enquanto a... de repente a mãe e a esposa ficam com os menores né.

P.: uhum.

F.: até que todos se agreguem.

P.: Nos dados do Ministério do Trabalho, da RAIS, a primeira pessoa que trabalhou com carteira assinada... haitiana em Rio Preto uma mulher, em 2012.

F.: hum.

P.: Você sabe me dizer assim, se de 2012 até agora, é... qual foi o ano que você sentiu que teve mais entrada de haitianos?

F.: acredito que em 2013.

P.: 2013?

F.: 2013, 2014. Acredito que sim. Que foi, é..., logo após... o terremoto foi em 2010 né, mas eles começaram a migrar com força mesmo do... no final de 2011, foi crescendo em 2012, acho que 2013 foi o auge mesmo...

P.: aqui na...

F.: e aí depois, conseqüentemente, foi diminuindo, mas estou falando da entrada via terrestre né, pelo Acre né, onde não tinha aquela resolução [inaudível] nem nada, era a forma de ingresso deles, da maioria deles

P.: Você trabalhou lá...

F.: trabalhei.

P.: em que cidade?

F.: Epitaciolândia.

P.: Ficou quanto tempo lá...

F.: 57 dias...

P.: É? Foi legal lá? Como foi a experiência?

F.: Foi uma experiência gratificante, muito difícil né, porque é... a cidade ela... não... a cidade, as cidades fronteiriças do extremo Norte do Brasil elas já tem uma dificuldade né, assim, elas... são poucos recursos... Mas lá, diferentemente do que está acontecendo, que eu vejo relatos de colegas que trabalharam, que estão trabalhando em Pacaraima, é... lá não houve explosão de violência, não teve nada disso, simplesmente a cidade ficou muito cheia. Mas índice de criminalidade não cresceu, lá eles não tinham relatos de que algum haitiano tivesse praticado algum delito... não tinha nada disso. Claro que, é, existe uma exceção né, mas a regra era que

tudo... mas era a própria condição de vida deles lá no refúgio né, que era muito assim, difícil né. Era num local coberto, mas não totalmente fechado. Eles ficavam ali debaixo de uns galpões né, de um clube que foi desativado lá, é... a prefeitura acho que desapropriou um clube ou desativou um clube que era público e eles ficaram ali como se fosse um refúgio. É... do ponto de vista humanitário foi muito bom, foi gratificante mesmo, gostei. E eu gostaria de participar novamente, ainda não fui para Pacaraima por questões pessoais né, porque estou concluindo a graduação né, então não posso ir agora, mas se continuar, que tudo indica que continua, ano que vem estarei lá.

[uma mãe e um filho saem de dentro da sala e eles se cumprimentam. Ele pergunta se o filho vai voltar, provavelmente ele estava renovando algum tipo de visto]

P.: É... qual foi a sua percepção acerca da expectativa destes imigrantes, haitianos, especificamente, de viver no Brasil. Você acha que é a longo prazo, de constituir vida aqui, ou você acha que está ainda em trânsito essa decisão?

F.: Não. Acredito que a maioria veio para ficar, para construir uma nova vida e veio de fato se estabelecer aqui.

P.: Com os venezuelanos dá para sentir alguma coisa assim, ou ainda é recente?

F.: Acho que ainda é recente e... precoce dizer isso. Acredito, pessoalmente, que se a Venezuela é... mudar o quadro político e social acredito que... acredito que eles voltem sim.

P.: retornem...

F.: retornem.

P.: pela proximidade, talvez, também...

F.: pela proximidade também, isso.

P.: Tem algum fato específico que aconteceu sobre o atendimento, durante o atendimento de algum... é... imigrante na... aqui no último ano que você achou assim diferente, que você gostaria de comentar?

F.: Um fato diferente?

Então, é... pessoal hein [risos]. Bom, aconteceu assim comigo aqui uma história assim

P.: É... que tenha, que você tenha que ter atendido e você achou que foi...

F.: é...

P.: marcante.

F.: Então, marcante aí é o seguinte: um... assim que foi editada uma portaria em 2015 existiam muitos, milhares de haitianos que estavam em condições de solicitante de refúgio, então foi dado a eles o direito de entrar com um pedido de... com o visto de permanente, no caso, que era, hoje é considerado residência definitiva, né, mas... é... permanência. Então, nós já havíamos

falado para eles que eles deveriam providenciar uma certidão consular, que vem os dados né de filiação, os dados completos, é um documento emitido pela embaixada, como se fosse uma certidão de nascimento traduzida para o português, emitido pela embaixada. Então, inúmeros destes haitianos foram para Brasília na embaixada solicitar esse papel e..., e aí o que acontece, um deles, né, foi até lá e não conseguiu esse documento. Porque o passaporte deles estava vencido e ele tinha uma certidão de nascimento que estava molhada, tipo ela... choveu na casa dele, parece que o telhado lá estava... molhou lá os pertences dele, estava isso e acabou estragando esse documento, essa certidão. Então, a embaixada, a própria embaixada dele não forneceu o documento necessário para ele fazer o registro aqui e ele estava com o passaporte vencido e não conseguia, a embaixada também não renovava o passaporte porque... e aí eu não conseguia fazer o registro dele aqui. E aí com o tempo, é... nós fomos verificar a portaria e *ipsis litteris*, lá não estava específico que... só falava assim: cópia, é... legível do passaporte, mas não estava dizendo que esse passaporte tinha que ser válido ou não, então eu considerei que o passaporte não necessariamente precisaria ser válido. Lá estava dizendo o seguinte: que o imigrante ele deveria apresentar a certidão consular ou uma certidão, é... uma certidão de nascimento traduzida por um tradutor juramentado, mas não estava específico lá que essa certidão, é... tinha que ser consularizada, então eu considerei essa certidão também. Daí, bom, passaporte resolvido. Só que anteriormente a isso, uns meses antes ele veio aqui e ficou chorando e eu fiquei com as mãos atadas sem poder fazer e aquilo me doeu mesmo no coração. E aí, com isso, ele sumiu, e ele era um cara forte assim, mais ou menos da minha estatura e tal. Quando foi uns três ou quatro meses depois eu passei na rua de moto, eu vi e identifiquei ele, voltei, e ele estava bem magro, muito... sabe? E... o cabelo embranqueceu mesmo, muito rápido, aí eu falei: Jorge, o que você está fazendo aí, cara? O que aconteceu? E tal. Aí ele: não, eu estou triste. Ele estava realmente deprimido. Aí eu falei: vai lá amanhã e leva tudo que você tem e a gente vai ver o que pode fazer. E aí é isso que eu te falei. Eu vi, verifiquei né o passaporte e eu vi que ele tinha feito uma tradução antes, é... e aí eu liguei na tradutora, e aí perguntei se ela poderia emitir uma segunda via, e ela falou que sim, que ela tinha um arquivo lá. Aí eu falei: nesse arquivo aí você tem uma cópia da... certidão. Aí ela falou: tenho, tenho porque quando ele fez comigo ele entregou a original. Aí eu falei: perfeito, é... tem como você me enviar? Ela: tem. Aí você carimba? Ela carimbou. Aí como o tradutor público tem fé pública, então, considera-se aquele documento como um documento original. Então, anexamos tudo e mandamos e com trinta dias chegou a carteira dele. Então, para mim isso vale mais do que meu salário, né. Por você poder, é... dormir e... valeu a pena né. Vale muito a pena. Acho que eu estou no lugar certo.

P.: às vezes a...

F.: às vezes a gente não sabe, mas está no lugar certo. Porque o cara...

P.: às vezes a documentação interfere totalmente no restante da vida dele né?

F.: Com certeza, você está dando a dignidade para o cara, porque ele não tem, perdeu, perdeu tudo, nem o país dele queria saber dele, entendeu? E foi o que eu falei para ele, depois eu senti o peso da palavra. Eu falei: pô, se nem o seu país quer saber de você o que eu posso fazer por você? Né, e aí, né, mas ainda bem que deu tempo de contornar essa situação e, hoje ele é meu amigo [risos]

P.: Você sabe dizer assim, é... você tem alguma impressão de qual bairro mais mora haiti... é... imigrante de forma geral, é... aqui?

F.: aham

P.: Qual região?

F.: Com certeza, São Francisco.

P.: Ah, eu ia falar isso.

F.: [risos] são meus vizinhos...

P.: eu ia falar isso...

F.: São Francisco, é mais ou menos, São Francisco, Estoril, Zona Sul.

P.: Acho que é pela proximidade com a parte mais central você acha, ou não?

F.: Também, mas é porque acho que eles gostam de coisa boa né, e é a melhor região da cidade mesmo [risos]

P.: É? [risos]

P.: É... tem alguma coisa mais que você gostaria de falar sobre seu trabalho aqui, alguma coisa que você acha que poderia melhorar que não depende de vocês...

F.: Falta gente. Muito expressivo. Você está aqui mas você... você sai de férias seu celular toca, as pessoas querem ajuda, não sei como descobrem, te acham na rede social e... meu, é uma... é... como se fosse assim... uma família né, eles querem como se fosse um pai né, então...

P.: constante...

F.: então, eu vivo isso aqui 24 horas. Eu viajo, eu vou trabalhar fora, eu tenho uma missão fora, estou de férias e alguém sempre está me procurando, está me ligando, está querendo falar uma ação, está sempre... sempre precisa. Se tivesse mais gente com mais disponibilidade né, mais empatia, é... eu acho que seria um trabalho que facilitaria mais.

P.: Mas por quê? Tem... para você trabalhar aqui, escolher trabalhar no departamento, você tem... você é designado ou você tem que ter um perfil para trabalhar?

F.: Não. Fui designado e... acabei ficando né, você vai ficando... ou você acostuma ou você não

acostuma. Você tem que fazer o melhor possível, fazer o melhor possível. Não é assim, um concurso específico para trabalhar na área de imigração, porque a polícia federal é muito ampla né...

P.: aham

F.: Ela tem a parte de polícia judiciária, que é que cuida da parte de inquérito, da parte criminal e tudo, e tem a parte de polícia administrativa, que são atribuições constitucionais né. Então são, é... o registro de arma, a fiscalização das empresas de segurança privada, a fiscalização das escolas que dão curso de vigilante. Aí tem o controle de produtos químicos, né, que as empresas que trabalham com produtos químicos elas tem que ter uma licença, um registro e... Aí tem a emissão da parte da emissão de passaporte, então é assim, são... as atribuições da polícia são muito amplas e essa área específica ninguém quer trabalhar, que é a área que você vai mexer com gente e... você vai mexer com pessoas que... elas, elas vão ter... as suas dificuldades né. E é difícil, às vezes você tem que lidar, é como você trabalhar na área da saúde, às vezes você vai trabalhar com gente que não cheira bem, entendeu... com gente que é feia, com gente que é bonita, você lida com diversos níveis sociais, e... cada um é de um jeito. Você também lida com outras culturas, diferentes da sua, então você tem que medir as palavras para falar com as pessoas, porque às vezes você utiliza algum termo e para nós não é nada, mas que para eles é um palavrão. Um simples “pois não” para nós né que é um sim né, que é se pôr à disposição, para países latinos um “pois não” é não na cara da pessoa. Entendeu? É... são coisas pequenas, então assim, a gente tem que procurar saber e se adaptar, mas o que falta mesmo é o capital humano. São duas pessoas para tomar conta de 70 municípios, eu acho que isso aí é...

P.: e várias... é... são vários procedimentos né, porque cada um que vem com uma coisa né, por exemplo, casamento é um tipo de documento, reunião familiar é outro...

F.: isso...

P.: a nacionalidade é outro...

F.: via de regra nós tínhamos em torno de umas dez listas, hoje nós temos trinta, aproximadamente trinta *checklists* diferentes... Em decorrência da nova lei, e... tem que ter paciência né, e as pessoas tem que ter paciência com a gente também [risos]

P.: é porque você não fica habituado a um serviço só.

F.: não faz um, a gente faz tudo.

P.: É isso. Quer falar mais alguma coisa? Obrigada.

ANEXOS

ANEXO A - Comentários a reportagens online sobre imigração haitiana 2014-2016.

Comentários a favor da migração¹.

06/05/2015 13h46

Positivo: o 2 Negativo: o 4

Concordo com a ajuda na origem do problema. Enquanto isso não começar (vai começar?), milhares de refugiados chegam de barco à ilhas do Canal de Sicília. São milhares todo mês e o verão nem iniciou. Fazer o quê? Metralhar os barcos? Mandá-los de volta? Bombardear os cais de partida?

06/05/2015 13h23

Positivo: o 1 Negativo: o 4

Todo país, Pe ter, olha primeiro para os próprios... interesses. Foi assim no colonialismo quando os países (ou melhor, os recursos dos outros países) eram vorazmente espoliados. A Itália tem culpas na Líbia e na Somália, a França na Tunísia e na Síria, a Inglaterra nos protetorados da Palestina, do Iraque, do Egito, do Sudão... A Otan (Europa) tem culpa nos bombardeios na Líbia e na queda de governo anterior que transformou aquilo num faroeste. E aí? Fecha a porta agora?

06/05/2015 11h44

o2 o 5

O uso da expressão "proteger nossos pares" por parte do comentarista Rudi, já denota o grau pretensa superioridade (moral? Econômica? Racial?) que existe em quem quer fechar a porta na cara dos desvalidos, prófugos, emigrantes, necessitados e infelizes que procuram a chance de uma nova vida em um país estranho. Parabéns, Rudi. Sua solidariedade é deveras tocante.

05/05/2015 15h15

o2 o 0

Apesar das mazelas que essa imigração desordenada alimenta, precisamos antes de tudo, nos solidarizar com um povo, perseguido, desprovidos do mínimo para viver, cujas crianças estão sendo dizimadas pela fome, sem perspectivas, vítimas de um governo ditatorial e mesmo assim encontram forças para buscar um lugar melhor para viver. Somos o Brasil, gigante não só em territorialidade, mas também em solidariedade. Vamos receber estes irmãos, vítimas, e não nos fazermos de vítimas, quando temos tanto!

05/05/2015 14h31

o3 o 4

Queria parabenizar o El Barto (abaixo) pelo comentário humano, atento e sensível. Em poucas palavras ele resumiu o que é chegar a uma terra estrangeira, tentar se adaptar, procurar sobreviver, depois viver e enfim criar alguma raiz e algo de duradouro para passar adiante. Foi assim com muitos e com muitos mais será. Meu pensamento vai aos africanos que chegam de barco à Itália. Aos italianos que, décadas atrás, também chegaram de barco ao Brasil. Aos alemães, portugueses, espanhóis, coreanos...

05/05/2015 13h49

o2 o 2

Que legal! Realmente São Paulo é um caldeirão cultural sem igual. Quem reclama, certamente não deve ter nenhum ancestral italiano, português, espanhol etc. Uma nova cultura entrando em Sampa. Tomara que se mantenham com tranquilidade e prosperidade em nossa cidade.

¹ Suprimimos o nome dos comentadores para apresentação nesta tese. Apesar de haver diálogo entre os comentadores nos comentários, preferimos suprimi-los para a publicação, sem que haja prejuízo ao leitor do entendimento da força das ideias expressas nos termos destacados. Observamos que não fizemos modificações ou correções nos comentários, eles são apresentados como constavam nos sites das reportagens. Apenas modificamos a Fonte para Times New Roman, Tamanho 11 e espaçamento simples. Mantivemos o uso de cores conforme usamos na seleção de termos para a análise. O primeiro número que aparece após a data do comentário é de quantidade de "Positivos" que o comentário recebeu; o segundo número é da quantidade de "Negativos".

05/05/2015 13h36

o 1 o 2

Meu Deus como nosso mundo é tão egoísta comparando se ao mundo mas de preferência o nosso brasil , onde as pessoas só pensam em si próprio ; não demonstram nem um pouco de amor as outras pessoas só querem para si. Estudando bem a matéria da para perceber de que as pessoas que aqui criticam estão nada mais nada menos com inveja . quem sabe estão a tanto tempo em são paulo e não conseguiram vencer na vida .Más que Deus abençoe este povo tão sofrido.

05/05/2015 12h39

o 2 o 3

quanto comentário xenofóbico, que horror! mas morar nos eua todo mundo quer!!

05/05/2015 11h47

□ 3 □ 1

Eles não vêm para serem indigentes, eles vem para procurar uma vida melhor e são muito mais trabalhadores do que muitos brasileiros!!! Cuidado com o seu preconceito velado, eles estão vindo de uma lugar sitiado...

05/05/2015 10h24

o 2 o 3

Estou muito feliz com essa notícia, espero que cada vez mais cheguem haitianos ao Brasil e à São Paulo. Os haitianos ajudam São Paulo a alavancar seu desenvolvimento econômico e social, pois os imigrantes centro africanos trazem consigo vigor de um povo adepto ao trabalho e no viés social os haitianos nos brindam com a multiculturalidade. A multiculturalidade é inerente as civilizações humanas, nada mais rico do que a diversidade humana.

05/05/2015 10h22

o 3 o 2

Eu todo feliz por ver esses haitianos vítimas de uma tragédia se adequando ao Brasil, com sacrifício, aí caio na besteira de ler os comentários pra ver só ódio e xenofobia. Espero que os haitianos sejam mais educados do que alguns brasileiros que aqui nasceram.

05/05/2015 10h12

o 6 o 5

Coisa boa o Brasil poder receber os haitianos. Eles como os outros imigrantes vão trazer coisas boas para o país. Na Europa imigrantes da África morrem no mar. Somos um país abençoado por Deus. Aos brasileiros: Não pergunte o que o país pode fazer por você mas o que você pode fazer pelo seu país.

05/05/2015 14h54

□ 1 □ 1

Já fazemos muito pelo País, tendo que trabalhar quase cinco meses para pagar tributos, tendo como retorno quase nenhum serviço público eficiente além de uma corrupção execrável. Nada contra os haitianos virem para cá, se naturalizarem, podem, e devem, ter os mesmos direitos que nós, desde que também sejam tributados. Esta conversa de servir ao Estado, me desculpe, é pura enganação.

05/05/2015 10h11

o 2 o 2

Torço para que aumente o número de haitianos que chegam à São Paulo. Os haitianos trazem progresso econômico e social à cidade, em um viés econômico eles vigorizam a força de trabalho paulistana, trazendo juventude e vontade de prosperar. Já no viés social os haitianos acrescentam uma multiculturalidade fundamental a democracia, na diversidade inerente as sociedades humanas, a cultura crioula centro americana acrescenta humanidade a sobreposição eurocêntrica na sociedade brasileira.

05/05/2015 09h51

o 2 o 2

Viva o Brasil; um grande país que a todos acolhe, sem preconceitos; que seja sempre assim!

05/05/2015 09h46

o 1 o 0

Aos desconhecedores da história paulistana, a cidade de São Paulo se fundamentou em bases imigrantes. Sem aqueles estrangeiros de diversas nacionalidades o motor econômico do país não seria formado. Só existe um fator para opor o desenvolvimento econômico trazido por um povo disposto a construir riqueza dentro do país, o racismo. Por constituírem um grupo etnicamente negro e com problemas coloniais históricos, os haitianos são rechaçados pela classe média branca paulista, que esquece sua origem.

05/05/2015 09h37

o 2 o 1

Olhem os índios dando uma de xenóforos europeus. Depois reclamam quando são maltratados na Europa ao tirarem selfie a esmo. Conheço alguns casos de haitianos que estão bem empregados e correspondem à altura. No setor hoteleiro, por exemplo, o idioma é um diferencial. Sejam bem-vindos.

05/05/2015 08h42

o 7 o 6

Sejam bem-vindos! Fiquei com vontade de conhecer a culinária do seu país. Qualquer dia apareço no restaurante.

05/05/2015 10h07

1 0

o senhor é contra porque eles ficam perambulando e conversam no orelhão? realmente é um comentário muito sagaz.

05/05/2015 08h54

0 0

Para nao fazer comentarios ruins e melhor ficar calado,,,se voce nao tem uma soluçao boa, alguem terá ...

05/05/2015 08h52

0 1

Bom dia Gil. Fiquei triste com a sua postura a respeito dos haitianos. Se o nosso país viesse a enfrentar o que eles enfrentam, certamente muitos brasileiros buscariam refúgio em outros países. Você ficaria feliz em ver um brasileiro carente sendo tratado com indiferença? Vivemos em um país muito amplo, maravilhoso, rico e cheio de oportunidades que possam favorecer a eles também. Que Deus o abençoe e encha o seu coração de amor para os necessitados. Um grande abraço para você.

05/05/2015 08h21

o 6 o 6

São Paulo é como coração de mãe, onde sempre cabe mais um. Se vier em paz, sou a favor.

05/05/2015 07h52

o 6 o 8

Em São Paulo ninguém é estrangeiro, deste pão todos podem partilhar... Pise firme, meu irmão. Pise firme, que este é o nosso chão.

05/05/2015 06h17

o 4 o 3

Assim como aconteceu em várias cidades européias nas décadas 80 e 90 um grande movimento migratório de países pobres, é interessante ver em São Paulo nos dias de hoje o nascer de uma pequena comunidade que fala outra língua e como aos poucos ela se organiza e vai tomando forma para principalmente se ajudarem uns aos outros! São pessoas trabalhadoras e que buscam uma vida melhor e

com certeza vão conquistar um seu espaço na sociedade mesmo enfrentando dificuldades diversas como a da língua, prece

07 jan 2016 - 13h19

Vendo os comentários abaixo cada vez tenho mais vergonha de ser brasileira tudo pobre de espírito e me admira muito ainda existir tanto racismo assim aqui no Brasil. O problema é que eles não importa o tanto a trabalham agora brasileiro e preguiçoso não gosta de serviço pesado o preguiça..cambada de nojentos que vcs é ...

30 jun 2016 - 07h29

Well I have read a few comments that you people have posted under this article, I really can't find a word to describe the level of your ignorance, just one little question, between all of you, can one of you proof that you are not an immigrant? if you had studied the history you would know in America, this continent, in case you guys don't have an idea what is America, we are all from somewhere else, this is not only in Brazil but all the countries in the continent, some of the people whom is living now in Haiti, Jamaica, Dominican Rep. they have been kidnapped in their own lands brought here in America to get used by a race who once thought was the best of all, lol, funny huh., people who is now call themselves Brazilian most of them from Portugal, in the mid of the 20 century cause the world war I and II, like Italy and Germany so it could have been any other country like Cuba Jamaica, Haiti, so people what is the problem, no what is your problem? is it because Haiti is a poor country? if it is so you people are more than racist, you people are cupid. Because they are black? if so you are racist, which mean you are full of lack of knowledge, are the Haitian the only refugee immigrant in Brazil? no, the Italians are, so do all the other nationalities who now living on the country, so take a deep breath think about it. When a Brazilian ask me where I am from I respond Haiti they " oh yea , I like Haiti bla bla bla" and when I tell them that I'm from United States they like " I knew you couldn't from Haiti" what the matter with you people. You really need to educate yourself, before talk about someone you gotta know him, because this country you are now trying to discriminate was once a wonderful country and very strong, every country might have their problems, now what about this crisis in Brazil? in Venezuela? people are starving, crying for food, now 7 on 10 Brazilians is fired every single day, and how many time they catch Brazilian trying to invade the US border passing through Mexico, lol people please, you are not ready or can't put yourself in such position, you know why, because it doesn't fit you, leave it for a better country like France, England etc.. google tradutor lmaooo

04 jul 2016 - 14h28

Meus queridos haitianos ! relevem os comentários ofensivos aqui; muitos brasileiros não pensam assim, os que conhecem a história do Mundo Novo admira vossa história, sabem do fato que vossa país o Haiti foi o primeiro país latino-americano a declarar-se independente. Muitos brasileiros inteligentes e conhecedores da nossa história sabem que nosso país foi estruturado pelo trabalho de inúmeros imigrantes, italianos, alemães e outros, que para nossa terra foram trazidos milhões de negros que forjaram com seu trabalho escravo a riqueza do país; sabem também que os verdadeiros nativos do Brasil são os índios, nós somos fruto dessa mistura, portanto, somos frutos da histórica imigração. Queridos haitianos que vivem em minha terra, Santa Catarina, os vejo, respeitosos, educados, caprichosos e sempre perfumados, cumpridores de seus deveres no trabalho e em comunidade, não os vejo em bares (embora tenham todo o direito). Eu já ajudei-os em minha cidade e continuarei ajudando-os, como muitos aqui o fazem ! Continuem com suas cabeças erguidas, nós os admiramos e respeitamos, saibam que em todo o lugar do mundo existem pessoas que oram, pedem ajuda à Deus, frequentam igrejas, rezam o "Pai-nosso", porém, sentem-se melhores que outras seres humanos e jamais os chamariam de irmãos, que pena! Meus queridos haitianos, fiquem, fiquem aqui, quanto tempo quiserem, que Deus nos proteja, meus queridos irmãos!!!

24 maio 2015 - 23h47

Muitos só estão fugindo da pobreza, em SC existem muitos imigrantes do haiti, o interessante, falam inglês, francês, espanhol e caboclo, e trabalham muito, diferente de muitos nordestinos que ficam um mês e já voltam pois dizem não se acostumar (tem de trabalhar 9 horas por dia todos os dias em trabalho pesado). Conheço alguns imigrantes do haiti e são gente boa e trabalhadora.

25 maio 2015 - 12h41

Reduz a burocracia e aumento o preço do visto para o total bater em R\$5000. Que o **governo** roube o mercado dois coiotes sem no entanto estimular a demanda. Agora esses R\$1500 não fazem diferença pois o **governo** vai gastar muito mais com esses **haitianos** e vai arrecadar ainda mais em impostos.

E é bem melhor ter eles entrando de forma legal, é muito queimação de filme imigração ilegal. E se o **haitiano** entra legalmente, tem seus documentos e se sente livre para procurar as autoridades isso inibe o trabalho escravo. Trabalho esse que além de ser outra queimação de filme também deixa de pagar uma porrada de impostos. E que provavelmente é um dos grandes motivos pelo qual tem gente pagando para **haitianos** e bolivianos imigrarem para cá, estão fazendo um investimento nefasto em **mão-de-obra**.

23 maio 2015 - 05h12

Tem um livro interessante sobre tráfico (de diversos tipo) chamado "Illicit", que fala bastante sobre o mercado desse tipo de migração ("tráfico de **humanos**") e suas origens (lei da oferta e demanda, basicamente)

22 maio 2015 - 23h04

Acho que tem dois aspectos nessa discussão. Um é o do **emprego**. As pessoas são contra a vinda de imigrantes porque elas pensam que existe um numero fixo de **empregos**, e que quando chegam mais pessoas vai haver um numero maior de pessoas disputando o mesmo numero de vagas. Isso pra mim é uma bobagem. As pessoas chegam e passam a demandar **trabalho**, mas ao mesmo tempo passam a demandar produtos e serviços, então geram mais **empregos** pra compensar os que foram perdidos. Vamos supor que numa determinada sociedade as mulheres não **trabalham**, porque, sei la, a Igreja não permite, e os homens estão todos **empregados**. Alguem acha que uma vez que seja permitido, e todas essas mulheres passem a buscar **trabalho**, o numero de postos de **trabalho** sera mantido igual, e metade dos homens e das mulheres passe a ficar **desempregado** ? Ridiculo não ? Pois então.

Tem um segundo aspecto, que envolve a social-democracia, e esse é mais complicado. Se a pessoa não tivesse nenhum problema com o primeiro aspecto, mesmo assim ela poderia ainda se opor a vinda dos **haitianos**, e por que ? Porque eles não estão divididos conforme a pirâmide de renda do Brasil. Se no Brasil a divisão das pessoas em classes ABCDE for, 5%, 10%, 30%, 25%, 20%, e a dos imigrantes **haitianos** fosse igual, as pessoas não se oporiam.

Elas se opõem porque elas acham que vai haver um bolo de riqueza igual a ser dividido entre um numero maior de pessoas. Elas vao demandar serviços sociais.

Ai é que eu queria chegar. Quem se opõe a vinda de imigrantes pobres por achar que o bolo de riqueza não vai crescer, mas que vai crescer o numero daqueles entre os quais esse bolo vai ser dividido, essa pessoa a meu ver assina um atestado de que não concorda com a teoria da mais-valia. Essa teoria grosso-modo diz que os ricos tem mais não porque produziram mais, mas porque se apropriaram do que os mais pobres produziram. Essa riqueza teria sido concentrada no topo numa falha de mercado. Ora, se ela fosse valida, então não haveria problema em virem ao Brasil imigrantes pobres. Pois esses pobres não dividiriam com os pobres já residentes um bolo fixo de mais-valia, eles criariam a sua própria mais-valia que seria depois tirada dos ricos pelo estado em forma de serviços sociais. Portanto essas pessoas que se opõem a vinda dos **haitianos** a meu ver estão dizendo que quem tem mais, o tem porque fez mais e produziu mais mesmo, porque mereceu, e não porque tomou de ninguém por qualquer tipo de exploração. É uma questão de logica básica. Curioso, né !?

□

21/OCT/2015 ÀS 21:22

Proporcionalmente, acredito ser SC. Dificilmente você conversa com alguém que não tem idéias **xenóforas** e/ou **racistas**, que more por aqui (no vale do Itajaí). Só pra constar, **Bolsonaro** foi ovacionado na Oktoberfest.

20/OCT/2015 ÀS 12:45

Que isso não fique impune, matar alguém por um motivo tão torpe é hediondo

20/OCT/2015 ÀS 13:56

Essas pessoas precisam ser encontradas e responsabilizadas pelo crime. Esse é um crime bárbaro! Que vem da barbárie. Criem de **racismo** e **xenofobia**. Esse não é o exemplo que quero deixar para os meus **filhos**

20/OCT/2015 ÀS 14:13

Bolsovomito e seus fãs/asseclas devem estar felizes pra caramba...

20/OCT/2015 ÀS 15:08

Triste. A onda de conservadorismo que se instalou no Brasil não tem precedentes. Temos que orientar nossas crianças para que não entrem no discurso do ódio. Vergonha e luto pelo nosso país.

20/OCT/2015 ÀS 20:18

Este crime hediondo é resultado da propaganda à intolerância e **preconceito** veiculado diariamente pelas redes sociais, onde pobre, **negro**, índio, **nordestino**, gay, **petista** e **comunista** são passíveis de extermínio. Já vimos esse "filme" de terror no nazi-fascismo europeu... Essa é a "democracia" da mediocridade!

21/OCT/2015 ÀS 10:46

Avisem os **negros** que o sul do Brasil é a região mais **racista** do país. No entanto, morem onde voces quiserem e que lutemos contra isso.

21/OCT/2015 ÀS 14:11

Falam de **preconceito**, mas agem de forma **preconceituosa** em relação aos habitantes do Sul do país.

28/OCT/2015 ÀS 14:00

Fato!

22/OCT/2015 ÀS 14:20

Lamento por este homem. Não o conhecia, mas aposto que só estava aqui porque queria comer todos os dias. A mentalidade do Brasil é secular. Isso independe de ideologia, classe social... Lamento do fundo do meu coração.

HÁ 2 ANOS

O **HAITI** É AQUI...

Positivo 3 negativo 6

HÁ UM ANO

Aí sim Marcelo Xavier, falou e disse. Ricos aqui falando de **bolsa** família e eles recebendo **bolsa** faculdade, **bolsa** IR, **bolsa** plano de saúde, etc. Pesquise que verá o quanto de **ajuda** o rico recebe do **governo**.

11

2

HÁ UM ANO

Julio rodas eu descordo plenamente com você é com muitos outros **racistas** Você disse a moça foi prejudicada por um método **racista** do **governo** onde se vê a cor da pele e não a capacidade. qual a capacidade que uma pessoa que mal consegue chegar no ensino médio vai ter para passar no vestibular para passar em um vestibular muitos desses **negros** trabalham pesado no serviços o dia todo mal tendo tempo para ir para escola talvez você não saiba mas na constituição dizem que o **governo** tem que dar proteção aos menos favorecido

48

115

HÁ UM ANO

Julio,vai dar sua RODA!

37

89

HÁ UM ANO

isso é preconceito e da cadeia
24 50

HÁ UM ANO

Ateu, as expressões que Julio utilizou são racista(extremamente). A cota é uma forma de inclusão social e direito de estudo a todos. Concordo que cotas é uma forma de "tampar o sol com a peneira" pelo ensino público falho que temos,. Melhorar o ensino fundamental/médio é mais do que necessário porém é algo de resultado a longo prazo(deveríamos começar JÁ) por hora acredito que cota seja a opção mais coerente de reparar - de forma pequena- os dados na nossa educação.
18 56

HÁ UM ANO

Julio Rodas...estou te denunciando agora no SAFERNET ORG BR não adianta apagar entra lá espertão
25 57

HÁ UM ANO

Julio Rodas...essa é a chave da denuncia; 6d6e603b8f3797dc7eeaec157c1a11fb acompanha ela até a PF, Civil e outros órgãos baterem na sua porta. C A N A
12 48

HÁ UM ANO

Cansei de ouvir esse tipo de coisa na minha infância e adolescencia e engolia com farinha quando era contra mim, mas quando se referiam a algum dos meus irmãos e pais metia o pé na cara do indivíduo sem dó.
4 16

HÁ UM ANO

esse covarde se esconde atrás da internet mas não seria capaz de falar isso pessoalmente a qualquer negro.
7 25

HÁ UM ANO

William, mal informado, cotas não são apenas para negros. Estudantes de colégio publico e pobres tb tem uma % de cota.
4 9

HÁ UM ANO

as cotas não só para negros, são para alunos oriundos do ensino publico seja branco ou negro, índios e etc. esse cara ai não passa de um covarde racista querendo criar discórdias. o que mais me deixa nervoso e não poder vê-lo pessoalmente.
6 11

HÁ UM ANO

esse julio rodas e esse jorge varlei devem ser dois analfabetos comentando de dentro da cadeia. pra q perder tempo com eles?
4 7

HÁ UM ANO

Sou negro e não dou a mínima para cotas. só fico de cara com esses covardes que chamam meu povo de animais pela internet e eu não poder responder.
29 9

HÁ UM ANO

Pode denunciar no safernet e mp.

8 3

Ives Costa

HÁ UM ANO

Simplesmente um idiota vc!!!! Que não deve ter passado na matéria de História do Brasil.

1 8

HÁ UM ANO

Gente que chama os negros de animais estão se referindo também aos meus amados Pais, amados Irmãos, Primos, amados filhos, amados netos e Antepassados. todos negros.

3 4

HÁ UM ANO

Qtos aqui bradam contra o sistema de cotas, mas adorariam fazer um tour pela europa através do ciência sem fronteiras

5 1

HÁ UM ANO

Sem esperança para racistas. Acusação formal, processo legal e cadeia.

5 4

HÁ UM ANO

Denunciar é pouco pra mim Luiz. Gostaria de somente meter meu pé na orelha desse indivíduo de leve.

3 5

HÁ UM ANO

Sua amiga não conseguiu pq ela é burra mesmo e fica arrumando desculpas. E o tanto de branco que ela concorreu tb? não conta não? Para de ser racista e fale pra sua amiga estudar mais, afinal, ela só precisa de uma vaga apenas.

9 12

HÁ UM ANO

NAO e sua amiga que e burra.....vc e burra por ser amigo dela

5 9

HÁ UM ANO

Exatamente Katy, quem nao mora aqui no Acre nao sabe, mas uma grande parte dos imigrantes sao formados.

2 5

HÁ UM ANO

Amiga burra e incompetente, tinha q arrumar uma desculpa por não ter conseguido a vaga

6 6

HÁ UM ANO

E médico que entre uma aula e outra estupra colegas de classe e fuma maconha? todos sabem que isto é praxe nas faculdades de medicina de luxo exclusiva pra filhinhos de papai aqui no Brasil

9 5

HÁ UM ANO

Medico negro numa urgencia??Nem nos países mais pobres da Africa e assim cara imagina no Brasil...

4 6

HÁ UM ANO

Apagaram meu comentário onde eu apenas dizia que o Julio estava sendo racista no seu comentário, mas deixaram o dele no ar... Inacreditável!

9 1

HÁ UM ANO

Oliveira Alves, é racista sim. Eu até, concordo com a questão dessas cotas serem erradas, mas chamar a pessoa de preto, ou mesmo branco/branquelo isso é racismo sim. O cara tem uma opinião até legal, mas perdeu todo crédito do seu argumento quando usou de palavras com tom desprezativo.

6 8

HÁ UM ANO

Se chamar alguém de preto cotista e animal não for racismo, eu não sei mais o que é. O que mais me impressiona é a quantidade de positivos que o comentário dele teve, ou as pessoas são cegas para não enxergar a bobagem que o cara disse ou temos um grande número de racistas escondidos por aí.

1 1

HÁ UM ANO

Também é racismo fera. Não interessa a cor... E de pessoas racistas eu só sinto pena, nada mais.

3 1

HÁ UM ANO

Se sua amiga fosse tão capaz assim ela teria passado de qualquer forma o nome já diz é uma cota e não a totalidade das vagas.

7 1

HÁ UM ANO

Fiz vestibular, tinha cota e passei mesmo assim, sua amiga burrinha deveria fazer o mesmo ao invés de jogar a culpa nas cotas. É mais fácil culpar os outros que admitir o próprio fracasso.

12 5

HÁ UM ANO

todo preconceituoso é assim usa é assim usa casos isolados os transforma em regra só para justificar seu preconceito.

9 4

HÁ UM ANO

"preto cotista", acho q vc adora um motivo pra esculhambar quem não gosta né???

2 4

HÁ UM ANO

quem gosta t

3 1

HÁ UM ANO

coisa feia de se falar "preto" para, não é legal.

9 10

HÁ UM ANO

Vcs seus racista tem e medo de perder suas mulheres para eles porque são bons de cama e mais gostosos seus frouxos!

17 76

HÁ UM ANO

Idiotas preconceituosos não tem argumento coloca o PT que vcs votaram no assunto, bando de frouxo estão perdendo mesmo suas loiras p eles kkk

2 12

HÁ UM ANO

Quero lembrar que xenofobia e racismo são crimes e que se vc está achando que se esconde atrás de uma página de internet está completamente enganado. Em dois tempos te acham até no inferno, internet deixa rastros e os criminosos são punidos ainda mais rápido.

72 9

HÁ UM ANO

esses racistas de internet são sempre os mesmos, na rua são tudo uns b00xt4 tapado

10 4

HÁ UM ANO

São melhores que muitos brasileiros...

9 7

HÁ UM ANO

Vejo uma vantagem na entrada estrangeiros no Brasil :) Eles tem vontade de trabalhar e trabalham com vontade... Tem brasileiro com preguiça até de respirar.

7 7

HÁ UM ANO

E você é descendente indígena? Suponho que se você está aqui é por que algum antepassado seu fez o mesmo. Discriminar estrangeiros tem nome, xenofobia, e é crime por sinal...

20 50

HÁ UM ANO

Que o nosso país não tem estrutura para receber essas pessoas, isso é fato. Mas coloque-se no lugar delas, você não iria querer ser ajudado? É complicado julgar...

19 16

HÁ UM ANO

Se fosse uma migração de Japoneses vc não teria a msm opinião né! Afinal os Japoneses tem muito a acrescentar ao Brasil, mas isso não é xenofobia?

2 24

HÁ UM ANO

globo fica indignada qdo maju e cia sofrem racismo na internet...INDIGNAÇÃO SELETIVA!!!!!!!!!!KD A POLICIA FEDERAL E P DRCI PRA REPRIMIR ESSES CRIMES COMETIDOS AQUI?

4 8

HÁ UM ANO

Seja bem vindos todos haitianos e africanos, eles são povos sofridos! Só não gosto de boliviano, 2 já quiseram mim assaltar quando os meus parceiros perceberam partiram prá cima eles saíram a milhão...

2 18

HÁ UM ANO

Fico imaginando o porquê de tanto ódio contra os negros. O que fizeram de tão cruel a cada um desses que comentam para ter tanto ódio? Sou branco, mas me dói igualmente quando ouço esses insultos, e por esse mesmo motivo, não tenho orgulho de ser branco, mas também não me atento a isso, não me atento a cor.

35 30

HÁ UM ANO

Dimitri, 2 sugestões: 1) Troque a sua fonte de estatística; 2) Estude um pouco mais sobre política interna e externa da América do Norte e Europa.

2

5

HÁ UM ANO

Pessoal diz q n eh racismo mas se fosse um povo branco , de olhos azuis já poderiam fazer parte da sociedade brasileira num estralo de dedos.

6

2

HÁ UM ANO

Olha a boataria online. O programa é um convênio entre o Brasil e países onde o Brasil está atuando em cooperação. É um acordo mútuo. Não há custeio de despesas do estudante, um dos requisitos é poder se manter por conta própria. Aqueles que se sobressaírem, podem ganhar a bolsa mérito, que equivale a R\$ 622,00 e por apenas 6 meses. Se informe melhor antes de querer causar ira pela internet.

21

4

HÁ UM ANO

Mas você não disse: Procurem saber sobre o PEC-G !!! É só por no Google, foi isto que eu fiz.

3

0

HÁ UM ANO

Isso ai Douglas.

0

0

HÁ UM ANO

As pessoas tem que ter cuidado com a difamação.

0

0

HÁ UM ANO

Quero lembrar que xenofobia e racismo são crimes e que se vc está achando que se esconde atrás de uma página de internet está completamente enganado. Em dois tempos te acham até no inferno, internet deixa rastros e os criminosos são punidos ainda mais rápido.

5

17

HÁ UM ANO

Quero lembrar que xenofobia e racismo são crimes e que se vc está achando que se esconde atrás de uma página de internet está completamente enganado. Em dois tempos te acham até no inferno, internet deixa rastros e os criminosos são punidos ainda mais rápido.

4

10

HÁ UM ANO

E vc é tão bonito que nem tem coragem de colocar a sua foto aqui, usa a do escudo de um time de futebol

3

0

HÁ UM ANO

brasileiro é uma raça de vira latas mesmo, qdo aqui deparam com um gringo branco, principalmente se for europeu, tentam até se comunicar com eles em sua língua, no entanto são menosprezados por eles e se tornam seus capachos

30

15

HÁ UM ANO

verdade Solange matos, falou tudo

6

5

HÁ UM ANO

disse a pessoal , que entre seus ancestrais alguém era imigrante.

6 9

HÁ UM ANO

Pelos comentários dá pra perceber que só tem índio no brasil, pois só eles não vieram de outros países!

4 1

HÁ UM ANO

Tem uma pessoa que ficam de trás de uma tela criticando, mas pessoalmente fala bosta Neuma.

0 2

HÁ UM ANO

Qtos playbas estão curtindo a vida na europa às custas do ciência sem fronteiras, mas todos acham lindo mantê-los com nosso dinheiro, no entanto, qdo se trata do sistema **cotista**, cuja pessoa tem que empenhar para conseguí-lo ficam esses mentes atrofiadas aqui escrevendo besteiras

6 11

HÁ UM ANO

Que pena podia chegar mais **Haitianos**.

3 6

HÁ UM ANO

SC? Péssima escolhe meu **filho**, vá pro interior de Sp, ou de MG, as pessoas são mais acolhedoras e tem mais **emprego**. Já vi muitos casos de **negros** , **haitianos** etc serem até mortos aqui em SC.

17 11

HÁ UM ANO

O diploma conquistado por ele é um mérito, a **cota ajuda** a ENTRAR na faculdade e não se FORMAR. Ao longo dos anos ele não tem vantagem.

9 3

HÁ UM ANO

Julio Rodinha, você é tão inteligente quanto a sua amiga. O QUE EXISTE É UM SISTEMA DE RESERVA DE VAGAS. Outro "**preto**" ocuparia o lugar do primeiro.

0 0

HÁ UM ANO

Isso é **preconceito** contra os nosso irmãos **negros**, eles merecem as **cotas** e muito mais que vise diminuir a injustiça contra eles por anos de escravidão e humilhações!!

8 23

HÁ UM ANO

Vamos defender o **Haiti** e os **haitianos**. Vamos de Lulo. 2018 é **Lulalá**.

1 18

HÁ UM ANO

Eu apoio a entrada deles no meu pais já que o povo daqui só pensa em internet e em facebook! Viva o Acre viva o **nordeste** viva o **PT**

3 9

HÁ UM ANO

Para morar no norte ou sudeste, eles ficariam no **Haiti**.

20 23

HÁ UM ANO

ótima notícia

0 0

HÁ UM ANO

ESSE ANO COM O **PT** AINDA NO PODER VÃO COMEÇAR A BATER EM RETIRADA. LOGO-LOGO NÃO VAI TER BRASIL NEM PARA BRASILEIROS.

6 0

HÁ UM ANO

Verdade Rafael, porque tem bem poucos BRasileiros lá fora não é. Pare de ignorância rapaz!

9 8

HÁ UM ANO

Porque este site não tolera quando a gente fala algumas verdades?

2 1

HÁ UM ANO

Trump vai descobrir que tem um milhão de brasileiros nos USA!

5 0

HÁ UM ANO

É Júlio vocês não toleram a **política** de inclusão social do **PT**. Pobre viajando de avião; pobre na faculdade; no ciência sem fronteira; comendo em restaurantes; andando de carro; tendo casa para morar. Para vocês pobre só tem que servir vocês. Veremos no Juízo final!

2 14

HÁ UM ANO

Que ilusão desse rapaz. Veio para o Brasil para conseguir a casa própria. Se nem um cidadão brasileiro que anos luta por uma casa e até agora nada consegue, imagina um estrangeiro de um país emergente da américa central. Enfim, que consiga realizar seu sonho.

23 0

HÁ UM ANO

Isso é uma pena. Essa nova colonização estava trazendo bélos espécimes **humanos** ao país. Braços fortes e disposição para o trabalho, é isso que os **Haitianos** possuem e que ta em falta no Brasil. Abram as fronteiras! **Bem vindo haitianos!**

1 1

HÁ UM ANO

idiota **preconceituoso**, eles contribuem para a pátria muito mais que você seu verme

3 13

HÁ UM ANO

Desconheço a existência da tal **Bolsa** Imigrante. A verdade é que **haitianos** e bolivianos são exímios **trabalhadores**, óbvio que toda regra tem suas exceções, e não conheço nenhum deles analfabetos. Seria bom que esses milhares de brasileiros encostados no **Bolsa** Família saíssem do marasmo e buscassem o caminho da escola, profissionalizando-se e fazendo da inclusão social um verdadeiro ato de cidadania.

3 3

HÁ UM ANO

GRAÇAS A **DEUS**.

2 2

“Nova onda de imigração atrai para São Paulo latino-americanos e africanos”

23/01/2015 17h19

Positivo o 1 Negativo o 1

Meu pai chegou no Brasil após a segunda guerra mundial com uma mão na frente e outra atrás. Fez a vida aqui e criou os filhos. Não vejo porque outros não deveriam ter a mesma oportunidade assimilando-se e respeitando as leis e costumes do país.

23/01/2015 23h53

0 1

Exato! O que precisamos é de políticas inteligentes de imigração, que garantam a segurança dos cidadãos, tanto nativos como imigrantes, e que recrutem o grande potencial humano que é injetado no país para auxiliar o desenvolvimento. Incentivar a imigração para o interior do país seria um excelente modo de levar empreendedorismo (matéria prima abundante entre os imigrantes) a locais que necessitam de desenvolvimento.

23/01/2015 21h53

1 1

A porcentagem de residentes no Brasil nascidos no exterior não chega a 1 % da população total do país segundo o censo do IBGE. Mesmo considerando subcontagem no censo, ainda é muito menos do que em outros países como Austrália (em torno de 25 %), Canadá (20 %), EUA (15 %) e principais países europeus (cerca de 10 %). Em outras palavras, imigração está longe de ser um "problema" no Brasil contemporâneo.

23/01/2015 14h26

o0 o 2

Bem lembrado no final do vídeo, a galera fica com xenofobia mas esquecem que alguém da família veio da mesma forma, pq eles não podem?

23/01/2015 15h06

0 6

Discurso xenofóbico é fogo... É nisso que dá ser provinciano...Vá conhecer NY, Londres, Paris e outras grandes cidades doo mundo para depois falar uma baboseira dessas...

23/01/2015 15h03

0 1

Como a matéria mesmo diz, tem "brasileiro" que esquece de onde veio. Os índios devem ter pensado a mesma coisa dos seus antepassados. Logo eles se tornaram os "estrangeiros"

20/05/2015 13h57

o0 o 2

Para aqueles que gostam de criticar a igreja católica, espero que reconheçam. Sem esse acolhimento estariam aonde, na rua? E o des governo federal não toma conhecimento de suas obrigações, seu humanismo é pura demagogia.

20/05/2015 08h48

o2 o 3

Parabéns a Igreja Católica, como sempre pronta a ajudar, essa é a missão sempre do lado do mais fraco.

• Diário do Centro do Mundo

• 2 anos atrás

(...)Quando os europeus chegaram, faltava mão de obra(...). Na verdade essa é uma grande falácia contada com o objetivo de justificar o racismo.. Existia mão-de obra: negros libertos, alforriados, que exerciam diversas funções especializadas (sapateiros, doceiros, canoieiros). O que se tentou com a

imigração europeia foi o embranquecimento da população com o slogan de dar ares de "civilidade a população". O resultado vemos todos os dias no Brasil: a posição marginal em que o negro se encontra.

o 20 Positivo o • Negativo

• 2 anos atrás

Boa, cara!

2 •

• um ano atrás

É hora de dar uma corça nesses mimados filhos de europeus folgados.

• um ano atrás

Para de falar merda, o brasil teve mão de obra por 400 anos antes dos imigrantes. Acontece que os ex donos de escravos estavam boicotando os recentes escravos livres e usaram o pretexto de "embranquecer o brasil" pra armar uma cilada aos europeus, chegando aqui, os europeus achavam que iam boyzar e tal, que nada, viram foi a realidade do negócio. MAS NÃO faltava mão de obra não, pois tinha gente disponível pra trabalhar sim

1 •

• 2 anos atrás

Que beleza de texto!

o 17 o •

• 2 anos atrás

Pois é e acho que estaria ainda melhor se tratasse de um detalhe crucial que é o fato de não encontrarmos haitianos pedindo esmola, o que eles pedem é essencialmente emprego.

6 •

• 2 anos atrás

Só uma correção:

Não parece racismo, É! Não faltava mão-de-obra na época em que os antepassados de muitos brasileiros, os europeus, vieram pro Brasil. Pelo contrário! Estava sobrando mão-de-obra que foi marginalizada, reprimida e começou a ser responsabilizada pelos problemas e violencia no Brasil. Foi assim que surgiram as favelas e é contra esse mesmo sistema que lutamos agora.

o 16 o •

• 2 anos atrás

Alan Meira, você atingiu o cerne da questão. Venho batendo nesta tecla há tempos!!! Em poucas palavras resumiu a História de um povo, de um país, do nosso país. Parabéns.

5 •

• 2 anos atrás

além do que também com imigração dos europeus, a população brasileira iria "branquear". esse era um dos motivos que a vida dos imigrantes europeus foi facilitada aqui no Brasil.

2 •

• um ano atrás

Mas esse pretexto de "branquear" foi uma cilada, pois os imigrantes sentiram um modesto sofrimento também. Viram que não seria o mar de rosa prometido pelos senhores de terras.

•

• 2 anos atrás

Fantástico argumento, nunca havia pensado nesse fato e tens toda razão!! Parabéns, sucinto e exato.

2 •

- 2 anos atrás

O que ele escreveu vale mais para o Rio, Bahia ou São Paulo. No RS havia falta de **mão de obra** sim, Todo mundo aqui sabe disso. No século XIX o território gaúcho ainda era meio desocupado. A presença dos imigrantes aqui foi importante entre outras coisas para ocupar melhor o território e neutralizar as ambições dos castelhanos que volta e meia invadiam estado.

Ademais, ao menos até agora, os **haitianos** vem sendo bem recebidos aqui no Rio Grande, apesar de julgar pertinentes as críticas do Tulio Milman

2 •

- 2 meses atrás

Era só deslocar parte dos **negros** alforriados para o sul.

•

- 2 anos atrás

Não faltava não.

Os imigrantes vieram ocupar o lugar dos escravos libertos pela lei Áurea. Depois tiveram acesso a programas de colonização aos quais nem sequer foram oferecidos aos **negros**.

4 •

- 2 anos atrás

Em contrapartida, outro dia, em Jundiá, percebendo a dificuldade de expressão de um funcionário de um supermercado, perguntei se ele não era brasileiro.

Prontamente, outro funcionário veio dizer que era do **Haiti** e que estava morando na casa da família dele há 3 meses. Sempre tratando-o com muito carinho, disse que o **haitiano** realmente tinha dificuldade de entender nossa língua, mas estava aprendendo bem. Me pergunto quantos de nós seríamos capaz de abrir nosso lar para fazer o mesmo que esta família de verdadeiros cidadãos tem feito.

o12 o •

- 2 anos atrás

Já estava esperando qualquer relato a respeito! E esse não deixa de ser especial!

Decididamente a cordialidade brasileira é uma lenda! Será que não entra na cabeça que ninguém sai do próprio país se as coisas vão bem?!

o8 o •

- 2 anos atrás

Querida Cecília, discordo frontalmente...

A cordialidade, hospitalidade e receptividade do povo brasileiro é bem grande. Há uma dúzia de rudes e barulhentos em todos os lugares, sobretudo em São Paulo e no Sul. No interior desse nosso Brasil, no **Nordeste** e mesmo entre os pobres cariocas a hospitalidade é bem grande!

Não julgemos o Brasil pelo que há de pior nele!

2 •

- 2 anos atrás

É importante tocar nessa ferida. Moro no norte do RS, em uma cidade com forte colonização **italiana**. Os relatos de **racismo** são numerosos. Conheci um rapaz de origem senegalesa, que iniciou seu próprio negócio, e sofreu com o **racismo** e tentativas de sabotagem de uma empresa que o via como concorrente (empresa aliás que se considera dona da cidade...).

o7 o •

- 2 anos atrás

aqui em SP os mais **racistas** e que bradam contra programas sociais, são os descendentes de **italianos** já falei isso aqui no DCM e fui taxado de **xenófobo**

a ironia é que os **italianos** ganharam lotes dos **governos**, se fizeram ou tiveram seu caminho facilitado por isso, enquanto os **negros** libertados 30 anos antes, não ganharam nada, e hoje ainda são alvo por causa das **cotas**, que tentam reparar esta injustiça social

3 •

• 2 anos atrás

concordo plenamente! trabalho com uma descendente de italianos e ela veio com esse discurso demonizando os haitianos. perguntei a ela se os pais dela tivessem a vida dificultada quando imigraram para o Brasil e ela ficou quietinha. não entendo como pode haver tanto desprezo pelas pessoas.

2 •

• 2 anos atrás

Como descendente de italianos, Benante Goi, digo que não é a descendência que "demoniza os haitianos", é a pouca inteligência e falta de cultura de tal pessoa.

1 •

• 2 anos atrás

Sem querer polemizar, falei de uma pessoa que tem essa descendencia. Poderia ser japoneses, alemão ou qualquer outra nacionalidade.

1 •

• 2 anos atrás

Que triste as pessoas não enxergarem que a história do outro é semelhante...

•

• 2 anos atrás

Já ouvi que os negros não se esforçaram depois que foram libertos...

•

• 2 anos atrás

"Outro dia, fui abastecer meu carro em um posto de Porto Alegre. A frentista era haitiana. Orgulhosa por estar trabalhando. Vi o brilho no olho dela. Me lembrei dos meus avós." Arrepiei com essa imagem!

o6 o •

• 2 anos atrás

Muito bom, até pelo "puxão de orelha", não que me considere racista, mas por ouvir bobagens preconceituosas e não rebatê-las, ficar calado. Prometo prá mim mesmo, vou responder, até para que o preconceito não cresça.

o5 o •

• 2 anos atrás

Que bonito seu "mea culpa", Orlando! Capacidade rara, de admitir que não tinha a atitude correta e ainda por cima, contar pra gente.

1 •

• 2 anos atrás

Onde come um, come dois!!!! Deixe que venham e que sejam bons brasileiros e haitianos também!!! A conta a gente racha !!!

o4 o •

• 2 anos atrás

meu deus...claro que sim.. é isso! será que os idiotas coxinhas de qualquer estado não são capazes de aprender com pessoas que não têm muito mas justamente por isso são os primeiros a estender a mão? os que dividem sua própria comida, oferecem um canto em casa, organizam um mutirão e ajudam a empurrar um carro engasgado chamando quem ta por perto? sou ateu mas deus abençoe nosso país e nosso povo..

4 •

• 2 anos atrás

Também sou descendente de imigrantes alemães que, miseráveis, vieram fazer a vida no Brasil, em meados do século XIX. Batalharam muito, em condições inóspitas, mas, ganharam suas glebas de terras, o que para começar, foi de extrema valia. Hoje vejo pessoas nascidas na colônia em que nasci fazendo comentários xenófobos, racistas e preconceituosos. Tenho tios e tias com o mesmo posicionamento, não só contra os negros, mas contra os "brasileiros". Se acham alemães, mesmo nascidos no Brasil, e, se consideram superiores (base do nazismo). Nas eleições o que vi de comentário ofensivo contra os nordestinos por parte destas pessoas é incrível. Tive que desfazer inúmeras amizades, já que não tenho estômago para conviver com gente assim. Aqui em Floripa já me deparei com inúmeros frentistas haitianos em postos de gasolina. Espero que eles continuem sendo bem recebidos e que não haja uma onda xenófoba contra eles, incentivada por aqueles que querem enfraquecer qualquer iniciativa do governo para enfraquecê-lo.

o4 o •

• 2 anos atrás

Seem querer ofender, ofendendo. Os coxinhas do sul do Brasil, são herdeiros e descendentes de migrantes que saíram da Itália, da Alemanha, da França etc. por não terem condição de vida digna e trabalho em seus países, agora ficam se contrapondo ao migrantes haitianos, que tem o mesmo comportamento dos ancestrais desses sulistas lbierais, ainda bem que no sul tem uma grande parcela da população que não age e não pensa dessa forma reacionária e separatista.

o4 o •

• 2 anos atrás

Me sinto envergonhado com meus "vizinhos". Viemos para cá(RS) exatamente na mesma situação, fugindo de um país miserável sem condições de se viver, massacrado por duas guerras(poderia ser um terremoto). Aí, vejo e ouço pessoas que na maioria possuem sobrenomes de origem italiana ou alemã reclamarem dos imigrantes "ilegais". Na maioria os mais indignados com a situação não conhecem a história da própria família.

1 •

• um ano atrás

Eu já tô ficando é puto com muitos desses descendente de italianos folgados(muitos deles, não todos). É preciso dar uma prensa nesses marginaizinhos de merda. Isso aqui é Brasil caramba, se a Itália é tão incrível, por que esses zé ruelas insistem em ficar aqui. Vazam desgraças kkkkkkkkkkkkk

•

• 2 anos atrás

Preconceito agora contra nós, os descendentes de italianos? Não sou coxinha e não sou do Sul, sou do Sudeste do Brasil, somos todos brasileiros. No caso , me senti ofendida Sr.Barsanulfo. Seria esse um sobrenome europeu?

•

• 2 anos atrás

Somos todos imigrantes. A terra pertence a todos. Lindo texto.

o3 o •

• 2 anos atrás

Sou neto e bisneto de imigrantes poloneses, vejo que todas as raças que vieram para o brasil ajudaram e continuam ajudando a construir um País melhor, só que no Brasil só se fala dos imigrantes italianos e alemães o resto e resto. como se outras raças não contribuíram em nada para o desenvolvimento do Brasil. Tenho orgulho de ter amigos haitianos, senegaleses, sou dindo de um lindo menino haitiano, eu vejo que o preconceito tem mais em quem mais ganhou no BRASIL, onde tem mais imigrante italianos. sempre se achando superiores a outras raças, esqueceram da onde vieram e como vieram. deveríamos dar graças de estarmos no brasil uma terra de oportunidades para todos.

o3 o •

- 2 anos atrás

"Com seus pássaros ou a lembrança dos seus pássaros

Com seus filhos ou a lembrança dos seus filhos

Com seu povo ou a lembrança de seu povo

Todos emigram

De uma pátria a outra do templo

De uma praia a outra do atlântico

De uma serra a outra das cordilheiras

Todos emigram"

Cantos Dos Emigrantes - Cordel Do Fogo Encantado

o5 o •

- 2 anos atrás

se não gostam de imigrantes, então tenham vergonha na cara e mudam-se, afinal esse país não foi o nascedouro da sua descendência.

o1 o •

- 2 anos atrás

Desculpe, mas, faltava mão de obra? e os ex-escravos, o problema, hoje e ontem, é que são negros, se fossem alemães ou europeus em geral, estava tudo bem, problema é o racismo que esses imigrantes das antigas também já tinham assim como a população brasileira que se acha branca tinha e tem.

o1 o •

- um ano atrás

Faltava mão de obra não, foi o boicote dos senhores de terras, que queriam continuar ferrando a vida dos negros, se possível fora, até aos dias de hoje. Então os europeus caíram na cilada desses senhores, e tiveram um modesto sofrimento no lugar do negro- mas foi modesto, não como o negro, na base da chicotada.

□ □ •

- 2 anos atrás

Parabéns pelo artigo. Tem-se que parar de pensar que uns são melhores que outros. Isso é bobagem. Ninguém é melhor que ninguém. Todo mundo chega nesse mundo do mesmo jeito. E vai embora do mesmo jeito: comido pelos bichos.

o1 o •

- 2 anos atrás

Uma empresa de enlatados do RS outro dia empregou muitos haitianos e o dono da empresa parecia muito satisfeito porque aquele tipo de trabalho de pouca exigência profissional e certamente com baixa remuneração era um suplício para o industrial que a toda hora via os empregados saindo para empregos melhores. Muita rotatividade. Eu sou de região de colonização alemã mas na grande Porto Alegre e há aqui menos racismo que em cidades mais isoladas e também percebo que na colonização italiana o racismo é maior. De uns anos pra cá mudou muito o cenário e há muitos casais mistos, homens negros com mulheres claras e filhos lindos... Acho que logo esta miscigenação vai ajudar a diminuir o racismo.

o1 o •

- um ano atrás

Claro, e isso porque gente com necessidade quer trabalhar, aí fica esses viadinhos de merda que não quer suar e bagunçar o cabelinho claro e tal kkkkkkk E essas porras (a parte racista dos italianos) acham que sustentam o Brasil, sendo que essas porras não bota a cara no sol, só querem ser patrões kkkkkkkkkkkk

□ □ •

- 2 anos atrás

Certas coisas melhor nem comentar o que pensamos sob pena de perder muitos amigos **filhos** de imigrantes, mas, UMA coisa posso dizer; na verdade, perguntar: Quando seus pais vieram para o Brasil, muitos como **COTISTAS DESAGRADECIDOS***, ocuparam terras que, POR DIREITO era dos **pretos** após a escravidão, inclusive, se apossaram de COMUNIDADES QUILOMBOLAS, então, calem suas bocas sujas, ou, em breve sentirão a revolta dos que não suportam mais o **preconceito** e o **racismo**. Aqui em São Paulo muitos **pretos** brasileiros tem **AJUDADO** essa gente como pode, ou ensinando a língua **portuguesa**, com donativos e até acolhendo em seus lares. E MUITO **FILHO DE IMIGRANTE HONESTO E GENEROSO**. Custa a vocês fazerem exatamente a mesma coisa?

o 1 o •

• 2 anos atrás

Assunto muito bem exposto! Todos nós deveríamos pensar muito no assunto, afinal aborda sentimentos **humanos** que nos devem nortear a vida! O Brasil é uma Nação muito diferente daquilo que vemos por aí, onde impera a desumanidade!

o 1 o •

• 2 anos atrás

Ignorante!!

1 •

• 2 anos atrás

Só o fato de o senhor (ou senhora) referir-se aos **haitianos** que buscam refúgio no Brasil como "essa gente" me desanima a responder. Mas, situando sua afirmação no contexto da matéria inicial, é razoável que se pergunte como se sentiriam os imigrantes europeus que aqui chegaram no século XIX se fossem chamados dessa forma.

1 •

• um ano atrás

Cara, essas porras são muito folgados mesmo. Se esses vermes soubesse o que é **trabalhar** em obra, seriam macho.

•

• um ano atrás

Para de falar asneiras, tio. O Brasil também estava "sucateado" na época da imigração europeia. Tio, aprenda uma coisa de pobre: "onde come um, come dois...coloca mais água no feijão" Não custa nada **ajudar** os caras **haitianos**

•

• 2 anos atrás

Ninguém devia responder a teu comentário, mas não me contive: Ignorante!

•

• 2 anos atrás

Caramba!!! **Xenofobia** pura!!!!

1 •

• 2 anos atrás

Os **haitianos** são muito bem tratados no sul. Admiro as pessoas que receberam bem os **haitianos**. Rio Grande do Sul está de parabéns!

•

• 2 anos atrás

O problema do **desemprego** é mais embaixo, isso envolve educação e falta de qualidade da "mão de obra". Mas **trabalho** mesmo, tem de sobra.

•

E mais. Assim que chegassem os imigrantes deveriam ter sido obrigados a **portuguesar** seus exóticos e impronunciáveis sobrenomes estrangeiros. Simples, traduzia-se o significado daquele nome na língua original para o **português**. Não sendo aceito pelos gringos, muito simples, pegue o primeiro navio de volta. Hoje seria muito mais difícil se identificar as ascendências e causar tanta arrogância para com os originais brasileiros que se formaram com 4 séculos de antecedência.

o o •

• 2 anos atrás

E finalmente para radicalizar: Getúlio Vargas deveria ter expatriado e Despachado para seus devidos países de origem as três **raças** Inimigas da liberdade que haviam se espalhado por aqui e que causaram a maior Guerra da História por pura ambição e presunção. Em 1939 expulsado **alemães, italianos e japoneses**, para se lascarem lá em suas tão amadas terras de que tinham tanta saudade e orgulho. Criado um enorme comboio de navios abarrotado de gringos e suas proles, e claro, afundando os navios bem no meio do Atlântico, além do mais, não ter recebido nenhum sobrevivente dos países perdedores. O Brasil poderia não estar tão desenvolvido economicamente, mas muito mais original. Predominando a verdadeira miscigenação brasileira, Índios, **Negros**, e porque ninguém é perfeito os **portuga**.

o o •

• 2 anos atrás

Agora vou ser um pouco mais incisivo. Que a carcamanada se acha superior, porque tem pele clara, nariz fino e olho azul é a mais pura verdade. A Eugenia não nasceu à toa, o Fascismo e nazismo não nasceram à toa na **Itália** e **Alemanha**, países formados por diversos povos que lutavam entre si por séculos por um pedacinho de terra fértil. Os sulistas, são arrogantes sem nem perceberem, é um traço cultural, se acham injustiçados, por terem desbravados as matas e tornados a terra arável, mas lá na Europa viviam na servidão, escravos **brancos**, por séculos. Esses povos foram formados por bárbaros que viveram séculos à margem da civilizada cultura Romana, ao destruírem a organização do Império Romano, viveram 1000 anos de ignorância e miséria, até invadirem e saquearem as riquezas americanas, **africanas** e asiáticas. Só quem convive de perto com esses descendentes constata que 98% tem Muito orgulho de não ter sangue **Negro** ou Índio, mesmo que seja o mais ignorante caipira do mundo. Fato.

o o •

• 2 anos atrás

Ouvi muitas vezes da minha Nona como saíram da **Itália**, venderam o pouco que tinham e se arriscaram em navio superlotado rumo à Terra Nova, com muitas esperanças e corações despedaçados, por deixarem a pátria amada. Como não dar abrigo aos que chegam nessas condições?

o o •

• 2 anos atrás

Ai, Ai. Que situação complicada. Sou pardo claro, segundo a atual classificação, pele clara, lisa, cabelos escuros cacheados, porém lisos, olhos castanhos esverdeados, 188, mas meu fenótipo lembra bastante uma iraniano, ou **italiano**, mexicano, francês, ou um típico brasileiro mestiço, **filho** de pai cabo-verde e mãe **branca** galega, termos usados em Salvador de onde se originam meus ancestrais. Na certidão nasci **branco**. Que guerra heim? Nasci no Rio, na época, Guanabara, carioca de gema. Minha irmã nascida em Niterói, foi registrada no Rio, para, segundo meu pai, não haver **preconceito** entre irmão !!! Aos seis anos mudamos para São Paulo, Vila Pompéia, todos os sobrenomes, ou quase todos, **italianos**, sem problemas. Eu só odiava o meu da Silva, herdado pelo nome de meu avô paterno, neto de escravo e índios, ou seja um legítimo cafuzo; enquanto minha irmã ostentava o sobrenome francês do avô materno antes do sobrenome de meu pai. O **Preconceito** paulistano é diferente, você sofre se for: carioca, **nordestino**, **negro** ou pobre. Ou depende de que lado do rio você mora e de onde você estuda. Como sempre vivi entre SP, RJ e Bahia e com uma parentada enorme de diversas condições econômicas, tinha desde o loiro de olho azul pobre até o classe média alta **Negro**. Quando fui para Londres aos 21, aí sim me senti lixo, mas mesmo assim era fascinado pela Inglaterra. Conheci **negros** que tem **preconceito** contra **negros** e só se casavam com **brancas** para "clarear a descendência". Aqui em Salvador por exemplo, onde existem uma enorme quantidade de **Negros** proeminentes, os **brancos** em grande quantidade são **racistas**, tanto como no Rio ou SP. Claro que os europeus e nipônicos que se instalaram abaixo dos

trópicos, vem de uma cultura inegavelmente mais desenvolvida, pelo histórico desses povos. O sul realmente é muito mais organizado e limpo. Mas o preconceito está na veia. Eles se odiavam entre si na própria Europa. Como São Paulo antes do que chamam "Imigrantes nordestinos" (viaduto na marginal tiete nomeado por Maluf) era menos bagunçada, a culpa é sempre do humilde mestiço de sotaque arrastado, mas que levantou boa parte do que vemos hoje. O mundo é puro preconceito e racismo. O conceito real de raças é muito mais profundo e não vou me estender mais. Estúpidos são os coxas que com sua índole fascista e prepotente sempre vão achar motivos para rechaçar. Cada povo tem suas boas e más características. Minha bisavó por lado materno tinha escrava, mesmo tendo nascido em 1888. Esse país é uma loucura. Tem raças e povos que chegam aqui e só casam entre si, tem lá seus motivos, mas a longo prazo gera muitos problemas. Enfim quanto aos Haitianos, é uma questão de solidariedade humana, serventia eles tem. Não estamos em desgoverno, apesar dos míopes de sempre. Agora deve-se regulamentar e organizar (rsrsrsrs, no Brasil, republiqueta infame sim, graças ao nosso passado recente e a poderes egoístas e ociosos que lucram com isso). Existe mudança, e rápida e isso apavora os conservadores. Agora argumentar que não tem espaço, rsrsrsrsrs, palhaçada!!

• 2 anos atrás

Se perguntar para essas mesmas pessoas que são contra os Haitianos se elas sonham em morar na Europa ou EUA, o racismo delas imediatamente desaparece.

o o•

• 2 anos atrás

Peço apoio de todos os gaúchos que mostrem que não funciona desta maneira como querem nos colocar. Talvez seja uma estratégia desta cidade e deste estado porque sabem que o crescimento turístico está muito grande no sul do Brasil e querem falar mal para não perderem o posto da cidade mais visitada. Santa Catarina e Rio Grande do Sul recebem bem as pessoas. Vamos para com esse jogo político sem cabimento. Sou gaúcho e luto diariamente contra preconceito com negros e gays.

o o •

• 2 anos atrás

Vou logo mandar um e-mail para esse jornal da cidade de Maricá questionando de onde eles tiraram isso. Sempre todo mundo foi bem recebido no sul. NÃO ESTOU ENTENDENDO ESSA REPORTAGEM. Dá um grande processo. Sempre recebemos bem que é de fora seja que for, negro ou não. Dizer que os gaúchos são arrogantes e racista é um mito tão absurdo quanto dizer que os nordestinos são vagabundos e burros. Estou muito triste com essa reportagem mentirosa. Neste momento meu coração dói de saber que essa cidade fazer reportagem sem dados relevantes e sem comprovações. O jornalismo no Rio de Janeiro não passa de uma mera piada. Querem nos igualar a eles que possuem um estado racista e cheio de assaltos. Nunca fui para essa cidade e muito menos tenho vontade de conhecer esses estado do Rio de Janeiro denigrando nossa imagem. QUE TRISTE PARA O RIO DE JANEIRO. SEMPRE RECEBEMOS BEM AS PESSOAS DE FORA. Não aceito essa difamação. Estou muito triste com essa afirmação falsa.

o o •

• 2 anos atrás

Parabéns pela sensibilidade e coerência, ainda bem que temos pessoas assim em nosso País. Car

o o •

• 2 anos atrás

Primeiro, duvido que os imigrantes europeus que aqui chegaram, em sua imensa maioria, estivessem melhores do que em seus países europeus.

Alguns que imigraram com grana e capitais que já tinham e aqui montaram empresas baseadas na tecnologia que já dominavam, sejam imobiliárias industriais ou financeiras, viraram "comendadores".

Mas a imensa maioria era de famílias pobres sem presente ou futuro em seus países que aqui cresceram baseados em seu trabalho e sua tecnologia europeia para melhorarem suas vidas.

Seja sincero, se em vez de haitianos negros fossem portugueses, italianos, espanhóis, alemães, ucranianos, você não teria tantas objeções.

E os milhares de africanos que para aqui emigraram de modo forçado (escavidão), todos pobres sem sequer roupa no corpo e que foram a mão de obra na construção deste país onde vc vive, você é contra sua imigração?

•

• 2 anos atrás

Aqui na minha cidade Maringa tem muitos deles.O preconceito é enorme.infelizmente.

•

• 2 anos atrás

Bem Lembrado Tulio Milman!!!

•

• 2 anos atrás

Galera, só um detalhe não sejam maniqueístas, as duas coisas são verdade, o Brasil precisava mesmo de mão de obra, e os negros foram sim extremamente marginalizados. Para criticar o racismo não é preciso dar as costas para a trajetória dos imigrantes, que se depararam com condições de trabalho muito precárias no país. O Brasil se utilizou da situação frágil de muita gente que ambicionava apenas mudar de vida, viver tranquilamente, para levar a cabo a política de branqueamento. Nada disso diminui a marginalização cruel dos negros na história do país. Que descendentes de imigrantes ajam de maneira porcamente xenófoba é uma vergonha hipócrita, mas isso não muda o fato de que a história dos ancestrais deles também foi de luta por aqui.

•

• 2 anos atrás

No excelente texto, o autor diz que quando os europeus aqui chegaram, a situação era outra: faltava mão de obra. Só que nao havia falta de obra, tinha! O que faltou foi sensibilidade e compromisso do governo, mesmo após a Republica, com a população negra, que foi abandonada à própria sorte. Hoje, como ontem, a questão central é a recital.

•

• 2 anos atrás

Se tem algo intolerável para mim é o racismo.

Nenhum brasileiro pode ser racista já que somos um povo miscigenado.

Isso aí é mais uma demonstração que a Casa Grande e a Senzala jamais viverão sob o mesmo teto.. Infelizmente.

•

• um ano atrás

Mas a gente tem que ficar espertos porque tem uns filhos do diabo no sul e em são paulo que querem transformar esse pais em chorume de lixo no quesito racismo.

•

• 2 anos atrás

Belo texto!!!!

•

• 2 anos atrás

E então deixar que morram à mingua, né? Discurso típico de conservador travestido de gente boa...

•

• 2 anos atrás

Os haitianos que chegam ao Brasil são haitianos capacitados: professores, engenheiros, técnicos diversos etc.

o o •

• 2 anos atrás

Isso é verdade mesmo, Márcio Ramos... Posso dizer isso tendo em vista grande parte dos meus alunos haitianos que estudam língua portuguesa no Centro Zanmi, um centro de apoio ao imigrante fundado para prestar ajuda humanitária aos haitianos em Belo Horizonte/MG.

1 •

• 2 anos atrás

O Brasil precisa de mais jornalistas assim! #MaisTulioMilman #menosazevedos

o o •

• 2 anos atrás

Os paulistas, por exemplo tem preconceito até mesmo com os nordestinos, compatriotas... o que esperavam se não racismo da parte desse povo?

Espera-se demais de um povo com cultura insuficiente para manter suas ruas limpas....

o o •

• 2 anos atrás

Ninguém está execrando o povo do Rio Grande, mas apenas alguns riograndinos mesquinhos como você.

•

• 2 anos atrás

Ninguém está execrando o povo do Rio Grande, mas apenas alguns poucos riograndinos mesquinhos e sem espírito de solidariedade, como você.

•

• 2 anos atrás

Bom, brasil foi colonizado por varias nações.

Não acho ruim eles chegarem no brasil, pelo contrario acho bom.

Em sua terra foram mortos quase 300 mil hatianos, estão a procura de uma vida melhor....

parebens pela vontade de vencer na vida.

Avante.

o o•

• 2 anos atrás

Dá orgulho ver que Rio Preto e a Paróquia de São Francisco estão fazendo um trabalho social tão admirável por nossos irmãos haitianos. Para pessoas que passaram por tanto sofrimento nos últimos tempos, é essencial encontrar um oásis e santuario para se reerguer. Valeu, Rio Preto!

o o •

Comentários contra a imigração

HÁ 2 ANOS

Vi uma entrevista do sr ministro dizendo que vai aumentar o número de vistos pra esses estrangeiros mesmo com o caos que está se instaurando com a vinda deles.

Positivo 32 negativo 17

HÁ 2 ANOS

Ser ministro encerra a emissão de vistos e deporta a maioria que tá aqui ilegal! No entanto o sr aumento o numero de vistos?o sr tá declarando guerra contra os brasileiros?

Pos. 40 neg.16

06/05/2015 13h56

1 0

Sugiro perguntar a CH como eles procediam com os refugiados na fronteira durante a segunda guerra mundial. Brincadeira à parte, "Du bist reicher an Fragen als ich an Antworten". Traduzindo: perguntas sem resposta.

06/05/2015 13h34

1 0

Pois é. Os dados históricos estão corretos. Talvez exista um meio termo. As portas estão fechadas há tempo. A Realpolitik ã permite abri-las escancaradas por mais q seja necessário. Os países desenvolvidos ã vão pagar por pecados cometidos por antepassados. Os EUA jamais vão abrir a fronteira com o México. A Europa jamais permitirá a invasão africana iminente. É triste, mas é assim. Os países desenvolvidos podem, e devem, ajudar e melhorar as condições nas origens. Querer outra coisa é ilusão.

06/05/2015 12h33

1 0

F¹. Todo país soberano olha por obrigação em primeiro lugar para os próprios cidadãos. Isto, obviamente, não significa não ajudar refugiados dentro de limites viáveis. A Europa não vai absorver milhões de africanos. É uma impossibilidade. Não creio que o Rudi quisesse manifestar uma pretensa superioridade.

05/05/2015 18h22

o 2 o 2

Somos humanitários , porque não olhamos para dentro do nosso P/aís e protegemos antes nossos pares , vejam a seca no no/rdeste , craco/lândia ,fav/elas , segur/ança, fo/me é só comentários e dem/agogia , vão estudar soci//ologia na Fede//ral ...

05/05/2015 18h23

1 1

Somos humanitários , porque não olhamos para dentro do nosso P/aís e protegemos antes nossos pares , vejam a seca no no/rdeste , craco/lândia ,fav/elas , segur/ança, fo/me é só comentários e dem/agogia , vão estudar soci//ologia na Fede//ral ...

05/05/2015 13h43

o 3 o 4

Os pastores, após ficarem desmoralizados com os trouxas brasileiros, agora, partiram para trouxas importados!

05/05/2015 12h25

o 1 o 0

Comentar esta reportagem: pois bem... sem comentários...

¹ Suprimimos o nome quando mencionados nos comentários.

05/05/2015 12h12

o 4 o 3

São Paulo já virou uma gigante favela. Tudo que é pobreza se instala nesta cidade. Boa sorte aos antigos moradores.

05/05/2015 11h50

o 5 o 2

Ficou fácil para o governo federal posar de humanitário e despejá-los em SP. E para aqueles que reclamam e criticam a Igreja Católica, vejam quem os acolheu.

05/05/2015 17h06

 1 0

a igreja quer criar obrigações para quem não tem nada a ver com isso.

05/05/2015 11h45

o 2 o 2

fico pensando quais as formas de degradação ainda serão aplicadas à cidade de São Paulo ... uma pena! Não temos condição de tratar dos problemas enormes que afligem os brasileiros necessitados e ainda aceitamos imigrantes!

05/05/2015 11h23

o 2 o 0

Interessante aquele bairro mudar de cara, mesmo. A fama ali é do "treme-treme".

05/05/2015 11h20

o 4 o 3

O Brasil é a casa da mãe Joana. Não há um controle de imigração. Será que já não temos um número suficiente de indigentes nas ruas?? Por que importar mais???

05/05/2015 11h17

o 4 o 3

Nós mal conseguimos resolver os problemas dos nossos favelados e ainda vamos importar outros favelados? Que país é esse??? O Brasil é um país que merece ser estudado!!

05/05/2015 10h26

o 6 o 0

Degradante é a condição do Glicério...um dos bairros esquecidos pela Prefeitura de São Paulo que enfiou literalmente no meio dele uma ciclovia que ninguém usa, a não ser os catadores de lixo, sucata, e os próprios habitantes, que ali depositam lixo...ao invés de destinar recursos para melhoria das ruas, colocar um abrigo para estas pessoas...a ciclovia é mais importante com certeza...e uma faixa de onibus que é tão estreita que na curva, o onibus trava...rua barão de iguape.

05/05/2015 11h30

 4 0

Pelos comentários do povo em geral (rádio), não se vê ciclista em lugar nenhum.

06/05/2015 10h00

 0 0

É ironia né... diz pra mim que é ironia... afff

05/05/2015 11h46

 1 0

Você deve ser da igreja onde eles rezam não é!?

05/05/2015 10h45

2 1

Veja como é o **haiti**, e daí se conclui como será o Brasil com os **haitianos**.

05/05/2015 10h04

o 4 o 4

Benvindos a Franca antartica...O Brasil e uma avacalhacao que desmoraliza a propria avacalhacao.benvindos a todos a esculhambacao nacional...

05/05/2015 09h55

o 12 o 4

É o país do atraso eterno. Pra trazer um engenheiro é tanta burocracia que só funciona com empresas intermediárias. Mais miséria importamos sem pestanejar.

05/05/2015 09h37

o 3 o 0

Eu não sou contra imigrantes, sou contra a falta de planejamento na qual são recebidos. Por que não envia-los para outro estado afim de fomentar o desenvolvimento local? Temos que promover o crescimento descentralizado, fora das grandes capitais. Poderíamos construir uma Las Vegas em Palmas-TO, permitindo jogos apenas nesta cidade que fica no coração do Brasil, e para isso precisaríamos de **mão-de-obra**.

05/05/2015 09h22

o 11 o 5

Realmente mudou o bairro, aumentou mais ainda a pobreza.

05/05/2015 08h47

o 3 o 0

Resultado de um **Governador** covarde. Devolva todos para o Acre.

05/05/2015 08h45

o 2 o 1

Tanto lugar para tentar a sorte acabaram embarcando numa barca furada que naufraga rapidamente. Tenho pena deles.

05/05/2015 08h44

o 3 o 1

Mais um bando de engabelados pelo marketing **governamental** que vendeu no exterior uma falsa bonança como se aqui fosse a terra da prosperidade natural. Gastaram o que não tinham para perseguir um sonho que está se tornando um pesadelo. A grande maioria está **desempregada**, e os que não estão ganham uma merreca em sub **empregos**. A crise está ficando cada dia mais feia e os imigrantes são os primeiros a perder o **emprego**.

05/05/2015 08h34

o 9 o 6

aqui onde moro, tem um monte deles..vivem perambulando para cá, para lá....param nos orelhoes e conversam por horas...de que vivem ??? mais um tipo de **bolsa**-familia ????...sou contra !

05/05/2015 11h49

2 1

Paz?! Vieram pq nossas fronteiras não são controladas, como tudo nesse país. Estamos importando pobreza! Mais gente no sus, mais gente pobre, mais gente usando o metrô desmantelado, mais indigentes ... Acorda!

05/05/2015 09h32

2 1

Por isso São Paulo está essa situação toda desorganizada, agora vem me dizer que são a favor de migração haitiana para São Paulo, o estado está falido e o País na decadência e tudo é Obra de Deus? nada.. Parem de blasfemar e vejam se qualquer outro país de Primeiro ou segundo mundo é que nem aqui. Depois querem reclamar dos estrela vermelha.. O População sem futuro que temos, vocês merecem esse governo. Em vez de trazer Haitianos vamos devolver o que tomamos do índios e deixarem eles administrar

05/05/2015 07h16

o 2 o 1

Não falta mais nada, esse país não tem mais solução...

08 ago 2015 - 13h46

O PT esta reforçando suas bases trazendo mais bandidos para o brasil, estes haitianos vagabundos, que já descobrirão, que no brasil não precisa trabalhar. Qual país africano e produtivo, só em natalidade mesmo., Para que o resto do mundo continuem tendo peninha deles., porque sera que só os negros e índios precisa de cotas porque nós os brancos não temos o mesmo direito, será que somos mais que eles. É preciso nos dar estes mesmos direitos porque somos brancos e não nos deram o direito de escolher nossa cor de pele. deve esta sobrando cotas por isso tem que trazer mais negros pra cá.

24 mar 2016 - 14h17

tem uma senhora chamada “alguém” aqui no comentário q deve ser petista, pq só burro pra chamar povo brasileiro de preguiçoso e pra não saber q o nordeste é o pé e a mão de obra do brasil, pra que trazer haitiano se já temos mão de obra ? pra inventar q racistas matam nordestinos no sul ? pra amedrontar eles e depois falar q n tem mão de obra no sul ? haha! tirem esses invasores do nosso país! não são bem vindos!

26 maio 2015 - 18h18

Tharley Mota às 0:46, vc falou tudo....Pra quê aceitarmos esse bando de miseráveis aqui se não podem acrescentar nada???

26 maio 2015 - 20h39

Outra coisa estranha, mas relacionada a essa aventura insalubre até o Acre: Criou-se um certo fetiche pelo Brasil, afinal outros países com economias em desenvolvimento, como o México, Costa rica, Panamá, Colômbia, entre outros, estão mais próximos e com viagem mais rápida, no entanto só o Brasil lhes interessa.

Talvez confundam o tamanho geográfico com riqueza, dizem que muitos pensavam nas obras da Copa, o que faz sentido, mas a Copa já foi e a chegada em massa continua. Enfim, o que parece é que eles têm uma percepção ilusória do Brasil.

Também já perceberam que o governo brasileiro não impõe normas para migração como aconteceria nos outros países, eles usam o fato de serem negros porque sacaram que o governo e a população temem parecer racistas, enfim, acho que isso já se tornou algo abusivo e insustentável.

27 maio 2015 - 01h31

Não é correto dizer que esses imigrantes haitianos pobres são pobres, eles estão pobres.

Pode ser que deles 70% estejam no que aqui seria a classe E, 20% na classe D e 10% na C. Mas isso hoje. Em menos tempo do que a gente pensa eles vão começar a se ver divididos em classes, e essa divisão vai cada vez mais tender para a divisão que já existe hoje entre os brasileiros. É como naquele brinquedo de festa junina onde existe uma tabua inclinada com várias fileiras de pregos intercalados, e você pode jogar varias bolinhas de uma mesma casinha lá do alto, que depois de bater em vários pregos cada uma cai lá embaixo numa casinha que você não tem como saber qual é.

28 maio 2015 - 00h33

É lamentável ver tanta pocaria desembarcar no Brasil! Eles não têm nada a oferecer ao nosso País. Foi uma jogada deste Governo escroto que nos impôs esses bando de miseráveis. Num futuro próximo

pagaremos um preço extremamente alto por deixá-los vim para o Brasil. Se tivéssemos um **governo** sérios, jamis estariam aqui.

– Fora **haitianos**, Fora **PT**.

28 maio 2015 - 19h56

A única coisa que vi o **haitiano** fazer foi reclamar que a comida que recebem é ruim, jogarem a comida fora, roubar e assassinar um grande amigo, médico no Acre. Tenho ainda notícias de muitos roubos que eles praticam. Não queremos esta gente aqui!

28 maio 2015 - 22h06

Alô galera dos assalariados, vocês ralam a semana toda, andam de ônibus apertado, comem de marmita, cuidam como se fosse de ouro o vale transporte, e, no final do mês, recebem 1 salário que mal dá pra uma semana. VOCES NÃO VÃO FAZER NADA. NO MÍNIMO, PONHAM PRA CORRER ESTE INVASORES.

29 maio 2015 - 18h40

por que eles vem para o brasil se os EUA é ao lado do **haiti**.

20 jun 2015 - 23h52

Mais uma prova q o **PT** ta transformando essa porcaria de Brasil num lixão generalizado! É pq faltam problemas por aqui então...

14 jul 2015 - 23h17

por que invés de debaterem sem ir á lugar algum vocês não assinam 1 petição publica sobre isso ou fazem queixa no site do ministério da justiça? o link da petição é esse.

<http://www.peticaopublica.com.br/search.aspx?q=imigra%C3%A7%C3%A3o%20estrangeira%20no%20brasil>

20 jul 2015 - 06h48

Esse **governo** é uma piada mesmo!

Mal estamos dando conta de nossos problemas. Agora eles estão permitindo essa imigração ilegal.

Esses sem conseguirem **empregos**, logo estarão roubando e criando favelas aumentando assim a criminalidade, que já está fora de controle.

Entre

24 maio 2015 - 12h47

Não tinha lido os comentários antes de fazer o meu, só a matéria. Os comentários são muito lúcidos e pertinentes em sua maioria. Mas a última frase do comentário do leitor Fernando resume tudo. Se Cuba é o país perfeito, como alardeiam esses socialistas bolivarianos porque os seus vizinhos **haitianos** não querem imigrar para lá? Tão perto do paraíso, seria bem mais fácil e barato.

24 maio 2015 - 17h35

É realmente **haitiano** aqui no brasil esta sendo um problema principalmente aqui em minha região estão formando algum tipo de sindicato ja tem até templo evangelico com os seguintes diseres Templo Evangelico.....dos **Haitianos** tbem pude ver uma mulher em uma feira livre discutindo muito com vendedor deu para perceber que era uma **haitiana** por observar que falava muito pouco a Lingua **Portuguesa** o que tenho a diser o Brasil não tem condições de recolher outro país dentro dele o que si ve por aqui é **haitiano** em todos os lugares em albergue em kitinet em toda parte mesmo é hora do **Governo** ver isto e procurar dar um basta nisto nosso povo é humilde mas humildade tem limite estão acabendo com alimentos de nossos **filhos** nossos netos aonde vaiparar isto

25 maio 2015 - 00h46

Leandro Narloch por que você que se auto intitula “caçador de mitos” não foi atrás também das respostas p/ as perguntas abaixo?!?!... saudades da equipe de reportagem da Veja de 10 anos atrás... Eurípedes Alcântara, Policarpo Jr, Mainard, Roberto Pompeu de Toledo, Pedro Martinelli... por favor... voltem à

frente de suas reportagens.. aprendi a gostar de ler com vocês aos 8 anos agora aos 30 minha geração se sente orfã desse profissionalismo acima da média como que nos acostumamos... mostre para essa garotada como se faz uma reportagem de verdade...

POR QUE SANTA CATARINA E SÃO PAULO CONTRATAM HAITIANOS???. SE QUEREM MÃO DE OBRA BARATA E DE BAIXA QUALIFICAÇÃO NÃO É MELHOR CONTRATAR NORDESTINOS OU ATÉ MESMO ACREANOS OU QUALQUER OUTRO BRASILEIRO(A) QUE PRECISE DE UM EMPREGO DE BAIXA EXIGÊNCIA?! SERÁ QUE JÁ ESTAMOS TÃO RICOS QUE NÃO TEMOS MAIS NINGUÉM PRECISANDO TRABALHAR?!... NÃO SOU CONTRA A IMIGRAÇÃO, MAS SOU A FAVOR DA IMIGRAÇÃO SELETIVA, COISA QUE QUALQUER PAÍS RESPONSÁVEL PRÁTICA... POUCO IMPORTA COR DA PELE E CREDO, MAS O IMIGRANTE ACEITO DEVE VIR PARA MAIS DO QUE APENAS SOMAR, TEM QUE VIR PARA MULTIPLICAR CONHECIMENTO QUE AQUI NÃO TEMOS... O QUE IMIGRANTES ORIUNDOS DE UM PAÍS DE QUINTO MUNDO COMO O HAITI, QUE NÃO FALAM NEM UM IDIOMA APROXIMADO AO NOSSO (CREOLE) TEM A ACRESCENTAR AO PAÍS? TÊM EXPERIÊNCIA INDUSTRIAL? AGRÍCOLA DE PONTA? SÃO PROFESSORES CUJO SABERES SÃO RAROS NO BRASIL??...

25 maio 2015 - 01h22

Mistérios maiores do que esse da notícia são os seguintes:

- 1 – Quem está financiando esses haitianos com até R\$5.000,00 para que cheguem até o Brasil?
- 2 – O que diabos estão prometendo a eles para virem para cá?

@Inarloch, a economia de R\$1.500,00 seria sim do brasileiro. Apesar de eu não ter as respostas para as questões que levantei, tenho certeza de que há dinheiro brasileiro envolvido em ambas.

25 maio 2015 - 13h32

Eu acho lindo o sentimento “nacionalista” de querer fechar as fronteiras a quem quer trabalhar...

Porque os haitianos vem ao Brasil? Simples, porque aqui eles conseguem trabalho.

OPA, mas você irá me dizer que eles conseguem trabalho aqui quando brasileiros estão sendo demitidos. Ora meu amigo, existe uma diferença gritante entre trabalho (real necessidade econômica pois os recursos humanos são escassos, SEMPRE... repito... SEMPRE haverá trabalho para recursos humanos) e o dito “emprego formal” que é uma abominação criada pela CLT brasileira. Ora, eles vem aqui e se sustentam no trabalho informal...

Solução para resolver os problemas dos haitianos, sul-americanos e tornar o Brasil um dos maiores empregadores do continente ao mesmo tempo?

ABOLIR a CLT de uma vez por todas...

26 maio 2015 - 17h05

Leva todos esses pretos feios, vagabundos e fedorentos pra sua casa seu merda

26 maio 2015 - 17h42

Voce ja se perguntou pq esse haitianos nao ficam perto do Haiti? PORQUE eles atravessam Equador e Peru e nao chegam nem perto da Colombia e Venezuela?

POrque eles nao ficam la perto do Haiti, na Republica Dominicana? OU em CUBA ? OU na Jamaica? E porque eles se dirigem para os estados do SUI do Brasil? Nao vamos resolver o problema dessas pessoas e eles vem crescer os nossos

22 maio 2015 - 23h32

Nada disso. Vistos de entrada deveriam ser dados baseado em qualificação educacional e profissional. O Brasil não pode virar recipiente de todo e qualquer haitiano desesperado pela falta de perspectiva em seu país. Temos que aceitar aqueles que possam, após um curto período de adaptação, ganhar o seu próprio sustento e contribuir para a sociedade brasileira. De que adianta receber essas pessoas não qualificadas, que nem português sabem ler ou escrever? (Bem, considerando que o nosso ex-presidente também não sabe, enfraquece a minha argumentação) Serão somente mais alguns a engrossar o MST, MTST, ou receber 35 reais para participar de manifestações pró-governo.

23 maio 2015 - 14h59

DEVEM SER TODOS (TODOS) EXPULSOS IMEDIATAMENTE

23 maio 2015 - 17h03

E quem contrata esses haitianos não está contribuindo para agravar a situação do nosso país? Contratam com casa e tudo, sem pagar aluguel, eu também queria me tornar um ilegal assim

23 maio 2015 - 21h03

Não somos tão ricos assim para acolher tantos imigrantes assim, deveríamos mandar todos de volta, pois já temos muitos problemas de bandidagem, e falta de emprego, ou vcs acham que ninguém vai roubar pra comer? isso é fato.

24 maio 2015 - 01h45

Só muito mal informado, para ã saber q os governantes estão maracutiando com td iss; é o Brasil.

24 maio 2015 - 08h52

Intrigante! Ano passado estava no aeroporto de Lisboa, na fila de “saída”, esperando receber o meu carimbo para finalmente dizer adeus àquela bela terra. Qdo de repente apareceu um funcionário da TAP perguntando e dando prioridade para quem fosse desembarcar em RIO BRANCO, no ACRE. Logo, além de mim, outros brasileiros tb estranharam a situação – Afinal, há voos internacionais e regulares para o ACRE?! – Evidente que rolou umas piadinhas e etc. E questionei o funcionário sobre esta rota e ele me disse categoricamente: É um voo que faz escala no Haiti e depois em Rio Branco. Fiz mais algumas perguntas e ele não soube (ou não quis) responder. Afinal, quem sai do Haiti de avião só tem este caminho para o Brasil?! Não!

24 maio 2015 - 09h03

O que os demagogos brasileiros estão fazendo é um absurdo! Já temos muita gente morrendo de fome, doença e abandono sem que o governo brasileiro lhe dê um mínimo de assistência. Agora acolher haitiano somente para fazer bonito no exterior é a falta de patriotismo e caridade. Precisamos primeiro cuidar dos nossos brasileiros e depois dos demais que não temos culpa pela infelicidade deles.

24 maio 2015 - 10h42

ELES VÃO GANHAR UMA GRANA...QUANDO ENTRAREM PARA O MST...E VIRAREM GUERRILHEIROS CONTRA O POVO BRASILEIRO!!!...ACORDA GENTE IDIOTA ÚTIL!!!...

24 maio 2015 - 12h39

Não acho viável que o Brasil aceite todos os requerimentos de visto. Que alguns sejam aceitos por questões humanitárias, outros por interesse do Brasil, sim. como em qualquer imigração pelo mundo. Mas, e se o Haiti inteiro resolver se mudar para o Brasil? Não se não damos conta nem de nossas próprias mazelas, o que será de nós?

22 maio 2015 - 14h15

Resumiu, pura e simplesmente, na veia e na testa.

Acho paciência para estes governantes, em especial os populistas

22 maio 2015 - 14h53

O país não tem emprego nem para quem é daqui, imagina para imigrantes.

A verdade é que essa onda de imigrantes haitianos é tudo culpa do Lula. Com a sua ambição para que o país tenha um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU (algo que já é ridículo, pois dá poder absoluto para poucos países), o “ex”-presidente decidiu mandar tropas brasileiras para o Haiti (como se aqui já não tivessem poucos problemas, junto com a propaganda falsa do pt. O resultado é esse (imigrantes iludidos pela propaganda petista).

PS:Alguns socialista poderia me responder o motivo dos haitianos enfrentarem isso tudo para chegar ao Brasil se o “paraíso” socialista (Cuba) fica praticamente colado ao Haiti?

http://1.bp.blogspot.com/-LSTpiBik1OY/T26oEVh__0I/AAAAAAAAAGN8/zMBkVix1zLA/s1600/mapa-haiti.gif

22 maio 2015 - 15h47

Mas a solução seria dar visto a todos os imigrantes? Oferta ilimitada, demanda ilimitada. Não me parece assim tão simples.

22 maio 2015 - 15h50

Não estranharia ao obter a confirmar de que esses coiotes são do terceiro escalão do Foro de São Paulo, na certa peões do tráfico de drogas, fazendo fortuna nas costas desses pobres coitados.

22 maio 2015 - 16h17

o brasil so foi o pais do futuro nas propagandas pinochescas do governo petralha ,e o pior siquer conseguimos ser o pais do presente ,visto que retroagimos mais de vintee cinco anos e voltamos ao final da decada de noventa do seculo passado mesmo com todas as pedaladas do IBGE para doura a pilula de veneno que esta sendo ministrada aos incautos brasileiros.

22 maio 2015 - 17h09

O Brasil comanda as forças da ONU no Haiti e cuida da segurança do país. Se cumprirem esse papel, nossas autoridades lá devem saber quem são os coiotes e como funciona o esquema. Devem saber que ao tornarem impossível a emigração legal, facilitam a operação dramática ilegal. E poderiam também prevenir as autoridades do Acre de São Paulo. Ou será outro o trabalho deles lá?

22 maio 2015 - 18h56

É ISSO MESMO, ESSES PRETOS TEM QUE MORRER
SE FOSSEM EUROPEUS, TUDO BEM, NÃO FICARIAMOS INDIGNADOS

22 maio 2015 - 19h57

Alguns deles já integraram coletivos de invasões de prédios. Outros saíram em fotos daquela recente manifestação vermelha em “defesa da Petrobras”.

Parece que está um pouco na cara quem e o quê os tem trazido para o Brasil, e, desculpe-me, mas o Jacques se saiu bem para contar as duas possibilidades, com ou sem coiotes no caminho.

Onde chegam no Acre – Rio Branco -, faz fronteira com a Bolívia, governada pelo mandatário castrista Morales.

Tem circulado na imprensa internacional que, aviões militares do por enquanto narco-estado venezuelano, tem chegado na Bolívia com armas, para depois de lá decolarem com droga que, na Europa, entra pela Espanha.

Estes sempre jovens estrangeiros aparecem aos montes no Acre, e no Brasil, curiosamente, passam a militar com a turma de camiseta e bandeiras vermelhas.

Parece que fica MUITO NA CARA o quê os tem trazido para o Brasil, provavelmente em aviões militares do tipo hércules.

Alguém os seleciona lá e para cá são enviados sob promessas e estabelecimento de determinados sigilos. A facção vermelha precisa aumentar os contingentes revolucionários, que planejam usar contra a a maioria da população brasileira, e ensandecidamente perpetram isto com nosso dinheiro.

<http://www.portalntn24web.info/noticia/diario-abc-autoridades-de-venezuela-usan-espana-como-puente-para-narcotrafico-hacia-europa-51697>

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 16:10

São os que votaram no Aecim Neves, querem dividir o país morte aos nordestinos

HÁ 2 ANOS

DEPORTAÇÃO - URGENTE, o Brasil não é manicômio do planeta. Já tem doido demais por aqui.

HÁ 2 ANOS

Não há mais vaga pra pobre no Brasil, o culpado disso é o PT !
positivo9 negativo5

HÁ 2 ANOS

Um absurdo... Com tanto brasileiro desemprego.e dando vaga pra estrangeiro!!!quem vai dar para os desempregados da petrobras???não supre o interno e dado para externo.
positivo32 negativo14

“Nº de haitianos que entram no Brasil pelo Acre cai 96% em 12 meses”. 379 COMENTÁRIOS

Os comentários são de responsabilidade exclusiva de seus autores e não representam a opinião deste site. Se achar algo que viole os termos de uso, denuncie. Leia as perguntas mais frequentes para saber o que é impróprio ou ilegal.

Este conteúdo não recebe mais comentários.

RECENTES

POPULARES

HÁ UM ANO

Ótimo que fiquem por Porto Príncipe adorando aos Tontons Macoutes deles e cultuando o Voodooismo, por aqui nós já estamos mais do que lotados de incompetentes !
Positivo 8 Negativo 4

HÁ UM ANO

Não confio em Haitiano e nem em Angolano.
13 8

HÁ UM ANO

Essa questão de cota é simples de resolver, faculdade publica é pra quem estudou em escolas publicas. já que o pai pagou os estudos até o ensino médio que pague até a faculdade.
93 62

HÁ UM ANO

Vai acabar com a faculdade pública, referência de pesquisa no país e de ensino de ponta. Vai entrar um monte de gente sem base nenhuma, igual um pessoal que entra com cota e não sai do primeiro período, lembrando que já tem cota de 50% para rede pública.
2 1

HÁ UM ANO

Tenho uma amiga que perdeu a chance de cursar a faculdade porque perdeu a vaga para um preto cotista, passou alguns meses o animal deixou de estudar.... a moça foi prejudicada por um método racista do governo onde se vê a cor da pele e não a capacidade.
616 278

HÁ UM ANO

Silvania, sou totalmente contra quaisquer formas de preconceitos e/ou racismo. Mas ele está Júlio Rodas está certo. Você está tendo uma visão distorcida da opinião dele. Você crer que ele está sendo racista.
59 15

HÁ UM ANO

Julio Rodas exagerou. Mas é preciso saber não só quantos entram na faculdade, mas quantos completam o curso, normalmente de Direito!
26 3

HÁ UM ANO

Ele não exagerou, oras, ele pode até racista, mas não demonstrou isso aqui. A grande maioria dos negros, fazem questão que os chamem de preto, negro lembra muitas coisas que nós, referimos à algum mal. E ele ainda finaliza, dizendo que quem é racista, é o governo. Onde houve exagero?

48 14

HÁ UM ANO

Querem igualdade mas querem quotas. Discordar, não gostar não é racismo. Racismo é barrar, impedir. Vão estudar seus burros.

36 12

HÁ UM ANO

Liberam um comentário absurdo desses e não me deixam responder. tudo bem. "preto" "animal". sinto ai um rapaz magoado com algum negro. deve ter sido abandonado na adolescência após ter se apaixonado pela bengala de algum negro.

10 20

HÁ UM ANO

Ué.. Porque ele foi racista ? O cara que é negro é que cor ? Azul ?

33 7

HÁ UM ANO

Coitado do jovem branco que mora na periferia. Ele não tem direito a cota.

59 3

HÁ UM ANO

O problema não foi ele ser "negro" ou cotista. Foi ele não assumir o compromisso com o estudo que pode acontecer tb com um "branco" e não cotista. Acho que as cotas sociais no lugar de raciais podem ajudar a diminuir este problema.

29 2

HÁ UM ANO

Cota para negros não deveria existir, concordo em cota pra pessoas de renda muito baixa, ai sim. pq um negro e um não negro podem ter nascido ao lado um do outro e viverem sobre a mesma condição.. mas pq só o negro tem cota? apesar de sim, existirem outras cotas, poderiam ser todas pra baixa renda/escola publica..

24 4

HÁ UM ANO

Deveria existir cota pra família de baixa renda, somente! Do mesmo jeito que existe negro pobre, existe branco pobre; também existe negro rico por aí, e não venha dizer que são poucos porque já vi muitos. Cota para baixa renda, SOMENTE! Vagas em um curso de faculdade deveria ser disputada por chances iguais.

16 2

HÁ UM ANO

o povo que nos editais fica na mesma categoria que os deficientes (estes sim merece respeito)....vai ter orgulho de que ?

7 3

HÁ UM ANO

Eu jamais procuraria os serviços de um engenheiro/arquiteto, que tenha entrado na faculdade através de cotas médico cotista ?????? NUNCAAAAAAAAAAAA !!!!

19 15

HÁ UM ANO

Isso ainda é pouco, tem mãe brasileira perdendo a vaga do **filho** na creche para **filhos** de **haitianos**...isso deixa claro que o Estado não comporta mais pobreza vindo de fora.

10 3

HÁ UM ANO

Pq **racis**mo.... por acaso o cara é **branco** não **cotista**? Chamar alguém de **branco** não **cotista** é **racis**mo ?

1 0

HÁ UM ANO

Cala a bocarra **pete**ba! prestenção! Sai fora que a catanga de **petista** me dá vômito!

13 4

HÁ UM ANO

Mulher gosta é de dinheiro. E esses aí só têm aquilo que recebem do **bolsa** família.

13 2

HÁ UM ANO

Mulher gosta é de dinheiro. E esses aí só têm aquilo que recebem do **bolsa** família.

13 2

HÁ UM ANO

Quem gosta de CAMA e G*A*Y...Mulher gosta de DINHEIRO

6 0

HÁ UM ANO

essa gente só vem trazer AIDS e roubar, aqui em SC tá cheio desses aí, enchem os hospitais, enchem as creches, enchem as ruas, porquices, e por aí vai, daí chegam e já ganham direito de votar aqui, e pra quem eles vão votar?

108 43

HÁ UM ANO

J., não é so em SC esse problema. Em São Paulo já tem até quadrilha. Engraçado que para o Rio e **nordeste** eles não vão.

13 4

HÁ UM ANO

A. R. - **xenofobia** todo bem, mas **racis**mo não, não me lembro de ter citado ofensas ou injurias por aqui, acho que você precisa é parar de se meter, só falo verdades aqui meu amigo, não gostou? então adote um **haitiano** pra morar com você

18 1

HÁ UM ANO

A. R., podia ter dormido sem essa ...

10 1

HÁ UM ANO

de preferencia cm a esposa e a **filhinhas** dele..

5 0

HÁ UM ANO

Todas as **haitianas** que eu vejo em SC estão grávidas. Pode isso, nessa situação em que se encontram?

6 0

HÁ UM ANO

VÃO TRAZER MAIS MISÉRIA ESSE POVO MAIS SUJEIRA, MAIS TUDO DE RUIM PAÍS DE GOVERNANTES SEM VERGONHA ISSO É MAIS ELEITORADO PARA ESSES COMUNISTAS

7 0

HÁ UM ANO

esse povo do sul é uma d33sgr44ç44 mesmo viu, tem q se phud3r tudo

0 9

HÁ UM ANO

O ser acima deve ser virado em complexos.

1 2

HÁ UM ANO

Massa de manobra barata! Nosso Brasil acabou, já era!

11 0

HÁ UM ANO

ESSA GENTE TRARÁ MAIS VIOLÊNCIA MAIS MISÉRIA MAIS ROUBOS MAIS TUDO DE RUIM

6 3

HÁ UM ANO

Essa crise ta tão pesada que até quem tá em situação difícil em outros países não quer vir para o Brasil

2 2

HÁ UM ANO

Primeira boa noticia do ano.

8 4

HÁ UM ANO

Caiu pq já acabou o estoque lá no Haiti rsrs (não tenho nada contra eles)

1 0

HÁ UM ANO

Pesquise-e vejam: milhares de afro americano vem a Bahia todos os anos e sugere um presidente negro no país.

1 2

HÁ UM ANO

Pesquise-e vejam: milhares de afro americano vem a Bahia todos os anos e sugere um presidente negro no país.

1 0

HÁ UM ANO

Eu fico me petguntando oq esse. povo vem acrecentar no brasil?? No minimo trazer mais pobreza para o pais!!! Fecha a fronteira e manda todo mundo de volta de onde veio!!

159 32

HÁ UM ANO

E as favelas ,!

7 0

HÁ UM ANO

Além da pobreza, trazem doenças

19 7

HÁ UM ANO

Tem mesmo, se tu prefere a pobreza vai lá para o país deles

11 0

HÁ UM ANO

O solução para o planeta acre, seria cria uma cerca grande e alta cm 500 volts...

5 2

HÁ UM ANO

Esse é o **governo** do **molusco**.

1 1

HÁ UM ANO

Sabe o que os **haitianos** fizeram com os **brancos** na ilha caribenha...? Mataram todos e tomaram os meios de produção, acharam que o mundo seria complacente e teriam empatia pelo sofrimento escravocrata, por fim descobriram que "mercancia" é uma arte que no qual faz parte o "diálogo", porém não há comunicação entre quem se odeia, por isso e por outros que o **Haiti** é pobre...e desde os primórdios só manda quem pode.

14 3

HÁ UM ANO

Todos os países **negros** são pobres..POR REGRA, **negro** não gosta de **trabalhar**..**Japão** estava detonado pela guerra, em 10 anos se tornou a segunda potencia..O resto e bla bla bla bla bla

9 5

HÁ UM ANO

Ainda bem que segunda a matéria,esta caindo muito a chegada desses andarilhos para essa colonia,..E mais tranquilo ficar la, sentar,em uma rede, e depender da ONU

0 1

HÁ UM ANO

EU JÁ TIVE VIZINHOS **AFRICANOS**. OS QUE EU JÁ TIVE FICAVAM TODO O TEMPO NA RUA EM FRENTE A CASA. PARECEM NÃO GOSTAR DE AMBIENTES INTERNOS. NA RUA FAZIAM BARULHO, JOGAM BOLA NOS PORTOES DOS VIZINHOS, SOLTAM BOMBAS, ETC. QUANDO RECLAMEI COMEÇARAM A JOGAR PEDRA NA MINHA CASA. NÃO É A COR QUE GERA O ÓDIO. É O COMPORTAMENTO DE DESRESPEITO. SE EU TIVESSE **JAPONESES** VIZINHOS QUE TIVESSEM ESSES COMPORTAMENTOS QUE CITEI TERIA AVERSÃO A ELAS TAMBÉM.

26 4

HÁ UM ANO

diferente dos brasileiros que são quietos, educados e respeitosos principalmente quando o assunto é futebol. Realmente, estas pessoas não se encaixam no padrão social de nosso país!

10 10²

HÁ UM ANO

Ai dimitri vou ter que concordar. Morei com estudantes de intercâmbio **africanos** e fiquei horrorizado com a falta de higiene - mijavam fora do vaso, dormiam suados e fedidos, largavam roupas espalhadas pela casa. Por causa deles fiquei com uma péssima impressão dos **africanos**.

10 0

² Os comentários grifados em azul claro, totalmente, foram realocados. Inicialmente os colocamos como indefinidos, mas fazendo uma releitura do contexto da discussão os realocamos como a favor ou contra a migração.

HÁ UM ANO

É tanta gente entrando na casa da Mãe Joana Brasil que logo logo teremos: Mafia chinesa Mafia Koreana mafia Boliviana Máfia **Italia**na máfia Síria etc etc fato!

8 0

HÁ UM ANO

Já tem nossa propria mafia do Congresso e do Planalto

4 1

HÁ UM ANO

É claro que o ódio não é com os **haitianos** e sim com a cor da sua população.

9 16

HÁ UM ANO

ESTATISTICAMENTE OS **NEGROS** MATAM MAIS OS **BRANCOS** DO QUE O CONTRARIO.

8 6

HÁ UM ANO

OS QUE EU JÁ TIVE FICAVAM TODO O TEMPO NA RUA EM FRENTE A CASA. PARECEM NÃO GOSTAR DE AMBIENTES INTERNOS. NA RUA FAZIAM BARULHO, JOGAM BOLA NOS PORTOES DOS VIZINHOS, SOLTAM BOMBAS, ETC. QUANDO RECLAMEI COMEÇARAM A JOGAR PEDRA NA MINHA CASA. NÃO É A COR QUE GERA O ÓDIO. É O COMPORTAMENTO DE DESRESPEITO. SE EU TIVESSE **JAPONESES** VIZINHOS QUE TIVESSEM ESSES COMPORTAMENTOS QUE CITEI TERIA AVERSÃO A ELES TAMBÉM.

6 1

HÁ UM ANO

JUAN EU NÃO TE PEDI SUJESTOES.. A MINHA FONTE ESTATISTICA É ESSE SITE QUE TODOS OS DIAS NOTICIA CRIMES DE **NEGROS** CONTRA **BRANCOS**. SEGUNDO QUEM PRECISA ESTUDAR HISTORIA É VOCÊ. .

4 2

HÁ UM ANO

Não é odio...o problema é nao ter controle sobre esses imigrantes..Estao vindo em escala acima da média!!

2 0

HÁ UM ANO

Enquanto o seu **filho** rala o ano todo para tentar entrar numa universidade e não consegue o **governo** libera **bolsa** para estudantes estrangeiros para ganharem 2 a 4 mil para estudar em universidades federais no país. Procurem saber sobre o PEC-G !!!

106 24

HÁ UM ANO

Informadissimo voce hein companheiro. O país não anda por cidadãos com tanta informação quanto você. Parabens.

6 4

HÁ UM ANO

Nada contra nenhum benefício desde que houvesse uma contra partida. Estes aí, deveriam no mínimo, prestar um ano de serviço público voluntário para custear uma parte deste benefício. Qualquer benefício tem esta regra em um país desenvolvido.

0 0

HÁ UM ANO

Fui tb no google e vi as regras. Exige uma contrapartida mas não esta que sugeri anteriormente: "O aluno estrangeiro selecionado cursa gratuitamente a graduação. EM CONTRAPARTIDA, DEVE ATENDER A ALGUNS CRITÉRIOS; ENTRE ELES, PROVAR QUE É CAPAZ DE CUSTEAR SUAS DESPESAS NO BRASIL, TER CERTIFICADO DE CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO OU CURSO EQUIVALENTE E PROFICIÊNCIA EM LÍNGUA PORTUGUESA."

2 0

HÁ UM ANO

O Haiti é aqui, então lá também sendo Haiti dá na mesma estar lá ou aqui. Portanto, não tem porque vim pra aqui!!!

1 2

HÁ UM ANO

Manda essa galera pra Bahia...Salvador de preferencia.Por lá estão precisando muito de mão de obra BARATA!!!

31 22

HÁ UM ANO

Ele PAGA UMA SEXTA BÁSICA e ta solto. RACISMO É meu ovo esquerdo

7 3

HÁ UM ANO

Ahh clichézinho ridiculo esse de xenofobia e racismo Adelcio...Então faça algo útil á eles adote um haitiano ou uma familia haitiana e pronto..

6 1

HÁ UM ANO

povinho feio esse do acre kkkk

4 11

HÁ UM ANO

BRASIL ainda vai pagar um preço altissimo daqui uns anos por essa política de país receptivo...

15 1

HÁ UM ANO

Importar pessoas pobres aos milhares???Esse pais se arreganha pra tudo. Não tem amor próprio. Por isso não tenho orgulho nenhum!

9 3

HÁ UM ANO

10 MIL HAITIANOS A CADA ANO NESSA TERRINHA...

1 2

HÁ UM ANO

BRASIL ainda vai muito mais CARO daqui uns anos por essa política de país receptivo.

6 0

HÁ UM ANO

Solange revoltadinha vermelha comunista. Vc é daquelas fomentadoras de ódio de Branco x pobre.

2 7

HÁ UM ANO

kkkkkkkk olha só a idéia da Solange..

3 2

4 5

HÁ UM ANO

Tinha era que proibir a entrada deles, o país em um buraco gigantesco denominado crise ter que sustentar esse povo de fora, sem falar que , no país deles estupro é cultura! Fora cambada, não queremos mais problemas, já não chega os nossos que são muitos ainda mais esse!

5 5

HÁ UM ANO

Não agregam nada ao País.....

21 11

HÁ UM ANO

Se forem estudados qual o problema desses loiros e loiras de olhos azuis??

2 2

HÁ UM ANO

Pobreza não agrega nada a ninguém...rsrsrs

3 0

HÁ UM ANO

kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk nesse acre tem de tudo, E.T, haitiano, político honesto, sexoanal invertido, túnel do tempo, gaúcho hétero, carioca honesto e paulista humilde.

3 5

HÁ UM ANO

vão acrescentar muito ao país! Mais favelas, mais desemprego e mais apoio ao PT.! Óbvio!

12 5

HÁ UM ANO

Se eles estão aqui para trabalhar, beleza, do contrário, se estão aqui para roubar ou favelizar o estado, voltem pro buraco de onde vieram.

3 4

HÁ UM ANO

Tem vagas para haitiano de 22cm na minha casa.

1 5

HÁ UM ANO

Odeio essa fama que o Brasil tem de ser um país acolhedor , pois tem gente que abusa !

6 1

HÁ UM ANO

O mundo precisa c/ urgência de políticas voltadas para o controle de natalidade

31 2

HÁ UM ANO

Concordo plenamente. O mundo já tem muito mais gente do que pode suportar. Em breve os recursos naturais começarão a ficar mais escassos e o planeta vai sucumbir. Todo mundo sabe disso mas ninguém faz nada porque mais pessoas significam mais consumidores e mais consumidores significa mais dinheiro. O sistema capitalista vai acabar com o mundo rapidinho se continuar assim.

2 1

HÁ UM ANO

Florianopolis ta cheio ! milhares ...

2 0

HÁ UM ANO

Sim, eu sou **xenóforo**, tanto para europeus quanto para **africanos** e latinos. Temos muitos problemas de superpopulação, pobreza, caos na saúde etc. Os mais humildes vêm e depois irão cobrar **bolsas** assistenciais. Os mais abastados vêm para chefiar e muitas vezes humilhar o meu povo, afinal, brasileiro muito capacitado existe. Desculpe, falei.

19 4

HÁ UM ANO

Não sei o que eles vem fazer num país que nem **emprego** tem.

21 2

HÁ UM ANO

o brasil ta numa situacao muito boa mesmo pra da asilio!

6 1

HÁ UM ANO

Embora alguns estejam aqui verdadeiramente por condições melhores, tá na cara que o verdadeiro propósito desse surto de imigração (patrocinado pelo **governo**) é importar guerrilheiros pro exército do **lularápio** e stédile.

2 1

HÁ UM ANO

Depois desta corja de ladrões se instalarem no poder e destruirem o pais, os brasileiros é que vão querer migrar pro **Haiti**.

6 2

HÁ UM ANO

Eu ao contrário tenho é VERGONHA DO PAÍS receber imigrantes assim..

12 7

HÁ UM ANO

Eu teria orgulho se fossem imigrantes qualificados. Doutores, pesquisadores, profissionais habilitados, artistas. Peão acho que a gente tem pra exportação.

15 4

HÁ UM ANO

até que enfim uma ótima noticiajá basta que os **portugueses** deixaram com os navios **negreiros**.

6 6

HÁ UM ANO

Pragas...nada mais do que isso...

6 17

HÁ UM ANO

Eu até tenho dó dessas pessoas...são humildes e **trabalhadores**. Mas não dá mais, aqui em SP já tá cheio de imigrantes. CHEGAAA

12 8

HÁ UM ANO

Dia desses estava na Sao Joao com Ipiranga...parecia estar em Porto Príncipe..

2 0

HÁ UM ANO

Nem eles, nem os cubanos , paraguaiois, venezuelanos, ninguém no mundo quer vir para o Brasil. O **PT** phudeu o país!!!! Socorro!

8 2

HÁ UM ANO

Nada contra os haitianos em si, mas por que raios temos de ficar absorvendo o pobrerio de outros países enquanto o nosso perde empregos e passa fome?

12 0

HÁ UM ANO

Nem os Haitianos querem mais o Brasil...fundo do poço..

3 1

HÁ UM ANO

EU SOU A FAVOR DOS HAITIANOS ENTRAREM NO BRASIL PELO NORDESTE , E FICAREM TODOS LA ...!!!

12 14

HÁ UM ANO

Fiquem no seu pais seus sapohha! essa racinha enche o brazil ... fora que ainda trás um monte de doenças junto....

4 9

HÁ UM ANO

kkkk...as coisas aqui tá tão feia que nem haitiano quer vim para o brasil.....kkkkkkkkkkkkkkkk

5 2

HÁ UM ANO

Ao contrário de muitos aqui, quero que venham vários haitianos para o Brasil, pois desta forma sei que o maior prejudicado será os próprios mortadelas que votam no PT, afinal estes imigrantes disputarão vagas de baixa qualificação e pressionarão o salário mortadela para baixo, desta forma se um mortadela não limpa vasos por R\$700,00....um mortadela haitiano fará por R\$400,00.

7 4

HÁ UM ANO

No Japão se não tiver "zoinho puxado" não entra se for muçulmano então nem pensar !!!

3 0

HÁ UM ANO

máá nessa crise quase que eu estou indo pra la kkk

0 0

HÁ UM ANO

É claro . Já chegaram todos !!!

3 0

HÁ UM ANO

visto liberado e titulo de eleitor para votar no PT

6 1

HÁ UM ANO

Nem Brasileiro consegue comprar uma casa durante sua vida imagina o pobre dominicano...

6 0

HÁ UM ANO

Um dia vai precisar cota pra brasileiro

6 0

HÁ UM ANO

Fiquem onde estão, aqui está pior, e não vão ter mais em quem votar!!!

7 0

HÁ UM ANO

Putz carraldo, mais afrodescendentes no Rio... E sem falar português ou ter alguma formação, vamos logo transportar esse país pra África

9 4

HÁ UM ANO

Brasileiro e so pra pagar imposto...

5 0

HÁ UM ANO

o Brasil defende tanto a ideia de que nao pode haver racismo, e dirrepente pahh, faz uma cota para negros ingressarem na faculdade kkkk agora me diz ai, qual a diferença, do amarelo, branco, preto, pardo,? Eu mesmo respondo. NENHUMA!

7 7

HÁ UM ANO

Entra no Brasil e já ganha um título de eleitor.. e um bolsa voto...

19 4

HÁ UM ANO

Cotas para negros é uma piada msm, pois vivemos em um país mestiçado e 99% da população é mestiça.

42 11

HÁ UM ANO

E onde foi aplicado só fez aumentar as tensões entre os cotistas e não cotistas. Cotas sociais, embora não resolvesse o problema, iria minimiza-lo. Os beneficiados seriam de diversas origens e seria um grupo mais heterogêneo, apenas em comum a baixa renda.

8 3

HÁ UM ANO

É a coisa mais racista do mundo. Beneficiar alguém pela sua Cor! Acho as cotas válidas não pela cor, mas sim da condição social da pessoa.

36 4

HÁ UM ANO

A questão é social, dinheiro mandou e sempre vai mandar, vai te levar aos melhores lugares, as melhores comidas, as melhores experiencias e claro, a melhor educação.. durante a fase de colegio, qual é melhor? Estadual ou Particular? Entao cada um segue seu caminho, depois na faculdade, qual é melhor? As publicas, mas essa pega os melhores preparados., então ...

1 0

HÁ UM ANO

O PT logo logo ira criar cota pra haitiano... em detrimento de brasileiros....

4 1

HÁ UM ANO

negro drama!

3 1

HÁ UM ANO

Escrevem SÓ baboseira, reservar cotas p/ AFRODESCENDENTES e justo, agora reservar vagas em UNIVERSIDADES PULICAS P/ O (MST), isso sim e uma sacanagem com o povo O BRASILEIRO, autorizado pela nossa ilustre presidenta, AGUENTA BRASIL O COMUNISMO ESTA VINDO AI.

4 2

HÁ UM ANO

Sou contra ! Deveriam deportar todos, transporte em SP está um caos, 90% ou mais "trabalham" com pirataria. Não sou xenofóbico, mas deveriam entrar legalmente, e ter um emprego, devem produzir para o país e não atrapalhar, já que vão usufruir dos serviços públicos. Grande exemplo são os japoneses que admiro em São Paulo , o bairro da Liberdade, nos trás cultura, sociologia, história.

13 6

HÁ UM ANO

O problema maior que eu vejo, é políticos inescrupulos condicionarem a permanência deles aqui a troca de votos. Podem fazer o msm com os imigrantes sírios tb. 50k votos por exemplo já elege uns 5 vereadores, 2 estaduais e 1 federal.

5 0

HÁ UM ANO

Mts deles já conseguiram documentos e nacionalidade ilegalmente e ninguém faz isso sem uma contra partida. Não vai me espantar se tiver um político facilitando isso, e para conseguir votos vale tudo neste país.

1 1

HÁ UM ANO

Para fins de informação, foi o PT que criou o programa de cotas.

5 1

HÁ UM ANO

nao precisaria discutir cor de pele se os direitos dados fossem para todos se os que usara o sistema privado se mantivesse REDES PRIVADA angariando fundo e investimento privado e o sistema puplico com a rede publica patrocinado e financiando progetos a confusao se da' quando o pessoal da rede privado querer se fazer de coitado e quer entrar na rede publica e fazer o SETOR PULICO SER PRIVATIVO isso faz o que escrito na contituicao tranforme em um livro de prostituição .onde todo sabe que esta errado mas niguem faz nada

0 0

HÁ UM ANO

SP está lotada, que eles fiquem por ai mesmo.

4 1

HÁ UM ANO

SP já recebe 90% deles e vc ainda quer mais ?

6 1

HÁ UM ANO

Manda esse bando de parasitas pra BAHIA!!Salvador de preferencia!!

6 3

HÁ UM ANO

Hj podemos afirmar que o Haiti está melhor do que o Brasil, sil, sil, sil... que não passa de uma África disfarçada de América.

2 2

HÁ UM ANO

Agora eles vêm pra "Sumpaulu" direto.....o Radard vai ter **bolsa** imigrante pra todos.....via multas dde transito

4 4

HÁ UM ANO

SÓ DIGO UMA COISA, NÃO SOU **RACISTA**, ATÉ PORQUE SOU PARTO, MAS JAMAIS ME CONSULTAREI COM UM MEDICO **COTISTA**, JUSTAMENTE PELO FATO DELE TER SE FORMADO MEDICO POR POR FORÇA DE UMA LEI RIDÍCULA QUE O A AGRACIOU COM UM DIPLOMA PORQUE O ACHOU INCAPAZ DE ESTUDAR. E MEDICINA É COISA SÉRIA E O CORPO **HUMANO** PARA SE MEXER TEM QUE SER POR ALGUÉM QUE REALMENTE TENHA SE ESFORÇADO E ESTUDADO

28 14

HÁ UM ANO

O que importa é a competência com a qual se forma um profissional. **Cotas**, OK, mas porque privilegiar pessoas que não têm estudo suficiente para ingressar numa faculdade que demanda preparo e estudo acima da média? **POLITICAGEM!**

2 3

HÁ UM ANO

Eu sou contra o sistema de **cotas** mas até o momento é só para entrar. Não haverá sistema de **cotas** nas provas seguintes. Pode talvez aumentar a evasão por conta de não ter formação suficiente.

10 2

HÁ UM ANO

Gastavam de 3,5 a 5 mil dólares para vir para o Brasil, por muito menos eles poderiam chegar a Florida (USA). Esses caras bem nutridos são guerrilheiros!!!

12 7

HÁ UM ANO

Porque não lourinhas suecas, belgas, **alemãs**.

11 3

HÁ UM ANO

Essas vem para as praias do **nordeste** viu. As coitadinhas precisam de sol.

0 0

HÁ UM ANO

Junto com os **haitianos** entram **africanos** também e devido a falta de controle sanitário, entram pessoas contaminadas com o vírus zica (originário da **Africa**) que são picadas pelo mosquito Aedes Egypt e o resultado está aí! O vírus espalhado pelo Brasil! Virou problema de saúde pública! Endemia! E o **governo** vem com esta história que o vírus veio com a Copa do Mundo! O **governo** pensa apenas em arrecadas votos nas eleições! Estão pouco preocupados com a saúde da população.

18 4

HÁ UM ANO

Diante de tudo que li até agora, tô pensando seriamente em me picar pra corea do Norte, pra lá ninguém quer ir mesmo

4 0

HÁ UM ANO

A questão Helsing é quem é "**branco**" e quem é "**negro**" neste país? Quem terá esta prerrogativa de qualificar isso? O critério será pela, cor, gene, ou ascendência?

17 2

HÁ UM ANO

Outra questão, quem tem pele escura porém outra descendência: indiano, aborígene, berbere, etc, vai poder se beneficiar deste sistema?

7 0

HÁ UM ANO

Claro. Tem que cair mesmo essa taxa pra 96%. JÁ TÁ TUDO AQUI!!! Vai vir mais quem?

11

HÁ UM ANO

Eles descobriram que o Brasil do PT será um Haiti no futuro.

57 5

HÁ UM ANO

ou pior

7 0

HÁ UM ANO

soldados do PT

15 3

HÁ UM ANO

É cheio de Estrangeiro vindo de Países da Africa em manifestações PRÓ governo PT

13 3

HÁ UM ANO

Vão vir para o Brasil para virar escravos do Governo do PT!

13 4

HÁ UM ANO

Ficaram sabendo que aqui em sampa todos os abrigos, favelas e cadeias estão com superlotação, por isso que desistiram !!!!!!!!!!!

2 1

HÁ UM ANO

Eu também quero uma residência em SC, Bombinhas, na praia, pode ser?

6 0

HÁ UM ANO

A melhor coisa para conter esse fluxo migratório seria que só aceitassem vistos temporários de até 1 ano. Apenas para estudo ou trabalho com pessoas com uma qualificação profissional no mínimo técnico em áreas que tivesse demanda de trabalho.

13 3

HÁ UM ANO

O Canadá por exemplo está selecionando estrangeiros para trabalho. O perfil é de profissionais em determinadas áreas. Poderíamos fazer o msm. Seria até bom, pois este pessoal retornaria para seus países mais qualificados.

7 1

HÁ UM ANO

Os hospitais públicos são verdadeiros matadouros humanos, é muita irresponsabilidade desse governo, torço para que um dia entre um governo profissional nesse país.

3 1

HÁ UM ANO
ELES TAMBÉM TÊM DIREITO AS COTAS NO BRASIL???

19 0

HÁ UM ANO
Com certeza se conseguirem ser naturalizados.

11 0

HÁ UM ANO
Em São Paulo eles já recebem bolsa família.

5 0

HÁ UM ANO
Residência em Santa Catarina até eu que sou mais bobo.....por que não no norte do Brasil???

160 9

HÁ UM ANO
Joao Pagoto então tente explicar pra eles pois a maioria quer ir pra SP ..que vão todos pra SC .

3 5

HÁ UM ANO
pq nordeste já é o próprio haiti aki no país

29 11

HÁ UM ANO
Haitiano vem ao Brasil e sonha com casa própria.....os próprios brasileiros mal conseguem sobreviver com o salário que é pago aqui...

10 0

HÁ UM ANO
Pátria Educadora. Ensinando a roubar e a ser corrupto.

6 1

HÁ UM ANO
Desgraça. Tem que mandar essas pragas de volta pro inferno de onde vieram. Trump presidente!

9 20

HÁ UM ANO
São paulo, parana, santa catarina, rio grande do sul aumenta 100%... governo d acre pega essa pessoas joga direto para região sul e SP..

0 0

HÁ UM ANO
Inteligente esse dominicano, prefere Santa Catarina!

47 10

HÁ UM ANO
Não precisa ser inteligente, basta ter QI >0.

2 3

HÁ UM ANO
Digo QI maior que zero.

1 0

HÁ UM ANO

Agora Santa Catarina terá seu própria Rocinha e sua própria Paraisópolis.

17 2

HÁ UM ANO

SC ta tão desenvolvida que tá exportando bandidos pro interior de SP..só essa semana rodaram duas quadrilhas agindo por aqui ,roubo a condomínios ,roubo a bancos e empresas ...maioria de catarinenses e alguns do paraná .

0 2

HÁ UM ANO

O PT garantindo eleitores, já entram com direito a bolsa

4 0

HÁ UM ANO

TAMBÉM VÃO DIZER QUE SEUS ANTEPASSADOS FORAM ESCRAVOS NO HAITI E POR ISSO TEM DIREITO A COTAS NO BRASIL. ETC.ETC.ETC. PASSAM O DIA INTEIRO BEBENDO E JOGANDO BARALHOS E DEPOIS TEM MAIS FACILIDADE PRA ENTRAR NUMA FACULDADE FEDERAL.

19 3

HÁ UM ANO

Pois é, ser branco, trabalhar, ter uma casa e um carro, tornou-se ofensa racial, e o suficiente para ser mal visto pelo governo.

3 1

HÁ UM ANO

Não se esqueça que agora existe cotas para concurso público também. Um absurdo!!!!

8 3

HÁ UM ANO

Não se esqueça que agora existe cotas para concurso público também. Um absurdo!!!!

5 2

HÁ UM ANO

O Acre que é do PT, agora jogou esse imbróglio no colo do psdb e pmdb, salientando que o estado acreano já fez a sua parte nessa ação cívico social.

HÁ UM ANO

Com essa administração Petista, somada a Ideologia marginal e corrupta de quase todos os Políticos Brasileiros, é mais fácil ocorrer um êxodo de brasileiros para o Haiti que o invés.

4 2

HÁ UM ANO

Média diária de vistos de 2015, 78 por dia, a grosso modo uma conta = $78 \times 365 = 28470$ só em 2015, se não tem emprego nem para Brasileiro, pq estão aceitando esse gente toda. Vindo para SP e RJ com facilidade agora, onde tb não tem emprego, resultado vai ser oq já estamos cansados de saber, mais e mais pessoas ocupando favelas e sendo aliciados pelo crime. Ninguém vê isso, o que importa é aparecer de bom feitor, ser bonzinho não é só deixar o cara entrar, se lá tá ruim, aqui não será diferente, o certo seria dar condições para eles, se tivesse pelo menos condições para nós.

2 0

HÁ UM ANO

Logo os brasileiros é que fugirão para o haiti

1 1

HÁ UM ANO

Precisamos de um Donald Trump pra resolver esse problema.

54 19

HÁ UM ANO

De que adianta uma pátria educadora, omissa nos investimentos, essa pátria educadora vá ter a melhor não de obra em padarias açougues supermercados postos de combustíveis balconistas....ACORDA BRASIL

2 0

HÁ UM ANO

De que adianta uma pátria educadora, omissa nos investimentos, essa pátria educadora vai ter a melhor mão-de-obra em padarias açougues supermercados postos de combustíveis balconistas....ACORDA BRASIL

0 0

HÁ UM ANO

O Brasil é muito desigual, não adianta... Até o haitiano sabe é melhor...

1 0

HÁ UM ANO

O Brasil está quebrado, vão pedir abrigo em outro país. Aqui não está conseguindo gerar emprego nem para os brasileiros.

4 0

HÁ UM ANO

Até os haitianos desistiram do Brasil, viram que aqui esta pior do que lá

3 0

HÁ UM ANO

Brasil casa da mãe joana,um entra e sai.

3 1

HÁ UM ANO

Os Haitianos querem trabalho e agora com alta taxa de desemprego e inflação é melhor procurar outros países na America Latina. O BR ja era!

4 1

HÁ UM ANO

Eu nasci e me criei no Brasil e até hoje não tenho minha casa própria. Estudei e trabalho que nem condenado, terminei minha faculdade(particular) ano passado aos 35 de idade e a caixa dificulta demais a aquisição da casa própria. Alegam que ganho demais para entrar nos programas de financiamento do governo e ganho de menos pra financiar particular.

10 1

HÁ UM ANO

O sujeito precisa estar a beira da morte para vir pro Brasil.

4 1

HÁ UM ANO

Aqui no Brasil, verás o desemprego a corrupção, vai ser marginalizado pela elite. Isso aqui é um cenário apocalíptico.

3 0

HÁ UM ANO

Contanto que trabalhem e paguem impostos ao invés de viver em abrigos sustentados pelo governo, tudo bem.

4 1

HÁ UM ANO

Haiti emergente?

4 0

HÁ UM ANO

O governo do Acre é do PT, portanto jogaram o imbróglgio no colo do PSDB e do PMDB, reconhecendo que o estado do Acre já fez a sua parte nessa ação cívico social.

2 0

HÁ UM ANO

Os haitianos que já se encontram aqui, "amparados" pela BOLSA FAMILIA devem ter informado para os conterrâneos que a coisa aqui "está russa" (se disser que está preta, é racismo!)... É muito mais inteligente ir para qualquer outro destino da américa do sul...

1 1

HÁ UM ANO

Aqui eles têm a bolsa imigrante e, já não chega termos que sustentar os nossos improdutivos, ainda mais esse achaque.

21 4

HÁ UM ANO

O Haddad já saiu distribuindo bolsa família para esses parasitas às nossas custas. Esses imigrantes só servirão para encher ainda mais nossas favelas.

6 1

HÁ UM ANO

claro...quem quer vir para o Brasil...essa roubalheira...

0 0

HÁ UM ANO

Eles vieram, descobriram que aqui no Brasil está pior que lá e agora estão voltando.

4 1

HÁ UM ANO

O Brasil está pior que lá, o que eles vem fazer aqui. Acho que agora vão começar ir para Argentina, pois la vai ter desenvolvimento.

20 6

HÁ UM ANO

hahaha não leu a matéria!!! Aproveita e vai pra Argentina vc tbm..

2 6

HÁ UM ANO

Não é racismo, só acho que devemos primeiro cuidar de nossos pobres, os de outros países que se virem lá no deles. E não interessa a cor da pele.

8 0

HÁ UM ANO

entram ilegal, mas sabem ate o numero de gente q entra.. vai entender

4 1

HÁ UM ANO

vai ver que diminuiu porque a situação aqui não esta muito diferente diferente de la.

0 0

HÁ UM ANO

Esses **Haitianos** só vão mudar de país porque as condições de vida continuarão as mesmas aqui nesse submundo da corrupção.

3 1

HÁ UM ANO

O que um Dominicano vem fazer no Brasil??? A maioria dos dados econômicos e sociais de lá estão melhores que os daqui! Entra que quer no brasil...

7 0

HÁ UM ANO

o acre é tipo aquele portal do desenho caverna dos dragões...

7 0

HÁ UM ANO

- PUDERA!... - NA DRAGA QUE ESTAMOS, MELHOR É FICAR NO **HAITI**....

9 1

HÁ UM ANO

Tu não leu a matéria!

3 2

HÁ UM ANO

não leu! k

0 1

HÁ UM ANO

Queria descobrir quem é o miserável que disse para os **haitianos** que o Brasil tem **emprego**, saúde, segurança, educação, **bolsa** família, etc...para todos!

36 0

HÁ UM ANO

- **HAITI** NÃO TEM . **PT** ? - MELHOR PRA VOCÊ!... KKKKK

2 1

HÁ UM ANO

Rota legal ?? Mentira ! Na verdade ele nao estao vindo pq aqui ta em crise, esperto são os **Haitianos**, pois nao gostam dos **PT**istas... kkkkkkkkkk

6 4

HÁ UM ANO

o estado de sp , podia fazer igual o eua com o mexico , colocar logo umas cerca dividindo o territorio da s outras fronteiras .

45 19

HÁ UM ANO

tem brasileiro miserável, analfabeto abandonado pelo nosso **governo** em todos os cantos do brasil e os pobres **haitianos** que ganham até **bolsa** familia e conseguem **emprego** mais rápido, são muitas vezes engenheiros médicos, ditado ""só podemos arrumar a casa dos outros, quando a nossa já está arrumada"".

13 0

HÁ UM ANO

o **governo** do brasil mantém exército no **haiti** e deixa nossas fronteiras aberta para a entrada de armas e drogas, faz olimpíada e deixa funcionalismo publico fluminense sem pagamento, gasta dinheiro sem responsabilidade e não investe no nosso povo e o povo faz igual, quer ter carro sem ter condições de manter quer ter iphone sem dinheiro para pagar a conta e depois vai para a fila do posto de saúde e acaba morrendo na fila mas com iphone na mão.

30 1

HÁ UM ANO

Sem qualificações, cultura ruim (roubo, estupro, ócio são coisas comuns), só no Brazilil do **PT** mesmo.

61 18

HÁ UM ANO

Brasil é uma mãe mesmo, sempre abrindo os braços para receber novos **filhos**, sempre recebendo a gringada com os braços abertos. Coisa que não acontece quando nós brasileiros viajamos para fora do país, onde na maioria das vezes somos discriminados e escoraçados . Esse é o país que nós vivemos, onde só leva porrada e não revida de forma alguma.

10 5

HÁ UM ANO

E os milhões de brasileiros que estão na mesma situação dos **haitianos** ,precisando de **ajuda** por questões **humanitárias** nenhum país do mundo abre suas portas para recebe-los.

77 6

HÁ UM ANO

Nosso **governo** é populista e irresponsável, os pobres que saem as ruas em defesa do **PT** serão os primeiros a sofrer quando a crise econômica explodir. O povo tem sua parcela de culpa, só respira futebol samba e agora essa maldita olimpíada.

26 1

HÁ UM ANO

Os adolescente de santa catarina vão acabar com esses cara!

17 17

HÁ UM ANO

Sou totalmente contra essa "entrada"desenfreada de estrangeiros pobres sem estudo num país que não dá conta de cuidar nem dos pobres daqui...

18 0

HÁ UM ANO

Se o brasil precisasse de **mão de obra** eu seria a favor da entrada dos imigrantes. Masss não tem **emprego** nem para os brasileiros. Ai um desses ganha uma **bolsa** por **cotas** e toma a vaga de uma pessoa que mereceu pq estudou pra passar. Ja que somos todos iguais pq essa palhaçada de **cotas**?.Programa mais **racista** do mundo esse.

12 4

HÁ UM ANO

Nos já estamos no fundo poço, não temos investimento em saúde, educação e segurança que é o básico para termos um vida digna. mas o nosso **governo** acha mais importante fazer olimpíada do que cuidar do povo.

12 3

HÁ UM ANO

A grande maioria em Sao Paulo, fazendo parte do "exercito do Stedile". Recebendo pao com mortadela mais 35 reais para engrossarem as anemicas manifestacoes contra o impeachment. É para isso que sao trazidos.

11 5

HÁ UM ANO

A grande maioria em Sao Paulo, fazendo parte do "exercito do Stedile". Recebendo pao com mortadela mais 35 reais para engrossarem as anemicas manifestacoes contra o impeachment. É para isso que sao trazidos.

11 5

HÁ UM ANO

ah se eu pego um racista xenofobico desses...não sobra nada!!!!

14 43

HÁ UM ANO

30.000 vistos permanente gratis para pessoas que nasceram em outro país! O povo brasileiro e inteligente!

46 8

HÁ UM ANO

Tem alguma coisa errada com os noticiários de lá. Não fosse assim, quem iria querer o Brasil, sendo que ce ntenas de outros países têm IDH melhor melhor que o nosso?

6 3

HÁ UM ANO

até o haiti atualmente é melhor que o brasil... lá não tem nada para roubar.... manda o pi para reestruturar o haiti kkkkkkkk

24 13

23/01/2015 16h51

o 1 o 1

Que mer#\$da é essa que o phth está fazendo? acabando de vez com o que resta?Brasileiros....estamos perdendo o Brasil...Socorro...Brasileiros acordem....

23/01/2015 16h46

o 2 o 1

Tudo o que se precisa é inchar mais o estado de SP...eta phth. Fora!

23/01/2015 16h40

o 3 o 0

Preocupante, pois esses povos só trazem mais pobreza.

23/01/2015 16h22

o 1 o 0

É complicado, São Paulo já esta saturada de tanta gente e ainda abrem as portas para imigrantes, onde isso vai parar? É não e só Sp, o Brasil e muito bonzinho, aceita todo mundo, agora vai um Brasileiro tentar imigrar para outros países pra ver tem essa moleza.

23/01/2015 16h11

o 1 o 0

O Brasil parece a casa da mãe Joana. Qualquer estrangeiro entra aqui e sai a hora que bem quiser. No centro da cidade só se vê haitianos, bolivianos e africanos.

23/01/2015 16h11

o 4 o 1

Já não bastava mão de obra desqualificada nacional; agora temos a estrangeira. São Paulo não aguenta mais habitantes. Estamos f*...

23/01/2015 16h10

o 3 o 0

A esquerda é internacionalista, logo, pátria, família, comunidade religiosa etc são alvos a serem destruídos.

23/01/2015 15h28

o 1 o 0

São Paulo nunca esteve tão abandonada e esquecida pela administração pública como atualmente. Falta tudo, transporte, água, iluminação, creches, escolas, educação, limpeza pública, praças e jardins destruídos, ruas esburacadas, estacionamentos, acessibilidade de má qualidade, sinalização deficiente, segurança ineficiente. Faltam administradores competentes !!!!

23/01/2015 15h04

o 6 o 2

Os imigrantes para SP no final do século XIX e início do século XX iam para a zona rural para trabalhar na agricultura e pecuária e muitos vieram posteriormente para a capital pelas oportunidades de trabalho que foram geradas pela industrialização. Nesta fase de desenvolvimento da economia há poucas vagas para pessoas sem formação educacional e qualificação profissional e os recentes imigrantes vão viver de "bicos" ou necessitarão de auxílio governamental para sobreviverem.

23/01/2015 14h19

o 2 o 0

O que tudo isso vai nos deixar de herança vai ser o aumento no tráfico, no estelionato, na mendicância, na malandragem, além de exaurir os poucos recursos públicos que a Prefeitura já tem para cuidar da população atual. Mas o PT é expert em segundas intenções. Vão dar título de eleitor para essa gente lhes ajudar futuramente.

23/01/2015 13h42

o 1 o 0

600 mil? Um aumento de 6% da população paulista de uma hora para outra? Sem uma política organizada de moradia, emprego, saúde e educação, eles tenderão a se tornarem moradores de rua, pedintes ou criminosos, possíveis riscos de doenças e mais um encargo sem contraprestação alguma, já que o prefeito decidiu conceder bolsa indiscriminadamente. Precisamos de uma política séria e detalhada de imigração.

23/01/2015 13h05

o 6 o 4

Certamente, estão atrás de uma loira para acasalar e conseguir cidadania permanente!

23/01/2015 12h57

o 7 o 5

O certo seria mandar todo esse povo de volta para os seus países de origem!

23/01/2015 12h54

o 10 o 3

SP já não comporta mais pessoas. Não temos um planejamento urbanístico decente, não temos infraestrutura para dar guarida a mais pessoas. Temos que "fechar as portas" para nos organizarmos melhor de forma que possamos receber pessoas que estejam em condições de dar algo de volta a SP. Por favor pensem em desenvolver os locais onde você moram ao invés de serem mais um na horda de desabrigados em SP.

23/01/2015 12h48

o 7 o 2

Será que nossos governantes não vão pelos menos resolver isso? Não temos empregos suficientes nem para os brasileiros!!!! além da falta de água é claro!!!! e ainda temos que receber mais 600 mil pessoas de outros países? Vai fazer isso nos EUA!!!! Mas como o Brasil é terra de ninguém.....ou melhor dos políticos ladrões e sem competência vamos pagando a conta e sofrendo as consequências!!!! Só por DEUS!!!!!!!

23/01/2015 12h13

o 8 o 3

São Paulo é uma cidade que está ficando abandonada pelo poder público e dominada por imigrantes ilegais chineses, africanos, haitianos, bolivianos etc que não falam o português e tentam se virar num país onde a economia está em decadência ! Isto sem falar dos moradores de rua e cracolândias que brotam em toda a cidade !!!!

23/01/2015 12h08

o 6 o 2

Pois é neste País, hoje, vale tudo. Fronteiras do Acre abertas e sem governo. São Paulo inchada com 23 milhões de habitantes que precisam de água, segurança, saúde e educação. vai explodir.

23/01/2015 11h44

o 8 o 3

O governo federal não toma medida nenhuma porque estes serão depois de naturalizados os típicos eleitores do Partido dos Trabalhadores. Se o governo estadual abrir o bico e tentar conter a onda, vem os vagas dos direitos humanos e fazem a festa. Pra uma cidade que tem problemas de monte e para um estado que já sustenta mais da metade do Brasil a coisa vai ficando cada dia pior !!!!

23/01/2015 10h20

o 9 o 2

Quantos extremistas já se infiltraram como simples imigrantes nos grandes centros do Brasil ? Tem gente de bem (a maior parte acredito), mas ... o futuro dirá.

23/01/2015 16h56

 0 1

Isso é muito sério...tem i r a ni a nos entrando sem precisarem de visto...tem carros de p o lí c ia sendo leiloados sem a retirada do logo...nossos b an di dos serão oficializados, legalizados. Se vc cruzar com alguma v ia tu ra pode ser se ques tro, as sal to, bo m ba,....quer mais? Vamos legalizar a pi ra ta ria.

23/01/2015 02h30

o 15 o 5

Logo os brasileiros serão estrangeiros dentro do seu próprio país. E perderão o pouco que resta para pagar bolsa família para os eleitores que o pethe está importando.

30/05/2015 07h02

o 0 o 0

É que foi bem tranquila a vinda dos milhões de italianos, portugueses, japoneses e etc. Pior é a parte que falam que esses descamisados e mortos de fome são parte do Exército Vermelho da moça do poder. Se o exército brasileiro não dá conta de enfrentar um bando de descamisados é melhor corrermos e nos alistarmos, porque a coisa tá feia na caserna.

20/05/2015 16h41

o 2 o 0

Não é trazendo para cá, onde nossos problemas de estrutura, educação, saúde e trabalho já são imensas, que vamos resolver o problema deles. Aliás, cadê a soberania de cada país? Nós gastamos muito com o nosso exercito lá no Haiti, quando deveriam estar aqui fortalecendo fronteiras e combatendo a verdadeira

guerra que temos nas ruas hoje.Está tudo errado. Esse partido não tem noção de nada, só piora nossa situação a cada dia. Acorda Brasil. Chega. Basta.

20/05/2015 14h04

o 0 o 0

Não sou contra um país acolher pessoas que querem fugir da miséria, guerra ou violência. Mas, abrir os "portões" do país de forma indiscriminada, irresponsável e sem controle, é nisso que dá . Estamos gastando milhões para que estas pessoas circulem pelo Brasil, e ainda são acolhidas desta forma humilhante . Nem os governos sabem o que fazer. E quem paga a conta ?? o Brasileiro !!! Acorda PT !! Acorda Brasil !!!

30/05/2015 07h04

o 0 o 0

Mas, abrir os "portões" do país de forma indiscriminada, irresponsável e sem controle, é nisso que dá Tb acho, vamos mandar de volta todos os portugueses, italianos, espanhóis que vieram pro Brasil. E devolver o Brasil para os verdadeiros donos.

20/05/2015 16h04

o 1 o 0

a igreja que faz lobby para que aceitemos os imigrantes, não faz mais que a obrigação em cuidar deles.

20/05/2015 13h43

o 1 o 0

Sinceramente pq só enviam p/ sp? será que só em sp tem emprego? Se quer receber, ao menos distribui em vários estados e principalmente, comuniquem-se autoridades, acertem os ponteiros, se tem uma colheita em Maceió manda um pouco pra lá, se tem colheita de soja no MT manda um pouquinho tb e assim por diante mas enviá-los para o centro de sp para ficarem vagando pelos quarteirões então é melhor nem receber pq vão virar mendigos, ladrões, drogados e isso já tem bastante.

20/05/2015 13h39

o 0 o 0

Na verdade o Governo do Acre não tem culpa e sim o Governo Federal. Portanto, não se trata de mais um produto de exportação do Acre para o sudeste do Brasil. A Pátria está avacalhada sim e por falta de planejamento do desgoverno Federal. Imagine um Estado como o Acre sofrendo com as cheias e tendo que suportar essa onda de Haitianos. Humanitários sim, mas, alguém já parou para pensar como vamos ajudar os Haitianos com empregos, escolas, moradias, assistência médica, segurança, com essa crise?

20/05/2015 13h22

o 2 o 0

Quem pariu Mateus,que o embale.Portanto as pobres criaturas devem ser reexpor tadas para Brasilia.Top Top Garcia que as acomode...

20/05/2015 13h16

o 0 o 0

O partido da estrela,cada vez mais cadente e sem noção,jogando com pessoas.É hora de sairmos do Haiti...já passou da hora!

20/05/2015 12h42

o 0 o 1

Os Vianas, querem que São Paulo "exploda", que tal dar uns quilômetros de terra...e mandar esse pessoal começar a plantar.....mas lá no Acre....Essa "pizada"

20/05/2015 12h26

o 2 o 0

Esse Estado paupérrimo/inexpressivo dependente de recursos do Sudeste/Sul, via União, já fez isso antes. São Paulo tem que colocar policiais nas estradas para barrar a entrada deles, que são herança maldita dos comunas/bolivarianos, que intervíram naquele país. O Brasil já gastou bilhões de reais (do contribuinte brasileiro!) lá como resultado dessa intervenção.

20/05/2015 11h30

o 0 o 0

O **governo P.T** ista, vende para o mundo, que deixou o Brasil como país de primeiro mundo, e os desinformados do **Haiti** acreditaram, deu nisto. Pura Ilusão...

20/05/2015 11h04

o 1 o 0

Obrigado, P.T.

20/05/2015 10h17

o 7 o 0

Mais um produto de exportacao da economia do Acre,pobres **haitianos** para o sudeste.Brasil patria avacalhada...

20/05/2015 09h25

o 3 o 1

O **governo** federal acha que São Paulo é o depósito de imigrantes do Brasil. Porque não os envia para Brasília ? Ou pretende dar titulos de eleitor para estes imigrantes votarem no **PT** ?

20/05/2015 08h57

o 4 o 0

Por que os "**haitianos**" não são "despejados" em Minas, na Bahia, no Rio? Daqui a pouco serão "levados" para o Paraná, Mato Grosso do Sul. Isso mesmo! Só vale se for para estados **governados** pelo PSDB.Por que será, hein? Para desestabilizar os **governos** de oposição? Em que estado os professores estão "exigindo" 75% de aumento? Como ainda não dá para chamar o "exército de Stédile", vai-se utilizando, com a inocência dos anjos, a "guerrilha" institucional. Hummmmm

20/05/2015 16h05

0 0

a igreja que faz lobby para aceitarmos os imigrantes, tem mais é que **ajudar** mesmo.

20/05/2015 08h26

o 7 o 1

Enquanto isso, bilhões foram desviados com a corrupção da Petrobrás e sabe-se quantos tem saído via B.N.D.E.S.. Espero que haja um dia justiça divina, porque está cada vez mais difícil acreditar que haverá justiça aqui por estas terras...

20/05/2015 07h30

o 3 o 2

Es cola p eti sta é isso. Ganh aram horr ores de dinh eiro com C u ba no progr a ma "m ais méd icos".

20/05/2015 07h14

o 8 o 0

Tem que investigar a contratação da agência de turismo pelo **governo** do acre, cada ônibus custou R\$ 48.000 para são paulo e R\$ 51.000 para porto alegre. Duvido que estes **haitianos** tenham feito uma refeição decente no trajeto.

2 anos atrás

Faltava **mão de obra** sim, para desbravar os sertões do interior de São Paulo, para onde os **italianos** e depois os **jap**oneses imigraram, para onde os meus se estabeleceram.

2 anos atrás

Faltava mão de obra para o interior do País, como não?

 •

2 anos atrás

Antes de nos chamar de "coxinhas do Sul do Brasil", vai estudar o porquê da imigração italiana para o Brasil. Sou descendente de italianos e com muito orgulho!!

 1 •

2 anos atrás

Os imigrantes italianos e alemães ajudaram a construir boa parte do sul do Brasil. Venha para o Rio Grande do Sul e verá o porque de serem tão lembrados. Este estado é uma "Europ Brasileira" de costumes e crenças.

 •

2 anos atrás

concordo contudo que voce falou mais eu pergunto para voce o nosso pais esta pasando por crise economica e muitos brasileiro estao ficando desenpregado como um governo federal pode permitir a entrada de mais gente aqui para sofrer ou sera que ele tem outra intencao em trazer esse povo para ca voce pode me respoder qual motivo de tanta gente de outros paises estarem entrando no brasil sera que governo federal nao tem uma tramoia por tras disso pense um pouco na minha piniao todos os estado deverian mandar eles de volta para sua cidade origem nao permitir ficar aqui pois nao tem mais lugar

o 1 o •

2 anos atrás

Gente ponham a mão na consciencia! Não podemos receber essa gente. nosso País está sucateado ,mergulhado num caos política errada desemprego e ainda cham que devemos receber pessoas despreparadas ..nao investidoras ,pobres,o que querem? O que querem? acabar de matar o Brasil? Essa merda d epalavra racismo ja virou histeria não podemos ser contra nada que já acusam de racismo..o País mal tem para os seus..sou favor sim que rapatriem essa gente

o 2 o •

2 anos atrás

Gente..povo você não sabia que esses nomes são dados as pessoas de um País..rs rs nós somos gente querida..por favor não queira aparecer ás minhas custas,eu sou contra e isto é um debate de opiniões livres e eu tenho o direito de ser,meu bem num debate livre pessoas expressam opiniões e nao se voltam contra as dos outros querendo aparecer,se foque apenas no seu conceito.

 •

2 anos atrás

Mais um...

 •

2 anos atrás

te dou um conselho,hospeda eles na tua casa e que todo dinheiro gasto saia do teu bolso,alias querida porque vc realmente não convida uma família pra viver na tua casa? Seja filantrópica queria ver você pagando sozinha a conta disto sozinha.e mais passeie pela seca nordestina e veja quem morre de fome no nosso País

 1 •

2 anos atrás

Nós já temos tantos problemas, estamos em plena crise e agora o BR tem que abrir as fronteiras pra todo mundo. Infelizmente não tem emprego nem pra nós brasileiros e o BR é um país atrasado tecnologicamente.

Qualquer um entra e eles não tem controle, daqui a pouco os terroristas vão entrar e fazer a festa.

Não é questão de racismo, é questão de QUEM VAI PAGAR A CONTA? Estão desempregando os próprios brasileiros....

o 2 o •

2 anos atrás

Empresas com carga tributária absurda pra financiar a mordomia política acabam por quebrar ..sem falar nas obras terceirizadas..nao seja tão otimista o trabalho que tem é salario minimo que não da pra viver com dignidade

•

2 anos atrás

total apoio M. ..essas pessoas ,sim porque se escrevo gente vem logo as críticas,elas não entendem o foco da questão e só pensam na caridade,falam de um passado onde o nosso País necessitava de mão de obra na lavoura do café e tambem onde vinheram alguns investidores Europeus sou descendente de portugueses ,ma se daí?Hoje o nosso País tem outra situação de miséria,desemprego e política errada.

•

2 anos atrás

Total apoio a você Mauane,as pessoas sim devo chamar pessoas porque se escrever a palavra gente vão me criticar, elas não entendem o foco da questão virão mais e mais..não vai parar aí e nosso País ja abriu as portas,nada haver com o passado mas sim o hoje e o amanhã falam de passado mas esquecem que o brasil hoje esta lascado e nossas pessoas com problemas de desemprego e pagando a conta dos erros políticos.

•

2 anos atrás

Corretíssimo Mauane.

•

2 anos atrás

independente de qualquer coisa, o país esta des governado. Temos tráfego livre entre o Mercosul, o Haiti não está obviamente incluído nisso. Estamos sem nem um controle, e estão sendo "despejados" em qualquer lugar, sem ter casas, condições. Vão ter que se sujeitar a ser explorados por empregadores que veem neles mão de obra baratas. As cidades onde estão sendo colocados, tem condições de assumir por exemplo nas redes municipais de saúde? Os mercados locais tem condições de absorver essa mão de obra? Se preocupar com essas questões e constatar a irresponsabilidade do nosso governo, não é racismo. Só que aqui não é um país, é uma republiqueta. Países controlam o fluxo migratório. Nós não. É uma casa da mãe joana, sem porta nem janela. É a pátria sem estibeiras, des governada

o 1 o •

2 anos atrás

Quando meus avós chegaram aqui, não tinha quentinha, alojamento e bolsa- família pra eles não. Muito menos eles foram traficar e vender muamba sem procedência.

o o •

2 anos atrás

• quem disse q aqui tem emprego de sobra

2 anos atrás

Ninguém é dono de nada nesta terra! Falam de imigrantes alemães e italianos no sul do país como se estes fossem uma praga que se enraizou no país a força e os que nos acusam fossem de fato os donos desta terra.

Ninguém aqui é dono de nada! O Negro também é peregrino e imigrante nesta terra! Foi vendido aos brancos como escravo por seus próprios irmãos africanos! Morei quatro anos na Bahia, na cidade de cachoeira, no reconcavo baiano, o local com o maior contingente de negros do estado e conheci de perto o racismo praticado pelos negros com relação aos brancos, os que se acham de fato os donos desta terra! Fui ameaçado de morte muitas vezes por simplesmente caminhar na rua! Fui destrutado em lojas e comércios, não recebi atendimento no hospital da cidade! Todos me julgando e me condenando simplesmente por causa da cor da minha pele! Como se por acaso eu lhes devesse algo! São todos descendentes de Portugueses e Africanos!

A não ser que você seja de uma linhagem 100% indígena, você não pode reclamar de imigrantes de outros povos e etnias. Não achamos ruim haitianos virem para o Brasil, só não aceitamos mais vagabundos e parasitas sociais! Se vão vir para cá receber bolsas auxílio e exercer poder de voto em governos socialistas, que fiquem onde estão!

o o •

2 anos atrás

O texto foi muito bem estruturado e você expressou sua opinião sem hostilizar nem denegrir ninguém; coisa rara ultimamente. As pessoas acham que para opinar algo tem que ofender o oposto, infelizmente. Da mesma forma vou expressar minha opinião, no entanto, contraditória a sua. No século XIX, quando os imigrantes italianos chegaram aqui com a ideia de fartura e riqueza e avistaram a pobreza, a miséria e a falta de urbanização, foi um choque de realidade muito grande. Tanto é que na Itália estavam "melhores". A serra gaúcha nasceu das mãos de agricultores italianos, que vieram ao trabalho a melhor maneira de crescerem. Nunca foi necessário se envolver em assaltos ou atos semelhantes para sobreviverem. E é bem por isso que hoje chamam-os de "gringos pão duros". Foi tão desgastante a sua sobrevivência que o que tinham cuidavam como se fosse único. Diferentemente dos haitianos. Chegaram aqui com a cidade feita, tudo pronto, mas não sabem aproveitar. Muitos são extremamente rudes, já se envolveram em assaltos e comercializam itens ilegais no centro. Sem falar das doenças típicas do Haiti que estão chegando por aqui. A taxa de desemprego está muito alta, muitos que nasceram nestas cidades procuradas pelos haitianos e senegaleses estão desempregados, então não acho certo um povo de outro país utilizar estas vagas que deveriam ser prioritárias pros daqui; independente da cor da pele (que, para mim, não possui diferença um afro-descendente de uma pessoa caucasiana).

o o •

2 anos atrás

Se você realmente leu o que escrevi, verá que falei sobre a extrema miséria que se encontravam ao chegarem aqui. Se na Itália a vida estava difícil, no Brasil estava muito pior. Pois aqui só havia mato, nada além disso. Os brasileiros venderam a ideia de que no Brasil eles iriam colher comidas das árvores. Então foi uma vida extremamente desgastante, porém não foi motivo para que não trabalhassem, não se movessem. Sou descendente de italianos com MUITO orgulho. Meu tataravô, ao chegar aqui, cumpriu sua promessa de construir uma Igreja, em forma de agradecimento. E ela está viva até hoje. Diferentemente dos haitianos e senegaleses. Como você falou, não tem fundamento ser a favor de um povo branco e ser contra um povo afro. A cor de pele não diz nada. Sou contra a vinda deles para cá porque a nossa taxa de desempregos está altíssima e a venda de comércios ilegais voltou a apressar os centros.

□ □ •

2 anos atrás

O Brasil tem uma dívida com os brasileiros mais pobres e com ninguém mais. (talvez com os paraguaios, pela guerra genocida que investimos contra eles).

o o •

2 anos atrás

Acho que o Brasil tem que **ajudar**!!Mas O momento não é agora!!Para se Receber bem na casa da gente ela tem que estar em perfeita Ordem!!Desemprego,falências,pobreza e um **governo** corrupto!!Espero que o povo **Haitiano**,não sejam explorados,e não caiam na marginalização!!**Deus** nos proteja,eles e a nós Brasileiros!!

o o •

2 anos atrás

O Brasil não consegue resolver seus próprios problemas internos, imagina agora com essa crise toda. É mais fácil a ONU fazer um grande plano SEBRAE de incentivo no próprio país de origem (com todas as alternativas necessárias para a boa condução **humanitária**, educacional, de saúde, habitacional, comercial e outros) para a recuperação desses povos.

o o •

2 anos atrás

Com certeza esse povo do sul das colônias dos confins, que nem se acham brasileiros, são arrogantes acham que são o umbigo do mundo, muitos vítimas da guerra seus pais de origem estavam em frangalhos.em nome disso se fez guerras , nazismo e fascismo.curiosamente a maioria dos imigrantes do sul são **alemães** e **italianos**. Sofreram as consequências da **política** do **preconceito** e **racismo**.E não aprenderam nada .Porem acho que serve pra todos , seja loiro ou **negros**.o Brasil tem que resolver seus problemas internos, não pode adotar o **Haiti**.aqui não é um país de primeiro.mundo, mas, em desenvolvimento.

o o •

2 anos atrás

legal... mal tem **emprego** pra nós e vem eles tirar o pouco **emprego** que nós temos... agora só nós aqui no RS que somos execrados por isso... porquê não falam de São Paulo? o Acre "desova" esse povo todo aqui e ainda a gente tem que ouvir "mimimi" crucificando o povo do RS porquê nós não queremos... o que SP tem de tão diferente da gente pra vcs virem falar da gente? SP recebe imigrantes e emigrantes de todos os lugares e quando eles não aceitam fica por isso mesmo... se achas tão ruim assim que o povo não está gostando disso... leva pra tua casa... **emprega** no teu blog... e tem mais... "Os tempos eram outros, argumentam. Sim, eram outros. Mas os dramas e a essência das pessoas são os mesmos." ??? a essência das pessoas são as mesmas???? duvido tu cruzar pela rua por um desconhecido e dar bom dia pelo simples fato de ser gentil, duvido que se alguém tropeçasse na rua, tu perguntaria se ela se machucou pelo simples zelo pelo proximo, tenho certeza que tu olha com ar de deboche isso se não ri na cara, duvido que naquela época tinha tantas mortes quanto tem agora. Fala coisas da boca pra fora é facil, hoje em dia tu pode ser morto por tentar **ajudar** alguém, e ainda vem falar que a essencia das pessoas é a mesma, hoje todos estão se lixando para o próximo, todos visão o lucro. Acho lindo as pessoas falando uma coisa mas agindo bem diferente do que fala.

o o •

2 anos atrás

JÁ QUE O **GOVERNO DILMA** QUER **AJUDAR** PORQUE NÃO PROMOVE NO **HAITI** **AJUDAS** A ESSES **HAITIANO**,ARABES E OS **NORDESTINOS** POIS ELES FICARIAM BEM MELHOR PROXIMO DO LUGARES QUE NASCERAM, POIS AQUI SO IRAO SOFRER DISPUTAS PARA CONSEGUIR **TRABALHOS** E SOBRECARRREGAR A SECRETARIAS. BEM ESTAR, SAUDE, SEGURANÇA ETC

o o •

2 anos atrás

é uma situação complicada, mas considere o brasil terra de ninguém, sem saúde, segurança, corrupção,mas enfim venham todos que tem problemas pra cá e sejam felizes.

o o •

2 anos atrás

... é isso aí, a cidade,o País vai se enchendo cada vez mais, e agora se não bastasse vindos de outros cantos do Brasil, surgem os haitianos. Vamos ver até quando?! O País não dá conta nem dos Brasileiros, agora importam imigrantes.

o o •

2 anos atrás

Onde está meu comentário a respeito? o que disse de ofensivo, que sobrecarregam nossa saúde e tudo o mais? Se estiver com muita dó caro moderador leve uns 30 para sua casa, estes haitianos qdo começarem a por as "manguinhas" de fora ai vão reclamar, já será tarde.

o o •

2 anos atrás

Porque não vão para a Venezuela e outros países? Só vem sobrecarregar a já difícil estrutura de saúde, transporte etc..., em nosso país, em nossas cidades, sou contra esta invasão, ganham aqui e mandam para fora, não contribuem em nada para comércio e outros.

o o •

Comentários que consideramos como indefinidos.

07/05/2015 10h29

1 positivo 4 negativo

Com Berlim cercada ao norte e leste pelos russos e bloqueada a oeste pelos americanos (parados sem combater), Hitler pergunta ao chefe do OKW (Keitel) e OKH (Jodl) onde está sua última esperança: o 12o. exército do general Walther Wenck (sul). Ele deve atacar imediatamente e libertar Berlim. Mas o Wenck já havia decidido marchar para oeste e se render aos EEUU. Hoje faz 70 anos da rendição alemã aos EEUU. Mês que vêm eu estarei em Berlim e norte da Europa (viagem

07/05/2015 09h34

0 4

A cad ela do Führer chamava-se Blondie. Logicamente não podia se chamar Schwarzie. Rsrrsrsrs

07/05/2015 10h33

0 0

Perdão: "blauäugig".

07/05/2015 10h05

1 0

"Blond und blauäugig" (louro de olhos azuis) como o dono ariano.

07/05/2015 09h31

1 4

Lembro-me do gordo com a corda na mão. Tinha, na cabeça, um chapéu com pluma, típico bávaro enlouquecido. Deve ter tido vários episódios destes naquela Berlim de abril de 1945. Caía um mito, um sonho, uma época, para a maioria dos alemães educados e crescidos na N SD AP-Politik. Muitos suicidaram-se, alguns enlouqueceram. O que eu me lembro bem do filme é Ganz (suíço) recitando num alemão com sotaque austríaco perfeito. Grande ator e grande interpretação.

07/05/2015 08h32

1 4

No filme de Hirschbiegel, Pet er, aparece claramente e com detalhes os suicídios da dupla Adolf/Eva (cianureto e pistola) e da outra dupla Joseph/Magda Goebbels, inclusive o homicídio, por parte da mãe Magda, dos seis filhos. Todos com nomes começando por H em homenagem ao Führer: Helga, Hildegard, Helmut, Hedwig, Holdine, Heidrun. Heil!

07/05/2015 09h13

1 0

F., bom dia. Agora você me fez lembrar. Inclusive achei esquisito na época. Cian ureto normalmente é instantâneo. Do homi cídio das crianças me lembro bem, e de Goe bbels atirando na mulher e depois em si mesmo. Lembro-me também do sac ifício da cad ela do Führer. Mas, o que mais me marcou foi o louco com corda procurando "traidores" para enforcar.

06/05/2015 14h14

2 4

Falando em CH, Pet er. Ontem, após ler de seu interesse para com as últimas horas de Hitler, me lembrei do magnífico filme de 2004 "Der Untergang" (A Queda! As últimas horas de Hitler) de Oliver Hirschbiegel. Além da ótima e precisa reconstrução histórica da Batalha de Berlim, vista e contada pela secretária do Führer Frau Traudl Junge, há um maravilhoso ator suíço no papel principal: Bruno Ganz. Imperdível.

06/05/2015 19h11

1 0

Vi o filme duas vezes,. Uma vez na Deutsche Welle. Não me lembro se no filme ficou claro como a suicídio foi cometido. Parece-me que não. Ficou-me gravado na memória o fanático que, com tudo já perdido, ainda procura traidores para enforcar. Ganz é fora de série.

□ 25 maio 2015 - 13h32

Eu acho lindo o sentimento “nacionalista” de querer fechar as fronteiras a quem quer trabalhar... Porque os haitianos vem ao Brasil? Simples, porque aqui eles conseguem trabalho. OPA, mas você irá me dizer que eles conseguem trabalho aqui quando brasileiros estão sendo demitidos. Ora meu amigo. existe uma diferença gritante entre trabalho (real necessidade econômica pois os recursos humanos são escassos, SEMPRE... repito... SEMPRE haverá trabalho para recursos humanos) e o dito “emprego formal” que é uma abominação criada pela CLT brasileira. Ora, eles vem aqui e se sustentam no trabalho informal... Solução para resolver os problemas dos haitianos, sul-americanos e tornar o Brasil um dos maiores empregadores do continente ao mesmo tempo? ABOLIR a CLT de uma vez por todas...

□ 26 maio 2015 - 11h40

Leandro, sobre a reportagem da Veja de ser a cadeia uma escola para o crime, não seria isto mais um mito? Não se estaria invertendo os fatos e os bandidos voltando a cadeia mais violentos? Poderia investigar? Abs

□ 22 maio 2015 - 15h25

A verdade jamais deve ser esquecida: <http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/o-segredo-constitucional-de-nelson-jobim-e-gastone-righi/>
<http://www.cic.unb.br/docentes/pedro/trabs/fraudeac.html> (Anatomia de uma fraude à Constituição)

Discussão sobre a morte de um haitiano em SC por menores

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 12:20

Mas gente são adolescentes, eles não sabiam o que estavam fazendo, foram para o mundo do crime por causa da falta de condições de viver, vamos deixar passar apenas uns 2 anos presos, já é o suficiente.

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 14:25

Onde você leu "adolescentes"?

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 14:58

Concordo. Eles são vítimas desse Estado opressor-cozinha-preconceituoso. Os menores não sabem o que fazem.

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 16:31

Crime de ódio motivado por racismo e xenofobia pode agora ser trazido pro contexto social de "foram para o mundo do crime por causa da falta de condições de viver"?? É CRIME DE ÓDIO POR RACISMO E XENOFOBIA PORRA. É burrice demais, puta que o pariu. Vamos acordar antes de comentar alguma coisa. O contexto dos menores infratores é um, e o contexto dos crimes de ódio/racismo é outro, completamente diferente. Estão comparando água com tijolo. Molecada fascistinha que quer fazer higienização social botando milhões de menores pretos/pobres na cadeia - pros fascistas, matar pretinho é melhor, mas cadeia já estaria bom - fica com a mão tremendo pra digitar quando acha que encontrou uma incoerência...."rááá....agora vou pegar os petistas que são contra redução da maioria penal....botei eles na parede...sou esperto demais....eu si consagrei agora". Aí bosteja cavalaramente e se bobear não sabe nem por que...

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 19:08

A OMS estabelece o limite cronológico de 10 - 19 anos para que um indivíduo seja considerado adolescente. E a tendência é aumentar, uma vez que pelo paradigma neurocientífico atual a maturação cerebral somente atinge níveis equivalentes ao cérebro de um adulto, em especial, o córtex pré-frontal,

a partir dos 25 anos. No Brasil, o ECA estabelece limite parecido: 18 anos de idade e 21 anos em casos excepcionais para efeitos da lei. No caso, a lei 8.069 estabelece medidas como advertência, liberdade assistida, regime de semiliberdade e internação. O artigo 121 estipula: o período máximo de internação não excederá a três anos; a liberação será compulsória aos vinte e um anos de idade; atingido o limite estabelecido de três anos, o adolescente deverá ser liberado, colocado em regime de semiliberdade ou de liberdade assistida. Em minha opinião, adolescentes são vulneráveis, não podem racionalizar como adultos ao se considerar os marcos ontogenéticos; seus pais são responsáveis pela proteção (e isso inclui proteção de si mesmo), ao passo que adolescentes assassinos é um problema social e se motivados por ódio, passa a ser um problema cultural, político e social. E conforme estipulado na lei 8.069 no artigo 129, devem ser aplicadas medidas aos pais/responsáveis, incluindo a destituição da tutela. Está na lei, que se cumpra então. Não acho que inserir adolescentes no sistema carcerário será benéfico para a sociedade. Ele irá sair um dia, sem formação, sem especialização, e até então ambientado em um regime de privação com adultos criminosos. O fato é que a lei 8.069 ou não é aplicada ou é aplicada de forma precária. Este é o problema e não a necessidade de reduzir a maioria penal.

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 23:47

Embora esclarecedor seu comentário não me convence da “inocência” desses menores criminosos. E aqui cito minha própria experiência de vida na qual, desde muito cedo, sempre tive a perfeita noção para discernir entre o certo e o errado, o bem e o mal e, por decorrência, entre o legal e o ilegal, mesmo sem conhecer o texto da lei, já que em última instância essa dicotomia se torna convergente. E aqui não há nem porque citar a ignorância da lei por parte dos menores infratores, que a infringem justamente por saberem-se protegidos por ela, ainda mais quando, mesmo alcançados pelos rigores legais, já sabem de antemão que uma eventual penalidade não ultrapassará três anos, independente da gravidade do crime. Enquanto prevalecer a tese da terceirização da culpa, responsabilizando a sociedade, menores continuarão sendo corrompidos, seduzidos, cooptados e instrumentalizados para a prática criminosa, pela qual devem responder juntos e na mesma intensidade dos “responsáveis” pelo seu desvio ou mesmo por sua iniciativa pessoal. Importa aqui encurtar ao máximo o pavio que os guia para a criminalidade.

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 12:42

Pois é, quando o pessoal avisava, estava "exagerando". Pois é, começaram a matar... Parece que o ovo da serpente está a se abrir...

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 12:45

SC é o estado com mais grupos Neonazi do Brasil

POSTADO EM 21/OCT/2015 ÀS 13:16

Acho que é SP.... Mas nada a ver com a matéria.

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 17:01

Nossas crianças?? Os jovens tem mais de 16 anos e são bem "parrudos". Quem é homem para matar, deve ser homem também para sofrer as consequências pelo seu crime.

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 17:15

PROFESSIA: " Em 2 anos o Brasil terá um partido no poder equivalente ao partido Nazista. Porém as vítimas não serão judeus ou negros. Serão ladrões, assassinos, estupradores, sequestradores e COMUNISTAS!

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 17:15

PROFESSIA: " Em 2 anos o Brasil terá um partido no poder equivalente ao partido Nazista. Porém as vítimas não serão judeus ou negros. Serão ladrões, assassinos, estupradores, sequestradores e COMUNISTAS!

POSTADO EM 20/OCT/2015 ÀS 17:16

##PROFESSIA: " Em 2 anos o Brasil terá um partido no poder equivalente ao partido Nazista. Porém as vítimas não serão judeus ou negros. Serão ladrões, assassinos, estupradores, sequestradores e COMUNISTAS!

POSTADO EM 21/OCT/2015 ÀS 06:04

PROFEÇINHA: Eduardo CUnha, em nome de JESUS, levará para a Suíça (paiseco petralha) 50.000 toalhinhas do Valdemiro (que usa o dízimo pra expandir o rebanho, não o de fiéis mas o bovino) e uma grande tropa de terroristas do ESTADO EVANJA para limpar as fachadas dos bancos suíços e limpar suas contas da face da Terra. EM NOME DE JESUS, AMÉM?

POSTADO EM 21/OCT/2015 ÀS 08:47

Não se preocupem. Daqui a 1 ou 2 anos os meninos de 17 anos estarão soltos pra matar mais um haitiano graças a política rígida de recuperação de menores.

POSTADO EM 21/OCT/2015 ÀS 09:55

Não liguem. Daqui a menos de três anos eles estarão livres para matar outro pai de família, seja haitiano ou não.

POSTADO EM 21/OCT/2015 ÀS 16:20

.Cadeia nelles e só.

HÁ UM ANO

Não entendi. A seleção para as universidades então não seria. por mérito mas por um capricho social?

28 10

HÁ UM ANO

Não seria melhor se elevássemos o ensino nas escolas públicas para democratizar o ensino e a seleção fosse os dos mais qualificados independentemente de sua origem?

30 2

HÁ UM ANO

Mas para isso, o ensino público deveria melhorar muito, para capacitar os alunos a conseguirem passar no vestibular da faculdade públicas, porque eles, muitas vezes, não estão preparados nem para passar no vestibular das faculdades pagas, tampouco cursá-las. Quem estudou em escolar particular durante o fundamental e médio, se preparou melhor, por isso passa no vestibular.

3 2

HÁ UM ANO

Bolsa imposta de renda, rico desconta 35% da renda bruta, não fale bobagens

6 3

HÁ UM ANO

M. X. você conseguiu quebrar o paradigma da ignorância, ultrapassou todos os limites !! Meus parabéns, o premio Nobel da imbecilidade !!

9 1

HÁ UM ANO

Sou professor, o nível do aluno que vem da escola pública beira o analfabeto (salvo os casos de exceção), se só eles forem para universidade pública, vira quase um ensino médio.... E quanto ao filho dos ricos não se enganem eles vão estudar no exterior aqui ficam os filhos da classe média que lutaram e muito para pagar uma escola particular, coisa que era OBRIGAÇÃO do GOVERNO GARANTIR

30 2

HÁ UM ANO

Isso aí, Ivan.

HÁ UM ANO

Fala pro camarada Paulo que o periodo colonial acabou ja tem um tempinho.

11 1

HÁ UM ANO

Japoneses são os caras mais estudiosos e inteligentes que já vi. Olha as listas de aprovados nas faculdades. Sempre eles

6 1

HÁ UM ANO

Viva a indonésia !!!

0 2

HÁ UM ANO

'mim não falar língua de homem branco, mim gostar batata'

11 3

HÁ UM ANO

Formata a humanidade, resetar não vai funcionar

3 2

HÁ UM ANO

Tenho um amigo negro que diz que, ao chegar ao Brasil, começou a andar com grupos de coletivos negros. Ficou pobre em menos de um ano. Aí ele disse pra mim: "Cara. Você já viu alguma vítima vencedora na vida?" Hoje ele é um famoso escritor.

0 2

HÁ UM ANO

SEXTA BÁSICA???????

0 0

HÁ UM ANO

time ruim por sinal

1 0

HÁ UM ANO

Teste

0 0

HÁ UM ANO

A visão do Brasil no Haiti é de um excelente país e com muito menos problemas.

2 0

HÁ UM ANO

As favelas de qualquer cidade são melhores que o Haiti.

1 0

HÁ UM ANO

Mentira! o Acre nem existe!

6 8

HÁ UM ANO

Primeiro você tem que decidir se gosta de homem ou de mulher.

1 5

HÁ UM ANO
 kkkkkkkkkkkk
 6 1

HÁ UM ANO
 Chegaram aqui com esperança, agora veem que a situação é pior ou igual a de lá.
 0 0

HÁ UM ANO
 GRAÇAS A DEUS.- DOENÇA + EMPREGO + ÁGUA -LOTAÇÃO..GRAÇAS A DEUS AMÉM.
 0 0

HÁ UM ANO
 Que eu saiba SP não tem fronteiras, tem divisas com outros estados membros da República Federativa.
 15 10

HÁ UM ANO
 O que surpreende nesses imigrantes haitianos é que todos são alfabetizados!
 13 1

HÁ UM ANO
 Viva Santa Catarina, sempre uma ótima escolha!
 1 0

HÁ UM ANO
 Existe uma lista publicada no Diário Oficial da União dando a permanencia a haitianos por 9 anos por direitos humanitarios contendo a publicacao de nada mais que 43.871 haitianos.
 6 8

HÁ UM ANO
 Vosmecê tá nervoso
 15 4

23/01/2015 08h50
 4 1

Esses videos da folha, são ótimos, no próximo publica ai né, o nome do diretor, do cinegrafista, do cara do audio, pelo amor né....

23/01/2015 15h32
 1 0

Acredito que vc não conhece as cidades que mencionou, ou não lê jornais para saber o que está acontecendo lá.

• 2 anos atrás

Verdade. Mal dá pra acreditar que o autor é (ou ao menos era) âncora de um programa dominical da RBS TV.

1 •

• um ano atrás

Essas porras além de racistas são separatistas, é hora de limpar o Brasil dessas pragas, assim como resolver o desmatamento da amazonia, seca no nordeste, drogas no sudeste

1 •

• um ano atrás

Tá certo, mas esses filhos da puta separatistas racistas devem ser punidos, pois essa terra não pertencem a eles- nunca pertencerão.

•

• um ano atrás

Acredito, mas a parte racista, separatista e folgada dessa porra tem que ser banido, para não infestar o país. "ajudou a construir o sul" Mas se deixarem contaminar com os ideais racistas desses vermes, serão exilados

•

• 2 anos atrás

e pensar que ainda ha quem ache que o Brasil deveria ter invadido a Bolivia naquele episodio passado

•

ANEXO B – Leis e Resoluções

PROPOSTA DE EMENDA À CONSTITUIÇÃO Nº 25, DE 2012

Altera os arts. 5º, 12 e 14 da Constituição Federal para estender aos estrangeiros direitos inerentes aos brasileiros e conferir aos estrangeiros com residência permanente no País capacidade eleitoral ativa e passiva nas eleições municipais.

As Mesas da Câmara dos Deputados e do Senado Federal, nos termos do § 3º do art. 60 da Constituição Federal, promulgam a seguinte Emenda ao texto constitucional:

Art. 1º O *caput* do art. 5º da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

“**Art. 5º** Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade, nos termos seguintes:

.....” (NR)

Art. 2º O § 1º do inciso II do art. 12 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

“**Art. 12.**

§ 1º Aos estrangeiros com residência permanente no País, se houver reciprocidade em favor de brasileiros, serão atribuídos os direitos inerentes ao brasileiro, observado o disposto nesta Constituição.

.....” (NR)

Art. 3º O art. 14 da Constituição Federal passa a vigorar com a seguinte redação:

“**Art. 14.**

§ 1º

.....

II-

.....

d) os estrangeiros com residência permanente no País, para fins de participação nas eleições municipais, na forma da lei.

§ 2º Não podem alistar-se como eleitores os estrangeiros, salvo na hipótese do § 1º, II, *d*, *e*, durante o período do serviço militar obrigatório, os conscritos.

§ 3º

I – a nacionalidade brasileira, salvo para as eleições municipais, às quais podem concorrer os estrangeiros com residência permanente no País;
.....” (NR)

Art. 4º Esta Emenda Constitucional entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A Constituição Federal (CF) de 1988 estabelece, em seu art. 5º, a igualdade de todos perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, e garante aos brasileiros e aos estrangeiros *residentes* a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, entre outros.

Cabe, desde já, registrar a necessidade de alteração do citado dispositivo, uma vez que, ao tratar de direitos inerentes à pessoa humana, em sua literalidade, condiciona-os, no caso do estrangeiro, ao critério de residência em território brasileiro. É evidente que, por exemplo, turistas estrangeiros também devem gozar desses direitos fundamentais básicos.

Outra previsão constitucional que trata de direitos de estrangeiros e merece nossa atenção é o art. 12, § 1º, que concede aos portugueses com residência permanente no País os direitos de votar e de ser votado, com a condição de haver reciprocidade em favor de brasileiros.

Aproveitamos para alterar esse dispositivo a fim de abrir espaço à diplomacia brasileira para negociar tratados, bilaterais ou multilaterais, que estendam a estrangeiros residentes – e não mais apenas aos portugueses – certos direitos inerentes a brasileiros. Nesse caso, vislumbramos a possibilidade de, por exemplo, celebrarmos tratados dessa natureza com outros países lusófonos ou com nações inseridas em nosso contexto de integração regional.

A proposição pretende, em especial, avançar no que diz respeito à hipótese de estrangeiro votar e ser votado em eleições municipais, o que hoje é restrito aos portugueses nos termos do mencionado § 1º do art. 12 da Constituição Federal.

Entendemos que os direitos políticos amplos requerem um maior comprometimento com a cidadania brasileira que só se adquire com a naturalização. Frisamos, a propósito, que poucos Países admitem essa ampla participação política a estrangeiros residentes, como é o caso da Dinamarca, da Suécia e alguns cantões suíços em eleições regionais.

Em seguida, registramos que o direito ao voto pode ser admitido sob condições de reciprocidade e de permanência por um determinado número de anos; por ser membro de um conjunto de países (caso da *Commonwealth* ou decorrente de acordos bilaterais entre Dinamarca, Suécia, Islândia e Noruega); ou por ser membro de uma integração política regional (caso da União Europeia, que permite votar e ser votado a seus cidadãos).

Em outros casos, é admitido a todos os estrangeiros que residem de modo contínuo em seu território por certo período de tempo, que gira em torno de três a cinco anos, com exceção da previsão de até dez anos por alguns cantões suíços (Bélgica, Dinamarca, Luxemburgo, Países-Baixos e vários cantões suíços estão enquadrados nessa hipótese) ou simplesmente reconhecem esse direito sem condição distinta, devendo o estrangeiro apenas

cumprir os requisitos impostos aos nacionais, como ter residência na circunscrição e estar inscrito (Irlanda), ou por ser membro de uma integração política regional (caso da União Europeia). Nessa última situação, a partir de diretiva de 1994, foi fixado que cidadãos da União Europeia, residentes em Estado-Membro dessa organização distinto de sua nacionalidade, podem exercer o direito de voto e de elegibilidade nas eleições municipais..

Entre os que permitem o voto sob condições de reciprocidade e tempo de permanência, há os que o admitem, após residência de cinco anos, como são os acordos celebrados pela Espanha com Equador, Nova-Zelândia, Colômbia, Chile, Peru, Paraguai, Islândia, Bolívia e Cabo-Verde. Portugal admite o direito ao voto aos nacionais de Estados lusófonos que lá residem ao menos há dois anos e aos demais que residem há mais de três anos. Brasil, Cabo-Verde, Argentina, Chile, Islândia, Noruega, Peru, Uruguai e Venezuela se beneficiam desse regime português.

Quanto ao direito de ser eleito, são elegíveis em alguns países aqueles que cumprem as exigências de ser eleitor (Dinamarca, Espanha, Luxemburgo, Países-Baixos, Suécia, alguns cantões suíços). No caso de Portugal, como depende da reciprocidade, é limitado até o momento a Brasil e Cabo-Verde, desde que o estrangeiro resida há mais de quatro anos naquele país. Além disso, citamos a situação dos membros da *Commonwealth* e ausência de restrições praticadas na Irlanda.

No Brasil, porém, a Constituição, no art. 14, veda o alistamento eleitoral de estrangeiros e prevê a nacionalidade brasileira como uma das condições de elegibilidade. Em outras palavras, o estrangeiro, no Brasil, não dispõe de capacidade eleitoral ativa ou passiva, salvo a situação especial portuguesa.

Sabemos que, com a Revolução Francesa, no século XVIII, os estados soberanos restringiram sua comunidade política aos “cidadãos” ou à “nação”. Ocorre, entretanto, que o Estado-nação e a soberania, atributo que é próprio daquele ente, são noções que vêm sofrendo profundas alterações, sobretudo com o acirramento do processo de globalização verificado nas últimas décadas, o qual se caracteriza pelo intenso fluxo transnacional de pessoas, ideias e valores.

Com efeito, notamos a mitigação das fronteiras físicas estatais. Até mesmo na França, o recém-eleito presidente, François Hollande teve, como um dos pontos mais emblemáticos de sua plataforma de governo, a ampliação da participação nas eleições municipais dos estrangeiros residentes que não façam parte da União Europeia.

Mesmo diante dessa nova realidade, o migrante, muitas vezes, não tem condições de exercer seus direitos políticos em seu Estado de origem. Tampouco tem o direito

de participar da vida política no Estado em que escolheu viver. No entanto, cabe lembrar que o Estado que recebe os estrangeiros – incluindo o Brasil – não os isenta do cumprimento de uma série de deveres a que estão sujeitos seus cidadãos, a exemplo do pagamento de impostos.

Contudo, nas últimas quatro décadas, mais de trinta democracias adotaram leis que permitem o estrangeiro residente votar ao menos em eleições locais. E, em alguns países, permite-se, até mesmo, o voto de estrangeiro em eleições parlamentares, como já foi apontado. E não há como negar que os estrangeiros, como regra, contribuem efetivamente para o crescimento e desenvolvimento das localidades onde residem, seja econômica seja culturalmente.

Diante disso, não temos dúvida de que se trata de medida extremamente salutar integrar minimamente o estrangeiro residente às comunidades políticas dos locais em que vivem. Assim, a presente proposta de emenda à Constituição prevê para as eleições municipais o direito de voto facultativo e o de elegibilidade do estrangeiro residente no Brasil.

Seguramente, em um cenário marcado pela crescente globalização, com incremento do fluxo de pessoas entre as fronteiras dos Estados, as quais não raramente se empenham para levar o progresso para as localidades em que fixam residência, uma revisão do quadro constitucional mostra-se necessária a fim de trazer resposta aos desafios impostos pela nova realidade.

Sala das Sessões, ...de de 2012.

1	Senador Aloysio Nunes Ferreira	
2		
3		
4		
5		
6		
7		
8		
9		
10		
11		
12		
13		
14		

15		
16		
17		
18		
19		
20		
21		
22		
23		
24		
25		
26		
27		
28		
29		
30		
31		
32		
33		
34		
35		
36		
37		
38		
39		
40		

GABINETE DO PREFEITO

FERNANDO HADDAD

LEIS

LEI Nº 16.478, DE 8 DE JULHO DE 2016

(Projeto de Lei nº 142/16, do Executivo) Institui a Política Municipal para a População Imigrante, dispõe sobre seus objetivos, princípios, diretrizes e ações prioritárias, bem como sobre o Conselho Municipal de Imigrantes.

FERNANDO HADDAD, Prefeito do Município de São Paulo, no uso das atribuições que lhe são conferidas por lei, faz saber que a Câmara Municipal, em sessão de 21 de junho de 2016, decretou e eu promulgo a seguinte lei:

Art. 1º Fica instituída a Política Municipal para a População Imigrante, a ser implementada de forma transversal às políticas e serviços públicos, sob articulação da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, com os seguintes objetivos:

- I - garantir ao imigrante o acesso a direitos sociais e aos serviços públicos;
- II - promover o respeito à diversidade e à interculturalidade;
- III - impedir violações de direitos;
- IV - fomentar a participação social e desenvolver ações coordenadas com a sociedade civil.

Parágrafo único. Considera-se população imigrante, para os fins desta lei, todas as pessoas que se transferem de seu lugar de residência habitual em outro país para o Brasil, compreendendo imigrantes laborais, estudantes, pessoas em situação de refúgio, apátridas, bem como suas famílias, independentemente de sua situação imigratória e documental.

Art. 2º São princípios da Política Municipal para a População Imigrante:

- I - igualdade de direitos e de oportunidades, observadas as necessidades específicas dos imigrantes;
- II - promoção da regularização da situação da população imigrante;
- III - universalidade, indivisibilidade e interdependência dos direitos humanos dos imigrantes;
- IV - combate à xenofobia, ao racismo, ao preconceito e a quaisquer formas de discriminação;
- V - promoção de direitos sociais dos imigrantes, por meio do acesso universalizado aos serviços públicos, nos termos da legislação municipal;
- VI - fomento à convivência familiar e comunitária.

Art. 3º São diretrizes da atuação do Poder Público na implementação da Política Municipal para a População Imigrante:

I - conferir isonomia no tratamento à população imigrante e às diferentes comunidades;

II - priorizar os direitos e o bem-estar da criança e do adolescente imigrantes, nos termos do Estatuto da Criança e do Adolescente;

III - respeitar especificidades de gênero, raça, etnia, orientação sexual, idade, religião e deficiência;

IV - garantir acessibilidade aos serviços públicos, facilitando a identificação do imigrante por meio dos documentos de que for portador;

V - divulgar informações sobre os serviços públicos municipais direcionadas à população imigrante, com distribuição de materiais acessíveis;

VI - monitorar a implementação do disposto nesta lei, apresentando relatórios periódicos sobre o seu cumprimento, respeitadas as hipóteses legais de sigilo;

VII - estabelecer parcerias com órgão e/ou entidades de outras esferas federativas para promover a inclusão dos imigrantes e dar celeridade à emissão de documentos;

VIII - promover a participação de imigrantes nas instâncias de gestão participativa, garantindo-lhes o direito de votar e ser votado nos conselhos municipais;

IX - apoiar grupos de imigrantes e organizações que desenvolvam ações voltadas a esse público, fortalecendo a articulação entre eles;

X - prevenir permanentemente e oficiar as autoridades competentes em relação às graves violações de direitos da população imigrante, em especial o tráfico de pessoas, o trabalho escravo, a xenofobia, além das agressões físicas e ameaças psicológicas no deslocamento.

Parágrafo único. O Poder Público Municipal deverá oferecer acesso a canal de denúncias para atendimento dos imigrantes em casos de discriminação e outras violações de direitos fundamentais ocorridas em serviços e equipamentos públicos.

Art. 4º Será assegurado o atendimento qualificado à população imigrante no âmbito dos serviços públicos municipais, consideradas as seguintes ações administrativas:

I - formação de agentes públicos voltada a:

a) sensibilização para a realidade da imigração em São Paulo, com orientação sobre direitos humanos e dos imigrantes e legislação concernente;

b) interculturalidade e línguas, com ênfase nos equipamentos que realizam maior número de atendimentos à população imigrante;

II - contratação de agentes públicos imigrantes, nos termos da Lei nº 13.404, de 8 de agosto de 2002;

III - capacitação dos conselheiros tutelares para proteção da criança e do adolescente imigrante;

IV - designação de mediadores culturais nos equipamentos públicos com maior afluxo de imigrantes para auxílio na comunicação entre profissionais e usuários.

Art. 5º A Política Municipal para a População Imigrante será implementada com diálogo permanente entre o Poder Público e a sociedade civil, em especial por meio de audiências, consultas públicas e conferências.

§ 1º Deverá ser criado, no âmbito da Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, o Conselho Municipal de Imigrantes, com atribuição de formular, monitorar e avaliar a Política instituída por esta lei, assegurada composição paritária entre o Poder Público e a sociedade civil.

§ 2º Os representantes da sociedade civil deverão ser, em sua maioria, imigrantes e serão escolhidos por eleição aberta e direta, em formato a ser definido na regulamentação desta lei.

Art. 6º O Poder Público deverá manter Centros de Referência e Atendimento para Imigrantes – CRAI, destinados à prestação de serviços específicos aos imigrantes e à articulação do acesso aos demais serviços públicos, permitido o atendimento em unidades móveis.

Art. 7º São ações prioritárias na implementação da Política Municipal para a População Imigrante:

I - garantir à população imigrante o direito à assistência social, assegurando o acesso aos mínimos sociais e ofertando serviços de acolhida ao imigrante em situação de vulnerabilidade social;

II - garantir o acesso universal da população imigrante à saúde, observadas:

a) as necessidades especiais relacionadas ao processo de deslocamento;

b) as diferenças de perfis epidemiológicos;

c) as características do sistema de saúde do país de origem;

III - promover o direito do imigrante ao trabalho decente, atendidas as seguintes orientações:

a) igualdade de tratamento e de oportunidades em relação aos demais trabalhadores;

b) inclusão da população imigrante no mercado formal de trabalho;

c) fomento ao empreendedorismo;

IV - garantir a todas as crianças, adolescentes, jovens e pessoas adultas imigrantes o direito à educação na rede de ensino público municipal, por meio do seu acesso, permanência e terminalidade;

V - valorizar a diversidade cultural, garantindo a participação da população imigrante na agenda cultural do Município, observadas:

- a) a abertura à ocupação cultural de espaços públicos;
- b) o incentivo à produção intercultural;

VI - coordenar ações no sentido de dar acesso à população imigrante a programas habitacionais, promovendo o seu direito à moradia digna, seja provisória, de curto e médio prazo ou definitiva;

VII - incluir a população imigrante nos programas e ações de esportes, lazer e recreação, bem como garantir seu acesso aos equipamentos esportivos municipais.

Art. 8º As despesas com a execução desta lei correrão por conta das dotações orçamentárias próprias, suplementadas se necessário.

Parágrafo único. A Política Municipal para a População Imigrante será levada em conta na formulação dos Programas de Metas do Município, Planos Plurianuais, Leis de Diretrizes Orçamentárias e Leis Orçamentárias Anuais.

Art. 9º O Executivo regulamentará esta lei no prazo de 90 (noventa) dias, contados da data de sua publicação.

Art. 10. Esta lei entrará em vigor na data da sua publicação.

PREFEITURA DO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO, aos 8 de julho de 2016, 463º da fundação de São Paulo.

FERNANDO HADDAD, PREFEITO

FRANCISCO MACENA DA SILVA, Secretário do Governo Municipal

Publicada na Secretaria do Governo Municipal, em 8 de julho de 2016.¹

¹ Texto retirado do Diário Oficial cidade de São Paulo, ano 61, 9 de julho de 2016. Disponível em: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=20160709&Caderno=DOC&NumeroPagina=1>. Acesso em: 1º nov. 2018.